

ACADEMIA AMAZONENSE
MAÇÔNICA DE LETRAS

MEMORIAL

2ª EDIÇÃO



44 ANOS

ORGANIZADO POR
ANTÔNIO TUPINAMBÁ DE MELO
NOGUEIRA

CADEIRA Nº 40

Academia Amazonense Maçônica de Letras

Coordenação Geral	Antônio Tupinambá – Cad. 40
2ª. Edição	2024
Tiragem	
Preparação e Diagramação	Marco Aurélio Moraes Medeiros
Capa	Luiz Filipi Batista Cardozo – Cad. 28
Revisão	Luiz Filipi Batista Cardozo – Cad. 28

ACADEMIA AMAZONENSE MAÇÔNICA DE LETRAS
FUNDADA EM 01/02/1980

MEMORIAL
(2ª Edição)
Antônio Tupinambá

MANAUS – AMAZONAS

2024

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	4
AGRADECIMENTOS	6
PREFÁCIO	8
I - PRÓLOGO.....	16
II - ANTECEDENTES.....	22
III - FUNDAÇÃO DA ACADEMIA	26
IV - FLORES E ESPINHOS	36
SEGUNDA PARTE	52
CADEIRA Nº 1	54
PATRONO: ADRIANO A. DE ARAUJO JORGE.....	54
OCUPANTE Nº 01 - ARISTÓTELES C. DE A. FILHO.....	57
CADEIRA Nº 2	60
PATRONO: AGNELLO BITTENCOURT.....	60
OCUPANTE Nº 01 - ULISSES BITTENCOURT	76
OCUPANTE Nº 02 - ABRAHIM SENA BAZE	77
CADEIRA Nº 3	80
PATRONO: ALFREDO AUGUSTO DA MATA.....	80
OCUPANTE Nº 01 - ALMIR FARIAS RIVAS	84
OCUPANTE Nº 02 - TAKEO SIOSAKI	84
CADEIRA Nº 4	88
PATRONO: ANDRÉ MENEZES JOBIM	88
OCUPANTE Nº 01 - ANTONIO BRAGA TEIXEIRA	89
OCUPANTE Nº 02 - EDSON GOMES DA SILVA.....	90

CADEIRA Nº 5	94
PATRONO: ANTONIO MONTEIRO DE SOUZA	94
OCUPANTE Nº 01 - CLÁUDIO DO CARMO CHAVES	97
CADEIRA Nº 6	102
PATRONO: HELIODORO N. DE L. BALBI	102
OCUPANTE Nº 01 - EVANDRO DAS N. CARREIRA.....	128
OCUPANTE Nº 02 - JOÃO BOSCO PINTO ROCHA	132
CADEIRA Nº 7	138
PATRONO: ANTÔNIO G. P. DE SÁ PEIXOTO.....	138
OCUPANTE Nº 01 - RAIMUNDO COLARES RIBEIRO	141
CADEIRA Nº 8	144
PATRONO: PLÁCIDO S. P. DE ANDRADE	144
OCUPANTE Nº 01: JORGE HUMBERTO BARRETO	152
OCUPANTE Nº 02 - ARLINDO A. DOS S. PORTO.....	154
CADEIRA Nº 9	160
PATRONO: ARISTÓPHANO ANTONY	160
OCUPANTE Nº 01 – F. J. DE VASCONCELLOS.....	164
OCUPANTE Nº 02 - FABRÍCIO P. DE OLIVEIRA	165
CADEIRA Nº 10	168
PATRONO: ARTHUR V. DO C. RIBEIRO	168
OCUPANTE Nº 01 - ANANIAS DA S. BARBOSA	173
OCUPANTE Nº 02 - JACOB MOYSÉS COHEN	179
CADEIRA Nº 11	182
PATRONO: B. SANCHES DE OLIVEIRA	182
OCUPANTE Nº 01 - URIAS S. DE FREITAS	207

CADEIRA Nº 12	210
PATRONO: CRISANTO M. DE S. M. JOBIM	210
OCUPANTE Nº 01 - IVAN DE A. TRIBUZY	213
OCUPANTE Nº 02 - MÁRCIO LUIZ DA SILVA.....	216
CADEIRA Nº 13	218
PATRONO: CAETANO F. DO NASCIMENTO	218
OCUPANTE Nº 01 - A. OSMAN DE ANDRADE NETO	220
OCUPANTE Nº 02 - JOSÉ LUIZ DE S. PIO	222
CADEIRA Nº 14	226
PATRONO: CHRYSÓLOGO G. DE OLIVEIRA.....	226
OCUPANTE Nº 01 - HUMBERTO FIGLIUOLO.....	229
CADEIRA Nº 15	232
PATRONO: EDUARDO G. RIBEIRO.....	232
OCUPANTE Nº 01 - JOSÉ F. A. CESÁRIO	238
OCUPANTE Nº 02 - JÚLIO A. DE J. LOPES	239
CADEIRA Nº 16	244
PATRONO: EUTHYCHIO P. DA ROCHA.....	244
OCUPANTE Nº 01 - HAILTON L. S. DA IGREJA	254
CADEIRA Nº 17	258
PATRONO: FELISMINO F. SOARES	258
OCUPANTE Nº 01 - AFRÂNIO DE A. SOARES.....	259
OCUPANTE Nº 02 - SIDARTA P. DE A. GADELHA.....	260
CADEIRA Nº 18	262
PATRONO: JUNOT CARLOS FREDERICO	262
OCUPANTE Nº 01 - FUED CAVALCANTE SÊMEN	269
OCUPANTE Nº 02 – A. F. GUNSCH GRUBER.....	270

OCUPANTE Nº 03 - EYLAN M. DA SILVA LINS.....	276
CADEIRA Nº 19	278
PATRONO: F. PEREIRA DA SILVA	278
OCUPANTE Nº 01 - JOSÉ MARIA NOGUEIRA	323
OCUPANTE Nº 02 - SÉRGIO R. B. BRINGEL	327
CADEIRA Nº 20	332
PATRONO: GASPAR A. VIEIRA GUIMARÃES	332
OCUPANTE Nº 01 - ALBERTO GUIDO VALÉRIO	346
OCUPANTE Nº 02 - ALZIMIR OLIVEIRA ALVES	348
CADEIRA Nº 21	356
PATRONO: GIUSEPPE PAGANI VULCANI	356
OCUPANTE Nº 01 - CESAR R. AZAMBUJA	360
OCUPANTE Nº 02 - ALBERTO DOS S. P. BARBOSA.....	360
OCUPANTE Nº 03 - ZILMAR MOREIRA DE SOUZA	362
CADEIRA Nº 22	364
PATRONO: HAMILTON MOURÃO	364
OCUPANTE Nº 01 - RENAN CORRÊA PEIXOTO.....	365
CADEIRA Nº 23	368
PATRONO: JOÃO REBELO CORREA	368
OCUPANTE Nº 01 - OSAIL MEDEIROS DE SOUZA	370
CADEIRA Nº 24	372
PATRONO: JUSTINO MARCOS DA SILVA	372
OCUPANTE Nº 01 - WALDEMIR M. DE SIQUEIRA.....	373
OCUPANTE Nº 02 - MANUEL GOMES DA SILVA	375
CADEIRA Nº 25	378

PATRONO: JORGE DE MORAIS	378
OCUPANTE Nº 01 - RUY A. COSTA LINS	382
OCUPANTE Nº 02 - DAVID CUNHA NÓVOA	385
CADEIRA Nº 26	386
PATRONO: JOSÉ C. DE MIRANDA LEÃO	386
OCUPANTE Nº 01 - MANOEL G. NOGUEIRA	387
CADEIRA Nº 27	390
PATRONO: LEOPOLDO A. DA S. NEVES.....	390
OCUPANTE Nº 01 - JOAQUIM M. SEVALHO GAMA.....	406
CADEIRA Nº 28	412
PATRONO: MARCÍLIO DIAS DE VASCONCELLOS	412
OCUPANTE Nº 01 - OSNY TAVARES DE ARAÚJO.....	417
OCUPANTE Nº 02 - LUIZ FILIPI B. CARDOZO.....	426
CADEIRA Nº 29	434
PATRONO: MITHRÍDATES A. DE L. CORRÊA...434	
OCUPANTE Nº 01 - ROSSELBERTO HIMENES.....	435
CADEIRA Nº 30	440
PATRONO: MOACYR DE SOUZA ALVES.....	440
OCUPANTE Nº 01 - JOSÉ MARIA DE SOUZA MARTINS	449
OCUPANTE Nº 02 - JOSÉ BARBOSA DE S. FILHO	450
OCUPANTE Nº 03 - WALDEMIR M. DE SIQUEIRA JR. ...	451
OCUPANTE Nº 04 - MOISÉS RODRIGUES DA SILVA	452
CADEIRA Nº 31	455
PATRONO: OCTAVIANO SORIANO DE MELLO	455
OCUPANTE Nº 01 - FERNANDO C. GUIMARÃES	457

CADEIRA Nº 32	460
PATRONO: MÁRIO S. C. VERÇOSA-	460
OCUPANTE Nº 01 - PEDRO LUCAS LINDOSO	462
CADEIRA Nº 33	464
PATRONO: VICENTE TELLES DE SOUZA	464
OCUPANTE Nº 01 - PAULO DANTAS DA SILVA.....	466
OCUPANTE Nº 02 - EDSON A. P. JÚNIOR.....	473
CADEIRA Nº 34	476
PATRONO: RODOLPHO G. VALLE.....	476
OCUPANTE Nº 01 - SYLA GUIMARÃES VALLE.....	479
OCUPANTE Nº 02 – A. F. IMBIRIBA DA ROCHA	480
OCUPANTE Nº 03 - ELOY G. C. BERMÚDEZ	483
CADEIRA Nº 35	486
PATRONO: RAUL DE AZEVEDO.....	486
OCUPANTE Nº 01 - ALUÍSIO C. A. CALDAS.....	489
OCUPANTE Nº 02 - MIGUEL MARTINS DE SOUZA	490
CADEIRA Nº 36	494
PATRONO 01: RAIMUNDO DA S. PERDIGÃO-	494
OCUPANTE Nº 01 – MANUEL WILSON DE S. FARIAS....	495
PATRONO 02: A. MAVIGNIER DE CASTRO.....	497
OCUPANTE Nº 02 - RICARDO TORRES SANTANA.....	498
OCUPANTE Nº 03 - JURIMAR COLLARES IPIRANGA...	500
CADEIRA Nº 37	502
PATRONO: THEODORETO C. DE F. SOUTO	502
OCUPANTE Nº 01 - ANTONIO J. S. LOUREIRO.....	511

CADEIRA Nº 38	514
PATRONO: VENÂNCIO IGREJA LOPES	514
OCUPANTE Nº 01 – P. BITTENCOURT CARDOSO	515
OCUPANTE Nº 02 - ILDER GUIMARÃES DE OLIVEIRA	516
OCUPANTE Nº 03 - EULER E. RIBEIRO.....	516
CADEIRA Nº 39	520
PATRONO: WALDEMAR PEDROSA.....	520
OCUPANTE Nº 01 - ROBÉRIO DOS SANTOS P. BRAGA .	521
CADEIRA Nº 40	524
PATRONO: JOÃO BARBOSA RODRIGUES.....	524
OCUPANTE Nº 01 - A. TUPINAMBÁ DE M. NOGUEIRA .	537

DEDICATÓRIA

Dedico este livro à memória de dois grandes maçons que hoje habitam a mansão etérea do Grande Arquiteto do Universo: ao Edson Duarte de Aquino, com um pé neste plano e outro no mundo do ocultismo, buscador dos Grandes Mistérios da vida; ao Paulo Dantas da Silva, da Academia Amazonense Maçônica de Letras, filósofo, discípulo de Santo Agostinho, companheiro de aventuras nos beiradões do rio Amazonas, perturbador de gaivotas.

Vivemos momentos inesquecíveis.

Antonio Tupinambá

AGRADECIMENTOS

Este trabalho só foi possível porque contou com a colaboração de várias pessoas, a quem devo agradecimentos eternos.

Pela ordem dos acontecimentos, o primeiro agradecimento vai para o acadêmico José Maria Nogueira, porque indiretamente semeou em mim a semente do incentivo para que o Memorial por ele produzido no ano de 2008 fosse atualizado com informações sobre novos acadêmicos, admitidos depois daquele ano. Daí, enquanto aquela semente germinava e se transformava em árvore, seus galhos foram abrindo espaço para novas folhas, e, a ideia inicial de apenas incluir novos nomes, transcendeu para esta que é uma tentativa de contar a história da Academia Amazonense Maçônica de Letras, desde as razões para sua fundação até os dias de hoje.

Meus agradecimentos à Sileny e à Suzi Moraes dos Santos, duas irmãs que contribuíram, de forma efetiva, com sugestões, pesquisas e informações sobre pessoas e instituições, inclusive resgatando acadêmicos que a desinformação os tinham colocado na lista de falecidos, quer catando documentos no empoeirado arquivo da Academia quer “fuçando” a rede mundial de computadores. Sem a contribuição delas, esse trabalho não teria sido realizado.

Uma aparente simples informação, mas de relevante contribuição para a produção deste compêndio, foi a orientação do acadêmico Abrahim Sena Baze. Na condição de autor de quase meia centena de livros publicados, foi ele quem trouxe a luz do esclarecimento quanto ao enquadramento, fundamentos e forma de coordenar a realização

deste trabalho por quem nenhuma experiência tinha nessa área das atividades humana.

Edson Gomes da Silva, Joaquim Moacyr Sevalho Gama, José Luiz de Souza Pio e Luiz Filipi Batista Cardoso, foram outros acadêmicos que contribuíram com informações e depoimentos para enriquecimento desta pretendida fonte de informações tanto para futuros acadêmicos quanto para maçons de todas as Obediências, e público em geral, interessados na vida do silogeu que serviu de ferramenta para fazer prevalecer o princípio da Fraternidade entre organizações maçônicas historicamente distanciadas.

Ao Marco Aurélio Moraes Medeiros, que, com seu conhecimento no campo da tecnologia da informação, colocou o esquadro e o prumo nesta que foi uma obra realizada em puxirum.

A todos, os meus agradecimentos.

Antônio Tupinambá, Cadeira 40.

PREFÁCIO

Foi com grande alegria que recebi o convite para revisar e prefiar este livro, "Memorial da Academia Amazonense Maçonica de Letras", uma obra que não só documenta a história e as realizações de uma instituição singular, mas também celebra os valores fundamentais que regem a Maçonaria: fraternidade, igualdade e liberdade.

Sempre fui entusiasta da AAML, desde minha iniciação, e admirei este Silogeu desde o início de minha caminhada maçônica, por sua história e por seu papel na integração da Maçonaria no estado do Amazonas. No período de tensão pelo qual passava a Maçonaria Amazonense, a AAML foi instrumento de aproximação entre os Maçons das duas potências regulares, tendo este feito como o objetivo motivador de sua criação.

A Academia Amazonense Maçonica de Letras (AAML) foi concebida em um momento de grande necessidade. No cenário maçônico do Amazonas, duas potências regulares, a Grande Loja Maçonica do Amazonas (GLOMAM) e o Grande Oriente do Brasil (GOB), encontravam-se em uma espécie de "guerra fria". Este período de hostilidade internas e desentendimentos representava um desvio claro dos princípios maçônicos, que promovem a união, a compreensão mútua e a paz entre seus membros. A cisão entre essas duas importantes instituições maçônicas ameaçava pilares essenciais da Maçonaria.

Foi nesse contexto de divisão que surgiu a necessidade de uma iniciativa que pudesse reverter este cenário e restaurar os valores maçônicos em sua plenitude. Assim, nasceu a AAML, com o objetivo primordial de congregar e aproximar os Maçons das duas instituições. A missão era clara: criar um espaço neutro onde os valores de

fraternidade e união pudessem ser cultivados, independentemente das afiliações específicas.

A AAML, em sua jornada para alcançar este objetivo, enfrentou desafios consideráveis. Desde o início, a instituição empenhou-se em criar um ambiente de diálogo e entendimento. E, após um período de trabalho árduo e diplomacia paciente, a AAML conseguiu o feito histórico de unir as duas Potências Maçônicas do Amazonas. Este marco foi simbolizado pela assinatura de novo tratado de Amizade Fraternal e Mútuo Reconhecimento entre a Grande Loja Maçônica do Amazonas e o Grande Oriente do Brasil, datado de 05 de agosto de 2002, firmado pelo então Grão-Mestre da Grande Loja Maçônica do Amazonas – GLOMAM, Ronaldo de Brito Leite e o Grão-Mestre Geral do Grande Oriente do Brasil – GOB, Laelso Rodrigues¹, um evento que não apenas marcou a reconciliação, mas também reafirmou os valores fundamentais da Maçonaria.

Com o objetivo inicial alcançado, a AAML redefiniu sua missão para um propósito ainda mais abrangente: levar a Cultura Maçônica a todos os rincões amazônicos. Esta nova missão reflete um compromisso profundo com a disseminação dos valores e conhecimentos maçônicos, promovendo a educação e a cultura em uma região vasta e diversificada como a Amazônia. A tarefa de espalhar a cultura maçônica por uma região tão extensa e desafiadora não é simples. A diversidade geográfica e a distância física entre os Maçons representam obstáculos logísticos significativos.

Além disso, recentemente, a pandemia global de COVID-19 introduziu novos desafios, dificultando a realização de encontros e eventos presenciais, que são vitais para a coesão e a continuidade das atividades da academia. A pandemia forçou a AAML a adaptar-se rapidamente a novas realidades, explorando alternativas digitais para manter seus membros conectados e engajados. Este período de

¹ **Nota do prefaciador:** “Um tratado de Mútuo Reconhecimento, Amizade e Colaboração já havia sido assinado entre as duas Potências em 31 de agosto de 1960, pelo Grão-Mestre da Grande Loja do Amazonas, Acre, Rondônia e Rio Branco, Des. Felismino Francisco Soares e o então Grão-Mestre Geral do Grande Oriente do Brasil, Dr. Cyro Werneck de Souza e Silva.”

adaptação e resistência testou a resiliência da academia, mas também destacou a determinação e o espírito de seus membros em manter viva a chama da cultura maçônica.

Outro pilar fundamental da AAML são os seus patronos e os Imortais, figuras de extrema importância que mantêm a academia viva e vibrante. Mesmo na ausência de recursos financeiros abundantes, esses indivíduos dedicam-se incansavelmente à causa, movidos pelo amor à Maçonaria e pelo compromisso com a educação e a cultura. Os patronos e Imortais representam a alma da AAML, preservando suas tradições, promovendo o conhecimento e garantindo que a instituição continue a cumprir sua missão. Para tal, a preservação da memória dos Patronos e dos seus feitos junto à Maçonaria e à sociedade amazonense se apresenta como mais um dos papéis desta Instituição, daí deriva a importância deste Memorial.

Entre esses notáveis Imortais, destaca-se Antônio Tupinambá de Melo Nogueira, Cadeira 40, o Tupi, cuja dedicação e esforço hercúleo foram essenciais para a atualização deste memorial. Em meio a adversidades e limitações, o Tupi trabalhou incansavelmente, praticamente sozinho, para atualizar o Memorial lançado anteriormente e preservar a história e as conquistas da AAML. Seu trabalho é um testemunho do poder da determinação individual e do compromisso com um propósito maior.

Para que esta publicação visse a luz, Antônio Tupinambá encarou o verdadeiro espírito maçônico, demonstrando que, mesmo diante de desafios aparentemente intransponíveis, a perseverança e a dedicação podem produzir resultados extraordinários. Sua contribuição para este memorial é um legado duradouro que servirá como fonte de inspiração para futuras gerações de maçons e estudiosos. Como um dos maiores entusiastas da nossa Instituição, o Tupi muitas vezes, a exemplo de outros no passado, foi o provedor de recursos para que a Academia se mantivesse em funcionamento, atuando como um Mecenas moderno, investindo recursos e energia nos projetos da AAML. A publicação do presente livro também é um tributo ao seu papel ativo na

manutenção da Academia a exemplo de José Maria Nogueira, presidente à época da primeira edição do Memorial.

A elaboração deste memorial não foi uma tarefa simples. Requereu meticulosidade e paciência. Cada página deste livro é um tributo à dedicação e ao espírito de colaboração que a AAML sempre buscou promover. Através desta obra, os leitores terão a oportunidade de explorar as raízes e a evolução da AAML, compreendendo melhor os desafios que foram superados e os triunfos alcançados. É uma oportunidade também de entendermos, como associação, para qual caminho devemos direcionar nossos esforços e quais buscar evitar.

A Academia Amazonense Maçônica de Letras, com sua rica história e legado cultural, é um pilar de conhecimento para todos nós, tendo sido ao longo das décadas, um farol de criatividade e erudição. No entanto, como todas as instituições que carregam a responsabilidade de manter viva a chama da cultura, a AAML enfrenta desafios que têm exigido um exame atento e ações decisivas para garantir seu futuro próspero. Há momentos em que as organizações, mesmo com suas sólidas fundações, podem acabar adormecendo. Este adormecimento não é resultado apenas de forças externas, mas também pode ser reflexo da incapacidade em lidar com a complexidade e a dinâmica necessárias para manter viva a relevância e a vitalidade das entidades. Em organizações como a nossa, se faz mister a presença de uma liderança participativa e verdadeiramente imbuída do espírito Maçônico. Como pedreiros livres, devemos honrar o esforço de nossos antecessores, que se dedicaram à construção da edificação da Maçonaria. Como acadêmicos, somos paradigma e, portanto, qualquer comportamento fora do esquadro pode acarretar em uma paralisia silenciosa, onde iniciativas e projetos podem ser sufocados pela falta de dinamismo e comunhão entre os Irmãos.

A AAML, como qualquer organização, infelizmente não está imune a esses desafios. A complexidade da administração de uma instituição de tal envergadura exige não apenas conhecimento literário, mas também habilidades de gestão, capacidade de inovação e uma sensibilidade aguçada para os anseios e necessidades de seus

membros e do meio em que se está inserida. Quando essas qualidades faltam, a Academia pode cair em um estado de estagnação, onde o potencial de seus membros e a riqueza de suas tradições correm o risco de serem desperdiçados.

No entanto, mesmo diante dessas dificuldades, é fundamental lembrar que a AAML possui uma riqueza incalculável: seus membros, sua história e sua missão. É imperativo que todos aqueles que se importam com o futuro da literatura e da cultura maçônica se unam em um esforço coletivo para reavivar a chama. Devemos olhar para o futuro com esperança e determinação, prontos para enfrentar os desafios e superar os erros que podem ter sido cometidos no passado.

A chamada à ação é clara: é tempo de nos levantarmos, de nos engajarmos e de trabalharmos juntos para restaurar a AAML ao seu estado vibrante e inovador. Cada um de nós, com nossas habilidades, paixão e comprometimento, pode contribuir para a revitalização da academia. Que possamos ser guiados pelo espírito de colaboração e pela vontade de ver a AAML florescer novamente, cumprindo seu papel essencial na promoção da literatura e das artes no Amazonas. Este é um momento crucial na história da AAML. Com coragem e determinação, podemos transformar desafios em oportunidades e garantir que a Academia Amazonense Maçônica de Letras continue sendo um farol de cultura e inspiração para as gerações futuras.

Este prefácio serve não apenas como uma introdução ao conteúdo do livro, mas também como um convite para a reflexão. Em um mundo cada vez mais fragmentado, a história da AAML é um lembrete poderoso do que a união e a fraternidade podem construir, mesmo em tempos de divisão. A academia continua a ser uma força unificadora, promovendo a cultura e os valores maçônicos na nossa jurisdição, e seu trabalho é mais relevante do que nunca.

Neste sentido, a Maçonaria é uma Instituição que pode ser compreendida em sua dimensão como um centro de união fraternal, onde a retidão, a responsabilidade, a honestidade, a bondade, a tolerância, a justiça e a busca pela verdade e pelo aperfeiçoamento devem ser permanentes. Portanto, ao ler este memorial, espero que você caro

leitor (Maçom ou não Iniciado), seja inspirado pela história de dedicação e perseverança que ele narra, qual seja, tanto dos 44 anos de existência da AAML quanto ao papel de destaque de Patronos e Imortais que ocuparam nossas cadeiras tiveram na história do nosso estado. Que a jornada da AAML sirva como um exemplo de como a cooperação e o compromisso com ideais elevados podem superar barreiras e construir pontes. Que este livro reforce em todos nós a importância de continuar a promover a educação, a cultura e a fraternidade, não apenas dentro da Maçonaria, mas em toda a sociedade.

É com grande honra que apresento este prefácio e convido você a embarcar pelas ricas e inspiradoras páginas da Academia Amazônica Maçônica de Letras. Que possamos todos aprender com seu exemplo e continuar a trabalhar juntos para um futuro mais unido e iluminado pelos valores da Maçonaria.

Fraternalmente,

Luiz Filipi B. Cardozo, Cadeira N°28

PRIMEIRA PARTE

I - PRÓLOGO

Nos anos de 2021 e 2022 a humanidade foi abalada com os efeitos da ação de um vírus, o “coronavírus”. Descoberto em 2019, atacou primeiramente na China, onde nasceu ou foi criado, e, pouco tempo depois, mais de duzentos países relataram surto da doença que ele causava, a Covid-19, o que levou a OMS (Organização Mundial de Saúde) a declarar o surto como uma pandemia.

Os sintomas graves da doença eram febre alta associada a tosse e falta de ar, ou dificuldade para respirar, dores no peito e tom azulado da face ou nos lábios, o que levou a óbito mais de setecentos mil brasileiros dos mais de trinta e oito milhões infectados.

Alarmado com o que vinha acontecendo no mundo, no dia vinte de março do ano de dois mil e vinte o Congresso Nacional brasileiro reconheceu a ocorrência do estado de calamidade pública, nos termos da solicitação do Presidente da República. Na esteira desses acontecimentos, os órgãos de controle e fiscalização da saúde das três esferas de governo expediram orientações e determinação restringindo, e até mesmo impedindo, o trânsito de pessoas nas vias públicas sem uso de equipamentos de proteção.

O fato refletiu profundamente no funcionamento da Academia Amazonense Maçônica de Letras - AAML, levando o então Presidente, Acadêmico Urias Sérgio de Freitas, a determinar a suspensão das atividades acadêmicas desde meados do ano de dois mil e vinte e um, enquanto perdurasse o surto pandêmico.

Desde sua fundação, essa foi a segunda vez que a Academia paralisou suas atividades.

Poucos meses depois dessa segunda paralização, fui visitar as instalações da Academia para conferir o estado em que se encontrava a segurança patrimonial das suas instalações, fornecimento de água e de energia elétrica, e muito especialmente o estado dos livros e arquivos de documentos que, imaginava eu, deveriam contar toda sua história. O resultado não foi nada agradável porque, olhando as coisas pelos olhos de quem passou sua vida funcional esmiuçando documentos para formar juízo sobre atos e fatos de gestão administrativa de entes públicos por agentes públicos, ficou claro que a Academia precisava ser reorganizada e remontada sobre uma estrutura que garantisse a posteridade conhecer a história da sua existência, sobretudo dos homens que a fundaram, e mais tarde a soergueram.

Entre os livros existentes, chamou atenção o “Memorial” organizado e escrito pelo acadêmico José Maria Nogueira nos idos de 2008, quando Presidente da Academia. Ao folheá-lo, ficou clara a necessidade de sua atualização em razão de mudanças ocorridas no quadro de acadêmicos, quer por mortes quer por abandonos, ou outra razão qualquer.

Em reunião de diretoria, ocorrida nos primeiros meses de 2023, foi conhecida uma sugestão do autor do Memorial no sentido de que aquela obra deveria ser atualizada periodicamente. Encampando a ideia, reuni neste trabalho todas as informações relacionadas com a história da Academia, contadas no Memorial de José Maria Nogueira, ou guardadas em fontes primárias de informações.

De pronto verifiquei que os arquivos de documentos não obedeciam a critério algum. As pastas de arquivos individuais dos acadêmicos não continham documentos comprobatórios das suas admissões, e muitas, especialmente dos Fundadores e Soerguedores, sequer foram encontradas; a Ata da Reunião de Fundação da Academia não foi achada, tendo sido localizada apenas uma cópia não assinada daquele documento, aproveitada como fonte histórica por evidências sustentadas em outros documentos, também não assinados, outros nem identificados, tais como Editais, Relações, rascunhos de correspondências, etc.; não foi encontrada nenhuma Ata do período entre a

Ata de Fundação, de 1º de fevereiro de 1980, e a Ata de Soerguimento, datada de 19 de abril de 2002; as Atas do Soerguimento também não foram encontradas, mas, semelhante ao caso da Ata de Fundação, foi encontrada uma cópia não assinada, também utilizada como fonte por evidências históricas.

Contar a história da Academia Amazonense Maçônica de Letras tornou-se um desafio. Muitos eventos e fatos, acontecidos no período letárgico que a Academia viveu até ser soerguida, foram lembrados em depoimentos pessoais de testemunhas oculares.

Nos primeiros anos de sua existência, sob a presidência ou influência de Robério Braga, seu fundador, a Academia alcançou alguns dos seus objetivos estatutários, participando de, ou organizando e realizando, eventos de natureza cultural que justificaram sua fundação, mas, por outro lado sua existência como entidade jurídica de direito privado foi entrando em decadência, principalmente pela inexistência de recursos financeiros que garantissem o custeio de gastos administrativos relacionados com uma estrutura de pessoal para suporte das suas atividades, aluguel de imóvel para sua sede provisória, consumo de energia elétrica, e outros. Disso proveio a absoluta inexistência de arquivamento de documentos para que no futuro pudessem servir de fonte primária de informação histórica, e, principalmente, resultou no desinteresse dos acadêmicos pelo destino da entidade.

A inexistência de recursos financeiros decorreu do fato de que o quadro de acadêmicos fundadores, em número de nove, ao que tudo indica, não foi acrescido de novas admissões, nem os sucessores da primeira Diretoria foram capazes de encontrar outras fontes de recursos financeiros para impedir sua extinção por abandono dos seus membros e inviabilidade de sua existência.

O fundador da Academia Amazonense Maçônica de Letras tinha em mente dois objetivos. Um, de natureza estatutária, estava relacionado com o progresso da cultura e das letras maçônicas em geral,

como sois acontecer com todas as academias de letras espalhadas pelo mundo; outro, idellogicamente buscando unir duas Obediências Maçônicas, pertencentes à mesma Ordem Iniciática, distanciadas por fatos a acontecidos há quase cem anos.

O objetivo estatutário vem sendo aos poucos alcançado, face a dificuldades para reunir os meios necessários, tanto de natureza financeira quanto de natureza estrutural. O segundo objetivo foi plenamente alcançado mais de vinte anos depois da fundação da Academia.

Agora, frente ao desafio de compilar dados para uma segunda edição do Memorial do silogeu, um terceiro objetivo brota do estoque de informações acumuladas ao longo de mais de cinquenta anos de caminhada pela senda da iniciação maçônica: a Academia como instrumento de mudança de rumos da Maçonaria no contexto do contrato social da nação brasileira.

Explico.

Desde há muito venho questionando acerca do que essa Ordem Iniciática, a Maçonaria, vem fazendo no nosso país para justificar sua existência como entidade que se propõe alcançar vários objetivos: na condição de instituição essencialmente filosófica, filantrópica, progressiva e evolucionista, seus estatutos dizem⁽²⁾ que ela busca o aperfeiçoamento moral, intelectual e social da humanidade, por meio do cumprimento inflexível do dever, da prática desinteressada da beneficência e da investigação constante da verdade.

Entretanto, tão altos voos não conseguem aproximá-la das fronteiras dessa utopia, que é esperar que ela, a Maçonaria, possa aperfeiçoar sequer o contrato social do povo brasileiro. Para confirmar isso basta observar que os maçons integrantes do Poder Legislativo nacional, constituído de Vereadores, Deputados Estaduais e Federais e Senadores, bem como os maçons investidos nos cargos de chefes do Poder Executivo dos três níveis de Governo, outra coisa não fazem senão defender interesses obscuros, distantes dos Grandes

² Constituição do Grande Oriente do Brasil, Art. 1º.

Princípios em que está assentada a Maçonaria – o amor fraternal, a caridade e a verdade.

Se voltarmos nossa atenção para um passado próximo, outra coisa não vislumbraremos que não sejam convulsões intestinas fragmentando as forças da Sublime Ordem. No presente, as Lojas lutam desesperadamente para reunir Obreiros bastantes para, simplesmente, praticar os Ritos Maçônicos e viabilizar a transmissão de conhecimentos relacionados quase sempre com a liturgia. Não que isso seja depreciativo. Muito pelo contrário, é com a indagação esotérica que o Obreiro da Arte Real vai abrindo caminho para a formação de sua personalidade maçônica.

Ocorre que “enquanto os cães ladram a caravana passa”, ou seja, enquanto reunimo-nos para a prática do esoterismo segundo a liturgia de cada Rito, e com isso especulamos acerca de conhecimentos muito ao gosto do Século XVII, grandes decisões são tomadas pelo Poder Público; volumes imensos de riquezas são gastos em empreendimentos que em nada ajudam aos infelizes, ou, pior que isso, esvaem-se pelo ralo da corrupção.

É triste reconhecer que a maçonaria brasileira está fragilizada ao ponto de nada poder fazer para modificar a situação do menor abandonado, do idoso desamparado, do trabalhador sem emprego, do salário degradante, e tantos outros problemas sociais que o Poder Público não consegue ver nem solucionar. No plano econômico, a duras penas todos pagam pela ganância desenfreada dos Governos descompromissados com a distribuição equitativa da renda nacional. Nos empregos públicos mais vale a indicação dos poderosos do que o conhecimento e a competência de quem ao longo dos anos ameahou conhecimentos técnicos para o exercício de funções relevantes.

Tudo isso, e mais outros tantos motivos que podem ser considerados justos, permite refletir sobre o ideal de, verdadeiramente, transformar a Ordem Maçônica no “Centro de União” referido na Constituição de Anderson, com o propósito de perseguir um objetivo que venha honrar o nome da Maçonaria e encher de orgulho nossos filhos. Em outras palavras, fortalecê-la a ponto de vir ela a ser a referenciada,

através dos seus Obreiros, e interferir declaradamente nas grandes decisões político-econômico-administrativa do nosso Estado primeiramente, e, posteriormente, do nosso País.

Para isso, é necessário elaborar um Projeto que passe obrigatoriamente pelo conhecimento das reais possibilidades de sua execução, e o reconhecimento de que, enquanto a Maçonaria não tiver influência alguma no plano político, social e econômico, não chegaremos a outro lugar que não seja a condição de grupos de Lojas que praticam seus rituais com perfeição.

Caberá à Academia Amazonense Maçônica de Letras a iniciativa de elaborar indigitado Projeto, e promover sua execução, ao mesmo tempo em que promove o progresso da cultura e das letras em geral.

Esse é o novo desafio.

II - ANTECEDENTES

Segundo o fundador da Academia Amazonense Maçônica de Letras, Robério dos Santos Pereira Braga, seu grande interesse nessa empreitada era aproximar duas potências maçônicas então existentes na base territorial amazonense, mas que, por diversas razões, os maçons das lojas de suas jurisdições eram impedidos de se reconhecerem e se tratarem como Irmãos: as Grande Lojas do Amazonas e o Grande Oriente do Brasil.

Naturalmente que Robério Braga, um ícone da cultura já no tempo da Fundação da Academia, inspirado na Academia Brasileira Maçônica de Letras, e estimulado pelo desafio do seu Presidente, pensou que as letras poderiam servir de instrumento para alcançar esse objetivo, uma vez que historicamente sempre houve desarmonia entre agrupamento de maçons, quer operativo ou antigos, quer especulativos ou modernos.

A maçonaria moderna sempre teve dificuldades com a convivência dos seus obreiros. Já em 1753 um grupo de maçons da Grande Loja da Inglaterra fundada em 1717 constituiu uma nova Grande Loja, sob a liderança de Lourenço Dermott, que desde 1751 defendia a distinção entre os *maçons modernos* e *antigos maçons*³. Esse grupo pretendia que a Grande Loja de Londres utilizasse no trabalho de suas lojas particulares os usos e costumes da maçonaria operativa.

Esse foi o primeiro Cisma da maçonaria entre os maçons modernos.

³ ASLAN, Nicola – História da Maçonaria – Cronologia – Documentos (Ensaio) – Editora Espiritualista – p. 55

Em artigo assinado por H. L. HAYWOOD, traduzido por J. Filaro, publicado pela Biblioteca Fernando Pessoa⁴, o articulista declara:

Um dos principais resultados da fundação da primeira Grande Loja estabelecida em Londres em 1717 foi que a Maçonaria Especulativa suprimira completamente a Maçonaria Operativa. Essa mudança radical na natureza íntima da Arte não poderia deixar de despertar oposição. Supõe-se, por exemplo, que as dificuldades por que passou Anthony Sayer após ter sido o primeiro Grão-Mestre, podem ter sido devidas à sua aversão ao novo regime, vez que ele era um antigo Maçom Operativo. Agora é impossível determinar quantos problemas a grande mudança causou, ou quanto tempo durou, mas parece óbvio que o ressentimento contra a nova ordem das coisas perdurou por muito tempo em algumas áreas, e que lojas inteiras se recusaram por muitos anos a consentir em tal abandono dos usos antigos.

Outra importante causa de problemas nos primeiros anos da primeira Grande Loja foi a adoção do “Parágrafo Concernente a Deus e à Religião” [1] nas Constituições de Anderson. Antes de 1717, os fundamentos dos maçons eram a religião cristã e a própria Arte, a julgar por suas próprias Constituições, era francamente cristã trinitária. As novas Constituições, agora associadas ao nome de Anderson, mudaram tudo; segundo a sua formulação um tanto ambígua, o maçom era obrigado apenas a pertencer a uma religião, aquela “em que todos os homens de bem estão de acordo”. Essa novidade não agradou aqueles que desejavam ver a Maçonaria permanecer especificamente cristã e, portanto, tiveram problemas com isso.

⁴<https://bibliot3ca.com/o-grande-cisma-da-maconaria-os-antigos-e-modernos/>
(Acessado em 8/11/2023)

Na França, a maçonaria moderna experimentou e vivenciou problemas da mesma natureza desde o Século XVIII quando foi fundado o Grande Oriente de França e criada a Grande Loja Nacional de França (Nicola Aslan, 1959, p. 164). Christian Jacq⁵ registra que o Grande Oriente de França se tornou pouco a pouco um partido político da esquerda anticlerical, republicano por excelência, passando impor uma oposição muito firme à Igreja e à Grande Loja. Questionado sobre o assunto, o Grande Oriente disse que a Grande Loja era uma obediência dissidente, com existência nefasta. Esse fato teve como resultado sugestão para fechamento da Grande Loja em 1851, e expulsão do Grande Arquiteto do Universo das Lojas de sua jurisdição.

No Brasil o problema da convivência entre maçons, resultando em Cisma na maçonaria, teve como peça fundamental a luta pelo poder maçônico, incluindo valores que passam ao largo dos princípios estabelecidos na carta magna da maçonaria moderna estabelecida a partir de 1723, conhecida como Constituição de Anderson.

Castellani⁶ conta essa história, desde a fundação da primeira Loja Maçônica no Brasil até a Cisão de 1927, trazendo à luz fatos históricos que não são bem acolhidos por grande parte dos maçons de todas as outras Obediências.

No entendimento da grande maioria dos maçons do Grande Oriente do Brasil, as Grandes Lojas constituíam Obediência irregular porque não reconhecida pela Grande Loja Unida da Inglaterra, uma vez que esta assinara um Tratado, denominado Convênio de Aliança Fraternal⁷, pelo qual ficou ajustado que (Artigo 1º) “*a partir desta data (6 dias de maio de 1935, portanto oito anos depois da cisão) estabelecer-se-á uma íntima e indissolúvel aliança entre as Altas Partes contratantes, signatárias deste Convênio*”, e que a Grande Loja Unida da Inglaterra reconhece no Grande Oriente do Brasil a única Potência Maçônica Nacional regularmente estabelecida no Brasil, e só

⁵JACQ, Cristian – A Franco Maçonaria – História e Iniciação, 1977, p. 179.

⁶CASTELLANI, José – História do Grande Oriente do Brasil – A Maçonaria na História do Brasil - Gráfica e Editora do Grande Oriente do Brasil

⁷ Doc. Nº 01 – Convênio de Aliança Fraternal firmado pelo Grande Oriente do Brasil e a Grande Loja Unida da Inglaterra em 06 de maio de 1935.

reconhecerá como maçons brasileiros aqueles que possuem um certificado ou diploma expedido pelo referido Grande Oriente (Artigo 2º).

Essas foram as razões para a animosidade reinante entre as duas Obediências até a década de 1980, resultantes da Cisão de 1927: da parte das Grandes Lojas, Mário Behring atraindo Lojas do Grande Oriente do Brasil a fim de alcançar seus propósitos; da parte do Grande Oriente do Brasil, o Decreto N° 7, de seis de agosto de mil novecentos e vinte e sete, de Behring, declarando oficialmente o Grande Oriente como potência irregular no seio da Maçonaria Universal.

Foi assim que, no início da oitava década do Século XX, insatisfeito com o *distanciamento* entre os maçons das duas principais Obediências então existentes na base territorial do Estado do Amazonas, Robério dos Santos Pereira Braga, maçom de estirpe, idealizou e fundou a Academia Amazonense Maçônica de Letras para que servisse de instrumento conciliador desse *distanciamento* entre Irmãos.

III - FUNDAÇÃO DA ACADEMIA

Com graduação em Direito pela Universidade Federal do Amazonas⁸, dono de um extenso currículo funcional (sua “Linha do Tempo”⁹ informa que entre os anos de **1972 a 2020, foi servidor público estadual, com exercício de diversos cargos de assessoramento e direção superior, inclusive de Secretário do Município de Manaus e Secretário de Estado em diversas áreas**), Robério Braga havia sido iniciado na maçonaria em Loja obediente ao Grande Oriente do Brasil. Na sua caminhada maçônica certamente tomou conhecimento dos princípios que sustentam a Sublime Ordem, entre eles a Fraternidade que, doutrinariamente, deveria existir entre maçons, por se reconhecerem como irmãos, mas que, na prática, não acontecia entre os maçons do Grande Oriente e da Grande Loja do Amazonas.

⁸<https://www.escavador.com/sobre/4461854/roberio-dos-santos-pereira-braga-14/11/2023>

(Acessado em

⁹<https://roberiobraga.com.br/linha-do-tempo/> - (Acessado em 14/11/2023)

Às dezoito horas do primeiro dia do mês de fevereiro do ano de mil novecentos e oitenta esse grupo de maçons reuniu-se em Assembleia Geral de Fundação da Academia Amazonense Maçônica de Letras, na rua Emílio Moreira, Nº 1308. A Ata desse evento registra¹²:

“Os trabalhos foram abertos pelo Irmão Robério Braga que comunicou aos presentes os objetivos da reunião, fruto dos contatos que fizera na cidade do Rio de Janeiro, quando de recente viagem, junto à Academia Maçônica de Letras daquela cidade, e Irmãos a ela pertencentes, onde obtivera a orientação para a constituição de congênere em Manaus. Explicou que os Irmãos presentes, especialmente convidados, representavam o núcleo fundador do novo organismo, independente de Potência Maçônica, destinado a exaltar em termos culturais e também valorizar o trabalho de todos aqueles que escrevem sobre ou prestem relevantes serviços à Maçonaria. Em seguida passou-se à eleição da Mesa diretiva provisória dos trabalhos de fundação da nova entidade, tendo sido escolhidos, respectivamente, para Presidente e Secretário da reunião os Irmãos Robério Baga e Arlindo Porto. A seguir, pelo Secretário, atendendo solicitação da Presidência foi distribuída uma pasta de arquivo contendo toda a documentação proposta para estudo nesta reunião de fundação, qual seja, Estatuto, Regimento Interno, Lista de Patronos e Cadeiras, Resoluções iniciais, etc. O Secretário passou a fazer a leitura da proposta de Estatuto a ser adotado pela entidade, com atenção especial de todos os presentes, e que está vasado nos termos como segue, para fim de discussão, estudo e aprovação pela Assembleia de maçons reunida.

ESTATUTO

¹² Doc 03 – Ata de Fundação e Patronos das Cadeiras, não assinada.

Art. 1º - A ACADEMIA AMAZONENSE MAÇÔNICA DE LETRAS, de âmbito estadual, com sede e foro na cidade de Manaus, Estado do Amazonas, fundada a 1º de fevereiro de 1980, é uma sociedade civil literária de maçons, com personalidade jurídica, e tem por finalidade trabalhar pelo progresso da cultura e das letras maçônicas em geral.

Parágrafo Único – O regimento Interno discriminará o modo de funcionamento da Academia, dentro das normas estabelecidas neste Estatuto.

Art. 2º - A Academia compõe-se de 40 (quarenta) Membros Efetivos perpétuos, e de número não limitado de Membros Correspondentes, quer nacionais, quer estrangeiros.

Parágrafo 1º - Dos Membros efetivos, pelo menos a metade deverá residir no estado-sede da Entidade e imediações (como tal entendido o Estado do Amazonas), e os restantes nas demais Unidades da Federação.

Parágrafo 2º - O Preenchimento das vagas será feito por eleição, em escrutínio secreto, dentre maçons de reconhecidos méritos nos vários setores da atividade, da inteligência e da cultura Maçônica, tendo publicado livros maçônicos de real valor, ou outro tipo de publicação.

Parágrafo 3º - Idêntico procedimento, a critério da Academia, será adotado na eleição dos membros correspondentes, denominando-se especiais os correspondentes estrangeiros.

Art. 3º - A Academia será administrada por um(a) Diretoria, eleita por dois anos, podendo haver reeleição uma vez, constituindo-se de: Presidente, Vice-Presidente, 1º Secretário, 2º Secretário, Tesoureiro, Bibliotecário/Museólogo.

Parágrafo 1º - O Presidente representa a Academia em juízo, ou fora dele.

Parágrafo 2º - Juntamente com a Diretoria, será eleito um Conselho Fiscal, integrado por três Membros Efetivos e dois Suplentes.

Parágrafo 3º - Poderão ser nomeados, pela Diretoria, tantas Comissões Especiais quantas forem necessárias.

Parágrafo 4º - Só os Membros Efetivos podem votar e ser votados.

Art. 4º - A Academia, nas reuniões plenárias, funcionará e deliberará pelo voto da maioria absoluta de seus Membros Efetivos, podendo, todavia, fazê-lo com sete Membros Efetivos para as sessões comemorativas ou especiais. A Diretoria funcionará e deliberará com a plenitude de seus membros, pelo voto da maioria absoluta dos presentes.

Art. 5º - O Acadêmico só poderá declarar a sua qualidade de membro da Academia nos livros ou trabalhos que publicar, quando devidamente autorizado pela Diretoria.

Art. 6º - A Academia aceita subvenções oficiais ou auxílios particulares, bem como encargos que visem ao progresso da cultura e das letras maçônicas em geral.

Parágrafo Único – A Academia concederá os títulos de Membros Honorários e Beneméritos a quem julgar merecedor.

Art. 7º - Os membros da Academia não respondem individualmente pelas obrigações sociais contraídas em nome dela, expressa ou implicitamente, pelos seus representantes legais.

Art. 8º - Os fundadores da Academia, Membros Efetivos, terão por patronos de suas cadeiras, maçons já falecidos, vultos eminentes da História-Pátria, da História da Maçonaria Brasileira e da Literatura Maçônica Nacional, especialmente do Amazonas.

Art. 9º - No caso de extinção da Academia, liquidado o seu passivo, reverterá o saldo que houver em favor de instituição maçônica de caráter assistencial, se antes não resolver seja transferido a algum estabelecimento público.

Art. 10º - O Presente Estatuto entra em vigor na data de sua aprovação, e só poderá ser reformado, no todo ou em parte, inclusive no que concerne à destinação do patrimônio acadêmico, por uma Assembleia Geral, pelo voto da maioria absoluta dos Membros Efetivos da Academia, depois de dois (2) anos de vigência.

Art. 11º - Ficam integrando provisoriamente o presente estatuto, as Resoluções aprovadas em Assembleia de fundação para fins de diretoria provisória, tabela de custo e organização básica.”

Além do Estatuto lido, discutido e aprovado, na oportunidade Robério Braga apresentou três propostas de resoluções, que também foram lidas discutidas e aprovadas. A primeira (Res. 001/80), constituindo a primeira Diretoria da Academia, a segunda (Res. 002/80) definindo medidas básicas necessárias ao seu funcionamento, e a terceira (Res. 003/80) estabelecendo o Quadro de Patronos, segundo a seguinte relação intitulada “POLTRONAS DE FUNDAÇÃO”, com a escolha de Cadeiras e Patronos feitas pelos presentes naquele evento. Foram eles:

CAD	PATRONO	DESTINAÇÃO	OCUPANTE DA CADEIRA
1	ADRIANO AUGUSTO DE ARAÚJO JORGE		
2	AGNELLO BITTENCOURT		
3	ALFREDO A. DA MATA	GOB	ALMIR FARIAS RIVAS
4	ANDRÉ DE MENEZES JOBIM		
5	ANTONIO MONTEIRO DE SOUZA		
6	ANTONIO MAVIGNIER DE CASTRO		

7	ANTONIO GONÇALVES PEREIRA DE SÁ PEIXOTO		
8	ANTONIO AUGUSTO S PORTO	GOB	ARLINDO AUGUSTO DOS S PORTO
9	ARISTOPHANO ANTONY		
10	ARTHUR VIRGÍLIO DO CARMO RIBEIRO		
11	BENJAMIM SANCHES DE OLIVEIRA		
12	CRISANTO M DE SOUZA MOREIRA JOBIM		
13	CAETANO FÉLIX DO NASCIMENTO	GOB	ANTONIO OSMAN DE A NETO
14	CRISÓLOGO GASTÃO DE OLIVEIRA	GLOMAM	HUMBERTO FIGLIUOLO
15	EDUARDO GONÇALVES RIBEIRO		
16	EUTÍQUIO PEREIRA DA ROCHA		
17	FELISMINO FRANCISCO SOARES		
18	FRANCISCO FARIAS DE CARVALHO		
19	FRANCISCO PEREIRA DA SILVA		
20	GASPAR ANTONIO VIEIRA GUIMARÃES		
21	GIUSEPPE PAGANI VULCANI		
22	HAMILTON MOURÃO		
23	JOÃO REBELO CORREA		
24	JUSTINO MARCOS DA SILVA		
25	JORGE DE MORAIS		
26	JOSÉ COELHO DE MIRANDA LEÃO		
27	LEOPOLDO AMORIM DAS NEVES		
28	MARCÍLIO DIAS DE VASCONCELOS	GLOMAM	OSNY TAVARES DE ARAÚJO
29	MITRIDATES ÁLVARO DE LIMA CORREA		
30	MOACYR DE SOUZA ALVES	GOB	JOSÉ MARIA DE SOUZA MARTINS
31	OCTAVIANO SORIANO DE MELLO		
32	PLÁCIDO SERRANO P DE ANDRADE	GLOMAM	JORGE HUMBERTO BARRETO
33	PEDRO AUGUSTO DE AMORIM		
34	RODOLPHO GUIMARAES VALLE	GLOMAM	SYLA GUIMARÃES VALLE
35	RAUL DE AZEVEDO		
36	RAIMUNDO DA SILVA PERDIGÃO		
37	THEODORETO CARLOS DE FARIAS SOUTO		
38	VENÂNCIO IGREJAS LOPES		
39	WALDEMAR PEDROSA	GOB	ROBÉRIO DOS S PEREIRA BRAGA

40	VIRGÍLIO DE BARROS		
----	--------------------	--	--

Cada um dos presentes indicou um irmão de merecimento maçônico para o preenchimento das poltronas indicadas na da relação de sócios efetivos/instaladores, o que resultou na seguinte composição:

ACADÊMICO INDICADOR	MAÇOM INDICADO
Robério dos Santos Pereira Braga	Evandro das Neves Carreira
Humberto Figliuolo	Ilder Guimarães de Oliveira
Osny Tavares de Araújo	Ayrton Pinheiro
Antonio Osman Neto	Antonio Dimas de Souza Monte
Jorge Humberto Barreto	João Batista Verçosa
Almir Farias Rivas	Waldemar Batista de Salles
José Maria Martins	Jaime Pereira
Sylla Guimarães Valle	Cândido Honório Ferreira
Robério dos Santos Pereira Braga	Ulysses Bittencourt

Apesar da decisão de indicar o nome de maçons de merecimento para a solenidade de instalação da Academia, não existem registros sobre a data escolhida para esse fim, nem se realmente houve uma solenidade de instalação, causando dificuldades histórica para obtenção de informações sobre esse fato relevante. Por exemplo, Robério Braga indicou o nome de Evandro Carreira, o que poderia ser entendido como tendo sido Evandro Carreira admitido na Academia na data de instalação desta. Entretanto, a “Ficha de Inscrição” desse acadêmico, constante dos arquivos da Academia, por ele assinada, está datada de nove de fevereiro de 2006, comprovando que, historicamente, Evandro Carreira ingressou na entidade vinte e seis anos depois da sua fundação. Essa dúvida, quanto a data de ingresso do acadêmico, paira sobre todos os maçons indicados para a mencionada instalação.

Depois de cada um dos fundadores escolher seu patrono, mesmo sem estar presente na reunião de fundação da Academia o nome do maçom Ulisses Bittencourt foi aprovado para ocupar a poltrona de número dois, que tem como patrono Agnello Bittencourt, sob a justificativa deste ser pai daquele. Não existe comprovação de que Ulisses Bittencourt tenha assumido de fato a posse da Cadeira Nº 2.

A primeira Diretoria, intitulada “Diretoria Provisória”, para reger os rumos da Academia durante um ano, ficou assim constituída: Presidente, Robério dos Santos Pereira Braga; Vice-Presidente, Jorge Humberto Barreto; Primeiro Secretário, Arlindo Augusto dos Santos Porto; Segundo Secretário, Osny Tavares de Araújo; Tesoureiro, Humberto Figliuolo; Bibliotecário/Museólogo, Antonio Osman de Andrade Neto.

Definida a Diretoria, pela última deliberação dos acadêmicos fundadores foi concedido título de Acadêmicos Honorários a Waldemir Zweiter, Presidente da Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil e Grão-Mestre da Grande Loja do Rio de Janeiro; a Osires Teixeira, Grão-Mestre do Grande Oriente do Brasil; a Afonso Luís Costa Lins, Grão-Mestre das Grandes Lojas do Amazonas; a Ananias Barbosa, Grão-Mestre do Grande Oriente da Amazônia Ocidental; a Manoel Ribeiro, Grão-Mestre Honorário das Grandes Lojas do Amazonas; a Luiz Braga Mury, Grande Secretário Geral de Cultura e Orientação do Grande Oriente do Brasil; e a Morivalde Calvet Fagundes, Presidente da Academia Maçônica de Letras do Rio de Janeiro.

Encerrando a reunião, o Presidente Robério dos Santos Pereira Braga convocou uma reunião para o próximo dia sete de fevereiro, às vinte horas, na sede provisória da entidade, cedida pelo Secretário Arlindo Augusto dos Santos Porto, à Rua Henrique Martins, 347, em Manaus. Não foi declarado o propósito dessa reunião.

Três meses depois, a recém fundada Academia Amazonense Maçônica de Letras foi declarada de utilidade pública pelo Governo do Estado do Amazonas¹³, gerando expectativas de futuro brilhante

¹³ Diário Oficial do Estado do Amazonas, edição de 20/06/1980

para ela, Academia, tida como potencial instrumento de divulgação da cultura e das letras maçônicas.

IV - FLORES E ESPINHOS

1 – Glória Efêmera

No que pese a inexistência de documentos que comprovem a realização da sessão de instalação da Academia, e a consequente admissão dos maçons indicados para a sua instalação, no dia 17 de maio de 1980 o Secretário Arlindo Augusto dos Santos Porto elaborou Edital abrindo inscrições para candidatos ao preenchimento das cadeiras nele, Edital, declaradas vagas, quais sejam as de números 04 (Patrono André de Menezes Jobim), 11 (Patrono Benjamin Sanches de Oliveira, 17 (Patrono Felismino Francisco Soares), 26 (Patrono José Coelho de Miranda Leão), e 29 (Patrono Mitrídates Álvaro de Lima Corrêa). A relação de acadêmicos por admissões, a seguir, elaborada a partir de registros encontrados nos arquivos da Academia, comprova que tais cadeiras só foram preenchidas depois do soerguimento, e que, conseqüentemente, entre a data de fundação da Academia e a data de seu soerguimento não houve admissão de nenhum acadêmico.

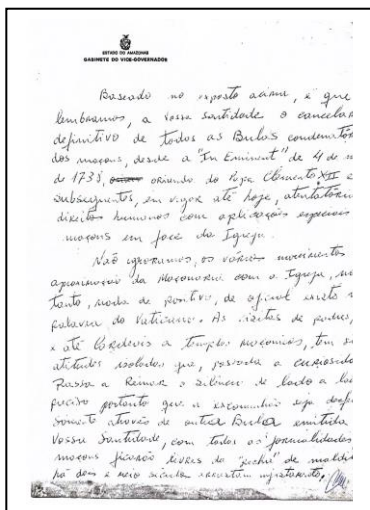
DOCUMENTO		ACADÊMICO		CAD Nº
TIPO	DATA	NOME	ADMISSÃO	
ATA DE FUNDAÇÃO	01/02/1980	Almir Farias Rivas	01/02/1980	3
		Syllas Guimarães Valle	01/02/1980	6
		Arlindo Augusto dos Santos Porto	01/02/1980	8
		Antonio Osman de Andrade Neto	01/02/1980	13

		Humberto Figliuolo	01/02/1980	14
		Osny Tavares de Araujo	01/02/1980	28
		José Maria de Souza Martins	01/02/1980	30
		Jorge Humberto Barreto	01/02/1980	32
		Syllas Guimarães Valle	01/02/1980	34
		Robério dos Santos Pereira Braga	01/02/1980	39
ATA DE SOERGUMENTO	19/04/2002	Aristóteles Comte de Alencar Filho	19/04/2002	1
		Antonio Braga Teixeira	19/04/2002	4
		Raimundo Colares Ribeiro	19/04/2002	7
		Ananias da Silva Barbosa	19/04/2002	10
		José Francisco Antas Cesário	19/04/2002	15
		Hailton Luiz Siqueira da Igreja	19/04/2002	16
		Ruy Alberto Costa Lins	19/04/2004	25
		Joaquim Moacyr Sevalho Gama	19/04/2002	27
		José Barbosa de Souza Filho	19/04/2002	30
		Arnaldo Felisberto Imbiriba da Rocha	19/04/2002	34
		Antonio José Souto Loureiro	19/04/2002	37
ATA Nº 02	17/05/2002	Abraham Sena Baze	17/05/2002	2
		Francisco José de Vasconcellos	17/05/2002	9
		Alberto Guido Valério	17/05/2002	20
		Cesar Roberti Azambuja	17/05/2002	21
ATA Nº 04	19/07/2002	José Maria Nogueira - Emérito	19/07/2002	19
DIPLOMA	20/09/2002	Cláudio do Carmo Chaves	20/09/2002	5
		Renan Corrêa Peixoto	20/09/2002	22
		Waldemir Machado de Siqueira	20/09/2002	24
		Paulino Bitencourt Cardoso	20/09/2002	38
DIPLOMA	27/09/2002	Manoel Wilson de Souza Farias	27/09/2002	36
ATA Nº 05	11/12/2003	Rosselberto Himenes	11/12/2003	29
ATA Nº 05	05/08/2004	Osail Medeiros de Souza	05/08/2004	23
		Edson Gomes da Silva	05/08/2004	4
RELAÇÃO	11/09/2004	Evandro das Neves Carreira	11/09/2004	6
		Fued Cavalcante Sêmen	09/07/2005	18

OUTRAS FONTES		Afrânio de Amorim Soares	16/05/2005	17
		Manoel Gomes Nogueira	17/05/2005	26
		Ilder Guimarães de Oliveira	09/07/2005	38
		Urias Sérgio de Freitas - Emérito	17/06/2006	11
		Ivan de Azevedo Tribuzy	17/06/2006	12
		Alberto dos Santos Puga Barbosa	17/07/2006	21
		Fernando Cardoso Guimarães	14/07/2007	31
		Paulo Dantas da Silva	14/07/2007	33
ROTEIRO DA SESSÃO MAGNA	13/12/2008	Takeo Siosaki	13/12/2008	3
		Jacob Moysés Cohen	13/12/2008	10
		José Luiz de Souza Pio	13/12/2008	13
		Euler Esteves Ribeiro	13/12/2008	38
		Antonio Tupinambá Melo Nogueira	13/12/2008	40
OUTRAS FONTES		David Cunha Nóvoa	25/08/2012	25
		Waldemir Machado de Siqueira Jr.	25/08/2012	30
		Aluísio Celso Affonso Caldas	25/08/2012	35
		Ricardo Torres Santana	25/08/2012	36
		Pedro Lucas Lindoso	29/08/2015	32
		João Bosco Pinto Rocha	18/02/2019	6
		Márcio Luiz da Silva	06/04/2019	12
		Ademar Fernando Grunsch Gruber	14/09/2019	18
AGE	07/05/2022	Sidarta Pinheiro de Araújo Gadelha	07/05/2022	17
		Eylan Manoel da Silva Lins	07/05/2022	18
		Alzemir Oliveira Alves	07/05/2022	20
		Zilmar Moreira de Souza	07/05/2022	21
		Manuel Gomes da Silva	07/05/2022	24
		Luiz Filipi Batista Cardozo	07/05/2022	28
		Moisés Rodrigues da Silva	07/05/2022	30
		Edson Alves Pereira Junior	07/05/2022	33
		Eloy Guillermo Castellón Bermúdez	07/05/2022	34
		Miguel Martins de Souza	07/05/2022	25
		Jurimar Collares Ipiranga	07/05/2022	36
AGE	03/02/2004	Fabrcício Pereira de Oliveira	03/02/2024	9

	Júlio Antonio de Jorge Lopes	03/02/2024	15
	Sérgio Roberto Bulcão Bringel	03/02/2024	19

Um outro fato, nesse sentido, foi uma correspondência que, no discurso de posse de novos acadêmicos em sete de março de dois mil e vinte e dois, Robério Braga disse ter entregado ao Papa, quando de sua visita do Brasil no ano de 1980, ao despedir-se de Manaus no dia onze de julho daquele ano. O rascunho da parte final dessa correspondência diz que



Baseado no exposto acima, é que lembramos, a Vossa Santidade o cancelamento definitivo de todas as Bulas condenatórias dos maçons, desde a “In Eminent” de 4 de maio de 1738, oriunda do Papa Clemente XII, e as subsequentes, em vigor até hoje, atentatórias aos direitos humanos com aplicações especiais aos maçons em face da Igreja. Não ignoramos os vários movimentos de aproximação da Maçonaria com a Igreja, no entanto, nada de positivo, de oficial existe na palavra do Vaticano. As visitas de pa-

adres, ... e até Cardeais a templos maçônicos, tem sido atitudes isoladas que, passada a curiosidade, passa a reinar o silêncio de lado a lado. (É) preciso portanto que a excomunhão seja desfeita somente através de outra Bula emitida por Vossa Santidade, com todas as formalidades, os maçons ficarão livres da “pecha” de malditos (que) há dois e meio séculos arrastam injustamente.

Essa correspondência foi juntar-se a tantas outras tentativas de abertura de diálogo com o Vaticano em busca da paz entre a Igreja e a Maçonaria.

Fernando Monteiro e Claudia Neves da Silva, em documento apresentado ao “V” Congresso Internacional de História, intitulado “Maçonaria e o novo Código de Direito Canônico: uma conciliação possível?”¹⁴, analisam a questão a partir dos principais documentos expedidos pela Igreja Católica em face da Maçonaria: a bula *In Eminenti Apostolatus Specula*, de Clemente XII, datada de 1738, a “Carta de 1974”, o cânon 1.374 do Novo Código de Direito Canônico e a Declaração de 1983 da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé.

Esse documento informa que, a 19/07/1974, a Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé enviou ao cardeal John Krol, e a algumas Conferências Episcopais, uma carta sobre a questão que envolvia a relação Igreja/Maçonaria. Após lembrar as consultas realizadas por muitos bispos acerca da interpretação do cânon 2.335 do Código de 1917, que impunha a pena de excomunhão aos católicos que se filiassem na Maçonaria, a Congregação para a Doutrina da Fé conclui que

“Durante o longo exame da questão, a Santa Sé consultou diversas vezes as Conferências Episcopais interessadas de modo particular pelo assunto, a fim de tomar conhecimento mais acurado tanto da natureza e da atuação da Maçonaria em nossos dias quanto do pensamento dos Bispos a respeito.

A grande divergência de respostas, pela qual transparecem as situações diferentes de cada nação, não permitiu à Santa Sé mudar a legislação vigente, a qual, por isto, continua em vigor, até que nova lei canônica seja publicada pela competente Comissão Pontifícia para a revisão do Direito Canônico. No entanto, no exame dos casos particulares, é necessário levar em consideração que a lei penal está sujeita

¹⁴ <https://www.google.com/url?sa=t&rt=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwi7rY3c3-SDAxVRirkGHemzCgwQFnoECAwQAQ&url=http%3A%2F%2Fwww.cih.uconsem.br%2Fainais%2F2011%2Ftrabalhos%2F142.pdf&usg=AOvVaw3Hq40ZfTPqgX9h6J6yv&opi=89978449>
(Consultado em 17/01/2023).

a interpretação estrita. Por conseguinte, pode-se ensinar e aplicar, com segurança, a opinião daqueles autores segundo os quais o cânon 2.335 se refere unicamente aos católicos que dão o nome às associações que de fato conspiram contra a Igreja. Em qualquer situação, porém, continua firme a proibição aos clérigos, aos religiosos e aos membros dos Institutos Seculares, de darem o nome a quaisquer associações maçônicas.”

Isso ocorreu antes da promulgação do novo Código de Direito Canônico.

De acordo com o cânon nº 1.274 desse novo Código, que substituiu o cânon 2.335 do Código de 1917,

“quem se inscreve em alguma associação que maquina contra a Igreja seja punido com justa pena; e quem promove ou dirige uma dessas associações seja punido com interdito”.

Sobre a redação do novo Código, interpretações apareceram por toda parte. Havia muitos católicos esperando a entrada em vigor do novo Código de Direito Canônico para se inscreverem na Maçonaria. Conhecedora dessas intenções, a Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, em 26 de novembro de 1983, na véspera da entrada em vigor do novo Código, publicou uma Declaração sobre as associações maçônicas, com o seguinte teor:

“Foi perguntado se mudou o parecer da Igreja a respeito da Maçonaria, pelo fato de que no novo Código de Direito Canônico ela não vem expressamente mencionada como no Código anterior.

Esta Sagrada Congregação quer responder que tal circunstância é devida a um critério redacional seguido também quanto às outras associações igualmente não mencionadas, uma vez que estão compreendidas em categorias mais amplas. Permanece, portanto, imutável o parecer negativo da Igreja a respeito das associações maçônicas, pois os seus princípios foram sempre considerados inconciliáveis com a doutrina da Igreja e por isso permanece proibida a inscrição nelas. Os fiéis que pertencem às associações maçônicas estão em estado de pecado grave e não podem aproximar-se da Sagrada Comunhão. Não corresponde às autoridades eclesásticas locais pronunciarem-se sobre a natureza das associações maçônicas com um juízo que implique derrogação do quanto acima estabelecido e isto segundo a mente da declaração desta Sagrada Congregação, de 17 de fevereiro de 1981. O Sumo Pontífice João Paulo II, durante a audiência concedida ao subscritor Cardeal Prefeito, aprovou a presente Declaração, e ordenou a sua publicação. (Hortal, 2002, pp.)”

A conclusão é de que essa Declaração, emitida pela mais alta autoridade em questão doutrinária, a Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, com a anuência do Santo Padre, mantém a incompatibilidade entre os princípios da Maçonaria e a doutrina da Igreja Católica, apesar da correspondência da Academia Amazonense Maçônica de Letras, que o então presidente Robério dos Santos Pereira Braga entregou nas mãos do Papa João Paulo II, e de tantas outras manifestações sobre o assunto que há séculos atormenta os maçons de todas as partes do mundo

Ainda no ano de 1980, através do Ato Nº 005, de vinte e oito de agosto, foi concedido ao governador do Estado do Amazonas, Professor Doutor José Lindoso, o título de Membro Honorário da Academia.

No ano seguinte, aos trinta e um dias do mês de março, o Padre José Antonio Ferrer Benimelli foi agraciado com o mesmo título, em

Sessão Especial de Transmissão de Cargos de novo Presidente da entidade ao Acadêmico Humberto Figliuolo, em substituição ao Acadêmico Robério dos Santos Pereira Braga.

Esse foi o último registro das atividades da Academia Amazonense Maçônica de Letras, que teve uma vida efêmera depois da sua fundação.

A partir daquela data, trinta e um de março de mil novecentos e oitenta e um, as atividades da Academia deixaram de existir, ou pelo menos deixaram de ser registradas, entrando ela em vazio histórico que só veio ser extinto com o seu soerguimento, idealizado e promovido pelo Grão-Mestre Antonio José Souto Loureiro, do Grande Oriente do Brasil, Estado do Amazonas, no ano de 2004.

2 –Fênix

Conforme já foi dito, desde a assunção do acadêmico Humberto Figliuolo à presidência da Academia Amazonense Maçônica de Letras, os acadêmicos não se reuniram mais, ou não registraram mais suas reuniões. Embora existem registros de que Humberto Figliuolo tenha sido membro do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, e da Academia de Letras e Artes do Amazonas, e exercido os cargos de Secretário de Estado de Saúde, Presidente do Conselho de Entorpecentes, Presidente da Central de Medicamentos, Conselheiro, Tesoureiro e Presidente do Conselho Federal de Farmácia, e Subsecretário Municipal de Saúde em Manaus, talvez por isso mesmo não lhe tenha sobrado tempo para cuidar dos interesses da Academia Amazonense Maçônica de Letras. De igual modo, os demais fundadores do sodalício não tomaram nenhuma iniciativa para evitar a falência do projeto de Robério Braga, ficando ela adormecida ao longo de vinte e um anos.

No ano de 1995 o historiador Antonio José Souto Loureiro foi eleito Grão-Mestre do Grande Oriente da Amazônia Ocidental, da

constelação do Grande Oriente do Brasil, para mandato do quadriênio 1995-1999, sendo reeleito para mais um mandato, quadriênio de 2000-2003.

Não existem registros das razões que levaram Antonio Loureiro a planejar e realizar o soerguimento da Academia¹⁵. Entretanto, não deve ser esquecido que ele era, e é, reconhecido historiador, membro da Academia Amazonense de Letras e do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, com vários livros e artigos publicados, entre eles, Síntese da História do Amazonas (1968); Amazônia 10000 Anos (1982); A Gazeta do Purus (1981), com mais duas edições, no Acre; A Grande Crise (1986), considerada um clássico; O Amazonas na Época Imperial (1989) com mais uma segunda edição, também um clássico; Tempos de Esperança (1994); Dados para uma História do GOEAM (1999); História da Medicina e das Doenças no Amazonas (2004); O Brasil Acreano (2004); O Toque do Shofar (2003), o primeiro livro de assuntos Maçônicos gerais publicado no Amazonas, e História da Navegação no Amazonas (2007).

Razão disso, é admissível que ele, Antonio Loureiro, maçom, tenha tido notícia da existência de uma academia maçônica de letras em Manaus, fundada no ano de 1980, e sentido a possibilidade de usá-la como ferramenta para alavancar o conceito da Maçonaria no seio da sociedade amazonense, e principalmente para consolidar uma aproximação entre Grande Oriente do Brasil e Grande Loja Maçônica do Amazonas, em gestação desde ano de 2001. Reforçando essa possibilidade, pesa na balança das hipóteses o fato de Robério Braga, maçom sob a obediência do Grande Oriente do Brasil, fundador do sodalício maçônico, também pertencer à Academia Amazonense de Letras e ao Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas,

¹⁵ Entenda-se como soerguimento, neste contexto, a deliberação dos maçons Aristóteles Comte de Alencar filho, Antonio Braga Teixeira, Raimundo Colares Ribeiro, Ananias da Silva Barbosa, Jose Francisco Antas Cesário, Hailton Luiz Siqueira da Igreja, Ruy Alberto da Costa Lins, Joaquim Moacyr Sevalho Gama, José Barbosa de Souza filho, Arnaldo Felisberto Imbiriba da Rocha e Antonio José Souto Loureiro, reunidos na noite de 19 de abril de 2002, elegeram uma Diretoria Provisória constituindo o início do processo de soerguimento da Academia.

oportunizando informações e aliando interesses comuns entre os dois confrades.

Hipóteses à parte, foi ele, Antonio José Souto Loureiro, enquanto Grão-Mestre do Grande Oriente da Amazônia Ocidental, depois Grande Oriente do Estado do Amazonas, o grande idealizador e realizador do soerguimento da Academia, despertando-a do sono letárgico em que se encontrava. Na data histórica de 19 de abril de 2002, em reunião na sede do Grande Oriente local, estavam presentes, além de Loureiro, os Acadêmicos Fundadores Arlindo Augusto dos Santos Porto e Humberto Figliuolo, aos quais se juntaram os Mestres Maçons Aristóteles Comte de Alencar Filho, Antonio Braga Teixeira, Raimundo Colares Ribeiro, Ananias da Silva Barbosa, José Francisco Antas Cesário, Hailton Luiz Siqueira da Igreja, Ruy Alberto Costa Lins, Joaquim Moacyr Sevalho Gama, José Barbosa de Souza Filho e Arnaldo Felisberto Imbiriba da Rocha, quando Loureiro comentou sobre a necessidade de soerguer a Academia, o que poderia ser feito mediante eleição de uma diretoria provisória, proposta essa colocada em votação e prontamente aprovada à unanimidade dos votos daqueles maçons. Foram eleitos provisoriamente: Ananias da Silva Barbosa, Presidente; Arnaldo Felisberto Imbiriba da Rocha, Vice-Presidente; Hailton Luiz Siqueira da Igreja, 1º Secretário; Joaquim Moacyr Sevalho Gama, 2º Secretário; José Francisco Antas Cesário, Tesoureiro.

O processo de soerguimento continuou com a realização de assembleias ao longo de todo o ano de 2002 e seguintes, para escolha de Cadeiras, apresentação de trabalhos sobre Patronos, definição de calendários de atividades, entrega de diplomas e carteiras de identificação, e outras atividades administrativas e decisões necessárias à consolidação do soerguimento, entre elas a mudança de Patronos para as Cadeiras de Nº 06, 08, 32, 33, 36, 38 e 40, no ano de 2007.

O grande objetivo de Robério Braga, principal razão da fundação da Academia Amazonense Maçônica de Letras, foi alcançado no dia 20 de agosto de 2002, mediante assinatura do Tratado de Mútuo Reconhecimento e Fraternal Amizade entre a Grande Loja Maçônica do Amazonas e o Grande Oriente do Brasil, no ato representados pelo

Sereníssimo Grão-Mestre da GLOMAM, Ronaldo de Brito Leite, e seu Grão-Mestre Adjunto Renê Levi Aguiar; pelo Soberano Grão-Mestre Geral do GOB, Laelso Rodrigues, e Antonio José Souto Loureiro, Grão-Mestre do então Grande Oriente da Amazônia Ocidental.

TRATADO
DE MÚTUO RECONHECIMENTO
E FRATERNAL AMIZADE

RONALDO DE BRITO LEITE, Grão-Mestre da Grande Loja Maçônica do Amazonas – GLOMAM ouvida Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil e a Soberana Assembleia Geral da Grande Loja Maçônica do Amazonas - GLOMAM.

LAELSO RODRIGUES, Grão-Mestre Geral do Grande Oriente do Brasil – GOB, ouvido o Conselho Federal e a Suprema Congregação e

CONSIDERANDO que as Lojas de Ambas as Obediências mantêm estreito relacionamento participando de promoções conjuntas de caráter social filantrópico, assistencial, cultural e até mesmo atos ritualísticos;

CONSIDERANDO que as Lojas de ambas as obediências se auxiliam-se mutuamente inclusive cedendo seus Templos para trabalho de Lojas coirmãs da outra Obediência;

RESOLVEM:

1º. DECLARAR o mútuo e recíproco reconhecimento como Potências Maçônicas regulares, legais, legítimas e independentes, no âmbito de suas respectivas jurisdições.

2º. ESCLARECER que o reconhecimento, declarado no item anterior, se faz mantida a soberania da jurisdição de cada uma das Obediências sobre as suas Lojas jurisdicionadas, tanto as existentes quanto as que vierem a se constituir.

3º. GARANTIR que são mantidos inalienáveis os direitos e deveres vigentes de cada Obediência, Loja e Maçom.

4º. ESTABELECER que, inobstante o reconhecimento declarado no Item 1º os Maçons da jurisdição somente poderão pertencer como membros efetivos e regulares a Loja de uma única Obediência, na forma da respectiva Constituição, Regulamento e Legislação Maçônica vigente.

5º. DETERMINAR que os Maçons detentores de "Quite Placets" de uma das Obediências e portadores de documentação válida, emitida pela Obediência de origem, podem ser admitidos a Loja de outra Obediência, observada a Legislação vigente em cada uma delas.

6º. PROIBIR que o Maçom expulso ou punido por uma das Obediências possa ser regularizado ou recebido na outra.

7º. REITERAR o conceito de Carta Constitutiva que, autoriza o funcionamento de uma Loja ser documento privativo da Obediência, não ser admitido sem prévia autorização da respectiva Obediência, a absorção de Loja desligada.

8º. CERTIFICAR que cada uma das Obediências manterá a outra informada sobre os seus processos de Iniciação, Filiação, Regularização e Perda dos Direitos Maçônicos.

9º. PROIBIR que o Candidato à Iniciação, uma vez, inscrito no Livro Negro de uma das Obediências, seja recebido pela outra, dentro do prazo estabelecido em suas normas legais.

10º. FICA estabelecido que ambas as Obediências elaborarão em conjunto uma regulamentação de procedimentos de caráter operacional e administrativo, respeitada a Legislação Maçônica de cada uma.

11º. ESTE TRATADO entra em vigor na data de sua assinatura.

Ficam designados o Sapiientíssimo Grão-Mestre Adjunto como Grande Representante da GLOMAM junto ao GOB e o Sereníssimo Grão-Mestre Estadual do Amazonas como Grande Representante do GOB junto a GLOMAM, para garantia da execução e cumprimento deste tratado firmado pelos Grão-Mestres das duas Potências.

Dado e Traçado no Oriente Manaus, Estado do Amazonas, Brasil, aos 5 dias do mês de agosto de 2002 (E.: V.).

Na ocasião, Grão-Mestre Antonio José Souto Loureiro pronunciou discurso histórico, aqui reproduzido.

A UNIDADE

No dia 9 de maio de 2001, há pouco mais de um ano, firmamos a nível local, com a orientação e autorização delegada pelo Grão-Mestre Geral Francisco Murilo Pinto e a concordância do nosso atual Soberano Grão-Mestre Laelso Rodrigues, para que não houvesse atrasos, o tratado de Fraternal e Mútua Amizade entre o Grande Oriente do Estado do Amazonas, federado ao Grande Oriente do Brasil, e a Grande Loja Maçônica do Amazonas, destinado a corrigir,

em uma primeira fase, qualquer diferença ou divergência por ventura existente entre as nossas potências, no âmbito do Estado do Amazonas, preparando o caminho para o tratado definitivo.

E tudo transcorreu dentro do esperado, sem manifestações negativas, estabelecendo-se uma perfeita paz maçônica. Foi uma magnífica realização a demonstrar a maturidade das nossas instituições, a possibilidade de uma convivência pacífica, de uma confiança mútua e de uma convergência de interesses, que trouxeram uma nova era de progresso e de crescimento para a Maçonaria Amazonense, com esta ação, em que juntos, obreiros do Grande Oriente do Estado do Amazonas e da Grande Loja Maçônica do Amazonas, estão conseguindo reativar a Academia Amazonense Maçônica de Letras, parada há vinte anos.

Hoje estivemos reunidos para a assinatura do Tratado de Reconhecimento Mútuo, atribuição exclusiva do nosso soberano, com as obrigações, deveres e vantagens a ele inerentes, um tratado definitivo, que daqui pra frente substituirá o de 9 de maio do ano passado.

Espero que aqui estejamos dando um novo passo, rumo à futura unidade da Maçonaria Brasileira, que precisa voltar a pensar nesta possibilidade, agora que as vontades foram arrefecidas e a inércia busca nos recolocar nas antigas e ultrapassadas posições, quando deveríamos ter avançado mais.

Não podemos usar da armadilha do voto de potência independente subjugar outra estrutura.

As Grandes Lojas devem pensar em uma unificação para isso? Ou os Orientes Estaduais em uma pulverização?

Contudo eu ousou dizer que as nossas boas intenções estão flutuando, nas salas dos passos perdidos das oficinas dos graus superiores, pois até hoje continuam sem aproximação as potências do rito Escocês, o verdadeiro ponto do conflito inicial, embora o mesmo ocorra com os demais ritos existentes: Brasileiro, Moderno, Adonhiramita, York e Schoroeder.

É nesse ponto que devemos atuar, lembrando o velho princípio de Hermes, nós que também estamos presentes nas oficinas desses graus, nós do Povo Maçônico que desejamos o retorno da uma unidade quebrada em outros tempos, em uma época em que nem tínhamos nascido, pela Soberba de uns poucos.

Que este trabalho, pela unidade dentro do triângulo, comece a se irradiar daqui, a partir de hoje.

Manaus, 5 de agosto de 2002.

SEGUNDA PARTE
BIOGRAFIA DE PATRONOS
E
ACADÊMICOS

CADEIRA Nº 1

PATRONO: ADRIANO A. DE ARAUJO JORGE

(1879-1948)

**Adriano Augusto de A.
Jorge**

**Fonte: Acervo da Câmara
Municipal de Manaus**



Adriano Augusto de Araújo Jorge nasceu em 20 de agosto de 1879. Filho do professor Adriano Jorge e de Dona Aristéa de Araújo Jorge, era natural de Alagoas. Formou-se em medicina na Faculdade da Bahia. Foi professor primário no colégio de propriedade de seu pai, em Maceió. Após se tornar médico, dirigiu-se para o Amazonas, onde se dedicou ao exercício da medicina, do magistério, da imprensa (sob o pseudônimo de Pam Gloss e Ruy Blass) e da política. Foi casado com Laura Tapajós de Araújo Jorge. Na área da saúde, ficou conhecido como o mé-

dico dos pobres. Em seu consultório, localizado na Avenida Eduardo

Ribeiro, atendia gratuitamente a muitas pessoas. Foi um dos fundadores da Academia Amazonense de Letras (Sociedade de Homens de Letras), tornando-se o primeiro presidente em janeiro de 1918. No campo político, Adriano Jorge foi candidato ao Congresso estadual para o período de 1910-1913, juntamente com Péricles Moraes, ambos com o apoio dos oficiais da marinha mercante. Durante o mandato de deputado estadual, foi autor do projeto de lei responsável pela revogação, em 1917, do acordo firmado entre os estados de Mato Grosso e Amazonas quanto aos limites estaduais. Em 1918, foi candidato a vereador. Após o fim do governo Vargas, as Câmaras Municipais voltaram a funcionar. Adriano Jorge foi eleito vereador pelo Partido Social Democrático (PSD) para compor a Legislatura de 1947 a 1952, tornando-se o primeiro Presidente da Câmara Municipal de Manaus naqueles novos tempos. Seu mandato foi interrompido com sua morte em novembro de 1948. Em 1975, o plenário da Câmara Municipal de Manaus passou a ser chamado Adriano Jorge, por iniciativa do então vereador Fábio Lucena. O antigo bairro Vila Municipal teve seu nome mudado para Adrianópolis, em uma justa homenagem ao grande médico, professor e parlamentar.

Segundo Nogueira (2008)¹⁶, Adriano Jorge publicou vários artigos entre os anos de 1909 e 1947. Em suas crônicas, divulgadas pelo jornal Tribuna do Caixeiro, a partir de 14 de fevereiro de 1909, tratou de assuntos diversos, entre eles o Carnaval, a Morte de Caturro Mendes, a Constituição de 1981, a Política Internacional, a Conferência de Virgílio Barbosa sobre a Constituição de 1891, a Assembleia Literária de Manaus, o Tratamento de um Alcoólatra, a conferência de Benjamim Lima na Associação dos Empregados do Comércio, a Política do Barão do Rio Branco, a Entronização do Cristo Crucificado no Tribunal do Juri, a conferência de Carlos Eugênio Chauvin sobre a Borracha e o Caucho, o 13 de Maio, todos sempre em estilo inconfundível.

Continua o autor do Memorial da Academia:

¹⁶NOGUEIRA, José Maria - Academia Amazonense Maçônica de Letras – Memorial – Imprensa Oficial do Estado do Amazonas, 2008, p. 25-28.

Prefaciou o livro “A simplificação e a Unificação da Ortografia Portuguesa – Glosas”, de Francisco Luís Pereira, editado pela Livraria Universal, em Manaus, em 1913, e um Estudo Sobre o Municipalismo, de Plínio Coelho.

Autor da tese A Preposição – Sua Função Histórica, com a qual se apresentou para o Ginásio Amazonense, publicada por Lino Aguiar & Cia., em 1910; da conferência A Luz, proferida no Ideal clube a 24 de novembro de 1906; do trabalho o Substrato Físico-Químico da Vida.

No episódio de 1910, que culminou com o bombardeio de Manaus e a deposição do governador (Antonio Clemente Ribeiro) Bittencourt, ficou do lado desse último, tomando parte das lutas de rua, comandando um destacamento. Foi deputado estadual, proferindo na Assembleia Legislativa, em 1917, um discurso registrando o falecimento de Oswaldo Cruz; foi criador da Lei que tornou de utilidade pública o Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, tornando-o também um órgão consultivo do Governo. Também exerceu a vereança, eleito para o período de 1947-1950, não completado pela ocorrência da sua morte.

Fundador da Academia Amazonense de Letras e seu primeiro Presidente desde a sua fundação até a sua morte, a 3 de novembro de 1948, ocupou a Cadeira N° 01, cujo Patrono é Euclides da Cunha. Dada a sua importância para o Silogeu, 1968 foi criada uma Cadeira em seu nome, a de n° 06.

O seu falecimento ocorreu em sua casa, em Adrianópolis, sendo levado para a igreja de Nossa Senhora de Nazaré, para uma missa de corpo presente, presentes o bispo de Hebron Dom Pedro Massa, o bispo de Manaus em exercício, monsenhor Manoel Monteiro, e o padre Stélio Dalison.

O cortejo fúnebre passou pela Prefeitura Municipal, onde foi homenageado pelo vereador-presidente Sérgio Pessoa Neto, pela sede do Partido Social Democrático, e pela

Academia Amazonense de Letras, de que foi presidente por trinta anos, seguindo para o Cemitério São João Batista, onde foi enterrado.

OCUPANTE Nº 01 - ARISTÓTELES C. DE A. FILHO

Fotografia copiada do Portal
Eletrônico da Academia
Amazonense de Letras



Aristóteles Comte de Alencar Filho foi um dos Soerguedores da Academia Amazonense Maçônica de Letras no dia 19 de abril de 2004. Seu nome consta da Ata da memorável reunião de maçons ocorrida naquela data.

É filho de Aristóteles Comte de Alencar e Rosa Branca de Lima Alencar. Nascido em Manaus no dia 10 de abril de 1955, formou-se em 1978 na Faculdade de Medicina da Universidade do Amazonas (UA), hoje Universidade Federal do Amazonas (UFAM)¹⁷.

Médico cardiologista da Polícia Militar do Amazonas, presta relevantes serviços à sociedade manauara na área da medicina e segurança pública.

Foi conselheiro do Conselho Regional de Medicina do Estado do Amazonas; ex-presidente da Sociedade Amazonense de

¹⁷ Fonte: https://www.pm.am.gov.br/portal/noticia/cardiologista_e_coronel_d-9820 (acesso em 07/12/2023).

Cardiologia; ex-presidente da Associação Médica do Amazonas; ex-presidente da Associação Brasileira das PMs e BMs do Brasil, e ex-presidente da Academia Nacional de Saúde das PMs e BMs do Brasil.

Também foi coordenador do Programa Estadual de Controle do Tabagismo na Fundação Centro de Controle de Oncologia do Estado do Amazonas (FCECOM). Atualmente é membro da Academia Amazonense de Medicina e presidente da Academia Amazonense de Letras, ocupante da cadeira nº 39¹⁸.

¹⁸ Fonte: <https://academiaamazonensedeletras.com/presidente/> acessado em 07/12/2023.

CADEIRA Nº 2

PATRONO: AGNELLO BITTENCOURT

Agnello Bittencourt
Acervo do IGHA



O atual ocupante da Cadeira Nº 02, Abrahim Sena Baze, apresentou a biografia do seu patrono, Agnello Bittencourt, citando como fonte de suas pesquisas a Revista do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, Volume IX, Nº 1, ano 1997. p. 12-21.

Baze reproduz o que a revista diz:

“O professor Agnello Bittencourt nasceu no Estado do Amazonas, em 14 de dezembro de 1876. Foi seu genitor o Coronel Antônio Clemente

Ribeiro Bittencourt, do qual recebeu elevadas virtudes e que haveria de transmitir aos seus sucessores.

Na sua infância aprendera a ser discreto e reservado nos seus pensamentos, preferindo ouvir as manifestações das pessoas mais idosas, para não infringir a regra dos bons tons e das boas maneiras,

que era bastante observada no seu tempo de criança e de adolescência.

As lições que lhe foram ministradas durante o ensino das primeiras letras, ditavam normas de comportamento exemplar, mostrando aos estudantes como deveriam portar-se diante dos pais e dos professores, bem como no recesso do lar, nas comemorações festivas e nas caminhadas pelas ruas da cidade. Era a época em que o convencionalismo se articulava em preceitos necessários e indispensáveis ao respeito entre todos os que compunham a sociedade. Era a época em que anedotas picantes entre todos os que compunham a sociedade não se faziam ouvir pelos mais jovens e a compostura se apresentava obediente ao verdadeiro código moral, que ninguém procurava violar, para perder a sua autoridade.

Pertenceu a uma geração que se envolveu na campanha pela abolição da escravatura e tivera ele, na figura exponencial de seu tio Francisco Públio Ribeiro Bittencourt, um dos mais devotados e fervorosos defensores do negro escravo no Amazonas. Envolvera-se igualmente, a sua geração no processo republicano brasileiro, bem como, nos procedimentos de organização e consolidação do regime implantado em 1889.

Segundo seu filho Ulisses Bittencourt, ”

[...] soube superar as transformações sociais que se verificaram durante a sua longa e profícua existência, impondo-se sempre pela sua altiva conduta, herdada do seu velho pai, transferindo essa conduta a todos os seus filhos.

Não tardaria muito a sua ação na instalação do Asilo de Mendicidade Doutor Thomas, cientista inglês que vivera anos seguidos em Manaus, desejando ser sepultado nesta cidade no que foi atendido. No depoimento do seu filho, Ulisses Bittencourt dá o testemunho do prazer do seu convívio em família, da sua gentileza e do trato constante e sobretudo, da tranquilidade que amparava o seu espírito. Não era neurastênico, nem nervoso. Recebia os filhos e os amigos com afeto invulgar, convidando-o sempre para um guaraná ou

para o almoço. Aos menos abastados que o visitavam não deixava de fazer caridade, discretamente, mesmo quando a sua reserva financeira estava no fim.

Casando-se por duas vezes, teve, em ambos os matrimônios, a felicidade de ligar o seu coração, que se chamaram Terulina de Melo Bittencourt e Zulmira Uchôa Bittencourt, os três, agora, na ambiência bendita do azul celestial.

Na administração municipal

Embora não fosse político, pois o ensino seria o motivo maior do seu intenso labor exercera o cargo de Superintendente Municipal de Manaus, por pouco tempo e disso ele bem o sabia, pois achar-se acima dos preconceitos da amizade e deferência que o ligavam as administrações anteriores a sua gestão, tendo antes de tudo, a responsabilidade da função com que lhe distinguira o Governo do Estado.

Nomeado que fora, pelo Desembargador Antônio Gonçalves Pereira de Sá Peixoto, para a Chefia do Executivo Manauara, tomou posse em 20 de agosto de 1909, deixando esse cargo em 12 de julho de 1910, por motivo de doença e viagem ao velho continente.

Seria um admirador dos bens públicos municipais, gerindo-os com a sua costumeira honestidade e os mais sadios propósitos na solução dos problemas que se acumulavam na cidade na primeira década do século atual.

Por isso mesmo, preocupava-se com o aterro da avenida 13 de maio, a avenida Getúlio Vargas de hoje, cuja, obra era exigida em benefício da salubridade e do embelezamento de Manaus, reclamada com urgência, para a extinção dos grandes focos de infecção palustre que ali existiam.

A assistência à pobreza não lhe fora alheia, tanto assim que a tornara em ponto vital de sua administração. Propugnara pelo recolhimento dos mendigos a um estabelecimento específico onde fossem tratados carinhosamente e com o

devido conforto a fim de que a cidade não ficasse exposta ao triste quadro de pedintes estendendo a mão à piedade cristã.

O administrador não se desvincula do professor. Tanto é verdade que, como Superintendente idealizara e concretizara a criação de uma Escola de Comércio, nada obstante as lisonjeiras condições financeiras do erário municipal. Sabia, porém, que a implantação de um centro de educação profissional teria caráter produtivo, proporcionando reais vantagens à juventude estudiosa, pois o comércio, como bem diria era a alavanca mais poderosa do progresso. Sabia que o futuro do Amazonas dependia do cuidado e do método com que eram feitas as transações dos seus produtos, como da maneira de assegurar os seus capitais em desenvolvimento.

Procurava com o seu idealismo, através de uma educação profissional, orientar o processo de permuta, para o melhor êxito dos respectivos mercados. A sua aspiração tomara corpo e vida com a Lei N.º 528 de 26 de novembro de 1909, que permitiu a fundação, em 26 de fevereiro de 1910, da Escola Municipal do Comércio, que recebeu o nome de Solon de Lucena, digno Governador do Estado da Paraíba, que atendera com toda solidariedade aos pedidos de socorro indispensável a minorar os sofrimentos das populações apavoradas com as enchentes do Rio Amazonas e seus tributários no ano de 1909.

No ano seguinte 1910, fora distinguido como Superintendente, para participar do Congresso Comercial, Industrial e Agrícola, que a Associação Comercial do Amazonas realizara pela primeira vez na cidade de Manaus. E não se furtara ao amável convite, por saber que compareceria a um conclave onde o conagraçamento de todas as forças produziria impulsos expansivos e uteis à conquista comercial, industrial e agrícola do Amazonas.

Na sua administração a capital amazonense, passou por notáveis melhoramentos: duplicação das linhas de bondes,

substituição do material elétrico do novo serviço de canalização de água, lançamento da rede esgotos, calçamento de ruas, bem como a construção de número de edificações particulares. Em pouco tempo, fez muito pela cidade que lhe serviu de berço.

Nas letras e nas ciências

Pertenceu à Academia Amazonense de Letras, ocupando a cadeira, cujo patrono é Gonçalves Dias, ao lado de outros grandes vultos, tais como Adriano Augusto de Araújo Jorge, Alfredo Augusto da Matta, André Vidal de Araújo, João Leda, Huascar de Figueiredo, Péricles de Moraes e tantos outros do mesmo e maravilhoso quilate, que estão na presença mais próxima e na companhia mais aconchegada do Criador.

Estava permanentemente vinculado a esse sodalício, pois jamais deixou de lhe dar conta de suas manifestações de inteligência, mesmo em sua idade, quase centenária, emprestando a esse centro de cultura, a beleza de sua intelectualidade, a nobreza de seus conhecimentos e a capacidade de sua prodigiosa memória.

A 25 de março de 1917, juntamente com Bernardo de Azevedo da Silva Ramos, Henrique de Souza Rubim, Vivaldo Palma Lima, Antônio Clemente Ribeiro Bittencourt e Manoel de Miranda Simões, fundava o Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas. Foi o último sobrevivente dessa falange magnífica de espíritos dedicados à desenvoltura dos estudos e da cultura universal.

Inicialmente como Secretário e depois como Presidente dessa entidade, soube promover um carinhoso trabalho de organização e progresso de todos os setores de atividade do silogeu, permitindo a continuidade de sua missão frente às gerações que sucedem. A sua presença nesse instituto refletia-se constantemente, a princípio com os seus trabalhos,

sobre geografia e história, nas sessões que se realizavam e depois de sua transferência para o Rio de Janeiro, através de suas mensagens de apreço e de solidariedade, todas elas expressando o seu devotado entusiasmo e a sua permanente euforia pela constância com que a casa de memória continua a perseguir um dos seus grandes objetivos, o de promover o desenvolvimento e a difusão da cultura amazonense.

Integrou, também, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a Sociedade Brasileira de Geografia, o Instituto e Geográfico da Bahia, o Instituto Histórico e Geográfico do Pará, o Instituto Arqueológico e Geográfico de Alagoas, o Instituto Histórico e Geográfico do Ceará, a Academia de Letras do Acre e a Federação das Academias de Letras do Brasil.

Teve presença distinta em Congressos Nacionais de Geografia, na Comissão Censitária Nacional e em reuniões nacionais de educação – quer esses eventos se realizassem na então capital do país ou em diversas unidades da Federação Brasileira.

Em 1920, e em 1940, exerceu o cargo de Delegado dos respectivos Recenseamentos, no Amazonas, desempenhando-o com relevante e patriótico civismo.

Dentre as obras que escrevera, destaca-se a sua Corografia do Amazonas, que mais tarde, atualizada, encontra-se inédita.

Deixou, nas letras e nas ciências, uma série de válidos e proveitosos conhecimentos todos eles embasados numa filosofia de carinho humano.

No magistério

Agnello Bittencourt fora um eterno professor.

Os depoimentos do Padre Raimundo Nonato Pinheiro, dos escritores Genesino Braga, Waldemar Batista de Sales,

João Mendonça de Souza, Ildfonso Pinheiro, João Nogueira da Mata e dos professores Mario Ypiranga Monteiro e Arthur César Ferreira Reis, comprovam a assertiva.

Inolvidáveis ficarão os serviços excepcionais que desenvolveu no setor da instrução pública, onde se iniciou como professor primário em escola interiorana, por vontade própria, ainda em plena juventude. Já diplomado pelo Instituto Nacional Superior, em 1895, havendo antes feito o seu curso elementar no Colégio 13 de Maio, sob a orientação do Professor Alexandre dos Reis Rayol, um dos mais conceituados educadores de sua época, para, depois exercer o magistério secundário em vários estabelecimentos de ensino da capital amazonense.

Consagrou-se por concurso, como catedrático da cadeira de Geografia Geral e Corografia do Brasil, no Ginásio Amazonense Pedro II, de onde saíra aposentado, como prêmio a sua dedicação e ao seu esforço a prol de uma causa tão nobre e tão sublime.

Dirigiu o Grupo Escola Silvério Nery, o Ginásio Amazonense e a Escola Normal, tendo sido, também, Inspetor do Ensino em Manaus.

Exerceu o cargo de Diretor Geral da Instrução Pública, onde deixou bem marcado o seu trabalho e o seu empenho a favor do ensino no Amazonas, nomeado que fora, em 1924, pelo interventor Federal Doutor Alfredo Sá, eminente político mineiro que soube disciplinar a situação sócio-político-econômica do estado, após a revolução chefiada pelo então Tenente Alfredo Augusto Ribeiro Júnior, em 1924, deixando esse mesmo cargo em 1930, quando a 12 de agosto desse ano, ardorosos ginasianos revoltaram-se em seu estabelecimento de ensino e um dos seus filhos se tornara vítima das medidas e violências policiais, que se não coadunavam com os princípios e os sistemas de um novo período da vida brasileira.

Realmente, novos processos já se apresentavam à sociedade e os ginasianos de 1930 a eles se agrupavam no entusiasmo de jovens que aspiravam pela grandeza nacional e tinham confiança na substituição dos modelos antiquados e inoperantes para o fulcro da evolução nacional.

Ao lado de outro grande mestre, Plácido Serrano Pinto de Andrade, soube repelir com a necessária coragem, as ações violentas praticadas contra esperançosos estudantes que no seu idealismo, punham-se à disposição da vanguarda política que criaria, como de fato criou, uma nova etapa na história brasileira.

Ministrou, por concurso, na Escola Municipal de Comércio Solon de Lucena, elogiáveis aulas na cadeira de Geografia Econômica e História das Industrias e Comércio, honrando-a e fazendo lembrar seu nome por inúmeros jovens diplomados por essa igualmente tradicional casa de ensino.

Era membro da Sociedade Amazonense de Professores. E seu presidente de honra. Em 1946, recordara o seu cinquenta anos de atividades magisteriais, aproveitando a oportunidade para protestar contra a anulação das acumulações remuneradas, em resultado do que o ensino no país sofrera a degola de notáveis professores, homenageado nessa mesma ocasião os saudosos mestre Carlos Pinho, João Machado de Aguiar, Francisco Antônio Monteiro de Souza, Plácido Serrano Pinto de Andrade, Goetz de Carvalho, Eugênio Belmont, Geraldo Amorim, Coriolano Durand, Carlos Salvador de Oliveira, Eliodoro Balbi, Francisco Ferraz, Cônego Israel Freire da Silva, Rodrigo Costa, Raimundo Filgueira, Abner Amaral, Araújo Lima, a cujas memórias se curvava reverente e agradecido.

Lembram-se os seus alunos das aulas maravilhosamente explicativas, eficientemente ministradas, metodicamente esclarecidas e excelentemente compreendidas. Nas lições teóricas ou nas lições práticas que ensinava, estava sempre o

seu saber de mestre insigne e paciente, porquanto simultaneamente, explanava a verdade dos acontecimentos que a todos transmitia com perfeição e carinho, bem como revelava a sua tolerância diante das inquietações dos discentes, sempre ele próprio a dissipá-las com amor e generosidade.

Agnello Bittencourt foi um mestre na pátria brasileira.

Sua história maçônica

Em 1872, um grupo de moções residentes em Manaus, dentre eles alguns militares que haviam servido na Guerra do Paraguai, reuniu os seus pensamentos e os seus desejos e fundou a Grande Benemerita Loja Simbólica Esperança e Porvir N.º 1, de onde cinco anos após saíram novos Obreiros da Arte Real, com a incumbência de instalarem a Grande Benemerita Loja Simbólica Amazonas N.º 2, ambas animadas em 1884, na vitoriosa campanha a favor da libertação dos escravos, cujo feito memorável e histórico se processou no dia 10 de julho daquele mesmo ano, sob a aclamação de um povo ávido pela dignidade social de todos os brasileiros.

Nos últimos anos do século passado, a política parecia separar os corações e as ideias de homens que se não deixaram vencer pelas incompatibilidades e pelas malquerenças, porque envoltos numa corrente de harmonia e compreensão. Eis que surge, em 1894, a Grande Benemerita Loja Simbólica Conciliação Amazonense, reacendendo o fogo sagrado da união e da fraternidade, no sentido de que todos os fundadores, a frente o notável jurista Antônio Gonçalves Pereira de Sá Peixoto, bem como, os continuadores dessa obra, empregam os seus esforços e as suas luzes no papel grandioso da indagação da verdade, no estudo da moral e da prática da solidariedade.

Pois bem, foi nessa oficina maçônica que foi recebido o professor Agnello Bittencourt, iniciado pelo seu próprio genitor, o Coronel Antônio Clemente Ribeiro Bittencourt em

12 de agosto de 1899, alcançando na mesma data a respectiva plenitude de direitos e deveres perante a Instituição Maçônica, numa idade muito jovem é verdade, mas, possuindo necessário senso de responsabilidade para dar cabo aos compromissos que havia assumido com essa nova missão, ou seja, a de construtor social.

Decorriam os anos e a florava nas suas aspirações a grandeza da Ordem Maçônica, pela qual, com seus entendimentos melhormente aprimorados, empregou tudo de si, muitas vezes lutando contra as incoerências e as incompreensões de quantos, até mesmo por interesse político, se tornaram hostis à doutrina maçônica.

Venerável mestre por várias vezes, de diversas lojas desta capital, a sua figura se notabilizou imprimindo sempre aos seus companheiros o devido respeito e a devida disciplina. Sim, porque nascera e se criara e se educara numa geração em que era essencial equilíbrio das atitudes comprometidas.

Detentor do grau mais elevado da maçonaria, o respeitável maçom, a golpes de tenazes esforços, das mais gloriosas honrarias e dos títulos mais dignificantes, justos e merecidos. Onde quer que se agitasse um movimento em que a maçonaria levasse o seu grande prestígio, já a favor da Pátria, já a favor da humanidade, lá estava o eminente maçom, com as luzes de sua sabedoria, com a sua vontade férrea e a sua capacidade invulgar prestigiando desse modo, as grandes causas, na oportunidade dos envolvimento sociais.

Tornou-se Grande Benemérito da Maçonaria Amazônica, e Membro Emérito do Supremo Conselho do Grau 33 do Rito Escocês Antigo para a República Federativa do Brasil.

Não foi, porém, por acaso que alcançou essas benemérencias, porquanto a sua trajetória maçônica, em mais de

setenta anos, lhe autorizava, bem justificadamente, o recebimento dos maiores galardões.

Secretariou, em 1.º de agosto de 1915, a fundação do Dispensário Maçônico, entidade que ainda existe na assistência aos necessitados da capital amazonense. Dentre os maçons presentes naquela ocasião, destacava-se os Coronéis José Cardoso Ramalho Júnior e Pedro de Alcântara Freire, que muito trabalharam na política administrativa do Amazonas.

Em 1920, na qualidade de Grande Secretário do Grande Oriente Estadual do Amazonas, convicto de que a Maçonaria não regatearia o seu apoio patriótico ao Censo Democrático e Econômico que se verificaria no país, escrevia a todos os Veneráveis Mestres da Obediência, concitando-os a não faltarem, com o seu civismo, a cooperação pelo sucesso do grande empreendimento nacional.

Não era, então, apenas o Maçom que se fazia expressar em mensagem magnífica, era, igualmente, o professor de história e geografia conhecedor dos problemas brasileiros.

Também, no mesmo ano, em 27 de novembro, ocupando, ainda, aludido cargo, proclamava o papel relevante da Maçonaria diante do ensino, demonstrado como o fez em toda a sua existência, ser sempre um mestre.

Em agosto de 1930, ao solicitar exoneração do cargo de Diretor Geral da Instrução Pública, por não concordar com as violências policiais aos ardorosos ginasianos que acompanharam a campanha política de renovação dos costumes no país, dentre os quais se achava o seu filho Mário Bittencourt, recebeu a solidariedade e o conforto da Maçonaria, agradecendo depois, em comovida missiva, as palavras de apoio de carinho, que ouvira dos lábios de quantos o homenagearam, a propósito do seu afastamento voluntário daquele cargo, palavras que calaram no fundo de sua alma,

abrolhando em seus ânimos, cada vez mais vivos, os sentimentos de uma educação verdadeiramente maçônica.

Como Grão-Mestre Adjunto, em exercício, mostrava, no relatório de 1936, o seu permanente interesse pelo combate ao analfabetismo, numa ação vigorosa de criação e manutenção de escolas de ensino elementar, tanto em Manaus, como no interior do Amazonas.

Substituíra, em 1942, o Desembargador Hamilton Mourão, no Grão-Mestrado do Grande Oriente do Amazonas e Acre, permanecendo nesse cargo, até o ano de 1952, com a mesma fidalguia, a mesma sapiência, a mesma força e a mesma beleza dos seus ilustres antecessores.

Promulgou a Constituição Maçônica de 1º de janeiro de 1945, ostentando os títulos civis de Lente Catedrático do Colégio Estadual do Amazonas, membro da Academia Amazonense de letras e Membro do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas.

Tivera o ensejo de elaborar o tema “Idealismo Maçônico Universal”, que concorreu brilhantemente ao Segundo Congresso Maçônico das Potencias Simbólicas do Brasil, realizado na cidade de Salvador, capital do Estado da Bahia, em novembro de 1948.

Como um dos redatores responsáveis pelo Boletim Maçônico, que contava, dentre outros, com Francisco Frias de Carvalho, Virgílio Xavier de Souza, Gastão de Castro e Celino Menezes, deixou neste órgão de difusão a propaganda dos ideais da instituição, os mais brilhantes e sérios artigos de natureza diversa, política, ao relatar a revolução de 23 de julho de 1924, no Amazonas, pacifista; ao abordar a grandeza do pan-americanismo, educacional, expondo a influência do livro no aprendizado das inteligências patrióticas; ao estudar a evolução da nacionalidade, ideológica; ao combater os credos extremistas e maçônica; ao apreciar o

relacionamento da maçonaria nos processos de desenvolvimento da humanidade.

Repudiou a pena de morte. Pensador maçônico que o era, de fina estirpe, como José de Sales Cavalcante, como Giuseppe Pagani Vulcani, exprimiria o seu conceito sobre maçonaria, considerando-a como um organismo de trabalho no silêncio de seus templos, distantes dos tumultos e das paixões que ainda se acumulam na espécie humana.

Sempre propugnou pelo respeito à dignidade humana, traduzindo esse respeito no aperfeiçoamento de cada individualidade, no sentido de que cada qual, com sua iniciativa e o seu comportamento, melhor contribua e colabore com as melhores manifestações na Grande Obra, livre e soberana, de desenvolvimento político e social de todos os povos.

Antes de terminar o seu mandato de Grão-Mestre, passara a residir no Rio de Janeiro, ao lado generoso e feliz de seus mais íntimos familiares, recebendo, na magnitude do seu lar, a visita constante dos que o conheciam e admiravam, a todos acolhendo, e a todos relembrando a sua vivência no Amazonas.

Ainda aqui viera, podendo se reviver a sua estada, em 23 de novembro de 1953, para assistir a homenagem maçônica que se prestara ao saudoso Grão-Mestre Antônio Clemente Ribeiro Bittencourt, na data do centenário do seu nascimento, empolgando com as suas palavras de agradecimento fraternal.

Tinha o pendor da comunicação, pela palavra escrita ou oral, de uma forma ou de outra, sabendo transmitir e convencer com o máximo sucesso – transmitir as suas ideias e as suas lições, convencer com os seus argumentos e a sua vitalidade, prendendo atenção geral com uma linguagem primorosa, que exprimia em cada frase um ensinamento permanente.

A defesa da Amazônia

De certa feita, se projetou a criação do lago amazônico. Surgia, no mar de protesto, a voz da maçonaria através do irmão Agnello Bittencourt, diga-se de passagem, veemente e incisiva.

No caso de um represamento das águas do Amazonas, fato muito problemático, bastaria um mês para obter-se a alagação completa. O alagamento invadia todas as terras até então isentas do fenômeno.

Bastaria a permanência de um ano para que morresse todo o revestimento botânico estranhando a imersão de suas raízes e parte dos troncos.

Ao cabo de dez anos, as zonas vitimadas seriam assinaladas por equipes de árvores mais resistentes, como a piranhiera, a acariquara, a itaúba. Seria o aspecto da deslocação praticada por um suposto incêndio. E, 50 anos mais tarde, no local, apenas um baixio, nem mais um sinal sequer, ali, sob o lençol líquido, tivesse existido uma pujante vegetação, formando um grande igapó. Em consequência do inundaçãõ, viria a extinçãõ de inúmeras espécies ictiológicas.

Por toda parte onde floresceram vegetais, de terras sedimentares, a mesma desolação, restando intima superfície de um mar de água doce, lembrando um vastíssimo arquipélago de unidades grandes, como a ilha de Marajó e, de ilhotas, como a do Marapatá, mas, em geral, de menos de 200 metros acima do nível do mar.

Uma das consequências do vandálico represamento seria, na parte atingida, a asfixia de quase todas, ou a alagação parcial, de algumas cidades. Nada importante para os estrangeiros construtores da represa, os sacrifícios de ordem material e espiritual que elas encerram. É parte do materialismo que só vê o interesse e lucro. Mas o que não

vemos, é onde estão, em tal obra, esse interesse e esse lucro para Amazônia e para o Brasil.

Manaus e Santarém, destacadamente, seriam vítimas conforme já foi declarado pelo Instituto Hudson. Os sacrificadores das cidades bem sabem quanto elas encerram de gloriosas tradições e de tesouros de cultura nacional nos seus templos, nos museus, nas suas instituições científicas e literárias, como de cultural artística, todas consagradas.

O mar de água doce a que se referiu o sábio Agassiz, em 1865, seria deveras acrescido pelo represamento mais audacioso e desumano de todos os tempos.

Uma ameaça menos acintosa faria o levante total da mais rude taba africana. Ao instinto de conservação, tanto quanto a dignidade do civismo, não tem preceitos de consideração e de transigência: a defesa, custe o que custar, é atitude suprema de salvação.

Desta forma, mostramos a exponencialidade do Grão-Mestre, irmão Agnello Bittencourt, em sua bravura na defesa da Amazônia e do Brasil. Seu exemplo permanece até hoje.

Encontrava-se a Delegação da Grande Loja do Amazonas participando, na vibrante e progressista cidade de Campo Grande, no glorioso e vasto Estado do Mato Grosso, da IX Assembleia Geral da Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil, que debateria, como realmente debateu, a respeito da solução de inadiáveis e urgentes problemas de interesse nacional, relacionados, inclusive, com o comportamento e a vivência da juventude do país, quando, inesperadamente, chega o evento triste: morreu Agnello Bittencourt.

Era o dia 19 de julho de 1975.

Post mortem

Em homenagem à lembrança do inesquecível conterrâneo, a IX Assembleia Geral da Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil prestou-lhe, de imediato, à notícia do seu falecimento, um respeitoso minuto de silêncio, por proposta da Grande Loja do Estado de Goiás, com um voto de louvor póstumo a sua saudosa personalidade, cuja, fidelidade a Sublime Instituição Maçônica inspira imorredouro reconhecimento.

Intelectuais amazonenses, pela imprensa, reviveram a sua vida e a sua obra, em esplêndidas páginas de agradecimento a sua cultura.

A Grande Loja do Amazonas realizou, em sua memória, uma sessão de pompas fúnebres, a 19 de agosto de 1975.

O Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, a 22 de agosto de 1975, abria as suas portas, em luto, para homenagear o grande vulto, que manteve, até a morte, permanentemente no seu coração magnânimo e na sua inteligência privilegiada o nome da Casa de Bernardo Ramos, numa dedicação de extraordinário valor humano e de intensa vibração cultural. Por certo, em cada coração amazonense ficará uma grande saudade dedicada a quem soube cumprir a sua missão nesta vida, legando a todos os melhores exemplos, as melhores lições e as melhores nobrezas, que o elevarão a luz e a glória de Deus, bem como deixando um patrimônio precioso de esperanças em melhores dias para os destinos da humanidade, na certeza abençoado de que longe não está o amanhecer de uma nova estrela, radiante, a apontar os verdadeiros caminhos, cobertos de flores, conduzindo os homens às mais lucidas reflexões na compreensão de que o trabalho fraternal é a alavanca propulsora do reajustamento dos espíritos, da estima recíproca, da cordialidade manifestada por gestos e ações do impulsionamento econômico e político de todos os povos.

Agnello Bittencourt soube distinguir-se como mestre na grande obra de construção social, deixando seu nome bem gravado na memória dos homens do seu tempo e que passará à posteridade, pois que se exaltou diante de grandes e pequenos, conduzindo-os com superior educação, zeloso de sua conduta, respeitando os direitos alheios e compreendendo a coletividade, com tolerância e cortesia na convicção de que estas características são indispensáveis à segurança do equilíbrio social.

Primou pela garantia da justiça, pela confiança recíproca, pela deserção aos prazeres materiais e pela serenidade de sua formosa individualidade.

Foi na terra amazonense, onde nasceu, um dos filhos que se tornou querido pelo amor que a ela dedicou, pelo trabalho que nela empregou e pela confiança que nela soube depositar, mesmo nos momentos de crise, crendo no seu futuro progresso, junto a grandeza do surto desenvolvimentista nacional.

A sua figura passa à história como a de um herói que venceu todas as tertúlias pela sapiência e pela generosidade, agora na moldura de ouro fino, não para ofuscar os olhos e sim para iluminar a inteligência, na compreensão de que cada qual deve ser digno do gênero humano.

OCUPANTE Nº 01 - ULISSES BITTENCOURT¹⁹

¹⁹ Segundo a Ata de Fundação da Academia, de 01 de fevereiro de 1980, Ulisses Bittencourt foi indicado por Robério Braga para ocupar a Cadeira Nº 2, sob a justificativa de o Patrono da Cadeira, Agnello Bittencourt, ser pai do indicado. Ele seria o Ocupante Nº 01 da Cadeira Nº 2. Entretanto, nos arquivos

OCUPANTE Nº 02 - ABRAHIM SENA BAZE²⁰

Abrahim Sena Baze
Acervo da AAML



Abrahim Sena Baze foi admitido na Academia no dia 17 de maio de 2002, imediatamente depois do seu soerguimenabrahimto, e, no dia 16/08/2002, apresentou a biografia do seu Patrono.

Formado em História, é Diretor do Instituto Cultural da Fundação Rede Amazônica, um dos quatro escritores amazonenses que tiveram seus livros publicados no exterior, é Fundador e Diretor da Associação dos Escritores do Amazonas. É responsável pela organização de diversos museus no

estado do Amazonas entre eles: Museu Fernando Ferreira da Cruz (Beneficente Portuguesa), Museu Ivan Ferreira Valente (Luso Sporting Club), Museu da Rede Amazônica, do Memorial e Biblioteca Senador Bernardo Cabral e do Centro Cultural Luso Brasileiro do Amazonas.

Fruto do seu esforço como pesquisador, tem diversas obras publicadas. Entre elas “Luso Sporting Club – Memória da Sociedade Portuguesa no Amazonas”, “História da Rede Amazônica”, “Sociedade Portuguesa Beneficente do Amazonas”, “Ferreira de Castro – Um imigrante português na Amazônia”, “Samuel Benchimol – Ensaio

da Academia não existe nenhum documento comprovando que Ulisses tenha assumido essa Cadeira, assim como não existe nenhum documento que comprove sua passagem pelo Silogeu.

²⁰ Fonte: <https://anenet.com.br/abrahim-sena-baze/>, consultado em 12/12/2023.

Biográfico de um Educador e Empresário”, tendo publicado, até esta data, quarenta e sete livros, sendo dois em Portugal.

É graduado em História no Centro Universitário do Norte, e pós-graduado Lato Sensu em Educação a Distância pelo Centro Universitário UNISEB COC, em Ribeirão Preto São Paulo. Coursou Atualização em Introdução a Museologia e Museografia pela Escola Brasileira de Administração Pública da Fundação Tem merecido a atenção de entidades e instituições relacionadas com a cultura, valendo-lhe o reconhecimento, pelo seu trabalho: Medalha do Mérito Amigo da Marinha, SOAMAR (Amazonas), Medalha do Primeiro Centenário do Nascimento de Ferreira de Castro Oliveira de Azeméis (Portugal), Medalha do Mérito Cultural Rodolpho Valle (Câmara Municipal de Manaus), Medalha do Mérito Cultural da Assembleia Legislativa do Amazonas, Medalha de Ouro dos Grandes Galos (Atlético Rio Negro Clube), entre outros.

Pertence a várias entidades culturais entre elas: Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas (IGHA), Academia de História do Amazonas, Academia de Medicina do Amazonas, Academia Maçônica de Letras do Amazonas, Associação Nacional de Escritores (Brasília, Distrito Federal), Associação dos Escritores do Amazonas, Academia de Letras, Ciências e Artes do Amazonas (ALCEAR) e Academia Amazonense de Letras.

Em 21 de julho de 2010 foi eleito para Academia Amazonense de Letras na cadeira nº 13, de Estelita Tapajós, substituindo ao acadêmico Jauary Marinho, cuja posse ocorreu em 05 de agosto de 2010, tendo sido saudado pelo acadêmico Bernardo Cabral, na presidência à época do acadêmico José Braga.

Além de estudioso da Museologia, é jornalista, apresentador e documentarista de televisão, com diversos trabalhos produzidos em especial sobre temas amazônicos. É diretor do Museu da Rede Amazônica e do Memorial Senador Bernardo Cabral, no canal de televisão Amazon Sat é âncora dos programas “Literatura em Foco e Documentos da Amazônia.”

Na Maçonaria

É filho da “G. B. L. S. Rio Negro”, N° 4 da constelação da Grande Loja Maçônica do Amazonas, onde foi iniciado em 10/11/1973, passado ao Grau 2 em 01/03/1974 e elevado ao Grau 3 em 18/05/1974. Na Loja Rio Negro, foi condecorado com a “Medalha Júlio Prado” em razão dos 50 anos da sua Iniciação, e com a “Medalha Desembargador Sá Peixoto”.

CADEIRA Nº 3

PATRONO: ALFREDO AUGUSTO DA MATA²¹

(18/03/1870-03/03/1954)

Alfredo Augusto da Mata
Fonte: Google



Alfredo Augusto da Matta um médico e político brasileiro.

Filho do major Joaquim Francisco da Mata e Leopoldina Carolina da Mata.

Graduado em medicina pela Faculdade de Medicina da Bahia em dezembro de 1893, especialista em medicina tropical, profilática e dermatológica.

Foi eleito senador pelo Amazonas nas eleições gerais no Brasil em 1935, reeleito nas eleições estaduais no Amazonas em 1945.

²¹ Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Alfredo_Augusto_da_Mata (acesso 15/12/2023)

CARREIRA MÉDICA

Alfredo da Mata se formou na Faculdade de Medicina da Bahia em 1893 e se especializou em medicina tropical, profilática e dermatológica. Em 1894, trabalhou no Lloyd Brasileiro, estabilizando-se em Manaus (AM).

Foi diretor do Departamento de Saúde Pública do Estado do Amazonas no governo de Antônio Clemente Bittencourt (1908-1910), onde se dedicou, juntamente com João de Miranda Leão e de Wolferritan Thomas, no combate aos mosquitos que alastravam Manaus. Obtiveram sucesso após três meses de trabalho. A ação foi reconhecida e elogiada pelo sanitarista Osvaldo Cruz. Nesse mesmo ano, participou do Congresso de Assistência Pública durante a Exposição Nacional no Rio de Janeiro.

Como professor, lecionou na Universidade do Pará nos cursos de farmácia e agronomia.

Trabalhou também como tenente-coronel-cirurgião da Guarda Nacional, responsável pelo Laboratório e Análises, médico do Asilo de Misericórdia, diretor do Serviço de Higiene da Municipalidade de Manaus, do Serviço de Higiene do Estado do Amazonas e do Instituto Pasteur de Manaus. Descobriu a doença das seringueiras nomeada como “polilha” e seu agente causador, o microleóptero *Platipusmat-tai*, que recebeu o seu nome ao ser homenageado pelo entomologista argentino Juan Brites.

Foi vice-presidente honorário no Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia realizado em São Paulo. Participou do IV Congresso Médico Latino-Americano, do I Congresso Sul-Americano de Dermatologia e Vifiligrafia e dos VI e VII congressos brasileiros de Medicina, Cirurgia e Dermatologia.

Foi membro fundador da Sociedade de Medicina e Farmácia e da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Amazonas, da Sociedade Amazonense de Agricultura e do Círculo dos Auxiliares da Imprensa. Fez parte da Academia Nacional de Medicina, Academia Nacional de Ciências, Instituto Histórico e Geográfico do Amazonas (do qual foi

vice-presidente) e da Academia Amazonense de Letras. Foi sócio da Academia Nacional de Medicina do México, da Academia de Ciências Médicas, Físicas e Naturais, de Cuba, da Sociedade de Médicos de Ciudad Bolívar, na Venezuela, da Academia de Medicina de Porto Rico, da Academia de Medicina de Medellín, na Colômbia, da Academia de Medicina do Peru, da Sociedade Científica de Santiago, no Chile, da Sociedade de Medicina de Guaiquil, no Equador, do Instituto Médico da Bolívia, do Círculo Médico de Córdoba, na Argentina, da Sociedade de Patologia Exótica, de Paris, da Academia Internacional de Geografia Botânica, da França, da Academia Italiana de Ciências Físico-Químicas, da Sociedade de Medicina e Higiene Tropical, de Paris, da Academia de Higiene da Catalunha, na Espanha, e da Real Academia Hispano-Americana de Ciências e Artes de Cádiz, também na Espanha.

CARREIRA POLÍTICA

Alfredo da Mata foi deputado estadual entre 1916 e 1922. Após renunciar ao mandato, tornou-se presidente da Assembleia Legislativa da Amazonas (1919-1922). Em 1921, foi nomeado inspetor federal do Serviço Sanitário Rural, além de diretor do Serviço de Profilaxia da Lepra e Doenças Venéreas, no qual exerceu até 1930. Filiou-se ao Partido Socialista do Amazonas (PSA), após a Revolução de 1930, para concorrer às eleições para a Assembleia Nacional Constituinte. Em 1933, as forças tenentistas estabeleceram uma coligação entre o PSA e a União Cívica Amazonense, que mais tarde se desmontaria.

Alfredo foi um dos quatro candidatos eleitos no estado, e participou dos trabalhos constituintes. Seu mandato se prorrogou até maio de 1935. No mesmo período, foi eleito senador pela Assembleia Constituinte do Amazonas, no qual exerceu até 1937, quando as instituições legislativas foram extinguidas com o implantação do Estado Novo (1937-1945).

PUBLICAÇÕES

Colaborou para as revistas *Brasil Médico* e *Amazonas Médico*, além de ter contribuído com mais de duzentos artigos em outras

revistas nacionais e estrangeiras. Publicou inúmeros trabalhos científicos bem como Geografia e topografia médica de Manaus (1916); Flora Médica Brasileira; ABC da profilaxia do impaludismo; Tricocefalos e tricocefalose; Parasitose agrícola: larvas que inutilizaram o guaraná; Esterigmatitistropicalis: fungo patogênico para o homem; Entomologia agrícola; Os inimigos das seringueiras; Larvas de lepidópteros prejudiciais ao ananás, ao manacá e à figueira; O cancro no milho; O Brasil central, viagens e explorações; Insetos úteis e prejudiciais à lavoura; A

VIDA PESSOAL

Foi casado com Zulmira Martins de Meneses, com quem teve um filho e, mais tarde, com Maria Madalena Mavignier Oliveira da Mata, com quem teve quatro filhos.

As informações registradas no endereço eletrônico da Wikipédia, a Enciclopédia Livre, confirmam as informações registradas no Memorial de 2008. Aquelas, acrescentam que Alfredo da Mata foi sócio benfeitor e honorário da Santa Casa de Misericórdia de Manaus e da Sociedade Beneficente do Amazonas, professor do curso de Farmácia da Universidade Livre de Manaus, a primeira universidade brasileira; que foi fundador da Sociedade de Medicina e farmácia do Amazonas, da de Medicina e Cirurgia do Amazonas, da Sociedade de Agricultura, do Clube da Seringueira; que foi médico do Asilo de Mendicidade e Tenente-Coronel da Guarda Nacional, e dedicou-se, ainda, à Geografia e à Botânica.

OCUPANTE Nº 01 - ALMIR FARIAS RIVAS

Almir Farias Rivas foi um dos fundadores da Academia, em 01/02/2000, quando escolheu a Cadeira Nº 3, com Patronato de Alfredo Augusto da Mata. Embora a Ata de Fundação do Silogeu registre sua presença naquela reunião, o Acadêmico só recebeu seu Diploma no dia 20/08/2002.

Não existe nenhum outro registro de quaisquer atividades do acadêmico no silogeu, nem de sua presença em reuniões.

OCUPANTE Nº 02 - TAKEO SIOSAKI

Takeo Siosaki foi admitido acadêmico em 13/12/2008, tendo sido diplomado na mesma ocasião.

Fez curso primário no Grupo Escolar “Amador Bueno”, na cidade de Ipauçu, Estado de São Paulo, nos anos de 1946 a 1949. Com curso secundário no mesmo grupo Escolar, nos anos de 1956 e 1957, continuado nos anos de 1960 a 1962 no “Instituto de Educação Canadá”, na cidade de Santos, São Paulo. Curso Colegial no mesmo Instituto de Educação “Canadá”, nos anos de 1963 a 1965. Fez curso de habilitação na Faculdade de Medicina na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo no ano de 1969, ingressando na Faculdade de Medicina da Universidade do Amazonas, onde estudou entre

Acervo da AAML
Takeo Siosak



os anos de 1969 a 1974, graduando-se a 13 de dezembro daquele ano.

O médico Takeo Siosaki foi muito ativo na área da saúde no Estado do Amazonas. Sua vida profissional está declarada na sua autobiografia, organizada para sustentar seu ingresso na Academia Amazonense Maçônica de Letras, onde registra sua vasta experiência em administração hospitalar e especialização em oncologia. O Dr. Siosaki é reconhecido por sua dedicação e comprometimento com seus pacientes. Sua atuação na área da oncologia foi fundamental para o diagnóstico e tratamento de pacientes com câncer, oferecendo um atendimento humanizado e de qualidade. Fez Mestrado em Cirurgia Geral na UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Com sua expertise em administração hospitalar, o médico também contribuiu para a gestão eficiente de instituições de saúde, garantindo um atendimento de excelência aos pacientes.²² Foi Diretor Fundador do Hospital de Câncer em Manaus, hoje CECOM, nomeado pelo Secretário de Saúde do Estado do Amazonas, Dr. Carlos Borborema; Fundador do Posto de Saúde Dom Milton Corrêa Pereira, no Bairro de Santo Agostinho, através de mutirão da população local; na UFAM - Universidade Federal do Amazonas, exerceu Magistério Superior, inclusive como Coordenador do Curso de Medicina.

Na sua área profissional, escreveu obras técnicas relacionadas com a Piloroplastia e Traqueostomia, sob os auspícios da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Amazonas. Na área da Maçonaria, escreveu “Fundamentos Moral do Grau 32”, “Equidade e Justiça”, “Vaidades e Arrogâncias”, “Justiça e Retidão”, “Liberdade de Pensar”, “INRI”, “A Verdade como Ideal Maçônico” e “Sabedoria e Justiça”

VIDA MAÇÔNICA

²²

Fonte: https://www.consultacrm.com.br/index/medicos/uid-94eff74f-f5c5-11ec-9e74-0a4aa568c625/takeo_siosaki#google_vignette, acesso em 19/12/2023.

Iniciado na Maçonaria no dia 07/06/1975, na Loja “Unificação Maçônica”, de Obediência do Grande Oriente do Brasil. Chegou a Mestre Maçom no dia 09/02/1980, iniciando logo em seguida sua caminhada pelos altos graus do REAA concluindo com sua chegada ao mais alto grau do Rito no dia 26/11/1988.

Cronologicamente, exerceu cargos e desincumbiu-se de funções entre 1983 a 1985, de Primeiro Vigilante e de Venerável Mestre da Loja; de 1983/1987, Suplente de Deputado Estadual à Assembleia Legislativa do Grande Oriente da Amazônia Ocidental - GOAO; em 1984, eleito Cav.: Eloq.: do Sublime Capítulo Unificação Maçônica; 1984/1987, Grande Secretário de Administração do GOAL; em 1985, Grande Secretário da Assembleia Legislativa do GOAL; de 1986/1988, 2º Vigilante do Ilustre Conselho Filosófico de Kadosch Nº 24, jurisdição da Delegacia Litúrgica do Amazonas; de 1988/1989, membro do Conselho Estadual do GOAL; em 1989, Mestre Instalado; de 1988/1989, 1º Vigilante do Conselho Estadual do GOAL; em 1989, nomeado membro da Comissão de Construção do Palácio Maçônico do GOAO; em 1989, nomeado Presidente do Ilustre Conselho Filosófico de Kadosch Nº 24, da jurisdição da Delegacia Litúrgica do Amazonas; em 1990, Coordenador da Sagração do Templo da Câmara dos Graus Superiores em Manaus; em 1991, nomeado Delegado Litúrgico do Amazonas Provisório; em 1992, confirmado definitivamente Delegado Litúrgico do Amazonas; em 1992, representando o Supremo Conselho do Brasil, sagrou o Templo da Loja de Perfeição “João Crazeiro Costa”, em Rio Branco-AC; em 1993, representando o Supremo Conselho do Brasil, sagrou o Templo do Subl.: Cap.: R.: C.: “Lourival Valente Castanho”, em Rio Branco-AC; em 1996, nomeado para o alto cargo de Grande Secretário Geral de Educação e Cultura Adjunto do Grande Oriente do Brasil para a Região Norte; em 1996, nomeado para o alto cargo de Membro Efetivo do Supremo Conselho do Brasil do Grau 33 para o REAA; em 1997, nomeado para Comissão Alto Nível do Ritual do Grau 1 do REAA; em 1997, nomeado para representar o Soberano Grande Comendador do Supremo Conselho do Brasil na cerimônia do “4º SERMAÇOM” do Grande Oriente da Maçonaria em Vitória, no Estado do Espírito Santo; em 1997,

agraciado com o título de Benemérito Estadual da Ordem; em 1998, renomeado para ocupar o alto cargo de Grande Secretário de Educação e Cultura Adjunto, para a Região Norte; no ano de 2000, reconduzido ao cargo de Delegado Litúrgico do Amazonas; em 2001, nomeado para o cargo de Juiz do Tribunal de Justiça do GOEAM; em 2003, nomeado para cargo de Delegado Litúrgico Regional da Jurisdição Norte do Brasil; em 2006, foi reconduzido para o cargo de Delegado Litúrgico do Amazonas, Região Norte, até dezembro de 2008. Takeo é Membro Efetivo do Sacro Colégio do Supremo Conselho do Brasil do Grau 33, Para o Rito Escocês Antigo e Aceito, nomeado pelo Soberano Grande Comendador Cel. NEY Coelho Soares, do Supremo Conselho do Grau 33 para o REAA.

Em decorrência das suas atividades maçônicas, Takeo Sio-saki foi agraciado, em 1990, com a “Medalha de Reconhecimento Maçônico”; em 1993, com a “Medalha do Mérito Montezuma”, a mais alta condecoração do Supremo Conselho do Brasil do Grau 33 do REAA; em 1999, agraciado com a Medalha Comemorativa de “20 Anos do Grande Oriente do Estado do Amazonas”; em 2001, agraciado com a Medalha Comemorativa do Centenário da Loja Cayru Nº 762, do Rio de Janeiro.

CADEIRA Nº 4

PATRONO: ANDRÉ MENEZES JOBIM

As informações biográficas do Patrono da Cadeira Nº 4, André Menezes Jobim, foram compiladas do Memorial da Academia Amazonense de Letras, edição de 2008, p. 43. São elas:

André de Menezes Jobim nasceu no Estado das Alagoas, na cidade de Maceió, em 15 de janeiro de 1909, filho de Crisanto Jobim e Hercília de Menezes Jobim, ambos alagoanos. Foi funcionário público federal e revolucionário, em 1924, quando ocupou o cargo de Secretário Geral do Estado.

Escrevia para os jornais da época “A Tarde”, “Jornal do Comércio”, “O Jornal”, e “O Diário da Tarde”, como comentarista de fatos e dados históricos do Amazonas, na coluna chamada de Velhos Tempos. Foi ainda Tesoureiro do Instituto Geográfico Histórico do Amazonas, no governo de Arthur Reis, sendo por muito tempo redator do boletim da Instituição, sócio fundador do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Amazonas e diretor do Conselho Deliberativo da Santa Casa de Misericórdia. Foi maçom, porém não foi

possível, por falta de informações, localizar com precisão a Loja e a potência que pertenceu²³.

OCUPANTE Nº 01 - ANTONIO BRAGA TEI- XEIRA

A Ata do Soerguimento da Academia, de 19 de abril de 2002, registra a presença de Antonio Braga Teixeira na Reunião daquela data. No dia 20 de dezembro daquele mesmo ano foi conferido ao Acadêmico o Diploma de Membro Efetivo.

Existe uma informação cadastral de que o Acadêmico pertencia à Loja Rio Negro. Essa Loja é da jurisdição da GLOMAM, apesar de que na atualidade a Cadeira Nº 4 é do grupo de Mestres Maçons da jurisdição do GOB-AM.

Os arquivos da Academia não guardam registros ou documentos informativos sobre a vida de Antonio Braga Teixeira.

²³NOGUEIRA, José Maria – Memorial, p. 43 – Imprensa Oficial do Estado do Amazonas, 2008. E

OCUPANTE Nº 02 - EDSON GOMES DA SILVA²⁴

Edson Gomes da Silva
Acervo da AAML



Edson Gomes da Silva foi indicado por José Maria Nogueira, na Assembleia Geral de 05/08/2004, para a Academia Amazonense Maçônica de Letras, e aprovado por unanimidade. Pelo Ato Administrativo 01/2004, de 02/09/2004, foi agraciado com a Medalha da AAML. No dia 11/09/2004 ocorreu a solenidade de entrega da Medalha.

O Dr. Edson Gomes, viúvo, nasceu no dia 27 de março de 1947, em Codajás, Amazonas, filho de Dácio Gomes da Silva e Otaciliana

Mendes da Silva.

FORMAÇÃO ESCOLAR

Nível primário iniciado em 1956 e concluído em 1960, no Grupo Escolar Euclides da Cunha, em Manaus.

O nível ginásial foi iniciado no ano de 1961 e se estendeu até o ano de 1964, no Colégio Estadual do Amazonas “D. Pedro I”.

O ensino médio (Colegial) ocorreu no mesmo Colégio Estadual “D. Pedro I”, entre os anos de 1965 a 1967. No ano de 1968 prestou vestibular para a Faculdade de Medicina da Universidade do Amazonas, onde permaneceu até o ano de 1973, quando foi graduado. Sua pós-graduação durou dois anos, no período de cinco de janeiro de 1974 a 22 de novembro de 1975, em regime de tempo integral e

²⁴ Fonte: Autobiografia apresentada pelo Acadêmico Edson Gomes da Silva.

dedicação exclusiva no Departamento de Ortopedia e Traumatologia do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

ATIVIDADES PROFISSIONAIS

Médico ortopedista, exerceu sua profissão na condição de Chefe do Serviço de Ortopedia do Hospital Universitário Getúlio Vargas; Ortopedista do Instituto Nacional de Previdência Social; Chefe de Serviços de Ortopedia e Traumatologia do Hospital Getúlio Vargas, no período de 1978 a 1979; Superintendente Regional do INAMPS no Amazonas, no período de abril de 1985 até março de 1987; Coordenador do Programa de Residência de Ortopedia e Traumatologia do Hospital Universitário Getúlio Vargas, da Universidade do Amazonas (curso de Pós-Graduação), durante dez anos; Chefe do Serviço de Ortopedia do Hospital Getúlio Vargas, nomeado pela Portaria nº 00639/98, de 14 dez abril de 1998; membro da Banca Examinadora de Concurso, para obtenção do título de especialista, promovido pela Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia, na cidade de São Paulo.

CONCURSOS PRESTADO

Aprovado no concurso para Acadêmico Plantonista do Pronto Socorro do Hospital Getúlio Vargas, em 1971; aprovado em segundo lugar no concurso para bolsista do segundo ano de residência do Departamento de Ortopedia e Traumatologia do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo; aprovado em concurso para especialista, patrocinado pela Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia, com média de 8,5 (terceiro lugar no Brasil), realizado em fevereiro de 1976, na cidade de Belo Horizonte; aprovado em 1º lugar, com média de 8,2, no curso para ortopedista do INAMPS em Manaus, realizado em maio de 1976; aprovado em 1º lugar para ortopedista da Universidade do Amazonas.

CURSOS PARALELOS À ESPECIALIDADE

Curso Intensivo Técnico-Prático de cirurgia de mão, realizado na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, entre os dias

29/01/1974 e 01/02/1974; curso de doenças ósseas metabólicas, realizado no Departamento de Ortopedia e Traumatologia da Faculdade de Medicina, da Universidade de São Paulo, nos dias vinte e vinte e cinco de maio de 1974; curso de cirurgia da Paralisia Cerebral, realizado no Departamento de Ortopedia e Traumatologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, entre os dias vinte e vinte e quatro de maio de 1974; curso de reumatologia realizado no Departamento de Ortopedia de São Paulo, em entre os dias 16 e 20 de setembro de 1974; curso sobre “Aspectos Clínicos e Cirúrgicos em Reumatologia”, realizado no Departamento de Ortopedia e Traumatologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, no período de 18 a 22 de agosto de 1975; curso sobre patologia de joelho.

FILIAÇÃO E ASSOCIAÇÃO DE CLASSE

Sócio Fundador da Sociedade dos Ex-Residentes e Estagiários do Departamento de Ortopedia e Traumatologia da Universidade de São Paulo, fundada em 16/12/1975; Membro Titular, concursado, da Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia (SBOT).

NA MAÇONARIA

No simbolismo maçônico, Edson Gomes da Silva é membro da Loja Unificação Maçônica, do Grande Oriente do Brasil - Amazonas, desde seis de agosto de 1982, tendo ocupado o cargo de Vigilante, Orador (quatro mandados), Venerável (dois mandatos), Juiz do Tribunal Maçônico de Justiça e membro do Conselho Estadual da Ordem, além de participar de várias comissões administrativas da Loja. Nos graus filosóficos e administrativos, chegou ao grau 33 do REAA no dia 28/11/1992, em São Cristóvão, Rio de Janeiro; foi Presidente do Consistório, e é seu atual Orador.

TRABALHOS APRESENTADOS EM CONGRESSOS

“Tratamento e Complicações das Faturas Duplas da Tíbia”, apresentado o XX Congresso Brasileiro de Ortopedia e Traumatologia, no Rio de Janeiro, ano de 1975; “Estudo Comparativo entre o

Tratamento Conservador e Cirúrgico em 200 Fraturas Diafisárias do Úmero”, apresentado na XIV Jornada de Ortopedia e Traumatologia do Interior do Estado de São Paulo, cidade de Araraquara, em novembro de 1975; presidente da Mesa Redonda sobre Hallux Valgus, na III Jornada Norte Nordeste de Ortopedia e Traumatologia, em Manaus, no dia 06 de setembro de 1983.

CADEIRA Nº 5

PATRONO: ANTONIO MONTEIRO DE SOUZA

Antônio Monteiro de Sousa²⁵ nasceu em Manaus no dia 18 de fevereiro de 1872, filho de Plácida Monteiro. Teve como padrinho o engenheiro militar e político Leovigildo de Sousa Coelho, de quem adotou o sobrenome em reconhecimento à ajuda que recebeu após o pai ter abandonado o lar. Sousa Coelho foi senador pelo Amazonas e deputado estadual. Fez seus primeiros estudos na escola particular do professor Francisco Públio Bittencourt e no Colégio Marinho, e por volta de 1884 foi transferido como ouvinte para o Liceu Provincial Amazonense. Transferiu-se depois para o Rio de Janeiro, então capital do Império, e cursou a Faculdade de Odontologia. De volta ao Amazonas, foi escrivão de Obras Públicas do estado de 1890 a 1892. Desse ano até 1895, no governo de Eduardo Gonçalves Ribeiro (1892-1896), foi escriturário e oficial da Secretaria de Governo do Amazonas. Em 1895 tornou-se ente (*sic*) catedrático do Ginásio Amazonense. Foi diretor dessa instituição de 1897 a 1900, membro do Conselho de

²⁵ **FONTES:** ABRANCHES, J. *Governos*; BIB. VIRT. AM. Disponível em: http://www.bv.am.gov.br/portal/conteudo/serie_memoria/52_antonio.php. Acesso em: 17/11/2010, 19/11/2010); BITTENCOURT, A. *Dicionário*; CÂM. DEP. *Deputados brasileiros*; CASA CIVIL AM. Disponível em: http://www.casacivil.am.gov.br/programas_02.php?cod=2223>. Acesso em: 24/11/2010; SOUZA, T.; PAIS, L. *Elementos*; Worldstatesmen.org. Disponível em: http://www.worldstatesmen.org/Brazil_States.html>. Acesso em: 17/11/2010.

Instrução Pública de 1897 a 1898, e diretor geral da Instrução Pública de 1899 a 1900. De 1901 a 1902 foi redator do *Comércio do Amazonas*, e em 1905 reassumiu a direção geral da Instrução Pública.

Visitou diversas instituições literárias e científicas na Europa e nos Estados Unidos da América e em 1908 integrou, ao lado de Alfredo da Mata, Sá Peixoto, Alcides Bahia e de Agnelo Bittencourt, a Comissão Organizadora do Governo do Amazonas encarregada de celebrar o I Centenário da Abertura dos Portos Brasileiros às Nações Amigas. No mesmo ano representou o estado no II Congresso Nacional de Agricultura, apoiado pela Sociedade Nacional de Agricultura (SNA).

Em 1909, mesmo ano em que presidiu a Sociedade Amazonense de Agricultura, foi eleito deputado federal pelo Amazonas. Assumiu em maio sua cadeira na Câmara dos Deputados, no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, e passou a integrar a Comissão de Tomada de Contas. Posicionou-se contra o líder gaúcho Pinheiro Machado e protestou contra o bombardeio de Manaus pela Marinha, ocorrido no dia 8 de outubro de 1910, por ocasião da crise política amazonense que envolveu o governador do estado, Antônio Bittencourt, e a Assembleia Legislativa. Também em 1910 foi eleito primeiro vice-presidente da Federação Odontológica do Rio de Janeiro. Reeleito deputado federal em 1912 e 1915, permaneceu na Câmara até dezembro de 1917, quando se encerrou a legislatura.

Voltou a exercer mandato eletivo em 1924, quando foi novamente eleito deputado federal pelo Amazonas. Assumiu em maio sua cadeira na Câmara dos Deputados, mas no ano seguinte renunciou por ter sido eleito deputado estadual no Amazonas, com o apoio do então governador do estado Efigênio Ferreira Sales (1926-1929). Ao tomar posse foi eleito presidente da Assembleia Legislativa, e nessa condição exerceu interinamente, de março a dezembro de 1927, o governo do estado, durante o afastamento de Efigênio Sales. Em 1930 voltou a ser eleito deputado federal. Tomou posse em maio na Câmara dos Deputados, mas teve o mandato interrompido em outubro com a

vitória da revolução que levou Getúlio Vargas ao poder e extinguiu todos os órgãos legislativos do país.

De volta ao estado natal, retornou ao magistério, reassumindo a cadeira de matemática no Ginásio Amazonense, bem como nos colégios Dom Bosco e Maria Auxiliadora. No governo do interventor Álvaro Maia (1930-1931), foi nomeado secretário de Educação do estado. Em 1936 representou o governo do Amazonas em um congresso sobre educação e ensino em São Paulo. Foi também diretor da Escola Normal, hoje Instituto de Educação do Amazonas, e diretor-proprietário do *Diário do Amazonas*. Foi ainda catedrático de patologia terapêutica e higiene dentária do curso de odontologia da Faculdade de Medicina da Escola Universitária.

Faleceu no Rio de Janeiro no dia 1º de junho de 1936.

Foi casado em primeiras núpcias com Raimunda Ramos de Sousa. Ficou viúvo e casou-se com Herluína Gonçalves Ribeiro da Luz. Teve filhos nos dois casamentos.

Publicou no Rio de Janeiro *Aritmética do principiante*, que o levou a ser premiado com uma medalha de bronze na Exposição Nacional de 1908. Também publicou *Aritmética Elementar*, *Imprensa pública*, *A União e o ensino primário*, *O ensino universitário e Educação nacional*.

O Memorial (Nogueira, 2008) acrescenta outras informações sobre Antonio Monteiro de Souza²⁶: foi professor de Matemática Elementar no colégio Jonathas Pedrosa, e de Matemática no Liceu Amazonense, no Instituto Benjamin Constant, Colégio Dom Bosco, e Colégio Maria Auxiliadora. Exerceu os cargos públicos de Diretor do Colégio Amazonense Dom Pedro II e da Escola Normal (1896); Diretor Geral da Instrução Pública do Amazonas (1899), Secretário da Educação do Amazonas (1931), e novamente Diretor do Colégio Estadual D. Pedro II (1934). Atuou na imprensa como Articulista

²⁶ Fonte: Texto do Acadêmico Claudio do Carmo Chaves, sobre o Patrono da Cadeira Nº 5, incluso no Memorial de 2008.

colaborador dos periódicos “Comércio do Amazonas”, “Amazonas” e “Jornal do Comércio”.

Vida Maçônica

O Memorial de 2008 informa que Antonio Monteiro de Souza foi iniciado na Loja Conciliação Amazonense em 18/12/1897; que atuou como 2º Vigilante na primeira sessão de adoção de Lowtons da Maçonaria Amazonense, no dia 1º de janeiro de 1900; que, sendo do Grau 32, foi um dos instaladores do Consistório dos Príncipes do Real Segredo, sessão ocorrida na Loja Esperança e Porvir, da qual participaram 15 maçons do Grau 32 e 18 do Grau 33; atuou como Grande Comendador Chanceler na Sessão de Instalação do Grande Oriente Estadual do Amazonas, criado pelo Decreto nº 272, de 22/09/1904, pelo General Lauro Sodré, Grão-Mestre da |Ordem Maçônica no Brasil. No período de 01926 a 1935, foi Grão-Mestre Adjunto no mandato de Gaspar Guimarães, sucedendo o professor Henrique Taborda de Miranda; foi homenageado pela Maçonaria amazonense com solenidade de Pompas Fúnebres na sessão realizada no dia 1º de agosto de 1936, na Loja Amazonas, presidida pelo Grão-Mestre Agnello Bittencourt.

OCUPANTE Nº 01 - CLÁUDIO DO CARMO CHAVES

O Memorial de 2008 registra que Cláudio do Carmo Chaves nasceu em Manaus, no dia 7 de setembro de 1949. Filho de Cleomenes do Carmo Chaves e de Joanita Cetraro do Carmo Chaves, é casado desde 1975 com a professora Maria Fernanda Osório Chaves. É pai de quatro filhos: Cláudia Maria Osório Chaves, médica oftalmologista; Lara Simone Osório Chaves, advogada; Cláudio do Carmo

Chaves filho, médico oftalmologista e Anne Elise Cruz do Carmo Chaves, médica oftalmologista.

ESCOLARIDADE

Cláudio do Carmo Chaves
Fonte: Acervo AAML



Curso primário na Escola 21 de Abril, da Fundação Amazônia, em Manaus, 1960; Curso Ginasial, no Instituto de Educação do Amazonas, Manaus, 1965; Curso Científico, no Colégio Estadual D. Pedro II, em 1968; Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal do Amazonas, 1973; Curso de Medicina, na Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Amazonas, 1974; Curso de Especialização

em Administração Hospitalar, na Pontífice Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1975; Residência Médica em Oftalmologia, no Hospital Souza Aguiar do Rio de Janeiro, 1975 – 1977; Doutorado em Medicina, na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo, em 1994, defendendo a tese *Oncocercose Ocular na Amazônia Brasileira*; *Post-Ph.D. in Ophthalmology*, no Center for Eye Research, Boston, 1996; *Fellow in Ophthalmology*, na Tufts University, Boston, 1997; Livre-Docência, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2004, aula didática: *Conceitos Modernos de Glaucoma Primário Crônico de Ângulo Aberto*, tese, *Tracoma na Amazônia Brasileira*.

ATIVIDADES NA AAML

Membro da Academia Amazonense Maçônica de Letras desde 20 de setembro de 2002, quando foi expedido seu Diploma de Acadêmico. Pelo Ato Administrativo Nº 05, de 27 de setembro de 2008, sob a Presidência de José Maria Nogueira, Cláudio do Carmo Chaves foi agraciado com Diploma de Benfeitor da Academia.

ATIVIDADES PROFISSIONAIS EXERCIDAS

Professor de Matemática, Ciências Físicas e Biológicas, Higiene e Biologia no Colégio Estadual D. Pedro II, no período de 1969 a 1973; Diretor do Posto de Assistência Médica do INAMPS (PAM Codajás) no biênio 1987-1988; Assessor da Secretaria de Saúde do Estado do Amazonas, biênio 1988-1989; Coordenador da Fundação Nacional de Saúde no Amazonas, no ano de 1993; Assessor do Ministério da Saúde (Grupo Tarefa para elaboração das Normas do SUS-NOAS), no ano de 1996; Médico Perito por concurso do INSS, desde 1978, atualmente aposentado por tempo de serviço; Médico oftalmologista em Manaus, desde 1977; Diretor do Instituto de Oftalmologia de Manaus; Coordenador do Programa de Residência Médica em Oftalmologia de Manaus (Convênio UFAM/IOM/MEC); Coordenador do Curso de Especialização em Oftalmologia do Instituto de Oftalmologia de Manaus (Convênio AMB/CBO/IOM); Professor Associado da Disciplina de Oftalmologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Amazonas.

Afiliação a dezenas de entidades médicas e culturais nacionais e internacionais, onde se incluem na Associação Médica Brasileira, de quem foi delegado no Amazonas, biênio 2006-2007; Sociedade Brasileira de Oftalmologia; Conselho Brasileiro de Oftalmologia; Colégio Brasileiro de Cirurgiões; Academia Amazonense de Medicina; Federação Brasileira de Academias de Medicina; Academia Fluminense de Medicina (Honorário); Academia Brasileira de Medicina Militar

(Honorário); Academia Nacional de Medicina (Benemérito); Academia Amazonense de Letras (ocupante da Poltrona Nº 14 desde 2001).

Também associado das seguintes entidades internacionais: American Academy of Ophthalmology, American College of Surgeons, Intertional of Surgeons, Sociéte Française d’Oftalmologie, Associação Panamericana de Oftalmologia.

ATIVIDADES CIENTÍFICAS

Linhas de pesquisas: Oncocercose Ocular, Doenças Infecciosas do Aparelho Visual, Prevenção da Cegueira e Epidemiologia Oftálmica; Autor de dezenas de artigos científicos publicados na literatura médica; Co-autor de cinco livros de medicina: 1) *Uveíte Clínica e Cirúrgica*; 2) *Oftalmologia Clínica*; *As Bases da Administração em Oftalmologia*; 4) *Dinâmica das Doenças Infecciosas e Parasitárias*; 5) *Superfície Ocular*.

ATIVIDADES POLÍTICAS

Fundador do Partido da Frente Liberal (PFL) no Amazonas no ano de 1986; Deputado Federal pelo PFL do Amazonas no período 1996/1998.

ATIVIDADES FILANTRÓPICAS

Sócio do Lion Clube Manaus-Centro desde 1984; Presidente do Lins Clube Manaus-Centro no período de 1989 a 1990; Vice-Governador do Distrito LA-1 (AC, AM, RO, RR) no período de 2006/2007; Governador do Distrito LA-1 no período de 2007/2008.

ATIVIDADES MAÇÔNICAS

Iniciado, Elevado e Exaltado na Loja Esperança e Porvir Nº 1, obediente à Grande Loja Maçônica do Estado do Amazonas (GLO-MAM), respectivamente em 02/10/1982, 16/03/1983 e 18/06/1983. Mestre Instalado em 31/08/1984; Venerável Mestre da Loja

Esperança e Porvir no período 1984/1986, quando construiu o edifício anexo ao Templo da Loja e criou o auditório Cândido Honório, o Museu Maçônico, a Galeria dos ex-Veneráveis da Loja Esperança e Porvir e dos ex-Grão-Mestres da GLOMAM.

CADEIRA Nº 6²⁷

PATRONO: HELIODORO N. DE L. BALBI²⁸

Fonte: Memorial da AAML



O historiador Antonio José Souto Loureiro, autor deste texto sobre Heliodoro Balbi, confessa, no Memorial de 2008, que encontrou alguma dificuldade para conseguir dados sobre o Patrono da Cadeira de Nº 6. Mesmo assim, registrou que Heliodoro Balbi foi um dos fundadores da Academia Amazonense de Letras, mas é uma personalidade esvaziada, no correr dos tempos, pelo desinteresse no estudo de sua obra, em uma região

²⁷A Cadeira Nº 6 foi patroneada por Antonio Magvinier de Castro até 06/12/2007, quando a Assembleia Geral decidiu atribuir-lhe a patronagem da Cadeira Nº 36, atribuindo a patronagem da Cadeira Nº 6 a Heliodoro Nery de Lima Balbi.

²⁸ Biografia organizada pelo Acadêmico Antonio José Souto Loureiro, por ocasião de palestra realizada na Academia Amazonense de Letras.

ainda não liberta do colonialismo, cultuando tudo o que vem do além rio e esquecendo os que aqui vivem, criam e padecem, embora, diz ele, “já respiremos, nos ares, os perfumes de uma mudança”.

Informa Loureiro que iniciou suas pesquisas consultando a Encyclopédia Portuguesa Ilustrada, dirigida por Maximiano Lemos e editada, no Porto, no final do século XIX, e com alguns dados, obtidos na Internet, sobre os Balbi italianos. Depois conseguiu “Os Intérpretes da Amazônia”, de Péricles de Moraes, e, a sua biografia básica, no “Diário Amazonense de Biografias” de Agnello Bittencourt. Mais adiante ganhou uma cópia incompleta da Poliantéia “Em Memória de Heliodoro Balbi”, do Grêmio Cultural do seu nome, editada em Manaus, em 1945, gentilmente cedida por este estudioso de Amazonologia, o admirável Evandro Carreira, membro titular da Academia Amazonense Maçônica de Letras e pelo confrade e amigo Narciso Lobo. Informa que também não pode esquecer o trabalho beneditino de Almir Diniz, onde estão os dados básicos da Academia Amazonense de Letras, o livro “Acadêmicos – Imortais do Amazonas – Dicionário Biográfico”, e a tese “Heliodoro Balbi e o Esbulho Eleitoral”, do majestoso Almino Afonso, emprestado do presidente (da AAL) Elson Farias. Por fim, ao encerrar o trabalho o autor ouviu o depoimento da doutora Sulamita Balbi de Lemos, ainda lúcida aos noventa e dois anos, e de sua bisneta a doutora Célia Balbi.

Assevera que pouco foi escrito sobre o trabalho literário de Balbi, talvez pelo fato de só terem atravessado o tempo três das suas obras primas poéticas. Os seus discursos inflamados e de improviso perderam-se ao vento, as suas obras jornalísticas, no fogo. Restam relatos sobre a sua personalidade e o seu caráter, que jamais se curvou aos poderosos, daí não ter sido reconhecidos em vida, além dos sofrimentos pessoais pelas perseguições, pelos seus poucos recursos, e outros fatos ocorridos na sua vida pública devido às suas posições firmes e definidas. Talvez por isso, todos choraram a sua morte e a de sua esposa, compulsivamente todos se sentiram culpados pelas duas, e as tristes lamúrias de arrependimento, por lhes terem negado uma mão amiga, ou por não terem recurso para tal, ecoam até hoje, apesar de,

no momento da produção do texto, já terem se passado oitenta e sete anos, desde o seu passamento.

Loureiro, relata, então:

OS SOBRENOMES

(Heliodoro Balbi) nasceu a 16 de fevereiro de 1871, em Manaus, sendo filho de Nicolau Balbi e de Domiciana Bacury Balbi. Herdava dois sobrenomes, o materno, adotado em uma época de nacionalismo exacerbado, logo após a Independência, indicativo de uma planta da terra, o bacuri, e o paterno, o único que usaria, vindo de longe, de Regusa. O nosso confrade Ruy Lins informa-nos sobre o seu nome completo: Heliodoro Nery de Lima Balbi.

Por parte de mãe, teve por avô Manuel Antonio Bacury, avô materno do biógrafo Agnello Bittencourt, e o coronel Francisco Ferreira de Lima Bacury, nascido em 1848, todos de origem amazonense. Este último, o coronel Lima Bacury foi funcionário público provincial, começando como amanuense e depois chegando aos mais altos escalões. Participou do movimento abolicionista amazonense, foi jornalista e político influente, tomando parte em todos os movimentos da época, inclusive do episódio da tentativa de deposição do coronel Taumaturgo de Azevedo, de que saiu ferido. Foi deputado estadual e federal por diversas vezes. Deixou escrito o livro “Efemérides do Amazonas”, de 1884, e outro sobre os movimentos de 1892 e 1893, com 265 páginas. Talvez, por este lado, tenha Heliodoro herdado a maior parte do seu talento.

Do lado paterno pouco se sabe. Nicolau seria originário da Regusa, pequena cidade então pertencente à província de Siracusa, Sicília. O nome Balbi teria dois significados básicos, o primeiro, vindo do latim *balbus*, significando gago, e o segundo, contendo a palavra *baal*, de origem fenícia, pois os primitivos Balbos seriam naturais de Cádiz, cidade daquela origem, tendo adquirido a cidadania romana, quando Pompeu concedeu este direito às localidades espanholas, que ficaram ao seu lado na luta contra Sertório.

Teriam os Balbi sicilianos alguma ligação com os Balbi de Gênova ou de Veneza, essa poderosa família cujo escudo continha três peixes, como o da Cádiz fenícia, que possuía apenas um?

Os Balbi de Gênova destacaram-se na política da cidade, deram nome à famosa via Balbi, tiveram numerosos navios, belíssimos palácios, agências em Milão, Antuérpia, Madri e Londres, para compra de lã. Comerciavam com sedas, lãs, madeiras e mercúrio, e tinham um banco internacional, o Banco Monte San Carlo, em Milão, depois vendido para essa cidade, e que até hoje existe. No século XV, o maior negócio da família foi o da seda, que lhe chegava através da Sicília, e aqui está a possível ligação dos Balbi sicilianos.

Lembramos que a Gênova medieval foi uma poderosa república marítima, cujos domínios estendiam-se até o mar Negro de Azo, na Rússia, estando em confronto direto com Veneza, na luta pelas linhas marítimas para Constantinopla, Alexandria e Jerusalém.

A FORMAÇÃO

Balbi fez seus estudos primários e secundários em Manaus. Diplomou-se em Direito pela Escola de Recife, em 1902, sendo escolhido como orador da sua turma, pelas suas qualidades, que já afloravam nesta época.

A CÁTEDRA

Regressou a Manaus a 13 de junho de 1903, vencendo o concurso para a cadeira de Literatura do Ginásio Amazonense D. Pedro II, em 1909, foi fundador e professor da cadeira de Filosofia do Direito da Universidade Livre de Manaus, a primeira estabelecida, no Brasil.

O CASAMENTO

Casou-se com Emília Vinhas Balbi, falecida a 11 de outubro de 1917 - conforme o livro de registro de enterramentos do cemitério São João Batista - após sua partida para o Acre, com quem teve uma filha chamada Gioconda e dois filhos: Dolabela e Ernani. Mesmo antes da morte de Emília, já convivía com Joana Queiroz Balbi, viúva, por ele

chamada de Joanhina, o seu alento quando da sua doença no Acre, onde com ela se casou.

A linha familiar de Dolabela, filho do primeiro matrimônio, continuou com Turenne e com a filha deste, a bisneta Célia Balbi, que, com dona Sulamita, nos ajudaram nesta pesquisa. O abandono da esposa e o recebimento da notícia do seu falecimento, quando já estava no Acre, trouxeram-lhe sérios arrependimentos, aniquilando completamente o seu espírito, no seu próprio entendimento.

JORNALISMO E POLÍTICA

O ESBULHO ELEITORAL

Pela sua brilhante oratória foi eleito deputado estadual, mas logo renunciou ao mandato, por motivos éticos. Organizou o jornal *Correio do Norte*, de tendência oposicionista, onde combatia a corrupção então vigente no Amazonas. O resultado foi o empastelamento e o incêndio desse jornal, com a morte do seu gerente, além de vários atentados por ele sofridos.

Foi eleito deputado federal, mas não obteve o reconhecimento graças à interferência nefasta de Pinheiro Machado. Com toda a coragem, defendeu-se no próprio plenário da Câmara Federal, com a sua brilhante oratória, em que classificou os seus perseguidores de Manaus, cristalizando a frase: “os ladrões da minha terra são tão audaciosos que escalariam o céu, se lhes dissessem que as estrelas eram libras esterlinas” ou diamantes...

De novo eleito, teve seu mandato usurpado. O resultado foi que, em 1917, estava financeiramente exaurido e com a mulher doente, talvez de tuberculose.

Vejam os detalhes dessas ocorrências estudadas com profundidade por Almino Afonso, quando relata a eleição de Balbi para a Câmara Federal, em 1906, mas apesar da vitória nas urnas não foi reconhecido pela Comissão de Verificação de Poderes, o que se tornara corriqueiro, como podemos verificar no número seguinte de

eleitos refugados pelo Congresso: na legislatura de 1900-1902, 74 negativas, na de 1912-1914, 91 e na de 1915-1917, 63.

Segundo Almino Afonso, Balbi chegou no Rio, em 1906, mas não foi reconhecido, sendo substituído por Henrique Ferreira Pena de Azevedo. Os Nery, apoiados por Pinheiro Machado, venciam o político que representava a resistência moral à sua oligarquia. O documento com que tentou defender a legitimidade da sua eleição é um libelo contra essa oligarquia, que há oito anos dominava o Amazonas, envolvida em farsas, compras de consciências, de milhares de contos de réis gastos em obras portentosas, e outros milhares adquiridos em empréstimos externos, agora transformados em monumentais dívidas, na prática do empastelamento e incêndio dos jornais oposicionistas, ao ponto das empresas seguradoras não mais quererem emitir apólices para prédios onde funcionassem oficinas jornalísticas, sendo este o fim do Diário do Amazonas, da Pátria, do Brazil, da Federação, do Amazonas e do Quo Vadis.

Em 1909 foi de novo eleito, e mais uma vez não reconhecido. O mesmo aconteceria nas eleições de 1915, completando três esbuhos inacreditáveis, além de ter a sua atividade de advogado e os seus ordenados de professor suspensos.

UMA FUGA

Informaram dona Sulamita e a bisneta Célia que em determinada época de sua vida foi marcado para morrer, tendo sido salvo por amigos, talvez maçons, que o mandaram para um local distante. Consegui ler uma carta dirigida a Joana Balbi, datada de 6 de novembro de 1913, em que relata estar vivendo à beira de um mar tempestuoso, onde viu um grande navio afundar, um local bastante frio, nos meses do fim desse ano, por ele denominado LEYSINI, que não conseguimos identificar. Nesta carta cita os dois oficiais da Polícia Militar aliçados pelo governador, para mata-lo: um capitão e um tenente.

A PRIMEIRA GRANDE GUERRA

No ano de 1917 continuava a Grande Guerra, com Manaus envolvida na sua mais terrível crise econômica, pois o oriente controlara

o mercado mundial da borracha através de suas gigantescas produções, que resultavam em preços cada vez mais baixos. A população local passava necessidades e se quotizava para a compra dos escassos alimentos que aqui chegavam, devido à guerra submarina, levando à suspensão de todo o tráfego mercante no Atlântico Norte. No interior grassava a fome nos seringais, pela falta de mantimentos, e as famílias dos seringueiros andavam nuas, sem recursos para adquirir vestimentas. O nível de resistência dos amazonenses estava baixíssimo.

A ACADEMIA

Apesar da depressão econômica, um grupo de intelectuais da terra ousara instalar a Academia Amazonense de Letras, a 1º de janeiro de 1918. Heliodoro Balbi foi considerado o fundador da Cadeira nº 2, embora ausente de Manaus, pois já se encontrava no Acre, sendo sua inclusão uma reverência às suas qualidades literárias e à sua cultura. O patrono escolhido para a sua cadeira foi o ensaísta e literato Lívio de Castro, cuja biografia pode ser lida na obra de Almir Diniz, mais tarde transformada na de nº 29, sendo seu atual patrono o poeta Castro Alves.

Heliodoro, apesar de ausente, foi o primeiro vice-presidente dela, eleito para a primeira diretoria que teve por presidente o sempre lembrado Adriano Jorge. A vaga a ele pertencente foi depois preenchida por Manuel José Ribeiro da Cunha, autor de uma notável peça oratória, lida em sua posse.

Em 1917, Heliodoro Balbi estava financeiramente exaurido, como já vimos, e não só ele, mas toda a população amazonense. Por isso resolvera ir para o Acre, tentar a sorte, onde aceitara uma causa, que lhe daria um desafogo, não havendo quem o fizesse mudar de ideia. Apesar da mulher doente, embarcou para aquela região, que já era o Eldorado de uma década antes.

Quando o Purus estava cheio, essa viagem durava uns trinta dias, devido a extensão do rio e a navegação cautelosa, com as tronqueiras presas ao fundo do rio e troncos flutuantes, torrões, bancos de areia e troncos presos ao leito, daí a navegação ser feita com cuidado,

para evitar acidentes, além do risco de uma vazante brusca, possibilitando o encalhe. Nas vazantes a viagem prolongava-se pelos riscos dos torrões e dos bancos de areia, prendendo o navio até nova enchente. Os navios gaiolas, e as chatinhas, que faziam linha regular pelo Aquiri, além de Rio Branco, chegando a Xapuri e Brasiléia, já pertenciam à Amazon River, de Percival Farquar, comprada aos ingleses da Amazon Steamship, havendo um ótimo serviço de bordo, com camas limpas e boa alimentação. No verão, os navios de maior calado não passavam de Lábrea, às vezes nem as chatinhas, embora nos anos menos secos elas atingissem Boca do Acre.

Balbi escreveu sua primeira carta para Joana a 22 de julho de 1917, da cidade de Xapuri. Ainda de Xapuri, datada de 9 de agosto do mesmo ano, chegou-lhe a segunda missiva, onde se queixava da falta de trabalho, inclusive pela inexistência de juiz. Por uma delas mandou-lhe 200\$000, através do amigo doutor Pedreira, portanto há quase três meses antes do falecimento da primeira esposa.

Uma nova carta, de 12 de junho de 1918, parece tratar do casamento de ambos. A sua vontade era a voltar o mais rápido possível para Manaus, mas os compromissos e as dívidas o impediam de realizar este propósito, porém já começara a pandemia de gripe espanhola, que logo atingiria o Brasil e o Acre.

A GRIPE ESPANHOLA E A MORTE

Não se sabe como essa doença apareceu no mundo, no final da Grande Guerra, começando pela Espanha, em março de 1918, onde recebeu o seu nome de batismo. Alcançou o Brasil em setembro de 1918, a partir de Dakar, no Senegal, onde estacionara a esquadra brasileira que ia para a guerra, com os primeiros casos surgindo a 6 de setembro, rapidamente adoecendo 95% do efetivo, com 156 óbitos. Em novembro, já fizera 20.000 mortos. no Rio, e, em todo Brasil milhões de pessoas estavam acometidas, pois era altamente contagiosa. Atacava o sistema nervoso central, evoluindo com febres, catarro, dor frontal intensa, dores musculares, fraqueza, lassidão, agitação, sufocação, resfriamento das extremidades e morte, sem qualquer remédio que interferisse no seu avanço mórbido. Os médicos recomendavam

asepsia da boca, sais de quinino, alho, infusões de eucalipto, arsênico, antimônio, digitálicos e cânfora, medicação ineficaz e altamente tóxica. A população preferia a aguardente e o limão, que chegou a ser vendido pelo astronômico preço de 5\$000 a unidade.

No Amazonas, com a situação econômica de crise e um grande número de carentes e desnutridos, com queda de resistência, ela foi de uma violência brutal, tanto na cidade de Manaus, como no interior. Aqui ela começou, em setembro de 1918, e apesar de todos os esforços para seu controle, produziu mais de 2.000 óbitos, podendo ter alcançado mais de 6.000, considerados os do interior e os da periferia da cidade, cerca de 10% da combalida população de Manaus. As vítimas chegaram a ser recolhidas de caminhão e enterradas em valas comuns, no cemitério São João. Felizmente, a partir de janeiro de 1919, os casos foram rareando progressivamente.

No Acre, atingiu Sena Madureira, a 25 de novembro de 1918, com a chegada de doentes, pelo vapor Óbidos, da Amazon Ríver, mas foi benigna, sendo mais virulenta, em Rio Branco, onde apareceram mais de 300 casos, em dezembro. Recrudescer, em Sena, em janeiro e fevereiro de 1919, com uns 2.000 doentes e 51 óbitos.

Naquele momento de pandemia foi que Heliodoro Balbi a adquiriu, vindo a falecer da doença, a 26 de novembro de 1918, em Rio Branco, amparado pela sua esposa Joana Queiroz Balbi, sendo enterado no cemitério daquela cidade, tendo a idade de apenas 42 anos. A sua morte dava-se após mais de um ano da morte da sua esposa, em Manaus, e a mais de quinze meses de sua partida da nossa capital.

No Acre, cita como amigos, em suas cartas, Godofredo Maciel, Oton Cambeses e o coronal José Ferreira. Diz já ter alguns inimigos, em Empresa e que está preparando um habeas corpus para certo Galдино.

ENTERRO DOS OSSOS

A pedido de intelectuais do Amazonas, o governador do Acre, doutor Carlos Carneiro, que fora prefeito de Manaus, mandou exumar os seus ossos, a 24 de janeiro de 1928, em tocante cerimônia, a que se

seguiu um cortejo acompanhando a urna funerária até a matriz de São Sebastião, e daí para o Grupo Escolar 7 de Setembro, onde aguardou embarque para Manaus, até o dia 13 de fevereiro, quando uma nova procissão cívica, tendo à frente o referido governador, levou-a para bordo do barco que transportaria esses restos, escoltados pelo vice-governador José Lopes de Aguiar.

Aqui chegaram, a 25 de fevereiro de 1928, para o enterro definitivo, no cemitério São João Batista, sendo recebidos por uma grande multidão, presentes todas as classes sociais, o governador do Estado, o prefeito, professores e alunos do Ginásio Amazonense.

DEPOIMENTOS NA POLIANTÉIA

A Poliantéia, Em Memória de Heliodoro Balbi, organizada pelo Grêmio Cultura de seu nome, em 1945, constitui-se em um conjunto de depoimentos, alguns coetâneos, sobre a personalidade, os posicionamentos, o exercício do jornalismo e da política, e as qualidades de orador nato do nosso literato em estudo.

Em grego, os termos *poli* e *anthos*, correspondem às palavras “muitas” e “flores”, em português, em que flores são trechos literários, da mesma forma que a palavra antologia significa colher flores. Assim a Poliantéia constituiu-se de textos curtos de diversos autores sobre Balbi. Vejamos as opiniões e os posicionamentos por eles adotados a respeito de Balbi.

PÓRTICO

Em que a direção do Grêmio Literário Heliodoro Balbi se alegra com a escolha de sua denominação, pelos símbolos e pelos exemplos que ele representou e produziu: persistência diante dos maiores percalços, coragem de enfrentar o poder, abnegação no trabalho e altruísmo por não pensar em vantagens pessoais.

BIOGRAFIA

Extraída da Corografia do Estado do Amazonas, da autoria de Agnello Bittencourt, trazendo alguns de seus dados bibliográficos básicos.

UM HOMEM SÍMBOLO

André Araújo comentou a sua passagem pela Faculdade de Direito de Recife, uma das escolas superiores para onde iam os estudantes amazonenses - a outra foi a Faculdade de Medicina da Bahia. Nelas, dezenas de promissores amazonenses foram estudar, muitos jamais voltaram. Ambas ficavam mais perto, o ensino era bom e a vida urbana mais tranquila.

Meu avô Antonio Pinto do Areal Souto foi um desses. Saiu do Juruá para os preparatórios em Fortaleza e acabou terminando o seu curso de Direito, em Recife, em 1909.

Ao fugir da oligarquia dos Accioly, pelos seus discursos inflamados, foi parar, com outros colegas, na Paraíba, onde o governo Lucena, aliado dos oligarcas, quis recambiá-los, obrigando-os a uma fuga inesperada e noturna, para o Recife, onde foram acolhidos fraternalmente.

Balbi sorveu a cultura jurídica pernambucana, uma das melhores daquele tempo, onde pontificaram e viveram Tobias Barreto, Silvio Romero, Martins Júnior, Laurindo Leão, Constâncio Pontual, Braz Florentino, Phaentonte da Câmara, Gervásio Fioravante, Nunes Machado e outros, onde absorveu o positivismo de Comte, o materialismo de Holbach e o evolucionismo.

Para André Araújo, ele foi um verdadeiro discípulo de Laurindo Aristóteles Carneiro Leão, ilustre professor de Filosofia daquela Faculdade, mas por ser um dispersivo, o seu talento foi perdido, apesar dos seus belos discursos e de suas defesas jurídicas.

Ao traçar-lhe o perfil, designou-o como um filósofo verdadeiro. Foi irônico, piedoso, erudito, perdoando os perseguidores, esquecendo a infâmia e a intriga. Era visceralmente bom e sobrepunha-se a todos pelas suas qualidades. Foi um boêmio que soube conduzir-se, ensinando e doutrinando, com seu exemplo de vida. Com sua palavra cativava a todos que tinham fome e sede de justiça, os perseguidos, os que choravam. Foi temido e respeitado pelo seu talento e por sua dignidade.

Por esses dois últimos predicados, no dizer de André Araújo, “quase o mataram de fome, nada foi em sua terra, embora sua cultura fosse extraordinária, conhecendo profundamente os campos do Direito, da Sociologia, da Filosofia e da História, jamais sendo vencido pela prepotência dos homens.

A SUA VIDA NO ACRE

O vice-governador do Acre José Lopes de Aguiar em seu discurso de entrega dos ossos de Balbi ao Amazonas, a 25 de fevereiro de 1928, como emissário do governador Hugo Carneiro, relatou que a exumação foi a pedido da população amazonense, tendo o falecido de gripe espanhola, quando a pandemia chegou ao Acre.

Ao conhecê-lo, já havia uma “perene sombra de tristeza” em sua fisionomia. No curto período de sua passagem pelo Acre, com ele trocou ideias sobre diversos assuntos, principalmente a respeito dos casos em julgamento do tribunal de Rio Branco. Pouco depois da sua chegada -na realidade após três meses de estabelecer-se em Xapuri - foi abalado, “aniquilado pelo infortúnio” da notícia da morte de sua esposa.

Para ele, Balbi fora “*um literato, um jornalista, um orador, um professor, um filósofo, um poeta, um amigo de sua terra, um grande sofredor. Como político e advogado simbolizava a fé no ideal republicano, como um indefeso apóstolo do direito, da verdade e da justiça*”. “*Orador e polemista de fôlego, sua palavra inflamada tinha o poder de levantar as turbas, de transfigurar o auditório, produzindo deslumbramentos*”.

DEPOIMENTOS

O MEMORIAL DE PÉRICLES MORAES

É o mais triste e dorido de todos esses depoimentos, demonstrando a amizade do autor pelo falecido, mesmo porque viveu os momentos da decisão da sua ida para o Acre. É um elogio fúnebre a Balbi, composto por sete magníficos capítulos.

UM MÊS DEPOIS...

Refere-se aos trinta dias da morte do grande sacrificado. Trinta dias de lembranças, com a sensação, alucinação da sua presença viva, com os olhos fulgurando as centelhas de gênio. Tudo sonhos, desalentos de saudade, devaneios de lembranças.

MORTO, IRREMEDIAVELMENTE MORTO...

O autor continua angustiado com a perda. Confessa a sua grande admiração por Balbi, não sabe se pelo seu poder criador, ou pela sua superioridade de atitudes. Um homem muito acima da sua época.

ADMIREI-O POR ESSAS NOBRES ATITUDES

A meditação e a tristeza pela perda continuam. Suas qualidades são exaltadas: heroísmo, abnegação, um gigante entre liliputianos, resignado, bondoso.

A ÊXEDRA ACADÊMICA

Texto enigmático, de difícil interpretação, por não sabermos de que Êxedra se trata. Abro o dicionário e procuro o significado da palavra, vejo que se refere a uma sala de conversas ou discussões acadêmicas científicas ou filosóficas, mas no texto parece-nos algum livro, um simbolismo sobre a vida de Balbi, cheia de ilusões perdidas, de idealismos destruídos, equivalendo à de Camilo Castelo Branco.

A TERRA DAS ILUSÕES

É a lembrança do dia em que Balbi comunicou ao autor a sua decisão de ir para o Acre. De volta da festa natalícia de um poeta, foi até à sua casa, ao seu gabinete de estudos, onde havia um busto de terracota de Leon Dierx, algumas obras de arte, livros espalhados, anotações a lápis, e um retrato a crayon de Emília Balbi. Ali cofiando o bigode, olhando as espirais de fumaça do seu cigarro, à pergunta sobre o que pensava, levantou-se dizendo que ia para o Acre, pois já empenhara sua palavra. Moraes tentou dissuadi-lo pela doença imprevisível de sua esposa, por ser uma fuga, pelos riscos da insalubridade. Foram propostas outras soluções, mas a tudo se mostrou irredutível. Moraes então fez a última tentativa: “Olha que não encontrarás com

vida dona Emilinha...” Ele passeou no estúdio, de um lado para outro, postou-se à frente do retrato da esposa, e desceu rapidamente a escada e desapareceu.

Seis meses depois da sua partida Balbi escreveu a Péricles dizendo ainda estar estonteado, com uma grande sensação de aniquilamento. Não podendo partir por ter muitos constituintes, interesses e compromissos. Achava que em fevereiro estaria de volta, mas não viajaria enquanto não conseguisse solver seus compromissos, preferindo morrer. Terminava a carta dizendo: “O Acre é uma grande ilusão”.

Sim, o Acre já deixara de ser o Eldorado há uma década. Ali tudo estava em decadência, a sua viagem fora inútil. Aliás, o motivo dela, segundo Agnello Bittencourt, fora a falta de pagamento do seu salário de professor do Ginásio. O poema Terra Acreana, de Areal Souto, publicado em 1924, definia esta situação do Acre.

Terra de sacrifício e de lutas mortais,
Vale de Josafá, fonte de tantos ais...
Tebas, Palmira, Assur, desmornadas portas!

Como devem te olhar estes gênios de escombros.
Como deve ser triste apertar em seus ombros.
O sudário fatal de outras cidades mortas.

UM TALENTO DEPRESSIVO

Péricles comenta neste capítulo que Balbi nada, ou quase nada, deixou para sua glória, para os julgamentos dos pósteros, e relaciona: “papéis velhos, artigos de jornais, ensaios, crônicas de atualidades, artigos de polêmica, versos aqui e acolá, epigramas, sátiras, estudos filosóficos, correspondências literárias, o folheto do célebre Discurso da Formatura de Recife”. Porém jamais fez um livro, talvez pela sua vida difícil. Por ser dispersivo, sem constância, perdendo seu tempo

nos cafês e no bilhar. “Minguava em Balbi a perseverança no esforço, que redundava em lastimosa incapacidade produtiva”. Contudo “perpetrava a crônica com maestria”.

Revela que ele escreveu com os pseudônimos de Don Pelayo, Emilio Reis, J. Tissot. Foi poeta admirável emancipado de escolas, sendo seu poema Flor de Pedra por ele classificado como parnasiano. Os seus poemas estão dispersos nos jornais. Os mais novos desapareceram na sua viagem para o Acre.

GRANDE BALBI

Ninguém conseguira demovê-lo da viagem. A esposa estava doente e Moraes a viu em seu leito de morte, mas não aguentando a cena saiu, indo aguardar Balbi na praça próxima. Depois de alguma demora Balbi veio procura-lo. Dando um forte abraço em Moraes, disse-lhe, com a voz embargada: “*Tu não imaginas a minha angústia! Acabo de abraçar um cadáver*” ... Chorava convulsivamente e Moraes também. A partir de hoje sabemos que isto se dera meses antes desta morte, não tão próxima dessa partida.

O VERBO DE BALBI

Foi o elogio de João Leda às qualidades do autor, principalmente como orador político, jornalista e catedrático. Para ele, “*muito mais que a atuação catedrática do mestre, muito mais que os triunfos do jornalista e os ensinamentos do crítico, entreluzem na memória da geração que vai passando as orações formidáveis desse ídolo das turbas, de quem ficaram altos pensamentos, ainda hoje repetidos com saudade por aqueles que o amaram e admiraram*”.

BALBI O IDEALISTA

Esta foi a sua principal qualidade apontada por Huascar de Figueiredo, na Poliantéia. A sua mais vívida lembrança de Balbi foi a de tê-lo ouvido discursar em um comício, na praça General Osório. Neste primeiro contato viu que não se tratava de um orador no estilo da velha escola, cheio de gesticulações, com a voz alta, olhos esbugalhados, suores e adjetivos, mas de uma palavra sóbria de linguagem

elegante e de frases perfeitas, não havendo a preocupação imediata para arrancar aplausos. Parecia estar no desempenho de um sacerdócio, voltado para o futuro. Segundo Huascar de Figueiredo, os seus artigos jornalísticos tinham um estilo próximo ao do gongorismo, cheio de palavras pouco usadas, selecionadas com critério visando a musicalidade e o ritmo dos períodos. Havia nele uma predestinação, qualquer coisa de misticismo. Mais tarde, pela maior aproximação com Balbi, viu que realmente a sua posição era ideológica. A sua atitude de combate justificava-se pela sua significação idealistas. Escravizado às ilusões de estudante, seu espírito não se conformara e nem se deformara pelas contingências e asperezas da vida real. Dedicado completamente ao jornalismo, perdendo muitas noites, muitas horas de propaganda em comícios e reuniões políticas, não conseguiu alterar o processo administrativo corrupto, nem o panorama político de sua terra, talvez até pela sua curta vida. As suas ideias de perfeição não foram abandonadas, mesmo no Acre, onde viveria menos de um ano, entrando em polêmica ideológica com Bruno Barbosa.

Para Huascar *“foi um exemplo digno de ser imitado. Batalhou pelos seus ideais de perfeição até a morte, que o colheu impiedosamente ainda em plena força da idade, imolando-o na arena em que havia aparecido, como os antigos gladiadores, para as pelejas espirituais, com a coragem de suas virtudes cívicas”*.

UM CAMPEADOR AMAZÔNICO: HELIODORO BALBI

Nele, Péricles de Moraes faz referência ao papel de Balbi na história do Amazonas, pelo seu valor mental, integridade, independência e desassombro individual. *“Tinha o entusiasmo sagrado pelas causas que defendia. E uma dignidade de pirâmide”*. Foi imolado pelos usurpadores. Mas jamais deixou de enfrentar a camarilha, como um Cid Campeador amazônico.

OBRA LITERÁRIA

Parece que a maior parte da obra literária de Balbi desapareceu com o tempo ou está à espera de alguém que queira reuni-la. O seu talento foi gasto dispersivamente em artigos jornalísticos, que

precisam ser catalogados, e em discursos de improviso, perdidos para as letras, para a literatura escrita. Dos escombros restaram trechos, saudades e recordações de seus discípulos e admiradores.

O seu discurso como orador de sua formatura, tão citado pela maior parte dos depoentes, não conseguimos lê-lo. Do poemeto Relicários, que Agnello Bittencourt disse ser próprio para uma leitura à beira de seu túmulo, ainda penso em encontra-lo.

Restam-nos apenas o soneto e o poema publicados na Polian-téia: Durante a Febre e Flor de Pedra.

“Durante a Febre” é um delírio transformado em soneto, conforme seu próprio título. O poeta sente a Morte e quer ser lançado ao mar Vermelho, por cuja superfície ela arrastará o seu corpo ainda quente. Os seus sonhos, a sua alma e o seu corpo flutuam e ele se debate inutilmente por estar preso às teias da morte. O seu sangue jorrando é transformado em um caso radioso. Mudo, rodopia em espirais, e através de suas órbitas sem olhos tem a ilusão de um combate de luzes.

DURANTE A FEBRE

Morrer! E ser lançado ao mar, no mar do Oriente...
No teu dorso senil, ondas do mar Vermelho!
E no deflúvio real do teu líquido espelho
Ir a Morte arrastando o meu corpo inda quente...

Meu loiro sonho! minha pobre alma! meu velho
Tronco! A flutuarem dentro os juncais da corrente...
E debater-me em vão! Como em vão, loucamente,
No aranhol se debate um áureo escaravelho!

No alto do céu radioso o ocaso dos Oceanos...
Meu sangue a jorrar pondo vermelhas estrias
Na garganta de luz dos esqualos e goelanos...

E eu só! e eu mudo! a rodopiar em caracóis!
Tendo, através as rubras órbitas vazias.
A ilusão imortal de um combate de sóis...

Sem dúvida é um soneto simbólico em que as cores e as sensações de um delírio verdadeiramente sentido, são apresentadas abertamente com alma de paixão.

As flores sempre atormentaram os simbolistas, desde as Flores do Mal, de Baudelaire, embora nessas flores de Balbi exista algum lirismo. O mote dado por Dante, nos dá uma pista. O autor estaria apresentando plantas produtoras de flores, mas todas contendo alcaloides, que levavam ao abuso, pelo uso constante, em determinadas doenças, para as quais eram receitadas, daí o seu rancor contra a Natureza, talvez por essa causa. Exemplo disso foi o elixir paregórico, contendo uma determinada quantidade de ópio, com muitas pessoas adquirindo o hábito, depois o vício.

São versos como os de tantos outros simbolistas, que se inspiravam em Baudelaire, nos aromas “de ópios e nardos”, nos dizeres de Péricles de Moraes. Mas Balbi odiava essas flores do mal e daí o seu ódio à Natureza. Sendo um grande estudioso, conhecia os seus efeitos deletérios.

Apesar de existir, na sua sala de estudos uma estátua de terracota do parnasiano Léon Dierx, que ele devia admirar, os dois trabalhos aqui apresentados são simbólicos, sob o meu ponto de vista, no máximo em um grau intermediário entre o Parnasianismo e o Simbolismo, como aconteceu a muitos autores daquela época.

FLOR DE PEDRA

*Ó voich' avetegl' intellettrisani
Mirateladottrinaches' ascende
Sotto il velame delliversistrani.*

(Dante)

Esta, por ser talhada em pedra fria,
Talvez, senhora, menos vos agrade,
Talhou-a o fogo ideal da fantasia
No mármore pagão da egrégia Hellade.

Um dia o artista, olhando um bloco, sente
A alva syrma dos sonhos a segui-lo,
E, sem pensar, alucinadamente,
Pega do bloco e crava-lhe o anfismilo.

Primeiro, a mão nervosa rasga e aviva
O traço, que o circunda e cinge em torno,
E vê, pasmado, a curva de uma ogiva
Na branca cinzeladura de um contorno.

De novo o bloco escinde e, pontilhando.
O centro, ergue o pistilo à luz radiosa,
E exulta, ao ver um sol agonizando
No áureo cariz de um cinto de rosa...

Além, já solta a fibra, o caule desce
Sutil, rolando em balbucio de onda,
E, entre pompas, viceja e transfloresce
O mais rijo bloco se arredonda.

Ali, brunindo a aresta branca e lisa
Das folhas, (que as talhara iguais a trevo)

Levanta a mão, graciosamente e frisa
A linha dos relevos num relevo.

E salta à luz, estonteante e presa
Da brancura do mármore risonho,
A flor, que encerra em si toda a beleza
Das nevroses do céu e ânsias do sonho...

Losna ou meimendro, venenosa ou santa,
Flor! Carquísio da vida e urna da morte,
(Exclama), teu primor meu braço espanta,
Nunca meu braço mais a pedra corte.

Mas furioso, o artista nesse instante
Quebra a flor e do mármore renega,
Pois não lhe dera a natureza amante
O estuoso aroma da giesta grega.

A flor de pedra é como o verso: toma
O supremo lavor que o fere e anima,
Mas neste, o sentimento é como o aroma:
Foge rindo e cantando à flor da rima.

Pedis, senhora, um canto... e o plectro firo.
Quero a emoção suprema na beleza...
Por isso o plectro despedaça e atiro
Ao céu o grito de - ÓDIO Á NATUREZA!

VEM ALMINO AFONSO

Passados alguns dias da leitura desta biografia, recebi uma carta de Almino Afonso, datada de 25 de outubro de 2005, trazendo novos esclarecimentos e complementos, que me levaram a publicar alguns de seus trechos.

“Em primeiro lugar a missiva revelou-nos que a Poliantéia foi editada pelo esforço conjunto dele próprio e de Antonio Angarita, Manoel Otávio Rodrigues de Souza, Olavo Sobreira Sampaio, Evandro Carreira, Umberto Calderaro Filho, Iلسon Guimarães de Oliveira e outros. Quanto ao poema citado por Agnello Bittencourt sob a denominação de “Relicários”, este tem a denominação correta de “Sepulcrários”, publicado no belo livro de Almino: “Testemunhos e Perfis”, em 2003, mas por ele recitado, em 26 de novembro de 1945, na sessão alusiva ao 17º aniversário da morte de Heliodoro, na Associação dos Professores do Amazonas, que ora publicamos uma vez reencontrados pelo nosso grande jurista.

SEPULCRÁRIOS

É noite, coração... Pausando o sino
Chora a nênia dos mortos. Ouves bem?
A nênia das saudades que o destino,
- Espectro zombeteiro e peregrino
 Despreza com desdém.
É a hora da tristeza, dos gemidos,
Das ânsias de pesar, dos ais de dor.
- Pela estrada vão vultos doloridos
- À tumba dos que morrem esquecidos
 - Meu amor, meu amor!

Segue-os no pó da estrada – passo a passo,
Passo a passo caminha – segue-os, vai!
Presos na mesma dor, no mesmo abraço,
Verás mortos de sono e de cansaço
 O filho e o velho pai...

Entra: é cemitério onde se libra
 Na terra quem tombou;
Onde a matéria é ser, mas não mais vibra.

Um som, que a lira d'alma, fibra a fibra,
Corda a corda, estalou!

Por entre braços negros de mil cruces,
Por entre o crepitar de tantas luzes
- Vês um vulto no chão?

É uma virgem loura que – de bruços
Murmura em ais de trêmulos soluços
“Meu irmão... meu irmão...”

Amor... segue o gemido – espaço a fora
Espaço a fora – vai!
Não te importe o silêncio que apavora,
Vinga o vácuo de luz. Vês bem?... agora
O gemido se esvai...

São as tumbas do azul no azul – funéreas...
Onde estrelas, lâmpadas sidéreas,
São tochas n'ampliação!

Onde as Nuvens – são campas erradias,
Lençóis – estendais das brumas frias,
Tempestade – a oração!

Vês por entre a flama encandecida
Um flácido palor?
É o gemer de um raio já sem vida,
Que desce do céu abaixo, sem guarida,
Meu amor, meu amor!

Acompanha-o na queda, desce, desce,
Segue-o, segue-o, anda, vai...
Já a carreira aumenta, recrudescer,
Aqui – medonho mar murmura a prece,

- No mar ele se esvai!

- Nova tumba. Tem por mortalha branca
A nívea espuma que do seio arranca
A vaga no chorar.

Por fantasma – o dançar das brancas velas
Por entre os alaridos das procelas,
- Novas mães a rezar

Túmulos só! Durante a tua jornada
Viste apenas, amor...
Quer seguindo o viajor da longa estrada,
O soluço da virgem desmaiada,
Ou o raio sem rubor!

Tantos túmulos viste! E, sorridente
Como o destino, riste alegremente.
O riso do desdém
Sem saberes que em ti gravou-se funda a podridão de inunda:
A larva infecta;
És túmulo também!

Sudários denegridos – são-te os sonhos
Que a vida mirrou...
Espectros negros, lívidos, tristonhos.
O tédio e o desespero – hirtos, medonhos,
Com que a morte te brindou.

Agora vai! Que és túmulo – já viste
És átomo de pó que não existe
Que rola pelo chão!
Se tens gemidos – chora; vozes, - grita!
Chora! Que a vastidão é infinita
Coração, coração!...

Talvez esse poema nefelibata de Heliodoro seja o mais belo da sua produção, por isso fomos obrigados a completar o nosso texto transcrevendo-o, e, em decorrência deste fato acrescentamos mais algumas palavras com o “Para Entender Balbi”.

PARA ENTENDER BALBI

Pela existência de muitas palavras em desuso ou de pouco uso, visando a melhor compreensão dos seus textos, achamos por bem criar este vocabulário final, para melhor entendermos Heliodoro Balbi.

Anfismilo – do grego *anfi* = de ambos os lados, e *smilé* = faca – escapelo ou bisturi de dois gumes, usado para desbastar pedras.

Aranhol – local onde a aranha tece a sua teia.

Atropina – Um alcaloide. Os efeitos antropínicos diminuem e perturbam a sensibilidade e a motilidade, produzindo cefalalgias, vertigens, produzindo secura da pele e das mucosas. Em doses tóxicas produz dilatação da pupila, alucinações, delírios, respiração ofegante, pulso lento e irregular, tremores, vômitos, espasmos, parada respiratória, coma e morte. Encontrada na planta *Athropa beladonna*. A hiosciamina do meimendo tem efeitos antropínicos.

Cariz – Aparência do céu ou da atmosfera, no caso dourada.

Carquésio - do grego *Karkhésion* = vaso para beber, uma taça com duas alças em forma de orelha.

Deflúvio – do latim *defluvium*, de *defluere* – escoamento de líquido.

Egrégio – do latim *egregius* – insigne, ilustre, admirável, nobre.

Escinde – do latim *scindere* – cindir, cortar, rasgar, dividir.

Esqualo – Tubarão.

Estuoso – do latim *aestuosus*, de *aestus* = estio, verão – que tem grande calor, ardente, agitado, tempestuoso.

Êxedra – Sala de discussões ou de conversas científicas e filosóficas.

Giesta – do latim *genista* – diversas plantas da família das leguminosas. De uma delas era extraída a esparteína, um remédio muito tóxico, então utilizado para as doenças cardíacas, regularizando o ritmo e aumentando as pulsações.

Goelanos – Talvez de guela ou goela – corresponde à laringe e à faringe, na base da língua e no fim das fossas nasais. Peixes de grande goela.

Léon Dierx- Poeta francês nascido na ilha Reunião, em 1838. Escreveu poemas e poesias. Os lábios Cerrados, O Encontro, Os Amantes, e As Palavras do Vencido. Parnasiano de grande pureza, precisão e estilo. Discípulo de Leconte de Lisle na doutrina da arte pura, no seu pessimismo clássico de que a poesia não tem finalidade educativa, nem virtude moralizadora. O mentor do Parnasianismo foi Théophile Gautier, a partir de 1836, quando disse que a beleza era a única verdade e finalidade da criação. Após a morte de Mallarmé, em 1898, Dierx foi considerado o Príncipe dos Poetas. Entre os principais parnasianos franceses estão: Leconte de Lisle, Catulle Mendès, François Coppée, Leon Dierx, Mallarmé. No Brasil, a partir de 1870, Alberto Oliveira, Raimundo Correia, Olavo Bilac, Luís Guimarães Júnior, Luís Delfino. Já o Simbolismo começa um pouco depois com As Flores do Mal, de Baudelaire, em 1857. Verlaine, nos Poemas Saturnianos entra no Simbolismo, e, em Poetas Malditos, chama a atenção para Mallarmé, Rimbaud e Tristan Corbière.

Libra – Fundamenta, equilibra, balanceia, enterra.

Losna – Plantas da família das compostas, e entre elas a losna maior ou absinto (*Arthemysiaabsinthium*), do grego *absinthion* = impossível de beber, por ser muito amarga e aromática.

Artemísia, de Artêmis, deusa que presidia os partos e socorria as mulheres doentes. Era usado para doenças do estômago, estimulante, febres, tônico. Sua preparação alcoólica podia levar ao vício, com aumento de sensibilidade, alucinações, perda de motilidade e da força muscular, irritabilidade.

Meimendro – Do latim *milimendrium* – Plantas medicinais da família das solaneas, de onde se extrai o alcaloide hisciamina.

Nênia – Canto fúnebre, plangente, toada melancólica, elegia. Na Roma antiga utilizavam-se das carpideiras, para o seu canto. Canto das armas.

Nevroses – Doença dos nervos, nervosos.

Palor – Palidez.

Paul Marie Verlaine – Metz, 1844 - Paris, 1896. Como parnasiano publicou, em 1866, Poemas Saturnianos. Depois, Festas Galantes, 1869, Boa Canção, 1870. Comprometido com a Comuna, fugiu para a Inglaterra e depois Bélgica. Romance Sem Palavras, 1874. Sabedoria é a sua grande obra. Poetas Malditos e Outrora e Há Pouco. Em 1895, publica o seu último poema: Morte. Poesia atormentada e violenta. Parnasiano, tornou-se simbolista.

Pistilo ou Gineceu – Do latim *pistillus* – órgão sexual feminino localizado nas flores.

Plectro – Do grego *okektrón* – haste de marfim ou de ouro que servia para trocar as cordas de uma lira. Também foi o nome com que se designava a Poesia Lírica. Inspiração Poética. Poesia. Ponta de lança. Instrumento.

Sirma – Do grego *surma* – manto de teatro usado na tragédia, por atores representando deuses e heróis. Vestido rogaçante e de cauda.

Stephane Mallamé – Na Divagações, em 1897, nasceu em Paris, em 1842, e faleceu em 1898. Escreveu Verso e Prosa, em

1893, Divagações, em 1897, Poesias Completas. Primeiro foi Parnasiano e depois Simbolista.

OCUPANTE Nº 01 - EVANDRO DAS N. CARREIRA²⁹

24/08/1927-22/12/2015

Evandro das Neves Carreira
Fonte: Google



O bacharel em Ciências Jurídicas Evandro das Neves Carreira nasceu em Manaus, Amazonas, no dia 24 de agosto de 1927³⁰, sendo filho de Tocandira Balbi Carreira e da senhora Inácia das Neves Carreira. Esse combativo advogado foi sem dúvida um dos amazonenses mais inteligentes que o autor deste ensaio³¹ conhece, desde os tempos de aluno da Faculdade de Direito do Amazonas, localizada na Praça dos Remédios, centro urbano de Manaus, quando testemunhou muitas vezes

a polimatia de Evandro. Ele traduzia de forma decorada o significado dos mais diversos termos da língua portuguesa, inclusos no dicionário de Cândido de Figueiredo. Exímio declamador de poemas, conhecia de cor, quase todos os sonetos e poemas do imperador do romantismo brasileiro, o grande Castro Alves.

²⁹ Texto transcrito do Memorial de 2008, páginas 83 a 87, sob a organização do então presidente da AAML, Acadêmico José Maria Nogueira, com adaptações de Antonio Tupiinambá.

³⁰ A Wikipédia registra o falecimento de Evandro Carreira no dia 22 de dezembro de 2015.

³¹ Autor não identificado.

Evandro Carreira estudou os cursos primário e secundário na rede de ensino de sua terra natal, e concluiu o curso universitário na Faculdade de Direito da Universidade do Amazonas, formando-se advogado no ano de 1960, militando no foro de Manaus. Especializou-se em Filosofia do Direito, Direito Penal, Júri e Direito Constitucional.

Reservista do Exército Brasileiro, fez o curso do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva, no Rio de Janeiro, saindo com a patente de Segundo Tenente R/2, fazendo o respectivo estágio no 27º Batalhão de Caçadores, em Manaus.

Pensando em participar da política partidária amazonense, ainda no curso universitário, conseguiu eleger-se residente do Diretório Acadêmico da Faculdade de Direito do Amazonas em 1957, quando mostrou sua habilidade no manejo das palavras, discursando com brilhantismo, empolgando seus colegas, o que lhe valeu a indicação por diversas vezes, para orador da turma.

Prova incontestável de sua habilidade com as palavras é que, em 1957, conquistou o título de melhor Orador Universitário do Brasil, ao pronunciar um memorável discurso no auditório do Ministério da Educação, na cidade do Rio de Janeiro, representando a Faculdade de Direito do Amazonas, quando venceu quarenta e seis concorrentes de outras faculdades brasileiras. O concurso acima fora promovido pelo Centro Acadêmico Cândido de Oliveira, da Faculdade de Direito da Universidade do Brasil, com sede na Praça da República, na cidade do Rio de Janeiro. Naquela ocasião triunfal para Evandro Carreira, e para as cores do Amazonas, a banca examinadora do concurso foi presidida pelo Magnífico Reitor Pedro Calmon.

Ingressando na política nos idos de 1959, foi eleito vereador à Câmara Municipal de Manaus, no referido exercício, sendo reeleito em 1963. Depois de alguns anos sem mandato, Evandro retornou às lides políticas em 1973 e conseguiu eleger-se senador da República, tomando posse no Congresso Nacional em 1974. Com eloquência nos seus pronunciamentos, usando uma linguagem vernaculista, destacou-se desde os primeiros momentos de sua permanência no senado,

integrando a Comissão de Transportes, Comunicação e Obras Públicas, suplente da Comissão de Saúde e vice-presidente da Comissão de Assuntos Regionais. Logo depois de concluir o mandato, pelos conhecimentos jurídicos e amazônicos, foi contratado, em 1983, para o cargo de Assessor Jurídico e Amazonólogo do Senado Federal, tendo sido aposentado, em 1996, depois de 42 anos de serviços públicos prestados à nação brasileira.

Foi o Senado Federal que publicou a sua conhecida obra *Recado Amazônico*, em 10 volumes, onde se encontra inserida toda a sua atividade como senador representante do Amazonas. De sua autoria é também a afirmação transformada em axioma: *A Vocaçãõ Hidrográfica e Fotossintética da Amazônia*. Dessa obra nasceram todos os corolários decorrentes de teorias do autor, tais como Varzeanas, Ictiológica, ribeirinha etc.

Mas Evandro não se limitou às publicações acima em defesa da Amazônia que tanto amava. Teve numerosos trabalhos publicados em jornais e revistas, poemas e crônicas, como exemplo: *Amazônia Food Source For The Third Millenium*, cujo prefácio foi elaborado pelo Dr. Grilleen T. Pmace, Ph. D. FLS, vice-presidente da Divisão de Ciências e Diretor do Instituto de Economia Botânica do *New York Botanical Garden* e ex-presidente do Royal Kew Garden, de Londres, que em seus comentários sobre o autor o definiu como sendo um desses iluminados profetas em relação ao futuro da Amazônia.

Entre as inúmeras obras do intelectual Evandro das Neves Carreira, podemos citar as de maior destaque: *O Bioma Amazônico e a Energia Nuclear*, *Ocupação da Amazônia preço sedutor para a borracha*; *Pecuária Câncer da Amazônia*; *A Morte do Legislativo*; *A Igreja e a Ecologia*; *Mística Nuclear*, *A Consciência Cósmica do Índio*; *Multinacionais Cobiçam a Amazônia*, *Projeto Jari*, *Ponta de Lança Internacional*; *A Grande Farsa*; *O Extrativismo Preservou a Amazônia*; *Amazônia Envenenada pela Dioxina*; *Tóxico e a Morte de Deus*; *A Revolução, a Droga e Subversão*; *Contra a Venda da Floresta Amazônica*; *Meio Ambiente e o Grande Problema*; *Clube da Madrugada* (Evandro foi o presidente desta entidade por três

períodos); Farsa Democrática; O Descaminhado do PT no Amazonas; A Caridade; Militarização da Amazônia e outras.

Exímio conferencista da temática Amazônica em seminários, ciclos de debates, conferências e simpósios em universidades, diretórios estudantis e outras entidades, Evandro fez palestra na Escola Superior de Guerra dos Estados Unidos da América do Norte, em 1981, na National Defense University, Nacional War College, Forte MC Mer, Washington, D.C 20319.

Membro efetivo e destacado da Academia Amazonense Maçônica de Letras³², Evandro Carreira teve como Patrono a figura magistral de Mavignier de Castro³³, enaltecida de forma irretocável pelo imortal da Academia Amazonense de Letras, Dr. Djalma da Cunha Batista, quando afirmou em artigo sobre o autor de *Amazônia Panteísta*:

“Os 16 capítulos de Amazônia Panteísta constituem, do ponto de vista literário, sem favor, a mais bela e a mais completa descrição da natureza planiciária. Escreveu-os Mavignier de Castro, um homem singular, que conseguiu um estilo musical e perfeito a serviço de um observador incansável e apaixonado da fisiografia”.

Amante do Amazonas, Evandro foi um defensor veemente da Região, chegando por vezes ao exagero, em seus discursos inflamados, corajosos, cheios de erudição, aniquilando contendores despreparados sobre a natureza amazônica, não dando tréguas aos que cobiam de forma predatória intencionalmente em subtrair-lhe a soberania, tripudiando de forma criminosa sobre os direitos internacionais. Nessa missão patriótica e da qual não abriu mão em suas iniciativas, participou de algumas filmagens sobre o projeto Jari e outros, representando o Senado Federal, sempre defendendo os interesses da Amazônia.

³² No dia 06/05/2004 esteve presente na Assembleia Geral da AAML na condição de “Ilustre convidado. Sua Ficha de Inscrição como acadêmico data de 09/02/2006.

³³ Na Assembleia Geral da AAML, de 04/12/2007, a Cadeira 6, que estava sob patronato de Mavignier de Castro passou a ser patroneada por Heliodoro Nery de Lima Balbi.

Iniciou-se na Loja “*Conciliação Amazonense*”, ocupando vários cargos e foi Venerável Mestre da Loja Mater, Esperança e Porvir, por três vezes.

A Wikipédia registra o falecimento de Evandro Carreira no dia 22 de dezembro de 2015.

OCUPANTE Nº 02 - JOÃO BOSCO PINTO ROCHA

Fonte: Acervo AAML
João Bosco Pinto da Rocha



João Bosco Pinto Rocha, empresário, no meio sociocultural de Manaus conhecido como “Bosquinho Poeta”, foi regularmente aprovado e aceito na Cadeira Nº 6 da AAML, sob o patronato de Heliodoro Nery de Lima Balbi, no dia 18 de fevereiro de 2019, e empossado no dia 6 de abril daquele mesmo ano³⁴.

Nascido em Manaus no dia 28 de julho de 1960, Bosquinho Poeta é filho de Aurélio Miranda da Rocha e dona Matilde Pinto Rocha. É casado com Jane Maria Soares Rocha,

³⁴Ato de Posse Nº 01/2019.

Ingressou na Maçonaria no dia 28 de novembro de 2009, através Loja “Esperança e Harmonia”, de Obediência da Grande Loja Maçônica do Amazonas, onde fez sua caminhada, chegando ao grau de Mestre no dia 20 de abril de 2011, concluindo o 33º no dia 10 de junho de 2017. É o atual Grande Secretária de Esportes e Eventos da sua Obediência.

Desenvolve atividades laborais como administrador ambiental, escritor de poesias e compositor de melodias. Participa de instituições culturais, entre elas, a Associação Brasileira de Escritores e Poetas Pan-Amazônicos, desde 2016; participante no Projeto Literatura Caminhante, que faz distribuição de livros, alimentos e roupas no interior do Estado e nas cidades ribeirinhas;

Foi premiado, em 2017, com o Estandarte de Ouro, do jornal “A Crítica”; também recebeu o prêmio “Galo de Prata”, do G.R.E.S. A Grande Família, em 2017.

AUTOBIOGRAFIA

A vida do escritor amazonense Bosquinho Poeta é pautada na superação de desafios e na observância e reconhecimento da grandiosidade divina, muitas vezes detalhada em seus versos. O menino pobre, jornalista e picolezeiro transformou sua realidade por meio do trabalho, dedicação e amor às letras. Ainda na adolescência, passou a escrever poemas, motivado pelas obras divinas. Ao observar a natureza e a beleza da vida, o poeta debruçou-se a compor poesias sobre as florestas, os rios, a riqueza da flora e da fauna, e ainda sobre a religiosidade, os astros, a feminilidade e a beleza da amizade.

Ainda na juventude, Bosquinho Poeta, nos intervalos de seu trabalho como office-boy, costumava visitar a biblioteca do SESC, onde teve contato com as obras de escritores consagrados, dentre eles, Castro Alves, Gonçalves Dias, Machado de Assis, Vinicius de Moraes, e ouvia as músicas românticas do cantor Roberto Carlos, o que segundo ele, o

inspirava a escrever e motivava seus sonhos. O poeta sempre foi um sonhador, sonhando com coisas mirabolantes, imaginárias, as coisas que o Grande Arquiteto do Universo criou com tanta perfeição. As coisas de Deus. Sempre com devoção também a Nossa Senhora. O escritor tem como inspiração a mulher, a lua, as estrelas, os astros, e se define como um eterno sonhador, um poeta contemplatista, que ama contemplar o pôr do sol, a natureza e as obras de Deus.

FORMAÇÃO ACADÊMICA E CARREIRA PROFISSIONAL

Bosquinho Poeta é formado em Magistério e Administração, com pós-graduação em Gestão Ambiental Participativa. Na área acadêmica, o poeta é imortal da Academia de Literatura, Arte e Cultura da Amazônia (ALACA), Academia de Letras do Brasil (ALB), da Academia de Letras e Culturas da Amazônia (ALCAMA), da Associação Brasileira de Escritores e Poetas Pan-Amazônicos (ABEPPA), Acadêmico Imortal da Academia Intercontinental Sênior de Literatura e Arte (AISLA) e da Academia Amazonense Maçônica de Letras (AAML).

É detentor do título de Doutor Honoris Causa em Literatura e Paladino da Cultura da Região Norte, concedido por recomendação do Centro Samaritano de Altos Estudos Filosóficos e Históricos pela Federação Brasileira dos Acadêmicos das Ciências, Letras e Artes (FEBACLA); das Comendas Maria Quitéria Heroína da Pátria e Comenda Vitória-Régia, concedidas pela FEBACLA, e da Comenda Castro Alves de Literatura 2021, concedida pela Academia Capixaba de Letras e Artes de Poetas Trovadores.

Em 2022, o Poeta recebeu a Medalha Ruy Araújo, a mais alta comenda concedida pela Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas (ALE-AM), em atenção à sua dedicação à literatura no Amazonas. Em 2023, na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (ALESP), recebeu a Medalha

Templária Milenar, concedida pela Ordem Templária do Brasil, em atenção aos projetos inovadores e ações humanitárias que norteiam a vida de Bosquinho Poeta.

Em 2024, foi eleito Conselheiro Municipal de Literatura no Conselho Municipal de Cultura de Manaus (CONCULTURA), com expressiva votação que o consagrou conselheiro com o dobro de votos do segundo candidato.

É autor dos livros “Memórias Poéticas de um Sonhador”, lançado em 2003, com a segunda edição publicada em 2006; “O Testemunho das Estrelas”, lançado em 2015, e “Sentimentalidades da Alma”, lançado em outubro de 2021.

SUA HISTÓRIA NO CARNAVAL

Bosquinho Poeta atualmente faz parte da ala de compositores do Grêmio Recreativo Escola de Samba Reino Unido da Liberdade – A Escola da Família. O poeta está na Escola desde 2012. Em 2013, passou a ser um dos compositores de samba-enredo. Em 2015, obteve, junto aos demais compositores, o título de vice-campeão do carnaval. Em 2016, a Reino Unido deu início a uma trajetória de vitórias no Carnaval, tirando nota 10 em todos os quesitos. Em 2016, a escola foi campeã com o samba-enredo “Na Arte de se comunicar, vem meu Reino Encantar”; em 2017, com o Samba-Enredo “No reino das fontes de vida. O Morro em Movimento Sustentável faz a diferença”; em 2018, com o samba “Na escola da vida, eu sou o professor!”; em 2019, com o samba-enredo “Tambores, crenças e costumes afro-brasileiros. A bênção Mãe Zulmira”. O poeta fez parte da composição dos sambas-enredos campeões em todos esses anos. Em 2020, a escola foi vice-campeã do carnaval com o samba “Turismo – Amazonas de braços abertos para o mundo, uma viagem fantástica”, que também teve a participação de Bosquinho Poeta em sua autoria.

Em 2023, foi homenageado pelo Grêmio Recreativo Escola de Samba Dragões do Império, que contou a vida de Bosquinho Poeta na Avenida do Samba, narrando sua trajetória como empresário, escritor e maçom. O samba-enredo que teve como título “A Estrela Poética de um Sonhador Hoje Reina na Dragões do Império” foi campeão do “Grupo de Acesso A” do Carnaval 2023, levando a escola do bairro São Jorge a desfilar no grupo especial em 2024.

MAÇONARIA

Na Maçonaria Amazonense, Bosquinho Poeta ocupa o cargo de Grande Secretário de Esporte e Eventos da Grande Loja Maçônica do Amazonas (GLOMAM), ao lado do Sereníssimo Grão-Mestre Marcelo Barbosa Peixoto e Eminentíssimo Grão-Mestre Adjunto Tufi Salim Jorge Filho. A Maçonaria é uma instituição que tem por finalidade tornar feliz a humanidade, combatendo a ignorância, os erros e os preconceitos. No Amazonas, na pandemia, a Maçonaria conseguiu auxiliar muitas pessoas à beira da morte, desesperançosas, e, por meio da Campanha Ação GLOMAM, que teve Bosquinho Poeta como um dos coordenadores, foi possível distribuir mais de 350 toneladas de alimentos, insumos hospitalares e kits de higiene a muitas pessoas em situação de vulnerabilidade no Amazonas.

PUBLICAÇÕES E ANTOLOGIAS QUE BOSQUINHO POETA TEM PARTICIPAÇÃO:

Aventuras Manauaras - Ano: 2023

Patologia do Bem - Ano: 2022

Mundo Infantil (Volume 2) - Editora: Cogito - Poesia publicada: Clamor de Criança - Ano: 2021

Antologia Poética (Volume 5) - Editora: Cogito - Poesia publicada: Manaus, minha doce menina morena - Ano: 2021

Poesis (Volume 3) - Editora: Cogito - Ano: 2021

ARTIGO EM REVISTA:

Revista Cenarium / Julho - Ano: 2021- Poesia publicada: Alerta Verde

Coletânea Imortais 4 - Editora: Cogito - Poesia: Manaus, minha doce menina morena - Ano: 2021

O melhor poeta contemporâneo - Editora: Almeida - Ano: 2020 - Poesia publicada: Manaus, minha doce menina morena

A imortalidade amazônica (antologia) - Editora: Porto de Lenha - Ano: 2017 - Poesias publicadas: Esperançoso Verde, Guerreiro derrotado, Alerta Verde, Volumosas Águas e Profundamente Negro.

CADEIRA Nº 7

PATRONO: ANTÔNIO G. P. DE SÁ PEIXOTO³⁵

Antônio Gonçalves Pereira de Sá Peixoto nasceu no dia 27 de fevereiro de 1869, em São Sebastião do Rio de Janeiro. Era filho de Antônio Pereira de Sá Peixoto e Maria Gonçalves Peixoto.

Em 1891, formou-se em Direito pela Faculdade Livre do Estado de São Paulo, época em que começou a tomar gosto pela política partidária. No entanto, esse mesmo entusiasmo viria trazer-lhe alguns transtornos, haja vista o momento de transição por qual passava o Brasil após a Proclamação da República, fato ocorrido em 15 de novembro de 1889.

Na euforia dos anos áureos da borracha, quando Manaus testemunhava a construção de obras suntuosas, a movimentação livre de grandes somas de dinheiro, a elevação do nível educacional e uma agitada vida cultural, Sá Peixoto teria decidido vir para o Amazonas, e, no alvorecer do novo regime político, foi nomeado pelo Presidente Floriano Peixoto, para exercer o cargo de Juiz Federal do Estado do Amazonas. Destacou-se, ainda, como professor de História Universal

³⁵ Crédito: Memorial, Edição 2008.

e Língua Francesa no Instituto Normal Superior do Estado; Língua Francesa e Pedagogia, no Ginásio Amazonense D. Pedro II; Direito Público e Constitucional, Direito Internacional Público, Privado e Diplomacia, na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro; diretor-geral da Instrução Pública do Amazonas; e professor de Filosofia do Direito, Direito Público Internacional e Direito Internacional Privado, na Faculdade de Direito do Amazonas, onde chegou a ser o seu Diretor.

Engajado na política partidária, Sá Peixoto foi eleito Deputado Federal (1894 e 1901), Senador e Vice-Governador do Estado (1908), na dobradinha vitoriosa com o Coronel Antônio Clemente Ribeiro Bittencourt.

Outras atividades: participação nos estudos e elaboração do Código Civil Brasileiro (1895); Doutor em Direito (1904), defendendo a tese “Fundamento e Fim da Neutralidade”; primeiro presidente da OAB-AM (1932); presidente, por diversas vezes, do Tribunal de Justiça do Amazonas; vice-presidente da Academia Amazonense de Letras.

Na Maçonaria, Sá Peixoto foi iniciado em 20 de julho de 1894, na Loja “Ganganelli”, no Rio de Janeiro, filiando-se, a seguir, às Lojas “Esperança e Porvir”, “Henrique Valadares”, “Amazonas”, “Cinco de Setembro”, “Aliança” e “Deus, Lei e Perseverança”. Elegeu-se, em janeiro de 1895, Deputado da Loja “Esperança e Porvir”. No mesmo ano, tornou-se Venerável Mestre da Loja “Conciliação Amazonense”, cédula maçônica que, por sua iniciativa, havia sido instalada em 30 de novembro de 1894. Com a instalação do Capítulo Henrique Valadares, em 1º de junho de 1895, Sá Peixoto ocupou o cargo de Grande Orador. Um mês depois, no dia 1º de julho, concluiu os graus filosóficos da Maçonaria, obtendo o Grau 33.

A fundação da Loja “Rio Negro”, em 5 de novembro de 1896, precisou também de sua inteligência incomum e do apoio dos irmãos. Nomeado Delegado do Grão-Mestre no Amazonas, em 9 de dezembro de 1898, Sá Peixoto permaneceu no cargo até 24 de fevereiro de 1901. Antes, porém, em 21 de julho de 1900, a Loja “Amazonas”, em sessão

magna, entregou-lhe o “malhete de ouro”, em reconhecimento aos relevantes serviços prestado à Maçonaria.

No dia 1º de setembro de 1900, na “Esperança e Porvir”, Sá Peixoto reuniu-se a outros irmãos, para dotar a Maçonaria do Amazonas da mais Alta Organização do Rito Escocês na concessão dos títulos de Grande Inspetor Comendador e Sublime Príncipe do Real Segredo. Nesse mesmo ano, o Supremo Conselho expediu-lhe a Carta Constitutiva.

Em 23 de junho de 1901, reunidos na casa do irmão Daniel Sevalho, em Tefé, os maçons tefeenses homenagearam Sá Peixoto, escolhendo-o para ser o patrono onomástico da mais nova Loja Maçônica do Amazonas, hoje a Grande Benemérita Loja Simbólica Sá Peixoto nº 13, da jurisdição da GLOMAM.

Sá Peixoto presidiu a Comissão Regularizadora da Loja “Aurora Lusitana”, da qual foi Membro Honorário, e instalou o Conselho de Cavalheiros de Kadosch “Pensador”. Foi Benemérito das Lojas “Conciliação Amazonense”, “Rio Negro” e “Arkbai”, Membro Honorário do Supremo Conselho e Benemérito da Ordem Maçônica. Assumiu interinamente o cargo de Grão-Mestre Grande Comendador da Maçonaria no Brasil, durante a ausência de seu titular, o irmão Lauro Sodré.

Faleceu em Belém-PA, no dia 17 de abril de 1948.

OCUPANTE Nº 01 - RAIMUNDO COLARES RIBEIRO³⁶

Acervo do Acadêmico
Raimundo Colares Ribeiro



Raimundo Colares Ribeiro nasceu em Tefé-AM, no dia 17 de maio de 1958. É filho de Hildebrando Ribeiro e Teresa Colares Ribeiro. Casou-se com a senhora Kátia Maria dos Santos Colares Ribeiro, com quem possui três filhos: Rickson, Rennier, Recco e Raissa.

É Membro da Academia Amazonense Maçônica de Letras; da Academia de Letras, Ciências e Artes do Amazonas; da Academia de História do Amazonas; da Academia Internacional de Lexicografia; da Academia Paraibana de Letras Maçônicas; da Associação dos Escritores do Amazonas (ASSEAM); da Casa do Poeta e do Escritor Brasileiro, seção do Amazonas; do Instituto Cultural Vale Cariariense; da Sociedade de Cultura Latina do Brasil; Grande Secretário de Cultura da Grande Loja Maçônica do Amazonas (GLO-MAM); E Diretor da Federação Brasileira de Alternativos Culturais.

BIBLIOGRAFIA:

1. “Viagens à Corte do Solimões”;
2. “Amazonas Meu Grande Amor”, 1ª edição;
3. “Notícias da Arte Real”;
4. “Amazonas Meu Grande Amor”, 2ª edição;

³⁶ Crédito: Memorial da Academia Amazonense Maçônica de Letras, Edição 208, p. 90/91.

5. “I Antologia de Contos e Crônicas da ASSEAM”;
6. “Amazonas Meu Grande Amor”, 3ª edição;
7. “III Antologia de Contos e Crônicas da ASSEAM”;
8. “Amazonas Meu Grande Amor”, 4ª edição;
9. “Momentos da Arte Real no Amazonas”.
10. COLABORAÇÃO EM PERIÓDICOS: Alguns de seus escritos foram publicados com destaque no “Jornal À Crítica”, “Jornal O Estado do Amazonas”, “Jornal do Norte”, “Jornal A Notícia” e “Jornal Amazonas Em Tempo”.

CADEIRA Nº 8³⁷

PATRONO: PLÁCIDO S. P. DE ANDRADE³⁸

O professor Plácido Serrano Pinto de Andrade, natural de Maranguape (Estado da Paraíba), nasceu a 1º de maio de 1865, filho de Ignácio Gonçalves Serrão e de Mariana Pinto de Andrade.

Faleceu em Manaus-Amazonas, terra que fez sua pelo coração, a 12 de novembro de 1934.

Aprendeu as primeiras letras e preparou-se para o curso de humanidades em sua cidade natal, com o próprio pai, prestando exames brilhantes no Ateneu Riograndense do Norte. Fez o curso de Ciências Sociais na Faculdade do Recife e, como autêntico e vibrátil sonhador nordestino, teve suas vistas voltadas para o Amazonas – o Eldorado da nossa juventude – e rumou para Manaus. Antes havia sido censor de vários colégios, professor, e na campanha republicana, companheiro de Silva Jardim e Martins Júnior.

O Dr. Plácido Serrano, já em Manaus, foi chamado e recebeu do Governo Federal, a nomeação de fiscal de exames preparatórios,

³⁷O Patrono escolhido para a Cadeira Nº 8 quando da Fundação da AAML, Antonio Augusto dos Santos Porto, foi substituído por Plácido Serrano Pinto de Andrade em 04/12/2007, por decisão da Assembleia Geral daquela data. Pode ser dito que a Cadeira Nº 8 já teve dois Patronos: o primeiro, Antonio Augusto dos Santos Porto até 04/12/2007, e o segundo, Plácido Serrano Pinto de Andrade, a partir daquela data.

³⁸ Biografia reproduzida das páginas 92 a 100 do Memorial de 2008, organizado por José Maria Nogueira, e as pesquisas do Acadêmico Jorge Humberto Barreto.

cargo esse que se havia estabelecido em todas as Capitais onde ainda não houvesse Faculdades de Ensino superior.

Enquanto esses cargos se aviltavam em outros lugares, pelas concessões graciosas de aprovação, o Dr. Plácido Serrano, em Manaus, começou por um processo de moralização, não deixando transformar-se em “indústria”. Homem correto, não permitiu tal “negócio”.

Com o correr dos tempos, o jovem paraibano ingressou no Ginásio Amazonense, hoje Colégio Estadual, mediante concurso, na cátedra de inglês e alemão (facultativo). Foi seu diretor de 1904 a 1912, e num segundo período, mais tarde, o Ginásio teve a denominação de “Pedro II”, (homenagem ao centenário do Imperador), pelo Decreto Nº 113, de 28 de novembro de 1925, assinado pelo interventor Alfredo Sá.

Era professor de Português e Literatura da antiga Escola Normal. Em cursos particulares e em sua residência, lecionava português, latim e francês, fazendo ainda traduções de italiano e espanhol. Vivia o ensino e para o ensino.

Contraiu núpcias com a senhora Rosaura Serrano de Andrade de cujo enlace teve os seguintes filhos: Raimundo de Andrade, Plácido Serrano Filho e Eunice Serrano Teles de Souza, o primeiro médico e os dois últimos professores.

A professora Eunice, casou-se com o professor Antonio Telles de Souza, catedrático de Português do Instituto de Educação do Amazonas, tradicional Escola Normal, onde muitos anos, a professora Eunice foi Diretora.

Plácido Serrano deixou inéditos romances de costumes, poesias de vários gêneros, traduções de comédias e dramas, além de uma gramática para uso exclusivo de sua filha Eunice.

O destacado professor, em se tratando de moral, era um homem íntegro. Em matéria de dignidade adotava um lema: antes sofrer do que ceder, no âmbito de uma questão de compromisso. Face esse

aspecto do seu temperamento, base de um caráter inamalgável, abominava o partidarismo político. Nunca pleiteou coisa alguma em competições eleitorais. Seu idealismo, todo o substrato de sua conduta filosófica e social estava encerrado na trilogia Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Adotava, no ensino, como profissão, um sentimento sagrado. Como Diretor do Ginásio, por várias vezes e em largos períodos, deu, desse gesto, sobejas provas.

Quando Dr. Alfredo Sá chegou a Manaus, em fins de dezembro de 1924, nomeado para o cargo de Interventor Federal, acompanhado de todos os seus Secretários, a exceção o de Instrução Pública, para o qual convidou o Professor Agnello Bittencourt, logo dizendo: “Veja quem deva ir para a direção do Ginásio”, ao que o convidado respondeu: O Dr. Plácido Serrano. Fui (Agnello Bittencourt) então à residência do Mestre, dizendo-lhe da ocorrência. Plácido Serrano, de imediato indaga: “Quem irá para a Instrução Pública?”. Ao que afirmei: “Este seu amigo” – Está bem. “Aceito o cargo”. E, fato curioso, tempos depois, em agosto de 1930, fomos os dois exonerados no mesmo dia...

O Doutor Plácido Serrano, como em geral todos os funcionários públicos do Amazonas, teve um pedaço mais difícil de caminho; quando premidos pelas necessidades, no quadriênio 1921-1924, teve de rifar sua preciosa biblioteca. O Professor Júlio Benevides Uchôa, em 1947, em documento amplamente divulgado, publicou o seguinte:

“Existem ainda, por aí, inúmeras testemunhas, na maioria funcionários públicos, que poderão dizer como recebiam seus vencimentos naquele calamitoso período administrativo em que as rendas do Estado eram desbaratadas criminosamente, num verdadeiro delírio de despudor e irresponsabilidade”.

Foram-se mais que os anéis, mas ficaram os dedos, e mais que estes, a dignidade de viver honestamente.

Não é supérfluo registrar que, além de culto e trabalhador, Plácido Serrano Pinto de Andrade sempre foi um homem profundamente honesto, um dos grandes vultos no nosso passado.

O MAÇOM PLÁCIDO SERRANO

Não apresentaremos a vida maçônica de Plácido Serrano, nas suas minudências, mas fragmentos de sua participação como “Obreiro da Arte Real”, o que não invalida a brilhante trajetória desse Maçom, até porque no exercício de suas atividades profanas, a sua conduta primava pela ética e pela moral, adicionadas a estas virtudes o interesse pela solidariedade humana.

Fora iniciado na Loja “Conciliação Amazonense”, a 19 de dezembro de 1896, onde exerceu o cargo de Venerável. Era filiado e Benemérito da Loja “Rio Negro”, filiado, também às Lojas “Amazonas”, “Aurora Lusitana” e “Esperança e Porvir”; membro instalador da Loja “Deus, Lei e Perseverança” e “Fraternidade Amazonense”, bem como dos Consistório de Sublimes Príncipes do Real Segredo.

A Grande Assembleia Geral do Grande Oriente do Amazonas e Acre agraciou-o com o título de Membro Honorário, a 29 de abril de 1901.

Ajudou na instalação do Consistório de Príncipes do Real Segredo de 1900, conforme Ata abaixo:

Reunidos, a 1º de setembro de 1900, no Templo da Loja “Esperança e Porvir”, os Poderosos Irmãos do Grau 33 – Joaquim José Pais da Silva, João Batista Grana, Nicolau Tolentino, Francisco Pacheco de Azevedo, Leonardo Antonio Malcher, Antonio Dias dos Passos, Leonel Pereira Mota, Alfredo de Moura Alves, Joaquim Francelino de Araújo, José Gonçalves Dias, Ismael Vitorino Gomes, Domingos José de Andrade, Júlio Roberto, Antonio Gonçalves Pereira de Sá Peixoto, Carlos da Gama Rodrigues, José Azevedo da Silva, Plácido Serrano Pinto de Andrade e Francisco Públio Bittencourt, e os Poderosos Irmãos do Grau 32 – Antonio Clemente Ribeiro Bittencourt, Manuel Dias Barroso, Camilo Lelis Pacheco Amora, Joaquim

Carvalho, Antonio Pereira de Carvalho, José Cardoso Ramalho Júnior, João de Deus Batista Braga, Eusébio de Souza Caldas, João de Souza Bordalo, Rodolfo Gustavo de Albuquerque Cavalcante, Antonio Monteiro de Souza, Antonio Augusto dos Santos Porto, Alfredo Fernandes de Sá Antunes, Antonio Rodrigues Madeira e Otelo Fernandes de Sá Antunes, acordaram dotar a Maçonaria do Amazonas da mais alta organização do Rito Escocês para a concessão dos títulos de Grande Inspetor Comendador e Sublime Príncipe do Real Segredo.

Participou da fundação da Loja “Fraternidade Amazonense”.

Sob a presidência do Irmão Francelino de Araújo, que fora Venerável da Loja “Esperança e Porvir”, no período de 1896 a 1897, fundou-se a Oficina Maçônica “Fraternidade Amazonense”, no Templo da Loja “Amazonas”, no dia 28 de outubro de 1900.

Seu primeiro Corpo Administrativo ficou assim organizado:

Venerável	Pedro de Alcântara Freire
1º Vigilante	Teodoro Monteiro da Cunha
2º Vigilante	Antonio de Freitas Pinto
Orador	Plácido Serrano Pinto de Andrade
Secretário	Manuel de Freitas Pinto
Tesoureiro	Joaquim Francelino de Araújo
Orador Adjunto	Ciríaco Alves Muniz
Secretário Adjunto	Francisco Meneses
Chanceler	Manuel Martins Vidal Júnior
1º Experto	Pedro Henrique Cordeiro Júnior
2º Experto	Anselmo Carniceiro
3º Experto	João Nunes de Melo
Hospitaleiro	Antonio Josué Calmont de Andrade
Mestre de Cerimônia	Alfredo Fernandes de Sá Antunes
M. de Cerimônia Adjunto	João Cabral Osório de Araújo
Arquiteto	José de Castro Teixeira
Cobridor	João Nazaré da Silva Júnior

1º Diácono	Francisco de Lima Valente
2º Diácono	Sérgio Rodrigues Pessoa
Porta-Estandarte	Raimundo de Lemos Braga
Porta-Espada	Manuel Jacinto Abreu
Mestre de Banquete	José Augusto da Silva

Foi um dos promotores da fundação da sociedade Asilo de Mendicidade de Manaus.

SOCIEDADE ASILO DE MENDICIDADE DE MANAUS

A Sociedade Asilo de Mendicidade de Manaus teve como promotores de sua fundação os maçons Antonio Clemente Ribeiro Bittencourt, Agnello Bittencourt, Feliciano de Souza Lima, Joaquim Francelino de Araújo, João Reis, José Cardoso Ramalho Júnior, Henrique Taborda de Miranda, Martinho de Luna Alencar, Pedro de Alcântara Freire, Plácido Serrano Pinto de Andrade, Raimundo de Carvalho Palhano e Virgílio Ramos, conforme ata da Poderosa Assembleia Geral do Grande Oriente Estadual do Amazonas, lavrada a 26 de agosto de 1909.

Sua inauguração verificou-se a 9 de dezembro de 1909, com cento e trinta e três presenças assinadas no livro respectivo e a 29 de janeiro de 1910 já estava funcionando em edifício próprio, como “estabelecimento destinado a receber pessoas inválidas a quem a fortuna desamparou”.

Registro Fúnebre

O “Boletim Maçônico”, em sua edição de 24 de novembro de 1934, publicava esta notícia:

“Sucumbiu nesta capital, após dolorosos sofrimentos, o Irmão Dr. Plácido Serrano Pinto de Andrade, grande dignidade, cavalheiro largamente estimado na sociedade manauense.

O óbito do distinto varão verificou-se em sua residência à Avenida Joaquim Nabuco 1591, no dia doze deste mês, às 15

horas, cercado do carinho desvelo de sua família e de muitos dos seus numerosos amigos. Logo que a cidade teve ciência do falecimento do digno Maçom a casa enlutada encheu-se de pessoas das relações do extinto em romaria ao cadáver. Seu enterro realizou-se no dia seguinte, às 10 horas, seguido de grande acompanhamento.

A Maçonaria Amazonense fez-se representar pelas comissões do Grande Oriente e Lojas “Esperança e Porvir”, “Conciliação Amazonense”, “Rio Negro” e “Aurora Lusitana”. Tomando luto e hasteando o pavilhão maçônico em sinal de pesar, por três dias”.

A 24 dez novembro de 1935, o mesmo “Boletim Maçônico” fazia esse registro:

“A 12 de novembro do ano próximo passado, finou-se o grande cidadão, cujo nome encima estas linhas.

Veio para o Amazonas ainda moço e aqui viveu durante quarenta anos, dedicando-se ao magistério secundário. Sua competência e dedicação ininterruptas, aliados à amenidade do trato, fizeram-no um mestre idolatrado.

Morreu professando sua cátedra, ensinando línguas (português, francês, latim e alemão) de que se fez especialista. Para seus discípulos, Plácido Serrano continua a substituir, no íntimo de seus corações e na exaltação dos seus espíritos.

O grande professor anoiteceu para o túmulo, amanheceu para a Eternidade iluminada de glórias.

Se a matéria não se perde, apenas se transforma, muito menos a inteligência, que semeou profusamente a Moral e a Instrução entre as gerações novas.

Plácido Serrano foi um grande Obreiro do progresso, um dos maiores apóstolos da Fraternidade Humana.

A Maçonaria teve, nele, um inexcédível pioneiro.

Bem a visita que seus amigos e Irmãos lhe fizeram, ao túmulo, naquele dia, à passagem do seu primeiro aniversário de falecimento. Disseram-lhe a nênia de sua tristeza, convencidos de que, cada vez mais, os mortos governam os vivos...”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre os inúmeros ditirambos com que podemos identificá-lo, o grande Mestre se faz detentor dos atributos estabelecidos na seguinte conceituação:

Educar³⁹ é compreender a incompreensão para extirpá-la; é dialogar para não enfatizar o monólogo; é perceber a ironia e fazer-se de desentendido, devolvendo-a em forma de apelo para um labor participativo. É perdoar sempre, mesmo nas vezes em que se torna necessário a união; é suprir os vazios existenciais; é mostrar os caminhos sem a bússola do dogmatismo; é ser grande pela natureza e, sobretudo pela humildade. É viver com o educando os momentos felizes e sorver com ele os instantes de dificuldades, onde se faça evidenciar a interação solidária; é enfim fazer de seu trabalho um sacerdócio, em cujo exercício se processe o testemunho da bondade para germinar a perenidade do amor.

O Estado do Amazonas, embora timidamente, prestou-lhe merecida homenagem dando seu nome a uma Escola localizada à Rua Emílio Moreira, nesta cidade de Manaus. Igual comportamento teve o Corpo Discente do tradicional Colégio Estadual do Amazonas, estabelecimento de ensino, onde o homenageado dirigiu com eficácia e probidade, dando o nome do ilustre professor.

Grêmio Estudantil

Plácido Serrano foi um professor que viveu o magistério em todas as suas nuances, dignificando a cátedra, de que fez instrumento

³⁹ No texto original o autor escreveu “Educador”, um substantivo indicando o sujeito, mas que retira a coerência da oração. Daí, a preferência pelo verbo “Educar”.

de onde espargia o ensino-educativo, enaltecido pelo pragmatismo e mesclado com o humanismo cristão.

Esse paraibano ficou incólume à corrupção tornando-se apolo-gista da ética e da moral, não se apresentando como aventureiro, mas se firmando através de uma existência marcada pelo exemplo que o fez grande como homem, gigante como educador e altruístico como Maçom.

O insigne Mestre trouxe para o Amazonas a têmpera do nordes-tino, amalgamando o sofrimento com a vontade, para fazê-lo um ban-deirante da planície verde na qual vivenciou o amor, a perseverança e o filantropismo, trilogia que o imortalizou nos corações agradecidos do povo amazonense.

OCUPANTE Nº 01⁴⁰: JORGE HUMBERTO BARRETO⁴¹

Jorge Humberto Barreto foi um dos fundadores da Academia Amazonense Maçônica de Letras, juntamente com Almir Farias Ri-vas, Arlindo Augusto dos Santos Porto, Antonio Osman de Andrade Neto, Humberto Figliuolo, Osny Tavares de Araújo, José Maria de Souza Martins, Sila Guimarães Valle e Robério dos Santos Pereira

⁴⁰ Quando da fundação da Academia, Jorge Humberto Barreto foi indicado para a Cadeira Nº 32, então patroneada por Plácido Serrano Pinto de Andrade. Por decisão da Assembleia Geral de 04/12/2007, Plá-cido Serrano passou a ser Patrono da Cadeira Nº 08, em substituição a Antonio Augusto dos Santos Porto.

⁴¹ Em nota no Facebook, no dia 17/09/2014, a Academia Amazonense Maçônica de Letras – AAML (https://web.facebook.com/permalink.php?story_fbid=698598263557174&id=33174773575560&lo-cale=pt_BR&paipv=0&eav=AfbQPz2IDEqFzV1W8iYiUu-geQA14Z_vjVHZYfSGV3fl6jdlrt88G1ClmeE3ZzK3V8Q&rdc=1&rdr) noticiou o falecimento de Jorge Humberto Barreto, ex-diretor da Escola Técnica Federal do Amazonas, fundador do Silogeu e seu primeiro bibliotecário.

Braga. Na oportunidade da fundação, Jorge Humberto Barreto foi eleito seu primeiro Bibliotecário, e indicou João Batista Verçosa para

Acervo Google
Jorge Humberto Barreto



a cerimônia de instalação da Academia, que ocorreu no dia 07 de fevereiro de 1980. Embora não exista mais nos arquivos da Academia uma ata da reunião de instalação, um documento apenso a um rascunho da Ata de Fundação de 01 de fevereiro de 1980, intitulado “Reunião de 7.2.1980 – Agenda”, registra, no item nº 3, “Reunião Solene de Instalação da Academia”, comprovando que foi nessa data que ocorreu a Instalação da Academia Amazonense Maçônica de Letras, sob a batuta de Robério dos Santos Pereira Braga.

Sobre o Acadêmico, a internet publicou, no dia 17 de setembro de 2014, uma nota do então presidente da Academia Amazonense Maçônica de Letras, nos seguintes termos:

Partiu para o Oriente Eterno no dia 09 de setembro de 2014, aos 79 anos, o professor Jorge Humberto Barreto, ex-diretor da Escola Técnica Federal do Amazonas (ETFA).

O filósofo Jorge Humberto, sempre foi admirado e respeitado na sociedade manauara, por sua postura de homem simples e, sobretudo, honrado, tendo exercido vários cargos em Manaus, fazendo-se respeitar pela sua humildade no tratamento às pessoas, indistintamente. O Professor Jorge Humberto destacou-se como diretor da antiga Escola Técnica Federal do Amazonas, hoje IFAM, no período de 1976 a 1991.

Nacionalino ferrenho, Jorge Humberto jamais deixava de estar no estádio em jogos do time de coração, ao lado do seu

amigo professor Maneca, tendo, ainda, integrado diretorias importantes do clube, com Paulino Gomes, Manoel do Carmo Chaves, Evandro Farias e tantos outros.

Maçom de grande influência e destaque na Ordem, obreiro da Loja Aurora Lusitana da Grande Loja do Amazonas, o nosso irmão Jorge Humberto também destacava-se como poeta, escritor e notório membro da Academia Amazonense Maçônica de Letras, onde ocupava a cadeira de No. 32 que tem como patrono o também professor Plácido Serrano Pinto de Andrade.

O Ir. Jorge Humberto estava internado na UTI da Unimed, há 6 meses, em virtude de uma queda, onde veio a falecer no dia nove de setembro passado. Ele deixa 4 filhos e 8 netos.

A Academia Amazonense Maçônica de Letras, na pessoa de seu Presidente, Acad. Abraham Baze, abraça pesarosamente a família do nosso dileto confrade e presta essa singela homenagem a memória do nosso Irmão.

OCUPANTE Nº 02⁴² - ARLINDO A. DOS S. PORTO⁴³

Arlindo Augusto dos Santos Porto nasceu fadado a ser um político, na acepção correta do termo, porque veio ao mundo no dia 15 de fevereiro de 1929, em Manaus, Amazonas, quando havia no Brasil um

⁴² Quando da fundação da AAML, Arlindo Porto foi indicado para ocupar a Cadeira Nº 8, que tinha como Patrono Antonio Augusto dos Santos Porto. Por decisão da Assembleia Geral de 04/12/2007, Plácido Serrano passou a ser Patrono da Cadeira Nº 08, em substituição a Antonio Augusto dos Santos Porto, mantendo Arlindo Porto como ocupante Nº 01, enquanto Jorge Humberto Barreto escolheu a Cadeira Nº 32 na Sessão de 17/05/2002 - Ata Nº 2, depois do soerguimento.

⁴³ Biografia sem identificação do autor, copiada do Memorial da AAML, de 2008, organizado sob a presidência do Acadêmico José Maria Nogueira. Arlindo Porto foi um dos fundadores da Academia Amazonense Maçônica de Letras, fato ocorrido no dia 01 de fevereiro de 1980.

clima de guerra civil, surgindo convulsões sociais e políticas de Norte a Sul e o presidente da República, Washington Luiz, sem o apoio do povo, foi deposto do cargo, pelo Golpe de Estado liderado por Getúlio Dorneles Vargas, em 1930, sendo, posteriormente deportado para a Europa, com outros políticos e parlamentares brasileiros.

Arlindo Augusto dos S. Porto
Fonte: Portal Eletrônico da
AAML.



Embora a cidadania e a democracia estivessem sob censura, o povo amazonense teve o privilégio de receber o comando de interventores equilibrados e honrados profissionais, alguns vindos de outras regiões. Entre 1930 e 1937, nomes famosos comandaram os destinos do Amazonas, entre os quais figuravam Floriano Machado, Nelson de Melo, Rogério Coimbra, Edson Stanislaw Afonso e Waldemar Pedrosa, todos

governando em clima de paz e com muita competência.

Os pais de Arlindo Porto, senhor Haroldo Augusto dos Santos e Inácia da Conceição Porto, eram pobres, sendo, ele, carregador de bagagens no porto de Manaus, e ela, uma humilde lavadeira, no que colaborava para aumentar a renda familiar e o sustento dos filhos.

Mas o destino reservou para o recém-nascido Arlindo uma graça de Deus, posto que somente Ele muitas vezes explica alguns fatos onde o amor se faz presente. É que, em frente à casa de Arlindo, morava um funcionário do Ministério da Fazenda, o guarda aduaneiro Aristeu de Almeida Guimarães, homem de generosa formação espiritual que, viajando de Olinda, em Pernambuco, sua terra natal, para Manaus, onde passou a viver, ajudou muitas pessoas desprendidamente.

Aristeu Guimarães, sensibilizado com a situação da família dos Santos Porto, se auto convidou para ser padrinho de batismo do pequeno Arlindo, transformando-se em protetor do afilhado. Mais tarde, Arlindo passou a ser seu filho adotivo, pela convivência familiar, recebendo todo o apoio necessário à sua manutenção. Custeando os estudos do afilhado, menino estudioso e aplicado, logo iniciou o curso secundário, em 1941, no Colégio Estadual do Amazonas, ao lado de amigos como Philippe Daou, Roberto Cohen, Gilberto Mestrinho, Sandoval Oliveira e muitos outros destacados parceiros do progresso do Amazonas. Ainda estudante, Arlindo despertou para o jornalismo, tendo sido o redator-chefe de *O Debate*, um semanário mimeografado, dirigido pelo então jovem Gilberto Mestrinho de Medeiros Rapposo. Insistindo nessa atividade, nos finais da década de 40, começou a trabalhar no centenário *Jornal do Comércio*.

Dedicado aos estudos, consciente de ter sido beneficiado pelo destino, ao lhe proporcionar um segundo pai, na figura do padrinho Aristeu, em 1952 o jornalista Arlindo Augusto dos Santos Porto recebeu o diploma de Bacharel em Direito, pela Faculdade de Direito da Universidade do Amazonas, cuja entrega foi realizada, entre emoções e alegrias, pelo seu padrinho de batismo. Mas, a vocação de jornalista estava enraizada nas veias e no coração do novo bacharel, que jamais exerceu a advocacia.

Casado em primeiras núpcias com a senhora Guilhermina, irmã do professor Gilberto Mestrinho, Arlindo casou-se em segunda núpcias com a senhora Dagmar Nogueira dos Santos Porto, tendo gerado os seguintes filhos: Vânia, Alba, Ivã, Sandro Ricardo, Zênia, Luiz Augusto, Lúcia Tereza e Luciana.

Com uma pena brilhante e valente, com uma oratória capaz de levar ao delírio seus ouvintes, Arlindo Porto trocou a encenação dos grandes juristas do Direito Penal pela crítica construtiva no âmbito político e cultural, aprimorando-se a cada dia, com artigos memoráveis, defendendo os interesses do povo humilde do seu Estado e militando nos mais diversos órgãos de comunicação do Amazonas, entre os quais destacam-se *O Jornal do Comércio*, *O Jornal*, *Diário da*

Tarde, A Crítica, A Tarde, A Gazeta, O Trabalhista, Correio de Notícias e outros jornais de circulação efêmera. Sua competência invadiu outros estados da Federação, fato que o credenciou a colaborar no *Correio da Manhã, Diário de Notícias, Última Hora, O Globo, O dia, A Notícia, AJB* e no *Jornal de Turismo*, todos do Estado do Rio de Janeiro.

Em 1954, teve início sua carreira política, quando foi eleito deputado estadual, pela primeira vez, conseguindo desde então sucessivas reeleições. Foi líder da maioria governista em várias legislaturas e por duas vezes ocupou a presidência da Assembleia. Amigo íntimo e aliado do governador Gilberto Mestrinho, quando foi seu líder na Assembleia, estando o titular ausente, assumiu o governo em várias ocasiões, deixando na administração a sua marca de simplicidade e humildade.

Um fato inusitado na vida de Arlindo Porto ocorreu em 1964, logo após o golpe militar de 31 de março, quando o Brasil passou a ter o comando de um regime militar forte. Em consequência de suas coerentes posições nacionalistas, pois lutou em defesa das riquezas nacionais - petróleo, areias monazíticas - pela participação do Brasil na luta contra o Eixo; contra a entrega de bens pátrios aos estrangeiros, o que era considerado esquerdismo, teve então o seu mandato de deputado estadual cassado pelos próprios colegas da Assembleia Legislativa do Estado, agindo sob ameaças e temerosos da ação dos governantes militares.

Na mesma oportunidade, os seus direitos políticos foram suspensos por dez anos e os únicos votos discordantes daquela vergonhosa resolução foram os dos deputados Abdala Sahdo, Francisco Queiroz e Ruy Araújo.

Na mesma noite do lamentável fato, 5 de maio de 1964, foi levado para uma prisão militar, no bairro de São Jorge, onde ficou preso por vinte e oito dias, sendo libertado junto com outros brasileiros ali retidos, e contra os quais nada fora encontrado ou justificado nas acusações contra eles. Tanto assim foi que a Auditoria Militar de Belém os absolveu mais tarde, em votação unânime dos seus juízes.

Nessa dura fase precedida de uma ansiada anistia, tornou-se o primeiro editor do jornal *A Notícia*, do empresário Felix Fink, sendo um dos seus fundadores, inclusive. Como sempre o jornalismo o atraía, e, em 1959, com grande esforço e luta, junto com outros companheiros, fundou o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Amazonas, tornando-se seu primeiro presidente.

Em 1970, deixou o corpo redacional de *A Notícia* migrando para o Rio de Janeiro, onde por quase dez anos representou a empresa de turismo Selvatur Ltda., com sede em Manaus. Sem abandonar o jornalismo, trabalhou em vários jornais daquela cidade.

Retornando a Manaus em 1980, engajou-se na luta pela eleição do amigo Gilberto Mestrinho, e tendo restaurado os seus direitos políticos, candidatou-se a deputado federal. Foi esta sua última investida na área política, pois tendo ficado como primeiro suplente de sua bancada, o PMDB, soube depois que, na verdade fora eleito, mas que um funcionário do TRE, suspeito de ter auferido vantagem financeira, substituíra seu nome no mapa final dos efetivamente votados, fazendo-o apenas primeiro suplente.

Mesmo assim, numa das várias convocações, teve a honra e a dignidade de votar pelo retorno das eleições diretas à presidência da República, e sobre essa posição mantém vários documentos. Isso, dentre outras participações, das quais muito se orgulha. Entretanto, decepcionado com os homens que não fazem da Política a Arte e a Ciência de governar os povos com espírito público, Arlindo jamais retornou à vida pública.

Em 1992, indicado pela Assembleia Legislativa do Estado, foi nomeado pelo governador Gilberto Mestrinho para Conselheiro do Tribunal de Contas do Estado, cargo no qual se aposentou pela compulsória dos setenta anos de idade, em 1999.

Arlindo Porto ainda acresce ao seu currículo de bons serviços à terra natal, a competência e o zelo no desempenho de várias secretarias de governo, tais como a de Administração e a de Comunicação Social, além dos cargos de professor (substituto) de Geografia, no

Colégio Estadual do Amazonas, Delegado de Segurança Política e Social e diretor do Arquivo Público.

Sua vida intelectual jamais deixou de aflorar em todos os seus atos, sendo ele possuidor de uma cultura invulgar, reconhecido como um dos mais completos intelectuais do Amazonas. É ex-presidente do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas (IGHA) quando comandou as obras de recuperação que salvaram a entidade das ruínas; produtor de um imenso cabedal de trabalhos (reportagens, crônicas, ensaios, artigos, editoriais etc.) jornalísticos.

Em outubro de 1993, eleito membro efetivo da Academia Amazonense de Letras e empossado em dezembro do mesmo ano, ocupou a cadeira nº 35, cujo patrono é D. Frederico Costa. Na Academia tem ocupado postos em todas as diretorias seguintes à sua posse. É autor dos livros *Álvaro Maia Poliantéia, 1984*; *Bernardo Cabral – Um Paladino da Democracia, 1988*; *Nunes Pereira, O Cavaleiro de Todas as Madrugadas do Universo, 1993*; *O Regatão da Saudade (Memórias), 1984*; *Faça-se a Luz (temas maçônicos), 1999* e *Poucas e Boas (Eu também conto casos), 2003*; e tem no prelo o livro *Umberto Calderaro Filho – Legenda de Trabalho e Amor pelo Amazonas*.

É Mestre Maçom da Loja Simbólica Unificação Maçônica, jurisdicionada ao Grande Oriente do Brasil - Amazonas, e galgou alguns dos graus superiores do Rito Escocês Antigo e Aceito.

CADEIRA Nº 9

PATRONO: ARISTÓPHANO ANTONY⁴⁴

Aristóphano Antony

Fonte: <http://catadordepapeis.blogspot.com/2010/05/memorial-amazonense-xxiii.html>



O irmão Aristóphano Antony, patrono da cadeira nº 9 do Silegeu Maçônico do Amazonas, nasceu na cidade de Manaus, no dia 24 de maio de 1903, filho de Leandro Antony e dona Maria Ferreira Antony, sendo um personagem de fino trato e extrema elegância, de estrutura moral e intelectual elevada, culto, inconfundível estilo britânico, sempre usando paletó e gravata, com seu inseparável charuto.

Foi jornalista autodidata e por vocação nata, poeta e escritor, enveredando, desde jovem, na lide jornalística, ao dirigir o semanário noticioso e humorístico *O Monóculo*, circulante no período de 1913-

⁴⁴ Extraído do Memorial da AAML, Edição 2008, Fls. 107/111.

1927, e repórter do centenário *Jornal do Comércio* de Manaus. Acadêmico dos cursos universitários de Direito e posteriormente de Agronomia, os quais abandonou para abraçar definitivamente o jornalismo. Entre 1927 e 1929, transferindo-se para o Rio de Janeiro, trabalhou ativamente nas revistas *Seleta*, *Fon-Fon*, e nos jornais *Diário Carioca*, *Jornal do Brasil* e *O Jornal*, e ainda na Agência Telegráfica Brasileira. Regressou para Manaus, no final do ano de 1929, onde foi redator chefe de *O Dia* (1925-1930), sendo o mesmo empastelado na Revolução de 1930. No governo do prefeito municipal, professor Marciano Armond, foi um dos seus secretários. Posteriormente deixou essa função pra fundar *O Jornal* (1930-1977), órgão diário de maior circulação no Estado do Amazonas, sendo seu redator-secretário, até 1937. Ao fundar *A Tarde*, em 1937, que circulou até 1962, sito à Rua Henrique Martins 65, adotou o lema: “Um vespertino que será sempre o arauto das aspirações populares”, sendo seu irmão Xenofonte Antony o diretor-gerente.

Foi casado com a Senhora Edail Cordeiro Antony, que era filha do Coronel Pedro Henriques Cordeiro Junior e de dona Antônia Nogueira Cordeiro de cuja união nasceram: Leandro, José Rogério, Flavio, Maria Eneida, Ruth, Maria Luiza, Maria de Lourdes e Ana Rita.

Iniciou-se na Grande e Benemérita Loja Simbólica Amazonas, Nº 2, recebendo o número de cadastro 2.101, à época pertencente ao Grande Oriente do Amazonas e Acre, hoje Grande Loja Maçônica do Amazonas, no dia 21 de outubro de 1944, sendo a sessão de iniciação presidida pelo Venerável Mestre Felismino Francisco Soares, 1º Vigilante, Manoel Ribeiro; 2º Vigilante, Heraldo Vidal de Araújo; Orador, Abdul Sayol de Sá Peixoto; e Secretário, Júlio Clovis Thaumaturgo. Na referida Sessão estiveram presentes o Eminentíssimo Grão-Mestre Adjunto em exercício Venâncio Igrejas Lopes, Chrysólogo Gastão, José de Salles Cavalcante, Virgílio de Barros e Aluysio H. da Silva.

O Ir.: ARISTÓPHANO ANTONY foi orador dos neófitos, na qual ao término de sua oração foi calorosamente aplaudido pelos irmãos presentes à Sessão de Iniciação.

Em 14 de dezembro de 1944, obtive na sessão de elevação, o seu aumento de salário com a presença do Venerável Mestre Venâncio Igrejas Lopes; 1º Vigilante Manoel Ribeiro, 2º Vigilante Heraldo Vidal de Araújo, Orador Abdon Nicolau Azaro e Secretário Júlio Clovis Thaumaturgo Lobo, presente à Sessão o Ir.: Francisco Pereira da Silva, que, depois de dez anos ausente da Maçonaria, retomava para participar dos trabalhos maçônicos, conforme suas próprias palavras. O Venerável Mestre Venâncio Igrejas Lopes, saudou aos novos companheiros. Ainda como companheiro-maçom, na Sessão Econômica de 1º de março de 1945, manifestou-se em brilhante discurso, expressando veementes protestos contra a prática abusiva de alguns irmãos, de virem às Sessões Maçônicas para pronunciarem discursos políticos, contrariando os princípios defendidos pela Maçonaria e com eles provocando discórdias de todo reprováveis em nosso meio.

Atingiu sua plenitude maçônica na Sessão Magna de Exaltação de 3 de março de 1945, presidida pelo Venerável Felismino Francisco Soares, 1º Vigilante Heraldo Vidal de Araújo, 2º Vigilante Clemente Almeida, Orador Abdon Azaro e Secretário Júlio Clovis Thaumaturgo Lobo, juntamente com os companheiros Henrique Carvalho Almeida, Antonio Grijo, Estevam Yunes e José Maria Pinto, sendo na oportunidade ofertada a quantia CR\$ 4.000,00 pelos *neomestres* Aristóphano Antony, Antonio Grijo e Henrique Almeida, para colaborar nas despesas de melhoramento do Templo. Na mesma Sessão os neomestres solicitaram a remissão, em regozijo a colação dos sublimes mistérios do Grau 3, pelo que mereceram mais uma vez uma calorosa salva de palmas. Na sessão de 22 de março de 1945, o Ir.: Aristóphano Antony recebeu o diploma de Mestre Maçom, pelas mãos do Dr. Octaviano Melo, que foi jornalista e pecuarista e Venerável Mestre da Benemérita Loja Simbólica Sá Peixoto Nº 13, do Oriente de Tefé, Estado do Amazonas. Na presidência dos trabalhos o Ir.: Heraldo Vidal de Araújo, adotou como nome simbólico o de Hildebrando Antony.

Na vida maçônica participou como secretário eleito para o período administrativo 1945/1946, 2º Vigilante, para o período administrativo de 1946/1947 e Chanceler para o período de 1947/1948, sempre na Grande e Benemérita Simbólica Amazonas Nº 2.

Como proprietário do jornal A Tarde, no início da década de 1960, foi muito combatido pelos governos trabalhistas, sendo obrigado a fechar o mesmo. Passou posteriormente a colaborar no jornal A Crítica atualmente em plena circulação e depois no O Jornal, extinto em 1977.

Foi membro da Academia Amazonense de Letras, sendo eleito em 10 de abril de 1948, quando assumiu a cadeira 18 (antiga 23). Foi, na sessão de sua posse, saudado pelo acadêmico Péricles Moraes, cognominado de O Príncipe dos Prosadores da Amazônia. Manteve assento no Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, na Academia Acreana de Letras, e na Sociedade Literária dos Amigos de Balzac (Montevideu/Uruguai). Junto com Barbosa Lima Sobrinho foi um dos sócios mais antigos da Associação Amazonense de Imprensa, entidade essa desaparecida do seio de nossa sociedade, sem que os seus últimos dirigentes tivessem deixado os seus registros históricos para consulta, pois se encontram perdidos ou desaparecidos para a posteridade.

Fascinado pelo Atlético Rio Negro Clube, foi seu presidente por mais de quinze anos, vindo a falecer no seu exercício, aonde, com o seu carisma e sua característica marcante, sempre conduziu o clube com o respeito e a admiração da sociedade amazonense.

Detentor da medalha comemorativa do centenário de nascimento do jurista e sábio Ruy Barbosa, denominada Medalha da Cultura, como também, condecorado com os diplomas assinados pelo Ministro da Justiça e Negócios Interiores, e as medalhas Marechal Hermes e Marechal José Caetano de Farias.

Foi o autor dos livros Sombras e Reflexos, Política Democracia e Revolução, No Turbilhão dos Ventos Tropicais e Evocações e Sentimentais.

A cidade de Manaus presta-lhe uma homenagem, denominando uma de suas ruas com o seu nome, no bairro Petrópolis. Na Academia Amazonense de Letras uma das salas é denominada Aristóphano Antony, em sua homenagem.

Na data de seu falecimento, presidia a Associação Amazonense de Imprensa, o Atlético Rio Negro Clube e era vice-presidente da Academia Amazonense de Letras.

Aristóphano Antony passou para o Oriente Eterno, no dia 03 de agosto de 1968, sendo enterrado no Cemitério São João Batista, em Manaus/AM.

OCUPANTE Nº 01 – F. J. DE VASCONCELLOS⁴⁵

19/01/1952-15/09/2022

Francisco José de Vasconcellos
Fonte: Acervo da AAML



Francisco José de Vasconcellos, natural de Manaus (AM), filho do Desembargador Marcílio Dias de Vasconcellos, patrono da cadeira nº 28, da Academia Amazonense Maçônica de Letras, e de Euza Naice de Vasconcellos. Desenvolveu suas atividades profissionais no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia – INPA. Foi membro ativo da Grande Benemérita Loja Simbólica Conciliação Amazonense nº 13, cadastro nº 4848, tendo nela exercido vários cargos. Foi membro fundador da Loja Rio Solimões Nº 24, e da Loja Floresta Amazônica Nº 39. Foi mestre instalado pertencente à

⁴⁵ Extraído do Memorial da AAML, Edição 2008, Fls. 111.

GLOMAM. Foi distinguido com honroso Diploma de Maçom Benemérito pela Grande Loja Maçônica do Estado de Mato Grosso, exercendo o cargo de Grande Secretário de Relações Exteriores da Grande Loja Maçônica do Amazonas, desde 1994.

Francisco José de Vasconcellos faleceu no dia 15 de setembro de 2022.

OCUPANTE Nº 02 - FABRÍCIO P. DE OLIVEIRA

Fabrício Pereira de Oliveira

Fonte: Acervo da AAML



Fabrício Pereira de Oliveira nasceu em 09 de fevereiro de 1979, na cidade de Manaus. Filho de Anacleto Pereira do Nascimento e de Fernando Soares de Oliveira residiu em Manaus até aos 07 (sete) anos de idade, quando mudou-se com a família para João Pessoa/PB, retornando a Manaus após (03) três anos.

Aos 15 (quinze) anos retornou para João Pessoa para cursar o ensino médio, concluído no Colégio Arquidiocesano Pio XII.

Ingressou na faculdade de direito em 1997, tendo exercido contato com a advocacia desde os primeiros meses da graduação. Foi Vice-Presidente do Diretório Acadêmico de Direito do Centro Universitário de João Pessoa e Vice-Presidente do Diretório Central dos Estudante, na mesma instituição.

Trabalhou, enquanto estudante e pouco tempo após formado, no escritório de advocacia do renomado advogado Odilon de Lima Fernandes, advogado combativo e maçom atuante na jurisdição da Paraíba.

Casou-se, em João Pessoa, em 07 de julho de 2002, com Isabelle Nóbrega de Oliveira. Retornou para Manaus no mesmo ano, após formatura no curso de Bacharelado em Direito, atuando imediatamente no exercício da advocacia, com escritório próprio. Exerceu, ainda, a docência superior em direito por 02 (dois) anos.

Foi aprovado em concurso público, e nomeado em novembro de 2005, para a Procuradoria da extinta Empresa Municipal de Transportes Urbanos, onde chegou a ser nomeado Procurador-Chefe, em junho de 2006.

Em 2009 nasceu Fernando Nóbrega de Oliveira, seu único filho, e no mesmo ano foi deslocado para ocupar a Chefia da Assessoria Jurídica da Secretaria Municipal de Infraestrutura, incluindo da Comissão de Licitação e da Unidade Gestora de Projetos Especiais.

Ingressou na Maçonaria em 10 de julho de 2010, na Grande Benemerita Loja Simbólica Amazonas N° 2, sendo elevado em 31 de março de 2011 e alcançando a plenitude maçônica simbólica em 01 de setembro de 2011.

Foi orador adjunto da Grande Benemerita Loja Simbólica Amazonas N° 2 logo após ser exaltado.

Na vida profana, retornou para o cargo público de origem em 2013, e em 2015 foi nomeado Secretário Executivo da Secretaria de Estado de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Manaus, cargo que ocupou até 2017. Desde então, dedicou-se exclusivamente à atuação como Procurador, abandonando a advocacia privada.

Em 04 de novembro de 2017 foi investido no Grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para a República Federativa do Brasil.

Foi nomeado Juiz do Tribunal de Justiça Maçônico da Grande Loja Maçônica do Amazonas, de 22 de setembro de 2016 a 21 de setembro de 2019, por ocasião de ter sido eleito 2º Vigilante da Grande Benemerita Loja Simbólica Amazonas nº 2 e, posteriormente, 1º Vigilante.

Foi eleito Presidente da Excelsa Loja de Perfeição Padre Torquato, para mandato entre os anos de 2018 e 2019. Também foi eleito Venerável Mestre da Grande Benemerita Loja Simbólica Amazonas nº 2, cargo que exerceu de 20 de agosto de 2021 a 19 de agosto de 2022.

Após o veneralato, foi eleito Representante da Grande Benemerita Loja Simbólica Amazonas nº 2 para o Poder Legislativo da Grande Loja Maçônica do Amazonas, até ser nomeado Juiz do Tribunal de Justiça Maçônico da Grande Loja Maçônica do Amazonas, em 08 de novembro de 2022. Em 2023, foi nomeado Presidente do Conselho Consultivo do Capítulo Ajuricaba/Amazonas Nº 236, da Ordem DeMolay.

Foi admitido na Academia Amazonense Maçônica de Letras no dia 03 de fevereiro de 2024, em sessão solene de Assembleia Geral, realizada no Templo da Loja Unificação Maçônica, obediente ao Grande Oriente do Brasil.

CADEIRA Nº 10

PATRONO: ARTHUR V. DO C. RIBEIRO⁴⁶

Arthur Virgílio do Carmo Ribeiro
Fonte: Portal Amazônia,
<https://portalamazonia.com/columistas/abraham-baze/arthur-virgilio-do-carmo-ribeiro-o-macom-e-veneravel-mestre>



Concluiu seus estudos em Direito na Faculdade do Recife. Havia de certa forma, de sua parte, um grande interesse pelo Amazonas. Recebeu à época o convite para imigrar para Manaus através de seu amigo particular o Desembargador J. Cândido Ferreira Lisboa.

“... Chegando a Manaus em 1905 foi nomeado Juiz Municipal de Moura, em seguida foi designado pelo Governador do Estado do Amazonas para a Comarca de Remate de Males, a fim de apaziguar os ânimos de numa contenda entre nacionais e estrangeiros, de cuja, missão desempenhou com

⁴⁶ Fonte: Portal Amazonas, <https://portalamazonia.com/columistas/abraham-baze/arthur-virgilio-do-carmo-ribeiro-o-macom-e-veneravel-mestre>

êxito. O Governador satisfeito o nomeou Consultor Jurídico da Penitenciária do Estado.”

Em Remate de Males foi acometido da doença Polinevrite, tendo seguido viagem para sua terra Natal Recife e retornando a Manaus somente em 1912. Dedicou sua vida a jurisprudência em nosso Estado. Prestou relevantes serviços nas comarcas de Barcelos, Fonte Boa, Boa Vista do Rio Branco e finalmente de Porto Velho.

Foi o magistrado calmo e educado, cujo, espírito e atitudes era de paz, não importava os motivos ou em lugar em que estivesse. Em sua caminhada pela magistratura jamais usou da força para ver cumprir suas decisões.

“... A Comarca de Rio Branco afugentava os magistrados que para ali eram mandados. As conveniências da política de campanário os envolviam em seu arrastão de aço. Arthur Virgílio, graças ao seu jeito de transigir com honra, permaneceu com mais tempo, de lá se afastando para capital, por ato de 06 de novembro de 1930, foi nomeado Desembargador do Egrégio Superior Tribunal de Justiça do Estado pelo então Interventor Federal Coronel Floriano Machado. Foi o escolhido entre aplausos gerais, como um prêmio a sua cultural e integridade de apóstolo da justiça. Está ainda muito viva na lembrança de todos a sua atuação de presidente, por várias vezes, da colenda corte, sempre engrandecida, e a majestade impositiva do seu valimento, como Poder do Estado.”

Na sua cátedra, revestido da dignidade do cargo não dispensava o protocolo, o ritual da tradição. Há 4 de julho de 1946, o respeitável Conselho da Ordem dos Advogados do Brasil, sessão do Amazonas, prestou-lhe entusiástica e vibrante homenagem, através da eloquência do doutor Valdemar Pedrosa, fazendo parte da Comissão Consagradora do Sodalício, os Desembargadores Bernardino Paiva, Análio de Rezende, Aristides Rocha, Leopoldo Peres, Manoel Barbuda e Virgílio de Barros. De longe, também recebia congratulações honrosas que não o envaideciam, porque sempre envolto em atitudes de modéstia e humildade. Note-se a que lhe chegou as mãos a 9 de julho de 1937, ao deixar a presidência do Tribunal de Justiça Eleitoral, enviada pelo

Ministro Hermenegildo de Barros, então, Presidente do Egrégio Superior Tribunal de Justiça Eleitoral, um longo telegrama de agradecimento pela eficiente colaboração prestada com a relevante caracterização de obra realizada em sua administração, fazendo sentir com realce que o Estado do Amazonas fora o único da Federação em que as eleições decorreram sem o menor incidente, em plena ordem e harmonia entre os poderes.

E continua narrando, o autor Agnello Bittencourt, que esse homem nasceu para praticar justiça, pois nele se reuniam a sabedoria, a sensatez e a serenidade. Foi juiz por vocação.

Como se não fosse bastante o expediente das Comarcas que perlustrou, abriu colégios todos com mesmo nome Tobias Barreto, seu grande amigo para ensinar as primeiras letras, em cargo que levava a sério continuamente. O seu adstrito ofício era-lhe um dever cívico e ao mesmo tempo uma distração para o espírito.

Homem de cultura sistematizada quando já localizado em Manaus os membros da Academia Amazonense de Letras foram buscá-lo para o seu convívio espiritual, o que se realizou a 22 de fevereiro de 1943. Adriano Jorge, então Presidente do Sodalício, havia designado o acadêmico Huascar de Figueiredo para receber o neófito ilustre. Pode-se imaginar o quanto de encantamento, nessa noite estrelada, refulgia dos discursos proferidos, inclusive do discurso do recipiendário. Raras vezes, como aquela, o areópago se vestira de tantas galas e a assistência se emocionara com semelhantes belezas tribunícias!

Os homens de talento, despidos de egoísmo, admiravam-se e estimavam-se. É o caso de Arthur Virgílio em relação a Tobias Barreto, a quem chamara certa vez de poliglota, autodidata, filósofo, poeta, crítico científico, literário e artístico, jurisconsulto, orador, jornalista, advogado, polemista, professor, parlamentar, musicólogo. Seu trabalho intitulado Tobias Barreto (incerto na Revista da Academia Amazonense de Letras n° 3, de setembro de 1955, página 73), o Desembargador Arthur Virgílio revelou-se um fotogenista de rara habilidade. No seu discurso de recepção, consagrou-se um letrado de autos

remígio. Suas credenciais patentearam a largueza dos pensamentos de um mestre.

É certo que, não deixou livros, folhetos e provas de vivências nos jornais. Sua bagagem literária é bem pequena, se não levamos em conta seus trabalhos jurídicos de 25 anos de magistratura.

Um episódio comprobatório do equilíbrio emocional e da educação do casal foi presenciado por mim, em dia de festa na residência da família. Vários amigos conversavam com o Desembargador e senhora, quando no outro salão caiu uma bandeja com o som característico de copos de cristal. Os donos da casa não fizeram o menor gesto de surpresa ou um olhar visando o local do acidente, continuando a conversa no mesmo tom de serenidade. Jamais vi tanta educação e imperturbabilidade.

No âmago daquela serenidade de Arthur Virgílio morava uma energia de comando. Conta-se que, em certa ocasião, o juiz da Comarca presidindo o Tribunal do Júri, observou a insistência do promotor em defender o réu. Não se podendo mais conter e em voz enérgica e solene declara: Levanto por um momento a sessão porque a justiça está sem defesa. Minutos depois era outro da promotoria e reaberta a sessão. Não importa saber o resultado do julgamento, o que é o certo é que, o juiz cumpriu seu dever, naquela emergência em que a lei estava em perigo.

O Desembargador Arthur Virgílio era um espírito liberal uma consciência pura, envolvido no plano de uma filosofia baseada na liberdade, na igualdade e na fraternidade de todos os homens independente de cor ou credo religioso. Foi com essa mentalidade que o magistrado insigne ingressou na Ordem Maçonica.

Por muitos anos foi um dos maiores veementes cooperadores. Por seu talento e serviços prestados, galgou todos os graus e dignidades, sendo o Grande Orador da Assembleia Geral.

Ao centenário de nascimento do Coronel Antônio Clemente Ribeiro Bittencourt a 23 de novembro de 1953, houve uma comemoração de caráter cívico e popular, promovido pela maçonaria em

homenagem à memória daquele ex Grão-Mestre, tendo sido orador da cerimônia o Desembargador Arthur Virgílio.

Foi casado com a senhora Luíza da Conceição do Carmo Ribeiro, deixando os seguintes filhos: Arthur Virgílio do Carmo Ribeiro, Elso do Carmo Ribeiro, Olga do Carmo Ribeiro Marques, Maria Luísa do Carmo Ribeiro de Souza, Solange do Carmo Ribeiro Rodrigues.

O Desembargador Arthur Virgílio aposentou-se do Superior Tribunal de Justiça do Amazonas. Faleceu a 14 de setembro de 1956.

A MAÇONARIA E SUA DEFINIÇÃO

A Maçonaria se define como uma associação de homens livres e de bons costumes na qual são adotados diversos símbolos derivados da arte real, como esquadro, o nível e o compasso. É uma instituição que reúne todos os homens de boa vontade sob a bandeira da igualdade e da fraternidade e, que lhes propõe como finalidade o exercício da influência moral aos seus membros. É uma instituição filantrópica, filosófica e progressista, cujo, fim é realizar a preparação de seus membros para o mundo.

“... A Maçonaria não é um movimento filosófico que admite qualquer orientação ou opinião. A verdadeira Maçonaria é um culto para conservar e entender a crença na existência de Deus, para ajudar os maçons a regularem a própria vida e própria conduta, segundo os princípios da própria religião e, que exige a crença em um Deus supremo.”

Foi sobre a luz da Augusta Cruz da Perfeição Maçônica da Loja União e Perseverança 947 que Arthur Virgílio do Carmo Ribeiro viu a verdadeira luz dos conhecimentos maçônicos como aprendiz no dia 12 de setembro de 1925. Dedicado em busca do conhecimento, foi elevado a companheiro maçom no dia 06 de outubro de 1925. Logo em seguida foi elevado ao Grau de Mestre maçom, no dia 09 de novembro de 1925. Estudioso da arte real ingressou no filosofismo chegando ao grau 18 Cavaleiro Rosa Cruz no dia 22 de julho de 1926. Sua dedicação como obreiro atuante tomou posse no cargo de

Chanceler no dia 26 de junho de 1926. Tomou posse como Primeiro Vigilante no dia 28 de janeiro de 1927 e assumiu o cargo de Venerável Mestre no dia 28 de junho de 1927. Neste período o irmão Arthur Virgílio do Carmo Ribeiro exercia a função de Juiz de Direito no antigo Território Federal de Rondônia, hoje Estado de Rondônia. Sua foto faz parte da galeria da sua loja mãe. Como destaca o historiador Dante Ribeiro da Fonseca na sua obra *Augusta Cruz da Perfeição Maçônica R. L. S. União e Perseverança 947 – Cem Anos de História (1918-2018)*.

OCUPANTE Nº 01 - ANANIAS DA S. BARBOSA⁴⁷

(21/12/1926-03/04/2007)

Facilito o trabalho de pesquisa de qualquer futuro titular desta cadeira nesta Academia. Seguem minhas principais informações biográficas. De humílima origem, sequer convivi com os meus pais biológicos, sendo informado pelos adotivos que se chamavam Luiz Gregório do Nascimento e Carlota. Trabalhavam na roça, no Paraná do Xiborena, onde nasci dia 21 de dezembro de 1926. A localidade pertencia ao Distrito de Manaus, mas atualmente faz parte do Município de Iranduba.

Sem oportunidade de conhecer as raízes genealógicas, entendi-me gente criado pelas mãos de humilde casal, meus padrinhos pelo batismo, que me adotaram na tenra idade, quando muito nos dois ou três anos. Foram Antônio e Luiza da Silva Barbosa. Ele, do Crato, no Ceará, de primeiras letras, aos 13 anos veio para seringais do

⁴⁷ Autobiografia do Acadêmico, publicada no Memorial da AAML, Edição 2008, Fls. 114/120.

Amazonas. Ela, nascida e criada no Paraná do Careiro, analfabeta. Quando nasci viviam e trabalhavam juntos na roça, vizinhos de meus pais.

Ao acaso lembro-me de ter visto meu pai genético ao redor dos meus seis anos de idade, em ato religioso na Praça da Matriz de N. S. da Conceição, em Manaus. Sem qualquer convivência, porque ele continuava na mesma localidade onde nasci, viúvo de muito tempo, enquanto meus adotivos migraram para Manaus. Quando completei 16 anos, ele faleceu na Santa Casa de Misericórdia. Pobre homem, analfabeto, trabalhador da roça.

Em 1946, quando nasceu minha primeira filha Maria José, decidi visitar o lugar onde nascera, em busca de consanguíneos. Encontrei minha avó materna, chamada Rosa, que faleceu muito depois, próximo dos 100 anos de idade. Tinha sangue cearense, e era parteira tradicional na região, onde também conheci tias, irmãs do meu pai, e da minha mãe, além de alguns primos, todos sem projeção social.

FILHO ADOTIVO REGISTRADO

Atraso social, ironia do destino ou algo parecido, permitiram que eu fosse registrado como filho legítimo dos pais adotivos. Não encontrei motivos para isso retificar. Ao contrário, restaram-me respeito e agradecimento pela generosa tarefa de me criarem, até quando assumi os encargos da própria família, aos 18 anos de idade, com eles inseparáveis, até falecerem, ela em 1973, aos 84 anos, e ele em 1976, aos 93. Rendo-lhes a saudosa memória.

Nos meus 13 anos de idade (1939) moramos um ano no Rio de Janeiro. Meu primeiro trabalho foi entregar as mensagens de Natal da agência dos Correios do Estácio de Sá, sob a influência do antigo servidor Francisco de Campos Bonates, visto que morávamos na área do Rio Comprido. Foi bom para conhecer a periferia do Estácio inteiro, incluindo Praça da Bandeira e Tijuca. Seguidamente fui auxiliar de um pequeno bar, na Rua Sampaio Viana, depois vendi balas em cinemas, juntei papel nas ruas, fiz carretos nas feiras livres e trabalhei

numa fábrica de calçados, na Rua da América, no sopé do Morro da Favela, até regressarmos para Manaus, em setembro de 1940.

Só havia frequentado, aos seis anos de idade, o Jardim da infância do Grupo Escolar Gonçalves Dias, à Rua Duque de Caxias, alcançando talvez a segunda série. Retornando do Rio de Janeiro, fomos residir no bairro da Cachoeirinha, onde tive o primeiro emprego, sem carteira de trabalho assinada, na Usina Vitória, de beneficiamento de castanhas. Comecei ajudando minha mãe a beneficiar castanhas, e terminei empregado, abastecendo a caldeira com cascas. Em 1941, mudamos para o bairro do Educandos, onde vivi mais 15 anos. Foi quando fui admitido no primeiro emprego com carteira assinada, na Serraria Pereira, firma da Colônia Oliveira Machado. Completara os 14 anos de idade e tinha esquecido parte do que aprendera na escola. Sem qualificação profissional, comecei transportando madeira para as caldeiras da serraria, onde terminei gerente. Casei-me muito cedo, aos 18 anos de idade, a 22 de dezembro de 1944, com Maria Thereza de Souza Barbosa, isto porque o cartório Santa Cruz Machado não permitiu que ocorresse o casamento no dia do aniversário, como fora previsto, alegando que somente no seguinte estariam completados os 18 anos. A Maria Thereza também com 18 anos de idade era órfã, primeira interna no Educandário Gustavo Capanema, na Colônia Oliveira Machado, estabelecimento onde ocorreu o casamento civil e religioso.

Juntamente com minha mulher, com muito esforço e vontade, época em que eu era vigia da serraria, preparamo-nos com a saudosa professora aposentada, Ismênia Paulino Malaquias, em sua residência na Rua Humaitá, para o exame de admissão ao Colégio Estadual do Amazonas, onde ingressamos, em 1947. Concluímos o curso Clássico no ano de 1953. Pedi demissão da serraria, em 14 de janeiro de 1956, quando concursado assumi a função pública de Fiscal da Previdência Social, no então IAPC – Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciantes.

Há uma histórica coincidência nos nossos nascimentos e casamento. De pais vizinhos, nascemos no mesmo local e no mesmo dia

21 de dezembro de 1926, assistidos pela mesma parteira mãe Francisca Lourenço, a quem depois de casados conhecemos no Morro da Liberdade. Infantes e adolescentes fomos criados em ruas próximas (Ajuricaba e Duque de Caxias), sem nos conhecermos, senão no dia 16 de julho de 1944, na Colônia Oliveira Machado, em face de proximidade da serraria e o internato, onde casamos seis meses depois.

O precoce peso da família levou-me a serviços extras, paralelos com as atividades na serraria. Trabalhei na estiva dos navios no porto de Manaus, em terceiro turno; vendi peixe nas ruas, nos domingos e feriados, e extraí lenha de machado nas matas do igarapé do 40, hoje Bairro da Betânia, para vender nas padarias. Era necessário suprir os pais e os filhos, que foram oito, alguns nascidos no período ginásiano, sem perda de ano e sequer segunda época em qualquer matéria.

Na função pública venci o estágio probatório de dois anos, quando tinha que comprovar eficiência, e outro estágio de três anos, por auto deliberação, para conquistar a confiança da Administração do Instituto, quando era delegada a professora Olenka Chauvin de Menezes, e Chefe da Arrecadação e Fiscalização, o chefe e amigo Antonio de Menezes Veiga. Conquistei, além da amizade dos chefes e colegas, também a colaboração para a minha formação acadêmica, na Faculdade de Direito do Amazonas, entre 1959 e 1963. Sem tal parceria não conseguiria, pois teria que desempenhar ação fiscal na capital e no interior, que circunscrevia o Amazonas, Acre, Rondônia e Roraima, e as aulas eram matutinas e vespertinas, no casarão da Praça dos Remédios.

No desempenho fiscal procurei ser sóbrio e humilde. Fiz o social que sempre me agradou, construindo amizades que conservo, em todos os lugares percorridos.

Em 1964, assumi a chefia da arrecadação e fiscalização do órgão, nomeado pelo então Delegado do IAPC, colega fiscal Eduardo Bessa, substituindo o chefe Antonio Veiga, que foi chamado para o Gabinete. Nesta chefia, que durou 11 anos, ajudei fazer no Amazonas a fusão dos seis institutos (IAPI, IAPC, IAPM, IAPB, IAPETEC,

IAPEFESP) formando o INPS – Instituto Nacional da Previdência Social, depois IAPAS – FUNRURAL, hoje INSS – Instituto Nacional do Seguro Social. Só não participando desta última fusão, porque já estava aposentado.

O ADVOGADO

Envolvido em arrecadação e fiscalização de contribuições, não era permitido inscrição na OAB, para habilitação profissional, impedido pela Lei nº 4.215/63, que disciplinava a advocacia, tal como a atual Lei nº 8.906/94 – Estatuto da Advocacia e da OAB. Guardei o diploma de bacharel em direito por dezesseis anos, tornando-me advogado após a aposentadoria, em 1979. Alegrou-me conceder aos chefes e colegas, em encontro formal de gabinete após a formatura, 50% da vitória do diploma, porque me ajudaram a conquistá-lo, atribuindo-me tarefas na capital e interior, permissivas da frequência às aulas.

Aposentado em 12 de fevereiro de 1979, prestei assessoria ao então Superintendente da SUFRAMA, Dr. Rui Alberto Costa Lins, durante três anos, nos assuntos de previdência e saúde dos servidores da autarquia, através da SUFRAMA, entidade associativa dos servidores do órgão. Pedi demissão quando Dr. Rui Lins deixou a SUFRAMA. Depois fui diretor do SENAC em Manaus, e assessoriei a Federação do Comércio do Amazonas. Desde então vivo da aposentadoria, porque a advocacia sempre teve para mim a feição sócio filantrópica.

O MAÇOM

Fui iniciado, no dia 24 de novembro de 1956, na Loja Simbólica Vitória das Nações Unidas, Nº 1210, sob inscrição 59.070, federada ao Grande Oriente do Brasil (GOB) do Rito Adonhiramita e jurisdicionada ao Grande Oriente do Estado Do Amazonas – GOEAM, antes GOAO – Grande Oriente da Amazônia Ocidental, do qual fui fundador e primeiro Grão-Mestre, em 1979. Fui Companheiro em 11 de fevereiro de 1957, e exaltado Mestre em 27 de abril de 1957, Mestre Instalado pelo Grão-Mestre Geral, na Rua do Lavradio/RJ e titulado Grande Benemérito da Ordem. Na minha Loja-Mãe fui algumas

vezes Secretário, Tesoureiro, Orador e Venerável, deixando o último mandato de venerável com a Loja em templo próprio, em condomínio com a Coirmã Unificação Maçônica, na Rua Lobo D'Almada.

PATRIMÔNIO

Guardo diploma de Acadêmico Honorário desta Academia Maçônica, expedido, em 21.03.1980. Tenho 10 filhos, cinco homens e cinco mulheres, oito legítimos e dois legitimados. A casa grande da família, na Avenida Djalma Batista – Jardim Haydéa 11, vendi e distribui o valor com os filhos e esposa, antecipando em vida o inventário do único maior patrimônio material. Atualmente tenho uma sala/apartamento no Condomínio do Edifício Ajuricaba (ex Hotel Amazonas) no centro de Manaus, e uma propriedade rural, no Km 29 da Rodovia Manuel Urbano, no Município de Iranduba, com 75 há, onde respiro clorofila. Saudável, física e mentalmente, considero patrimônios universais a vida, a saúde e os amigos, dos quais tenho na inteira Federação brasileira (do RS ao AC), onde estive, e seus endereços conservo em uma agenda.

Mais registros estarão em *Clarões*, título biográfico de trabalho em elaboração, que espero editar.

Soerguedor da Academia Amazonense Maçônica de Letras, Ananias da Silva Barbosa foi escolhido seu primeiro Presidente depois do soerguimento⁴⁸.

Faleceu no dia três de abril do ano de 2007⁴⁹.

⁴⁸ Fonte: Ata Nº 01/2002, de soerguimento da AAML.

⁴⁹ Dossiê do Acadêmico na AAML.

OCUPANTE Nº 02 - JACOB MOYSÉS COHEN

Jacob Moysés Cohen

Fonte:

<http://www.comiteisraelita.com.br/informativo/index/ver-noticia/ajax/1/idNoticia/403/idInformativo/42/>



Moysés Jacob Cohen, nascido no dia 21 de outubro de 1947, na cidade de Parintins, Amazonas, ingressou na Academia em sessão magna de admissão e posse realizada no dia 13 de dezembro de 2008. Pelo Ato Administrativo Nº 07, de 23/09/2023, foi agraciado com o título de Acadêmico Emérito.

Viúvo, tem quatro filhos: Luna, Rachel, Luciana e Marcos,

VIDA PROFISSIONAL⁵⁰

Jacob Moysés Cohen foi Vice-Reitor da Universidade Federal do Amazonas - UFAM; Professor Titular do Departamento de Clínica Cirúrgica da Faculdade de Medicina da UFAM; Doutor em Medicina (Oftalmologia) pela Universidade de São Paulo de Ribeirão Preto; foi Chefe do Serviço de Oftalmologia do Hospital Universitário Getúlio Vargas da UFAM de 2010-2013; Vice-Diretor da Faculdade de Medicina da UFAM de 2013-2016; Autor de um livro de Oftalmologia e outros cinco capítulos de livros didáticos na área de Oftalmologia e Medicina Tropical; 97 trabalhos publicados em periódicos nacionais, internacionais e anais de eventos; 51 apresentações de conferências e palestras; foi distinguido com os seguintes títulos honoríficos: 1993 – Cidadão Benemérito de Parintins; 2002 – Medalha da Ordem do Mérito

⁵⁰ Fonte: <https://www.brascrs2022.com.br/evento/brascrs2022/programacao/palestrante/22060>.

Legislativo, ALEAM; 2005 – Prêmio CBO Região Norte; 2008 – Medalha de Ouro Cidade de Manaus, CMM; 2011 – Medalha Jacques Tupinambá/Santa Casa de São Paulo; 2014 – Cidadão Benemérito de Manaus, CMM; 2014 – Medalha Ruy Araújo, ALEAM; 2015 – Medalha de Ouro Moacyr Álvaro, UNIFESP; 2018 – Medalha do Mérito Tamandaré, Marinha do Brasil; 2020 – Medalha do Mérito Naval, Marinha do Brasil.

NA MAÇONARIA

Na maçonaria, é obreiro da Loja Esperança e Porvir Nº 1, da GLOMAM, detendo todos os graus simbólicos, filosóficos e administrativos do Rito Escocês Antigo e Aceito.

CADEIRA Nº 11

PATRONO: B. SANCHES DE OLIVEIRA

Benjamim Sanches de Oliveira
Fonte: Acervo Google



Benjamin Sanches de Oliveira, Patrono de Fundação da Cadeira Nº 11, nasceu em Manaus, Amazonas, no dia 21 de abril de 1915 e faleceu no ano de 1978.

Engenheiro Agrônomo e Escritor, desde cedo se dedicou à literatura, escrevendo livros de poesias e destacando-se em suas obras de contos. Como atesta Antonio Paulo Graça, doutor em Teoria da Literatura, e professor da Universidade do Amazonas, Benjamin Sanches foi uma figura de exceção: *“difícilmente alguém sabe quem ele foi de*

fato, onde nasceu e morreu, ou como viveu... Tratava-se mesmo de uma figura de exceção. Ao contrário de nossos demais prosadores, quase todos seduzidos pelo regionalismo, não raro conservador, Benjamin Sanches investia na experimentação, na invenção. Cultivadas excentricidades, como só escrever com minúsculas e alinhar ao fim

dos parágrafos pela direita”⁵¹. Nesta pretendida biografia do Patrono da Cadeira Nº 11 – Benjamin Sanches, muitos textos colhidos diretamente das suas obras, e aqui reproduzidos, podem ser entendidos como contendo erro gráfico, o que se justifica em razão da sua “excentricidade literária”.

Segundo a Wikipédia, foi um poeta e contista brasileiro, membro do Clube da Madrugada. Enquanto sua obra foi influenciada pelo espaço regional amazônico, ela se destaca de outras de sua geração por ser direcionada à condição existencial de suas personagens. O trabalho de Sanches envolveu experimentações e inovações, em um momento em que a maioria das produções amazônicas eram marcadas por um regionalismo conservador. Além disso, seus contos foram caracterizados por invocarem cenas dionisíacas em um ambiente amazônico, revelando uma forte influência greco-romana.

A *Revista de Letras* (Curitiba, v. 22, n. 37, p. 47-63, jan./jun. 2020) publicou artigo de Lylian Karen Macedo Bezerra, que, por sua importância na divulgação das letras de um filho do Amazonas, e face a dificuldades de obtenção de informações sobre esse Patrono da Cadeira Nº 11 da Academia Amazonense Maçônica de Letras, vale apenas reproduzi-lo.

O artigo diz que Benjamin Sanches, um poeta e contista amazonense, possui apenas dois livros publicados, sendo o primeiro, de 1957, um volume de poemas intitulado *Argila* e posteriormente, em 1963, publica *O Outro e Outros Contos*, que reúne vinte e quatro contos. Nesse livro, objeto de estudo do artigo, Sanches demonstra a excelência de sua escrita prosaica. O autor foi membro do Clube da Madrugada, em Manaus, movimento que visava inovações nas artes amazonenses, criado a partir de inspirações da semana de arte moderna de 1922. Trinta e cinco anos se passam até *O Outro e Outros Contos* ganhar uma segunda edição, em 1998. Desde então, aos poucos os contos vem ganhando novos olhares, sendo objetos de pesquisas

⁵¹ SANCHES, Benjamin – *O Outro e os Outros Contos*, 2ª. Edição Revista, Editora Valer, 1998.

acadêmicas. Ainda assim, diz o artigo, quando se pensa ou se discute a produção literária no âmbito do norte do país, Sanches raramente é mencionado, caindo em um vão de esquecimento que não condiz com a qualidade de seu trabalho como contista e sua importância para a literatura local.

A consciência da importância dos estudos que englobem e divulguem a literatura amazônica ganha um material valioso com o conhecimento da obra de Sanches. Nos seus escritos cheios de peculiaridades estéticas, o autor consegue se destacar dos demais prosadores de sua geração ao não direcionar sua obra exclusivamente ao espaço regional amazônico, e sim para a condição existencial de suas personagens, autenticando seus sentimentos por meio da linguagem confessional com que cada personagem tem traçada sua história, quase sempre por fragmentos do cotidiano.

Permitindo leituras polissêmicas, a obra de Benjamin Sanches possui um grande teor simbólico. Seus contos são permeados por ambientes que propiciam a reflexão sobre a condição existencial das personagens, as quais enfrentam vidas subjugadas ao factual do destino. Sanches aprofunda a descrição das personagens com reflexões existenciais usando também da morte para expor o aspecto trágico irremediável que faz parte da vida, bem como o medo decorrente desse acontecimento. Destaca-se ainda o lado metafísico das narrativas, a ambientação sombria e noturna de alguns contos da obra, os quais remetem, imediatamente à primeira leitura, ao clima insólito enfatizado no artigo. Aqui, o objetivo é apresentar uma breve análise acerca dos elementos presentes em *O Outro e Outros Contos* que nos remetem ao campo das narrativas fantásticas em algumas de suas acepções.

Sobre o insólito, a análise a ser feita dentro da obra de Sanches nos permitirá aprofundar a visão sobre o fantástico em sua literatura, expressada ao longo de alguns contos como o *Coágulo de Sombras* e *Somente a Morte*, a serem analisados, de acordo com a especificidade de cada narrativa, entendendo o fantástico como elemento que possibilita o questionamento do real e da racionalidade, expandindo o que se entende como realidade.

Diante disso, alguns conceitos básicos a serem utilizados para a análise do elemento fantástico nas narrativas de Sanches advém dos estudos de teóricos como Tzvetan Todorov e Jean-Paul Sartre. As narrativas denominadas fantásticas foram estudadas pelo filósofo e linguista Todorov (2014), tomando como uma das bases a literatura do século XIX. A sua concepção do fantástico baseia-se e define-se em relação aos conceitos do que seria real e imaginário, por meio da percepção do leitor e da hesitação que experimenta, em comum com a personagem, sendo esse último o mais pertinente fator para o efeito fantástico, acerca do fato ocorrido. Se um dado fenômeno pode ser explicado por vias de tipo natural ou sobrenatural, entre eles está uma possibilidade que inquieta e faz com que a personagem hesite entre as explicações, sendo esse o efeito criado pelo fantástico e que o define: “O fantástico é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural” (TODOROV, 2014, p. 31). A hesitação é considerada por Todorov como a primeira condição para o efeito do fantástico. Todorov postula ainda condições nas quais esse efeito pode ser atingido. O texto fantástico necessita levar o leitor à crença de que o mundo das personagens é um mundo “real”, de “criaturas vivas” (TODOROV, 2014, p. 39).

Para além das ideias postuladas por Todorov acerca das narrativas fantásticas do século XIX, vemos que Jean-Paul Sartre (2005), em sua análise de *Aminadab*, de Maurice Blanchot, toma o fantástico como uma categoria de ficção que, diante das novas perspectivas sobre a criação literária no período pós-guerra, apresentava uma tendência de retorno ao aspecto humano, desvencilhando-se da vertente que tomava como base os acontecimentos/criaturas sobrenaturais. Para ele, não é necessariamente preciso que se retratem coisas extraordinárias para que se chegue ao fantástico, sob o argumento de que dado acontecimento insólito num mundo governado por leis pode reintegrar-se à ordem estabelecida, tornando-se habitual (SARTRE, 2005, p. 136).

O fantástico oferece a imagem invertida da união entre a alma e do corpo: a alma toma o lugar do corpo e o corpo o

da alma. E para pensar essa imagem não podemos usar ideias claras e distintas; precisamos recorrer a pensamentos embaçados; eles mesmos fantásticos, deixar-nos levar em plena vigília, em plena maturidade, em plena civilização à “mentalidade” mágica do sonhador, do primitivo, da criança. Assim, não é necessário recorrer às fadas; as fadas tomadas em si mesmas são apenas mulheres gentis; o que é fantástico é a natureza quando obedece às fadas, é a natureza fora do homem e no homem, apreendida como um homem ao avesso. (SARTRE, 2005, p. 137)

Ao entender o fantástico como a ocorrência de um homem ao avesso, Sartre se volta para o ser humano como condicionante do efeito de sentido do fantástico. Ele afirma que ao saírem do campo da metafísica, os escritores retornam ao humano como objeto da escrita, tendência que repercute na criação das narrativas fantásticas. Franz Kafka é mencionado por Sartre como precursor dessa mentalidade.

Ao humanizar-se, o fantástico se reaproxima da pureza ideal de sua essência, torna-se o que era. [...] Nada de súcubos, nada de fantasmas, nada de fontes que choram – há apenas os homens, e o criador do fantástico proclama que se identifica com o objeto fantástico. Para o homem contemporâneo, o fantástico tornou-se apenas uma maneira entre cem de fazer refletir sua própria imagem. (SARTRE, 2005, p. 139)

Entende-se diante disso, que, para Sartre, o fantástico contemporâneo, como define, rompe, de certo modo, com a imagem de realidades transcendentais e seres sobrenaturais, unindo-se ao humanismo a fim de que se descreva a condição humana, de que se exponha o mundo humano, como mais uma forma do homem expressar a si mesmo. As narrativas fantásticas contemporâneas colocam o homem num mundo governado por leis onde os fins se voltam contra os meios, criando através do próprio homem e sua existência situações insólitas, como explica o próprio Sartre:

Mas se soubemos dar-lhe a impressão de que falamos de um mundo onde essas manifestações insólitas figuram a título

de condutas normais, então ele se achará de golpe mergulhado no seio do fantástico. O fantástico humano é a revolta dos meios contra os fins, seja que o objeto considerado se afirme ruidosamente como meio e nos massacres seu fim pela própria violência dessa afirmação, seja que ele remeta a um outro meio, este a um outro e assim por diante até o infinito, sem que jamais possamos descobrir o fim supremo, seja ainda que alguma interferência de meios pertencentes a séries independentes nos deixe entrever uma imagem composta e embaralhada de fins contraditórios. (SARTRE, 2005, p. 140)

Tendo em vista as teorias supracitadas e outras a serem exploradas de acordo com a necessidade teórica das narrativas, serão analisados inicialmente os aspectos fantásticos da obra de Benjamin Sanches de modo geral e, posteriormente, será apresentada a análise dos aspectos fantásticos presentes nos dois contos selecionados para tal.

1. O FANTÁSTICO EM *O OUTRO E OUTROS CONTOS*

Benjamin Sanches, como já mencionado, possui uma estética de escrita diferente dos demais prosadores de sua época. Sua linguagem é experimental e, com ela, cria uma realidade que perpassa a mera apresentação de personagens e enredo, levando o leitor a uma introspecção acerca da condição humana, entreposta pela linguagem insólita de seu fazer literário.

Diante da reflexão sobre o ser humano proposta pela contística sancheana, deve-se destacar os elementos que conduzem o leitor a esse efeito introspectivo e fantástico. As personagens em sua maioria causam estranhamento: Sanches humaniza animais e animaliza humanos. Boa parte delas reflete o modo de analisar a subjetividade do ser humano como requer o fantástico contemporâneo de Sartre. Por meio dessas personagens, Sanches conduz seu leitor à exploração do interior dos seres humanos, na medida em que representa pessoas e animais afetados pelo ambiente em que vivem e pela falta de esperança, submissão a um destino imutável e à morte.

Alguns aspectos da obra, de modo geral, contribuem para que se chegue ao efeito do fantástico, não limitado apenas a experiências sobrenaturais. O grotesco, a morte e a loucura, temas recorrentes nos contos do autor amazonense, também geram um campo de reflexão por meio do qual se pode identificar o efeito do fantástico.

Acerca das personagens grotescas presentes nas narrativas, leva-se em consideração que, de acordo com Bakhtin (1987, p. 38), “*O aspecto essencial do grotesco é a deformidade*”, sendo esse conceito resultante de diferentes modos de entender o grotesco em diferentes épocas, na cultura popular da Idade Média e na Literatura do Renascimento. Ligado à cultura popular por meio de aspectos carnavalescos e ainda relacionado às tragédias e comédias, o autor parte do riso para caracterizar a estética grotesca de modo que a mesma “oferece a possibilidade de um mundo totalmente diferente, de uma ordem mundial distinta, de uma outra estrutura de vida” (BAKHTIN, 1987, p. 42) e tem como função “*liberar o homem das formas de necessidade inumana em que se baseiam as ideias dominantes sobre o mundo. O grotesco derruba a necessidade e descobre seu caráter relativo e limitado*” (idem, p. 43). Bakhtin refere-se ainda ao conceito de grotesco de Schneegans, para o qual “o grotesco é sempre unicamente uma sátira negativa, é o exagero do que não deve existir, exagero que ultrapassa o verossímil e se torna assim fantástico.” (SCHNEEGANS apud BAKHTIN, 1987, p. 39).

Diante dos conceitos do que se entende por grotesco, por meio dos autores apresentados, pode-se apontar aspectos da obra de Sanches que se relacionam a essas características, contribuindo para a criação do efeito fantástico na obra, pois liberta a narrativa da necessidade de padrões. No primeiro conto do livro, o estropiado, deparamo-nos com uma personagem que é descrita da seguinte forma:

três dias antes, quando com auxílio de amigos, bebericava num boteco flutuante, afirmara com jactância que apesar de ter perdido as mãos, não abandonaria a pesca fácil da bomba, pois habilmente arremessava-a do ângulo formado

pela articulação do braço e antebraço e, disso, se vangloriava constantemente (SANCHES, 1998, p. 26).

A sugestão que se tem acerca da aparência da personagem apresentada pelo narrador em terceira pessoa nos remete ao grotesco pelo provável formato dos braços do homem, pela deformidade de seus membros e pela imagem que se tem do mesmo usando o que restou de seus braços no trabalho de pesca com bombas. O fim trágico ao qual chega a personagem também reflete formas grotescas: durante seu trabalho com bombas, Jerônimo, nome da personagem, é atingido por uma de suas próprias bombas, perde a cabeça, porém, continua no controle de sua embarcação com seu “imaterial” separado de seu corpo. A imagem que se forma pela narrativa nos remete a possibilidade da quebra da ordem natural do mundo, tanto por meio da imagem do corpo de Jerônimo, “*na violência do seu furor cego, espedaça-lhe a cabeça e atira seu corpo na água, que depois de mostrar seu sangue, julgara tê-lo escondido para sempre*” (SANCHES, 1998, p. 27), quanto pela estranheza gerada pela imagem de um homem que conduz sua embarcação mesmo depois de morto, fato indiscutivelmente insólito gerado pela ambientação da narrativa.

Diante das imagens grotescas do conto, como um homem deformado morto e vivo ao mesmo tempo, podemos ligá-las ao efeito fantástico comentado por Todorov. Kenedi Azevedo (2011) em artigo no qual analisa detalhadamente o fantástico presente nesse conto sancheano, conclui acerca da narração dos pós-morte de Jerônimo:

Está-se neste momento diante de um acontecimento que não é normal em sua naturalidade, a partir deste ponto surge a dúvida, aquilo que Todorov chama de hesitação e Chiampì denomina vacilação: Por que depois de ter a cabeça despedaçada com a explosão da bomba, Jerônimo, ainda assim não perdera sua inatividade? Até o momento pode-se dizer que o evento em questão é fantástico, já que em nenhum momento há uma explicação para esse ocorrido com o matador de peixes (AZEVEDO, 2011, p. 189).

Além de observarmos o efeito fantástico o qual Todorov postula, temos ainda na obra sancheana outras configurações para narrativas fantásticas. Em *Gulagume*, encontra-se outra dessas formas de fantástico pelas quais a prosa sancheana passa, a qual foge à hesitação postulada por Todorov. O conto, de quatro páginas, apresenta a manhã de um homem que, ao acordar, lembra-se que teria em seguida um encontro com uma moça. Ambos não nominados. O encontro, com a finalidade do ato sexual, ocorre no quarto do homem.

O conto, assim como outros pertencentes ao livro, demonstra na linguagem insólita o efeito do fantástico, alcançado aqui pela desumanização com a qual a narração opera com a personagem que espera pela moça, característica, também, da escrita sancheana. A personagem é descrita de modo a construir uma imagem que relaciona o homem a características da natureza, inerentes às plantas: as raízes.

o pijama fazia-o magríssimo, e sem ele, tornava-se um esqueleto gorducho com as raízes nascendo-lhe pelos membros. membros e pelos. o só lhe interditava a fala. fala e tara. a dívida grudou-lhe a vontade de sair para retornar a dizer o caminho por onde ela deveria chegar (SANCHES, 1998, p.115).

Essa linguagem com a qual Sanches molda a narrativa é parte crucial no efeito do fantástico em *Gula-gume*, aqui, retornando a expressão do interior humano como postula o fantástico contemporâneo de Jean-Paul Sartre (2005). A desumanização da personagem através da caracterização insólita revela uma vida banalizada e sem esperanças, de personagens que não possuem outra opção de existência, passando a viver mediocrementemente, como comenta Lileana Mourão Franco de Sá:

A personagem de Sanches, que vestida fica magra e sem roupa torna-se “um esqueleto gorducho” (p.115) tem essência expressionista, porque é expressão do interior humano, representada pateticamente. Sanches pinta no conto gulagume um retrato pessimista do casal sem o matrimônio, possivelmente nos anos 60, pela descrição concisa e seca de

uma cidade brasileira, que conseguimos visualizar: o Rio de Janeiro. Com isso, Sanches imprime em seus contos, não apenas o fantástico, mas respingos ou atmosfera do expressionismo. (SÁ, 2012, p. 7)

Além da desumanização como fator que conduz ao efeito fantástico, há também a animalização que se dá com as personagens sancheanas. São homens que, sujeitos ao sofrimento e a pobreza, se afastam do convívio em sociedade para se estabelecerem em meio a natureza. Em *O Tartaruga*, a personagem principal vive no meio da floresta, tem hábitos animais e aversão em viver com humanos. Prefere a mata e os animais como companhia. A alcunha “*O Tartaruga*” o enfurece. Seu verdadeiro nome, jorgito, desaparece, tornando-o cada vez mais animal que gente, despertando o desejo de suicídio para que pudesse livrar-se da alcunha, do sofrimento, do fardo da vida.

todos o chamavam de tartaruga. diziam-lhe até com os olhos: tartaruga. somente tartaruga. era ridículo o apelido que o obrigava a embarcar naquele pequeno casco de itaúba preta e isolar-se o dia todo, depois de remar para as praias distantes e desertas, cuja beleza mansa ainda não aprendera a dominar. [...] sentiu-se feliz por se encontrar entre feras e bem longe dos humanos. humanos? não! jorgito nunca os considerou como tais. (SANCHES, 1998, p. 124).

Seguindo a mesma vertente que animaliza para então desvelar o sofrimento humano, em *O Tubarão Descalço* a personagem também ganha uma alcunha animalesca. O homem aparentemente passa a maior parte do tempo também em meio a floresta, e sofre com a pobreza e a solidão, mazelas inerentes ao ser humano. A escassez de seus recursos dificulta a sua pesca, optando a personagem por sobreviver de frutas. Quando está em meio aos homens, chamam-lhe de “tubarão”. O homem sofre ainda com a prisão e a perda de suas economias, fadado à miséria e a morte. Essas personagens sancheanas reservam ao leitor uma introspecção acerca do motivo pelos quais sobrevivem em uma realidade tão difícil. A linguagem insólita da descrição dos ambientes nos quais as personagens se desenvolvem leva-nos,

também, ao fantástico. A floresta é representada como único lugar no qual as personagens se sentem em casa, mesmo que seja um ambiente apropriado apenas para a sobrevivência de animais.

Na linha de pensamento em que se identifica a animalização de humanos na obra de Sanches, também se detecta o tratamento de personagens em sentido oposto: a humanização. No décimo nono conto da obra, *Touro Guarujá*, nos deparamos com a narração da história de um animal, o touro, cuja vida regride de touro reprodutor, um dos principais animais da fazenda, valente e vigia dos outros, a carne no açougue, passando pela castração, doença e tristeza até chegar à morte. Após a morte, ainda há a continuação da perda da sua dignidade de touro reprodutor, sendo vendido como “carne de vaca fresca”. A narração pode ser comparada a descrição do infortúnio de um ser humano, pelo modo como a narrativa se desdobra, enfatizando a tristeza e uma gradação de decaída da situação do animal.

não estava certo aquele despique ao seu tempo. aposentadoria: ainda, ainda. mas, não com tanta violência e por um processo que não se aplica à nossa época. soubesse assim, teria procurado o movimento mais calmo da vida. não o teria ajudado tanto nos momentos de intervalo. aquela castanheira, que fincara suas raízes, ali, sem jamais ter caminhado um passo, nunca lhe cortaram os brotos.

com lágrimas no pelo da cara, trocava coisas na sua ideia, enquanto o arrastavam, brutalmente, para dentro da indigência de um cercado, onde o abandonaram à sua sorte, sem nenhuma providência rezatória ou profilática, como se fora um criminoso da pior qualidade. naquele dia, entre os pratos do almoço, estava o guisado de testículos de touro com batata doce. era pouco. não encheu ninguém. mas, todos provaram. estava bom. (SANCHES, 1998, p. 149)

Por meio dos elementos citados e pelas especificidades do grande campo em que opera o insólito, entende-se que o fantástico permeia a obra de Benjamin Sanches por meio de sua linguagem insólita, e não se prende exclusivamente ao fantástico de Todorov que

tem por base a hesitação, e nem ao de Sartre, que revela o interior humano, mas perpassam a própria ambientação e o tratamento com as personagens, mesclando surrealismo e expressionismo, criando no estilo da narrativa as condições necessárias para que se identifique o fantástico.

Diante desses aspectos gerais, passa-se, então, às análises de dois contos selecionados, nos quais se identificará o fantástico nas narrativas sancheanas com a contribuição dos elementos grotescos, animalizações, humanizações e destinos fatídicos aos quais as personagens estão fadadas, permeados pela linguagem insólita, elementos que fazem parte dessa identificação da obra de Benjamin Sanches com as narrativas insólitas/fantásticas.

2. COÁGULO DE SOMBRAS

Diante de *O Outro e Outros Contos*, de modo geral, o seu vigésimo primeiro conto, *Coágulo de Sombras*, desperta uma particular atenção e curiosidade não apenas por seus personagens, mas também pela ambientação, a qual contribui para os sentidos que o conto expressa e para o efeito fantástico, como acontece nos contos comentados anteriormente.

É um conto pequeno: preenche apenas três páginas nas quais se dispõem duas personagens, e em cuja ambientação principal se dá a imagem central do conto, mostrada logo no primeiro parágrafo. Com uma sandália vermelha na mão, uma mulher encara uma aranha, a qual está prestes a matar.

Por meio de uma simples descrição como essa, poder-se-ia pensar não ser tão peculiar assim um conto que se resume a uma cena como a descrita acima e que se inicia já na cena principal. Nota-se, na cena isolada, semelhança com a construção da cena principal de *A Paixão Segundo G.H.*, de Clarice Lispector, na qual a personagem, G.H., encara uma barata durante seu monólogo de cunho existencial. Entretanto, um primeiro ponto importante é observado assim que se continua a leitura mais atenta do conto de Sanches: a aranha prestes a ser morta é a narradora do conto: “*mas, dizia de mim para mim com*

todas as minhas oito pernas comprimindo o pastilhão branco dos meus filhos” (SANCHES, 1998, p. 159), um dos exemplos de personagem humanizada de Sanches, pois, além de narrar os acontecimentos, pode-se identificar aspectos de sofrimento e introspecção inerentes ao ser humano. A narração da aranha em si, já denota o clima insólito e provoca a hesitação inerente ao fantástico. A aranha, ou *carlos*, como é denominada pela mulher com a sandália, narra o conto em primeira pessoa, retratando os acontecimentos que culminam na cena principal. Seu olhar sob os acontecimentos se dá a partir dos seus esconderijos, nas telhas e caibros da alcova onde se passa a cena principal.

Percebe-se, na narração da aranha, a construção de um ambiente que mistura a realidade com uma espécie de delírio: *“tudo rolando inopinado de um decorrido recente, exprimindo-se em formas geminadas num ar de pretumes”* (SANCHES, 1998, p. 159), *“o banho entornado sobre as lâminas cruzadas nos vértices, empurrando o perigo na sinistra confusão do medo que deixava tudo na terrível desordem dos poderes mágicos crescendo em silêncio, sufocando em silêncio”* (SANCHES, 1998, p. 160), *“uma neblina transfigurada em chamas: num caminhar lento chegava para absorver a mosca de asas presas à minha visão”* (SANCHES, 1998, p. 160).

A linguagem utilizada nesses momentos da narrativa remete-nos a elementos surrealistas, pois, segundo Maurice Nadeau (2008), o surrealismo:

É considerado pelos seus fundadores não como uma nova escola artística, mas como um meio de conhecimento, particularmente de continentes que até então não haviam sido explorados: o inconsciente, o maravilhoso, o sonho, a loucura, os estados de alucinação, em suma, o avesso do cenário lógico. (NADEAU, 2008, p. 46)

A escrita surrealista de Sanches, a qual cria um cenário ilógico de um ambiente que mais sugere aspectos do que efetivamente descreve fatos, guia-nos ao clima inevitavelmente insólito que permeia a narrativa: as personagens estão em uma alcova a qual consideravam

segura, fechada por uma porta de duas folhas com cruzes por detrás “*todo o cataclismo da morte que tinha os olhos nos seus olhos e o homem horizontal, quebrando-se na inquietação da alcova que julgávamos invulnerável: as cruzes detrás das duas folhas da única porta*” (SANCHES, 1998, p. 160). As cruzes são popularmente símbolos que remetem ao cristianismo. Nessas crenças, a cruz é um símbolo máximo e é usada como meio de afastar males espirituais. As cruzes por detrás das portas da alcova poderiam simbolizar a proteção contra algum mal sobrenatural que poderia burlar a segurança do ambiente, criando, assim, um cenário onde se identificam influências insólitas por meio também de objetos físicos que a narrativa descreve. Acerca desse aspecto, Nicia Zucolo (2011) comenta:

O que poderia ter fugido ao controle tem origem no dual, no dois. Perceba-se que no terceiro parágrafo, é situado o espaço em que a narrativa transcorre, uma alcova, julgada invulnerável pelos dois personagens, o narrador e a mulher. (...) Essa invulnerabilidade advém dos objetos cabalísticos usados para manter “a única porta de duas folhas” (tamanho ênfase em números não poderia ser desperdiçada) intransponível: cruzes, defumação, banho, tesoura (ou punhais cruzados: “lâminas cruzadas nos vértices”). (ZUCOLO, 2011, p. 121)

O conto traz consigo predominantemente o sentimento da morte. A protagonista, a aranha *carlos*, está prestes a ser morta e reflete sobre isso, expressando o desespero e o medo daquela situação: “*morrer? Eu queria sair vivo daquela luta em que todas as rezas aflitas instalavam-se em mim*” (SANCHES, 1998, p. 159), “*o cheiro fendendo na morte saprófaga e o pensamento impreciso, refletindo o inventado, no frêmito de uma fascinação funérea presa no degolamento de um saco de sombras e angústias*” (SANCHES, 1998, p. 161).

O próprio nome do conto também apresenta elementos que remetem à morte que paira sobre toda a narrativa: um coágulo caracteriza-se por ser algo que se petrificou. A figura da sombra também remete a morte, pois constantemente relaciona-se a morte a uma

sombra, ou a almas que assombram. Portanto, um coágulo de sombras representaria a concretização de algo que estava disperso, a materialização das sombras que representam a morte. Acerca disso, Zucolo conclui que:

O curioso título “Coágulo de Sombras” pode ser traduzido como a fixação, materialização (coágulo) da morte, com suas sombras e sua abstração. A morte gera sombras e desencadeia ações por onde passe, seja mera ameaça ou fato. Quando é fixada, no conto, pelo desastre dos rituais, ela coagula, ela acontece, ela se torna tangível, pois gera um produto material no qual se manifesta: o cadáver. (ZUCOLO, 2011, p. 131)

A narração de uma aranha sobre a sua tentativa de salvar-se da morte iminente, detalhando a sandália vermelha como o instrumento que seria usado para matá-la, remete-nos aos acontecimentos que rompem com as leis naturais do mundo como o conhecemos, uma vez que *“Nos textos fantásticos, o autor relata acontecimentos que não são suscetíveis de acontecer na vida, se nos prendermos aos acontecimentos comuns de cada época”* (TODOROV, 2014 p. 40), sendo o medo também um aspecto relacionado ao efeito do fantástico, segundo Todorov.

Ao ler este conto, o leitor entra em contato com o ambiente insólito no qual se passam as cenas descritas pela aranha, suscitando um sentimento de hesitação e perplexidade tanto pelo destino da aranha narradora quanto pelo mistério acerca da capacidade que a aranha tem de narrar o que vê. Essa dúvida é também apresentada pela personagem com a sandália, que ao encarar a aranha hesita em chamá-la por um nome humano: *“– carlos, car.. –”* (SANCHES, 1998, p. 159).

Outra questão se coloca na continuação da leitura do conto *Coágulo de Sombras*: hesitamos entre o natural e o sobrenatural para que se explique a capacidade de uma aranha em narrar o que vê? Ao ler e interpretar o conto, levando em consideração o ambiente e as sugestões dadas pela aranha narradora acerca do que se passa ali, há, sim,

um sentimento de hesitação, onde as explicações em relação ao que se passa se desdobram em naturais e insólitas.

No campo de uma explicação natural, há a possibilidade de que a aranha narradora não seja realmente uma aranha, e sim uma pessoa, talvez acometida de loucura, já que o nome “carlos” é mencionado pela mulher com a sandália, referindo-se à aranha logo na primeira linha do conto: “*eu não era mais eu – carlos, car..* –” (SANCHES, 1998, p. 159). A narração aproximada da linguagem surrealista funcionaria então como expressão de um narrador não confiável, sobre o qual não se sabe ser realmente verdadeiro o que narra.

Por conseguinte, uma explicação que atingisse o sobrenatural envolveria uma aranha que, de fato, criara consciência suficiente para narrar o que acontece em torno de si, por meio de rituais praticados no ambiente, sugeridos pelos objetos dispostos nas cenas, culminando na cena em que se forma um atrito entre ela e a personagem com a sandália, resultante dos acontecimentos em si sobrenaturais. Entretanto, o conto não cria, aparentemente, a certeza de nenhuma das duas explicações, dando apenas sugestões do que se passa, residindo nessa dúvida, ou hesitação de acordo com Todorov.

3. SOMENTE A MORTE

O conto inicia-se com o narrador em primeira pessoa informando que ouviu a história que se seguirá de sua avó, enquanto estava doente de sarampo: “*esta história eu ouvi da boca da minha avozinha malaquesa numa noite em que eu estava me queimando de sarampo. e vou transmiti-la a você com as mesmas palavras*” (SANCHES, 1998, p. 83). O conto traz à luz o aspecto da memória, uma reconstrução de uma história ouvida na infância do narrador. A criança com sarampo ouve histórias enquanto ingere chá de sabugueiro “*antes mesmo que eu começasse a suar após ter cumprido de minha parte o pacto de beber toda aquela tigelona de chá de sabugueiro, ela falou assim (...)*” (SANCHES, 1998, p. 83), com isso o narrador abre a história contada pela avó.

Ao se considerar a história ouvida por uma criança doente, repassada posteriormente, pode-se pensar diante do conto na hipótese de um narrador não confiável. Entretanto, o que se analisa dentro do conto, sendo fatos ou não os acontecimentos narrados, é o teor dessa narrativa, com as possibilidades abertas pelo narrador acerca dos acontecimentos.

A narrativa segue permeada por ironia, apresentando a personagem *jorge*. Homem pobre e triste, que sobrevive do seu trabalho no campo. Sua caracterização se dá ao longo de vários momentos do conto e se assemelha a aspectos grotescos citados por Bakhtin (1987) o qual afirma que as imagens do grotesco “*são imagens que se opõem às imagens clássicas do corpo humano acabado, perfeito e em plena maturidade*” (BAKHTIN, 1987, p. 22). A personagem “*jorge*” não possui um corpo perfeito e em plena maturidade, mas características que se opõem a uma idealização do corpo perfeito e remetem à visão do grotesco, pois possui “*rosto escavado pela colher bicôncava do cansaço (...) corpanzil espigado e ossudo*” (SANCHES, 1998, p. 83). O narrador destaca ainda que o homem, ao se escorar na enxada, instrumento de seu trabalho no campo, o faz de maneira vaga, em um “*movimento de frialdade cadavérico*” (SANCHES, 1998, p. 83). “*Jorge*” possui um animal que supostamente o deveria ajudar em seu trabalho no campo. Neste ponto, somos apresentados a outra personagem crucial na narrativa. Uma burra chamada “*esmérδια*”, personagem em torno da qual o ápice da narrativa se desenvolverá e cuja morte se refere o título do conto.

Ao contrário de seu dono, a personagem ironicamente não se apresenta em estado deplorável: era voluptuosa e possuía crinas lustrosas, dada apenas ao deleite e não ao trabalho, o que deixava *jorge* com raiva e entristecido:

(...) seus olhos percorrem a encosta do morro, lançando chispas de ódio sobre a burra esmérδια, que, gostosamente, pastava no tapete de relva que custara o seu sacrifício. quanto mais olhava aquele corpo enfunado, deleitando-se naquele mundo verde, sacudindo trigueiramente a rabadinha para

ampliar o êxtase dos parceiros, que após destrelados vinham festeja-la, a sua alma onde restava apenas o amargor, mais entristecia-se. (SANCHES, 1998, p. 83)

A dificuldade gerada pela pobreza do homem, fator recorrente na obra de Sanches que desencadeia introspecções, volta a ser apresentada aqui, quando o narrador descreve a raiva de “jorge” por seu animal que não o ajuda. Há, na sequência, a aparição de um amigo que dá ao agricultor uma solução para o seu problema com a burra “esmérδια”, sendo esse o ponto da narrativa que nos conduz para o acontecimento insólito principal. O amigo sugere que “jorge” vá ao topo de um monte e peça a intercessão de São José para resolver o problema da burra, tecnicamente, essa solução seria torná-la hábil ao trabalho. O homem faz isso, e em determinado ponto da narrativa, em cima do monte, “jorge” faz sua súplica, sendo então respondido verbalmente pelo santo, fato que, no geral, não condiz com as leis naturais do mundo como conhecemos.

[...] estende os braços ossudos para o céu [suplicando ao santo] – sim – responde-lhe são José – é justa, é justíssima a tua súplica, estou certo, que deus atenderá os teus reclamos. vá, meu filho, regresse despreocupado ao teu lar que implorarei por ti. (SANCHES, 1998, p. 86)

Após a resposta do santo, o homem volta ao seu lar, porém, encontra a burra morta. Mais uma vez num tom irônico, o narrador dá o desfecho na história de esmérδια:

– Paciência – disse-lhe o bom santo – esmérδια veio ao mundo para cumprir aquela missão. trouxe no sangue aquela tendência, aquela tara. nasceu com o instinto e predestinação de viver a vida como burra braba, grosseira e volúvel. não havia meios de a recuperar, e deus, suprema sabedoria, teve que a matar para atender às tuas súplicas. Somente a Morte poderia ajustá-la. Somente a Morte. (SANCHES, 1998, p. 87)

O santo que responde ao homem verbalmente, não havendo qualquer demonstração de assombro ou medo por parte da personagem, pode ser considerado como uma quebra das leis naturais do mundo que conhecemos, tornando-se, insólito. Entretanto, sem um clima soturno e tenso, a narrativa se dá de maneira relativamente simples, como uma história transmitida de uma avó para o neto. Neste tipo de narrativa insólita, o próprio fato que geraria hesitação, segundo o fantástico de Todorov, não provoca essa sensação, pois o “mundo natural” criado na narrativa é distinto, o que aproxima o conto da vertente do realismo maravilhoso, como postula Irlemar Chiampi (2015), acerca das narrativas entendidas como dentro desse âmbito “*ao contrário da ‘poética da incerteza’, calculada para obter o estranhamento do leitor; o realismo maravilhoso desaloja qualquer efeito emotivo de calafrio, medo ou terror sobre o evento insólito.*” (CHI-AMPI, 2015, p. 59).

Esse tipo de acontecimento aproxima-se de um outro modo de enxergar o insólito, o qual pondera João Olinto Trindade Júnior (2013), ao analisar o insólito em narrativas de Mia Couto.

Verificamos, ainda, a evolução do insólito desde os apontamentos de Todorov, até a visão de que não há mais a necessidade da hesitação para a construção da narrativa sobrenatural (...). Nessa realidade metaempírica, as personagens possuem fé na transcendência de um estado extranatural, aceitando o acontecimento insólito como constituinte do meio. (TRINDADE JÚNIOR, 2013, p. 25)

Assim como no que sugere o autor acima, a ausência da hesitação acerca do acontecimento insólito presenciado pela personagem se dá pela crença na normalidade do fato ocorrido. A transcendência, o santo que simplesmente responde verbalmente quando requisitado, é entendida pela personagem como um fato “normal”, constituinte da sua realidade, aproximando-se da teoria do realismo-animista, usada para estudar, também, a religiosidade em narrativas da cultura africana. Essa teoria leva à crença de que elementos ligados à fé são vistos como naturais.

No conto do autor amazonense, não há hesitação e não há estranheza na realidade por ele construída, levando-nos a um mundo de leis naturais distintas do mundo “real”, mas que deve ser entendido como tal para que se alcance o efeito do fantástico, afinal, o acontecimento insólito se desdobra em um fator importante do conto: a morte da burra “esmérdia”. Acerca do elemento “sobrenatural” acarretando desdobramento de uma dada narrativa, João Olinto Trindade Júnior afirma que:

Para Filipe Furtado, essas literaturas que recorrem à fenomenologia insólita são genericamente referidas como “literaturas do sobrenatural” (1980, p. 21), conferindo à subversão do real uma função decisiva no desenrolar da narrativa, e o acontecimento insólito, por si só, estaria intimamente envolvido com o desenrolar da trama. (TRINDADE JÚNIOR, 2013 p. 39)

Entende-se, diante disso, que em *Somente a Morte*, podemos questionar a racionalidade por meio dos acontecimentos insólitos tidos como naturais, de modo a entender como a cultura interiorana e as crenças de um povo influenciam no seu cotidiano, criando histórias passadas de geração para geração entre as famílias.

A narrativa de um santo que responde aos homens verbalmente, perpassada aos leitores pela memória da infância do narrador, não gera hesitação em quem a ouviu e a reproduziu, sendo tomada como natural, parte do cotidiano daquelas personagens. Estes fatos tornam-se, para nós leitores, insólitos pois não condizem com o que concebemos como normalidade em nosso mundo e se aproximam do que entendemos por realismo maravilhoso, no qual, segundo David Roas (2017) “os acontecimentos são apresentados ao leitor como se fossem corriqueiros. E o leitor, contagiado pelo tom familiar do narrador e com a falta de assombro tanto dele quanto dos personagens, acaba aceitando o narrado como algo natural” (ROAS, 2017, p. 36). Benjamin Sanches cria por meio de seus contos histórias fantásticas de diversas configurações, mas todas expressando a condição do homem no meio em que vive, seja na floresta ou na cidade, utilizando a

linguagem insólita para atingir o fantástico, cabendo ao leitor decidir que julgamento fazer acerca das personagens e do enredo.

À GUIA DE CONCLUSÃO

A contística do autor amazonense Benjamin Sanches encontra-se no contexto do modernismo e, com a participação do autor no Clube da Madrugada – movimento literário local que visava uma nova literatura amazonense – sua obra enquadra-se como parte desse projeto de renovação das letras amazonenses a que visava o clube.

Sanches utiliza uma linguagem experimental em suas narrativas, perpassadas por aspectos que o diferem dos demais escritores de sua época. As temáticas de seus contos envolvem temas de cunho existencial, nos quais o medo, a morte e a loucura são aspectos presentes na maioria das narrativas. Por meio desses temas e de um uso insólito da linguagem, permeado por narrações que vão de encontro ao que se entende por leis do mundo natural, foi possível identificar e analisar na contística de Benjamin Sanches o efeito do fantástico.

Por meio da pesquisa acerca do modo como opera uma narrativa fantástica, que tem entre alguns de seus estudos mais relevantes os de Tzvetan Todorov, o qual trata do fantástico do século XIX e toma como base do efeito fantástico a hesitação entre o natural e o sobrenatural recusando interpretações alegorias ou poéticas, observou-se a ocorrência, na contística de Sanches, de acontecimentos que desafiam a visão do real em si, sendo a narrativa tomada como condizente com o mundo real de leis naturais como requer Todorov. Os acontecimentos quebram essas leis, havendo por parte de personagens e leitores a hesitação entre explicações naturais e sobrenaturais, criando o efeito fantástico buscado por Todorov.

Na reflexão de Jean-Paul Sartre para o efeito fantástico, que em contrapartida aos acontecimentos sobrenaturais considera fantástico o próprio homem em relação a sua existência no mundo, foi-nos possível analisar em que medida as personagens insólitas contribuem para uma introspeção sobre a existência, na obra, encontramos esses

fatores em personagens animalizadas, as quais permitem uma reflexão acerca da desumanização, da vida como existência banalizada.

Verificou-se ainda a existência de ocorrências insólitas tidas como normais para as personagens da narrativa, ligadas a experiência religiosa. Para a reflexão desse aspecto do fantástico, utilizou-se estudos do insólito denominados de realanimismo, ou realismo-animista, que toma fatos insólitos como ocorrências naturais dentro de um contexto ficcional estabelecido e tomado também como mundo real, com leis naturais, porém com ausência de hesitação por parte das personagens, que tomam os fatos como parte do referido mundo, e, ainda, conceitos acerca do realismo maravilhoso, que toma ocorrências insólitas por parte da realidade apresentada, sem necessidade da ocorrência de hesitação, medo ou outros efeitos que ligariam a narração ao fantástico postulado por Todorov. Por meio dessas perspectivas procedeu-se as análises da obra do autor amazonense, constatando seus aspectos fantásticos não só por meio das teorias, mas de pontos de apoio do efeito fantástico dentro da obra.

DA POESIA DE BENJAMIN SANCHES, O SONETO

S Í N T E S E⁵²

*Eu contemplo-Te, Síntese de tudo,
Observando a Tua obra imensa
E mais Te vejo, quanto mais estudo,
Esta visão se torna mais intensa.*

*Micro integrante deste conteúdo
Em que a Sabedoria se condensa,
Irredutível fé em que me escudo
Na antevisão da esplêndida Presença.*

⁵²Em "Argila". pag. 121, 1957

*Quando a dúvida atingi-me o sentido,
Estertorando no meu pensamento
Surge a Verdade, dentre o colorido.*

*Orem supondo a essência da razão,
Originando a força e movimento,
Deste porquê de toda conclusão.*

DOS CONTOS DE BENJAMIN SANCHES,

coágulo de sombras⁵³.

eu não era mais eu – carlos, car... mas dizia de mim para mim, com todas as minhas oito pernas comprimindo do pastilhão branco dos meus filhos e forçando as pálpebras para os meus olhos não se verem morrer. a voz era minha e o mais, indecifrado envolvendo a orla do meu cérebro. tudo rolando inopinado de um decorrido recente, exprimindo-se em formas germinadas num ar de pretumes. não. não me mate! a minha garganta tufando no esforço de transmitir os sons recortados do apelo e o recolhimento pedindo armistício sem saber como continuar a existir. morrer? eu queria sair vivo daquela luta em que todas as rezas aflitas instalavam-se em mim. não estava preparado para isto. ser e deixar de ser. ávida ansiedade me torturando. a vida. a única que eu compreenderia sem espanto, vomitada aos bocados. nunca me supus desaparecido no vago da morte e aquela sandália vermelha erguida para me esmagar. estava imobilizado, semimorto, prestes a desaparecer numa explosão de sangue. o rosto era o dela. não o poderia

⁵³ SANCHES, Benjamin – O Outro e os Outros Contos, 2ª. Edição Revista, Editora Valer, 1998. P. 159/161

esconder sem se esconder. e a mão perguntando: - faço? faço? - “ó tu que também és o meu, porque não me deste o privilégio de gritar!?” talvez fosse ouvido. e a dúvida fre-mindo no preto do vestido que há pouco trocara pela cami-sola transparente que deixara o corpo semi-desprotegido, mostrando o escuro das luzernas essenciais.

parecia suportar aquelas noites ásperas. não mais gemia no gemido do morto que lhe prometera ser seu para sempre. uma só palavra grava no coração. “serei teu para sempre”. e ficava num amor nunca terminado. a sombra perfeita do desastre. a voz despregada, solta levantando-se solta e os dentes mergulhados na água do corpo, sorrindo um sorriso que não era o dele. a carne corrompida num abraço incompleto. “agora vejo”. via tudo meio fantasma na busca de qualquer instrumento que acelerasse as noites dos morcegos amaldiçoados. ver o ciclo do escuro que avassalava as suas energias, morrer num término brusco. a morte, para pacificar o protrair do seu circuito profundo de espanto e terror.

passeando pelos caibros ou dos meus esconderijos entre eles e as telhas, eu assisti tudo. de um a um todos os estrépitos da reação esboroando-se na lenta expansão do impassível. todo o cataclismo da morte que tinha os olhos nos seus olhos e o homem horizontal, quebrando-se na inquietação da alcova que julgávamos invulnerável: as cru-zes detrás das duas folhas da única porta. o cheiro da defu-mação, vindo dos estalidos de um fogareiro de barro. o ba-nho entornado sobre as lâminas cruzadas nos vértices, em-purrando o perigo na sinistra confusão do medo que dei-xava tudo na terrível desordem dos poderes mágicos cres-cendo em silêncio, sufocando em silêncio. o ferrolho. o ge-mido do ferrolho. quando, lá fora, as dobradiças rangeram,

custei acreditar que entrasse naquela noite. era demais ouvir o vento.

ela deveria estar sentindo o alvoroço do meu assombro escorrendo no filó do cortinado que arrancara numa invasão de ódio. que fiz eu? uma neblina transfigurada em chamas: num caminhar lento chegava para absorver a mosca de asas presas à minha visão. o grave enigma da necessidade que carrego. o meu alimento. a minha visão corrompida. o meu e o seu crime. a confissão. poderia ver-me dentro de si mesma. pela manhã, havia decapitado um frango. o pescoço sangrando sem lhe confranger o coração e, agora, eu semimorto esperando. tremendo e pedindo. pedindo desesperado num inútil gesto de defesa. a face lividamente agressiva crescendo em vingança, perdendo-se em vingança, sem tempo para pensar. o cérebro dobrando na posse de uma abominação terrível que não a deixava perceber o remorso que viria tardio.

tão diferente agora (eu sei). dias antes se pudesse representaria toda a força do grito: - não matar – quando sentia o horror de compreender-se vítima. em medo sofrendo o temor da vingança. eu poderia ter descido ao seu colo, expondo-me ao máximo: as minhas pernas entrando pelos buracos da carne. recusaria meu corpo negro de pelo negro. mesmo detestando a hediondez da minha forma, deixaria que me afastasse voluntariamente, sob seu olhar antes que, antes, era uma bênção.

deixei-me alucinado ao abandono, julgando que aquela benevolência continuasse presa a sua desgraça. – faço? – a mão em garra empunhando a morte que me habituara a vê-la combater, tenazmente, com todas as forças de suas orações e blasfêmias. o ponto. o riscado no assoalho e a cera escorrendo do quente da chama. vela chama vela. de

tudo eu tinha medo. a voz da matéria coagulando no roxo das unhas. a transfiguração da morte invisível. morrendo e chorando. vela choro vela. não sofre mais. o choro abafado. a dor feminina. o silêncio pedindo uma pausa e o susto inútil violando o meu desassossego. vela morte vela. o cheiro. o cheiro fedendo na morte saprófaga e o pensamento impreciso, refletindo o inventado, no frêmito de uma fascinação funéria presa no degolamento de um saco de sombras e angústias. o peso do braço. – faço? –

OCUPANTE Nº 01 - URIAS S. DE FREITAS

Urias Sérgio de Freitas
Fonte: Acervo da AAML



Urias Sérgio de Freitas foi admitido na Academia Amazonense Maçônica de Letras no dia 17 de junho de 2006, Cadeira Nº 11, que tem como patrono o escritor Benjamin Sanches de Oliveira. Pelo Ato Administrativo Nº 03, de 04/04/2022, foi agraciado com o título de Acadêmico Emérito. É membro da ALCEAR-Academia de Letras, Ciências e Artes do Amazonas; ALB/AM-Academia de Letras do Brasil/Amazonas; ASSEAM-Associação dos Escritores do Amazonas; ACA-Associação Comercial do Amazonas; FIEAM-Federação das Indústrias do Estado

do Amazonas; Rotary Clube Manaus-Distrito Industrial. Foi premiado e distinguido com Medalhas, pela Associação Comercial do Amazonas e Rotary Clube.

O CIDADÃO

Nasceu em 09 de setembro de 1943, em Porciúncula, interior do Estado do Rio de Janeiro, filho de Urias Araújo Freitas e Jecy Gomes de Freitas que, em vida, aos 80 anos de idade, recebeu o título de Cidadã Muriaense, outorgado pela Prefeitura de Muriaé, Minas Gerais, pelos relevantes serviços prestados a essa comunidade.

Aos 14 anos de idade iniciou suas atividades profissionais como contínuo do Banco Nacional S.A., transferindo-se, aos 21 anos e já casado, para Belo Horizonte, onde trabalhou na área de vendas em várias indústrias multinacionais como Philips do Brasil, Johnson & Johnson, General Electric e finalmente na grande empresa brasileira Cia. Alimentícia F. Matarazzo.

Em 1973, através do concurso público, foi designado a assumir o cargo de Gerente da Cooperativa dos Garimpeiros do Tapajós Ltda., em Itaituba, Pará, coordenada pela Fundação de Assistência ao Garimpeiro – FAG, órgão do Ministério do Trabalho, tendo participado ativamente dos programas sociais de apoio aos garimpeiros da Região do Tapajós, com a finalidade de coibir o contrabando de ouro e tornar menos desumana a dramática sobrevivência dos faiscadores naquela região. Permaneceu no cargo até a extinção da FAG e transferência de sua competência para o FUNRURAL, em 1975. Em dezembro de 1975 mudou-se para Belém do Pará, onde assumiu a gerência comercial da empresa Itapagé S.A., do grupo cimento Nassau, até 1986, transferindo-se para Manaus, contratado pela Rigesa S.A. Em 1994, foi convidado a assumir a Diretoria Regional da Empresa BSH Continental da Amazônia S.A., empresa do grupo BOSCH/SIEMENS da Alemanha.

É especialista em consultoria empresarial para elaboração de projetos industriais “SUFRAMA/CODAM/ADA” e para obtenção de

recursos junto às instituições financeiras “FNO/BASA/BNDES”, projetos de Racionalização de Embalagens, Logística e Transporte e representante comercial. Ocupou as funções extracurriculares de Diretor Adjunto da FIEAM, Coordenadoria de Meio Ambientes e Transportes, Conselheiro do CEFET, membro da Academia de Letras Ciências e Artes do Amazonas (ALCEAR), Delegado da FIEAM junto à CNI no Conselho Temático de Integração Nacional, membro da Associação dos Escritores do Estado do Amazonas, do Rotary Clube Manaus-Distrito Industrial, ocupando o cargo de Presidente para o biênio de 2003/2004, e membro da GLOMAM.

Participou da 3ª e da 4ª Antologia Poética da ASSEAM, da 4ª Antologia de Prosas da ASSEAM, gravou um disco CD de poesias intitulado GRITOS DE ALERTA, tendo também publicado um livro de poesias com esse mesmo título, onde se destacam dentre os temas mais importantes as articulações contrárias ao modelo da Zona Franca de Manaus e a cobiça internacional contra a Amazônia, objetos de sua repugnância e inconformismo. Em novembro de 2006 lançou seu último livro intitulado – “1973 – Garimpo do Tapajós – Terra sem lei, pela Editora Valer.

NA MAÇONARIA

Foi iniciado na Loja Harmonia Pe. Eutíquito N° 29, da constelação das Grandes Lojas, em Belém do Pará, no dia 25 de novembro de 1977, elevado e exaltado na mesma Loja, respectivamente nos dias 25 de novembro de 1977 e 22 de fevereiro de 1978. Atualmente é membro efetivo da Loja Esperança e Harmonia N° 11, jurisdicionada à Grande Lojas Maçônica do Amazonas – GLOMAM.

CADEIRA Nº 12

PATRONO: CRISANTO M. DE S. M. JOBIM⁵⁴

Crisanto Jobim era o nome com que Crisanto Maria De Souza Moreira Jobim costumava se apresentar e assinar. Ele era filho do professor Nicodemos de Souza Moreira Jobim e dona Hermezinda de Souza Castro Jobim. Nasceu em Anádia, Alagoas, em 18/11/1879, e faleceu em sua fazenda “Satuba”, na Costa da Terra Nova, no dia 14/08/1940. Seu corpo foi transportado para o Cemitério de São João Batista, na cidade de Manaus.

Tinha quatro irmãos mais velhos: Ana Jobim, professora normalista; Manoel Anízio Jobim, desembargador; Hugo Jobim, engenheiro, e Vital Jobim, agrimensor, o que mostrava a dedicação da família aos estudos.

Crisanto Jobim exerceu vários postos de função federal, todos conquistados através de concursos públicos. Começou sua carreira em

⁵⁴ Fonte: Memorial, 2008. Não foi identificado o autor do texto. Quanto às Fontes, uma Nota ao final da página diz que a maioria dos dados se deve às informações de seu filho André Jobim; que foram utilizados os escritos do Dr. Agnello Bittencourt, e da professora Eloína Monteiro dos Santos. Os mencionados escritos de Agnello Bittencourt estão às páginas 178-180 do livro “Dicionário Amazonense de Biografias – Vultos do Passado”, conforme cópia gentilmente fornecida pelo Acadêmico Júlio Antonio Lopes, Cad 15 da AAML.

Maceió, como Guarda da Alfândega, chegando até à categoria de Sargento.

Casou-se em 07/03/1908 com dona Hercília de Menezes Gil, a qual passou a assinar-se Hercília de Menezes Jobim. Do casal nasceram 11 filhos: André, Diogo, Cláudio, Salomé, Asta, Paulo, Vera, Clovis, Cleto, Hermezinda e Ajuricaba.

Em 1915 foi aprovado no concurso para o lugar de 4º Escrivão da Delegacia Fiscal do Amazonas, e por isso, viajou para Manaus, a fim de assumir seu novo emprego; deixou-se fascinar pela cidade de Manaus, dedicou-se a nossa terra e aqui trabalhou por muitos anos.

Por várias vezes serviu em comissões examinadoras de candidatos ao preenchimento de cargos alfandegários.

Crisanto Jobim também exerceu o magistério, no colégio “Alexandre Herculano” do saudoso professor Antóvilá Rodrigues Mourão Vieira, bem como no Colégio “Martius”, que funcionava, em Manaus, à Rua Emílio Moreira, que ele próprio fundara.

Foi secretário da Prefeitura da cidade de Moura, no Rio Negro, então sob a administração do coronel Euclides Nazareth.

Foi também secretário da Prefeitura da cidade de Coari, no governo municipal do Dr. Mário Octaviano.

Aposentou-se como Oficial Administrativo da Fazenda Federal.

A REVOLUÇÃO DE 1924 E CRISANTO JOBIM

O dia 23 de julho de 1924 marcou a data em que o movimento tenentista chegou à capital do Amazonas, segurando a bandeira da moralização política e da derrubada das oligarquias locais.

Manaus contava com aproximadamente 76.000 habitantes. Era época de crise, a cidade vivia um momento difícil, a população desempregada, o funcionalismo sem pagamento, a borracha sem preço.

O governador foi substituído pelo primeiro-tenente Alfredo Augusto Ribeiro Júnior. Pelos novos detentores do poder, Crisanto Jobim

foi requisitado para o cargo de Secretário Geral do Estado, função com a qual se integrou no escopo do movimento militar. Neste alto posto de confiança, portou-se com inteligência e dignidade. E em nenhum momento se deixou envolver pela força do poder e sempre se manteve íntegro como costumava ser. Em constantes comícios dos quais participou e manifestou-se, mostrou as suas qualidades de tribuno e correspondeu às responsabilidades do movimento.

No dia 28 de agosto de 1924, com a chegada do destróier Mato Grosso, no porto de Manaus, foram aprisionados o tenente Ribeiro Júnior e os militares e civis que formavam o governo rebelde, inclusive Crisanto Jobim. A revolução mediu de forma expressiva a Crisanto Jobim. Em primeiro lugar porque transformou um funcionário da Fazenda em um excelente auxiliar de governo revelando sua extraordinária capacidade de homem público, revelando-o inclusive como um grande tribuno. Em segundo lugar, submetendo-o a diversas penalidades durante seis anos, quando ele mostrou que podia enfrentar e vencer entre outras mazelas, a indiferença, o sofrimento, a fome e a dor.

Já em 1930, teve suas penas revistas e seus direitos restaurados, passando inclusive a ser 3º Escriurário da Delegacia Fiscal do Amazonas.

Parecem faltar peças para a história desse movimento! Entretanto, quando isso for feito, temos absoluta certeza de que Crisanto Jobim terá as láureas que bem merece.

Crisanto Jobim também foi um etnólogo amador, muito dedicado. De muitos anos, ele mantinha contato com nativos de diversas tribos indígenas e isso o levou a reunir, em sua própria residência, muitos objetos indígenas, que lhe encheram a casa. A essa vultosa coleção ele deu o nome de “Museu Rondon”. Lá estavam reunidas e rotuladas cerca de novecentas peças, muitas das quais pertenceram a tribos amazônicas hoje extintas.

Em 1934, o professor Crisanto Jobim propôs ao professor Dr. Agnello Bittencourt, que àquela altura era o diretor do Instituto

Geográfico e Histórico do Amazonas, a venda do Museu Rondon. A oportunidade foi de pronto aceita pelo Dr. Agnello e pelo Interventor Capitão Néelson de Mello, no governo do Estado do Amazonas, uma vez que o preço era compensador. Dias depois o Museu Rondon seria incorporado ao Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, aumentando, deste modo, o patrimônio cultural do Estado.

Crisanto Jobim foi um bom católico e excelente maçom que se iniciou em uma Loja de Maceió e se filiou à Loja Amazonas, de Manaus. A perfeita integridade de caráter sempre marcou sua vida. Reagia quando encontrava em seu caminho uma pedra que considerasse fora do lugar. Por isso foi um mártir que teve largas compensações morais na estima e no respeito dos homens.

OCUPANTE Nº 01 - IVAN DE A. TRIBUZY⁵⁵

(19/06/1942-14/06/2015)

O matemático Ivan de Azevedo Tribuzy nasceu em Manaus a 19 de junho de 1942, filho de Jorge Tribuzy e Hilda de Azevedo Tribuzy. Concluiu sua formação básica como Técnico em Contabilidade, na Escola Técnica de Comércio Senador Lopes Gonçalves – Manaus (AM), em 1960. Graduou-se no curso de Matemática pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), e realizou seu curso de “Especialização Científica da Geometria Diferencial” na Universidade de Madrid, Espanha.

⁵⁵Fonte: Memorial da AAML, Edição de 2008. Não foi identificado o autor do texto.

Possui mestrado em Matemática, pelo Instituto de Matemática Pura e Aplicada (IMPA), Rio de Janeiro e é também doutorado e pós-graduado em Matemática pelo mesmo Instituto.

Ivan de Azevedo Tribuzy
Fonte: Portal da UFAM



Em seus estágios de pesquisa concluiu o Pós-doutorado no Instituto de Matemática Pura e Aplicada (IMPA) - período de verão dos anos de 1979, 1980, 1983, 1984, 1985, 1987 e 1991 – Rio de Janeiro (RJ).

Participou de inúmeros congressos e seminários, dentre eles, III Escola Latino-Americana de Matemática (3ª ELAM) – julho de 1976 IMPA (RJ); Seminário de Geometria Diferencial – março de 1980, janeiro de 1986 e maio de 2003 – Fortaleza (CE); Colloquium on Riemann Surface – novembro/dezembro de 1987 – Trieste – Itália; Seminário de Geometria Diferencial – agosto de 1989 – IME/USP – São Paulo (SP); Giornate di Lavoro sul Calcolo delle Variazioni – fevereiro de 1994 – Trento – Itália; Conferência de Matemática – março de 2000 – Carrera de Matemática de la Universidad Mayor de San Andrés – La Paz – Bolívia; XX Colóquio Peruano de Matemática – julho de 2001 – Pontificia Universidad Católica de Lima, Lima – Peru, e outros.

Foi professor de Matemática no Ensino Básico, nos seguintes estabelecimentos de ensino de Manaus: Ginásio Nossa Senhora Aparecida, Instituto de Educação do Amazonas, Colégio Estadual do Amazonas, Escola Técnica Federal do Amazonas e Convento Preciosíssimo Sangue, no período de 1962 a 1967. Professor de Matemática da Universidade Federal do Amazonas, de 01 de junho de 1966 a 21 de maio de 1991 – Aposentado em maio de 1991; Professor do Instituto de Tecnologia da Amazônia – UTAM, de março de 1978 a abril

de 1981; Professor de Fundamentos de Matemática no Curso de Mestrado em Ecologia – Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), em 1980; Professor do Curso de Pós-graduação em Matemática, em nível de Aperfeiçoamento, do Instituto de Ciências Exatas da Universidade Federal do Amazonas, de julho de 1979 a maio de 1991; Professor de Geometria Diferencial no Curso de Mestrado em Matemática, da Universidad Nacional de San Austin, Arequipa, Peru, de janeiro a março de 1989.

Em sua experiência profissional exerceu o cargo de Escriturário do Banco do Brasil, Chefe do Departamento de Matemática e Física da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFAM, Presidente da Comissão do Vestibular da UFAM, Secretário Regional da Sociedade Brasileira de Matemática (SBM) para a Região Norte e outros. Publicou sua tese de Doutorado pelo IMPA, em 1978, intitulada *Convexidade em Variedades Riemannianas*.

Foi Sócio Efetivo da Sociedade Brasileira de Matemática (SBM), desde 1971; Professor Associado I da Universidade Federal do Amazonas e Professor do Curso de Mestrado em Matemática, do Instituto de Ciências Exatas da Universidade Federal do Amazonas, desde 1995.

Na maçonaria ocupou diversos cargos: Hospitaleiro, Adjunto do Orador, Representante da Loja Simbólica Luz, União do Juruá nº 14, junto à Soberana Assembleia da GLOMAM, Representante da Loja Simbólica Sentinela do Solimões nº 18, junto à mesma Soberana Assembleia.

Cursou todos os graus filosóficos atingindo o ápice da pirâmide a 2/9/1995, tendo ocupado os seguintes cargos dos graus superiores: Secretário e Presidente do Capítulo Rosa Cruz, por duas vezes e Presidente do Conselho de Kadosh.

OCUPANTE Nº 02 - MÁRCIO LUIZ DA SILVA

Márcio Luiz da Silva
Fonte: Acervo AAML



Foi admitido acadêmico da Academia Amazonense Maçônica de Letras em 06 de abril de 2019, ocupando atualmente o cargo de Diretor de Cerimônias, nomeado pelo Ato de 23 de julho de 2022.

Márcio nasceu em Natal, capital do Estado do Rio Grande Norte, no dia 13 de outubro de 1966. Casado com a senhora Emanuele Gurgel de Freitas, é geólogo, com doutorado e pós-doutorado nessa área do conhecimento. Exerce sua profissão como pesquisador titular no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia – IMPA/MCTI.

Sua Ficha Cadastral registra uma extensa lista de publicações de artigos e livros, e participações em livros técnicos, relacionados com a Geologia, e correlatos, sendo os principais títulos: Projeto Ieté: Rede de Monitoramento Ambiental da Bacia Hidrográfica do Educandos. Fase I: Diagnóstico Ambiental – Editora Autografia, 2021; Amazônia das Águas: Qualidade, Ecologia e Educação Ambiental – Editora Valer, 2015; Água Mineral: Região Metropolitana de Manaus – Editora Valer, 2015; Tópicos em Recursos Hídricos: Uma Abordagem para Professores do Ensino fundamental e Médio na Amazônia – Editora IMPA, 2012; Potentiometric Map Absed on Integrated Piezometer Data With Geophysical Results – Brazilian Journal of Developente, 2022...

Por todo seu trabalho e estudos, recebeu Distinção Acadêmica na Universidade Estadual Paulista de Mesquita Filho, UNESP, em 1999 – Hidrímica Elementar e dos Isótopos de Urânio no aquífero de Manaus; recebeu Menção Honrosa de orientação Programa de Iniciação Científica PIBC/CNPq e PAIC/FAPEAM, no período de 2013/2014, na área de Ciências Exatas da Terra e Engenharia, da subárea de Clima e Ambiente, CNPq/FAPEAM/IMPA.

CADEIRA Nº 13

PATRONO: CAETANO F. DO NASCIMENTO

Caetano Félix do Nascimento, Patrono da Cadeira Nº 13 da AAML, nasceu em Teresina, capital do estado do Piauí, em 20 de novembro de 1918. Ainda bastante jovem mudou-se com a família para Manaus, adentrando o cenário da vida pública aos 18 anos, em 1936, ao ingressar como soldado na Força Policial do Amazonas, como era denominada àquela época a atual Polícia Militar do Amazonas (PMAM). Este ingresso se deu em um momento crucial, após a reativação da entidade de segurança pública, que permanecera em disponibilidade forçada durante cinco anos, devido aos desdobramentos da ditadura de Vargas.

Embora não haja registros detalhados sobre sua formação educacional, presume-se que tenha concluído os ensinamentos fundamental e médio, dada sua ascensão rápida na hierarquia policial. Já em 1937, apenas um ano após seu ingresso, alcançou o 1º lugar no curso de Cabo. Seis anos depois, em 1942, obteve promoção ao oficialato por mérito em concurso, assumindo o posto de 2º tenente.

Durante o período da Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945) foi notória sua participação como policial militar, colaborando na “Batalha da Produção”, uma campanha cívica para os esforços de

guerra como a borracha e alguns minerais em troca de ajuda financeira dos Estados Unidos ao Brasil, auxiliando na construção de hospedarias para imigrantes, no policiamento e organização do transporte dos “soldados da borracha” e nos serviços do Porto de Manaus. Destacasse, como noticiado nos jornais locais da época e no boletim interno da Polícia Militar, a atuação do então Ten. Caetano Félix do Nascimento na fiscalização dos serviços de segurança e remoção dos entulhos do terrível incêndio que destruiu parte da Biblioteca Pública do Estado. Esta lamentável ocorrência, iniciou às 3h da manhã do dia 22 de agosto de 1945.

Após a Guerra, sua ascensão na Polícia Militar continuou, mas durante o período em que o Amazonas enfrentava sérias dificuldades econômicas e desafios decorrentes do fim dos investimentos estrangeiros na região. As arrecadações estadual e municipal ficavam muito abaixo do esperado, sendo insuficientes para sanar dívidas, para o pagamento do funcionalismo público e para abastecer hospitais e escolas. Dia sim, dia não, ocorriam racionamentos de energia elétrica. Foi dentro deste cenário que Caetano Félix foi promovido a capitão em 1949, alcançando nos anos seguintes os postos de major e tenente-coronel, o último da hierarquia da Polícia Militar naquela época.

Em 20 de agosto de 1954, às vésperas do suicídio de Getúlio Vargas, o governador Álvaro Maia o nomeou comandante da Polícia Militar do Estado do Amazonas, tornando-se um dos mais jovens líderes da corporação, com apenas 36 anos de idade. Em dezembro do mesmo ano, foi transferido para a reserva, conforme as normas da época, mas continuou no comando até a posse do novo governador, Plínio Coelho, em 31 de janeiro de 1955.

Com notável dedicação a segurança pública do estado, Caetano Félix do Nascimento também atuou à frente da Comissão de Abastecimento de Preços do Estado do Amazonas (COAP) de 1958 a 1962, além de seu envolvimento na Associação Rural de Manaus (ARM) em 1962. Na COAP, órgão governamental encarregado de regular o mercado e garantir o acesso da população a produtos básicos, Caetano Félix desempenhou um papel crucial na estabilidade econômica do

estado. Com sua experiência e liderança, contribuiu para a eficácia das políticas de controle de preços e abastecimento, assegurando que a população tivesse acesso a alimentos, combustíveis e materiais de construção a preços justos, mesmo diante dos desafios enfrentados pelo estado em meio às transformações socioeconômicas da época.

Caetano Félix do Nascimento também se destacou como apoiador do pequeno produtor, um entusiasta da jiticultura e um defensor ardente da criação da Zona Franca de Manaus, deixando um legado duradouro e impactante para o desenvolvimento econômico e social da comunidade amazonense.

O Ir. Caetano Félix do Nascimento iniciou na Augusta e Respeitável Loja Unificação Maçônica, a 4 de março de 1954, chegando a Venerável Mestre da referida Loja e Delegado do Grande Oriente do Brasil, no Amazonas, antes da criação do atual Grande Oriente Estadual.

A 12 de setembro de 1978 foi fundada uma Loja do Grande Oriente que em sua homenagem, recebendo o nome de Augusta e Respeitável Loja Simbólica Caetano Félix do Nascimento nº 2029.

OCUPANTE Nº 01 - A. OSMAN DE ANDRADE NETO

Antonio Osman de Andrade Neto foi um dos fundadores da Academia Amazonense Maçônica de Letras. Os anais do Silogeu registram seu nome apenas na Ata da Fundação, quando foi relacionado para ocupar a Cadeira Nº 13, sob patronato de Caetano Felix do Nascimento, e eleito por aclamação para ocupar o cargo provisório de Museólogo.

Uma “Nota de Pesar”, em comunicado da Grande Loja Maçônica de Rondônia, no Jornal Eletrônico Independente “Tudorondonia.com”⁵⁶, publicado no dia 25 de janeiro de 2011, informa seu falecimento, dizendo tratar-se de um exemplo de cidadão, pai de família, avô e amigo, e que o Irmão “Popó”, como era conhecido em Rondônia, foi um dos responsáveis pela implantação e pela expansão da Maçonaria no Norte do Brasil a partir de Manaus, especialmente em Rondônia, onde foi fundador da Loja Suprema Razão nº 25, de Porto Velho.

Na Nota, o Grão-Mestre da GLOMARON, Juscelino Moraes do Amaral, destacou que a sociedade e a Maçonaria perderam uma figura de grande expressão, um homem que dedicou toda a sua vida maçônica ao Aperfeiçoamento Moral e à construção do Templo da Virtude, deixando na Terra um legado que deverá servir de exemplo para todos que buscam galgar os degraus da vida em harmonia e aperfeiçoamento moral”, disse Juscelino.

Seu corpo foi velado no Templo da B.L.S. Suprema Razão nº 25, localizado na Rua das Laranjeiras, 7104, Bairro Castanheiras, em Porto Velho.

Ainda segundo a Nota de Pesar, Antônio Osman de Andrade iniciou na Maçonaria em 07/03/1959, na A.R.G.B.L.S Unificação Maçônica, jurisdicionada ao Grande Oriente do Brasil. Foi fundador de inúmeras Lojas Maçônicas, entre elas a A.R.L.S. Vitória Régia nº 1878, do GOB, em 17/06/1972, e a B.L.S. Suprema Razão nº 25, jurisdicionada à Grande Loja Maçônica do Estado de Rondônia, em 10/08/1999; fundador da Academia Amazonense Maçônica de Letras, em Manaus (AM). Colou Grau 33 em 13/12/1977, em Salvador (BA). Recebeu diversas homenagens por ocasião das comemorações dos 10 anos da Loja Suprema Razão, e dos 25 anos da GLOMARON. Em 2010 lançou o livro “Isto É Maçonaria – Artigos, Poesias e

⁵⁶<https://tudorondonia.com/noticias/nota-de-pesar-,20204.shtml>

Reflexões”, obra que teve o prefácio do Grão-Mestre da Pennsylvânia, Albert Eyler, e contou com o apoio do Grão-Mestre da GLOMARON, Juscelino Moraes do Amaral, do ex-Grão-Mestre Adjunto, Cláudio Luiz do Amaral Santini, do Venerável Mestre da Loja Suprema Razão nº 25, George Braga, bem como dos membros da GLOMARON.

OCUPANTE Nº 02 - JOSÉ LUIZ DE S. PIO⁵⁷

José Luiz de Souza Pio
Fonte: Acervo AAML



José Luiz de Souza Pio veio a este mundo na cidade de Manaus, capital do Amazonas, aos 12 dias de janeiro de 1964. Filho de Azamor Martins Pio e Ana Maria Almeida de Souza, ele teve o privilégio de crescer em uma época efervescente no Brasil, entre os meados dos anos 60 e os anos 70, período de transformação cultural e política envolto em atmosfera de efervescência artística e engajamento social que certamente influenciou seus primeiros anos, moldando sua visão de mundo e suas

aspirações futuras.

Seu percurso educacional teve início no Grupo Escolar Saldanha Marinho, onde cursou o primário de 1970 a 1974, seguido pelo

⁵⁷⁵⁷ Autobiografia do Acadêmico.

ginasial no Colégio Brasileiro de 1975 a 1978. Já o ensino médio foi concluído na Escola Técnica Federal do Amazonas (ETFA), entre 1979 e 1981. Ingressou na então Universidade do Amazonas, em 1982, via exame vestibular, com o propósito de cursar Engenharia Civil. No entanto, precisou trancar sua matrícula no ano seguinte para cumprir o serviço militar.

Em 1983 ingressou nas fileiras do Exército Brasileiro como aluno do Núcleo de Preparação Oficiais da Reserva do 1º Batalhão de Infantaria de Selva, no curso de Infantaria. Durante esse período foi condecorado como “Melhor Combatente de Selva” no estágio básico do combatente de selva (Operação Boina Verde, EBCS-1983) e classificado em primeiro lugar do Curso Especial de Operações na Selva do Centro de Instrução de Guerra na Selva (CIGS – 1983). Ao final do curso, em 1984, foi condecorado por honra ao mérito como destaque individual do curso, sendo declarado 2º. Tenente da Arma de Infantaria.

Concluiu o curso de Engenharia Civil em 1987 e exerceu a profissão de engenheiro até 1991 quando entrou para os quadros da Universidade Federal do Amazonas, quando foi aprovado em primeiro lugar em concurso público para professor de Ciência da Computação. Em 1994 foi aprovado para cursar o Programa de Mestrado em Engenharia de Sistemas e Computação, na área de Computação Gráfica, na Coordenação dos Programas de Pós-Graduação em Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi declarado Mestre em Ciências em Engenharia de Sistemas e Computação em 1995. Em 2001 deu prosseguimento aos seus estudos avançados, em nível de doutorado, em Visão Computacional e Robótica junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Computação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde foi declarado Doutor em Ciência da Computação em 2005.

É Professor Titular do Instituto de Computação da Universidade Federal do Amazonas, onde exerce a docência em Ciência da Computação e desenvolve pesquisa científica em áreas como Visão Computacional, Robótica Inteligente e Aprendizagem de Máquina. Exerceu

funções administrativas como a chefia do Departamento de Ciência da Computação, as coordenações do Curso de Bacharelado em Ciência da Computação e do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática e a direção do Instituto de Computação. Em 2007 foi designado por solicitação do Governador do Estado do Amazonas para exercer as funções de Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação junto a Universidade do Estado do Amazonas (UEA). É membro do Conselho de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, membro nato do Conselho de Administração e do Conselho Universitário da UFAM. É ainda conselheiro da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e do conselho administrativo da Associação para Promoção da Excelência do Software Brasileiro (SOFTEX).

José Luiz de Souza Pio é apaixonado pelas artes e pela cultura, encontrando particular fascínio na literatura e no cinema, onde descobre uma fonte inesgotável de inspiração. Sua paixão o conduz a devorar avidamente obras de renomados autores, explorando romances, ensaios e tratados filosóficos com voracidade. Além disso, ele é um estudioso dedicado das ciências exatas e sociais, incluindo a Ciência da Computação, a Matemática, a História e a Maçonaria. Compartilha suas reflexões e conhecimentos por meio de ensaios e livros, buscando conectar os pontos entre esses diversos campos do saber. Essa busca contínua enriquece não apenas seu próprio entendimento, mas também o de seus irmãos, colegas e amigos. José Luiz é casado desde 1995 com a Sra. Sylvie Spener Miranda Pio, com quem compartilha uma história de amor e parceria duradoura.

Oriundo de uma linhagem de maçons que inicia com seu bisavô materno, o português Eduardo Pinto d'Almeida, seguido por seu avô paterno, Manoel Pio e seu pai Azamor Pio, todos filiados a GBLS Amazonas No. 2 da GLOMAM. José Luiz de Souza Pio ingressou na Academia Amazonense Maçônica de Letras no dia 13 de dezembro de 2008, onde exerceu as funções de secretário por mais de dez anos. Oriundo da Loja Fraternidade e União, da constelação do Grande Oriente do Brasil onde já exerceu os cargos de Tesoureiro, Secretário, 2º Vigilante, 1º Vigilante e Venerável Mestre. Iniciado nos mistérios da Arte Real na Loja Glória Sobre as Trevas em 1998, também do

Grande Oriente do Brasil, segue a maçônica inglesa na prática do ritual da Emulação. Também é maçom de Marca e maçom do Arco Real.

CADEIRA Nº 14

PATRONO: CHRYSÓLOGO G. DE OLIVEIRA⁵⁸

A história de uma vida é difícil de ser descrita, ainda mais se o personagem dela for um homem probo e um vencedor. A conquista do que sonhamos como um bem comum exclui o idealista de pensar em si próprio para usufruir o que foi conquistado e deixar os louros de sua vitória para as futuras gerações.

O registro que hoje fazemos, é de um desses homens predestinados que tinha uma visão futurista, voltada para o bem comum.

É a saudade, a sombra do coração, na expressão de Adelson Tavares, que nos aviva a ideia e nos conduz à recordação e a ressurreição.

Saudade hoje - quando homenageamos Chrysólogo Gastão de Oliveira - é Justiça.

Escrever sobre alguém (com) que(m) não convivemos pessoalmente, encerra sempre um drama inultrapassável. Servirmo-nos de relatos de seu filho Raimundo Nonato, relatos estes quer escritos

⁵⁸ Fonte: Memorial da Academia Amazonense Maçônica de Letras, Edição 2008, de onde essas informações foram copiadas. Não foi identificado o autor do texto.

ou verbais, da imprensa que sempre noticiava a seu respeito por ser um homem de caráter e de espírito público.

Era uma Manaus ainda nova, ainda por desbravar, (que) estava nascendo para o mundo, quando nasceu Chrysólogo no dia de dezembro de 1895. Logo Manaus fervilharia com a economia da borracha. O Governador Eduardo Gonçalves Ribeiro começava a dar à Capital do Amazonas uma estrutura moderna, que observamos até hoje em diversos monumentos, prédios e ruas ainda existentes.

Chrysólogo teve formação intelectual nesta Capital, no Ginásio Amazonense D. Pedro II, além de numerosas especializações no corpo das ciências humanas e sociais. Serviu, como militar, o Tiro de Guerra nº 10.

Foi servidor público exemplar da Delegacia Federal e Saúde do Estado do Amazonas, onde se aposentou após 40 anos, com uma vida funcional impecável no Porto de Manaus, quando dirigido pelo médico Dr. Madureira de Pinho.

Filho de Miguel José de Oliveira e Idalina Gastão de Oliveira, casou-se com Lizbela Moura de Oliveira, que faleceu no dia 20 de junho de 1987. Tiveram cinco filhos: Raymundo Nonato Moura de Oliveira; Miguel Deolindo Moura de Oliveira, Ramiro Ajuricaba Moura de Oliveira, Ivo Amazonense Moura de Oliveira e Idabela Moura de Oliveira.

A sua contribuição para o esporte amazonense foi das mais atuantes, onde se destacou como fundador do Nacional Futebol Clube, tendo secretariado e redigido a ATA de fundação do Clube; secretário do Atlético Rio Negro Clube, na administração do Dr. Flávio de Castro; presidente da União Esportiva Portuguesa, em sua gestão adquiriu o Prédio da Av. Joaquim Nabuco onde funcionava o Partido do Movimento Democrático Brasileiro – PMDB; presidente da Federação Amazonense de Desportos Atlético (FADA) e do Conselho Regional de Desportos (CRD).

No jornalismo, destacou-se pela combatividade e elevado espírito público em defesa dos menos favorecidos. Exerceu elevadas

funções no corpo redacional do Jornal do Comércio, onde era muito amigo do diretor proprietário, o jornalista Vicente Torres da Silva Reis.

Também desenvolveu seu talento jornalístico no Jornal À Tarde, de propriedade do jornalista Aristófano Antony.

No serviço público estadual foi Diretor do Diário Oficial do Estado, no Governo do Dr. Júlio Carvalho Filho.

Nos governos do Dr. Leopoldo Amorim da Silva Neves e do Dr. Arthur César Ferreira Reis, ocupou o elevado posto de Chefe da Casa Civil, em cuja função se houve com realce, com brilhantismo e incomum zelo.

Também desenvolveu seu trabalho na SPVEA, como Chefe de Expediente, durante administração do Dr. Arthur César Ferreira Reis.

Teve uma atuação marcante na Maçonaria Amazonense. Iniciou-se no dia 21 de novembro de 1942, elevou-se em 15 de janeiro de 1943 e alcançou a plenitude maçônica no dia 3 de março de 1943, na Grande Benemérita Loja Simbólica Aurora Lusitana nº 6. Orador fluente, desenvolveu grandes "Peças de Arquitetura" (palestras) em todas as lojas da Jurisdição, onde exibia a sua vasta cultura maçônica com notória simplicidade. Também foi sócio efetivo do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas – IGHA, pertencendo a diversas diretorias.

A cidade inteira acostumou-se a ver naquele homem de cabeça branca, sempre cordial para com todos, com urna atitude de otimismo perante a vida, mesmo nos grandes momentos de dor, urna figura que inspirava respeito e admiração.

Urna legenda de honradez, de trabalho e dono de um coração cheio de solidariedade e amor ao próximo. Em vida recebeu numerosas homenagens por essas suas notáveis qualidades.

Mas foi no dia 12 de julho de 1972 que o Professor Gastão de Oliveira nos deixou aos 76 anos. Atendendo ao chamado do

Senhor, partiu com as recordações de sua vida digna e honrada, restando-nos o consolo, entretanto, de sabermos que um dia um homem de bem esteve aqui em Manaus. Aos seus familiares, permitimo-nos lembrar-lhes: "A dor de sua saudade é para a alma semelhante ao arbusto quando lhe sangram a oliva e lhe cortam as raízes".

Nossos respeitos à família Oliveira. Os anos na vida daquele homem não foram suficientes para que ele, em sua magnífica lucidez profissional, tivesse tempo de mostrar-nos o quanto sabia. Assim, com saudades e tristezas relembramos as palavras melancólicas de Horácio (Odes, II, 14, 1), que traduzem a celeridade com que a vida passa: "EHU! FUGACES LABUNTURANNI" (Ai de nós! Os anos fogem rápidos).

O Amazonas tem o dever de tomar imperecedouro o seu nome.

OCUPANTE Nº 01 - HUMBERTO FIGLIUOLO

(13/02/1929-05/02/2022)

Humberto Figliuolo foi fundador da Academia Amazonense Maçônica de Letras, e Tesoureiro da diretoria provisória designada durante a Reunião de Fundação, em 02 de fevereiro de 1980. Em Sessão Especial realizada no dia 31 de março de 1981, compôs a Mesa de Trabalhos na condição de Presidente eleito da Academia. Vinte

anos depois, integrou a equipe responsável pelo soerguimento do Silogeu⁵⁹.

Humberto Figliuolo

Fonte: <https://d24am.com/amazonas>



Nasceu em Manaus, Amazonas, em 23 de fevereiro de 1949, filho de Vittorio Figliuolo e Rosalina Costa Figliuolo.

Farmacêutico Bioquímico, empresário e Escritor⁶⁰, exerceu os cargos de Secretário de Estado de Saúde, presidente do Conselho de Entorpecentes, e presidente da Central de Medicamentos. Em Brasília foi Conselheiro, Tesoureiro e Presidente do Conselho Federal de Farmácia. Em 2008 era Subsecretário de Saúde Municipal.

Foi membro do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, fundador e ex-Presidente da Academia Amazonense Maçônica de Letras, e sócio da Academia de Letras e Artes do Amazonas.

Iniciou na Maçonaria na Loja Amazonas, em 29 de agosto de 1974, exercendo vários cargos, entre eles o de Grão-Mestre Adjunto da Grande Loja Maçônica do Amazonas.

Conforme noticiou o Portal <https://d24am.com/amazonas>, Humberto Figliuolo faleceu no dia cinco de fevereiro do ano de 2022. Desde então a Cadeira Nº 14 não teve outro ocupante.

⁵⁹ Fonte: Ata da Reunião de Fundação da Academia Amazonense Maçônica de Letras, e Roteiro da Sessão Especial de Transmissão de Cargo, e Conferência do Padre José Antonio Ferrer Benimelli, da Universidade de Zaragoza, realizada no dia 31 de março de 1981.

⁶⁰ Fonte: Memorial AAML, Edição 2008, P. 134, de onde essas informações foram copiadas. Não foi identificado o autor do texto.

CADEIRA Nº 15

PATRONO: EDUARDO G. RIBEIRO⁶¹

Eduardo Gonçalves Ribeiro
Wikipédia – A Enciclopédia Livre



Eduardo Gonçalves Ribeiro (São Luís, 18 de setembro de 1862 – Manaus, 14 de outubro de 1900) foi um político brasileiro. Governador do estado do Amazonas entre 2 de novembro de 1890 a 5 de maio de 1891, e de 27 de fevereiro de 1892 a 23 de julho de 1896, foi a primeira pessoa parda a governar o Amazonas.

Em seu governo foi responsável por agilizar e terminar a construção do Teatro Amazonas e muitas das outras obras de urbanização da cidade de Manaus, entre elas o

Reservatório do Mocó, a Ponte Benjamin Constant e o Palácio da

⁶¹ Fonte: Wikipédia – A Enciclopédia Livre

Justiça, dando, para a capital do Amazonas, a alcunha de *Paris dos Trópicos*.

Em honra a sua memória, a Avenida Eduardo Ribeiro, no Centro Histórico de Manaus, foi batizada com seu nome. A inscrição na fachada direita e o palco do Teatro Amazonas tem seu nome. Sua residência em Manaus foi transformada num museu.

ORIGENS E CARREIRA POLÍTICA

Eduardo Gonçalves Ribeiro nasceu São Luís, capital do estado do Maranhão, em 18 de setembro de 1862. Recebeu a alcunha de *Pen-sador*, em decorrência de sua ativa participação nos movimentos republicanos e por ter editado o jornal maranhense *O Pensador*.

Em 1887 chegou a Manaus, onde serviu como tenente do Exército. Já na República, em 1890, foi convidado por Augusto Ximeno de Villeroy, que em 4 de janeiro tomou posse como governador do Amazonas, para compor a alta administração do estado como chefe de seu gabinete. Em 2 de novembro, quando Villeroy deixou o cargo e se transferiu para o Rio de Janeiro, substituiu-o no governo.

Governou o Amazonas e suas principais realizações foram o início das obras do Teatro Amazonas, a construção do Reservatório do Mocó, da Ponte de Ferro da Rua 7 de Setembro, do Palácio de Justiça e inúmeras outras obras, transformando Manaus na conhecida *Paris dos Trópicos*.

Morreu em Manaus, em circunstâncias ainda não bem esclarecidas, a 14 de outubro de 1900, quando foi encontrado sentado no chão, de pijama, enforcado com uma corda de pendurar rede, em sua chácara. No local encontravam-se apenas seus seguranças, pois Eduardo Ribeiro era deputado e presidente da assembleia na ocasião. O caso foi encerrado como suicídio, mas especula-se que Ribeiro possa ter sido envenenado.

O Capitão Ximeno de Villeroy foi o primeiro governador republicano designado pelo governo provisório da República para o

Amazonas, e que aportou com história pessoal intimamente vinculada ao alto comando militar-positivista. Chegou a Manaus em 4 de janeiro de 1890 e, logo em seguida, convidou o 1º Tenente Eduardo Gonçalves Ribeiro para integrar a alta administração do Estado, diretamente em seu gabinete, o que foi confirmado no dia 7 de janeiro de 1890. Tratava-se de figura já conhecida dos grupos de movimentos republicanos por grande dedicação à causa, inclusive ao tempo do jornal *O Pensador*, editado no Maranhão. Nova demonstração de reconhecimento à solidariedade emprestada por Eduardo Ribeiro à causa dos positivistas foi a sua nomeação para o cargo de professor da Escola Superior de Guerra, em 2 de junho de 1890.

Saiu do governo do Amazonas a 3 de novembro de 1890 deixando a administração pública nas mãos de Eduardo Gonçalves Ribeiro, preferindo manter-se no Rio de Janeiro.

Eduardo Gonçalves Ribeiro, que chegara a Manaus em 1887, ao receber os encargos da administração do Estado, não decepcionou o espírito positivista, procurando obter apoio da base popular para manter-se no governo, que assumiu pela primeira vez em 2 de novembro de 1890 sendo afastado do cargo a 4 de abril de 1891, retornando no dia 12 seguinte, pela vontade popular em manifesto firmado por 363 pessoas. Ele permaneceu até 5 de maio de 1891 quando transferiu o cargo ao Barão de Juruá, Guilherme José Moreira, 1º Vice-Governador.

Seus serviços foram imediatamente reconhecidos pelo comando militar e revolucionário, sendo promovido a Capitão de 1ª classe a 7 de junho de 1891, o que provocou sua transferência para o Rio de Janeiro logo no dia 27, onde deveria assumir o cargo de professor da Escola Superior de Guerra.

Retornou ao cargo de Governador do Estado quando da renúncia do Coronel Gregório Thaumaturgo de Azevedo, sendo, inclusive, o candidato do partido Democrata para a chefia do Poder Executivo estadual, em 1892.

Foi em seu período de governo que a legislação básica do novo Estado do Amazonas, fiel aos princípios republicanos e positivistas, foi constituída. Assim, compulsando a Constituição estadual de 1891 verifica-se ampla repercussão das ideias positivistas no texto legal, ali lançadas por iniciativa pessoal de Eduardo Ribeiro que a outorgou e a fez aprovar depois no Congresso Estadual Constituinte. Se é indiscutível que o lema adotado na bandeira nacional, - Ordem e Progresso -, a inclusão de datas nacionais na Constituição Federal, o regime Presidencialista, indicam clara influência positivista na implantação da República no Brasil, também não pode caber dúvida de que a inclusão do barrete frígio nas Armas ou escudo do Estado do Amazonas, estabelece um elo incontestante entre as lideranças locais e os positivistas, especialmente a figura de Benjamin Constant porque este era o símbolo por ele usado em suas contas particulares, embora de origem francesa com fundamento no movimento de 1789.

No Decreto de nº 86, de 13 de março de 1891 com o qual convocou o primeiro Congresso do Estado do Amazonas, Eduardo Gonçalves Ribeiro decretou também a primeira constituição, considerando "os princípios liberais e democráticos" adotados pela Constituição da República, sob o fundamento de que era necessário o estabelecimento de bases que permitissem a atuação dos constituintes estaduais "com segurança e patriotismo, inspirando-se nos mais sólidos princípios de democracia moderna..."

Na ocasião foi instituída a eleição indireta, regra consagrada na carta federal, assim como o congresso constituinte não específico. No artigo 6º da Constituição outorgada está o fundamento da organização do Estado, tal como ainda é configurado nos tempos atuais: democrático, republicano, constitucional, representativo com os poderes independentes e harmônicos. No art. 14, o uso da expressão "cidadão" para designar brasileiros natos ou naturalizados, termo que passa a ser comum em todo o texto. No art. 32, a fórmula adequada para ser expressa a sanção às leis: "O Congresso do Estado do Amazonas, em nome do povo e eu promulguei a seguinte lei..." Outras indicações que demonstram sintonia com os princípios positivistas podem ser referidas, como no art. 34 - "O poder executivo será exercido por um

cidadão com o título de - governador -..."; no art. 39, quando apresenta o juramento oficial a ser proferido pelo eleito, no ato da posse, e impunha lealdade ao Estado e à República e "esforçar-me tanto quanto possível pelo desenvolvimento moral e material do Estado..." e, igualmente, quando criou a justiça especial para militares.

No art. 97 a Constituição define os cemitérios, como "de caráter secular" (97, XI) com administração de órgão público, concretização de outra bandeira dos positivistas contra a Igreja, especialmente a igreja católica; a instituição da educação cívica e primária gratuita (97, XVII). E não parava nestes aspectos. No art. 101, na Declaração de Direitos, assegurava "Ser livre o exercício de todos os cultos que não ofendem a ordem pública e aos bons costumes; o Estado não adaptado nem subvencionando religião alguma", princípio reafirmado no parágrafo 4º ao cuidar dos cemitérios seculares. No art. 14, rechaça a possibilidade de privilégios individuais fundados no nascimento, nobreza, fidalguia ou condecorações. No art. 16 assegura o ensino leigo nos estabelecimentos públicos.

O Decreto é subscrito também por Antônio Clemente Ribeiro Bittencourt, no 3º ano da República, e ambos eram filiados à maçonaria, e membros altamente prestigiados, o que pode sugerir, ao mesmo tempo, influência originária também do espírito dominante na confraria secreta.

Há ainda outros fatos da época que podem ser referidos como sinais claros da influência positivista: a modificação da correspondência oficial com a exclusão da expressão tão comum e permanente ao tempo do Império - Deus guarde V. Exa. - assim como a extinção dos tratamentos imperiais, permitindo a inclusão de termos que se caracterizam como republicanos - Vós, saúde e fraternidade, segundo o modelo da república francesa e a proposta pernambucana de 1817. Registre-se, inclusive por curiosidade, que o uso do título de cidadão, ainda era mantido até poucos anos, em meados da década de 80, nos documentos oficiais da Câmara Municipal de Manaus, aliado ao cargo de Presidente, Vereador ou Prefeito.

A respeito dos feriados nacionais veja-se por exemplo o Decreto 155/B - de 14 de janeiro de 1890 que determina que sejam guardados como feriados os dias 1º de janeiro, 21 de abril, 3 de maio, 15 de maio, 14 de julho, 7 de setembro, 12 de outubro, e 15 de novembro, datas cívicas e históricas e, o dia 2 de novembro que sendo de conotação religiosa, tinha amplo alcance social e importava em comoção pública.

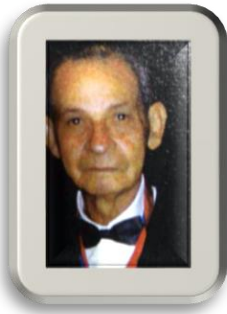
Se no plano nacional os positivistas não foram fortes o suficiente para implantar o que se chamava de "ditadura republicana", Benjamin Constant como prócer do movimento não cogitava da hipótese, tal não pode ser descaracterizado nos primeiros anos no Amazonas, que chegou a levar à representação federal constituinte o Dr. Belfort Vieira, positivista por todos reconhecido, elegendo-o Deputado.

Assim se deu com Fileto Pires Ferreira, também oficial positivista da Escola Militar, que integrava o conhecido grupo de "discípulos de Benjamin Constant", prestigiadíssimo na Assembleia de 1890, inclusive pelos que o integravam como Lauro Sodré, Serzedelo Corrêa, Lauro Muller, Barbosa Lima, Manoel Valadão, Gabino Bezouro, Felipe Schimidt, Bezerril Fontenelle, A. Azevedo, José Bevilacqua. Coube a Fileto dar continuidade à influência positivista no governo do Amazonas.

Coube assim, a Eduardo Gonçalves Ribeiro, a reafirmação legal e constitucional, especialmente, dos princípios basilares da proposta positivista para o País que surgia com a República, no exercício dos encargos de governante do Amazonas em diversas situações.

OCUPANTE Nº 01 - JOSÉ F. A. CESÁRIO⁶²

Fonte:
Acervo da AAML



José Francisco Antas Cesário foi um dos soerguedores da Academia, no ano de 2002. Na oportunidade, foi indicado para o cargo de Tesoureiro Provisório do Silogeu. Pelo Ato Administrativo Nº 07, de 23/09/2023, foi agraciado com o título de Acadêmico Emérito.

Nasceu em Manaus, no dia 10 de setembro de 1934, filho de José Manoel Dantas Martinez e de Narcisa Cesário dos Santos. Casou-se com Maria Lourdes Bittencourt Guimarães Cesário, falecida, tendo três filhos.

Sua primeira profissão foi de sapateiro, e depois foi empregado em diversas empresas, inclusive como gerente comercial da IPES – Indústria de Produtos e Equipamentos de Solda Ltda.

Escreveu vários trabalhos sobre assuntos maçônicos, inclusive uma história de sua Loja Vitória das Nações Unidas, federada ao GOB e jurisdicionada ao GOB-AM.

Dedicou seu tempo disponível à pintura de telas, com várias exposições e premiações, entre as quais Paiol de Cultura, Galeria de Artes do ICBEU, Central Cultural Palácio Rio Negro e Salão de Artes Manaus.

⁶² Informações biográficas compiladas no Memorial da Academia Amazonense Maçônica de Letras em conjunto com registros arquivados na Secretaria da AAML.

Foi iniciado na Maçonaria a 2 de setembro de 1972, na Loja Vitória das Nações Unidas, chegando ao mestrado a 23 de junho de 1975. Foi Venerável de sua Loja por quatro vezes, nos períodos de 1979 a 1983, de 2002 a 2005, e Grão-Mestre do Grande Oriente do Estado do Amazonas por duas vezes, de 1983 a 1991.

É condecorado como Benemérito e Grande Benemérito da Ordem, e portador da Cruz de Distinção Maçônica. Recebeu diversas Medalhas e Placas.

OCUPANTE Nº 02 - JÚLIO A. DE J. LOPES

Júlio Antonio de Jorge Lopes
Fonte: Acervo da AAML



Júlio Antonio de Jorge Lopes ingressou na Academia Amazonense Maçônica de Letras no dia 03 de fevereiro de 2014, oriundo da Loja Lux Amazon, de obediência do Grande Oriente do Brasil, Amazonas, indicado pelo Acadêmico Jurimar Collares Ipiranga.

É amazonense de Manaus, nascido em 24 de março de 1964 nas dependências da Santa Casa de Misericórdia. É filho de Julian Flores Lopes e Naha de Jorge Lopes, ambos falecidos. Tem como irmãos Eva Maria de Jorge Lopes e Marco Antonio de Jorge Lopes, este também falecido. Casado com a advogada Jozélia de Souza Carvalho Lopes, e pai de quatro filhos: Laís Naha Carvalho Lopes, João Gabriel das Chagas Lopes, Júlio Antonio de Jorge Lopes

Filho e Rodrigo Antonio Carvalho Lopes. É advogado, jornalista, escritor e editor.

É neto de Dionízio Zumaeta Lopes, membro da Ordem Maçônica, que foi iniciado na Augusta e Respeitável Loja Simbólica Igualdade Acreana, Grande Oriente do Brasil – Amazonas e Acre, em 14 de setembro de 1907. Foi filiado à Grande Benfeitora Loja Simbólica União e Perseverança, em Porto Velho, a partir de 1º de julho de 1920. Depois veio residir em Manaus, havendo chegado, segundo depoimento de seu filho Julian Flores Lopes, ao Grau 33. Júlio Antonio de Jorge Lopes é sobrinho do saudoso maçom amazonense Tufi Salim Jorge, pai de Tufi Salim Jorge Filho, que hoje é Grão-Mestre Adjunto da Grande Loja do Amazonas (GLOMAM).

Lopes ingressou na Maçonaria pelas mãos do Irmão Antonio José Souto Loureiro, ex-Grão-Mestre do Grande Oriente do Brasil – Amazonas (GOB-AM) e seu confrade no Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas (IGHA), que o fez iniciar na Augusta, Respeitável e Grande Benemérita Loja Oriente Unido nº 1469, na cidade de Manaus, em 13/12/2016, onde também foi elevado a Companheiro, isso em 19/09/2017, para finalmente ser exaltado a Mestre em 12/03/2019. Chegou ao Grau 4 na Loja de Perfeição Coronel Francisco Menezes, Delegacia Litúrgica do Amazonas. Lá preparou a peça de arquitetura “O simbolismo da chave de Marfim do Grau 4 do Rito Escocês Antigo e Aceito”.

Na Loja Oriente Unido, em coautoria com Antonio José Souto Loureiro e o Venerável da época Moisés Seixas Nunes, participou da elaboração do livro “Uma breve história da Augusta, Respeitável e Grande Benfeitora Loja Simbólica Oriente Unido nº1469, havendo colaborado para a edição e impressão de seu Regimento Interno. Ali produziu as seguintes peças de arquitetura: “Câmara de Reflexões”, “Virtudes Teológicas”, “As cinco viagens do Companheiro”, “O Avental e a Marcha do Companheiro” e a sua “Autobiografia”. Na Loja Oriente Unido foi distinguido com a Placa e o Diploma de Reconhecimento e Gratidão em face de seu fazer maçônico, com especial destaque para os anos de 2019 a 2021, durante a pandemia de Covid 19.

Em parceria com os Irmãos Moisés Rodrigues, Jurimar Collares Ipiranga e Gilson Nascimento, Júlio Lopes é coautor do HINO DO BICENTENÁRIO DO GRANDE ORIENTE DO BRASIL, cuja primeira execução se deu no Teatro Amazonas com a presença do Grão-Mestre Geral Múcio Bonifácio Guimarães, o que lhe valeu o Certificado de Reconhecimento e Gratidão, assinado em 14/07/2022, pelo Grão-Mestre Estadual Bruno Patrício de Azevedo Campos. Possui escritos maçônicos, dentre os quais destacam-se o livro “O escritor e o pianista”, em coautoria com o Irmão Moisés Rodrigues; e os artigos “Tu és pedra, I, II e III”; “O outro em nós”; “Lições in extremis”; “Olhos para ver”; “O desafio de se encontrar”; “O peso da idade”; “O poder do espírito”; e “Liberdade”, todos publicados no jornal A Crítica, de Manaus, onde ele assina coluna semanal há 35 anos. É editor da série “Textos que Edificam”, sendo que o número 10 da aludida coleção traz o discurso do Irmão Benjamin Franklin, intitulado “O que é a Maçonaria”.

Lopes foi, ainda, no período de 05/06/2020 a 09/08/2021, poderoso Secretário Estadual de Comunicação do GOB-AM. Mais adiante, sob a liderança do ex-Grão-Mestre e hoje Grão-Mestre de Honra do GOB-AM, Jurimar Collares Ipiranga, e de outros valorosos Irmãos, tornou-se membro fundador da Augusta e Respeitável Loja Simbólica LUXOR AMAZON, que adota o Rito de York, emulação e, onde ocupa o cargo de Segundo Vigilante, com mandato que vai de 2023 a 2025.

DADOS CURRICULARES SINTÉTICOS

Júlio Antonio de Jorge Lopes é Bacharel em Direito, graduado pela Faculdade de Direito da Universidade Federal do Amazonas (1989), e Jornalista, registrado sob o número 1.073-MTPS (Ministério do Trabalho e Previdência Social). Fez Curso de Preparação à Magistratura do Estado do Amazonas, da Escola Superior da Magistratura do Amazonas (ESMAM), 2003.

EXPERÊNCIAS PROFISSIONAIS

Advogado profissional, escritor, jornalista e professor universitário, foi Diretor Jurídico da Empresa de Jornais Calderaro Ltda. (Jornal A Crítica). Seu extenso currículo está recheado de informações sobre cargos e funções exercidas e em exercício, livros publicados, entidades a que pertence, distinções recebidas e participações em ações sociais.

CADEIRA Nº 16

PATRONO: EUTHYCHIO P. DA ROCHA⁶³

Euthychio Pereira da Rocha
Fonte:<https://l1nk.dev/qQkfi>



Alguns nomes de ruas, avenidas e praças das cidades em geral, e das Cidades de Belém e Manaus, em particular, aos transeuntes desatentos, passam despercebidos do real significado que os mesmos contêm. É assim a Rua 10 de julho em Manaus e a Avenida Padre Eutíquio na Cidade de Belém. O Padre Eutíquio Pereira da Rocha foi um baluarte da Religião Católica e da Ordem Maçônica na Região Amazônica na segunda metade do século XIX. Por ter sido Padre, Maçom, pobre e Negro tem muito a ver com a data 10 de

julho de 1884, quando a Província do Amazonas proclamou a

⁶³Texto do Arquivo Eletrônico referente à Edição do Memorial da AAML, de 2008. As evidências indicam ser da produção intelectual do Acadêmico Antonio José Souto Loureiro.

Abolição da Escravidão, quatro anos antes que a proclamação nacional (1888).

Os poucos dados aqui apresentados sobre as atividades do Ir.: Padre Eutíquio, certamente, jamais estarão sequer às proximidades do quanto o mesmo merece, e o quadro político, econômico, social, científico e ambiental, que o mesmo viveu, nunca poderá ser descortinado com a devida profundidade que requer a região amazônica, para a qual dedicou sua vida.

Membro da Augusta Loja Harmonia (Loja-Mãe) e Loja Firmeza e Humanidade. Iniciado ao 1º dia do mês de outubro do ano de 1859, Padre Eutíquio Pereira da Rocha viveu nos prováveis contextos internacional, nacional, regional e local, a seguir:

QUADRO INTERNACIONAL

Em 1872 no auge da Questão Religiosa, "quebra da unidade católica", após o "Syllabus" e o 1º Concílio do Vaticano em Trento, com as gestões conservadoras de Gregório IV e depois Pio IX, desenvolveram sérias distensões no mundo católico, promovendo uma nova "onda missionária" com a proliferação de diversas seitas cristãs denominada de Protestantismo. Esta frente missionária em grande parte veio acompanhada de colonialismo devido a Ásia, África e América encontrarem-se bastante atrasadas perante a Europa em seu acelerado avanço da Revolução Industrial que se desenvolvia trabalhando intensamente. Este quadro contaminado pelos avanços científicos (em particular a Teoria da Evolução de Charles Darwin) e sócio-políticos (Abolicionistas e Progressistas) permitiu a subdivisão mundial em conservadores e liberais, fundamentalistas e evolucionistas, católicos e protestantes etc. Padre Eutíquio sendo padre, maçom, pobre e negro brilhava na sociedade amazônica com seus pronunciamentos contundentes de amor à liberdade, igualdade e fraternidade.

QUADRO NACIONAL

A expansão do Comércio da Borracha para alimentar os avanços científicos e tecnológicos europeus, favoreciam a proliferação de diversas lojas maçônicas no território amazônico. Estas, contrárias às

prerrogativas conservadoras e escravagistas que ainda perduravam no Brasil, inclusive no Amazonas. Em 21 de setembro de 1871 foi a data festiva da Lei do Ventre-Livre "*que no Brasil ninguém nasce mais escravo*" com a eficiente participação do Visconde do Rio Branco em 28/09/1871. Os empresários e religiosos contrários à libertação dos escravos negros ainda detinham uma boa parte do poder político nacional, e assim resistiam nos mais diversos recantos do Brasil, inclusive na Amazônia. Este quadro político era progressivamente agravado com o fenômeno da seca (Fenômeno El Nino), que grassa mais fortemente a Região Nordeste, e teve seu auge em 1877, promovendo grande miséria, e hordas de imigrantes, que a Amazônia recebeu diversas vezes, alimentando o prolífico comércio da borracha em toda a região. Padre Eutíquio notabiliza-se pelos seus artigos e pronunciamentos nos mais diversos meios de comunicação da época. Suas posições contrárias às "Infalibilidade Papal" e "Syllabus" custaram-lhe a excomunhão juntamente com os maçons da época.

Em setembro de 1880 foi publicada no Boletim Oficial do Grande Oriente do Brasil a carta de Padre Eutíquio Pereira da Rocha, entregue ao seu amigo D. Vicente Ruiz, poucos dias antes de seu falecimento, acompanhada com permissão escrita para sua publicação no jornal "O Liberal do Pará".

As datas 9 de janeiro de 1882 (Dia do Fico), e 7 de setembro de 1882 (Independência do Brasil), transparece as grandes dificuldades no relacionamento Brasil x Portugal, que há mais de dez anos vinha desestabilizando a harmonia da Família Real. Padre Eutíquio, numa região provavelmente com a maior arrecadação de impostos, além de um grande solucionador dos problemas da Ordem Religiosa, também foi um baluarte nos objetivos da Ordem Maçônica.

QUADRO REGIONAL

A expansão do Comércio da Borracha envolve a Amazônia toda, e atinge todo o comércio europeu. Padre Eutíquio Pereira da Rocha, que foi em 1856 um dos fundadores da Loja Maçônica Harmonia,

em Belém do Pará, na qual iniciou-se em 01 de agosto de 1888⁶⁴ o Grão-Mestre Geral do Brasil Lauro Sodré (1904-16), exerceu com admirável atuação regional o cargo de Delegado do Grão-Mestre da Ordem Maçônica no Brasil na Província do Pará, cargo este que depois foi substituído por D. Vicente Ruiz. Dentre suas lutas pelo pensamento livre estava a autonomia maçônica do Amazonas.

QUADRO LOCAL

A Sociedade Amazonense fervilhava com o crescente comércio da borracha, os maçons não se contentavam com a situação escravagista e em suas duas lojas se desenvolveram várias estratégias antiescravidão, contando inclusive com as mulheres. Na sessão de 23 de março de 1876 o Irmão Padre Torquato Antônio de Souza, oriundo de Belém, em Manaus, foi homenageado pela Loja Capitular Esperança e Porvir com a Comissão composta por Gabriel Antônio Ribeiro Guimarães, Marçal Gonçalves Ferreira e Bernardo José de Bessa. Em 1877 o Ir.º Padre Eutíquio Pereira da Rocha presidiu a Comissão de Regularização da Loja "Amazonas" acompanhado do Irmão Padre Torquato Antônio de Souza. Observa-se que em 25 de março de 1880 foi fundada a Sociedade Emancipadora Amazonense, que, à semelhança da Sociedade Benfícite Amazonas (26/02/1885), promovera a libertação dos escravos bem antes que o restante do Brasil (1888).

O Ato final de Libertação ocorreu no dia 10 de julho de 1884 "numa festa de sublime confraternização humana" (Rodolpho Valle, 1975). O acontecimento alegraria o coração de todos os Maçons, e na sessão seguinte (dois dias depois), na Loja Amazonas, foram assinalados os mais nobres agradecimentos aos abolicionistas, com destaque ao Ir.º Theodureto Carlos de Faria Souto, que deveria, no dia seguinte, se dirigir à Corte Imperial. Mas antes levando uma bela e justa homenagem pelos relevantes serviços que prestou à Humanidade na causa da abolição.

É bom lembrar que em 15 de novembro de 1880 a Loja Maçônica Esperança e Porvir executou uma Sessão Fúnebre (a 13 neste

⁶⁴ <https://www.dm.com.br/opinioao/2017/05/lauro-sodre>

vale, Arquivo Maçônico) em homenagem ao Irmão Benemérito Euthychio Pereira da Rocha. Oito anos antes da Abolição Nacional. Desde o ano de 1880 até 1884 os orçamentos da Província do Amazonas já dispunham recursos para a libertação dos escravos assim como deliberava disposições legais dificultando a entrada de escravos na província do Amazonas.

A autonomia maçônica chegaria ao Amazonas em 13 de novembro de 1883 quando foi criada a Delegacia do GOB na Província do Amazonas, sendo nomeado seu primeiro delegado Deodato Gomes da Fonseca. No ano seguinte, solitariamente, declara a abolição.

A situação era de tal modo "efervescente" que membros da Loja Esperança e Porvir e Amazonas fundaram a "Sociedade Libertadora 25 de Março", o jornal "Abolicionista Amazonense", e foram os autores da lei de 24 de abril de 1884, que liberava recursos para a alforria dos escravos. E três meses depois, no dia 10 de julho de 1884, foi decretada a extinção da Escravidão na Província do Amazonas pelo Maçom Doutor Theodureto Carlos de Faria Souto.

A CARTA DE PADRE EUTHYCHIO PEREIRA DA ROCHA

Belém do Pará, 01 de dezembro de 1872

A data desta declaração mostra que estou no pleno gozo das minhas faculdades. Mas como é possível ter uma morte tão desgraçada como a do meu dedicado amigo Cônego Ismael (segundo as declarações do Bispo no "Boa Nova", que era um jornal eclesiástico da Diocese do Pará, cujo Bispo, D. Antônio de Macedo Costa, "cerrou fileiras" contra o Governo Imperial, sendo comum seus ataques aos Maçons) mas, no meu entender, menos desgraçada do que a do virtuoso Bispo de Pernambuco - D. Emmanuel de Medeiros, quero prevenir dificuldades, e tomar uma posição definida,

como exige o D. Macedo Costa, se é que a meu respeito ele pode ainda nutrir dúvidas, ou esperanças na hora extrema, em que descido tão baixo o termômetro da inteligência tem desaparecido o homem... E nessa hora eles fazem dizer a um cadáver o que eles querem, para cantarem mentidos triunfos!

Pertenci, na melhor fé, à Igreja Católica Apostólica Romana. Não concebia até a possibilidade de se deixar de ser católico apostólico romano. Começou a minha desconfiança com a louca pretensão de provarem com o "Regnummeum non est hoc mundo" a Divina Instituição, ou conformidade do poder temporal dos papas com a mente de Jesus Cristo! Foi o primeiro golpe na boa fé, em que eu supunha esses homens, que falam em nome de Deus. Irritou-me a malícia, com que introduziram o capítulo 10 da sessão 143 da "Reformata", para armarem os bispos de um poder absoluto e que tanto se presta a abusos. Para privar um padre do exercício das ordens, não haver a mesma facilidade, com que se recusa aspirantes a entrada para o sacerdócio. E para a reforma dos costumes não era mister tanto arbítrio; a mente dos padres de Trento foi corroborar a disciplina proibindo que fossem reintegrados por qualquer outro os padres, que os bispos tivessem suspenso pela maneira então em prática - o processo. Essas e outras questões, que vi tratadas pelos representantes de Deus, inspiraram-me como disse, as primeiras suspeitas. O "Syllabus", o D. Antônio de Macedo Costa, e o Concílio do Vaticano, empurraram-me da Igreja Romana. A que Igreja pertença? À Igreja Católica Apostólica Romana de antes do "Syllabus", de antes de bispos Macedo Costa, de antes do conciliábulo jesuítico do Vaticano. Que dirão desta igreja a que pertença os degenerados católicos, os servos humilíssimos do jesuíta, os bispos capachos de Loyola, os papas-cadáveres? Digam o que quiserem. Eu creio (e talvez eles riam da minha crença), creio na imortalidade da alma, na justiça de Deus e em Jesus Cristo, e nesta

fê cá os espero para o ajuste de contas. O "Syllabus" está julgado; não é preciso que me demore em mostrar que isso não faz católicos, mas anti-romanos. O Bispo D. Antônio de Macedo Costa está desmascarado; todos no Pará reconhecem-lhe o farisaísmo, a vaidade, o orgulho, a dobléz, a avareza, a mentira com que se apregoa reformador do clero, quando quaisquer 50\$000 bastam para fazê-lo divinizar os devassos de pouco antes; e a sua moral tem equívocos ...

O conciliábulo do Vaticano foi apenas vergonhosa chancelaria das imposições jesuíticas. Esses bons bispos viram no evangelho o que a 19 séculos não viram tantos santos padres e papas! Quantos papas foram acusados de erros? Entretanto procurou-se defendê-los com explicações, mais ou menos felizes, dos seus atos e decisões, quando era facilimo as acusações com a infalibilidade. Era, mesmo, uma necessidade indeclinável (se em verdade ele o era) atacado por estas acusações e pelas formais reticências às decisões dos papas nas questões da Rebatização e da Celebração da Páscoa. Mas a Igreja nunca se resolveu a definir esse dogma apesar da necessidade, tantas vezes manifestada, dessa definição; e São Paulo chegou a repreender ao próprio Pedro, e dizer-lhe: "Errastes"! São Paulo não compreendia o evangelho; a Igreja Primitiva não o entendia! A Pio IX e aos seus bispos estava reservada a glória do "Eureka"! desnecessidade, inoportunidade, quebra da unidade católica. Que sou maçom não é preciso dizê-lo; ninguém o ignora, porque se não fazia alarde desta honra, não me escondia nem disfarçava para entrar na oficina. Iniciei-me, sem que para isso fizesse esforço nem pedisse. Amigos apresentaram-me, e eu acedi aos seus desejos; queria também, julgar por mim das verdadeiras acusações feitas a esta instituição, e do fundamento das excomunhões papais. Disposto a renunciar a Maçonaria, se ela atacasse as minhas crenças católicas, vi destruída esta disposição; e hoje que a Maçonaria não pode ter mistérios para mim, vejo que essas excomunhões nada valem

por falta de fundamento e base, e são mais prova da infalibilidade dos papas, e da justiça e razão com que eles, ou os seus exigem que um padre não seja maçom, porque contra o que lhe atestam os seus olhos e a sua inteligência, um papa lhe diz que não seja ou não continue a ser maçom. Ora, sendo sem base as excomunhões injustas, que embora separem do corpo da Igreja o excomungado, não o separam do espírito da Igreja nem ligam perante Deus. Pode, portanto, segundo a Teologia, estar no céu entre os bem-aventurados tal indivíduo, cujo corpo seja aí atirado aos cães, e cuja memória continue diariamente atassalhada pela gente da "Boa Nova". O que levo dito, é mais que suficiente para que o zelo dos fariseus de hoje me recuse a sepultura, que eles chamam eclesiástica, mas para a qual nada contribuíram. A Província completou a iniciativa particular, para os que aqui morressem, sem sepultura própria como os protestantes e os hebreus, tivessem um cemitério; exigia-o a civilização e a higiene! Era mais um meio de proselitismo. Todavia não quero lutar por isso. A sepultura de Jesus Cristo não era eclesiástica, não teve bênção, como não a tiveram as dos apóstolos e dos mártires e dos primeiros cristãos. E por outro lado, a luta eles a estimam embora se mostrem arrufados, porque lutar por uma coisa é dar-lhe apreço, é morrer de amores por ela. Os meus irmãos da "Harmonia", ainda na sessão de quinta-feira, 28 do passado novembro, me ouviram a este respeito: executem o que lhes pedi nessa noite. Façam-me o enterro com os meios que deixo à disposição da oficina, sem dispêndio da gente que foi minha família, com a maior simplicidade, mas não me deixem ir solitário. Batam à porta do cemitério protestante, a ver se querem receber morto o que vivo militou em arraiais contrários. Recorram depois aos hebreus. E se a intolerância os tiver também eivados... resta um lago qualquer, uma capoeira, o Guajará. Para justificar completamente o Sr. D. Antônio e livrá-lo de algum desmentido que possam dar-lhe meus escritos, quero que sejam

queimados três livros, para onde passei todos os artigos, que sobre matérias religiosas publiquei na "Trombeta do Santuário", no "Grão-Pará", "Comunicador" e Jornal do Amazonas, sobre o Holden. Fiquem somente, para não perturbar o sono em que dorme a consciência do Sr. Macedo Costa, os meus artigos heréticos em comunicados no "Jornal do Amazonas", e da colaboração do "Liberal do Pará". Quero ser enterrado com as vestes, que tomei, e com que me apresentei em público, somente depois que o Sr. D. Antônio entendeu que a sua "ex-informata" me inabilitava, até, para ser guarda do convento do Carmo, obrigando ao governo e ao núncio a exigirem do provincial a minha exoneração. Este capricho foi precedido de outro não menos pueril. Como não quis estar por um recado, e exigi por escrito a ordem que ele mandava-me para fazer consumir o Santíssimo Sacramento no Carmo, viu o Bispo um horrível "casus belli" um "Cati-lina às portas de Roma", e pôs em movimento o presidente De Lamare e o chefe de polícia Dr. Rodrigues! E apesar de ser assegurado, por estes, de nenhuma oposição da minha parte, fez-se acompanhar ao Carmo pelo delegado de polícia o Dr. Lobato! Há de morrer criança a mais brilhante tocha do episcopado brasileiro. Caiu-lhe nas garras a Igreja do Carmo, o Asilo... mas escapou-lhe o objeto principal dos seus anelos: as alfaias, as fazendas e os escravos. É provável que ao saber que estou morrendo, o Sr. D. Antônio me faça a visita fúnebre (única, que ele faz aos padres) ou mande algum dos seus a "converter-me", para glória não de Deus que não entra nos seus cálculos, mas do seu partido. Se então eu estiver senhor de mim e capaz de polemizar, deixem-me ..., no caso contrário, não o deixem a sós comigo: o homem sairá proclamando a minha mortal apatia por aquiescência às suas insinuações. Não tenho retratações a fazer, nem conversões, pois que nunca tive que renegar o Símbolo dos Apóstolos nem o de Nicéa.

Ass. Padre Euthychio P. da Rocha

Essa carta foi publicada no Boletim Oficial do Grande Oriente do Brasil em setembro de 1880. Possivelmente foi escrita em 1872 na época da Questão Religiosa, existindo controvérsias como por exemplo a do Jornal "O Liberal do Pará" que afirma ter sido escrita em 1876, segundo os estudos de José Castellani ela seria mesmo de 1872, e foi entregue pelo Padre Eutíquio ao seu amigo D. Vicente Ruiz.

CONCLUSÃO

Em concordância com os trabalhos de José Castellani, o Padre Eutíquio Pereira da Rocha, além de muito considerado entre os católicos do Pará, era um Maçom destacado e um semeador de Lojas; a Loja "Harmonia", de Belém, da qual foi um dos fundadores, é a Loja em que o Senador, General e Grão-Mestre do Grande Oriente do Brasil (1904-1916), Lauro Sodré, foi Iniciado a 1º de agosto de 1888.

No Estado do Amazonas O Ir.: Padre Eutíquio Pereira da Rocha recebeu as mais ilustres homenagens devido contribuir para a regularização de lojas, em destaque a Loja Amazonas, onde operou na qualidade de Delegado do Grande Oriente do Estado do Pará, ao qual estava vinculada, ou seja, quando o Amazonas ainda não detinha sua autonomia oriental.

BIBLIOGRAFIA

VALLE, R.- 1975 - Efeméride Maçônica. Imprensa Oficial. 147p.

LOUREIRO, A.J.S.(Org.) - 1998 - Dados para uma História do Grande Oriente do Estado do Amazonas. Edição comemorativa do 200 Aniversário de Reestabelecimento do Grande Oriente do Estado do Amazonas, federado ao GOB.90 p.

OCUPANTE Nº 01 - HAILTON L. S. DA IGREJA⁶⁵

Hailton Luiz Siqueira da Igreja ingressou na AAML em 19 de abril de 2002. Pelo Ato Administrativo Nº 01, de 07/06/2023, foi agraciado com o título de Acadêmico Emérito.

É o segundo dos dez filhos de Manoel Raimundo da Igreja Filho (Mocajubense, Contabilista) e Celina Viana Siqueira da Igreja (Camaetaense, Professora).

Nasceu no Hospital São Luiz em Belém do Pará às 11:00h de 08/06/1952, e as permanentes influências das férias escolares nos municípios do Rio Tocantins e o frequente contato com a natureza - incentivado por seus pais - direcionaram-no desde cedo para as ciências da terra.

Ao ler um livro de Geologia como castigo, na biblioteca, por consequência de uma Guerra de Jambo, no 2º ano ginásial do Colégio Estadual Magalhães Barata, convenceu-se definitivamente em se tornar geólogo – grau de bacharel alcançado em 1977 na Universidade Federal do Pará.

Suas viagens por todo o Estado do Pará alicerçaram seus estudos geológicos na Amazônia. Sua residência em frente ao colégio facilitou sua multidisciplinaridade ao interessar-se por música (Campeão de Canto Orfeônico), Futebol de Campo e Salão (Vice-Campeão Paraense), Tênis de Mesa (Campeão Paraense).

Já aos dezoito anos lecionava física e matemática em aulas particulares. Ao entrar na Universidade foi bolsista de Iniciação científica do Conselho Nacional de Pesquisa.

⁶⁵ Informações biográficas recolhidas do Memorial da AAML, de 2008.

Trabalhou na Petróleo Brasileiro S.A. de 1977 a 1983 e desenvolveu pesquisas petrolíferas nos estados do Pará, Amapá, Amazonas, Maranhão, Sergipe e Rio de Janeiro.

Em 1980 casou-se com Maria do Carmo Vianna Martins e tiveram duas filhas (Hérica e Manuela). Retornou para a Universidade onde realizou Especialização, Mestrado e Doutorado. Em sua dissertação de mestrado – 1985 - intitulada: “Estudo geológico da Sequência Camiranga, nordeste do Estado do Pará” efetuou estudos pioneiros em tectonossedimentação no nordeste do Estado do Pará e noroeste do Maranhão. No mesmo ano mudou-se para Manaus-AM e fez concurso público para a Universidade Federal do Amazonas onde passou a lecionar as disciplinas Geologia Estrutural e Geotectônica, e publicou mais de sessenta trabalhos científicos sobre estes ramos da Geologia. Em 1992 doutorou-se na Universidade Federal do Pará com a tese intitulada “Aspectos Tectono-Sedimentares do Fanerozóico do Nordeste do Estado do Pará e Noroeste do Maranhão, Brasil”, quando se destacou como um dos pioneiros na Neotectônica Amazônica. A partir de 2002 atingiu o grau de Professor Titular da UFAM com a tese intitulada “Aspectos do Modelo Neotectônico da Placa Sul-Americana na Província Estrutural Amazônica, Brasil”.

Iniciou sua vida maçônica em 28/08/1993 desenvolvendo seus trabalhos na Loja Fênix e Fraternidade Nº 53, em Belém do Pará. Em Manaus filiou-se na Loja Moacyr Alves Nº 2021, em 05/04/2001.

Todas suas atividades maçônicas têm sido direcionadas para estudos do Ecumenismo e Fraternidade. Ingressou nos graus superiores do SCRC Vale da Vitória Régia em 07/06/2001, onde atingiu o grau 30 em 14/06/2004.

Foi Grande Secretário de Educação e Cultura do Grande Oriente do Estado do Amazonas – GOEAM, na gestão do Eminentíssimo Irmão Antônio José Souto Loureiro, quando ajudou a reerguer a Academia Amazonense Maçônica de Letras onde ocupa a Cadeira Nº 16, do imortal Padre Eutíquio Pereira Rocha. Em 09/06/2006 foi aceito como sócio do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, na poltrona Nº12, do imortal Bernardo Ramos.

Atualmente é obreiro da ARGELS Oriente Unido Nº 1469.

CADEIRA Nº 17

PATRONO: FELISMINO F. SOARES⁶⁶

Felismino Francisco Soares
Fonte: Acervo GLOMAM,
gentileza do Acadêmico
Sidarta Pinheiro de Araújo
Gadelha.



Felismino Francisco Soares (1902-1978) nasceu em Urucurituba, Amazonas, no dia 23 de julho de 1902, filho de Domingos Francisco Rebelo Soares e Maria Leopoldina Rebelo Soares.

Foi professor no Liceu Francês, no Rio de Janeiro, e retornou a Manaus, passando a lecionar no Colégio Sólon de Lucena. Formado em Ciências Jurídicas e Sociais.

Eleito Deputado Estadual por duas vezes, fundador do Partido Trabalhista Nacional, foi Secretário de Estado da Educação e Cultura por duas vezes e aos cinquenta anos de

⁶⁶ Transcrição do registro às fls. 139 do Memorial da AAML, de 2008, face à inexistência de outras fontes de informações sobre o Patrono da Cadeira Nº 17

idade, foi nomeado Desembargador do Tribunal de Justiça do Estado do Amazonas.

Depois de aposentar-se, exerceu a Chefia de Polícia do Estado do Amazonas.

Na literatura amazonense deixou três livros de poesia, compôs algumas canções.

Faleceu em 30 de setembro de 1978.

OCUPANTE Nº 01 - AFRÂNIO DE A. SOARES⁶⁷

Registros nos anais da Academia informam que no dia 9 de outubro de 2002 o Dr. Afrânio de Amorim Soares já ocupava a Cadeira Nº 17 do Silogeu. Entretanto sua posse está registrada como ocorrida no dia 16 de junho de 2005.

O médico Afrânio de Amorim Soares nasceu em Manaus, Amazonas, no dia 1 de janeiro de 1937, filho de Felismino Francisco Soares e de Dídida Amorim Soares.

Formado em Medicina, professor titular da cadeira de Medicina Legal do Curso de Direito da Universidade Federal do Amazonas.

Especializado em pediatria, fez uma brilhante carreira no Estado do Amazonas.

Diretor da Maternidade Ana Nery, do Hospital Infantil Dr. Fajardo e do Hospital Adriano Jorge.

⁶⁷ As informações biográficas foram transcritas do registro às fls. 139/140 do Memorial da AAML, de 2008, face à inexistência de outras fontes de informações sobre o Patrono da Cadeira Nº 17.

Foi membro titular da Academia Amazonense de Medicina e da Academia Amazonense de Letras, Ciências e Artes do Amazonas.

Na literatura escreveu uma obra inspirada na sua atividade profissional, além de vários artigos em Jornais, Revistas e Periódicos, sempre abordando temas relevantes de sua área de atividade.

O Acadêmico Afrânio de Amorim Soares é falecido, embora não existam registro da ocorrência nos anais a Academia.

OCUPANTE Nº 02 - SIDARTA P. DE A. GADELHA

Sidarta P. de A. Gadelha
Fonte: Acervo AAML



Sidarta Pinheiro de Araújo Gadelha ingressou na AAML em 07/05/2022, data em que foi agraciado com o título de Acadêmico Efetivo Mantenedor.

É filho de Alcidarta dos Reis Gadelha e Maria Auxiliadora Pinheiro de Araújo.

Nasceu em 12/12/1981, em Manaus-AM, é casado com Tatiana Rita Buono Gadelha.

Sidarta é empresário, graduado em Engenharia Industrial Mecânica na UTAM – Instituto de Tecnologia da Amazônia. Especialista em Engenharia de Segurança do

Trabalho pela Universidade do Amazonas (UEA), com MBA em Gestão Estratégica, pela Universidade de São Paulo (USP), e MBA em Gestão Empresarial, pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). Possui mais de vinte anos de experiência de atuação no Polo Industrial de Manaus, ocupando os cargos de Engenheiro, Gerente, Diretor e Diretor-Presidente. É um dos fundadores do grupo Brew Manaós e Conex Life & Pro.

CURRICULO CIVIL

Nas áreas de Cidadania, Cultura e Educação, é criador de vários projetos, dentre eles, “Vestibular Social” e “Empreende Educando”, que já disponibilizaram mais de 14.550 vagas para o curso preparatório online, cujo objetivo é capacitar os alunos da rede pública do Estado do Amazonas para vestibulares da UEA, UFAM e ENEM. Atua em projetos de filantropia, realizando doações de utensílios básicos, materiais hospitalares e alimentos às pessoas em situação de vulnerabilidade social. Na cultura, apoia projetos de valorização aos saberes e tradições amazônicas, concertos, coral maçônico, exposições, concursos e prêmios para lojas e membros da maçonaria.

Em 2016, conquistou o primeiro lugar no concurso literário Pena de Ouro.

CURRÍCULO MAÇÔNICO

Em vinte e oito de novembro de 2015 foi iniciado na Loja Liberdade e Progresso, jurisdicionada à Grande Loja Maçônica do Amazonas - GLOMAM, onde prosseguiu sua caminhada maçônica. Elevado para o 2º Grau em 21 de maio de 2016, foi exaltado ao 3º Grau em outubro daquele mesmo ano. Foi Venerável Mestre da sua Loja no período de vinte de agosto de 2019 a vinte de agosto de 2020. Atualmente está filiado na Loja Amazonas, também jurisdicionada à GLOMAM. No Rito Escocês Antigo e Aceito está caminhando no grau de número 30. Administrativamente, em quatro de agosto de 2021 foi designado Grande Secretário de Educação e Cultura da Grande Loja Maçônica do Amazonas, cargo que exerce nos dias de hoje.

CADEIRA Nº 18

PATRONO: JUNOT CARLOS FREDERICO

O acadêmico Eylan Manoel da Silva Lins apresentou a pesquisa a seguir, sobre Junot Carlos Frederico, atendendo condição para seu ingresso na Academia Amazonense Maçônica de Letras.

Junot Carlos Frederico

Fonte: <https://www.bing.com/>



“O homem enquanto ser social é constituído por sua existência histórica um sujeito imerso nas relações de espaço e tempo. Contar sua história não é algo fácil. Contudo, o desafio é maior quando o personagem possui uma envergadura de vida grandiosa, a exemplo do comendador Junot Carlos Frederico, patrono da Cadeira Nº 18, da Academia Amazonense Maçônica de Letras – AAML, cuja biografia, entrelaçada nos diversos campos do pensamento social, nos inspira e abastece de motivação.

Nascido em Manaus, no dia 9 de julho de 1920, o filho prodigioso do casal João Carlos Frederico e Leopoldina de Almeida Frederico, já demonstrava em sua adolescência o gosto avultado pelo carnaval amazonense, bem como sua liderança nata, o que denota desde cedo a estima pela arte geral, e o poder de comando que tanto marcou sua trajetória na vida. A exemplo disso, quem nos dá conta é o poeta Áureo Nonato, em sua crônica “Infância em Manaus” onde relata que o jovem Junot, em companhia de Mário Afonso, Zuleide e outros rapazes e moças do bairro São Raimundo, haviam organizado em 1937, um bloco carnavalesco alcunhado de “Os Magnatas do Amor” que empreendeu estrondoso sucesso¹.

Mais adiante, arraigado à sua visão de mundo abrangente, e à sólida cultura que portava, iniciou, a passos largos, enveredar aos caminhos da literatura. Logo se fez historiador, numismata, filatelista e um entusiasta da medalhística, universos que marcariam profundamente sua trajetória de vida.

De seu vasto e meritório currículo extrai-se outras notas douradas, das quais,

Ter sido Cavaleiro da Ordem dos Cavaleiros da Concórdia, Espanha, e Comendador da Ordem de São Jorge da Itália, Sócio Benemérito de Presidente do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, do qual foi Secretário-Geral, por mais de 15 anos, Portador de dezenas de medalhas e condecorações, como as do Mérito Tamandaré, a Cruz do Mérito, da Cruz Vermelha, Plácido de Castro, do Ministério de Educação, Marechal Cândido Rondon e Brigadeiro José Couto de Magalhães, pela Sociedade Geográfica Brasileira. Foi membro da Sociedade Brasileira de Numismática, Diretor da Liga Amazonense Contra a Tuberculose e Conselheiro do SESC e do SENAC, diretor da Confederação dos

Trabalhadores no comércio, membro atuante do movimento sindical dos comerciários, e intérprete da língua inglesa.

Além de intelectual festejado, Junot Carlos Frederico se tornou militante expoente das causas sociais, comerciário, e político de expressão. Vejamos aqui algumas de suas muitas facetas.

O LÍDER COMERCÁRIO

Durante dezessete anos trabalhou na firma J. G. Araújo & Cia. Ltda., vindo daí sua inspiração na defesa intransigente dos empregados do comércio manauara. Com essa bandeira, buscando fortalecer a classe, se elegeu Presidente do Sindicato dos Empregados no Comércio de Manaus, onde ficou por 13 anos consecutivos.

Em reconhecimento ao seu trabalho perante a presidência dessa Corporação, o Jornal do Comércio, ao destacar sua estadia no Rio de Janeiro “a fim de tratar de importantes assuntos da laboriosa classe comerciária amazonense”, publicou a seguinte nota:

Podem, portanto, os comerciários amazonenses se ufanarem de possuir a testa de sua entidade sindical, um presidente da envergadura de Junot Carlos Frederico, que ao que podemos testemunhar, tem sido um baluarte na defesa de seus interesses, empenhando-se dedicadamente para conseguir para a sua classe, o máximo. Não constitui essa nossa afirmativa um exagero e sim a expressão legítima da verdade².

Quando o CDLM (Clube de Diretores Lojistas de Manaus) foi fundado no dia 11 de outubro de 1963, tendo como seu primeiro Presidente o empresário Belmiro Vianês, Junot assumiu como Secretário executivo. Foi inclusive ele, em

1964, enquanto deputado estadual, que implantou o Sistema de Proteção ao Crédito – SPC em Manaus, a pedido da recém-criada Câmara de Dirigentes Lojistas – CDLM³.

O POLÍTICO DE AÇÃO

No cenário político amazonense, entre as décadas de 1950 e 1990, atuou em funções de destaques. Foi vereador à Câmara Municipal de Manaus pelo Partido Social Trabalhista (PST), fazendo parte da 3ª Legislatura, no mandato de 1956-1958. Entre seus pares os vereadores Edgar Macedo, Ismael Benigno, Jorge Isper Abraham, José Alves Marques, José Justiniano Braule Pinto, Leandro Antony, Rafael Faraco, Renato de Souza Pinto, Rodolpho Valle e Walter Rayol. Posteriormente foi eleito deputado estadual pelo mesmo partido para o período de 1959-1962, exercendo por três anos a Primeira Secretaria.

No exercício do dever, além dos inúmeros projetos de relevância social aprovados, de sua capacidade de articulação política, e o do bom relacionamento que desfrutava com seus pares, duas outras virtudes lhe são acentuadas: o compromisso e a assiduidade em Plenário, comumente destacado pelo deputado, poeta e escritor Homero de Miranda Leão, conforme quórum das sessões parlamentares publicados semanalmente, à época, nos noticiosos de Manaus.

O médico-historiador Antonio José souto Loureiro, confrade e biógrafo, em artigo que compõe o Memorial publicado pela Academia Amazonense Maçônica de Letras – AML, acentua outras características do polivalente comendador:

... Foi uma personalidade muito interessante guardando uma certa fleugma britânica, no seu jeito de vestir e de se comportar. Muito culto, sabia manter uma boa conversa sobre os mais diferentes assuntos históricos, geográfico, e de outras ciências afins. Desenvolveu belas coleções de selos e moedas, depois vendidas,

e uma grande coleção de medalhas, digna de ser incluída ao acervo estadual.

O DESPORTISTA

Amante do esporte logrou exercer a presidência do Sul América Esporte Clube. Nessa esteira, quando esteve à frente do Sindicato dos Empregados no Comércio de Manaus, estimulou diversas ações desportistas, bem como patrocinou eventos futebolísticos entre as empresas do comércio que dispunham sempre de uma rainha que lhes representava. Nesses acontecimentos, geralmente ofertava material esportivo e as taças que eram entregues ao final do campeonato.

O INTELLECTUAL E MAÇOM BENEMÉRITO

Há muito reconhecido como intelectual de primeira grandeza, Junot acabou por assumir, em 25 de março de 1966, a cadeira de Bernardo Ramos no Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas – IGHA. Lá, foi secretário-geral e, posteriormente presidente no período de 1990 a 1995. Dois anos depois assumiu a presidência do Museu de Numismática Bernardo Ramos, tendo permanecido no cargo de 1997 a 2002.

Amigos revelaram que foi neste Silogeu que se sagrou, em definitivo, “Cavaleiro de uma Cruzada Cultural”. A propósito, ele costumava dizer que no IGHA se sentia em casa. Não somente pelo carinho recíproco dos confrades, ou pelo zelo que tinha pela cultura, ao ambiente das artes e da história. Mas por aquele lugar se assemelhar à sua outra casa, “aquela casa direita, que é tão justa e perfeita, onde eu me sinto tão bem...” como canta Luiz Gonzaga. Não é difícil entendermos o porquê disso. Em matéria publicada no Jornal do Comércio, o acadêmico Robério Braga bem explicou: “O IGHA foi fundado por um esforço de professores e de maçons. Se observarmos, toda a simbologia do Instituto é maçônica”⁵.

Quando o Clube da madrugada de Brasília esteve em Manaus para comemorar os seus 30 anos de criação, no ano de 1990, o Comendador recebeu no Teatro Amazonas, a sagração de “Cavaleiro de Todas as Madrugadas do Mundo”, juntamente com mais 12 outros intelectuais amazonenses, entre eles Thiago de Mello, Anísio Melo, Sérgio Cardoso, Luiz Maximino de Miranda Corrêa e Arlindo Porto⁶.

Aliás, há de se destacar que Junot Carlos Frederico, que dá nome ao Museu do Grande Oriente do Estado do Amazonas – GOEAM, federado ao Grande Oriente do Brasil – GOB, foi Maçom de destaque, um irmão valoroso. Iniciou nos augustos mistérios da Maçonaria no dia 30 de novembro de 1944, na Loja Conciliação Amazonense N° 3, jurisdicionada à Grande Loja Maçônica do Amazonas – GLOMAM. Lá foi elevado a Companheiro em 16 de janeiro de 1945, e exaltado a Mestre em 10 de março do mesmo ano. Além das muitas virtudes, dos trabalhos profícuos e das lembranças avultadas dos Irmãos que com ele conviveram, sabe-se que, de sua Ofícia, recebeu o Título de Benemérito, e persistência aos estudos o levou a ser Inspetor da Ordem (Grau 33°).⁷

A IMORTALIDADE

Quando faleceu a 20 de janeiro de 2002, ocupava o cargo de Diretor do Museu Tiradentes da Polícia Militar. No informativo do IGHA, edição de fevereiro, seu confrade Ruy Alberto Costa Lins, registrou “com vivo sentimento” a morte do ex-presidente, comendador Junot Carlos Frederico:

É com imensa dor que registramos o falecimento do comendador Junot Carlos Frederico. Durante 15 anos foi Secretário-Geral e, posteriormente, de 1990 a 1995, Presidente do IGHA. Tomou posse a 25 de março de 1966, portanto, há 36 anos ocupava a Poltrona nº 12, cujo patrono é Bernardo Ramos. Tão rude e profundo golpe para os seus familiares, numerosos amigos, associados do IGHA ocorreu a 20 de janeiro de 2002, um

domingo sem sol e sem chuva, mormacento e triste, assinalando assim, a definitiva viagem do nosso distinto confrade. No informativo nº 2 de outubro de 2001, está registrada a homenagem que o IGHA prestou ao ilustre e dileto Presidente. Agora, passada a tristeza, fica a lembrança. Foi um gigante na casa de Bernardo Ramos. Não existem palavras que traduzem a sua dedicação, brilho e competência o trato de todos os assuntos que estivessem relacionados com o IGHA. Sempre honrou, com dignidade e trabalho, com sacrifício e pendor, as responsabilidades e posições que assumiu na instituição. A nossa lembrança de Junot Carlos Frederico será eterna. ⁸

Em 12 de fevereiro de 2020, data em que o biografado completaria 100 anos de idade, no anseio de homenagear o “ilustre e importante personalidade” política e emblemática da sociedade manauara, bem como sua família”, o vereador Amauri Colares, propôs, em Projeto de Lei, renomear para Rua comendador JUNOT CARLOS FREDERICO uma das vias do conjunto 31 de Março II, bairro que viveu e defendeu por muitos anos.⁹

Embora tenha atravessado o grande rio da vida, há de lembrarmos sempre do seu grande legado, de provermos o sentimento de sua presença entre nós, até porque, como diz Cora Coralina, “não morre aquele que deixou na terra a melodia de seu cântico na música de seus versos”. Junot jamais perecerá no cemitério do esquecimento, tampouco sua história diluída ao tempo. Eis, nossa homenagem à sua memória, e à sua imortalidade.”

REFERÊNCIAS

1. *Jornal do Comercio, edição de 24/06/1981.*
2. *Jornal do Comércio, edição de 13/07/1954.*

3. Sítio do CDLM, disponível em <http://www.cdlmanaus.org.br/noticias-cdl-manauas-celebra-57-anos-de-representatividade-da-calsse-logistta.php>. Acessado 02/02/2022.
4. Academia Amazonense Maçônica de Letras – Memorial: Imprensa Oficial do Estado do Amazonas, 2008, Pg. 142 e 143.
5. Jornal do Comércio, edição de 09/10/2001.
6. Jornal do Comércio, Edição de 14/07/1990.
7. Informações extraídas de sua Ficha de Cadastro arquivada na GLOMAM, sob CIM 2098.
8. Blog do Coronel Roberto.
9. <http://catadordepapeis.blogspot.com/2012/02/informaativo-do-igha.html>. Acessado em 02/0/2022.
10. Câmara Municipal de Manaus, disponível em https://www.cmm.am.gov.br/wp-content/uploads/2020/02/PL_024_2020_Ver_Amauri-CpcaresCOMENDADORJU-NOT.pdf. Acessado em 01/02/2022.

OCUPANTE Nº 01 - FUED CAVALCANTE SÊMEN⁶⁸

(11/04/1939-07/07/2016)

Fued Cavalcante Sêmen, filho de Farid Sêmen Filho e de Francisca Nazaré Cavalcante Sêmen, nasceu a 11 de abril de 1939, em Itacoatiara, Amazonas. Fez o primário no Grupo Escolar Barão do Rio Branco, da sua cidade natal, o secundário, no Colégio Dom Bosco, e o superior, na Faculdade de Direito da Universidade do Amazonas. Fez cursos especializados em Direito do Trabalho.

Entre as atividades por ele exercidas destacaram-se as de Assistente Legislativo da Câmara Municipal de Manaus, Professor de

⁶⁸ Compilado do MEMORIAL, da Academia Amazonense Maçônica de Letras, Edição 2008. Diário Oficial do Estado do Amazonas, p. 142-143.

Contabilidade Bancária do Colégio Brasileiro e de Prática Jurídicas do Colégio Sólon de Lucena, Conselheiro da OAB do Amazonas, Advogado do Banco do Brasil, Advogado de diversas empresas públicas e privadas.

Na Maçonaria, pertence à Loja Esperança e Porvir, da Grande Loja do Amazonas, onde se iniciou, a 30 de abril de 1986, sendo elevado a Companheiro e Exaltado a Mestre.

Falecido em 07/07/2016⁶⁹.

OCUPANTE Nº 02 – A. F. GUNSCH GRUBER

(30/08/1958-11/12/2019)

**Ademar Fernando
Gunsch Gruber**
Fonte: Acervo AAML



Chico Gruber, como era conhecido em Maués, Estado do Amazonas, foi membro efetivo da Academia Amazonense Maçônica de Letras por muito pouco tempo. Empossado no dia quatorze de setembro de 2019, veio a falecer no dia onze de dezembro daquele mesmo ano. Os exatos três meses de sua permanência na Confraria foram insuficientes para sequer iniciar um projeto de fortalecimento e consolidação da Academia, um sonho sonhado por muitos acadêmicos.

⁶⁹ Informação disponível <https://www.tre-am.jus.br/comunicacao/noticias/2016/Julho/nota-de- pesar>.

CURRÍCULO CIVIL⁷⁰

Ademar Fernando Gunsch Gruber estudou Administração na instituição de ensino Instituto de Ensino Superior do Alto Uruguai – IESAU, na cidade de Frederico Westphalen - Rio Grande do Sul. Nasceu em 30/08/1958, na cidade de Palmitos (Maravilha-SC), filho de Guilherme Gruber e Anna Luiza Gruber. Contraiu dois matrimônios dos quais teve quatro filhos: Sharon Camily, Ademar II (In memoriam), Gleicyanna e Guilherme II. Chegou ao Amazonas em outubro de 1981, vindo do estado de origem, Santa Catarina.

O filho Ademar, conhecido como Ademarzinho, faleceu em 2005, vítima de acidente com motocicleta, em Maués. Naquela ocasião, aprovado em concurso da SEMSA, aguardava ser chamado para assumir vaga. Em 2006, em memória ao seu filho Ademar, escreveu o livro “O Garoto Que Não Quis Envelhecer”.

Exerceu a vereança de 1988 até 1996. Foi secretário de obras da Prefeitura de Maués de 1994 a 1996, onde comandou o asfaltamento de toda a área urbana da cidade, pista do aeroporto, construção das primeiras escolas rurais de alvenaria, da Escola Jandira McComb, da construção do Complexo Agrícola da Secretaria de Produção, dentre outros. Também foi eleito Presidente da Câmara de Vereadores para o biênio 1991/1992.

Em 1996, foi impugnado 30 dias antes das eleições, não mais candidatando-se a cargo eletivo. Fez parte da comissão de transição, apresentando todos os relatórios e levantamentos exigidos por lei.

Entre 1996 e 2000 foi presidente da escola de samba “Em Cima da Hora”, do bairro da Maresia, em Maués; também acumulava a presidência do “União Esporte Clube”, na época, o de maior torcida da cidade; ex-diretor da Unidade Prisional de Maués, onde, com apoio

⁷⁰ REFERÊNCIAS:

Disponível em: <https://xico-gruber-escreve.webnode.page/sobre-nos/>. Acesso em 01.03.2024;

Disponível em: <https://xico-gruber-escreve.webnode.page/livros-leia-/>. Acesso em 01.03.2024;

Disponível em: <https://www.facebook.com/ademar.gruber/>. Acesso em 01.03.2024.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vPu-A1xREsk>. Acesso em 05.03.2024.

de parceiros, desenvolveu um brilhante trabalho educativo de ressocialização.

Primeiro empresário a implantar o projeto da SAFRITA MAUÉS S/A, integrado por uma Madeireira e plantio de guaraná. Foi presidente da Associação Comercial e Industrial de Maués.

Em 2006 assumiu a Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, onde, além das obras físicas da construção do Prédio da Secretaria e Biblioteca Almir Gomes de Almeida, foi o responsável pela captação de recursos para a Construção do MUSEU DO HOMEM DE MAUÉS, e outras atividades culturais, que destacaram o município de Maués no cenário cultural de nosso estado, entre os quais são destacados a participação na Conferência Nacional de Cultura; a criação do FLIFLORESTA MAUÉS; Projeto Biblioteca, e muitas outras ações de incentivo ao surgimento de novos talentos culturais, e reconhecimento dos já existentes.

Ademar Fernando Gunsch Gruber foi escritor com várias publicações sobre o município de Maués, onde era popular e carinhosamente conhecido como Xico Gruber. Coordenou a pesquisa e fez a redação do livro: “A História de Maués – Da Fundação aos nossos dias”.

CURRÍCULO MAÇÔNICO

Foi venerável da Loja Maçônica Hamilton Mourão nº 29.

OBRAS DE SUA AUTORIA – LIVROS PUBLICADOS:

- GUERRA DA CABANAGEM - HERÓIS ESQUECIDOS- Romance histórico (2007) - Uma história de ficção baseada nos fatos e acontecimentos da Guerra da Cabanagem e em histórias dos índios Sateré-Maués da reserva indígena do Rio Marau, Município de Maués, Estado do Amazonas.
- O GAROTO QUE NÃO QUIS ENVELHECER (2010); Uma crônica da cidade, num espaço de vinte anos, que foi a vida de Ademar Fernando Gunsch Gruber II. Do nascimento ao

acidente fatal, um comovente relato do pai e testemunha dos fatos e da história.

- **TRIBUTO A UM CONTADOR DE HISTÓRIAS: UM TAL DE WILLY GRUBER (2011)** – Que retrata "causos" e histórias pitorescas de Willy (Guilherme) Gruber.
- **A FARSA DO HOMEM DA MORTE (2018)** - Romance que relata a passagem de Mengele na Amazônia. A fuga do médico responsável por grande parte das atrocidades cometidas no campo de concentração de Auschwitz. Mengele, um dos nazistas mais procurados pelos Países Aliados, conseguiu forjar novas identidades para chegar à América do Sul e se estabelecer – por certa ironia trágica – no miscigenado Brasil. A sua vida, então, tornou-se uma série de fraudes, novos nomes e mudanças para que se evitasse a sua identificação e, por consequência, a sua punição. Xico Gruber, em a Farsa, trabalha com uma face poucas vezes pensada de Josef Mengele: a do cientista que, embora cruel, destacava-se como pesquisador em uma época em que a ciência era determinista e eugênica.

Há registrado na página do Acadêmico, *Xico Gruber escreve...*, que estava redigindo o Romance "LUIZA", porém não foi localizado em nenhum site a publicação do referido livro.

**POSTAGEM DO ACADÊMICO
NO FACEBOOK,
EM 7 DE DEZEMBRO DE 2019.**

“Novos Desafios num ano novo. 2020 vem aí...”

MISSÃO CUMPRIDA! CINCO ANOS DE MUITO TRABALHO E DEDICAÇÃO.

Com um certo alívio e uma pontinha de tristeza, mas certo de ter feito o que foi possível, estou deixando a Direção da Unidade Prisional de Maués. É um ciclo que se encerra.

Nomeado em agosto de 2014, passei pelos secretários Lousimar Bonates, Dr. Florêncio, Coronel Cleitman e, finalmente, Coronel Vinicius. Também quatro governadores, José Melo, David Almeida, Amazonino Mendes e agora Wilson Lima.

Trabalhamos em linha direta com os juízes Dr. Jorse-nildo, Dr. Jean, Dr. Rafael Cró, Dra. Joseilda, e finalmente com Dr. Lucas e Dr. Paulo Benevides, além dos Promotores Dra. Yara, Dr. Lobão e Dr. Timóteo, além de outros que ocasionalmente responderam por Maués.

Dois Prefeitos e uma Menção Honrosa da Câmara de Vereadores pelo trabalho que desenvolvemos.

Neste período, entre altos e baixos, acertos e erros, aos trancos e barrancos, conseguimos transformar a Unidade Prisional de Maués em referência de ressocialização, com os melhores índices do estado e do Norte nesta área.

Criamos uma biblioteca, que hoje tem mais de seis mil livros, e tivemos 28 detentos que tiveram pena reduzida pela leitura.

Implantamos uma escola dentro do presídio, e logo no primeiro ano foram alfabetizados mais de trinta detentos, sendo que hoje não tem nenhum analfabeto na prisão. Depois instituímos o EJA de 5ª e 6ª série, depois de 7ª e 8ª série. E no ENEM de 2014 e 2015, as melhores notas das pessoas privada de liberdade foram de Maués. Em 2016, detento passou no SISU. Em 2019 outro detento passou no vestibular da UEA, e deverá frequentar a faculdade em 2020.

Além disso, criamos vários programas de remição buscando a ressocialização de todos.

Hoje, diferente das outras, 75% dos presos participam de programas de remição de pena, autorizadas pela justiça.

É claro que neste período tivemos agravo, tentativa, fugas e outros problemas, afinal é no Presídio que estão as pessoas que cometem crimes, erros e por isso são penalizadas.

Contávamos desde minha assunção com um novo presídio e melhores condições de trabalho, isto, porém não aconteceu, e ultimamente, com problemas estruturais e de segurança, vivenciamos uma situação difícil, que fugindo da nossa alçada, nada pode ser feito.

Com o pequeno efetivo da Polícia Militar e sem acréscimo de pessoal da SEAP, as condições são temerárias e, portanto, do alto da minha experiência, do que fiz até agora, vou me dedicar à literatura, e à cultura de um modo geral. Vou viver uma nova vida. Aceitar novos desafios. Auxiliar minha cidade, participar mais ativamente da Academia Amazonense Maçônica de Letras.

São oito livros, uma reedição, que vamos lançar no início do ano que vem, um novo livro para abril, e dois projetos em andamento. Temos muito a fazer.

Obrigado a todos, inclusive familiares e presos por terem nos ajudado neste período. Ao Secretário Coronel Vinicius, por entender esta decisão. Um forte Abraço a todos.

OCUPANTE Nº 03 - EYLAN M. DA SILVA LINS⁷¹

Eylan Manoel da Silva Lins
Fonte: Acervo AAML



Eylan Manoel da Silva Lins, é professor, historiador, escritor e poeta. Nascido em Manaus (AM) a 2 de outubro de 1970, é filho de Manoel Ferreira Lins (em memória) e Maria das Graças Silva Lins. Ativista da arte literária, participa de vários movimentos, associações, clubes e outros Silogeu culturais. Tem publicado sete livros. Iniciou na Sublime MAÇONARIA no dia 20 de março de 2015, tendo sido elevado em 11 de dezembro do mesmo ano, e exaltado Mestre em 14 de fevereiro de 2016. Nesse pe-

ríodo ocupou diversos cargos em Loja, dentre eles, o de Mestre de Cerimônias, e Orador. Na Assembleia Legislativa Maçônica da GLO-MAM, durante os anos de 2016 a 2018, ocupou o cargo de Grande Hospitaleiro. Em 14 de abril de 2018, data em que se celebra o aniversário de sua Oficina, foi inaugurada a Biblioteca Maçônica Ir.: Eylan Manoel Silva Lins, homenagem da Loja e de todos os seus obreiros pelos relevantes trabalhos em prol da promoção da literatura, da história e da memória maçônica.

Eylan foi diplomado Acadêmico da Academia Amazonense Maçônica de Letras no dia 7 de maio do ano de 2022.

⁷¹ Autobiografia do Acadêmico.

CADEIRA Nº 19

PATRONO: F. PEREIRA DA SILVA

Reminiscências de Francisco Pereira da Silva, Fatos Históricos e o Novo Modelo Econômico no Amazonas⁷²

1. Introdução

Devemos levar sempre em consideração que a ponte indispensável que norteia o homo sapiens e a sociedade, para que eles possam atravessar o deserto da ignorância que conduz e macula a consciência, é o Conhecimento. Esse Conhecimento torna-se a chave para abrir as portas da luminosidade e do esclarecimento que irão nos conduzir ao desenvolvimento científico e tecnológico, artístico e social, e que fazem

Fonte: Acadêmico SÉRGIO
ROBERTO BULCÃO BRINGEL



⁷²Trabalho apresentado a Academia Amazonense Maçônica de Letras - AAML, pelo Acadêmico Sérgio Roberto Bulcão Bringel para atender o disposto no Ato Administrativo Nº 004/2023, visando o preenchimento da vaga na Cadeira 19 do Silogeu, cujo Patrono é *Francisco Pereira da Silva*, vinculado ao GOB.

Na qualidade de Secretário da Prefeitura, promoveu a reorganização do Centro Operário de Cruzeiro do Sul, a União dos Pequenos Lavradores e Seringueiros e da Sociedade Protetora dos Homens do Povo. Essas entidades estavam ligadas ao Centro Operário. Porém novos desafios são apresentados a Francisco Pereira da Silva ao assumir em 1920 a prefeitura de Tarauacá-AC.⁷⁴

No ano de 1921, o Governador do Território do Acre, Epaminondas Jácome, assina Ato nomeando Francisco Pereira da Silva como Oficial da Secretaria do Governo e Ofício do Gabinete do Governador do Acre, fixando, assim, sua residência na capital do estado, Rio Branco⁷⁵.

No Estado do Amazonas, Francisco Pereira da Silva tem sua presença marcante principalmente no Desenvolvimento Econômico do Estado, culminando com a implantação do Zona Franca de Manaus-AM, no entardecer da década de 60 e amanhecer da década de 70 do século passado, contribuindo para o desenvolvimento Industrial e Econômico do Estado do Amazonas.

Pela sua luta em querer realizar o sonho do jornalista e político Aureliano Tavares Bastos, para a criação de um Porto Livre na cidade de Manaus, Francisco Pereira da Silva ficou carinhosamente conhecido no mundo político amazonense como "*Pereirinha*". Tal fato, contribuiu para que apresentasse um de seus projetos mais profícuo para a Região Norte. E isto ocorreu em 1951, quando, no exercício da função de Deputado Federal, representando o Estado do Amazonas, apresentou na Câmara dos Deputados o Projeto de Lei nº 1.310, que iria mudar o modelo Econômico do Estado do Amazonas e propiciar um novo desenvolvimento para a cidade de Manaus-AM, e toda a Amazônia.

Era a realização de um sonho por um Porto Livre na cidade de Manaus-Am. Por essa iniciativa, Francisco Pereira da Silva, ficou conhecido como o pai da Zona Franca de Manaus e para

⁷⁴ Ob. Cit.

⁷⁵ Ob. Cit.

compreendermos as atividades políticas e de suas realizações, torna-se necessário, também, conhecermos os fatos históricos que envolveram o Estado do Amazonas e a cidade de Manaus-Am.

Em Manaus, os problemas decorrentes da urbanização acelerada se tornam patentes, especialmente a partir da criação da Zona Franca de Manaus-ZFM, através do Decreto-Lei nº 288, de 28/02/1967. Foi um momento importante para o processo de desenvolvimento do Estado do Amazonas, que passou a atrair grandes números de pessoas oriundas de outros estados. Esse aumento da população em Manaus trouxe consequências para o agravamento da questão urbana, da saúde pública e da exclusão social⁷⁶.

1.1. Uma Retrospectiva da História do Amazonas

1.1.1 Lugar da Barra do Rio Negro

Lugar da Barra do Rio Negro – sua fundação está inteiramente ligada à construção e instalação do Forte de São José da Barra do Rio Negro⁷⁷. Os estudiosos não são homogêneos nem quanto à data de início da construção, nem quanto ao construtor desta fortificação, ligada à fundação da atual Manaus.

Com a construção do forte, houve o desenvolvimento de um povoado que, primeiramente, foi denominado Lugar da Barra⁷⁸. Após o ano de 1694 houve a instalação da administração dos carmelitas na região do rio Negro⁷⁹. Entre os anos de 1786 e 1799 ocorreu a transferência da sede da Capitania de São José do Rio

⁷⁶ **História da cidade e do urbano em Manaus** - Wix.com – <https://acidadeeurbano.wixsite.com/blog/single-post/2016/09/26/hist%C3%B3ria-da-cidade-e-do-urbano-em-manaus>. Acessado em 26 de julho de 2023.

⁷⁷ **MIRANDA**, Bertino de; Associação Comercial do Amazonas. A cidade de Manaus: sua história e seus motins políticos Manaus: Associação Comercial do Amazonas, 1984. 97 p. (Coleção Hiléia Amazônica)

⁷⁸ **Ob. Cit.**

⁷⁹ **LOUREIRO**, Antônio José. Síntese da história do Amazonas. Manaus: Imprensa Oficial, 1978.

Negro de Barcelos para Lugar da Barra, devido a ameaças de invasões espanholas pelo rio Negro⁸⁰.

1.1.2 A Capitania de São José do Rio Negro

No período de 1500 a 1815, a coroa portuguesa, para uma melhor administração de sua Colônia na América do Sul, dividiu o Brasil em Capitânias, e a região norte ficou pertencente a Capitania do Grão-Pará, que envolvia os estados do Amazonas e Roraima⁸¹.

Devido às influências políticas de Francisco Xavier de Mendonça Furtado, é criada, pelo desmembramento da Capitania do Grão Pará em 1755, a Capitania de São José do Rio Negro, com sede na Vila de Mariuá, hoje Barcelos.

A Carta Régia que cria a Capitania de São José do Rio Negro, com sede em Mariuá (atual Barcelos), foi assinada em 3 de março de 1755. O Governador Lobo D'Almada, temendo invasões espanholas, retorna a sede para o Lugar da Barra em 1791, por se localizar na confluência dos rios Negro e Solimões, que era um ponto estratégico⁸². No entanto, D. Francisco de Souza Coutinho, capitão-geral do Grão Pará, iniciou campanha contra a mudança e, em maio de 1799, a sede voltou a Barcelos. Em outubro de 1808, o Lugar da Barra voltaria a ser sede da Capitania de São José do Rio Negro⁸³, o governador Capitão de Mar-e-Guerra José Joaquim Victório da Costa

⁸⁰ REZENDE, T. V. F. A conquista e ocupação da Amazônia brasileira no período colonial: a definição das fronteiras. 2006. Tese de Doutorado em História Econômica da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2006. p. 258.

⁸¹ GALVÃO Ramalho, João Pedro. *Capitania de São José do Rio Negro - Atlas Digital da América Lusa*. Atlas Digital da América Lusa. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Capitania_de_S%C3%A3o_Jos%C3%A9_do_Rio_Negro. Consultado em 22 de julho de 2023.

⁸² JOBIM, Anízio (1957). O Amazonas sua História – ensaio antropogeográfico e político. Obra executada na oficina da São Paulo Editora S/A. São Paulo- Brasil. In: Biblioteca Pedagógica Brasileira Brasileira Série 5ª Vol. 292 <https://bdor.sibi.ufrj.br/bitstream/doc/64/1/292%20PDF%20-%20OCR%20-%20RED.pdf> consultado em 18 de julho de 2023.

⁸³ FRANCISCO DE ORELLANA, https://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_de_Orellana https://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_de_Orellana#Biografia, consultado em 18 de julho de

deixou Barcelos e transferiu a administração definitivamente ao Lugar da Barra, a partir de 29 de março (de 1808)⁸⁴.

Em 28 de fevereiro de 1821 as capitanias tornam-se províncias, e, no contexto da Independência do Brasil (1822), os moradores da vila proclamaram-se independentes, estabelecendo mesmo um governo provisório. A região acabou incorporada ao Império do Brasil, na província do Grão-Pará, como Comarca do Alto Amazonas (1824).

Ganhou autonomia na condição de Província do Amazonas, pela Lei n° 582, de 5 de setembro de 1850. Manaus, tornada vila desde 1832 e elevada à condição de cidade com o nome de Barra do Rio Negro por lei provincial de 24 de outubro de 1848, foi então alçada à categoria de capital, em 5 de janeiro de 1851, tendo recuperado seu primitivo nome de Manaus por lei provincial de 4 de setembro de 1856. Com a Proclamação da República Brasileira (1889), a então Província do Amazonas passaria a ser denominada de Estado do Amazonas.

1.1.3 - Antecedentes Históricos da Cidade de Manaus

A História nos relata, que a região de Manaus, antes da chegada dos colonizadores, era habitada pelos povos nativos, com destaque aos manaós e aos barés. Em 3 de junho de 1542, a expedição do espanhol Francisco de Orellana tem sua visão direcionada para o encontro de dois grandes rios, o que estava navegando, tinha águas barrentas, e o outro, que corria paralelo, apresentava águas de coloração escura, sem que ocorresse a mistura dessas duas águas, e nominou de rio Negro⁸⁵.

A construção da fortaleza foi iniciada por Mota Falcão e finalizada pelo seu filho, Manoel da Mota Siqueira. Possuía um formato quadrangular e foi construída em pedra e barro, sem conter o

⁸⁴ JOBIM, Anízio (1957). Ob. Cit.

⁸⁵ FRANCISCO DE ORELLANA, https://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_de_Orellana - Consultado em 18 de julho de 2023.

tradicional fosso de proteção, era voltado diretamente para rio Negro⁸⁶. Devido a proteção do Forte, ocorre uma aumento populacional. Para ajudar no desenvolvimento do novo centro, em 1695 a organização, a orientação espiritual e catequese é entregue aos missionários.

Surgiu, então, o Forte de São José da Barra do Rio Negro, erguido na margem esquerda, que recebeu esse nome em invocação a Jesus, José e Maria - uma capela próxima ao forte erguida por carmelitas, jesuítas e franciscanos, sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição, padroeira⁸⁷.

A cidade de Manaus tem sua origem na construção de uma fortificação portuguesa ocorrida, possivelmente, em 1669. Data que foi convencionada a usar como a fundação de Manaus⁸⁸. Alguns autores, como Mário Ypiranga Monteiro, afirmam que naquele ano o capitão Francisco da Mota Falcão foi enviado pela Coroa de Portugal ao rio Negro para erguer uma fortaleza, a fim de resguardar a entrada da Amazônia Ocidental das invasões estrangeiras, sobretudo de holandeses e espanhóis⁸⁹.

Fundada em 1669 a partir da Fortaleza do Rio Negro, Manaus ficou conhecida durante o ciclo da borracha como a **Paris dos Trópicos**, devido ao luxo de sua arquitetura europeia, atraindo investimentos estrangeiros e imigrantes de todas as partes do mundo. Em função disso, Manaus tornou-se mundialmente conhecida e exerce

⁸⁶ **PREFEITURA DE MANAUS. HISTÓRIA DE MANAUS.**

<https://www.manaus.am.gov.br/turismo/historia/#:~:text=O%20n%C3%BAcleo%20urbano%2C%20localizado%20%C3%A0,como%20o%20nascimento%20da%20cidade>. consultado em 23 de julho de 2023.

⁸⁷ **PREFEITURA DE MANAUS. HISTÓRIA DE MANAUS.**

<https://www.manaus.am.gov.br/turismo/historia/#:~:text=O%20n%C3%BAcleo%20urbano%2C%20localizado%20%C3%A0,como%20o%20nascimento%20da%20cidade> Consultado em 23 de julho de 2023.

⁸⁸ **HISTORIA DO AMAZONAS**https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_do_Amazonas consultado em 19 de julho de 2023.

⁸⁹ **LOUREIRO**, Antônio J. S. Amazônia: 10.000 anos. Manaus: Metro Cúbico, 1982

significativa influência nacional e internacional, seja no ponto de vista ambiental, cultural e econômico⁹⁰.

No período áureo da borracha, e posteriormente com o desenvolvimento industrial, que ocorreu na cidade de Manaus em função da implantação da Zona Franca de Manaus, a capital do Estado do Amazonas conta hoje com importantes monumentos, museus, parques, praias, institutos de pesquisas e teatros, como o Teatro Amazonas, o Monumento à Abertura dos Portos, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazonia, Centro de Biotecnologia da Amazônia, o Instituto de Desenvolvimento Tecnológico, o Sidia Instituto de Ciência e Tecnologia, o Parque Municipal do Mindu, o Jardim Botânico de Manaus, a Praia da Ponta Negra e eventos de grande repercussão, como o desfile das escolas de samba do Grupo Especial de Manaus no Sambódromo, e o Festival Amazonas de Ópera, no Teatro Amazonas.⁹¹

1.2. Um Sonho de Porto Franco em Manaus

O nascimento da futura capital do Estado do Amazonas, Manaus, deve-se principalmente pela sua localização nas proximidades do encontro dos grandes rios, Negro e Solimões, que apresentava as melhores facilidades para controlar as investidas espanhola que questionavam a soberania da área.

Para segurança e controle da região, foi construído um forte que deu início ao desenvolvimento de um povoado, que recebe o nome de Lugar da Barra⁹². No decorrer do ano de 1694, os padres Carmelitas

⁹⁰ «HISTÓRIA», Prefeitura Municipal de Manaus.

<https://www.manaus.am.gov.br/turismo/historia/#:~:text=Ap%C3%B3s%20muitos%20anos%2C%20Manaus%20passou.a%20promulga%C3%A7%C3%A3o%20da%20Constitui%C3%A7%C3%A3o%20Amazonense>. Consultado em 19 de julho de 2023.

⁹¹ A HISTÓRIA DA ZONA FRANCA DE MANAUS, do início aos dias de hoje [vídeo] dias-video.htm Consultado em 25 de julho de 2023.

⁹² MIRANDA, Bertino de; Associação Comercial do Amazonas. A cidade de Manaus: sua história e seus motins políticos Manaus: Associação Comercial do Amazonas, 1984. 97 p. (Coleção Hiléia Amazônica;

deram início a instalação da administração de sua Ordem na região do rio Negro⁹³.

Um fator muito preocupante que existia entre os anos 1786 e 1799 eram as constantes ameaça espanholas de invasões pelo rio Negro, visando o domínio da região. E objetivando um melhor controle da região, ocorre, nesse período, a transferência da sede da Capitania de São José do Rio Negro de Barcelos para Lugar da Barra⁹⁴.

Em 1832, no dia 13 de novembro, é assinado o decreto que eleva o Lugar da Barra à categoria de Vila com a denominação de Vila de Manaus. Passados 16 anos, no dia 24 de outubro de 1848, foi elevada à categoria de cidade. Tal fato foi uma honraria, ao reconhecimento pelo desenvolvimento e aumento populacional da Vila de Manaus. Com esses objetivos, a Assembleia Provincial Paraense aprova a Lei nº 145, que atribui o nome de Cidade da Barra do Rio Negro. Esses fatos levam a nova cidade a assumir foros de cidade, passando a ser chamada de Cidade de Nossa Senhora da Conceição da Barra do Rio Negro⁹⁵.

Durante o período imperial, ocorreu na Amazonia um movimento denominado de Cabanagem, com envolvimento político e de conflito social, que teve início no Pará entre 1835 e 1840, com participação efetiva de homens livres e pobres, sobretudo indígenas e mestiços que se insurgiram contra a elite política local e tomaram o poder. Aderiu a esse movimento a Comarca do Alto Amazonas, onde a Cabanagem foi de fundamental importância⁹⁶ para a criação e formação

⁹³ **LOUREIRO**, Antônio José. Síntese da história do Amazonas. Manaus: Imprensa Oficial, 1978.

⁹⁴ **REZENDE**, T. V. F. A conquista e ocupação da Amazônia brasileira no período colonial: a definição das fronteiras. 2006. Tese de Doutorado em História Econômica da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2006. p. 258.

⁹⁵ **A HISTÓRIA DA ZONA FRANCA DE MANAUS**, do início aos dias de hoje [vídeo] dias-video.htm consultado em 25 de julho de 2023.

⁹⁶ **A HISTÓRIA DA ZONA FRANCA DE MANAUS**, do início aos dias de hoje [vídeo] dias-video.htm consultado em 25 de julho de 2023.

do atual Estado do Amazonas⁹⁷. A Comarca do Alto Amazonas teve papel fundamental durante a Cabanagem. Nesse período ocorreu um movimento de união de todos os centros populacionais, e essa integração das populações foram fundamentais para a formação do atual Estado do Amazonas⁹⁸.

Um dos objetivos do Império do Brasil, era a segurança da região, devido às constantes investidas das potências estrangeiras, principalmente a França, Holanda e Inglaterra, e dotar a região de uma administração mais eficiente. Assim, o governo Imperial, no dia 5 de setembro de 1850, promulga a Lei Imperial nº 1592, criando a Província do Amazonas, passando, a Vila da Barra do Rio Negro, como sede da Província.

Com a nomeação João Batista de Figueiredo Tenreiro Aranha, em 27 de julho de 1851, como seu primeiro Presidente, este, instalou oficialmente a nova unidade provincial a 1 de janeiro de 1852⁹⁹. Porém, foi no segundo governo de Herculano Ferreira Pena, que a Assembleia Provincial do Amazonas aprova, no dia 4 de setembro de 1856, a Lei nº 68, de autoria do deputado João Ignácio Rodrigues do Carmo, que concede o nome de Cidade de Manaus, em homenagem à nação indígena Manaós, que significa *Mãe dos Deuses*, o mais importante grupo étnico habitante da região, reconhecido historicamente pela sua coragem e valentia¹⁰⁰.

⁹⁷ «HISTÓRIA». Prefeitura Municipal de Manaus–

<https://www.manaus.am.gov.br/turismo/historia/#:~:text=Ap%C3%B3s%20muitos%20anos%2C%20Manaus%20passou,a%20promulga%C3%A7%C3%A3o%20da%20Constitui%C3%A7%C3%A3o%20Amazonense>. Consultado em 19 de julho de 2023.

⁹⁸ REIS, Gustavo Rego, A Cabanagem. Manaus, Edições Governo do Estado do Amazonas, 1965. <https://tupi.fflch.usp.br/sites/tupi.fflch.usp.br/files/O%20S%C3%89CULO%20XIX%20NA%20AMAZ%C3%94NIA%20%20A%20CABANAGEM%20E%20O%20ENFRAQUECIMENTO%20DA%20L%C3%8DNGUA%20GERAL.pdf> Consultado em 25 de julho de 2023.

⁹⁹ «HISTÓRIA - MANAUS (AM)». Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. Consultado em 16 de julho de 2023.

¹⁰⁰ IPHAM. História - Manaus (AM) <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1214/> - Consultado em 26 de julho de 2023.

Em meados do século XIX, o jornalista e político Tavares Bastos, no ano de 1865, dizia que Manaus seria “*o empório dos países amazônicos*” com um “*porto franco*”, porém, houve uma demora para que esse brado pudesse ser ouvido! O Amazonas estava parado e desvalorizado. Nos anos 50 do século 20, o ciclo da borracha tinha acabado, sem perspectiva de retorno¹⁰¹.

1.3 Situação Econômica do Amazonas

As indústria de beneficiamento da borracha, aumentavam sua procura pelo látex, matéria-prima para a vulcanização. A extração da borracha era cada vez mais requisitada, e o Amazonas, como um dos principais produtores mundiais, orientou sua economia para atender à crescente demanda¹⁰². Intensificou-se o processo de migração para Manaus, de brasileiros de outras regiões, sobretudo nordestinos. De acordo com o censo de 1872, 2.199 estrangeiros imigraram para o Amazonas, atraídos pela produção da borracha, sendo que a maioria destes passou a viver em Manaus¹⁰³. Os imigrantes eram, principalmente, portugueses, ingleses, franceses, italianos e de outras regiões da América, gerando um crescimento demográfico que obrigou a cidade a passar por mudanças significativas¹⁰⁴.

Foi nesse período, entre 1877 a 1878, que o Nordeste brasileiro passava por uma Grande Seca, levando a óbito mais de um milhão de pessoas, isto em consequência, também, de uma grande epidemia de cólera. O Nordeste brasileiro sem perspectiva de melhores condições de vida, e para fugir dessa grande calamidade, inicia um processo migratório para o Norte do Brasil, e um dos objetivos era a busca de

¹⁰¹ SOUZA, Márcio. *A expressão amazonense – do colonialismo ao neocolonialismo*. 2. ed. Manaus: Valer, 2003.

¹⁰² «O CICLO DA BORRACHA». Sua Pesquisa. <https://www.todamateria.com.br/ciclo-da-borracha/> Consultado em 22 de julho de 2023.

¹⁰³ EMMI, Marília Ferreira. «A Amazônia como destino das migrações internacionais do final do século XIX ao início do XX: o caso dos portugueses» (PDF). Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Consultado em 22 de julho de 2023.

¹⁰⁴ «A Manaus do governador Eduardo Ribeiro». *A Crítica*. 24 de outubro de 2012. Arquivado do original em 22 de fevereiro de 2015. Consultado em 22 de julho de 2023.

melhores perspectiva de vida e a ocupação do grande espaço demográfico da Amazônia.

E Manaus, foi o porto de recebimento de uma grande quantidade de nordestino que fugiam da seca¹⁰⁵. Apesar do declínio da borracha no nascer do século XX, a cidade de Manaus continuou a receber um notável número tanto de nordestinos quanto de imigrantes. O censo de 1920 registrou 9.963 habitantes estrangeiros no Amazonas, com a maior parte destes vivendo em Manaus. Japoneses, turcos e alemães foram registrados neste censo¹⁰⁶. E foi devido ao clima de incertezas por que passa o nordeste brasileiro, que *Francisco Pereira da Silva* decide imigrar para a Amazônia em busca de melhores condições de vida. Porém, ele chegou no efervescente crepúsculo do primeiro Ciclo Áureo da Borracha na Amazônia.

Em 15 de novembro de 1889, é proclamada a República Federativa do Brasil na cidade do Rio de Janeiro. Nesse ato, extingue-se o Império e a Província do Amazonas é transformada em Estado do Amazonas, com capital na *Cidade de Manaós*, hoje Manaus.

Em 1892, iniciou-se o governo de Eduardo Ribeiro, que teve um papel importante na transformação da cidade, através da elaboração e execução de um plano para coordenar o seu crescimento¹⁰⁷. Esse período (1890-1910) é conhecido como fase áurea da borracha¹⁰⁸. A cidade ganhou o serviço de transporte coletivo de bondes elétricos, telefonia, energia elétrica (segunda rede elétrica do Brasil datada de

¹⁰⁵ **NASCIMENTO**, Maria das Graças (1998). «Migrações nordestinas para a Amazônia» (PDF). Revista de Educação, Cultura e Meio Ambiente - Universidade Federal de Rondônia (UNIR). http://www.revistapresenca.unir.br/artigos_presenca/12mariadasgracasnascimento_migracoesnordestinasparaamazonia.pdf - Consultado em 26 de julho de 2023.

¹⁰⁶ **EMMI**, Marília Ferreira. «A Amazônia como destino das migrações internacionais do final do século XIX ao início do XX: o caso dos portugueses» (PDF). Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Consultado em 22 de julho de 2023.

¹⁰⁷ «A Manaus do governador Eduardo Ribeiro». A Crítica. 24 de outubro de 2012. Arquivado original em 22 de fevereiro de 2015. Consultado em 22 de julho de 2023.

¹⁰⁸ **MIRANDA NETO**, Manoel José de. O dilema da Amazônia. 2. Ed. Belém: Cejup, 1986.

1895)¹⁰⁹ e água encanada, além de um porto flutuante, que passou a receber navios dos mais variados calados e de diversas bandeiras. A metrópole da borracha iniciou os anos de 1900 com uma população acima de 50 mil habitantes,¹¹⁰ com ruas retas e longas, calçadas com granito e pedras de lioz importadas de Portugal, praças e jardins bem cuidados, belas fontes e monumentos, um teatro suntuoso, hotéis, estabelecimentos bancários, palácios e todos os requintes de uma cidade moderna¹¹¹.

Em 1910 Manaus ainda vivia a euforia dos preços altos da borracha, quando foi surpreendida pela fortíssima concorrência da borracha natural plantada e extraída dos seringais da Ásia, que invadiu vertiginosamente os mercados internacionais. Era o fim do domínio da exportação do produto dos seringais naturais da Amazônia (quase que exclusivamente gerada no Amazonas), deflagrando o início de uma lenta agonia econômica para a região. O desempenho do comércio manauara tornou-se crítico e as importações de artigos de luxo e supérfluos caíram rapidamente. Manaus, abandonada por aqueles que podiam partir, passou por uma grande crise financeira. Os edifícios e os diferentes serviços públicos entraram em estado de abandono¹¹².

1.4 A Conquista do Acre

No crepúsculo do século XIX e aurora do século XX, dois fatores conjugados determinaram uma imigração intensa de sertanejos

¹⁰⁹ ENERGIA ELÉTRICA completa 120 anos em Manaus. <https://www.redetiradentes.com.br/energia-eletrica-completa-120-anos-em-manaua/> Consultado em 25 de julho de 2023.

¹¹⁰ «IBGE Censo 2010». www.censo2010.ibge.gov.br Consultado em 26 de julho de 2023.

¹¹¹ PESSOA, Augusto (2014). Manaus: Belle Époque tropical. A cidade é um símbolo urbano da época de ouro dos seringais, que legou à região uma importante herança artística e cultural. <https://revis-tacontinente.com.br/edicoes/165/manaus--belle-epoque-tropical> Consultado em 26 de julho de 2023.

¹¹² «O CICLO DA BORRACHA». Sua Pesquisa. <https://www.todamateria.com.br/ciclo-da-borracha/> Consultado em 22 de julho de 2023.

para a Amazônia: as secas que assolavam os sertões nordestinos e a exploração do látex, provenientes das seringueiras¹¹³.

A consequência imediata dessa imigração, foi a expansão das fronteiras brasileiras fora dos seus limites previamente estabelecidos. Essa expansão territorial deveu-se à movimentação das populações sertanejas que fugiam das secas, e foram direcionadas à Amazônia, em busca da riqueza do látex. Com isso, tem início a última etapa da expansão brasileira que, após o acordo com a Bolívia – que vende o Acre – e com o Peru, que delimitou com precisão, e definitivamente, as fronteiras brasileira na Amazônia¹¹⁴.

Convém salientar que esse processo, não foi pacífico. Ocorreram lutas armadas, até as renhidas disputas diplomáticas com o Peru e a Bolívia, que foram conduzidas pelo lado brasileiro pelo Barão do Rio Branco. Novos conflitos com os países da América Espanhola foram evitados em grande parte pelo gênio negociador de Rio Branco.

Naquele período, os dois países não tinham muito interesse pela região do Acre. Só lembraram de reclamar os direitos sobre a região em 1867, quando o Amazonas foi aberto à navegação internacional, ligando aquela região abandonada ao Atlântico. Com a descoberta das seringueiras nativas da região, as disputas pela terra encrudesceram. Dentro em pouco, a borracha tirada das seringueiras atingiria preços altíssimos no mercado internacional, transformando a região antes abandonada e relegada ao esquecimento numa das mais potencialmente ricas de toda a América do Sul¹¹⁵.

1.4.1 A Ocupação Brasileira do Acre

¹¹³ RABELLO, Sylvio. *Euclides da Cunha*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966 (Coleção Vera Cruz, Literatura Brasileira, vol. 103).

¹¹⁴ MOTA, Lourenço Dantas. *Euclides da Cunha*. São Paulo: Editora Três, 2003 (A Vida dos Grandes Brasileiros, 11)

¹¹⁵ MOTA, Lourenço Dantas. *Euclides da Cunha*. São Paulo: Editora Três, 2003 (A Vida dos Grandes Brasileiros, 11)

Decorria o ano de 1867 quando foi assinado, entre o Brasil e a Bolívia, um protocolo que previa a demarcação precisa dos limites. Porém, enquanto a demarcação se demorava, os nordestinos, que não tinham a mínima noção de pendências fronteiriças entre países, iam ocupando aquela área em litígio na sua quase totalidade. No ano de 1902, a demarcação das fronteiras ainda não tinha sido realizada e os bolivianos entram em ação e ocupam a região. Ato contínuo os brasileiros treinados e armados pelo gaúcho Plácido de Castro, contra-atacam e expulsam os bolivianos, e constituem o Estado Independente do Acre. Porém, os ânimos estavam cada vez mais acirrados e com enfrentamentos constantes, até que as negociações diplomáticas viabilizaram um acordo amigável.

A extração da borracha criara um clima de febril agitação, pois era uma riqueza imensa que nenhum dos dois países queria deixar entregue ao outro. O Acre era, então, um dos maiores produtores mundiais do látex oriundo da seringueira. Os conflitos e as batalhas diplomáticas foram se sucedendo até 1903, quando foi assinado o Tratado de Petrópolis. Pelo Tratado, o Acre foi definitivamente incorporado ao Brasil, que por ele pagou de 2 milhões de libras esterlinas à Bolívia, além de outras compensações em territórios, e o compromisso de construir a estrada de ferro Madeira-Mamoré.^{116;117;118}

Com a aquisição e pacificação do Acre, a Amazônia abre definitivamente as portas para a migração que se torna mais acentuada em 1870, com grandes contingentes de nordestinos se transformando em seringueiros nas terras do acreanas. Existem informações de que na época o atual estado do Acre era considerado terra sem dono. Porém, existe uma outra explicação dizendo que o Acre não era terra de ninguém, pois embora seus contornos fossem indecisos, “*a soberania formal sobre a maioria de sua área era da Bolívia, com o Peru*

¹¹⁶ GONDIM, Neide. *A Invenção da Amazônia*. São Paulo: Marco Zero, 1994.

¹¹⁷ REIS, Arthur César Ferreira. *História do Amazonas*. 2. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1998.

¹¹⁸ SOUZA, Márcio. *A expressão amazonense – do colonialismo ao neocolonialismo*. 2. ed. Manaus: Valer, 2003.

*diretamente interessado na questão, pois também esse país ainda não havia na época determinado com precisão as fronteiras que o separam do Brasil na Amazônia*¹¹⁹.

1.4.2 O Município de Cruzeiro do Sul-AC

Localiza-se na região noroeste do estado do Acre, na margem esquerda do rio Juruá e tendo suas coordenadas na latitude de 07°37'51" sul e longitude de 72°40'12" oeste. A área do município é de 7.924,94 km² e a área urbana é de 24,794 km². Tem seu limite ao norte com o estado do Amazonas, ao sul com o município de Porto Walter; a leste com o município de Tarauacá e a oeste com os municípios de Mâncio Lima, Rodrigues Alves, e com o Peru^{120;121}.

Seus primeiros habitantes foram os povos que habitavam o vale do Juruá, e que eram divididos em 49 tribos, que pertenciam a etnias de línguas Pano, tendo como as principais etnias os Ararauas, Catukinas e Curimas.

As expedições para o Ato Juruá, tiveram início no ano de 1857 com o chefe de índios João da Cunha Correia que chegou até a foz do rio Juruá-Mirim. Outras expedições foram realizadas, para o conhecimento e o início do povoamento da região.

No ano de 1867, o povo Nauas, que dominavam a região, teve um atrito com a expedição inglesa, chefiada pelo cientista Willian Chandlesse, que foi obrigado a abandonar a localidade, e em 1870 segue em direção ao Peru pelos altos rios em função de uma terrível epidemia. Entre os anos de 1877 a 1879, novos seringais são formados no vale do Juruá e, como consequência, ocorreu um aumento da

¹¹⁹ MOTA, Lourenço Dantas. *Euclides da Cunha*. São Paulo: Editora Três, 2003 (A Vida dos Grandes Brasileiros, 11)

¹²⁰ GOVERNO DO ACRE. «Cruzeiro do Sul - Acre». Agência de Notícias do Acre. Consultado em 6 de Setembro de 2010.

¹²¹ IBGE (10 out. 2002). «Área territorial oficial». Resolução da Presidência do IBGE de n° 5 (R.PR-5/02). Consultado em 5 de julho de 2023.

imigração de nordestinos que passavam necessidade devido ao fenômeno das secas, que foram assentados nos novos seringais da Amazônia.

Na época áurea da borracha, o primeiro seringal a ser explorado em Cruzeiro do Sul ocorreu em 1890. Era conhecido como Centro Brasileiro, e passou a ser o local de convergência dos brasileiros oriundos do nordeste. Em 1896, tem início a presença dos peruanos conhecidos como “caucheiros”. Para fortalecer sua presença na região, em 1902 o comissário peruano Carlos Casquez Guadra se estabelece oficialmente na foz do rio Amônia, dando início a uma sequência de choques entre brasileiros e peruanos.

Em 17 de Novembro de 1903, o território do Acre é incorporado ao Brasil pelo Tratado de Petrópolis. Para uma melhor administração desse novo Território, o mesmo, foi dividido em três departamentos: Alto Juruá, Alto Purus e Alto Acre, todos independentes entre si e diretamente subordinados ao Governo da União. Cada um dos departamentos era administrado por um Intendente (cargo parecido com o de prefeito atual, só que nomeado pelo Presidente da República, até 1920).

Em 12 de setembro de 1904, com autorização do Governo Central, o Coronel do Exército Brasileiro, Gregório Taumaturgo de Azevedo, instalou a sede provisória do município em um local denominado "Invencível", situado na foz do Rio Moa. No dia 28 de setembro de 1904, o Coronel Taumaturgo, através do Decreto N° 4, autorizava a transferência da sede da Prefeitura para o Seringal Centro Brasileiro, à margem esquerda do Juruá, pois no antigo lugar faltava área suficiente para o desenvolvimento futuro da cidade, além do problema das inundações periódicas resultantes das enchentes do rio¹²².

Como na área do Centro Brasileiro a geografia apresentava muitas colinas (terras livres de inundações), que facilitava a implantação de uma futura cidade, e atendia ainda outras considerações de ordem

¹²² **Cruzeiro do Sul (Acre)**. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Cruzeiro_do_Sul_\(Acre\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Cruzeiro_do_Sul_(Acre)) acesso em 20 de julho de 2023.

administrativas e comerciais, foi implantada a futura cidade de Cruzeiro do Sul. É no rescaldo dessa efervescência política, e no crepúsculo do Ciclo da Borracha, que o ainda jovem Francisco Pereira da Silva desembarca na cidade do Cruzeiro do Sul-AC.

1.4.3 O Município de Tarauacá-Ac.

O município de Tarauacá está localizado no Vale do Juruá, no oeste acreano, à 381 km de Rio Branco, Tarauacá limita-se ao norte com Ipixuna, Eirunepé e Envira, no Amazonas; ao sul, com o município de Jordão; a leste, com o município de Feijó; a oeste, com os municípios de Cruzeiro do Sul e Porto Walter e, a sudoeste, com o município de Marechal Thaumaturgo. Área de 16.120,5 km², equivalendo a 10,53% da área total do estado, possuindo, entre os demais municípios, a terceira maior área territorial. Tarauacá está a 270 km de Sena Madureira, também no interior do Acre.

Os primeiros habitantes do que um dia se tornaria o município de Tarauacá foram os Iauanauás e os Catuquinas-pano, ambos povos Pano (ou *Nawa*), que atualmente habitam a Área Indígena Rio Gregório, localizada dentro dos limites do município.

O município de Tarauacá originou-se do Seringal Foz do Muru, que foi criado na confluência do Rio Tarauacá com o Rio Muru, transformando-se em povoado em 1 de outubro de 1907, por Antônio Antunes de Alencar, e, posteriormente, foi transformado em vila, e batizado de "Seabra". A autonomia administrativa foi obtida pelo Decreto Federal 9.831, de 23 de outubro de 1912, tornando-se, então, município.

Sua população, de acordo com estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), era de 41.976 habitantes em 2018, o que a colocava na posição de 4^a mais populosa de seu estado

2. A Vida nos Seringais da Amazônia

Com os olhos fitos à Amazônia, o mundo do seringal foi aos poucos sendo descortinado sob as perspectivas históricas. Seria

interessante entender o Ciclo da Borracha como uma visão de um período de exploração do ambiente Amazônico.

Antes da chegada do europeu à América, os mesoamericanos já conheciam a propriedade da espécie nativa que possibilitou a exploração e progresso econômico na região amazônica. O próprio Cristóvão Colombo dá notícia de sua existência em uma segunda viagem à América, observando os habitantes do Haiti utilizarem o látex na fabricação de bolas miraculosas¹²³.

A compra de terras não era a base para montar um seringal. Os seringais formavam-se pela ocupação de áreas onde tinha em maior quantidade a *hevea brasiliensis*. Apesar de aparentemente simples, era uma “*tarefa inacessível ao mais solerte agrimensor, tão caprichosa e vária é a diabólica geometria requerida pela divisão dos diferentes lotes*”¹²⁴.

2.1 O Cotidiano no Seringal

No Seringal existia a ordem e a distinção dos serviçais. O maitiro, como profundo conhecedor da floresta, tinha a incumbência de marcar as “*estradas*.” O Seringalista, que era o proprietário do Seringal, e o Coronel de Barranco, fazia a colocação dos Seringueiros, isto de acordo com a quantidade de seringueiras que fosse encontrada na área. Para um perfeito funcionamento do seringal, havia a necessidade de mercadoria em quantidades suficientes à alimentação. Esses artigos de consumo geralmente vinham das casas aviadoras, que eram “*estabelecimentos comerciais localizada na cidade de Manaus e que despachavam mercadorias aos seringais mediante pagamento em pe-las de borracha*”¹²⁵.

A viagem até os seringais era exaustiva. Centenas de migrantes eram transportados em condições subumanas nos infectos porões de navios, muitos desses conhecidos por gaiolas. O nordestino já

¹²³ SOUZA, Márcio. História da Amazônia. Manaus: Editora Valer, 2009.

¹²⁴ CUNHA, Euclides da. Amazônia: Um paraíso perdido. 2ª ed. Manaus: Editora Valer, 2011.

¹²⁵ LOUREIRO, Antônio J. S. Amazônia: 10.000 anos. Manaus: Metro Cúbico, 1982.

chegava nos seringais “*com uma pequena experiência, advinda das primeiras conversas nos ‘portos de lenha’, nas cidadezinhas da beira do rio...*”¹²⁶

*“Chegavam como ‘brabos’, que desconheciam por completo aquele ofício ordinário do corte da seringa, mas aos poucos iam se tornando ‘mansos’, por meio da dura aprendizagem, orientados por outros conterrâneos que chegaram antes deles”*¹²⁷.

Era praxe que o nordestino na Amazônia começava sempre a trabalhar endividado, pois geralmente obrigavam-no a reembolsar os gastos com a totalidade, ou parte da viagem, com os instrumentos de trabalho, e outras despesas de instalação. Para alimentar-se, dependia do suprimento que, em regime de estrito monopólio, realizava o mesmo Seringalista com o qual estava endividado e que lhe comprava o produto¹²⁸.

As grandes distâncias e a precariedade de sua situação financeira reduziam-no a um regime de servidão. Além disso, a solidão era muito comum nos seringais, inclusive no Acre, onde a densidade maior das seringueiras permitia a abertura de dezesseis estradas numa légua quadrada. Toda essa vastíssima área era folgadoamente explorada por oito pessoas apenas, como assinala Euclides da Cunha. Isolado na mata fechada, “*o seringueiro opulento estadeia o parasitismo farto, pressente que nunca mais se livrará da estrada que o enlaça, e que vai pisar durante a vida inteira, indo e vindo, a girar estonteadamente no seu monstruoso círculo vicioso de sua faina fatigante e estéril*”¹²⁹.

¹²⁶ «REGIÕES DE INFLUÊNCIA DAS CIDADES (REGIC) 2018». Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). 25 de junho de 2020. Consultado em 22 de julho de 2023.

¹²⁷ BENCHIMOL, Samuel. Amazônia: um pouco-antes e além-depois. 2ª ed. Revisada. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2010.

¹²⁸ MIRANDA NETO, Manoel José de. O dilema da Amazônia. 2. Ed. Belém: Cejup, 1986.

¹²⁹ CUNHA, Euclides da. Amazônia: Um paraíso perdido. 2ª ed. Manaus: Editora Valer, 2011.

2.1.1 O Seringalista

Para o Seringalista, a constituição de família seria um empecilho para o negócio da borracha, pois assim como a agricultura de subsistência, significavam redução de produção nos seringais. Por isso, a mulher era tão escassa, principalmente no auge da produção de borracha. Com essa escassez de mulheres no seringal, tornaram-se comuns as práticas homossexuais, assim como alguns desvios sexuais: o onanismo, a zoofilia, dendrofilia, pedofilia, isto, devido à ausência feminina que, e quando presente, quase sempre estavam em sua mais lamentável versão, e que chegava ao seringal sob a forma degradante de prostituição¹³⁰.

Eram mulheres velhas, doentes, em número tão pequeno que mal chegavam para todos os homens. Eram comercializadas a preços aviltantes. Esse comércio era feito pelo próprio Seringalista que, sendo detentor do título de coronel, resolvia todos os percalços no mundo do seringal. A patente de coronel ou “coronel de barranco”, não era oficial, sendo ressalvada pelo grau de importância que os proprietários dos seringais tinham na região. Através dessas relações políticas locais, os Seringalistas tinham amplos poderes sobre o Seringueiro. Se este estivesse em débito com o seringalista, o que ocorria na maioria das vezes, o seringalista poderia caçá-lo, com o auxílio do poder público, e recebê-lo de volta.

O Seringalista é um ser visto como um patrão truculento, um estereótipo criado com base nas relações estabelecidas nos seringais, onde “*o patrão seringalista submetia o freguês seringueiro a um regulamento que estabelecia mais vantagens ao patrão do que ao freguês*”¹³¹.

¹³⁰ SOUZA, Márcio. A expressão amazonense: do colonialismo ao neocolonialismo. Manaus: Editora Valer, 2003.

¹³¹ LIMA, Lucilene Gomes. Ficções do ciclo da borracha: A selva, Beiradão e O amante das amazonas. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009.

A imagem do seringalista como perverso pode ser notada nos castigos aplicados aos seringueiros que infringiam o regulamento, ou as ordens diretas do coronel, tais como: aprisionamento no tronco, castigos corporais, queima de plantações, entre outros. As punições e os castigos físicos eram uma forma do seringalista expressar sua autoridade e fazer-se respeitado.

Somada a essa resignação, outro fator também contribuiu decisivamente para a desdita do seringueiro: a falta de uma companhia feminina. Como se sabe, a presença feminina no seringal era muito rara. Para o seringalista, as mulheres poderiam travar a produção da borracha. Com a ausência da mulher, os seringueiros se viravam como podiam para reverter o quadro de solidão e abandono.

2.1.2 Os Festejos nos Seringais

Uma das quermesses voltada para o entretenimento dos Seringueiros, era conhecida como a *Dança das Quatro Botas*. Essa dança servia para humorizar uma prática que era comum nos sábados ou domingos nos rincões dos seringais: *a dança das quatro botas*.

“Mas, como eu já lhe falei, mulher que é bom não havia. Por isso dançava homem com homem, e foi aí que ganhei fama. Experimentei a primeira vez só pra gosto ao Dorca, companheiro que me ensinou a cortar seringa, com paciência de santo. E quando começamos a dançar, os outros foram parando abestados olhando nós dois saracoteando pela sala”¹³².

“Desde aquela noite fiz nome e renome. Não me lembro mais quem inventou a moda, mas os homens que dançavam como damas amarravam um pano na cabeça para diferenciar dos outros. E muitas vezes, o calor da dança, somado ao estímulo do álcool e o apelo dos instintos, fazia aflorar desejos homossexuais em um dos dançantes,

¹³² INHARES, Erasmo do Amaral. O tocador de charamela. 3ª ed. Manaus: Valer, 2005

ou nos dois. E quando não correspondidas geravam, por vezes, atos de violência e assassinato”¹³³.

2.1.3 O Conto de João Carioca

As fainas nos Seringais apresentavam um cotidiano com muitas dificuldades, e só poderiam encontrar uma explicação lógica nos relatos e Contos de “João Carioca”¹³⁴.

E tinha um que iniciava assim:

“Já lhe contei uma vez, uma mulher por aqui não havia, de começo (...), João Carioca sabia disso e sabia cuidar muito bem do caso. Mulher era prêmio. Trabalhou, ele arranjava mulher, (...) as decaídas na zona mesmo. (...) Enfeitava toda a mulherada e trazia de navio pra Manaus e de lá pra cá (...). Já perto do natal ele saía de viagem pra visitar os seringais, um a um. (...) e parava em cada porto. Parava, mandava chamar o seringueiro e o diabo do escrivão do lado, na mesa um livrão de capa dura, cheia de desenhos imitando couro. (...) Estava tudo ali anotado. Era a hora do prêmio pelo trabalho que o cabra tinha feito como escravo, o ano todo”. Era necessário ter saldo para ter uma mulher e para permanecer com ela: “se o seringueiro não conseguia quitar a sua dívida, e era casado, o patrão tomava-lhe a mulher para dá-la a outro seringueiro que tivesse saldo. O seringueiro que recebia a mulher assumia a dívida do outro, e este ficava quite com o patrão”¹³⁵.

2.1.4 A Moeda de Troca

Estava chegando ao final de ano! Tempo de Natal! Era a época apropriada para os ajustes de contas do Seringalista credor com o

¹³³ GADELHA, Carlos Magalhães. A Metaforização da Amazônia em textos de Euclides da Cunha. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis - SC, 21 de junho de 2013, p. 234 – 251. - <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/107186/320101.pdf?sequence=1> - Consultado em 28 de julho de 2023.

¹³⁴ LINHARES, Erasmo do Amaral. O tocador de charamela. 3ª ed. Manaus: Valer, 2005.

¹³⁵ GADELHA, Carlos Magalhães. A Metaforização da Amazônia em textos de Euclides da Cunha. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis - SC, 21 de junho de 2013, p. 234 – 251, <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/107186/320101.pdf?sequence=1> - Consultado em 28 de julho de 2023.

Seringueiro devedor. O Seringalista, todo poderoso Coronel de Baranco, tinha todo direito de usar a mulher do devedor como moeda de troca. Seria uma espécie de “*transferência de débito, claro, com o assentimento do credor, por saldo de contas*” e que era “*o mais comum dos arranjos comerciais*”. Esses arranjos nem sempre acabavam bem. Após o acordo comercial, o seringueiro sentia como se estivesse aliviado de um fardo, mas ao mesmo tempo, recordava os momentos que tinha vivido ao lado da amada: “*as carícias ardentes da moça iriam agora aplicar-se em outro ... Fora-lhe bem duro apartar-se; mas ‘era o jeito’. E o seringueiro procurava abafar pensamentos que o incomodavam*”¹³⁶.

3. A Origem e as Atividades de Francisco Pereira da Silva

Nasceu Francisco Pereira da Silva no dia 07 de setembro de 1890, na localidade de Água Maré, no município de Macau no Rio Grande do Norte, filho de Manuel Pereira e de Josina Ribeiro Pereira da Silva. Teve os estudos iniciados com formação em humanidades no Colégio Diocesano Santo Antônio, em Rio Grande do Norte e, posteriormente, em Manaus, se formou pela Faculdade do Amazonas, no curso de Direito.

No início de suas atividades laborais, exerceu a atividade de tipógrafo, repórter e revisor de avaliações. No ano de 1909 se tornou auxiliar de escritório do governador do Amazonas, Alberto Maranhão, que governou o Amazonas de 1908 a 1913. Em 1910 embarcou para o Rio de Janeiro, e, no Distrito Federal, trabalhou como repórter do jornal *Correio da Noite*.

No ano de 1911 retornou para a Amazônia, e, temporariamente, fixou residência em Cruzeiro do Sul, no futuro estado do Acre, onde dirigiu a *Imprensa Oficial* e iniciou sua vida pública¹³⁷. Na carreira

¹³⁶RANGEL, Alberto. *Inferno verde – cenas e cenários do Amazonas*. 5 ed. Manaus: Valer/ Governo do Estado do Amazonas, 2001.

¹³⁷BRASIL, CPDOC- Centro de Pesquisas e Documentação História Contemporânea. «SILVA, FRANCISCO PEREIRA DA. CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil».

jurídica, foi promotor público, auxiliar de juiz de Direito. No executivo local, foi Secretário da Prefeitura. Essas atividades, exercidas em Cruzeiro do Sul, contribuíram para a reorganização do Centro Operário de Cruzeiro do Sul e a Organização da União dos Pequenos Lavradores e Seringueiros, e da Sociedade Protetora dos Homens do Povo, todas ligadas ao Centro Operário¹³⁸.

Ao terminar a movimentação modernista no ano de 1922, Francisco Pereira da Silva, já residindo em Manaus desde 1923, tenta inaugurar uma nova escola no estado do Amazonas. Fez parte da revolta de julho de 1924, que ocorreu nas cidades de Manaus, São Paulo e Sergipe. Esse movimento foi comandado pelos tenentes Alfredo Augusto Ribeiro Júnior e Joaquim Cardoso de Magalhães, que derrubaram o governador do estado do Amazonas, Turiano Meira. Para dirigir o estado do Amazonas, foi criada uma junta governativa, que nomeia Francisco Pereira da Silva para o cargo de Secretário de Polícia Civil. Em agosto daquele mesmo ano ocorre a intervenção federal, onde as tropas comandadas por João de Deus Mena Barreto consegue se estabelecer, assumindo como governador militar do estado o coronel Raimundo Barbosa.

Com a pacificação dos revoltosos, foi nomeado novo governo, que teve como interventor Alfredo de Sá, que restabeleceu a ordem e afastou imediatamente Pereira da Silva da Secretaria da Polícia Civil. Este, passou a fazer oposição ao novo governo, publicando suas críticas no jornal “*A Liberdade*”. Suas opiniões foram motivos de prisão, e cumpriu seis meses de prisão, sendo absolvido pelo presidente da República, Arthur Bernardes.

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_Pereira_da_Silva_\(pol%C3%ADtico_brasileiro\)#:~:text=Francisco%20Pereira%20da%20Silva%20\(Macau,Amazonas%20de%201946%20a%201963.](https://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_Pereira_da_Silva_(pol%C3%ADtico_brasileiro)#:~:text=Francisco%20Pereira%20da%20Silva%20(Macau,Amazonas%20de%201946%20a%201963.) Consultado em 18 de julho de 2023.

¹³⁸ BRASIL, CPDOC- Centro de Pesquisas e Documentação História Contemporânea. «SILVA, FRANCISCO PEREIRA DA. CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil». [https://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_Pereira_da_Silva_\(pol%C3%ADtico_brasileiro\)#:~:text=Francisco%20Pereira%20da%20Silva%20\(Macau,Amazonas%20de%201946%20a%201963.](https://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_Pereira_da_Silva_(pol%C3%ADtico_brasileiro)#:~:text=Francisco%20Pereira%20da%20Silva%20(Macau,Amazonas%20de%201946%20a%201963.) Consultado em 18 de julho de 2023.

No ano de 1929 a 1930 participa da Aliança Liberal da Revolução de 1930, com a participação de José Alves de Souza Brasil e do Coronel Cordeiro Júnior. Essa união revolucionária destituiu o governo do Amazonas no mês de outubro, e, em novembro, assume o Governo do Estado o tenente Floriano da Silva Machado, e Pereira da Silva ocupa a Secretaria de Estado.

No âmbito do Estado do Amazonas, Francisco Pereira da Silva tem destaque na carreira política, onde foi deputado na constituinte de 1945 a 1946. Porém, foi como Deputado Federal que deu sua grande contribuição para o desenvolvimento regional, com a apresentação, em 1951, do Projeto de Lei nº 1.310, que criava a futura Superintendência da Zona Franca de Manaus-SUFRAMA, e que mudaria a economia de toda a Amazônia.

3.1 Atividades como Deputado Federal

A convivência de Francisco Pereira da Silva no interior da Amazônia, primeiramente no atual Estado do Acre, onde residiu em Tarauacá, depois em Cruzeiro do Sul, e na capital Rio Branco, e, posteriormente, em Manaus, capital do Estado do Amazonas, lhe proporcionou um profundo conhecimento da cultura cabocla e dos problemas que ocorriam com seus conterrâneos nordestinos nos grandes Seringais da Região.

Foram esses conhecimentos que nortearam Francisco Pereira da Silva nas suas atividades de Parlamentar, e que propiciaram a implementação de um novo Modelo Econômico para o Desenvolvimento da Região Norte do Brasil.

Foi eleito pelo PSD para a Câmara dos Deputados, onde exerceu o mandato de Deputado Federal Constituinte, pelo Estado do Amazonas, tendo tomado posse no dia 27/02/1946. Ainda pelo PSD, foi eleito Deputado Federal pelo Estado do Amazonas, tendo tomado posse no dia 11/03/1951, e reeleito para um segundo mandato, assumindo novamente o cargo de Deputado Federal pelo Estado do Amazonas no dia 02//02/1955. Novamente é reeleito para a Câmara dos Deputados, também pelo Estado do Amazonas, pela legenda do PSD,

tomando posse no dia 02/02/1959. E, no final de seu terceiro mandato como representante o Amazonas pelo PSD, encerrou sua carreira política no ano de 1963.

No período em que representou o Estado do Amazonas na Câmara Federal, foi vice-líder do PSD nos anos de 1959–1962. Na Mesa da Câmara, ocupou a Segunda-Suplência. Em 1955, foi o Primeiro-Suplente e Quarto-Suplente em 1958 e 1962. Fez parte como Titular da Comissão Permanente de Planejamento da Valorização da Amazônia. Na Assembleia Nacional Constituinte foi Membro da Comissão Parlamentar da Casa Popular e Membro da Comissão de Inquérito da Campanha da Borracha.

3.2 Cargos Públicos e Atividades Profissionais

Foi Prefeito de Tarauacá no ano de 1920, atuou como Promotor Público, suplente de Juiz de Direito e Secretário da Prefeitura de Cruzeiro Sul, AC; foi Secretário-Geral do Governador do Amazonas em 1930; Procurador do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Marítimos, Rio de Janeiro, 1938-1945; Secretário-Geral do Estado na Primeira Interventoria Álvaro Maia; fundou vários órgãos de imprensa, no Acre, "O *Juruaense*", e "A *Liberdade*", em Manaus; foi Auxiliar de Gabinete do Governador do Amazonas, Alberto Maranhão, 1908-1913; Oficial de gabinete do Governador do Acre, 1921.

3.3 Obras Literárias

Francisco Pereira da Silva, iniciou seus estudos no Colégio Diocesano Santo Antônio de Natal-RN, e, em Manaus-Am, estudou no Ginásio Amazonense. Concluiu o curso de Direito pela Faculdade de Direito do Amazonas. Teve participação literária, escrevendo poemas publicados em *Poemas Amazônicos* – Manáos, 1927 - 179 p. 15x20 cm, impresso na Officina de Augusto Reis. Aparece apenas "Francisco Pereira" na publicação. Ex. bibl. Antônio Miranda - *O Japiim e o Tamurupará*, e um outro publicado em 1998 em *Cantos Amazônicos*. 3ª. edição revista e aumentada. Organização e estudo crítico por Tenório Telles. Manaus, AM: Editora Valer, 1998. 269p. (Série Coleção Resgate, 2) – *Prece Pagã*.

3.3.1 Francisco Pereira da Silva, *Poemas Amazônicos*¹³⁹.



O Japiim e o Tamurupará

Está cantando, na arvore grande, o japiim.

Palhaço e trovador,

É de ouvi-lo saudando a natureza,

Abençoando a floresta e rindo com finura,

Da vida, entre um gorjeio, um salto e um sarcasmo,

Indiferente a tudo que é tristor.

E é de ver-lhe a esbelteza,

O nobre entusiasmo

Da luzidia plumagem negra, de cetim.

E o amarelo-jalde, que fulgura,

¹³⁹ O trabalho do Acadêmico contém esse poema extraído de **SILVA, Francisco Pereira da. Poemas Amazônicos**. Manaus: 1927. 179 p. 15x20 cm. Impresso na Officina de Augusto Reis. Aparece apenas "Francisco Pereira" na publicação. Ex. bibl. Antônio Miranda. Considerando que a ortografia da época não permite uma boa leitura do sentimento poético de Pereirinha, foi decidido usar a versão contida na edição do ano de 1958, do Serviço Gráfico IBGE, Rio de Janeiro.

*Aqui, ali, como résteas de luar,
A iluminar-lhe o vultozinho alado
De antigo menestrel vestido de veludo.
O seu ninho lá está, na altiva sumaumeira,
Pendente, a balouçar, a balouçar.
E ele, motejador, vai cumprindo o seu fado,
Brincando sempre, a rir de todos e de tudo.
Ironista, mordaz, cantando a vida inteira,
Imita, quase sempre, em ferino arremedo,
Por prazer de irritar,
Todos os outros bardos plumitivos,
Que vivem a modular endeixas á alvorada
E às lindas tardes cor-de-rosa.
Desde manhã cedo,
A mata está num dos seus dias mais festivos,
Ouvindo a estrídula balada
Veludosa,
A galhofa sutil desse cantor. A escutar
A alma de sons e luz, sublime, harmoniosa,
Que o japiim traz preso na garganta.
Mas surge, de momento, estranho e luzídio
Trovador,
Transpondo, ameaçador,
O feio ninho de barro,
Estava oculto entre raízes e balseiros,
Disposto a defrontar o japiim que está cantando.*

*E' forte o seu gorjear, que apavora e suplanta
O reluzente ironista e menestrel bizarro.*

Maldito Tamurupará! Por onde passa,

Manda o cartel de desafio

Ao japiim. Seu canto é um toque de rebate.

*E o palhaço-cantor volve ao ninho, tremendo,
Perde a voz, já não ri, nem canta mais.*

Vem de longe esse ódio, entre os dois, revivendo...

Diz a lenda, que, outrora, o avô do japiim,

Vivia arremedando o Tamurupará.

E um dia se feriu no tremendo combate!

Asas feridas! Céus! que drama tão sangrento!

As aves, ainda hoje, choram essa desgraça!

... E o avô do japiim,

Vencido, exausto, exangue,

Morreu, por fim...

Por isso, ainda agora, o vencedor incruento,

O tamurupará, traz no bico assassino

Os laivos escarlates de seu sangue.

Nunca esqueceu! E, ainda, ousado, tripudia

Do neto do vencido!

E quando o japiim arrisca uma ironia,

Através de um gorjeio harmonioso,

Levemente ferino,

Ele surge, a cantar, no seu garganteado

Tamborilante,

Como a dizer, no áspero descante,

Onde aflora o rancor de seus antepassados:

"— Oh! japiim! Vê lá!
Se vais arremedar o tamurupará!
Convém não esquecer:
O sangue de teus avós é um troféu de vitória
Vermelhejando em nossos bicos aguçados."
E o alegre japiim, emudece, a tremer,
Foge para o seu ninho balouçante na árvore grande.
Que tristeza, nessa tarde, em toda a fronde
Da velha sumaumeira onde ele mora!...
O palhaço-cantor, amedrontado, chora!

3.3.2 SILVA, Pereira da. *Cantos amazônicos*



Prece Pagã¹⁴⁰

¹⁴⁰ SILVA, Pereira da. *Cantos amazônicos*. 3ª. edição revista e aumentada. Organização e estudo crítico por Tenório Telles. Manaus, AM: Editora Valer, 1998. 269p. Série Coleção Resgate, 2) 14X21 cm. ISBN 85-86512-01-X - Obs.: Mantido o Português Original http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/amazonas/pereira_da_silva.html Consultado em 27 de julho de 2023

*(...) É preciso, para surpreender-
lhe a grandeza, para sentir-lhe
a religiosa poesia intrínseca,
para compreender-lhe a lição, na
sua insólita didascália, decan-
tada em ritmos evasivos, ajoelhar
aqui e aqui ficar, num ex-voto do
espírito, pendurando à romaria
caótica da floresta a grinalda vo-
tiva de um grande amor... - Adri-
ano Jorge.*

*Terra-mulher! Noiva da luz! Enamorada
Eterna do Grande Rio!
Princesa de olhos glaucos, misteriosos,
Sobre o espelho dos lagos debruçada!
Eu vim de longe, do País Sombrio
Dos Desenganos, para o teu regaço!

Vim pelos teus encantos gloriosos.
Vim pelo braço
Da beleza tua...
E eis-me, agora, a teus pés, Terra Encantada!

Minh'alma, em alvoroço,
Exalta o teu frescor de mulher nua!

Tortura suave do meu sangue moço,
Teu erógeno odor acorda os meus desejos,
Penetrando os refolhos
Dos meus cinco sentidos despertados.

E, ao róseo despontar dos dias orvalhados,
Eu sinto amar a vida
Que freme na alegria dos meus olhos
E canta na volúpia dos teus beijos!*

*Terra Verde do Amor! Vim para o doce enleio
De tua primavera re florida,
E eis-me, vitorioso, no teu seio!*

*Quando, em noites de luar, eu estiver contigo,
No embalsamado abrigo
Das frondescências de esmeralda e prata,
Certo, me contarás tuas lendas mais belas,
E os idílios que rolam pela mata,
Sob os olhares vivos das estrelas.*

*Dirás, então,
Aquela história dolorosa,
Das iaras que gemem em suas mágoas,
Numa suave canção,
Perturbadoramente angustiada,
De desespero e de saudade,
Ferindo o coração tristíssimo das águas.*

*E assim, terra-ideal, iremos, vida adiante,
Num enleio de eterna mocidade.
Eu, o poeta pagão, ao som dos alaúdes
Selvagens, cantarei a beleza triunfante
Dos teus seios formosos, inundados
De seiva, e luz, e glórias, e harmonias!*

*Transfigurada ouvirás meus versos inflamados,
Glorificando as frondes e os paludes,
E as infrenes caudais das correntes bravias!*

*Hei de amar e querer sempre, essa vida
Que promana de ti!
Que vem da exaltação de teus encantos.
Porque tu és,
Terra florida,
Deliciosa noiva de Yacy,
A nota genesiaca de meus cantos!*

*... Eu vim de longe, cheio de fervor,
Para prostrar-me, humílimo, a teus pés.
Dá-me, Terra-mulher, o teu amor!*

4 O Sonho de um Porto Franco em Manaus é Realizado

4.1 Superintendência da Zona Franca de Manaus – SUFRAMA

A Zona Franca de Manaus é um modelo econômico de desenvolvimento estabelecido na cidade de Manaus em 1967 pelo Decreto-Lei 288. No Brasil, esse período esteve impulsionado pela forte industrialização pelo qual o país estava passando depois do governo de Juscelino Kubitschek. Ainda no governo de Juscelino Kubitschek, a Lei nº 3.173, de 6 de junho de 1957, criou uma Zona Franca na cidade de Manaus, que na verdade, somente foi efetivada 10 anos depois com o Decreto-Lei 288. Esse decreto alterou e regulamentou a Lei anterior, e ainda aumentou os limites para além da cidade de Manaus.

4.1.1 Trechos da Lei nº 3.173, lançada no governo de Juscelino Kubitschek.

Art. 1º – É criada em Manaus, capital do Estado do Amazonas, uma zona franca para armazenamento ou depósito, guarda, conservação beneficiamento e retirada de mercadorias, artigos e produtos de qualquer natureza, provenientes do estrangeiro e destinados ao consumo interno da Amazônia, como dos países interessados, limítrofes do Brasil ou que sejam banhados por águas tributárias do rio Amazonas.

Art. 2º – O Governo Federal fará demarcar, nas imediações da cidade, à do rio Negro e em lugar que reúna condições de calado e acostagem, uma área de terras não inferior a duzentos hectares, onde ficará localizada zona

franca, com as instalações e serviços adequados ao seu funcionamento.

§ 1º – As terras destinadas à zona franca criada nesta lei serão obtidas por doação do Governo do Estado do Amazonas ou mediante desapropriação para fins de utilidade pública, na forma da legislação em vigor.

4.1.2 Trechos do Decreto-Lei 288 que estabeleceu os limites e objetivos atuais

“Art. 1º A Zona Franca de Manaus é uma área de livre comércio de importação e exportação e de incentivos fiscais especiais, estabelecida com a finalidade de criar no interior da Amazônia um centro industrial, comercial e agropecuário dotado de condições econômicas que permitam seu desenvolvimento, em face dos fatores locais e da grande distância, a que se encontram, os centros consumidores de seus produtos.

Art 2º O Poder Executivo fará, demarcar, à margem esquerda dos rios Negro e Amazonas, uma área contínua com uma superfície mínima de dez mil quilômetros quadrados, incluindo a cidade de Manaus e seus arredores, na qual se instalará a Zona Franca.

§ 1º A área da Zona Franca terá um comprimento máximo contínuo nas margens esquerdas dos rios Negro e Amazonas, de cinquenta quilômetros a jusante de Manaus e de setenta quilômetros a montante desta cidade.

§ 2º A faixa da superfície dos rios adjacentes à Zona Franca, nas proximidades do porto ou portos desta, considera-se nela integrada, na extensão mínima de trezentos metros a contar da margem.

“Art. 3º O Poder Executivo, mediante decreto e por proposta da Superintendência da Zona Franca, aprovada pelo Ministério do Interior, poderá aumentar a área

originalmente estabelecida ou alterar sua configuração dentro dos limites estabelecidos no parágrafo 1º deste artigo.”

Quando foi implementada, o principal objetivo da Zona Franca era fomentar o desenvolvimento econômico da região. Além disso, ela focava na integração entre os Estados do Norte, e tinha o intuito de promover a ocupação desse espaço. Isso porque a região Norte é a menos populosa do Brasil.

Vantagens como as taxas alfandegárias reduzidas, área de livre comércio de importação, exportação e incentivos fiscais, atraiu diversas empresas e indústrias nacionais e estrangeiras para o local.

As áreas de livre comércio da Zona Franca de Manaus são: Tabatinga (AM); Macapá/Santana (AP); Guajará-Mirim (RO); Boa Vista e Bonfim (RR); Brasília, Epitaciolândia e Cruzeiro do Sul (AC).

4.2 Manaus Metrôpoles da Amazônia; Desenvolvimento e Consequências

As definições dos conceitos *Urbanismos* e *Cidade*, são muito bem definidos pela Geografia, que nos oferece uma exemplificação bastante interessante: *“Em uma escala real, podemos compreender a objetividade que é construída por uma permanente transformação social. E essas transformações sociais, nos levam a entender que tanto o urbano como a cidade envolvem histórias, onde na cidade elas são mais específicas”*¹⁴¹.

A História da cidade de Manaus, tem seu início oficialmente, com a construção do Forte de São José do Rio Negro, no século XVII. Esse fato, foi em decorrência da necessidade do reino português em defender a Região Amazônica das invasões principalmente, dos holandeses, espanhóis e franceses. Iniciando-se assim, ao redor do Forte,

¹⁴¹ **História da cidade e do urbano em Manaus** - Wix.com – <https://acidadecourbano.wixsite.com/blog/single-post/2016/09/26/hist%C3%B3ria-da-cidade-e-do-urbano-em-manaus>. Acessado em 26 de julho de 2023.

um Arraial que se consolida e adquire condições de se transformar na capital da capitania de São José do Rio Negro e que posteriormente, no nascer do século XIX é elevada a Vila com o nome de Manaós e se consolida como cidade de Manaus, capital do Estado do Amazonas.

No amanhecer do século XX a cidade de Manaus passa por uma intensa transformação em função do Ciclo da Borracha. O Látex era explorado como matéria prima necessária para fins de produção da indústria internacional por empresas com sede fora do país. Advindas de países como Inglaterra, Alemanha, Estados Unidos etc., essas empresas concentravam tecnologias necessárias para tal produção, cabendo ao Brasil somente a posição de explorado, como no período colonial.

Este ciclo foi, na época, o principal impulso da economia nacional transformando a cidade de Manaus em uma região de concentração de capital e estrutura urbana, ainda que o interior do estado do Amazonas fosse relegado desse processo, reforçando a ideia da existência de *“tempos acelerados X tempos lentos”*, sendo os primeiros, formas atualizadas em lugares hegemônicos e os segundos exatamente oposto¹⁴².

Outro ponto relevante dessa transformação foi a migração de mais de quinhentos mil nordestinos à localidade produtora, gerando um grande crescimento populacional na cidade. Os migrantes, conhecidos como seringueiros, eram submetidos a um sistema de exploração patronal marcado pelo endividamento crescente deles.

4.2.1 Consequências da Implantação da SUFRAMA

A cidade de Manaus foi o local escolhido para a implementação da Zona Franca de Manaus, que na época já apresentava um processo

¹⁴² SANTOS, Milton. Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e meio técnico-científico-informacional. São Paulo: Hucitec, 1985.

<https://www.amazon.com.br/T%C3%A9cnica-Espa%C3%A7o-Globaliza%C3%A7%C3%A3o-T%C3%A9cnico-cient%C3%ADfico-Informacional/dp/8531410495>; Acesso em 30 de julho de 2023.

de urbanização um pouco acelerada e desigual. Porém, é nessa metade do século XX que a capital do Estado do Amazonas passa a ser o *locus* da concentração do capital e da reprodução da força de trabalho. É o lugar da produção e da ausência de políticas públicas, das práticas sociais e de resistência. Mesmo com todo os benefícios financeiros, a cidade de Manaus não foge à regra: de um simples povoado, uma vila, é agora, uma cidade muito diferente de quando era no amanhecer do século XX, com seu passado extrativista e com a economia estagnada.

Novas oportunidades, novos horizontes e nova transformação. Estamos no ano de 1967, ano que marca um novo momento histórico: a implantação do modelo econômico Zona Franca de Manaus, no âmbito da política regional de integração nacional dos governos militares. Essa nova modalidade de capitalismo transforma a cidade de Manaus. As mudanças trazidas pelo processo de industrialização afetam rapidamente a vida cotidiana dos amazonenses.

A capital do Estado do Amazonas tem sua estrutura toda modificada, ocasionada por uma nova modalidade de urbanização da cidade. O espaço urbano ganha uma outra visibilidade com o crescimento populacional decorrente do processo migratório que ocorre com a formação de inúmeros bairros, que passam a constituir a periferia da cidade. Em decorrência dessa urbanização acelerada e desordenada, que teve início no amanhecer do século XX, ainda no abrolhar do século XXI Manaus vem se deparando com um número elevado de ocupações irregulares, as chamadas “invasões”.

Em uma rápida análise desse processo histórico, podemos compreender que a produção do espaço de Manaus caracteriza-se por dois pontos centrais: o efeito dos processos de tempo e mudança, e as noções de forma, função e estrutura. Isto é, devido ao “Ciclo da Borracha” a cidade de Manaus constituiu-se como nos dias de hoje. Um exemplo disso é dado por um importante ponto cultural da cidade, o Teatro Amazonas, finalizado no ano de 1896.¹⁴³

¹⁴³ **História da cidade e do urbano em Manaus** - Wix.com
<https://acidadeourbano.wixsite.com/blog/single-post/2016/09/26/hist%C3%B3ria-da-cidade-e-do-urbano-em-manau>. Acessado em 26 de julho de 2023.

4.2.2 - Importância da Zona Franca de Manaus

A Zona Franca de Manaus possui um forte impacto econômico na região, uma vez que emprega mais de meio milhão de pessoas. Sua criação foi e continua sendo muito importante, na medida que permitiu a industrialização e desenvolvimento da região, que até então estava concentrado na região Sudeste do país.

A integração entre os Estados da região Amazônia está se consolidando e devemos ressaltar que foi essencial para aumentar a população nesta região, considerada uma das menores demografias do país. Entretanto, a Zona Franca de Manaus-ZFM, apresenta pontos positivos tais como o desenvolvimento comercial e econômico da região; mercadorias beneficiadas com incentivos fiscais; taxas alfandegárias reduzidas; benefícios para as empresas e indústrias, e geração de emprego e renda. Por outro lado, podemos destacar seus pontos negativos: esgotamento econômico; altos gastos do poder público, e dificuldade no escoamento de produtos¹⁴⁴.

4.2.2 Consequências Econômicas e o Novo Urbanismo na Cidade de Manaus.

Com a implantação do Modelo Econômico da Zona Franca de Manaus, o Estado do Amazonas inaugura um Novo Ciclo Econômico, voltado para a industrialização da cidade de Manaus. É o progresso! Novos empregos! Porém o interior do estado do Amazonas não é contemplado, e se inicia uma evasão populacional que tem um destino certo: a Zona Franca de Manaus. Não é só o interior do estado do Amazonas. São pessoas de todos os estados brasileiros que se deslocam para cidade de Manaus em busca de emprego.

Essa imigração, causou uma ocupação desordenada do uso do solo na cidade de Manaus, que ainda não foram analisadas ou estudadas corretamente. E quando tentamos explicar, utilizamos somente as

¹⁴⁴ ASSAD, T. M. A Problemática das “Invasões” na Cidade de Manaus: Perspectivas de Legalização Fundiária à Luz do Estatuto da Cidade http://www.publicadireito.com.br/conpedi/manaus/arquivos/anais/manaus/novos_desafios_tamera_maciele_assad.pdf. Acesso em 13 de agosto de 2023

dimensões sociais, econômicas, políticas e jurídicas, propositalmente relegadas a fatores como “culpa dos migrantes”; “indústria da invasão”; “ausência de políticas públicas”; “déficit habitacional”. Porém sua existência estaria mais ligada a graves problemas sociais e econômicos, ou seja, a exclusão social e o não-trabalho¹⁴⁵. As condições urbanas e habitacionais no Brasil, o modelo de desenvolvimento, e a expansão que comandou nossa urbanização acelerada, produziram cidades marcadas pela presença das chamadas “periferias” e “favelas”. Essa urbanização vertiginosa ao final de um período de acelerada expansão da economia brasileira introduziu um novo e dramático significado: “*As cidades passaram a retratar e reproduzir, as injustiças e desigualdades da sociedade*”¹⁴⁶.

Milhares de amazonenses não têm acesso ao solo urbano e à moradia, senão através de processos e mecanismos informais – e frequentemente ilegais - resultando em um habitat precário, vulnerável e inseguro. Favelas, loteamentos e conjuntos habitacionais irregulares, loteamentos clandestinos, cortiços, ocupações em áreas públicas, nas encostas e beiras de rios – essas têm sido as principais formas de habitação produzidas diariamente nas cidades brasileiras pela maior parte de nossos moradores urbanos¹⁴⁷.

Em Manaus, os problemas decorrentes da urbanização acelerada se tornam patentes especialmente a partir da criação da Zona Franca de Manaus. Foi um momento importante para o processo de desenvolvimento do Estado do Amazonas, que passou a atrair grandes números de pessoas oriundas de outros estados. Esse aumento da

¹⁴⁵ ASSAD, T. M. – Ob. Cit.

¹⁴⁶ SUFRAMA. <https://www.todamateria.com.br/zona-franca-de-manauis/consultado> em 18 de julho agosto de 2023.

¹⁴⁷ CYMBALISTA, Renato. (2005). “Refundar o não fundado: desafios da gestão democrática das políticas urbana e habitacional do Brasil”. Disponível em: <https://polis.org.br/publicacoes/refundar-o-nao-fundado-desafios-da-gestao-democratica-das-politicas-urbana-e-habitacional-no-brasil/> Acesso em 20 de julho 2023.

população em Manaus trouxe consequências para o agravamento da questão urbana, da saúde pública, e da exclusão social¹⁴⁸.

4.2.3 Manaus a Metrôpoles da Amazônia

O sonho idealizado de Aureliano Tavares Bastos, por um Porto Franco, na cidade de Manaus, em 1860, só foi realizado graças a vivência e o profundo conhecimento da realidade Amazônica de Francisco Pereira da Silva e suas atuações na Câmara dos Deputados, com a apresentação do Projeto de Lei nº 1.310, de 1951, que com sua aprovação, mudou completamente o modelo econômico do Estado do Amazonas e propiciou um novo modelo de desenvolvimento para a cidade de Manaus, e beneficiando toda a Amazônia.

Cinquenta anos depois da implementação da Zona Franca as transformações que ocorreram na cidade de Manaus foram enormes: aumento populacional (hoje a estimativa é de 2 255 903 habitantes, conforme indicativo do IBGE em 2021), que a coloca na posição de “*sétima cidade mais populosa brasileira*”¹⁴⁹.

Em 30 de maio de 2007, foi criada a Região Metropolitana de Manaus, através da Lei Estadual nº 52, com vistas à organização, ao planejamento e à execução de funções públicas e serviços de interesse metropolitano, ou comuns. Atualmente é constituída por 13 municípios, sendo a maior metrópole da região Norte, com mais de 2,6 milhões de habitantes, e a décima primeira mais populosa do Brasil. Seu Produto Interno Bruto (PIB) somava em 2016 cerca de R\$ 76,613 bilhões, dos quais cerca de 90% pertenciam à cidade de Manaus.

O desenvolvimento industrial da cidade de Manaus, graças à SUFRAMA, colocou Manaus na terceira colocação da categoria “*empreendedorismo*”, do *Ranking Connected Smart Cities*, de 2021, e na

¹⁴⁸ FERNANDES, Edésio. “Por uma política e um Programa Nacional de Apoio à Regularização Fundiária Sustentável: uma proposta inicial para consulta e ampla discussão”. Disponível em: <http://www.irib.org.br/print/salas/boletimel743a.asp>. Consultado em 24 de julho de 2023.

¹⁴⁹ **Cartilha Direitos Humanos**. Disponível em:

http://www.dhnet.org.br/dados/cartilhas/dht/br/rs/terra_trab/dh_moradia.html

Acesso em 28 de julho de 2023.

31ª entre as *Cidades Empreendedoras*, do Índice de Cidades Empreendedoras (2022)¹⁵⁰.

Manaus exerce significativa influência como metrópole regional, influenciando cerca de 4,5 milhões de pessoas nos estados do Amazonas e Roraima, sendo a segunda maior rede urbana em área do Brasil. É o centro político, financeiro, comercial, educacional e cultural do Amazonas, representando em torno de 84% da economia, e 64% da população do estado. Em 2017, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da Grande Manaus era considerado *alto* pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), cujo valor, de 0,767, é o maior dentre todas as regiões metropolitanas da região Norte, e o 12º do país.

Todos os benefícios financeiros oriundos da Zona Franca de Manaus não foram capazes de construir, ou mesmo adequar, um modelo de desenvolvimento e expansão que acompanhasse a urbanização acelerada no estado do Amazonas, principalmente na cidade de Manaus e sua região metropolitana, onde foram produzidas regiões marcadas pela presença das “*invasões*”. As consequências dessa acelerada expansão da economia da cidade de Manaus, fez surgir um novo e dramático processo: a cidade passou a retratar e reproduzir as injustiças e desigualdades sociais¹⁵¹.

O Conselho de Arquitetura e Urbanismos, em matéria publicada no dia 10/04/2017, com o Título “Manaus sofre com sérios problemas de urbanização”, faz um paralelo entre o Ciclo da Borracha e o Projeto Zona Franca de Manaus e comenta o crescimento acelerado e o novo Modelo Econômico:

“A região Amazônica passou por diversas transformações e isso ocorreu pelo processo de urbanização da cidade. O período da borracha foi o primeiro degrau para

¹⁵⁰ «LOCALIZAÇÃO ESTRATÉGICA». Suframa Invest. Consultado em 24 de julho de 2023.

¹⁵¹ SUFRAMA. <https://www.todamateria.com.br/zona-franca-de-manaus/>consultado em 18 de julho agosto de 2023.

tornar Manaus uma cidade geradora de renda e um lugar acolhedor ao povo do norte e nordeste brasileiro.

Em outro momento, o projeto Zona Franca foi um salto para a economia no Estado, mas com ele surgiram ocupações irregulares porque as pessoas precisavam de um lugar para morar. Com isso, a floresta ia sendo devastada, a cidade crescendo e a economia também.

Nesse processo de crescimento acelerado pelo qual a cidade se inseria, mais um ciclo de desenvolvimento se cumpria, refletindo significativamente na economia, no projeto arquitetônico da cidade e principalmente na cultura que foi difundida.

A criação dos bairros ao longo dos anos não considerou os recursos planejados, pois esse processo consegue refletir nas condições que hoje não aparecem como desfavoráveis na cidade e nos bairros estudados, como a desvalorização dos igarapés, ocasionado pelas populações que residem às margens de rios e invasões, em péssimas condições de vida.

Constatou-se que, assim como o Ciclo da Borracha e a Zona Franca de Manaus e do conseqüente aumento da população urbana na cidade, ficou evidente que existe uma relação desconstruída entre os modelos de estrutura econômica representados e o padrão de urbanização existente na cidade, tendo em vista que estes modelos foram ou continuam sendo, até os dias atuais, como concentrador de renda, mas, conseqüentemente, gerador de desigualdades.

Faz-se necessário, portanto, maior investimento para a educação da população local, de modo a possibilitar tanto o desenvolvimento econômico de maneira sustentável, como o arrefecimento das disparidades socioeconômicas que se distribuem pelo espaço urbano de Manaus,

*entretanto, com a crise que o Brasil vem enfrentando, não se vislumbra uma reforma – em curto prazo, nem em médio prazo -, quer seja ela urbana, política e/ou socioeconômica, pensada para a cidade de Manaus”.*¹⁵²

5. Síntese Biográfica de Francisco Pereira da Silva

Francisco Pereira da Silva, no mundo político do Amazonas era mais conhecido como “*Pereirinha*”, e, após a implantação da SUFRAMA, ficou conhecido como o *Pai da Zona Franca de Manaus*.

Raríssima pessoa tem coragem de enfrentar o desconhecido, e Francisco Pereira da Silva, natural de Água Maré, no município de Macau no Rio Grande do Norte, ainda muito jovem é obrigado e emigrar para a desconhecida Amazônia, devido à Grande Seca e epidemia de cólera que assolou o nordeste brasileiro no período de 1877 a 1878. E ao chegar no município de Cruzeiro do Sul, no estado do Acre, encontra uma realidade completamente diferente e hostil para quem desconhece a realidade Amazônica.

Passou como todo nordestino por inúmeras privações, como Orellana, que em 1541 ficou isolado com a sua expedição no rio Coca, no Peru, e vendo a situação dramática, assim se expressa aos seu comandados: “*Voltar seria empresa temerária, devido às correntezas impetuosas. Prosseguir seria a solução que se impunha. Reuniu-se o grupo em concílio e deliberou seguir este último alvitre e entregou a expedição aos favores da misericórdia divina*”¹⁵³.

Francisco Pereira da Silva não desistiu de seu objetivo. Mesmo enfrentando situações adversas, formou-se pela Faculdade do Amazonas no curso de Direito¹⁵⁴.

¹⁵² «**Radar IDHM: evolução do IDHM e de seus índices componentes no período de 2012 a 2017**» (PDF). Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). 2019. Consultado em 21 de julho de 2023.

¹⁵³ **JOBIM**, Anízio (1957). O Amazonas sua História – ensaio antropogeográfico e político. Obra executada na oficina da São Paulo Editora S/A. São Paulo- Brasil. In: Biblioteca Pedagógica Brasileira Brasileira Série 5ª Vol. 292 <https://bdor.sibi.ufrj.br/bitstream/doc/64/1/292%20PDF%20-%20OCR%20-%20RED.pdf> consultado em 18 de julho de 2023.

¹⁵⁴ **BRASIL**, CPDOC- Centro de Pesquisas e Documentação História Contemporânea – Ob. Cit.

Passou a residir em Manaus-Am desde 1923, e fez parte da revolta de julho de 1924, que ocorreu em Manaus, São Paulo e Sergipe, derrubou o governador do estado do Amazonas, quando Francisco Pereira da Silva assume o cargo de Secretário de Polícia Civil¹⁵⁵.

Durante sua breve passagem pelo estado do Acre, foi Prefeito de Tarauacá no ano de 1920, atuou como Promotor Público, suplente de Juiz de Direito e Secretário da Prefeitura de Cruzeiro Sul, AC. Oficial de gabinete do Governador do Acre, 1921. No estado do Amazonas, foi Secretário-Geral do Governador do Amazonas em 1930; Procurador, Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Marítimos, Rio de Janeiro, 1938-1945; Secretário-Geral do Estado na Primeira Interventoria Álvaro Maia; fundou vários órgãos de imprensa, no Acre, "*O Juruense*", e "*A Liberdade*"; em Manaus, foi Auxiliar de Gabinete do Governador do Amazonas, Alberto Maranhão, 1908-1913.

No período entre 1929 a 1930, participa da Aliança Liberal da Revolução de 1930 ao lado de José Alves de Souza Brasil e do Coronel Cordeiro Júnior. Essa união revolucionária, destitui o governo do Amazonas no mês de outubro, e em novembro assume o tenente Florino da Silva Machado no governo do Estado, e Pereira da Silva ocupa a Secretaria de Estado.

Foi eleito pelo PSD para a Câmara dos Deputados, onde exerceu o mandato de Deputado Federal Constituinte pelo Estado do Amazonas e tendo tomado posse no dia 27/02/1946. Ainda pelo PDS, foi eleito Deputado Federal pelo Estado do Amazonas e tendo tomado posse no dia 11/03/1951 e reeleito para um segundo mandato e assumido novamente o cargo de Deputado Federal pelo Estado do Amazonas no dia 02//02/1955. É novamente é reeleito para a Câmara dos Deputados, também pelo Estado do Amazonas, pela legenda do PDS, tomando posse no dia 02/02/1959. No final de seu terceiro mandato

¹⁵⁵ BRASIL, CPDOC- Centro de Pesquisas e Documentação História Contemporânea. «SILVA, FRANCISCO PEREIRA DA. CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil». [https://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_Pereira_da_Silva_\(pol%C3%ADtico_brasileiro\)#::~:~:text=Francisco%20Pereira%20da%20Silva%20\(Macau,Amazonas%20de%201946%20a%201963](https://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_Pereira_da_Silva_(pol%C3%ADtico_brasileiro)#::~:~:text=Francisco%20Pereira%20da%20Silva%20(Macau,Amazonas%20de%201946%20a%201963). Consultado em 18 de julho de 2023.

como representante o Amazonas pelo PSD, encerrou sua carreira política no ano de 1963.

No período em que representou o Estado do Amazonas na Câmara Federal, foi vice-líder do PDE nos anos de 1959–1962. Na Mesa da Câmara ocupou a Segunda-Suplência. Em 1955, foi o Primeiro-Suplente e Quarto-Suplente em 1958 e 1962. Fez parte como Titular da Comissão Permanente de Planejamento da Valorização da Amazônia. Na Assembleia Nacional Constituinte foi Membro da Comissão Parlamentar da Casa Popular e Membro da Comissão de Inquérito da Campanha da Borracha.

No âmbito do estado do Amazonas, tem destaque na carreira política, onde foi deputado na constituinte de 1945 a 1946. Porém, foi como Deputado Federal que deu sua grande contribuição para o desenvolvimento regional, com a apresentação, em 1951, do Projeto de Lei nº 1.310, que criava a futura Superintendência da Zona Franca de Manaus, e que mudaria a economia de toda a Amazônia.

OCUPANTE Nº 01 - JOSÉ MARIA NOGUEIRA

José Maria Nogueira, nasceu em Óbidos-PA, em 27 de maio de 1941. Filho Luiz Cativo de Melo Nogueira e Antônia Almeida Nogueira, tornando-se técnico em Edificações pela Escola Técnica Federal do Amazonas e posteriormente formando-se em Administração

com especialização em Administração no Serviço Público. É funcionário público já aposentado¹⁵⁶.

O Acadêmico José Maria Nogueira foi admitido na Academia Amazonense Maçônica de Letras no dia 19 de julho de 2002, mas só no dia 16 de agosto de 2002 apresentou trabalho sobre o Patrono por ele escolhido, Francisco Pereira da Silva¹⁵⁷.

Fonte:
Acervo da AAML



Uma “Anotação” de nove de abril de 2002, anexada à Ata da Reinstalação, indica José Maria Nogueira como Presidente Efetivo da Diretoria Administrativa para o período de janeiro a outubro de 2004.

A Academia teve uma Diretoria Provisória quando de sua fundação, e outra desde a data do seu soerguimento, em dezanove de abril de 2002, até trinta e um de dezembro do ano seguinte. O Presidente da Diretoria Provisória do soerguimento foi o Acadêmico Ananias Barbosa. José Maria Nogueira o sucedeu, e foi o primeiro Presidente Efetivo da Academia depois do soerguimento, no período de janeiro a outubro de 2004. Esse mandato sofreu sucessivas reeleições, e se estendeu até 14 de fevereiro de 2009, quando José Maria Nogueira se despediu do cargo passando o comando do Silogeu ao Acadêmico Raimundo Colares Ribeiro, depois de entregar uma placa de “Amigo da Academia”¹⁵⁸ ao Presidente da Imprensa Oficial do Estado do Amazonas.

¹⁵⁶ Dados biográficos extraídos do Memorial, Edição 2008.

¹⁵⁷ Esses fatos estão registrados respectivamente nas Ata a N° 04 e N° 05, ambas do ano de 2002.

¹⁵⁸ Ata N° 05/2003, confirmado na Ata N° 006/2004, e Ata N° 05/2006, de 19/10/2006. A Ata da Sessão de Posse, de 14/02/009, registra a transferência do cargo de Presidente de José Maria Nogueira para Raimundo Colares Ribeiro.

Ainda na Presidência, José Maria Nogueira organizou o Primeiro Memorial da Academia, entregue aos Acadêmicos no mês de agosto de 2008, obra que registra as atividades do Silogeu, e dos Acadêmicos, até o ano de 2007.

Depois de deixar o cargo de Presidente, José Maria Nogueira foi eleito Mestre de Cerimônia, sendo sucessivamente reeleito para esse cargo, e nele permanecendo até o ano de 2019, quando foi eleito Vice-Presidente da Academia para o período 2019/2021¹⁵⁹.

Além desses cargos administrativos, José Maria Nogueira foi membro da Comissão de Admissão, que tem como função receber, avaliar e emitir Parecer Conclusivo sobre processos de pedido de admissão à Cadeira Vaga da Academia¹⁶⁰.

Depois de muito contribuir com o processo de soerguimento da Academia, reestruturação da Administração e manutenção do seu funcionamento, José Maria Nogueira foi agraciado com o título de Acadêmico Emérito¹⁶¹, e hoje desfruta do respeito, consideração e estima dos seus confrades.

Sua produção literária resultou em três livros: *Maçonaria – Doutrina, Carisma, Poder e Mulher*, obra que objetiva facilitar uma melhor compreensão do assunto que deu forma ao trabalho, tornando-o uma fonte de consultas por conter matéria abrangente na linha cultural maçônica; *Construindo seu Templo* - Registro dos acontecimentos marcantes da História da Loja da Unificação maçônica em 1967; *Narrativa de um Sonho* – Fantasia do autor.

¹⁵⁹ Em 20/02/2011 foi eleito Mestre de Cerimônia da AAML para o biênio 2011/2012.; No dia 09/11/2013 foi reeleito Mestre de Cerimônias; Em 28/07/2017 foi eleito Mestre de Cerimônia; No dia 14/09/2019 foi eleito 1º Vice-Presidente para o biênio 2019/2021.

¹⁶⁰ Ato Administrativo Nº 02, de 25/11/2021.

¹⁶¹ Ato Administrativo Nº 01, de 04/04/2022.

Ainda no mundo das letras, José Maria Nogueira é membro da Academia de Letras, Ciências e Artes do Amazonas desde cinco de outubro de 2010.

Na Maçonaria, José Maria Nogueira é membro da Loja “Unificação Maçônica” número 1125, da constelação do Grande Oriente do Brasil. Foi iniciado em 12 de agosto de 1967, recebendo o Cadastro de Identificação Maçônica número 084535, e o nome simbólico José Veríssimo. Mestre Instalado a partir de 11 de junho de 1977. Na Loja, foi Tesoureiro (cinco vezes); Secretário (três vezes); Mestre de Cerimônia (uma vez); Vigilante (três vezes); Orador (quatro vezes); Venerável Mestre (três vezes); Membro de Comissões, e Deputado Federal por um mandato¹⁶².

É benemérito da Ordem, registrado no poder central sob no. 83193; e possui o título de honra ao mérito expedido pela Loja. É Grande Inspetor Geral do Consistório Nº 14, proclamado em 01 de dezembro de 1990, patente número 169875¹⁶³.

Foi Membro do Conselho Maçônico Estadual do GOEAM¹⁶⁴.

¹⁶² Dados extraídos do Memorial, Edição 2008.

¹⁶³ Idem, Idem.

¹⁶⁴ Idem, Idem.

OCUPANTE Nº 02 - SÉRGIO R. B. BRINGEL¹⁶⁵

Sérgio Roberto Bulcão Bringel

Fonte: Acervo da AAML



Empossado dia três de fevereiro do ano de 2024 na Cadeira Nº 19 da Academia Amazonense Maçônica de Letras, Sérgio Roberto Bulcão Bringel, é natural de Parintins-Am, nascido no dia 27 de dezembro de 1948. Filho de Camilo Lopes Bringel e Geminiana Campos Bulcão Bringel, iniciou seus estudos no Grupo Escolar Araújo Filho, em Parintins-Am. Em 1961 cursou o 1º ano do curso ginásial no Instituto Cristhus do Amazonas, em Manaus-Am, sendo transferido em 1962 para a Escola Técnica Federal do Amazonas, onde concluiu seu curso ginásial em 1965. Iniciou seu curso Técnico em Edificações em 1966,

também na Escola Técnica Federal, do Amazonas, em Manaus-AM, e concluiu em 1968.

Possui graduação em Química pelo Instituto de Ciências Exatas da Universidade Federal do Amazonas, onde concluiu em 1974.

Em 1980, com Bolsa da Comissão Nacional de Energia Nuclear, CNEN, defendeu sua Dissertação de Mestrado em Energia Nuclear na Agricultura, no Centro de Energia Nuclear da Agricultura-CENA, da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz-ESALQ, da Universidade de São Paulo-USP, obtendo o Título de M. Sc. com a Dissertação Hidroquímica da Bacia do Rio Parauari-Maués Açú, sob a orientação do Prof. Dr. Henrique Bergamin Filho, em Piracicaba -SP.

¹⁶⁵ Autobiografia do Acadêmico.

Em 1989 concluiu seu curso de Doutorado, Conceito CAPES 7, como bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq, obtendo o Título de Doutor em Agronomia (Solo e Nutrição de Plantas), pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz-ESALQ da Universidade de São Paulo-USP, onde defendeu a tese Caracterização Química dos Sedimentos de Várzeas da Amazônia Central, tendo como Orientador o Prof. Dr. Carlos C. Cerri, em Piracicaba-SP.

Atualmente é Professor Adjunto aposentado pela Universidade do Estado do Amazonas, e Pesquisador Titular aposentado pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia/INPA/MCTI;

Ex-Professor Visitante da Universidade Federal do Oeste do Pará; Ex-Professor Visitante da Universidade Federal do Pará; Ex-Professor-Orientador da Universidad de León-Espanha / Fundação Universitária FUNIBER; Ex-Professor da Universidade Luterana do Brasil, Manaus-AM;

Conselheiro Titular do Conselho Estadual de Recursos Hídricos do Amazonas-CERHAM; Consultor da Fundação de Amparo a Pesquisas do Estado do Amazonas; Conselheiro Titular do Fórum Amazonense de Mudanças Climáticas-FUNC; Ex Conselheiro Titular do Conselho Estadual de Geodiversidade do Amazonas; Ex-Conselheiro do Conselho da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Rio Uatumã; Ex-Conselheiro da Reserva Biológica do Rio Uatumã; Consultor da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Pernambuco;

Membro do Conselho Editorial da Revista AMBIÊNCIA da Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, Paraná; Membro do Conselho Editorial da Revista Química Industrial; Membro do Conselho Editorial da Revista Holos; Membro da Academia Amazonense de Química (Adormecida);

Membro da Associação Brasileira de Química; Membro da Associação Brasileira de Recursos Hídricos; Ex-Presidente do Conselho Regional de Química da XIV Região; Ex-Presidente da Associação Brasileira de Química Regional Amazônia Ocidental; Perito em

Química Ambiental; tem experiência na área de Química Ambiental, com ênfase em Ciências Exatas e da Terra, atuando principalmente nos seguintes temas: poluição ambiental, bacia hidrográfica, recursos hídricos, bacia amazônica e hidro geoquímica.

No exercício de suas atividades profissionais, foi homenageado com Prêmios e/ou Títulos Honoríficos:

- 01. DIPLOMA DE HONRA AO MÉRITO.** Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia/INPA, 1987;
- 02. RELEVANTES SERVIÇOS PRESTADO AO BRASIL** Conselho Federal de Química /CFQ, 1993;
- 03. DIPLOMA DE HONRA AO MÉRITO.** Conselho Regional de Química/ CRQ XIV, 1994;
- 04. RELEVANTES SERVIÇOS PRESTADO AO BRASIL** Conselho Federal de Química/ CFQ, 1998;
- 05. PLACA DE HONRA AO MÉRITO.** Conselho Regional de Química/CRQ XIV, 1999;
- 06. RELEVANTES SERVIÇOS PRESTADOS AO BRASIL.** Conselho Federal de Química, 2004;
- 07. PLACA DE HOMENAGEM DE 30 ANOS DEDICADOS AO DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA NA AMAZÔNIA.** Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia/INPA/MCTI, 2005;
- 08. SERVIÇO RELEVANTE PRESTADO AO BRASIL** Conselho Federal de Química/CFQ, 2006;
- 09. 20 ANOS DA DELEGACIA DO CRQ-XIV EM PORTO VELHO.** Delegacia do CRQ XIV de Porto Velho, RO, 2008;
- 10. SERVIÇOS RELEVANTES PRESTADOS AO ESTADO DO AMAZONAS** Conselho Estadual de Recursos Hídricos do Estado do Amazonas, 2008;
- 11. PROFISSIONAL DA QUÍMICA 20 ANOS CONSELHO REGIONAL DE QUÍMICA CRQ-XIV,** 2008;

- 12. PRESIDENTE (1988-1994) CONSELHO REGIONAL DE QUÍMICA CRQ- XIV;**
- 13. CONSELHEIRO 20 ANOS CONSELHO REGIONAL DE QUÍMICA CRQ-XIV, 2008;**
- 14. HOMENAGEM AOS VETERANOS DO INPA Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 2010;**
- 15. SERVIÇO RELEVANTE PRESTADO AO BRASIL Conselho Federal de Química, 2014;**
- 16. HONRA AO MERITO. Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas, 2015;**
- 17. MEDALHA COMEMORATIVA AOS 200 ANOS DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL outorgada pelo Grande Oriente do Brasil, 2022.**
- 18. PLACA HOMENAGEM AO DIA DO SERVIDOR – EDIÇÃO BICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA. Ministério da Ciências Tecnologia e Inovações. 2022.**

NA MAÇONARIA¹⁶⁶

Sua caminhada maçônica foi iniciada no dia onze de dezembro do ano de 1982, na Loja Unificação Maçônica, de obediência do Grande Oriente do Brasil. No anos seguinte foi elevado ao Segundo Grau, no dia sete do mês de novembro, alcançando o Terceiro Grau no dia dezanove de outubro do ano de 1984. Nos Graus Superiores do REAA, é Sublime Príncipe do Real Segredo (Grau 32).

Na estrutura do Grande Oriente do Brasil, Estado do Amazonas, exerceu o cargo de Secretário do Conselho Estadual da Ordem no período 1999/2003.

¹⁶⁶ Registros do seu Dossiê no dossiê do Acadêmico.

CADEIRA N° 20

PATRONO: GASPAS A. VIEIRA GUIMARÃES¹⁶⁷

Gaspar Antonio Vieira Guimarães
Fonte: Acadêmico Alzimir Oliveira Alves



O acadêmico Alzimir Oliveira Alves apresentou, quando de sua posse na Cadeira de N° 20, a biografia do seu Patrono, Gaspar Antonio Vieira Guimarães escorado em respeitável bibliografia.

RESUMO:

Homenagear uma personalidade, não é tarefa fácil, principalmente quando se trata de uma pessoa de

¹⁶⁷ Trabalho apresentado pelo Acadêmico Alzimir Oliveira Alves, Cadeira N° 20, como uma das condições para sua admissão no Sodalício.

grande expressão no contexto social, que contribuiu intelectualmente com a formação de gerações que estiveram presentes quando de sua passagem terrena por nossas plagas e o seu legado aqui deixado que influenciara nas gerações advindas. Este vai ser o nosso papel nesta pequena mostra dos grandes feitos de Gaspar Antônio Vieira Guimarães, o intelectual das letras, autor de inúmeras obras, poeta, professor, desembargador, acadêmico, o homem livre e de bons costumes, apreciador da Arte Real, que veio de Recife para Manaus e aqui desenvolveu suas atividades em diferentes setores do cotidiano na gestão do Estado, todos, sem exceção, repletas de talentos e de determinações buscando sempre o bem estar e o desenvolvimento do nosso povo amazônida. Tentarei explorar ao máximo a saga desse brasileiro na tradução e no entendimento das pesquisas que me envolvi para desvendar os seus grandes feitos e mistérios.

INTRODUÇÃO

A cidade de Manaus, entre 1890 a 1910, viveu um período de significativas mudanças econômicas, políticas, urbanísticas, demográficas e sociais, o que a transformou em símbolo do desenvolvimento da região Norte do país, devido a produção e exportação da borracha, como confirma Souza (2019, p.232) “o ciclo da borracha foi um dos mais efêmeros ciclos econômicos do Brasil. Da humilde origem, em 1870, o extrativismo da borracha ocupou, em 1910, um quarto das exportações brasileiras.”

A matéria-prima borracha, cujo nome científico é Hevea brasiliensis, já era conhecida pelos estrangeiros desde a expedição em 1736 de La Condamine, quando o cronista descreve o uso do produto pelos nativos da Amazônia na fabricação de sapatos e utensílios de uso cotidiano. O

desenvolvimento do produto, uma maior durabilidade de sua impermeabilidade e elasticidade aconteceu depois que a Goodyear (1839) criou a vulcanização feita com enxofre e calor. A borracha ficou conhecida primeiro como matéria-prima de pneus usada em veículos de tração animal e somente no século XX, nos pneus de veículos automotores. O látex da Amazônia era considerado o melhor produto, que fez com que as atividades ligadas à sua extração e comercialização mobilizassem um grande número de pessoas e um vasto capital.

A borracha foi, sem dúvida, um material de progresso, participando da produção dos mais modernos bens industriais, expressivos dos avanços da técnica e do domínio da natureza pelo homem. Foi também o veículo de progresso material das elites amazônicas, proporcionando-lhes uma inserção particular na dinâmica das trocas materiais e simbólicas. (DAOU, 2004, p.21)

Deste modo, a borracha possibilitou o crescimento econômico de Manaus que refletiu no novo estilo de vida da alta sociedade manauara onde o modelo seguido, tanto urbanisticamente quanto nos costumes diários, era a cidade de Paris. Manaus se transformou na Paris dos trópicos, com ruas largas, praças e luz elétrica, a elite da cidade usava produtos importados, as roupas eram confeccionadas em Paris, o modo de viver respirava o savoirfaire francês. A Belle Époque manauara começou a ganhar seus principais traços na administração estadual do engenheiro maranhense Eduardo Ribeiro, entre 1892 e 1896. O Código Municipal de Manaus de 1893, passou a ser utilizado como instrumento legal que indicava promover um melhor uso e controle do

espaço urbano, “a política seria a transformação de Manaus [...]” (DIAS, 2019, p. 30).

A cidade sonhada e adequada ao progresso, a Manaus moderna, modelo de estilo europeu, a nova capital que deveria ser digna de um centro exportador e importador do comércio internacional, se transformou, “é a modernidade que chega ao porto de lenha, com sua visão transformadora, arrasando com o atrasado e feio, e construindo o moderno e belo”, como relata Dias (2019, p. 31). Igarapés foram aterrados para a construção de largas avenidas, um novo tecido urbano em forma de tabuleiro de xadrez foi desenhado, redes de esgotos foram implantadas, assim como a iluminação elétrica, a circulação de bondes e um sistema de telégrafo subfluvial.

Os novos bairros eram ocupados pelos novos habitantes, em sua maioria profissionais liberais de empresas de serviços urbanos e de navegação. Os estilos das casas e seus jardins expressavam a origem de seus moradores: ingleses, americanos, libaneses, alemães, franceses, italianos e brasileiros. O processo migratório durante este período, foi o principal responsável pelo crescimento populacional da cidade de Manaus, onde em 1852 a população era composta por 8.500 habitantes, sendo ampliada para 50.300 habitantes em 1890. Brasileiros de diferentes províncias chegaram ao Amazonas, em sua maioria oriundos do chamado “velho Norte”, hoje região Nordeste, desbravaram rios e novas áreas produtoras de borracha, em direção ao que se tornaria o território do Acre. Os nordestinos foram integrados a elite manauara, onde uma parte vinda do Ceará e do Piauí se fizeram patrões de seringal, peças fundamentais para o enriquecimento dos cofres públicos (DAOU, 2004).

A elite amazonense foi ampliada no final do século XIX e começo do século XX com a chegada de diversas pessoas que constituíram outros serviços, como relata Daou sobre esses trabalhadores “[...] incorporou inicialmente não só os agentes da atuação local ligados principalmente ao comércio, como também os representantes do governo central responsáveis pelas atividades político-administrativas, e bacharéis, médicos e engenheiros[...]” (2004, p. 55), que chegavam ao Amazonas recém-formados e que passaram a compor um dos grupos que formam a base da elite tradicional.

Assim, o pernambucano Gaspar Antônio Vieira Guimarães, desembarcou em Manaus no dia 31 de dezembro de 1892, com apenas 19 anos de idade, recém-formado na Escola de Direito de Recife. Mediante a sua formação e a necessidade de profissionais de formação superior, no dia 14 de janeiro de 1893, foi nomeado pelo então governador do Estado, Eduardo Ribeiro, como Promotor público da capital amazonense, começando assim a sua vida pública no estado do Amazonas.

1. BIOGRAFIA

Nome: Gaspar Antônio Vieira Guimarães

Nascimento: 20 de setembro de 1874

Cidade: Recife

Estado: Pernambuco

Falecimento: 23 de junho de 1938

Local: Rio de Janeiro - RJ

Pai: Gaspar Antônio Vieira Guimarães (português)

Mãe: Maria Brígida de Abreu Vilar (portuguesa)

Esposa: Maria Amethysta de Campos Guimarães

Data do matrimônio: 25 de maio de 1895

Local: Manaus – Am

Filho: Ivan de Campos Guimarães

2. UM HOMEM A SERVIÇO DO ESTADO E DA SOCIEDADE

As portas de uma grande caminhada de luta e de trabalho estavam abertas para esse jovem talento e sonhador, que aqui desempenhou tarefas de grandes complexidades e de desafios. Gaspar Guimarães, militou praticamente durante toda a sua vida na área de sua formação acadêmica, servindo ao estado, à família e, buscou acima de tudo, o grande conhecimento maçônico que se iniciava com força e vigor em todo o Estado do Amazonas.

Fez carreira e traçou os destinos dessa Sublime Ordem, onde foi iniciado em dezembro de 1893, chegando em sua plenitude do simbolismo em maio de 1895. Desempenhou funções de destaque e de marco histórico para a maçonaria amazonense em momentos decisivos, quando ocupava o cargo de Grão-mestre. Permaneceu ativo na ordem maçônica, até a sua morte.

3. O PROFANO

Gaspar Antônio Vieira Guimarães, nasceu em Recife – PE, a 20 de setembro de 1874, filho dos portugueses Comandante Gaspar Antônio Vieira Guimarães e da Senhora Maria Brígida de Abreu Vilar, e teve participação ativa na vida pública do Estado do Amazonas e, em particular, na capital Manaus.

Formado em direito pela Faculdade de Direito de Recife em 1892, buscou melhores condições de vida e assim participou do processo migratório rumo ao Norte do país. Em Recife embarcou no Paquete Brasil no dia 16 de dezembro de 1892, tendo como destino inicial Belém, a capital do Estado do Pará. O jovem recém-formado e cheio de sonhos, durante a viagem mudou os seus planos, talvez por influência de outros imigrantes, e preferiu não desembarcar em Belém, seguindo até Manaus, capital do Estado do Amazonas, onde desembarcou no dia 31 de dezembro de 1892, em plenas comemorações da passagem do ano.

Após 15 dias de sua chegada na cidade, Gaspar Guimarães foi nomeado Promotor Público em 14 de janeiro de 1893, pelo então governador do Estado, Eduardo Ribeiro. Sua vida pública foi de grande êxito, com a ocupação de diversos cargos e importantes funções para o desenvolvimento do Amazonas.

COMO MAGISTRADO

Foi promotor de justiça da Capital (1894); juiz de Direito das comarcas do município de Rio Branco (hoje cidade do Estado de Roraima) (1898), de Coari no Amazonas (1900), da Capital Manaus (1909/1913); foi desembargador (1921), compôs o Superior Tribunal de Justiça (1911/1913); foi vice-presidente do Tribunal de Justiça do Amazonas (1932) e presidente do Superior Tribunal de Justiça do Amazonas (1933).

3.1 COMO HOMEM PÚBLICO

Ocupou o cargo de prefeito de segurança (1913) e de chefe de polícia (1913).

3.2 COMO POLÍTICO

Foi eleito senador estadual ao Congresso dos Representantes do Estado por um período de três anos (1901 a 1903).

3.3 COMO DOCENTE

Ajudou a fundar em Manaus, a primeira Universidade do Brasil, a Escola Universitária Livre de Manaus, que teve a sua fundação no dia 17 de janeiro de 1909, passando a denominar-se Universidade de Manaus a partir de 13 de julho de 1913; docente da Universidade de Manaus, onde lecionou entre outras, a disciplina de Direito Internacional Público e Diplomacia; foi vice-diretor da primeira administração da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais e diretor da mesma Faculdade.

3.4 COMO ACADÊMICO

Foi um dos 30 fundadores da Sociedade Amazonense de Homens de Letras (01/01/1918), mais tarde denominada Academia Amazonense de Letras (29/03/1920), sendo este o fundador da cadeira 17, atualmente poltrona 13, para qual escolheu o patronato de Alfredo Maria Adriano D'Escragnolle Taunay (Visconde de Taunay), ocupou até o seu falecimento.

3.5 COMO ESCRITOR

Obras de sua autoria: Primeiros Voos (1892); As nossas fronteiras e a reorganização do Exército Nacional (1900); Dados Descritivos do Município de Coari (1900); O Vínculo entre o Estado e o Funcionário (1914); História do Lugar da Barra (1914); Direito Internacional Público e Diplomacia (1914); A evolução histórica da divisão jurídica e Administrativa do Estado do Amazonas (1922); A vida (1930) e Noções Teosóficas (1934).

3.6 OUTRAS ATIVIDADES

Foi articulista voluntário em quatro periódicos amazonenses (1893 a 1935): Jornal do Comércio, Jornal do Amazonas, Jornal a Capital e Jornal o Tempo; recebeu várias homenagens e condecorações de vários países e foi frequentador ativo do Ideal Club, acabando por representar uma elite jurídica dentro do clube ao se vincular como sócio e diretor da Assembleia Geral (1910, 1911, 1915 e 1916), juntamente com outros seis diretores e desembargadores do Tribunal de Justiça do Amazonas, entrelaçou os laços intelectuais, legais, recreativos e políticos através de sua trajetória.

4. O MAÇOM

A partir dos anos de 1861, a maçonaria brasileira toma novos rumos em termos de direção e de fusão para uma nova gestão, permanecendo apenas um só Grande Oriente do Brasil. No Amazonas não existia Lojas Maçônicas, mas segundo os historiadores, já era constatada a presença de maçons na Província do Amazonas, onde no dia 6 de outubro de 1872, foi fundada a primeira Loja maçônica no Estado do Amazonas, na capital Manaus denominada Esperança e Porvir, sob a presidência do coronel Tibúrcio Ferreira de Souza, então em inspeção militar, no Amazonas. Foi eleito seu primeiro Venerável o brigadeiro João do Rego de Barros Falcão, Comandante das Armas da Província. Estava aberto assim o caminho para a fundação de várias outras Lojas Maçônicas em todo o Estado, já que a presença de maçons espalhados pela região era bastante visível.

As necessidades mundiais da borracha ocorridas com a descoberta de numerosas invenções, que melhoraram a qualidade de vida do ser humano, como a eletricidade, o

telefone, o cabo submarino, a bicicleta e o automóvel, entre outras, ensejaram um admirável surto de progresso, em toda a Amazônia, tornando-a uma das regiões mais ricas e frutuosas da Terra, a partir da segunda metade do século XIX. Por essa razão, ela foi rapidamente povoada e numerosas pessoas de bom nível cultural e econômico espalharam lojas maçônicas por toda a Amazônia, que se tornou o principal centro do País neste mister; ao ponto de seus obreiros elegerem, representante da maçonaria paraense e amazonense para a direção dos autos corpos maçônicos do Grande Oriente do Brasil.

Pelo Decreto nº 10, de 13 de novembro de 1883, do então Grão-Mestre Geral Francisco José Cardoso Junior, foi criada a Delegacia do Grande Oriente do Brasil, na Província do Amazonas, separada da do Pará, sendo nomeado seu primeiro delegado o Irmão Deodato Gomes da Fonseca.

No período de 1872 a 1901, foram fundadas 15 lojas na Capital e no Interior do Estado, entre elas, destacamos a fundação da Loja Maçônica Amazonas, ocorrida no dia 04 de março de 1877, loja que teve o privilégio de receber o neófito Gaspar Antônio Vieira Guimarães, fato iniciático ocorrido no dia 02 de dezembro de 1893 e chegando em sua plenitude do simbolismo maçônico, em maio de 1895. Desempenhou funções de destaque e marcou a história da maçonaria amazonense e brasileira em momentos decisivos, quando ocupava o cargo de Grão-mestre do Grande Oriente Estadual do Amazonas, em sessão realizada em sua Loja mãe no dia 14 de junho de 1927, comunicou aos Irmãos presentes, que por decisão do Soberano e Grande Comendador Mário Behring, a maçonaria do Brasil, tomaria novos rumos e narrou a ruptura do Grande Oriente do Brasil com o Soberano Supremo Conselho do Rito Escocês Antigo e Aceito,

culminando com a criação de Corpos Soberanos nos Estados. Nesta mesma sessão foi proclamado a soberania do Grande Oriente do Amazonas e Acre, um novo oriente independente e soberano.

Ele tinha a seguinte visão da maçonaria, como sendo a única associação que reunia:

Na ordem física, a expressão do equilíbrio universal;

Na ordem intelectual, a suprema inteligência que a tudo rege e prevê;

E na ordem moral, a justiça imanente.

4.1 CARGOS

- Grão-mestre Adjunto (1917 a 1923) e Grão-Mestre do Grande Oriente Estadual do Amazonas (1923 a 1927).

- Grão-Mestre do Grande Oriente do Amazonas e Acre (1927 a 1935).

Em sua gestão à frente do Grão-Mestrado, fundou lojas nos seguintes municípios: Rio Branco – AC (1923); Cruzeiro do Sul – AC (1923); Brasileia – AC (1923); Guajará Mirim – RO (1926); Coari – AM (1931); Lábrea – AM (1932); Boca do Acre – AM (1933); Itacoatiara – AM (1934) e em Codajás – AM (1934).

Em face a sua capacidade de liderança, sua palavra e seus ensinamentos constituíam para os maçons um verdadeiro evangelho. Permaneceu ativo na ordem maçônica, até a sua morte ocorrida em 23 de junho de 1938.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao assumir a cadeira de nº 20 da Academia Amazonense Maçônica de Letras, cujo patrono hoje nós prestamos homenagem, estamos cientes de que seja este o farol com o foco da certeza; da retidão traçada por homens livres e de bons costumes que por aqui passaram, ocuparam essa cadeira e deixaram o seu legado.

A vida é feita de escolhas e nem sempre temos a felicidade de escolher o que queremos ou não. O compromisso que ora enfrentamos está do tamanho de nossa responsabilidade, não poderia ser diferente! Não existe fardo que não se possa conduzir. Acredito que seja o mesmo compromisso assumido por um filho, quando o pai dá a ele o seu próprio nome. Assim que eu vejo e tento mensurar o tamanho da responsabilidade aqui assumida, quando recebo para as minhas aspirações e realizações, um Patrono do tamanho e grandeza de Gaspar Antônio Vieira Guimarães.

*É uma felicidade, é um momento para reflexão, e também é aquele momento para pensar em sua máxima **“se não encontro o caminho, abro-o, custe o que custar”**.*

Agradeço a Deus, o Grande Arquiteto do Universo, pelo momento em que que vivemos, por ter nos conduzido até este patamar, pela alegria e satisfação de estarmos juntos comemorando esse inesquecível acontecimento que entrelaça a formação de uma nova família.

Agradeço a todos os membros da Academia Amazonense Maçônica de Letras por me proporcionarem esta oportunidade única em minha vida, Irmãos amigos e conhecidos, muitos de vários anos de jornada sempre na labuta do desbastar de sua pedra.

Agradeço em especial ao meu Irmão de Loja e médico na vida profana Edson Gomes da Silva, professor universitário, escritor e acadêmico desta brilhante casa. Com todo respeito e carinho, passo a chama-lo de meu padrinho para a imortalidade acadêmica. A porta me foi aberta! Os meus primeiros passos estão dados.

À minha família, minha esposa Maria Auxiliadora Rodrigues Alves, meus filhos Eduardo Felipe Rodrigues Alves, Silvana Rodrigues Alves e Alzemir Oliveira Alves Junior.

Agradeço ainda a todos os presentes.

Obrigado a todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTELLANI, José. *História do grande Oriente do Brasil: a Maçonaria na História do Brasil* / José Castellani, Willian Almeida de Carvalho. São Paulo: Madras, 2009.

DAOU, Ana Maria. *A Belle époque Amazônica*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

DAOU, Ana Maria. *A Cidade, o Teatro e o Paiz das Seringueiras: práticas e representações da sociedade amazonense na passagem do século XIX-XX*. Rio de Janeiro: Rio Book's, 2014.

DIAS, Edinea Mascarenhas. “*A Ilusão do Fausto: Manaus, 1890-1920*”, 2ª ed. Manaus: Valer, 2007.

LOUREIRO, Antônio José Souto (org.). **Dados para uma história do grande Oriente do Estado do Amazonas**. 1ª ed. Manaus: Gráfica Apolo, 1999.

PEREIRA, Kívia Mirrana de Souza. **Além de “primeiros voos”**: o entrelaçamento das letras, das diversões e dos projetos políticos de Gaspar Guimarães em Manaus (1874-1938). SEDUC – AM. Programa de Pós-Graduação em História da UFAM. Disponível em: <https://www.encontro2020.pe.anpuh.org/resources/anais/22/anpuh-pe-eeh2020/1601407755_AR-QUIVO_14e7f6ca7aa2c6bc17297cd8ebd324c0.pdf>. Acesso em: 26/03/2022.

Revista da Academia Amazonense de Letras. **Ano 92, nº29, dez. 2010**. Manaus: Editora Valer e Academia Amazonense de Letras. Disponível em: <<http://academiaamazonensedeletras.com/pdf/revistas/RE-VISTA%20AAL%20N%2029.pdf>>. Acesso em: 26/03/2022.

SOUZA, Márcio. **História da Amazônia: do período pré-colombiano aos desafios do século XXI**. 1ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2019.

OCUPANTE Nº 01 - ALBERTO GUIDO VALÉRIO

O Acadêmico Alberto Guido Valério foi admitido na Academia Amazonense Maçônica de Letras no dia dezessete de maio do ano de dois mil e dois¹⁶⁸, quando escolheu Francisco Farias de Carvalho para seu Patrono. Entretanto, no dia vinte e sete de setembro, Guido apresentou à Assembleia Geral a biografia de Gaspar Antonio Vieira Guimarães, Patrono da Cadeira Nº 20¹⁶⁹, e nela foi diplomado na data de vinte e cinco de outubro do mesmo ano¹⁷⁰.

No dia cinco de agosto do ano de 2004 foi sugerido, e Guido aceitou, a condição de membro da Comissão que produziu o Regimento Interno da AAML, juntamente com Waldemir Machado de Siqueira e Raimundo Colares Ribeiro¹⁷¹.

Alberto Guido Valério¹⁷², é brasileiro, separado, funcionário público jubilado desde outubro de 1994 no cargo de Procurador do Estado do Amazonas, atualmente é domiciliado e residente no Hotel Quinta dos Valérios – Km 60 Rodovia Am-070, Município de Manacapuru – Am., também possui domicílio fiscal em Manaus, à Rua do Comércio II, nº 68, Parque 10 de Novembro, Telefone 3646-1831 – Escritório de Advocacia – CEP 69055-430 Parque 10 de Novembro e em Florianópolis, Sta. Catarina, à rua 7 de Setembro nº 16, Bairro dos Açorianos.

Iniciou os seus estudos no exterior, concluiu o curso de humanidades do Colégio Dom Bosco, Manaus (Am). Diplomou-se em

¹⁶⁸ Fonte: Ata AGE Nº 02/2002.

¹⁶⁹ Fonte: Ata AGE Nº 06/2002.

¹⁷⁰ Fonte: Ata AGE Nº 06/2002.

¹⁷¹ Fonte: Ata AGE Nº 05/2004.

¹⁷² Fonte: Ata AGE Nº 05/2004.

Técnico em Contabilidade pelo Colégio Comercial Sólon de Lucena; Bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais da Universidade do Amazonas, hoje Universidade Federal do Amazonas, onde também se licenciou em Filosofia.

Começou a trabalhar muito novo, engraxate, sapateiro, comerciário, propagandista de laboratório, bancário, advogado. Advogado Trabalhista somente para empregados, 10 anos. Funcionário Público Federal: Defensor Público Federal dos Territórios de Fernando de Noronha e Roraima – Consultor Jurídico do Ministério da Marinha, 4º Distrito Naval e Estação Naval Rio Negro – Procurador da Fazenda Estadual, Procurador do Estado do Amazonas.

Professor das cadeiras de Direito do Trabalho, Filosofia e História da Filosofia.

TRABALHOS PUBLICADOS:

- “Aproveitamento do Trabalho Extraordinário para Contagem de Tempo de Serviço para Aposentadoria”.
- “Vestuário, único ramo com auto sustentabilidade na Zona Franca de Manaus”.

NA MAÇONARIA

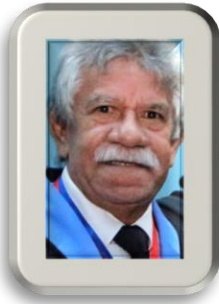
Maçom desde 1979. Iniciou-se na Loja Unificação Maçônica, onde também foi Orador e Secretário.

Filiado a Loja Oriente Unido, tendo exercido os cargos de Secretário e Orador;

Atualmente é presidente do Consistório nº 14, Acampamento de Manaus (Am).

OCUPANTE Nº 02 - ALZIMIR OLIVEIRA ALVES

Alzimir Alves de Oliveira
Fonte: Acevo AAML



Alzimir Oliveira Alves ingressou na Academia Amazonense Maçônica de Letras no dia sete de maio do ano de dois mil e vinte de dois, indicado que foi pelo Acadêmico Edson Gomes da Silva, Cadeira nº 04. Sua grande experiência funcional na Administração Pública o credenciou para o exercício do cargo de Tesoureiro da AAML desde o dia vinte e três de julho do mesmo ano.

Atendendo condições estatutárias para ingresso na Academia, apresentou sua autobiografia, nos seguintes termos:

“Eu, Alzimir Oliveira Alves, nasci no dia 06 de dezembro de 1950, vim ao mundo e tendo como o primeiro contato após a expulsão uterina, com uma senhora chamada Carmen, parteira de ofício que servia aos nascimentos das crianças no seringal Joânico, localizado no médio Juruá, no Amazonas, então Município de Carauari, hoje, Município de Juruá. Meus pais, Vicente Aldemir Alves e Jandira Oliveira Alves que à época residiam em Manaus, capital do Estado do Amazonas, partiram para essa localidade em fins de 1949 acompanhados de minha irmã mais velha Waldira Helena Oliveira Alves, que tinha apenas 01 (um) ano de idade, pois meu pai fora contratado para desempenhar naquele seringal

a função de encarregado geral. Lá eu tive a felicidade de nascer e ser batizado na paróquia Nossa Senhora da Conceição, da prelazia de Carauari. Após 01 (um) ano e dois meses, em fevereiro de 1952 nascia um outro Irmão, o terceiro de 09 (nove) irmãos, o qual recebeu o nome de Walmir Oliveira Alves.

Em 1953, com minha mãe grávida de seis meses do 4º (quarto) filho, e após anos de árduo trabalho, meus pais decidiram voltar para Manaus, período em que foi registrado uma das maiores cheias já acontecida nos rios da Bacia Amazônica. Assim, viemos por conta e risco de meus pais, onde essa aventura foi feita em 86 (oitenta e seis) dias, do seringal até a capital Manaus. Para melhor detalhar esse trajeto, descrevo um pouco do que ouvi de meus pais e das poucas lembranças que ainda guardo na minha memória: a viagem foi realizada à bordo de 03 (três) canoas, sendo 01 (uma) canoa grande tipo Igarité, sem mastro, com um toldo tipo Panacarica, que cobria aproximadamente $\frac{3}{4}$ (três quartos) da embarcação, esse era o nosso hotel onde dormíamos, e onde meus pais descansavam após uma jornada de horas de remadas descendo os rios Juruá e depois o Solimões; a segunda canoa era um pouco menor, onde se transportava os animais (galinha, pato, cachorro, papagaio, etc..) e outras coisas necessárias para a sobrevivência; a terceira embarcação era uma pequena canoa tipo casco, feita de uma só tora de madeira a qual viajava vazia, tendo sua utilidade para o meu pai pescar, e isso sempre acontecia quando se avistava um cardume de peixe subindo à margem, ou para escolher um bom local para o abrigo da noite ou das tempestades, uma vez que a navegação era realizada apenas durante o dia, esta era a embarcação de apoio. Chegamos à capital manauara no dia 06 de agosto de 1953, dois dias

antes de minha mãe completar 26 anos de idade. Ancoramos no igarapé do São Raimundo, bem próximo onde hoje está localizada a ponte que liga o boulevard Álvaro Maia à avenida Brasil.

Com apenas 4 (quatro) dias que estávamos na cidade, meu pai foi avisado que dois bairros novos estavam em processo de habitação, sendo loteados, o São Francisco e o Petrópolis, e assim adquiriu um terreno no São Francisco. Pela necessidade de sairmos da estadia na canoa, meu pai construiu com suas habilidades uma casa simples, com cobertura e paredes feitas de palha em poucos dias, seguimos então para a nova morada. No mês seguinte nasceu meu 4º irmão, em 03 de setembro de 1953, o qual em homenagem ao bairro e ao padroeiro, recebeu o nome de José Francisco de Oliveira Alves e nos anos seguintes vieram ao mundo mais 05 (cinco) irmãos: Auxiliadora, Pedrina, Raimundo, Vicente e Maria Alba.

Os anos se passaram e minha vida escolar teve início na escola do bairro, denominada Isabel Barroncas, e terminei o estudo primário na escola particular da Professora Alaíde Bastos, no bairro Cachoeirinha. Para o ginásio, prestei admissão no Colégio Estadual do Amazonas, sendo depois transferido para o recém inaugurado Colégio Estadual Marcio Nery, e tive o privilégio de ser um dos fundadores, onde o mesmo funcionou, a princípio, nas dependências da Igreja de Santa Rita de Cassia, localizada no bairro Cachoeirinha, em turno noturno com 99 alunos, sendo depois instalado no local onde funcionou por muitos anos o Stand de Tiro também no mesmo bairro, até chegar a sua estrutura atual no mesmo local, me formei no ano de 1968.

No mesmo ano de 1968 atingi a maioria, e assim me alistei no exército brasileiro para servir à Pátria como Soldado, em atendimento às determinações legais. A princípio, fui dispensado por excesso de contingência, foi um momento de decepção e tristeza, mas, em janeiro de 1969, fui convocado para servir como soldado no 6º Batalhão de Engenharia de Construção que estava sendo fundado e seria sediado em Boa Vista-Roraima, foi com muita alegria que aceitei tal missão, assim passei 03 (três) meses de formação aqui em Manaus nas instalações de um quartel localizada na Ilha de São Vicente, depois segui para Roraima para terminar o meu tempo de serviço militar, novamente participei de mais um acontecimento em minha vida, sendo fundador do 6º BEC.

Em dezembro de 1969, retornei para Manaus e prossegui meus estudos iniciando o Segundo Ciclo do Curso Secundário “científico” no Instituto de Educação do Amazonas, também fiz parte da primeira turma mista implantada pelo Estado, formei no ano de 1972.

Com a criação pelo Governo do Estado da Universidade de Tecnologia do Amazonas – UTAM, prestei vestibular para o curso de Engenharia Operacional em Eletrônica e Telecomunicações, onde coleí grau em 16 de setembro de 1977, fazendo parte da primeira turma.

Depois de concluída a jornada básica da educação e dada as necessidades de maiores conhecimentos em áreas voltadas para a gestão e para o desenvolvimento no trabalho, fiz especializações nas seguintes áreas: Pós-graduação em Planejamento governamental; Pós-graduação em Administração Universitária; e Pós-graduação em Economia – Financiamento e Programação do Desenvolvimento Econômico.

Em 1979, casei-me com Maria Auxiliadora Rodrigues Alves, evento acontecido na igreja de São Sebastião. Um fato curioso é que nos preparativos para o casamento, descobri que o único documento que comprovava o meu nascimento no seringal Joânico é a minha certidão de batismo, guardada por muitos anos e com muito zelo por minha mãe, visto que fui registrado por meu pai apenas em Manaus como se aqui estivesse nascido.

Em 1980 nasceu meu primeiro filho Eduardo Felipe Rodrigues Alves, motivo de muita alegria para o casal, amigos e familiares. Com formação em Engenharia Elétrica na UTAM, assim como eu. Em 1982 nasceu Silvana Rodrigues Alves, que nos alegrou bastante a sua vinda ao nosso convívio. Hoje formada em Arquitetura e Urbanismo; Gastronomia; e Mestra em Sociedade e Cultura da Amazônia. A família continuou a crescer e vem o terceiro filho, Alzemir Oliveira Alves Júnior, nasceu em 1983, formou-se em Biologia. Tenho dois netos, Carlos Eduardo e Samir, filhos de Eduardo e Alzemir Júnior, respectivamente.

Em minha vida profissional, trabalhei em instituições públicas federal e estadual, voltadas para área de educação e de saúde. Sou funcionário público civil aposentado pela Fundação Universidade do Amazonas - UFAM, onde desempenhei atividades profissionais de 1970 a 2002, tive oportunidade de exercer várias funções, onde destaco as principais: Diretor do Departamento de Orçamento, do Departamento de Planejamento e Secretário Geral.

Na Secretaria de Estado de Saúde - SUSAM, fui comissionado de maio de 2003 a julho de 2007, onde exerci as seguintes funções de confiança: Chefe do Departamento de Gestão Financeira, Assessor de Planejamento e Chefe do

Departamento de Gestão Orçamentária e Financeira do Fundo Estadual de Saúde - FES. Tive participação ativa em várias comissões e compus, como presidente a equipe de elaboração PPA e do orçamento da SUSAM/FES no período de 2003 a 2006, e presidi a comissão que reestruturou o Fundo Estadual de Saúde - FES.

Fui comissionado da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, de agosto de 2007 a dezembro de 2011, tendo exercido as funções de Coordenador de Planejamento Institucional. Na Fundação de Hematologia e Hemoterapia do Estado do Amazonas – HEMOAM, como comissionado, exerci a função de Diretor Administrativo e Financeiro no período de janeiro de 2012 a abril de 2015.

Minha jornada na Maçonaria, teve início como Aprendiz maçom no dia 15 de setembro de 1990, na Loja Unificação Maçônica nº 1125, onde fui elevado a Companheiro no dia 18 de setembro de 1991 e exaltado a Mestre no dia 08.05.1992. Sou filiado à Loja JKO nº 2754 onde fui instalado Venerável Mestre em 05 de junho de 2000, segui a progressão maçônica nos graus Superiores do Rito Escocês Antigo e Aceito, iniciando no grau 4º em 30 de março de 1993 e concluído o grau 33º no dia 30 de novembro de 2002, em solenidade realizada no Supremo Conselho do Brasil para o Rito Escocês Antigo e Aceito, no Rio de Janeiro.

Sou detentor do Título Estrela da Distinção Maçônica, cuja solenidade de entrega deu-se nas comemorações dos 200 anos de fundação do GOB. Desempenhei várias atividades administrativas no GOB-AM e nos Graus superiores. Pertencço aos graus capitulares dos Maçons do Arco Real do Brasil, a Academia Amazonense Maçônica de Letras cadeira n. 20, tendo como patrono o valoroso ir.: Gaspar Antônio

Vieira Guimarães; Embaixador da Academia Maçônica de Letras de Rondônia; Nobre do Shriners Internacional, admitido em 29 de julho de 2022. Sou membro da Ordem de Mérito Cívico da Liga da Defesa Nacional como oficial desde dezembro de 2007.”

CADEIRA Nº 21

PATRONO: GIUSEPPE PAGANI VULCANI

Giuseppe Pagani Vulcani
Fonte: "Centenário Maçônico"
Rodolpho Valle



Existe pouquíssima informação sobre o Patrono da Cadeira Nº 21 da Academia Amazonense Maçônica de Letras, Giuseppe Pagani Vulcani. O Memorial da Academia, de 2008, registra apenas algumas informações biográficas dizendo ter sido efetuada com base em informações de Agnello Bittencourt. São elas:

“Nasceu na Itália, em 22 de novembro de 1879. Veio para Manaus aos vinte anos de idade, com seu irmão Giulio Cesare Roberti, com quem fundou uma joalheria e óptica. Anos depois voltou

para a Itália, onde se casou, mas, morrendo a esposa retornou a Manaus, passando a ser guarda livros de numerosas e importantes firmas.

Iniciou-se maçom na Loja Conciliação Amazonense, a 12 de julho de 1900, ocupando o cargo de Grande Secretário do Grande Oriente do Amazonas e Territórios Limítrofes.

Formou nova família com Iracema Lima e foi vice-cônsul da Itália, no Amazonas, sofrendo na pele os distúrbios decorrentes da Segunda Guerra Mundial, por representar uma potência do Eixo. Seu irmão teve a sua casa saqueada e ambos se refugiaram no convento da igreja de São Sebastião, após a notícia de que o navio Baependi fora torpedeado por um submarino italiano.

Morreu no Rio de Janeiro em decorrência de uma fratura de colo de fêmur, a 20 de setembro de 1964, seis dias após a morte de seu irmão Giulio.

(Biografia elaborada com base na efetuada por Agnello Bittencourt)."

Quando de sua admissão no sodalício, o Acadêmico Zilmar Moreira de Souza, escorado no livro Rodolpho Valle, "Centenário Maçônico", trazido a público pela Editora Sergio Cardoso no ano de 1972, acrescentou algumas informações àquelas do Memorial de 2008.

Segundo as pesquisas de Zilmar, Giuseppe Pagani Vulcani, após presenciar os mais diversos problemas sociais da época, e ter assumido de fato a cidadania brasileira em pleno início do século passado, inicia-se maçom na Grande Benemérita Loja Simbólica Conciliação Amazonense, de obediência do então Grande Oriente do Amazonas e Territórios Limítrofes.

Sua trajetória maçônica, diz Zilmar, foi profícua. Junto com outros Maçons da época, deixou grande legado histórico, destacando-se sua participação como Membro Fundador e Restaurador do Sublime Capítulo Rosa Cruz “Saldanha Marinho II”; Loja de Perfeição “Padre Torquato”, que funcionam na Grande Inspetoria Litúrgica do Amazonas (GILAM); participação marcante na presidência do Dispensário Maçônico; exercício do cargo de Diretor da Grande Secretaria da Grande Loja do Amazonas, Acre, Rondônia e Roraima, onde assinalou as suas qualidades de organizador de serviços da espécie, a sua capacidade de direção e os seus profundos conhecimentos do Ideal Maçônico. Continuando, Zilmar informa que Giuseppe Pagani teve participação ativa em outros feitos, até em outros Orientes, entre eles o de membro da Loja União Amazônica, no Oriente de Iquitos, República do Peru, e diplomado “Garante”, em Bari na Itália. Ainda mais, foi filiado das Lojas Esperança e Povir, Aurora Lusitana, e Rio Negro; exerceu o cargo de Venerável Mestre da Loja Fraternidade Amazônica, e fora agraciado com distinção de Grande Benemérito do Grande Oriente do Amazonas e Acre.

Foi um dos mais fluentes pensadores maçônicos. Dizia que “*A maçonaria inspira e conduz o gênero humano, deixando atrás de si a claridade das constelações, a poeira luminosa de seus empreendimentos, levantada à perfeição. É bem ela, como força latente, que impulsiona a nossa vida no seu ritmo normal, disseminando, por toda a parte, novas e salutares energias, consagrada ao triunfo da virtude, da tolerância e do bem, nos anseios de redefinir a humanidade sofredora, facilitando-lhe a reabilitação pela grandeza do espírito e do coração*”.

O Acadêmico Zilmar informa que Giuseppe Pagani sempre foi fiel aos princípios maçônicos, e repulsivo aos regimes totalitários. Cita como exemplo significativo dessa repulsa o relato feito por José Cardoso Ramalho Junior, em sessão de 25 de fevereiro de 1942:

“Há uns dez anos atrás, quando aqui aportou uma comissão do sul do país, composta de elementos estrangeiros, com a incumbência de fundar nesta cidade o partido fascista, de acordo com as instruções que traziam, foram relacionados todos os membros da colônia italiana aqui residentes, como fazendo parte do fascio. Meses depois, chegada as instruções desse partido, nelas se consignava a condição humilhante de que para ser sócio do partido fascista, ora criado ou organizado em Manaus, era preciso não ter pertencido à Maçonaria, não ser maçom e nem de futuro poderia iniciar na Maçonaria. Diante de tal exigência e imposição do código do referido partido, o muito prezado e Poderoso Irmão Giuseppe Vulcani, fiel ao juramento prestado à Sublime Ordem, preferiu ficar na Maçonaria, desligando-se incontinenti daquele partido”.

Em face dessa narrativa, tão confortadora pelo comportamento de um ilustre maçom que não se deixou influenciar pelo regime fascista, merecedora de apoio por originar-se de um outro maçom idôneo, diz o artigo de Zilmar, citando Rodolpho Valle, que a Oficina consignou, no balaústre do referido dia 25 de fevereiro de 1942, um voto de louvor e confiança ao Irmão Giuseppe Pagani Vulcani, pela sua recusa em pertencer ao partido fascista, e como penhor de reconhecimento às convicções filosófica do homenageado, que sempre se dedicou à Maçonaria com o máximo desprendimento.

Após uma longa trajetória, faleceu no Rio de Janeiro aos sete dias do mês de setembro de 1963, aos 84 anos.

OCUPANTE Nº 01 - CESAR R. AZAMBUJA

Cesar Roberti Azambuja está entre os soerguedores da Academia Amazonense Maçônica de Letras, no ano de 2002. A ata da reunião respectiva registra que ele escolheu seu patrono em razão do vínculo familiar – Giuseppe Pagani Vulcani era tio-avô do Acadêmico.

Azambuja é um dos acadêmicos de quem os arquivos da Academia não contêm outros registros além do de sua presença na reunião de soerguimento da Academia, e de uma cópia do seu Diploma de Membro Efetivo. Razão disso, não foi possível identificar sua situação funcional, participativa, ou de assiduidade, sequer da sua existência neste plano.

OCUPANTE Nº 02 - ALBERTO DOS S. P. BARBOSA

Alberto dos Santos Puga Barbosa foi diplomado Acadêmico da Academia Amazonense Maçônica de Letras no dia dezessete de julho do ano de 2006, indicado que foi pelo Acadêmico Aristóteles Comte de Alencar Filho.

Sua Ficha de Inscrição informa que ele proveio da Loja Rio Solimões Nº 24, da constelação da Grande Loja Maçônica do Amazonas – GLOMAM.

Informações coletadas do Lattes em 25/05/2022¹⁷³ dão conta de que Alberto dos Santos Puga Barbosa possui graduação em Direito (1992) e Educação Física (1977) pela Universidade Federal do Amazonas, mestrado em Fisiologia do Exercício pela Universidade Federal de São Paulo (1982) e doutorado em Ciências do Desporto pela Universidade do Porto (2001). Atualmente (25/05/2022) é professor doutor associado da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Faculdade de Educação Física e Fisioterapia (FEFF). Tem experiência na área de Educação Física e Direito, atuando principalmente nos seguintes temas: gestão do desporto, legislação desportiva, direito do desporto, justiça desportiva, legislação antidoping e convenção internacional da UNESCO, 2005. Atua na área de Direito, em

Alberto dos Santos Puga Barbosa

Fonte:

<https://cev.org.br/qq/alberto-puga/>



nível de pós-graduação, especialmente, em Legislação, Direito e Justiça de Esporte, nacional e internacional. Especialista em Legislação Antidoping e Legislação Educacional. Presidente do Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) do atletismo brasileiro. É autor do livro '*Leis Antidoping*'; Artigo '*Infração por Doping e o CBJD Revisado: Caminhos Interpretativos*' IN: *Approbato, R. et alii* Curso de Direito Desportivo Sistêmico, Vol. II. São Paulo: *Quartier Latin*, 2010. pp. 975-986. Artigo recente '*Doping do atleta profissional e os seus reflexos no contrato especial de trabalho desportivo*'. IN: Melo Filho A. et alii (Coords) *Direito do Trabalho Desportivo*. São Paulo:

¹⁷³ <https://www.escavador.com/sobre/414400/alberto-dos-santos-puga-ba...>

Quartier Latin, 2012. pp.25-49. Administrador da Comunidade Legislação Desportiva/CEVLEIS na internet.

Alberto dos Santos Puga Barbosa é outro dos acadêmicos de quem os arquivos da Academia não contêm outros registros além dos mencionados acima. Razão disso não foi possível identificar sua situação funcional, participativa, ou de assiduidade, pelo que no dia 02 de novembro de 2021 foi expedido o Ato N° 01 declarando vaga a Cadeira N° 21, ocupada então pelo Acadêmico Alberto dos Santos Puga Barbosa, em razão de abandono das atividades da Academia.

OCUPANTE N° 03 - ZILMAR MOREIRA DE SOUZA

Zilmar Moreira de Souza
Fonte: Acervo AAML



Zilmar Moreira de Souza foi diplomado Acadêmico da Academia Amazonense de Letras no dia sete de maio do ano de 2022.

Nascido no dia doze do mês de abril do ano de 1957, na cidade de Barra do Pirai, Rio de Janeiro. Zilmar, casado com Marilda Mendonça Pereira de Souza é filho de Edio de Souza e Celeida Moreira de Souza.

Ingressando na Marinha do Brasil no dia vinte e seis de maio do

ano de 1976, como marinheiro recruta, Zilmar fez uma caminhada de sucesso naquela instituição militar, onde chegou a Oficial Superior no ano de 2011, passando por todas as funções e exercendo cargos da mais alta relevância na estrutura técnico-administrativa daquela Força Armada. Foi Diretor do Colégio Naval, Chefe de Departamento Industrial, Encarregado de Adestramento da Capitania Fluvial, Encarregado da Gestão Ambiental, entre outros.

Fora da carreira militar, Zilmar foi Gerente de reparo naval no Estaleiro ERIN, e Professor de Educação Física na rede municipal de ensino. Atualmente, é Diretor e Pedagogo do Centro Educacional Souza Pereira.

Na maçonaria, Zilmar foi iniciado na Loja “13 de Janeiro”, de obediência da Grande Loja Maçônica do Amazonas a 14 de dezembro de 2002, e chegou ao grau de Mestre Maçom a 10 de novembro de 2003, e em 27 de março de 2010 chegou ao mais alto grau do Rito Escocês Antigo e Aceito. Na sua Loja, Zilmar ocupou todos os cargos litúrgicos e administrativos, inclusive de Venerável Mestre.

Zilmar também é membro da Maçonaria do Arco Real, e da Maçonaria do Real Arco.

CADEIRA Nº 22

PATRONO: HAMILTON MOURÃO¹⁷⁴

Hamilton Mourão

Fonte: <https://web.facebook.com/watch/?v=1745992252235414>



O desembargador Hamilton Mourão nasceu em Dom Pedro II, Piauí, a 10 de março de 1886, falecendo em Manaus, a 24 de setembro de 1942.

Formou-se em Direito, pela Faculdade do Recife, a 4 de setembro de 1909, se onde embarcou para Manaus, em 1910. Foi nomeado promotor da Comarca de Humaitá, entre 1911 e 1912, juiz de Manicoré, Secretário Geral do Estado, entre 1912 e 1919, Chefe da Polícia da capital, em 1920 e juiz de direito da capital.

¹⁷⁴ Fonte: Memorial da AAML, Edição 2008.

Em 1926, foi nomeado desembargador, pelos seus trabalhos na confecção da Constituição Estadual.

Em 1931, por ocasião da dissolução do Tribunal, por Álvaro Maia, junto com os demais desembargadores, derrubou este ato de exceção.

Quando faleceu exercia o Grão Mestrado do Grande Oriente do Amazonas, sendo-lhe tributada uma Pompa Fúnebre, no trigésimo dia após o seu falecimento, sob a presidência de Agnello Bitencourt, seu substituto, e a oratória de Waldemar Pedrosa.

(Biografia elaborada com base na apresentada por Agnello Bittencourt).

OCUPANTE Nº 01 - RENAN CORRÊA PEIXOTO

Renan Corrêa Peixoto
Fonte: Internet



A ficha cadastral de Renan Corrêa Peixoto informa apenas que ele foi diplomado Acadêmico da AAML no dia vinte de setembro do ano de dois mil e nove, e que pertence à Loja Amazonas Nº 2, de obediência da Grande Loja Maçônica do Amazonas.

Do seu dossiê acadêmico, vem a informação de que ele nasceu em

Manaus, a 15/11/1945, filho de Cauby Sabino Peixoto e Tirza Corrêa Peixoto.

Da internet vem a informação de que Renan Corrêa Peixoto é *Grão-Mestre Ad Vitam* da Grande Loja Maçônica do Amazonas-GLOMAM.

CADEIRA Nº 23

PATRONO: JOÃO REBELO CORREA¹⁷⁵

João Rebelo Correa

Fonte:

<https://www.tre-am.jus.br/institucional/conheca-o-tre-am/galeria-ex-presidentes>



João Rebelo Correa (1893-1973), nasceu em Parintins, Amazonas, no dia 29 de junho de 1893, filho de Julião Correa e de Ermelinda Rebelo Correa.

Iniciou suas atividades laborais aos dezoito anos, como encarregado e Telegrafista da “Amazon Telegraph Company Limited”, em Parintins. Depois foi Secretário da Superintendência Municipal de Parintins; Promotor Público, em Parintins; Prefeito Municipal de Parintins; Juiz de Direito das Comarcas de São Paulo de Olivença, Parintins e Manaus; Desembargador do

¹⁷⁵ Fonte: Memorial da AAML, Edição 2008, p. 150, complementado por arquivo midiático pertinente.

Tribunal de Justiça do Amazonas, ocupando por várias vezes a sua Presidência, e a Corregedoria Geral da Justiça. Foi membro do Tribunal Regional Eleitoral do Amazonas. Foi Professor da Faculdade de Direito do Amazonas e da Escola de Enfermagem de Manaus.

Aposentado pela idade propecta, no ano de 1963, no cargo de Presidente do Tribunal de Justiça do Amazonas.

Exerceu a presidência da Associação dos Magistrados Brasileiros - Delegação do Amazonas - tendo lhe sido conferida pela Diretoria Central a Medalha de "Mérito da Magistratura do Brasil" (por serviços distintos à Magistratura do Brasil), e a " Cruz do Mérito Judiciário" (a mais alta condecoração do Judiciário do Brasil, concedida por serviços relevantes prestados à Magistratura do Brasil). Também foi Presidente do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, onde prestou com desvelo sua última tarefa. Batalhando incansavelmente, reorganizou-o, soergue-o, dando-lhe destaque no contexto cultural do Amazonas, propiciando sua total restauração. Razão disso, lhe foi conferido o "Diploma de Sócio Grande Benemérito", em reconhecimento por tudo o quanto fez pelo IGHA.

Presidiu a Liga Amazonense Contra a Tuberculose, da qual foi Membro-fundador, incluído o Dispensário Cardoso Fontes; por mais de uma década foi Presidente do Conselho Deliberativo da Santa Casa de Misericórdia de Manaus.

Foi poeta, repentista e um profundo conhecedor da região amazônica.

Maçom, Grau 33, iniciou-se na Loja União, Paz e Trabalho, de Parintins, e, em Manaus, foi venerável de várias Lojas.

Faleceu em Manaus, em 22 de outubro de 1973.

OCUPANTE Nº 01 - OSAIL MEDEIROS DE SOUZA¹⁷⁶

Osail Medeiros de Souza
Fonte: Acervo da AAML



O Acadêmico Osail Medeiros de Souza foi inscrito na Academia no dia seis de março do ano de dois mil e quatro. Sua admissão deve-se à indicação do Acadêmico José Maria Nogueira e aprovado por unanimidade no dia cinco de agosto seguinte. No dia onze de setembro daquele ano ocorreu a solenidade de entrega da Medalha ao novel Acadêmico.

Osail foi um batalhador incansável pelo fortalecimento da Academia. Sua árdua missão teve início com a designação para representá-la na “II Conferência Nacional” (da Maçonaria), denominada “Maçonaria e o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia”, realizada no período entre os dias sete e nove de outubro do ano de 2005.

No dia dezenove de outubro do ano de 2006, passou a compor a Diretoria da Academia, eleito que foi naquela data para o exercício do cargo de Secretário. No dia dezessete de outubro do ano de dois mil e oito foi eleito Vice-Presidente para o biênio 2009/2010. No primeiro dia do mês de janeiro do ano de 2010, Osail assumiu a Presidência do Sodalício, estendido até 2013, quando foi substituído pelo Acadêmico Abrahim Sena Baze, eleito no dia 09 de novembro de 2013.

¹⁷⁶ Informações recolhidas dos arquivos da AAML.

No seguimento de sua jornada, Osail foi agraciado com o título de Acadêmico Emérito no dia sete do mês de junho de ano de 2023, recolhendo-se, desde então, ao conforto do seu lar.

O CIDADÃO¹⁷⁷

Osail Medeiros de Souza nasceu no Município de Benjamim Constant, Estado do Amazonas, no dia 28 de novembro de 1945, filho de Raimundo Matias de Souza e Augusta Medeiros de Souza. Acompanhando o pai, servidor público, chegou a Manaus, em 1953. É contador e professor formado em Ciências Contábeis, Pós-Graduado em Administração Financeira e Orçamento, Mestre em Controladoria e Contabilidade; professor universitário da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, onde exerceu vários cargos, dentre eles o de Diretor do Departamento de Finanças. Foi Vice-Diretor da Faculdade de Estudos Sociais; ocupou os cargos de Chefe de Departamento e Coordenador de Ensino do Departamento de Contabilidade, Diretor Administrativo e Financeiro do Hospital Francisca Mendes; tomou assento por duas vezes nos Conselhos Superiores da Universidade Federal do Amazonas (CONSUNI, CONSEP e CONSAD).

Atendendo ao chamado do Governador do Estado, ocupou o cargo de Pró-reitor de Planejamento da Universidade Estadual do Amazonas.

O MAÇOM¹⁷⁸

Osail foi iniciado pela Loja Glória e Razão, de obediência da então Maçonaria Glória do Ocidente, em 20/10/1965. No ano de 1990 filiou-se à Loja Juscelino Kubitschek, de obediência do Grande Oriente do Brasil, na qual exerceu os cargos de Tesoureiro, Secretário, Orador e Deputado Estadual. Mais tarde filiou-se à Loja Unificação Maçônica, também o Grande Oriente do Brasil, onde ocupou os cargos de Chanceler, Venerável e Deputado Federal. Foi Grande Secretário Estadual de Cultura do GOEAM, até 30 de maio de 2001. Perence aos graus filosóficos.

¹⁷⁷ Fonte: MEMORIAL da AAML, Edição 2008.

¹⁷⁸ Fonte: MEMORIAL da AAML, Edição 2008.

CADEIRA Nº 24

PATRONO: JUSTINO MARCOS DA SILVA¹⁷⁹

Justino Marcos da Silva, natural deste Estado, nascido em 21 de maio de 1923, nesta cidade de Manaus, filho de Justino Marques da Silva e Ana de Oliveira Silva, ambos também amazonenses. Justino Marcos era seu nome conhecido. Construiu sua carreira em Manaus, iniciando seus estudos no Grupo Escolar Barão do Rio Branco. No Colégio D. Pedro II, cursou o ginásio e o científico. Bacharelou-se em Direito pela Faculdade de Direito do Amazonas. Militou na advocacia e no magistério por longo período e, como professor, lecionou em várias escolas públicas, entre elas o Colégio Estadual, Colégio Sólon de Lucena e Colégio Rui Barbosa, deixando o magistério por ter sido aprovado para a carreira de Juiz de Direito. Assumiu o cargo em 1963, quando foi designado para a cidade de São Paulo de Olivença. Depois, foi transferido para a cidade de Benjamim Constant, em seguida para Itacoatiara e, posteriormente, para a capital.

Todas essas etapas duraram entre 2 e 3 anos respectivamente.

¹⁷⁹ Fonte: MEMORIAL da AAML, Edição 2008.

Em Manaus, militou na imprensa escrita, foi membro do Conselho Executivo da Escola Técnica Federal do Amazonas, tendo ocupado a presidência desse Conselho por vários períodos. Justino Marcos era maçom emérito, filho da loja UNIFICAÇÃO MAÇÔNICA, membro do Sublime Capítulo Rosa Cruz Unificação Maçônica do Supremo Conselho do Rito Escocês Antigo e Aceito. Era Grau 30, proclamado em 5 de junho de 1963, tendo a patente nº 121.225 e o seu registro geral como maçom era o de nº 53.194. Devido a complicações de doença, Justino veio a falecer no dia 26 de março de 1976, em pleno exercício da profissão de magistrado. Deixou viúva a senhora Maria Ciria da Conceição Sheike da Silva, três filhos, e netos. Justino Marcos da Silva era membro do IGHA, ocupando a cadeira nº 7, de José Anchieta.

Dados apresentados pelo Acadêmico Waldemir Machado de Siqueira na oportunidade de seu ingresso no sodalício.

OCUPANTE Nº 01 - WALDEMIR M. DE SIQUEIRA

(28/01/1932-15/08/2021)

Waldemir Machado de Siqueira, filho de Luiz Gonzaga de Siqueira e Cecília Machado de Siqueira, nascido em Manaus, em 28 de janeiro de 1932. Casado com a Sra. Elza Rego de Siqueira, Waldemir tinha formação técnica em gráfica. Fez o curso de Orientação e Planejamento Sindical e Curso de Cooperativismo e Contabilidade

Sindical. Foi Juiz Classista da Justiça do Trabalho, Presidente do Sindicato dos Gráficos de Manaus, membro do Conselho de Representação da Federação Nacional dos Gráficos-RJ, Coordenador da Comunidade Médica Intersindical, Diretor Presidente da Cooperativa Habitacional Dom Pedro II, e Presidente do CONSINOCOOP-AM.

Waldemir Machado de Siqueira
Fonte: Acervo da AAML



O MAÇOM

Na Maçonaria, era filho da Loja *Unificação Maçônica*, de obediência do Grande Oriente do Brasil. Foi Mestre Instalado, tendo exercido vários cargos na Ordem, entre eles do de Juiz do Tribunal Eleitoral; Grão-Mestre Adjunto, período de 1983/1986; Presidente do Conselho Estadual do GOEAM, Grão-Mestre Estadual de 1986/1987, e Grande Secretário de Educação e Ritualística. Foi condecorado por diversas vezes, sendo a de maior expressão a Condecoração Cruz da Perfeição Maçônica expedida pelo Grande Oriente do Brasil.

Waldemir faleceu no dia 15 de agosto do ano de 2021.

OCUPANTE Nº 02 - MANUEL GOMES DA SILVA

Manuel Gomes da Silva
Fonte: Acervo AAML



Manuel Gomes da Silva¹⁸⁰ foi empossado Acadêmico da Academia Amazonense Maçônica de Letras no dia sete de maio do ano de dois mil e vinte e dois. Originário da Loja Grande Luz, da constelação do Grande Oriente do Brasil, nesse pouco tempo de vivência acadêmica, Manuel foi designado membro do Conselho Fiscal, e da Comissão de Admissão.

Natural de Coari, Estado do Amazonas, Manuel Gomes da Silva nasceu no dia sete de março do ano de 1957. Filho de Manuel Nunes da Silva e de Sebastiana Gomes da Silva, sua autobiografia registra que o Acadêmico é, ou foi:

Parecerista AD HOC de Artigos Científico Jurídico. Membro Efetivo da Academia Amazonense Maçônica de Letras. Escritor. Juiz Eleitoral Maçônico, Secretário Executivo do Tribunal Eleitoral Maçônico. Tem Doutorado em Direito Constitucional pela Universidade de Fortaleza – UNIFOR. É Mestre em Educação e Formação de Docente pela Universidade dos Povos da Europa; Bacharel em Ciências Jurídicas pelo Centro Universitário Luterano de Manaus - ULBRA; Formação Continuada: Escola Superior de Magistratura do Amazonas - ESMAM. Concluiu com aproveitamento o XV Curso Preparatório à Carreira da Magistratura, com

¹⁸⁰ Fonte: Dossiê do Acadêmico.

um total de 815 horas aula. Doutor em Ciência da Educação pela Universidade Francis Xavier; Licenciado em Pedagogia pelo Instituto de Ciências Sociais e Humanas. Instituto Superior de Educação. Com Especializações em Coordenação Pedagógica e Supervisão Escolar, pela Faculdade de Teologia Equipe Darwin Águas Claras, Distrito Federal; Psicopedagogia Institucional pelo Instituto de Ciências Sociais e Humanas Valparaíso, de Goiás; Gestão Escolar e Metodologia do Ensino Superior pela Faculdade Salesiana Dom Bosco, Manaus/AM. Licenciado em História pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM; Especializações em Metodologia do Ensino de História e História Moderna. Orientador e Coordenador de Projeto Pedagógico Educacional; Orientador e Supervisor de Estágio Acadêmico e Profissional. Professor de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, nas Disciplinas Jornadas Jurídicas de Integração, Pesquisa e Redação Científica; Metodologia; Pesquisa e Ciência do Direito Público e Privado pela Universidade de Fortaleza - UNIFOR. Como Elaborar Projetos de Pesquisa e Artigos Científicos pelo Centro Universitário Luterano de Manaus - UBLRA. Oficina de Texto Acadêmico e Pesquisa Jurídica pela Escola Superior de Magistratura - ESMAM. Professor do PARFOR da Universidade do Estado do Amazonas - UEA. Livros Publicados: Pitadas da História do Brasil com Temperos da Amazônia; o Diálogo Entre o Ensino e a Aprendizagem e a Autoestima do Profissional da Educação, PARFOR UEA, 10 (dez) anos formando professores no Estado do Amazonas. A Transdisciplinaridade do Direito Tomo I e Tomo II; O Direito como Farol.

CADEIRA Nº 25

PATRONO: JORGE DE MORAIS¹⁸¹

Jorge de Moraes
Fonte: Facebook, coletado
11/03/2024



Dentre os numerosos e valorosos nomes que estão definitivamente inseridos na história do Amazonas, avulta o do doutor Jorge de Moraes. Mesmo diante dessa afirmativa, que ninguém pode contestar ou duvidar, tudo leva a crer que o seu nome ... caiu no esquecimento das citações, e no silêncio das pessoas, aliás como ocorre frequentemente com tantos outros, nas armadilhas do calendário. Faltou-lhe a homenagem

¹⁸¹ Biografia apresentada por pelo Acadêmico Ruy Alberto Costa Lins para a edição do Memorial de 2008, intitulada Alguns registros sobre a Vida e a Obra do Doutor Jorge de Moraes (1878/1947)

definitiva que marcasse o seu digno nome e a magistral performance na sua peregrinação terrena. Falta o seu nome em um hospital (foi um médico de renome), ou em uma escola ou centro educacional especial (foi um professor de notável talento e um competente secretário de educação), ou em um logradouro público, praça, rua ou avenida (foi um correto e entusiasmado prefeito), ou em um prédio público (foi um senador de magnífica atuação e reputação), ou em um bairro (foi um deputado federal atuante e combativo). Simplesmente inacreditável. Até mesmo a única e pequena rua com o seu nome, no centro de Manaus, teve a sua denominação trocadas. E pensar que levou toda a sua vida dando tudo de si, com muito amor pela sua cidade – Manaus - e trabalhando com afinco pelo desenvolvimento do seu Estado, o Amazonas.

Desde cedo mostrou ser dotado de primorosa inteligência. Na adolescência possuía uma espantosa vivacidade. Nasceu em Manaus a 18 de julho de 1878. No momento oportuno, seguiu para a cidade de Salvador, onde concluiu o curso de medicina, na Faculdade de Medicina da Bahia - naquela época a escola de medicina padrão do País - com um desempenho acadêmico merecedor dos melhores elogios. A sua turma de médicos é de 1905, quando tinha apenas 27 anos.

Em Manaus abriu um espantoso leque de atividades, compatível com a sua juventude e a enorme vontade de grandes realizações em favor da sua terra. Vemo-lo, então, como Médico, Professor, Deputado Federal, Senador da República, Prefeito de Manaus, Administrador e Servidor Público, Acadêmico, Tribuno, Poliglota. Antes teve forças para proveitosa especialização em medicina, em vários países da Europa (Alemanha, Inglaterra, França, Suíça e Áustria). Direcionava todas essas atividades para servir, com intrepidez, seriedade e competência, sua gente, sua cidade, seu Estado.

Na política partidária, como integrante do Partido Republicano (dirigente e delegado), foi eleito deputado federal para um mandato

de 1905 a 1908. A sua carreira política, no entanto, iria muito mais longe. Exerceu, de 1909 a 1911, o mandato de Senador da República, que renunciou ao ser eleito Superintendente do Município. Foi aclamado "Ativo" e trabalhador, talentoso e ilustrado, a sua ação, à frente da maior edilidade estadual, vale por um atestado irrefutável de seu grande e límpido civismo". Projetou-se como um administrador de espírito forte, empreendedor, justiceiro e desnudo de tibieza". Na verdade, à frente do município, carente de recursos financeiros, promoveu uma gestão inteligente no sentido de aliviar os obstáculos quase intransponíveis e as dificuldades sempre presentes. Pela clara definição dos problemas e as soluções formuladas, são notáveis as suas mensagens endereçadas ao Conselho Municipal de Manaus. Ao término do seu mandato municipal, retomou ao trabalho humanitário de médico, no consultório, nos hospitais e nas salas de cirurgias. Veio, então, mais uma vez a ser eleito deputado federal. No entanto, de conformidade com as práticas políticas determinadas pela legislação da época, teve a frustração de não ter a sua eleição reconhecida e aceita pela Câmara Federal.

Na área educacional, desenvolveu um trabalho hercúleo, como diretor (sem remuneração) no Instituto Benjamin Constant, professor da Escola Normal e do Ginásio Amazonense Pedro II, diretor da Instrução Pública, professor e vice-diretor da Faculdade de Medicina da Universidade de Manaus.

A sua atuação como médico sempre foi irrepreensível. Cirurgião na Santa Casa de Misericórdia, realizou cirurgias de grande complexidade para a sua época. A imprensa de Manaus, com uma ponta de justificado orgulho, registrava destacadamente "a primeira vez que entre nós se levou a efeito a operação mais grave e difícil entre todas as intervenções obstétricas". Rodolpho Guimarães Valle, na sua fala homenageando o doutor Jorge de Moraes, no Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, em 29 de fevereiro de 1976, assim destacou: "A abnegação voltada ao aperfeiçoamento dos estudos tendentes a

minorar e extinguir os sofrimentos dos seus semelhantes, levou-o a ser escolhido para o cargo de Diretor Clínico da Sociedade Portuguesa Beneficente do Amazonas. Sob a sua administração, foram introduzidos nesse nosocômio inúmeros melhoramentos que a ciência exigia, notadamente uma sala de operações modelo, que recebeu o seu nome, para atestar indelevelmente a competência do homenageado e patentear o reconhecimento unânime da colônia lusitana ao grande sacerdote da ciência médica".

Na maçonaria ingressou a 7 de dezembro de 1903, em Salvador, quando ainda estudante de medicina. Em Manaus frequentou as lojas simbólicas existentes na época.

A sua bibliografia parece ser modesta. Afinal, a frenética diversidade de tantos encargos, mandatos populares, funções públicas, cursos e viagens, aulas, cirurgias e os compromissos com os seus pacientes, essas múltiplas atividades certamente contribuíram para que escasseassem trabalhos literários. Mesmo assim escreveu e fez publicar: *A Instrução Pública em Manaus - Defesa do Regulamento da Instrução* (1905); *Instrução Pública - carta aberta a Adriano Jorge* (1905); O doutor Jorge de Moraes como Senador pelo Amazonas (1909/1910); *Leopoldo de Mattos, Poliantéia* (1912); *Mensagens ao Conselho Municipal de Manaus*, 4 (quatro) em 1911, 1 (uma) em 1912 e 2 (duas) em 1913.

Fez parte do grupo que fundou e instalou a Academia Amazonense de Letras, em 1º de janeiro de 1918, ocupando como fundador a cadeira que tinha como patrono Oswaldo Cruz, patronato este trocado para Coelho Neto, e que teve como ocupantes posteriores Moacyr Paixão e Genesino Braga. Atualmente (na época em que o artigo foi escrito), essa cadeira é ocupada pelo desembargador Lafayette Carneiro Vieira. No ano anterior, a 25 de março de 1917, igualmente fez parte do grupo de numerosas pessoas que fundou e instalou o Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas. Está, assim, na galeria de honra

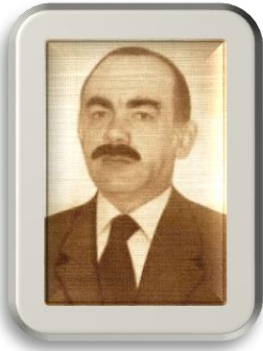
dos fundadores do IGHA.

Nos primeiros anos da década de quarenta do século passado, mudou-se para o Rio de Janeiro, em busca de melhoras para a sua saúde. Faleceu em 1947, com 69 anos.

OCUPANTE Nº 01 - RUY A. COSTA LINS¹⁸²

(03/03/1934 - 30/04/2010)

Ruy Alberto Costa Lins
Fonte: Blog do Coronel Roberto



Ruy Lins foi um dos soerguedores da Academia no dia dezanove de abril do ano de 2004. Daí essa data ser considerada como a data do seu ingresso no Sodalício.

Nasceu em Manaus, Amazonas, no dia 03 de março de 1934, filho do funcionário público federal Milton Pessôas Lins e de Nina de Araújo Costa Lins, Economista, Professor e Político.

Formado pela Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Amazonas, especialista em

¹⁸² Fonte: MEMORIAL da AAML, Edição 2008, complementado com matéria publicado no Blog do Coronel Roberto, consultado em 15/03/2024.

desenvolvimento econômico, mestrado em análise econômica pelo Conselho Nacional de Economia e de Planejamento Ambiental pela Universidade Federal Fluminense.

Foi Professor Adjunto do Departamento de Economia e Análise, Doutor *Honoris Causa* da Universidade Federal do Amazonas.

No setor público, foi chefe de setor e Secretário Executivo da Comissão de Desenvolvimento Econômico do Estado do Amazonas – CODEAMA, Secretário de Estado do Planejamento e Coordenação Geral, Secretário de Estado da Produção Rural, Viação e Obras Públicas, Secretário de Estado do Interior e Justiça; Secretário Geral da Junta Comercial do Amazonas; Superintendente da Zona Franca de Manaus. No setor privado, foi Diretor da Faculdade de Ciências Econômicas. Foi membro do Conselho Técnico Administrativo e do Conselho Departamental e Congregação; Chefe do Departamento de Economia e Análise; Coordenador dos Colegiados de Cursos; Professor Orientador de monografia dos cursos de graduação em Ciências Econômicas da CODEAMA.

Desenvolveu atividades como secretário-geral na implantação, na Junta Comercial do Amazonas, de mudanças preconizadas para o registro do comércio e cadastro nacional. Foi idealizador e instalador da Associação de Exportadores e Importadores da Zona Franca de Manaus – 1979 e 1982, respectivamente.

Na Universidade Federal do Amazonas (UFAM) foi, dentre outros, membro do Conselho Universitário e do Conselho Diretor da Fundação Universidade do Amazonas. Também foi professor, por concurso público, na Escola Técnica de Comércio Sólon de Lucena, 1965-1966, e na Escola de Servidor Público do Estado do Amazonas – ESPEA, 1967.

Foi sócio efetivo da Academia Amazonense de Letras e do Instituto Geográfico Histórico do Amazonas

Na maçonaria, teve a seguinte trajetória: Membro da Grande Benemerita Loja Simbólica Conciliação Amazonense nº 3, da jurisdição da Grande Loja do Amazonas. Exerceu vários cargos tanto na

Loja Simbólica quanto nas Lojas Superiores. Foi mestre instalado, por ter sido eleito venerável da Loja Conciliação Amazonense, para o período administrativo de um ano.

O Blog do Coronel Roberto publicou no dia 30/04/2010:

“Ruy Lins morreu hoje pela madrugada, aos 76 anos, completados em 3 de março passado, quando inaugurei este espaço com a lembrança dessa data. A última vez que o encontrei foi à entrada da Academia, quando fomos nos despedir do genial Anísio Mello, morto em 11 último.

Lembro de três momentos do doutor Ruy Lins: primeiro, quando ele dirigiu o CODEAMA, instalado na rua Major Gabriel, no governo de João Walter de Andrade. Depois, ao assumir a superintendência da Zona Franca de Manaus (1979/1983), cuja foto aqui exposta encontra-se na galeria desses dirigentes. Enfim, como membro efetivo do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, quando dirigimos o IGHA no biênio 2000-02. Na ocasião, ele se encarregou de produzir o noticiário do sodalício, elaborando um Boletim que mensalmente se encorpava, chegando a circular em cores. Encerrado nosso período diretivo, o Boletim desapareceu.

Ruy Lins pertencia a Academia Amazonense de Letras, ocupante da Cadeira nº 32, de Bernardo Ramos, empossado em 1985. Com sua morte, abriu-se a oitava vaga na Casa de Adriano Jorge.”

OCUPANTE Nº 02 - DAVID CUNHA NÓVOA

David Costa Nóvoa
Fonte: Acervo AAM



Originário da Loja Rio Solimões, de obediência da Grande Loja do Amazonas, onde foi iniciado no dia nove de novembro de 2002, e exaltado ao Grau de Mestre Maçom no dia cinco de maio de 2003, David Cunha Nóvoa foi empossado acadêmico da AAML no dia vinte e cinco de agosto do ano de 2012. Antes, em 2010, a Academia lhe conferiu Medalha de Honra ao Mérito, por relevantes serviços prestados à Maçonaria, e contribuições para o fortalecimento do Silogeu.

Para sua admissão como ocupante da Cadeira Nº 25 do Sodalício, que tem o Dr. Jorge de Moraes como Patrono, David apresentou artigo intitulado “Trabalho Acadêmico de Graduação - O Poder das Marcas Para o Sucesso da Empresa”.

David é natural de Manaus, Estado do Amazonas, nascido no dia três de novembro do ano de 1981, filho de David Novoa Gonzales e de Hilma Cunha Novoa. Sua formação profissional é em Administração, pela Universidade Federal do Amazonas-UFAM, e em Direito, pelo Centro Universitário de Ensino Superior do Amazonas-CIESA.

CADEIRA Nº 26

PATRONO: JOSÉ C. DE MIRANDA LEÃO¹⁸³

José Coelho Miranda Leão

Fonte:

<https://encr.pw/3eagH>



José Coelho Miranda Leão nasceu em Manaus, Amazonas, filho de José Coelho de Miranda Leão, coronel e político. Foi educado e instruído em Lisboa. Regressando à Manaus, adotou como atividade permanente o comércio, e mais tarde também a política. Sua casa de negócio ficava à Rua Brasileira, hoje Avenida Sete de Setembro.

Casou-se com Martiniana Ferreira dos Anjos, descendente, em linha direta, da tribo dos Manaós, de que fora chefe o intrépido índio Aju-ricaba. O Coronel Miranda Leão foi

¹⁸³ Biografia compilada por Manoel Gomes Nogueira, primeiro ocupante da Cadeira Nº 26, que tem como Patrono José Coelho Miranda Leão.

autêntico autodidata, pois fizera sua cultura na observação dos fatos, na leitura de bons livros e no convívio da sociedade manauense. Era um exemplo de conduta onde quer que estivesse. Quando foi instalada a Província do Amazonas, a 1º de janeiro de 1852, estava presente e assinou seu nome em terceiro lugar, naquela solenidade, como escrivão da Comarca de Manaus. Na lista dos deputados provinciais à Assembleia Legislativa para o biênio 1874-1876, lá está em companhia do Capitão Nicolau José de Castro e Costa, Coronel Antônio Monteiro Tapajós, Capitão Justiniano Braule Pinto, e outros. Era um dos quinze eleitores que integravam o colégio dos votantes da capital. Servia de tenente-coronel da Guarda Nacional de Manaus. Por alguns anos, continuou integrado à Assembleia Legislativa da Província. Um dos mais importantes serviços que prestou ao Amazonas foi a pacificação dos cabanos, em Luzéia (Maués), na Mundurucânia.

Além de todos os méritos apontados, José Coelho Miranda Leão participou da organização da Associação Comercial do Amazonas, fundada em 1871, e da qual foi seu primeiro presidente.

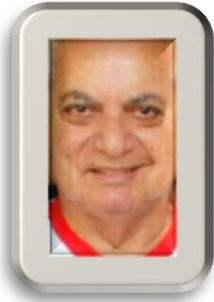
Nos documentos pesquisados não encontramos registro de sua data de nascimento, tendo falecido em 1884 e seus restos mortais estão na necrópole de São João Batista.

OCUPANTE Nº 01 - MANOEL G. NOGUEIRA

Na Reunião de dezessete de maio do ano de 2002 Manoel Gomes Nogueira foi indicado por Antonio José Souto Loureiro para ocupar a Cadeira Nº 26 do Silogeu, que tem como Patrono José Coelho

de Miranda Leão, um ícone da história do Amazonas. No dia dezes- seis do mês seguinte, Manoel Nogueira apresentou a biografia do Pa- trono da sua Cadeira. Aos onze dias do mês de dezembro do ano de 2003 foi aclama- do e empossado Membro do Conselho Fiscal.¹⁸⁴

Manoel Gomes Nogueira
Fonte: Acervo AAML



Com formação profissional na área do Direito, Manoel Nogueira foi de grande importância quando do soerguimento da Academia, no ano de 2002, depois de mais de vinte anos sem promoção de qualquer atividade acadêmica, sem direção, oculta sob uma névoa de desinteresse dos Acadêmicos Fundadores. Foi ele que assumiu, às suas expensas, a responsabilidade da regularização da Pessoa Jurídica do Silogeu

perante os órgãos governamentais.

O acadêmico Manoel Gomes Nogueira, filho de Rodolfo Gomes Nogueira e Maria Nogueira Gomes, nasceu no município de Coari, Estado do Amazonas, em 10 de fevereiro de 1940, casado com Nilzete Gil Nogueira, tendo quatro filhos, Maura Gil Nogueira, Mari- zete Gil Nogueira, Marinez Gil Nogueira e Marcondes Gil Nogueira. Bacharel em Direito pela Universidade Federal do Amazonas. Foi dirigente Sindical, sendo Presidente do Sindicato dos Tecelões, Presi- dente da Federação dos Trabalhadores da Indústria do Estado do Ama- zonas, Delegado Regional do ministério do Trabalho no Estado do Amazonas e Território de Roraima. Ingressou como advogado de Ofi- cio do Estado do Amazonas em dezembro de 1981, onde foi Defensor Público. Exerceu, também, o cargo de Juiz Classista do TRT, da 11ª Região.

¹⁸⁴ Fonte: Registro respectivos nas atas das reuniões realizadas nas datas mencionadas.

Dentre várias honrarias, recebeu o título de Advogado Trabalhista no ano de 1985 e a Comenda do Mérito Judiciário do Trabalho no grau de oficial, concedido pelo Tribunal Superior do Trabalho.

Maçom iniciado, em 26 de maio de 1973, pela Loja Estrela de David nº 2387, cadastro nº 158765. M.I. de sua loja – 1991 a 1993. Deputado e Presidente da Assembleia Maçônica durante quatro mandatos de um ano cada.

Grão Mestre Adjunto de junho de 2003 a junho de 2007. No filosofismo é grau 33 e assumiu vários cargos, como orador do consistório e presidente do Conselho de Kadosch e atualmente é juiz do Tribunal Eleitoral Maçônico.

CADEIRA Nº 27

PATRONO: LEOPOLDO A. DA S. NEVES

Leopoldo Amorim da Silva Neves
Fonte: <https://www.geni.com/people/Leopoldo-Amorim-da-Silva-Neves/6000000075965179850>



O grande filósofo alemão Friedrich Wilhelm Nietzsche já dizia que: "os valores de um homem quase sempre são reconhecidos tardia ou postumamente", o que não deixa de ser uma verdade que aos poucos está tomando outro rumo, uma vez que hoje em dia algumas pessoas já estão sendo homenageadas ainda enquanto vivem.

Neste aspecto, inúmeros são os tópicos que se encaixam dentro desse pensamento de NIETZCHE.

A amizade é um dos grandes valores e raramente a observamos hoje em dia, nesta vida de labuta e competição pela sobrevivência. A fidelidade e o bom caráter cada vez mais ficam escassos, mas mesmo assim temos demonstrações no caminho da nossa existência, no plano terráqueo.

Um dos grandes exemplos de amizade foi a existente entre o economista, filósofo alemão e fundador do socialismo moderno, Karl Heinrich Marx e o seu contemporâneo e filósofo, e economista, além de sociólogo, Friedrich Engels. Era uma amizade tão sincera que nos vários momentos de dificuldades do autor de *O Capital*, o seu amigo Engels fornecia-lhe recursos financeiros que o sustentasse juntamente com a sua família, para que dessa maneira pudesse Marx dedicar-se ao máximo às investigações econômicas. Engels fazia isso com o maior prazer, pois dispunha de recursos financeiros - uma vez que era filho de um industrial têxtil - mesmo quando fixara residência em Manchester para gerir os interesses da firma paterna associada a uma empresa têxtil inglesa.

Para sintetizar essa colossal amizade, vejamos o que escreveu a esse respeito, o baiano Jacob Gorender, estudioso do marxismo (principalmente em seus aspectos de filosofia e teoria econômica) e historiador da economia brasileira.

"Em 1844 e em Paris, Marx e Engels deram início à colaboração intelectual e política que se prolongaria durante quatro décadas". Dotado de exemplar modéstia, Engels nunca consentiu que o considerassem senão "segundo violino" junto a Marx. Mas este sem dúvida ficaria longe de criar uma obra tão importante pela complexidade e extensão não contasse no amigo e companheiro um incentivador, consultor e crítico. Para Marx, excluído da vida universitária, desprezado nos meios cultos e vivendo numa época em que Proudhon Blanqui e Lassalle eram os ideólogos influentes

das correntes socialistas, Engels foi mais do que um interlocutor, pois representou, conforme observou Paul Lafargue, o verdadeiro público com o qual Marx se comunicava, público exigente para cujo convencimento não poupava esforços.

As centenas de cartas do epistolário recíproco registram um intercâmbio como poucas vezes ocorreu entre os dois pensadores, explicitando, ao mesmo tempo, a importância da contribuição de Engels e o respeito de Marx às críticas e conselhos do amigo".

Como já dizia o grande historiador Will Durand, os homens inteligentes, os gênios dão-se um com o outro tão harmoniosamente como a dinamite com o fogo.

Na versão amazonense, é sempre bom lembrarmos da grande amizade que existiu entre Leopoldo Neves e o intelectual e membro da Academia Amazonense de Letras Péricles Moraes, autor de *O Exemplo de Leopoldo Neves* (Visão introspectiva de uma vida e um caráter), um trabalho de tão alta qualidade, onde enfoca as virtudes e atitudes edificantes desse homem que foi um dos grandes políticos do Amazonas.

Portanto, essa obra foi uma homenagem da Academia Amazonense de Letras à memória do seu preexcelso animador.

Péricles Moraes afirma que Leopoldo Neves foi um homem singular e que não se deixou acometer pelas artimanhas e pelos vícios dos políticos do seu tempo e exara o seu ponto de vista, dizendo que o estadista amazônico foi um dos que mais espelhou os sentimentos do povo, desdobrando-se em atividades e iniciativas e deixando por toda parte a marca do seu trabalho e as suas realizações.

Leopoldo Neves chegou ao poder pelo voto quase unânime dos seus contemporâneos, depois de uma espetacular campanha eleitoral.

Já governador, a primeira providência que tomou foi traçar linhas de um programa de ação norteado no reflexo e na irradiação do seu pensamento político sempre pautado na honra e na dignidade.

Leopoldo sabia que era uma tarefa difícil governar um estado com uma extensão territorial imensa, como é o Amazonas, mas estava determinado a investir nas melhorias do seu povo, fazendo com que percebessem suas responsabilidades para a construção de uma sociedade menos sofrida, onde havia, portanto, a necessidade de uma reeducação e aperfeiçoamento de metodologias, visando um maior aproveitamento da terra para com os seus elementos vitais: mostrou a exploração, a expansão e a questão da ocupação e conseqüente povoamento dos rincões colossais.

No exercício do mandato, sempre primou pelo caráter e pela dignidade, uma vez que todos os seus atos e deliberações atestavam as aplicabilidades destas características que deviam sempre acompanhar os políticos, mas que infelizmente, nos dias atuais, acontece exatamente o contrário, uma vez que já se tornaram costumeiras as CPIs para apurarem deslizes e falcatruas dos mesmos.

Leopoldo, portanto, não possuía estes vícios políticos e por isso era conhecido como Pudico, que, no meu velho Dicionário Escolar da Língua Portuguesa, organizado por Francisco da Silva Bueno, edição de 1965, significa aquele que tem pudor, envergonhado, casto.

Durante a sua administração, no curto período de três anos, o Pudico empreendeu um grande trabalho, graças aos seus esforços e sacrifícios. Somente desta maneira pôde superar os obstáculos que apareciam em sua frente, sempre os transpondo com a mesma determinação que o acompanhou desde menino, quando aos quatorze anos de idade, devido ao falecimento do seu pai, e para ajudar a mãe na manutenção da família, foi ajudante de agricultor, no Campo Experimental, e trabalhou como tipógrafo na Papelaria César & Cia.

Esse virtuoso governador do Amazonas possuía uma extraordinária visão administrativa. Traçava seus roteiros e deles não desviava, mesmo que tivesse que superar antagonismos. Não aceitava a preguiça e a falta de interesse no trabalho dos seus funcionários e por isso exerceu seu mandato com seriedade, combatendo a inoperância e a corrupção. Foi um homem dinâmico e agraciado por Deus com uma grande inteligência, que sempre a usou em prol do seu povo e no desenvolvimento do seu Estado. Exercitou como ninguém a democracia, e dizia sempre que todos devem ter a liberdade de opinião. Possuindo esse pensamento, nunca permitiu que se discriminassem os seus adversários. Era um homem dotado de raro senso de justiça e dono de um caráter ilibado e elogiado por todos.

Leopoldo Neves valorizava por demais as pessoas responsáveis e dentre inúmeros casos que confirmaram a sua sensatez vamos citar alguns que foram exarados pelo seu grande amigo Péricles Moraes.

“Um coletor de rendas do interior, seu inimigo e adversário político, foi conservado no seu cargo fazendário sem que fosse importunado, pois mesmo apesar de falar demais, o prefeito da cidade confidenciou a Leopoldo Neves que se tratava de um funcionário honesto e que defendia o erário público com uma determinação extraordinária, não permitindo nenhum tipo de falcatrua no seu departamento”.

Outro caso que vale ser citado foi o que aconteceu por ocasião do falecimento do escritor Huascar de Figueiredo, adversário da situação, que havia lutado bastante para anular a sua eleição, usando todos os recursos jurídicos, sem obter sucesso. Leopoldo, reconhecendo o grande valor de Huascar, Procurador Fiscal da Fazenda e advogado famoso, e provando não guardar mágoas, pois no seu coração as virtudes sempre foram as suas inquilinas, determinou que os seus funerais corresse por conta do Estado, demonstrando que o homem não deve guardar nenhum tipo de ressentimento pelo seu semelhante, pois

era consciente de que na transitoriedade da vida física, é que devemos dar demonstrações de solidariedade e humildade. Foi ainda um dos que carregou o esquife do ex inimigo, segurando-o em uma das alças no caminho do cemitério, dando uma demonstração do grande caráter que possuía.

Leopoldo Neves, sempre foi um homem fleumático, e resolvia os problemas administrativos com muita sabedoria e honestidade, e sem fazer uso de sua autoridade como governador, como acontece hoje em dia nos quatro cantos do nosso país, onde os políticos não visam o bem-estar das pessoas que os elegeram, mas o próprio bem-estar, envolvendo-se em falcatruas e maracutaias...

Dotado de caráter edificante, ele sempre tinha uma solução para os problemas da massa popular, uma vez que nos meandros do seu coração não fazia discriminação entre ricos ou pobres e sim aplicava a justiça acima de qualquer facção partidária, sempre visando os interesses da coletividade. Por isso, a maior parte da população que o fez governador, acreditava nas suas atitudes e ações, pois sempre eram dotadas de lucidez e honestidade, pois o povo sabia que o seu representante possuía um passado digno, honroso e incorruptível, e isso até inspirava os jovens amazonenses à prática das grandes virtudes.

Péricles Moraes, seu amigo e confidente, acompanhou de perto as atitudes edificantes de Leopoldo Neves da mesma maneira que via as transformações políticas do Amazonas, durante a sua administração. Ao seu lado presenciou as glórias e aos momentos de desalento sentidos por aquele homem que ele, um intelectual da melhor qualidade, classificou como um homem-paradigma, de têmpera de aço, que tanto trabalhou e sofreu pela grandeza do Amazonas, sendo tão mal recompensado.

Péricles relata-nos que Leopoldo Neves era um homem desprezado, muitas vezes rejeitando de mão beijada as verbas que lhe eram conferidas pela Assembleia Legislativa, e que legalmente lhe

cabiam. Tudo isso dispensava em favor do povo, e em nome do progresso do seu Estado.

Como político, Leopoldo Neves foi exemplar, não se envolvendo com as trapaças que tanto macularam alguns governantes. Era um homem de palavra e renunciou ao cargo de governador seis meses antes do término do seu mandato, cumprindo acordo que firmara com seus partidários, uma vez que estava convicto que executava como havia traçado, o seu plano de governo.

Sempre foi um homem correto enquanto dirigente do povo amazonense, tanto que sempre prestou conta dos seus atos, como comprovam os documentos, nas três mensagens dirigidas à Assembleia Legislativa, onde mencionava ter reduzido os compromissos financeiros do estado do Amazonas, e também que o funcionalismo público se encontrava normalizado.

Leopoldo Neves sempre visava atender às necessidades do povo, tanto que na sua administração executou várias obras que trouxeram grandes benefícios aos amazonenses, mas essas obras serão citadas mais adiante.

Voltando à questão política, vale aqui ressaltar que Leopoldo Neves deixou o governo para disputar uma cadeira no Parlamento Nacional, candidatando-se a Senador da República, porém aí faltou o apoio do povo e dos seus correligionários, sendo vítima de uma política hedionda que se infiltrava nas massas populares. Sendo assim, seus planos em prol da causa pública foram inúteis uma vez que não conseguiu eleger-se.

Como se tratava de um homem honesto, Leopoldo Neves deixou o governo de mãos vazias e segundo o seu grande amigo Péricles Moraes, "ainda mais pobre do que ao transpor os umbrais do Palácio Rio Negro".

Portanto, Leopoldo Neves teve a sua candidatura ao Senado sacrificada pelo suborno, articulações reprováveis e traições de todas as formas, mas recebeu tudo isso com serenidade e nunca se queixando, a qualquer pessoa, das atitudes dos falsos amigos. Péricles Moraes nos relata ter percebido e até adivinhado os lances dramáticos dos seus últimos dias, enfrentando várias dificuldades, problemas existenciais e preocupado com a subsistência da sua grande prole, com dívidas a saldar. Deu novo rumo na sua vida indo trabalhar entre pessoas humildes e honestas, no Banco de Crédito da Amazônia, e ali encontrou paz, penitenciando-se amargamente dos erros e dos infortúnios da política onde só os que se dão bem são os homens ligados a corrupção e a falcatruas.

Foi ali no Banco de Crédito da Amazônia, na sua banca de trabalho que morreu fulminado por um derrame cerebral. A cidade inteira ficou comovida com a notícia do falecimento de Leopoldo Neves e sua modesta residência ficou cheia de homens e mulheres, velhos e crianças de todas as classes sociais, que traziam as homenagens e conforto moral à viúva.

O seu enterro foi uma verdadeira apoteose, sendo os despojos sagrados conduzidos a pé, pela massa popular, até a sua sepultura. E foi lá que o seu amigo Péricles Moraes o contemplou pela última vez, e assim descreveu a cena de tristeza:

"Estendido no seu ataúde coberto de rosas, Leopoldo Neves dormia o seu derradeiro sono. Com a fisionomia serena e resignada das criaturas sem culpa, as retinas imobilizadas, as mãos brancas e esguias cruzadas sobre o peito, o coração parado para sempre, lá se encontrava nas fronteiras da eternidade, irremediavelmente morto, o varão ilustre que se tornara à última hora, depois de escarnecido e derrotado, o ídolo sacrossanto do povo. Eu tive a impressão neste minuto alucinante, que dos seus lábios lívidos afluía um sorriso

escarninho ironizando aquela oratória bombástica e inexpressiva, que jorrava em catadupas sobre um corpo inanimado, e cujos surtos flamejantes, estimulados pela irreverência de palmas sacrílegas, estavam longe de interpretar a legenda heráldica de suas angústias e do seu martírio".

E assim, Leopoldo Neves foi levado ao seio da terra em que viveu, amou e padeceu e hoje serve de referência quando algum amazonense fala de honestidade.

O NASCIMENTO

Leopoldo Amorim da Silva Neves, conhecido pela alcunha de Pudico, nasceu em Manaus, no dia 24 de fevereiro de 1898. Era filho do coronel Cyrillo Leopoldo da Silva Neves e da professora Maria Amorim da Silva Neves. Seus primeiros anos de vida foram felizes, uma vez que seu pai ganhava o suficiente para manter a sua família, porém a situação começou a complicar quando Leopoldo tinha 14 anos, ocasião em que faleceu o seu genitor, em 1912.

OS ESTUDOS

Leopoldo Neves fez os cursos primários, secundário e superior, todos em Manaus. Segundo Agnelo Bittencourt (1876-1975), o primário em escola particular e, os preparatórios, no Ginásio Amazonense Pedro II (Colégio Estadual do Amazonas). Em 1916, matriculou-se na Escola Agronômica de Manaus onde se formou Engenheiro Agrônomo, colando grau a 20 de dezembro de 1921.

A LABUTA

Ainda cedo, com o falecimento do seu pai, Leopoldo Neves começou a trabalhar para ajudar a sua mãe.

Foi ajudante de agricultor no Campo Experimental e trabalhou como tipógrafo na Papelaria César & Cia.

Na época em que se formou, era funcionário do Departamento dos Correios e Telégrafos e se exonerou da sua função para entregar-se a profissão que escolhera. Viajou por vários locais do Estado trabalhando na demarcação de terras.

O CASAMENTO E CONSTITUIÇÃO FAMILIAR

Aos 28 anos de idade, em 1926, Leopoldo Neves subiu ao altar para casar-se com Dona Caryné Maciel Jacob.

O casal teve oito filhos, sendo sete mulheres e um homem. Como gostavam por demais do nome Maria, então resolveram colocar o nome de Maria em todas elas e eis a relação: Maria de Nazareth, Maria Thereza, Maria José, Maria Eloy, Maria Conceição, Maria do Carmo, Cyrillo Hermeto e Maria de Lourdes Jacob e Silva.

O HOMEM PÚBLICO E POLÍTICO

Parintins, um importante município amazonense, foi o seu ponto de partida. Ali foi prefeito, saindo posteriormente para a Assembleia Legislativa do Estado, onde se destacou entre os demais colegas e passou a ser admirado pelos seus pares como um dos membros mais ativos, pelo seu trabalho, e respeitado, pela sua inteligência e cultura. Como reconhecimento ao seu talento foi convidado a dirigir o Departamento das Municipalidades do Estado. Voltou a ser prefeito de Parintins pela segunda vez.

Vale ressaltar que Leopoldo Neves prestou importantes serviços à integridade territorial do Amazonas, como chefe da Comissão de Limites, no litígio entre Amazonas e Pará.

Do Departamento de Municipalidades, passou para a Diretoria da Fazenda Pública, no dia 17 de setembro de 1941.

O dinheiro que ganhava apresentava-se insuficiente para a manutenção da família e isso o levou a abandonar a vida pública.

Como era Engenheiro Agrônomo, resolveu dedicar-se a agricultura da juta. Tudo planejado e decidido deixou a cidade de Manaus, com a família, seguindo rumo ao município de Parintins, mais precisamente à Ilha do Careiro, na foz do lago Manium, e ali, em uma grande área fez o seu jutal e por lá viveu administrando a gleba alagadiça.

Homem ligado à política, não demorou muito tempo para descobrir o seu paradeiro. De repente, os seus amigos políticos aportaram na Ilha do Careiro e lá foram buscá-lo, uma vez que o país tinha retomado ao Regime Democrático, após 15 anos de ditadura.

Foi feito o convite para Leopoldo Neves integrar a Chapa dos Deputados Federais do Amazonas, pelo Partido Trabalhista Brasileiro, e de imediato receberam a resposta negativa, uma vez que o convidado disse já se haver comprometido a aceitar a sua candidatura ao governo do Estado. Saiu vitorioso, mas sua posse foi complicada, pois os seus adversários contestaram-lhe o Diploma e a luta foi parar no setor judicial, mas o Tribunal de Justiça do Amazonas deu-lhe o ganho de causa e o candidato Leopoldo Neves tomou posse, no dia 05 de maio de 1947.

Não chegou até o final do seu mandato, uma vez que seis meses antes renunciou ao cargo, para candidatar-se ao Senado, conforme acordo firmado com seus partidários.

AS DIFICULDADES

Portanto, em 1950, Leopoldo Neves perdeu a eleições para o Senado e ficou numa situação econômica difícil até mesmo para arcar com os compromissos familiares, uma vez que deixou o governo de mãos vazias, pois não era um homem ligado à corrupção, trapanças e falcatruas em benefício próprio.

Nesse momento crucial da sua vida de muito lhe ajudou a sua honestidade. Sabedores das suas virtudes e da situação que enfrentava, os seus amigos - o presidente da República, general Eurico Gaspar Dutra e o chefe de sua Casa Civil, ministro José Pereira Lira - conseguiram com que fosse nomeado para o cargo de assistente técnico do Banco de Crédito da Amazônia, em 1950, e, portanto, o Pudico encaixava-se perfeitamente nessa função, pois era agrônomo. Tudo corria às maravilhas, mas de repente foi surpreendido com a extinção desse cargo e a situação ficou novamente complicada, mas a verdade é que Leopoldo Neves não poderia ficar desempregado, pois já havia adquirido estabilidade, e então se impôs como funcionário à presidência do Banco. Como a situação tinha que ser resolvida, Leopoldo passou a ser escriturário com vencimentos superiores aos demais escriturários, o que ocasionou uma situação desagradável e isso o deixou constrangido, uma vez que não combinava em nada com o seu caráter.

SEUS ESCRITOS

No período em que foi funcionário do Banco de Crédito da Amazônia, destacou-se pelos trabalhos que escrevia sobre a economia amazônica.

Segundo o Professor Agnello Bittencourt, "ninguém foi maior técnico no assunto, no âmbito amazônico e dentro de uma casa de crédito".

Portanto, escreveu diversas monografias como:

“Estado Atual da Cultura da Juta (1951)”;

“Retrospecto Sintético do que foi a Economia Amazonense”;

“Plano de Reestruturação da Região do Baixo Amazonas”;

“A Mecanocultura como Fator por Excelência da Reestruturação Econômica da Amazônia”;

- “A Piaçaba – Palmeira Produtora de Fibras e Óleos”;
- “A Pecuária – Uma Necessidade e seu Incentivo na Amazônia”;
- “Imigração – Agente Natural de Progresso”;
- “Problema de Base na Economia da Amazônia”;
- “Problema de Base na Economia da Amazônia”;
- “A Questão Econômica da Borracha”;
- “As Madeiras – Seu Aproveitamento Integral”;
- “O Sentido Econômico da Amazônia”;
- “Trabalhos de Equipe”;
- “Escolas Experimentais de Ensino Prático de Agricultura e Pequenas Indústrias”;
- “A Situação Econômica da Amazônia Face a sua Nova Guerra”;
- “O Poder Aquisitivo do Trabalho”;
- “O Problema da Alimentação da Amazônia”;
- “A Função Reestruturadora do Banco de Crédito da Amazônia, tendo em consideração o atual momento da crise alimentar”;
- “Confusionismo Econômico”;
- “A Amazônia como Problema”.

SUAS OBRAS PÚBLICAS

Durante o tempo em que esteve à frente do governo, Leopoldo Neves trabalhou na reestruturação urbana de Manaus. Como exemplos podemos citar as avenidas Constantino Nery e Senador Álvaro Maia, que na época eram conhecidas como João Coelho e Boulevard

Amazonas, respectivamente. Também devemos lembrar que a avenida Joaquim Nabuco foi pavimentada no seu governo.

Vale ressaltar que a pavimentação consistia em aplicar nas ruas, pedras em bloco, popularmente conhecidas como pedra-jacaré, e que eram trazidas das grandes pedreiras das áreas do Tarumã e da Ponta Negra.

Essas pedras eram colocadas sobre uma camada de areia, levando depois uma aguada de cimento armado e posteriormente recebiam compactação por meio de um trator chamado de rolo compressor. Essas obras eram realizadas pelas caçambas do DER-AM (Departamento de Estrada de Rodagem do Amazonas).

Também durante o seu governo foi construída a ponte "Presidente Dutra", que trouxe muitos benefícios aos moradores do bairro de São Raimundo.

No campo da saúde, foi feita a edificação e o aparelhamento do Sanatório Adriano Jorge.

Leopoldo Neves deu auxílio e proteção aos estudantes amazonenses que não tinham onde morar, e dessa forma doou-lhes um palacete, conhecido como a Casa do Estudante.

Homem culto, durante o seu governo, determinou por iniciativa própria que se imprimisse, para distribuição gratuita entre as elites, o livro notável de João Leda, o nosso maior escritor e filósofo, segundo Péricles Moraes.

Também salvou a Academia Amazonense de Letras de um colapso inevitável e impediu que a mesma fosse por águas abaixo com suas relíquias venerandas e com tudo aquilo que de grande, eterno e resplandecente dentro de suas tradições, se acumularam, revelando a expressão dos valores regionais.

Portanto, com o apoio do governador, o Silogeu amazônico, sofreu uma grande transformação para melhor, sendo dessa maneira modernizado, porém conservando suas raízes, e por isso Leopoldo Neves era muito querido pelos escritores amazonenses. Como reconhecimento da sua atenção pela arte literária, consagraram-no Grande Benemérito da Academia, colocando o seu retrato ao lado do de Nelson Melo, o seu Eminente Presidente de Honra.

OS GRANDES ASSESSORES DE LEOPOLDO NEVES

Durante o governo de Leopoldo Neves vale a pena lembrar de duas personalidades da época.

Um deles foi o desembargador José Augusto Telles de Borborema, professor Catedrático de Direito do Amazonas, na Faculdade de Direito do Amazonas. Esse cidadão foi nomeado, em novembro de 1947, para chefe de polícia. Era um homem atuante na política local, pois antes já havia colaborado com o Amazonas, por duas vezes, em cargos públicos, e como nas vezes anteriores comprovou a sua grande competência.

Também Péricles Moraes, grande intelectual amazonense, membro da Academia Amazonense de Letras e homem de grande envergadura moral, colaborou com Leopoldo Neves sendo o Secretário Geral do seu governo, tendo honrado o cargo e o Amazonas com a sua inteligência.

ASPECTOS NOSTÁLGICOS

É verdade que Leopoldo Neves fez um grande trabalho de pavimentação nas ruas de Manaus, porém alguns intelectuais saudosistas dizem lamentar o fato de que as pedras-jacaré, em muitas das ruas, substituíram os paralelepípedos importados de Portugal e enterraram com eles muitos quilômetros de trilhos de ferro, que serviam as linhas de bondes de Manaus.

Passados alguns anos, veio o asfalto moderno, e, portanto, sepultou de vez o resto das relíquias do início do século XX, e, por isso, o escritor Gaetano Antonaccio assim se expressou: "Manaus era verdadeiramente mais romântica nos anos 50".

As ruas foram recebendo cada vez mais camadas asfálticas, o que contribuíram decisivamente para aumentar o calor.

Na época dos paralelepípedos portugueses, sem dúvida as noites manauaras eram mais agradáveis, mais suaves, mais frescas, e os reflexos do luar sobre as pedras criavam uma visão romântica.

A MORTE

Como já falamos anteriormente Leopoldo Neves morreu em consequência de um derrame cerebral, a 7 de novembro de 1953, portanto aos 55 anos de idade, deixando uma numerosa família. Nessa época suas filhas eram todas solteiras, mas as três mais velhas já estavam diplomadas e trabalhavam.

O estado do Amazonas e o município de Manaus nunca se esquivaram de assistir às famílias de seus servidores, e, no caso de Leopoldo Neves, não foi diferente: deram à viúva, e filhos menores, uma pensão de onze mil cruzeiros mensais.

Vale ressaltar que onze anos após o falecimento de Leopoldo Neves, a sua viúva, Dona Caryné, depois de alguns anos de paralisia nas pernas, também veio a falecer, em 18 de abril de 1966.

Leopoldo Neves morreu no plano físico, mas continua vivo na memória do seu povo como um homem culto, dinâmico, compreensivo, amigo fiel e acima de tudo, honesto.

HOMENAGENS

No bairro de Santa Luzia existe uma avenida com o nome de Leopoldo Neves e nessa mesma avenida está localizada a Escola Leopoldo Neves, que fica em frente ao Centro de Saúde.

Como podemos observar, o grande Pudico continua vivo na memória dos seus conterrâneos.

OCUPANTE Nº 01 - JOAQUIM M. SEVALHO GAMA¹⁸⁵

Joaquim Moacyr Sevalho Gama
Fonte: Acervo da AAML



A data de hoje ficará marcada, nos anais da minha luta literária, como o reconhecimento do sangue poético que corre nas minhas veias, nesta cidade onde radiquei-me há exatos trinta anos, quando deixei a minha querida Alvarães em busca de um maior desenvolvimento intelectual.

Filho do Dr. Moacyr Viegas da Gama e da doméstica Lindalva Sevalho. Ele, um homem de muitos conhecimentos, pois além de exercer a profissão de Cirurgião

¹⁸⁵ Autobiografia do Acadêmico Joaquim Moacyr Sevalho Gama.

Dentista, muitas vezes exerceu o cargo de suplente de Juiz de Direito da Comarca de Tefé. Como homem público exerceu um mandato como vereador e alguma vez assumiu como prefeito em exercício.

Apesar de não ser um profundo conhecedor da minha árvore genealógica, posso afirmar que a ligação dos meus familiares com a Maçonaria é muito forte. O primeiro Venerável da Grande Benemerita Loja Simbólica Sá Peixoto, N° 13, Tefé-AM, fundada a 23 de junho de 1901, foi o Ir.: Daniel Antônio Sevalho, que exerceu o cargo de 1901-1903. Esse meu parente, que se iniciara na Loja Amazonas N° 2, teve como o 1° Vigilante Daniel Antônio Sevalho Júnior, seu filho. A reunião de fundação ocorreu em umas das dependências da casa do Ir.: Daniel Sevalho.

Quanto ao meu pai, este exerceu o cargo de Venerável Mestre por nove vezes, nos anos de: 1958-1959, 1960-1961, 1973-1974, 1974-1975, 1975-1976, 1976-1977, 1977-1978, 1978-1980.

Nasci em Alvarães (Distrito de Tefé), a 26 de outubro de 1956, e não tendo como dar prosseguimento aos meus estudos, resolvi mudar-me para Manaus e aqui estudei e concluí o Primeiro Grau em 1975, na Escola Estadual Estelita Tapajós.

O Segundo Grau foi concluído no Curso de Habilitação Básica em Saúde, no ano de 1978, no Colégio Amazonense D. Pedro II (conhecido como Colégio Estadual). Ingressei no Curso de Letras da Universidade do Amazonas (U.A.), em 1984. Também ingressei no Curso de Fisioterapia da Universidade Estadual do Amazonas, em Coari, no ano de 2006.

Sou técnico em prótese dentária, com inscrição no CRO-AM 017, e exerço a profissão há quase quarenta anos.

Iniciei na Maçonaria em 27/02/88, na Loja Amazônia Brasileira, do GOB, onde concluí os Graus Simbólicos. Depois fiz os Graus Filosóficos e, a 28/11/98 atingi o Gr: 33 - Grande Inspetor Geral da Ordem.

Na Amazônia Brasileira (GOB) exerci os seguintes cargos:

Mestre de Cerimônias (1990-1996);

Orador (1997-1999);

Venerável Mestre (1999-2000).

No Sublime Capítulo Rosa Cruz “Oriente Unido”:

Tesoureiro (1993-1998);

Aterzata (1998-2001).

No Conselho Filosófico de Kadosch:

Mestre de Cerimônias Substituto (1997-1998), (1998-2000).

No Consistório de Príncipes do Real Segredo:

Mestre de Cerimônias Substituto (1998-2000);

Secretário (2001-2003).

Na Loja Estrela de David (GOB):

Secretário (2001-2003).

Na Loja Fraternidade Coariense (GLOMAM):

Mestre de Cerimônias (2008-2009);

Orador (2009-2010, 2010-2011 e 2011-2012);

Primeiro Vigilante (2012-2013);

Venerável Mestre (2013-2014).

Na Loja 12 de Janeiro (GLOMAM):

Secretário (2018-2019, 2019-2020, 2020-2021 e 2021-2022);

Secretário Substituto (2022-2023);

Segundo Diácono (2023-2024).

Sou contista e escritor com participações nos seguintes eventos:

- I Salão de Poesias do Amazonas (1976);
- II Prêmio Suframa de Literatura (Contos - 1983);
- I FINCATA - Festival Internacional de Cultura e Arte de Tabatinga (poesia-1993);
- Concurso de Contos da Região Norte, promovido pela Universidade do Pará, 1996;
- Concurso de Contos "Guimarães Rosa", promovido pela Rádio France Internationale, Paris-França, 1997 e 1998;
- Concurso Poetas Ocultos II (Poesia classificada e publicada em forma de Coletânea - 1999);
- Concurso Poetas Ocultos III (Conto classificado e publicado em forma de Coletânea-2000);
- Concurso Nacional de Literatura (promovido pelo INESC-Instituto Nacional dos Escritores - Conto-2000, classificado em 2º lugar em todo o Brasil, concorrendo com 225 contistas);
- Concurso de Poesia "Carlos Drummond de Andrade, promovido pela Associação Paulista dos Cirurgiões-Dentistas - 2001 - em comemoração dos 90 anos de fundação;

Atualizações a partir do Memorial I (2002):

- Concurso de Contos, promovido pelo SESC/AM, Manaus/AM, 2005;
- I Concurso Nacional de Poesia, promovido pela Academia de Letras, Ciências e Artes do Amazonas (ALCEAR). Poesia classificada em 3º lugar, Manaus/AM, 2005. Publicada na

revista da ALCEAR, Imprensa Oficial do Estado do Amazonas, Ano III – Nº 3, Manaus/AM, fevereiro 2006;

- Concurso de redação “O Maior de Todos os Troféus”, promovido pela Secretaria de Cultura da Grande Loja Maçônica do Amazonas (GLOMAM). Redação classificada entre as 10 primeiras e que compuseram uma antologia. Participaram do evento, escritores dos estados de Alagoas, Amazonas e Rio de Janeiro. O escritor Joaquim Gama foi agraciado com uma medalha, Manaus/AM, 2006;
- Prêmio SESC de Literatura, promovido pelo Serviço Social do Comércio, com o apoio da Editora Record. Joaquim Gama participou na categoria Livro de Contos, fevereiro de 2018;
- 4º Prêmio Cepe de Literatura, promovido pela Companhia Editora de Pernambuco, com o apoio do governo do estado de Pernambuco. Joaquim Gama participou na categoria Livro de Poesia, maio de 2018;
- Prêmio Literário Gata Bravo, promovido pela Editora Gata Bravo. Joaquim Gama participou na categoria Livro de Contos e foi convidado pela Editora para publicar sua obra em Portugal, Lisboa, maio de 2018;
- Prêmio Paraná de Literatura, promovido pelo governo do estado do Paraná, com o apoio da Secretaria de Cultura e Biblioteca Pública. Joaquim Gama participou na categoria Livro de Contos, julho de 2018;
- Prêmio Jabuti 2021 – O prêmio é o mais tradicional e prestigiado do país. Outorgado anualmente pela Câmara Brasileira do Livro. Foi criado em 1958. Joaquim Gama inscreveu seu livro *Alvarães: Terra dos Caiçaras*, Editora Reggo, Manaus/AM, 2020.

BIBLIOGRAFIA

Título: Amazonas - A Outra Parte da História

Autor: Gaitano Laertes Pereira Antonaccio

Editora: Imprensa Oficial do Amazonas, 2001 - 306 p.

Patrocínio: Governo do Estado do Amazonas, gestão do Dr. Amazônico Armando Mendes. Colaboração: Konkrex - Engenharia de Concreto Ltda.

Hyssa Abraham & Cia. Ltda.

Título: O Exemplo de Leopoldo Neves (Visão introspectiva de uma vida e de um caráter) Autor: Péricles Moraes.

Título: Dicionário Amazonense de Biografias Autor: Agnello Bittencourt.

Patrocínio: Fundação Cultural do Amazonas.

Trabalho apresentado na noite de 19 de abril de 2002 (sexta-feira), por ocasião da reunião de reativação da Academia Amazonense Maçônica de Letras.

Corrigido e ampliado no ano de 2024.

CADEIRA Nº 28

PATRONO: MARCÍLIO DIAS DE VASCONCELLOS¹⁸⁶

Marcílio Dias de Vasconcellos
Fonte: Discurso de Posse do
Acadêmico Luiz Filipi Batista
Cardozo



Marcílio Dias de Vasconcellos foi um Desembargador amazonense e ex-presidente de Tribunal de Justiça do Amazonas que contribuiu não apenas para o engrandecimento da nossa sociedade, mas também para a nossa Ordem.

Nascido em Manaus no dia 28 de março de 1884, foi o segundo de sete filhos de uma tradicional família amazonense, a de Francisco

¹⁸⁶ Fonte: Arquivo da AAML – Discurso pronunciado pelo Acadêmico Luiz Filipi Batista Cardozo no ato de sua posse na Cadeira Nº 28 do Silogeu, em 07/05/2022.

Mentor de Vasconcellos e Francisca Maquiné de Vasconcellos, sendo o filho único do casal.

Sua vida profissional foi dedicada inteiramente à Justiça: em 1911, aos 27 anos, formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Ocupou o cargo de Juiz Municipal em diversas cidades do interior como Itacoatiara, Tefé, Coari e Silves. Em 1918 foi habilitado ao cargo de Juiz de Direito, tendo exercido o cargo em Tefé, Borba e Manicoré. A partir de 1944 assumiu a 1ª Vara Criminal da Capital amazonense.

Em 13 de janeiro de 1947 foi promovido por merecimento ao cargo de Desembargador do Tribunal de Justiça do Amazonas, assumindo o cargo no dia 14 do referido mês. No ano seguinte, em 4 de julho de 1948, foi eleito para o cargo de Presidente do Tribunal de Justiça do Amazonas. Aposentou-se em 8 de fevereiro de 1952 mas continuou sendo um servo da justiça exercendo a advocacia até seus últimos dias.

Solicitou ingresso na nossa Sublime Instituição na G.:B.:L.:S.: Sá Peixoto N° 13, em Tefé mas não chegou a iniciar devido a sua remoção como Juiz para o Oriente de Itacoatiara. Posteriormente, sua trajetória Maçônica teve início no dia 7 de julho de 1934, data em que recebeu a Verdadeira Luz na G.:B.:L.:S.: Glória de Hiram N° 19, tendo ocupado também cargo de Venerável Mestre daquela oficina. Emprestou seu nome à Biblioteca de sua Loja Mãe.

Ao ser transferido para Manaus, filiou-se à G.:B.:L.:S.: Conciliação Amazonense N° 3 onde ocupou vários cargos incluindo também o de Venerável Mestre. Ainda em sua vida Maçônica, chegou ao Grau 33 do R.:E.:A.:A.:.

No âmbito de sua vida pessoal, casou-se por duas vezes. O primeiro casamento, com Inocência Garcia de Vasconcellos, resultou no nascimento de Mário José de Vasconcellos, nosso Irmão iniciado no Grande Oriente do Brasil, em São Paulo. Como era Juiz de Direito e Juiz de Menores em Itacoatiara, juntamente com sua primeira esposa, criou um total de 18 crianças, demonstrando grande apreço e disposição em ajudar o próximo. Sua esposa, em seu leito de morte pediu que ele jamais abandonasse uma dessas crianças, chamada Joana Ferreira Lima, conhecida como Capitú. Posteriormente, após a sua disposição para Manaus, Capitú se mudou com ele para Manaus. Após o falecimento de sua primeira esposa, casou-se em 1938 com Euza da Silva Naice com quem teve 3 filhos, a saber: Marcílio Dias de Vasconcellos Filho, Euza Maria Naice de Vasconcellos (esta também ocupou o cargo de Desembargadora do Tribunal de Justiça do Amazonas) e Francisco José de Vasconcellos (Iniciado na G.:B.:L.:S.: Conciliação Amazonense n° 3, Mestre Instalado da G.:B.:L.:S.: Rio Solimões n° 24, Grande Secretário de Relações Exteriores da Grande Loja Maçônica do Amazonas por 28 anos e membro desta Academia Amazonense Maçônica de Letras). Durante muitos anos residiu com sua

família na casa de número 150, localizada na Rua Dr. Almino sendo conhecido por todos que viveram à época. Após seu segundo casamento, Capitú permaneceu morando com o casal e anos mais tarde acabou contraindo núpcias com José Naice Filho, irmão de Euza, segunda esposa de Marcílio. Joana Ferreira foi um capítulo importante da vida de Marcílio, acompanhando-o até o final de sua vida, bem como à sua esposa e filhos, sendo católica fervorosa (devota de São Francisco de Assis e de Santa Teresa), dotada de humildade e caridosa com os necessitados.

Apesar de seu nascimento em uma família tradicional e de sua posição de destaque no Judiciário do Amazonas, Marcílio Dias de Vasconcellos jamais deixou de lado a humildade. Os relatos de sua personalidade e temperamento sempre nos trazem registros de seu bom humor e da forma leve com que encarava a vida. Um homem calmo e sensato, dono de um grande coração e que cultivava e vivia em seu cotidiano os valores de igualdade e fraternidade. Um amigo fiel de seus amigos e que tratava a todos com respeito e igualdade. Foi um fã de futebol (era Nacionalino de coração). Um amante da leitura e da cultura, foi membro do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas. Como juiz e Desembargador foi reconhecido por ser justo. Não seguia a lei ao pé da letra, mas, analisava também o elemento humano e por isso suas decisões sempre eram acertadas e cheias de

humanidade. Combatia a violência e a tirania em todas as suas formas e viveu a vida com alegria e paz.

O Desembargador Marcílio Dias de Vasconcellos faleceu no 10 de fevereiro de 1966, aos 81 anos, e deixou o legado de uma vida dedicada à justiça e ao bom combate. Sua obra ficou registrada nos anais da Justiça Amazonense. Seu nome está imortalizado em uma das faces do Obelisco erigido em 1948, à entrada da cidade, no início da Av. Eduardo Ribeiro e em frente ao Porto de Manaus, assinalando o primeiro centenário da elevação da Vila da Barra do Rio Negro à Categoria de Cidade.

Sua história se confunde com a Manaus do final do século XIX e início do Século XX, tendo vivido na Manaus da Belle Époque e sido ele próprio um dos construtores sociais que edificaram aquela Manaus e suas histórias. Sua contribuição à nossa Ordem foi extensa, dirigindo Lojas, formando Maçons e emprestando um pouco de sua cultura e sabedoria às Lojas as quais frequentou e dirigiu. Que nesta data, sua memória seja honrada e que trabalhem a fim de que sua Obra seja lembrada e que seus frutos se multipliquem.

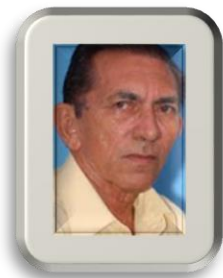
(Biografia pesquisada pelo acadêmico Luiz Filipi B. Cardozo)

OCUPANTE Nº 01 - OSNY TAVARES DE ARAÚJO

16/03/1942 – 25/08/2019

Osny Tavares de Araújo

Fonte: <https://osnyaraujo.blogspot.com>



Osny Tavares de Araújo foi um dos fundadores da Academia Amazonense Maçônica de Letras. No evento da Fundação, Osny foi eleito Segundo Secretário da Diretoria Provisória da Academia¹⁸⁷. Foi diplomado como Membro efetivo da Academia em 20 de agosto de 2002.

VIDA PESSOAL¹⁸⁸

Osny se dizia nascido em 16 de março de 1942, em Urucurituba, município do estado do Amazonas. Tinha orgulho das suas raízes, originárias dos “beiradões”. De religião católica, se revelava um homem de muita fé e temente a Deus. Casado, pai de dois filhos dos quais tinha um grande orgulho.

Foi jornalista e analista político. Tinha grande afeição por esporte, mas afirmava não praticar nenhum. Era tido como um jornalista

¹⁸⁷ Fonte: Ata de Fundação da AAML, datada em 01/02/1980.

¹⁸⁸ Biografia compilada do Blog <https://osnyaraujo.blogspot.com>. Acesso em 06/03/2024.

perspicaz e apaixonado pela profissão. Gostava de dançar músicas românticas, em especial as dos anos 60.

Tinha prazer de pescar e navegar pilotando sua voadeira pelos rios e igapós amazônicos apreciando a exuberante beleza regional. Considerava-se um sujeito feliz, um tanto conservador, profundamente romântico e de bem com a vida, bonachão, com forte autocrítica, amigo dos amigos, extrovertido, conversador e que gostava de construir novas amizades para incorporar às antigas.

VIDA PROFISSIONAL

Osny Araújo foi jornalista, especializado em política, com vários anos de batente, tendo atuado em jornal, TV e rádio. Foi correspondente de jornais e revistas nacionais, credenciado nos Poderes Executivos e Legislativos do Estado e município.

Em sua trajetória, vinte e seis anos foram dedicados ao “Jornal do Comércio”, onde foi editor político da coluna de opinião *De Frente e de Perfil*; cobriu por vários anos o Palácio do Governo; assessor da SEFAZ e do INCRA; jornalista credenciado junto a Assembleia Legislativa e Câmara Municipal; foi assessor da Associação Comercial do Amazonas; chefiou por mais de dez anos o jornalismo da “TV-Baré” (hoje TV Acrítica), além de passagens pelos jornais “Diário do Amazonas” e o extinto “O Povo”. Por fim, foi colunista político do site “Noticianahora”, na página do Amazonas.

Osny Araújo criou um *Blog* com o objetivo de utilizar esse instrumento eletrônico de Comunicação não apenas para tratar de política propriamente dita, mas enveredar por outras questões relacionadas à educação, saúde, segurança, esporte, meio ambiente, turismo, economia, trânsito etc.

Editou por mais de cinco anos um jornal da Maçonaria (Grande Loja do Amazonas) intitulado O GLEAM.

Morreu em 25 de agosto de 2019, aos 77 anos de idade.

Na sua autobiografia, Osny escreveu:

Atendendo [a] uma solicitação da Academia Maçônica de Letras, instituição que tive a honra de ajudar a fundar no início da década de oitenta, passo a contar alguns pontos da minha vida.

O objetivo, não é servir de exemplo, mas mostrar, especialmente os valores que me foram passados pelos meus saudosos pais, e a boa formação moral, intelectual e cristã que recebi pela criação que tive a felicidade de ter. Filho de família humilde, porém honrada, que tudo fez para que eu fosse como sou um homem de bem, com princípios éticos e caráter bem formado.

Não sou muito afeito a autobiografias, mas, como frisei, sou obrigado a contar um pouco da minha história, por dever de ofício, o que passo a fazer com muita emoção e sinceridade.

Meu saudoso pai, Clovis Ferreira de Araújo, filho de Raymundo Evarysto de Araújo e Joana Ferreira de Araújo, cearenses, que escolheram o Amazonas para viver, era um dos onze filhos do casal. Costumava dizer que havia nascido por acidente no Amazonas, em Urucurituba, por isso se dizia um cearense, razão pela qual, praticava alguns usos e costumes da terra alencarina, como por exemplo, saborear um bom feijão com rapadura.

Minha mãe, que faz companhia a meu pai no Oriente Eterno, também interiorana, nasceu no município de Barreirinha, filha de Arnaldo Carneiro Tavares e Dalila Rodrigues Tavares. Encontraram-se por acaso numa dessas festas de

interior e foram ungidos por Cupido e dessa unição, o casamento ocorrido há 65 anos.

Como já deu para perceber, a exemplo de meus saudosos pais, também sou interiorano. Nasci no dia 16 de março de 1945, na cidadezinha de Urucurituba, situada à margem direita do caudaloso rio Amazonas, exatamente, entre os municípios de Itacoatiara e Parintins. À época, a divisão geográfica do Amazonas contava apenas com 24 municípios, contra os 62 atuais.

Fui registrado no Cartório da Comarca do meu município com o nome de Osny Tavares de Araújo, ratificado na Pia batismal da Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Remédios, sacramento ministrado pelo saudoso monsenhor Alcides Peixoto, em Manaus, tendo como padrinhos, o casal Marcílio Dias de Vasconcellos e Euza Naice de Vasconcellos.

Aliás, por ter sido fundada numa região de absoluta várzea, a minha cidade foi rebaixada à condição de vila Augusto Montenegro, e a sede municipal transferida há quase trinta anos para a localidade de Tabocal, em terras firmes, bem mais próximas de Itacoatiara, onde ganhou um maior desenvolvimento.

Papai, metido a pequeno fazendeiro e médio comerciante, era o chefe dos Correios e Telégrafos no município, além de ser proprietário de um pequeno cacaual, herança dos meus avós paternos. Minha inesquecível mãe, até pela época, era apenas uma maravilhosa doméstica. Muito prendada e com um vasto conhecimento sobre o trato da terra, até pela origem familiar, chegou a alguns momentos da sua vida a comandar (uma espécie de gerente) o cultivo de algumas roças, inclusive com a produção de farinha e outros derivados da mandioca.

Feitas essas considerações, volto a falar um pouco de mim. Como a minha cidade quase não tinha escolas, fui obrigado, por meus pais, a migrar para Parintins, onde mamãe tinha parentes e lá estudei durante um ano, transferindo-me, em seguida, também a contragosto, para Manaus onde estudei nos melhores colégios, me formei, e hoje, graças ao G.A.D.U., sou um jornalista respeitado (perdoem a modéstia) e com uma larga folha de serviços prestados à Comunicação Social do meu Estado, envolvendo jornal, rádio e televisão.

Pelas raízes interioranas que possuo, não poderia jamais me considerar um homem inteiramente urbano. Gosto de rio, de natureza, de comida simples, de bom papo no bar com amigos, e faço da pescaria o meu esporte preferido, até porque sei manejar muito bem uma tarrafa.

Ainda não era formado quando iniciei minha vida profissional. Fui fazer um teste na Rádio Rio Mar de Manaus, em 1963/64 e lá fiquei por cinco anos trabalhando como repórter esportivo, chegando a terceiro narrador da equipe. Naquele tempo, o grande palco do nosso futebol, onde o meu Nacional esbanjava técnica e categoria, era o velho Parque Amazonense, no Beco do Macedo, seguido do estádio Ismael Benigno (Colina), de propriedade do São Raimundo Esporte Clube.

Da rádio Rio Mar, migrei a convite para a Rádio Baré, dos Diários e Emissoras Associadas do Brasil e, mais tarde, já jornalista profissional, com registro na FENAJ sob o N° 324, escrevi minhas primeiras matérias para a editora de cidade no extinto jornal “A Notícia”. Foi uma passagem meteórica, pois logo fui convidado a integrar a equipe do

centenário “Jornal do Comércio”, época em que era inaugurada no norte, a primeira impressão jornalística em Off-Set.

Especializado em jornalismo político, tive rápidas passagens pelos jornais “O Povo” (extinto) e “Diário do Amazonas”.

Na verdade, a minha vida nesse campo foi praticamente no interior da redação do “Jornal do Comércio”, primeiro na Avenida Eduardo Ribeiro, e posteriormente na Rua Tefé, no bairro do Japiim, onde atuei por mais de vinte e três anos como seu editor político, e responsável, por um largo tempo, pela elaboração da coluna de opinião “De Frente e de Perfil”, fatos que muito me orgulham.

Nesse mesmo período, fui reporter credenciado pelo JC na Câmara Municipal de Manaus, Assembleia Legislativa do Estado, Palácio Rio Negro e Superintendência da Zona Franca de Manaus. (SUFRAMA), o que me oportunizou a viver bem próximo ao Poder, no meu Estado, embora nunca tenha tirado proveitos dessa situação.

Convidado pelo saudoso Ir.: José Ayrton Pinheiro, em julho de 1972, quando foi inaugurada a emissora, passei a atuar também na “TV Baré” – Canal 4 (hoje “TV A Crítica”, filiada à Rede Tupy de Televisão, e posteriormente SBT. Comecei como repórter-redator, chegando à chefia de jornalismo, uma longa jornada, onde deixei diletos companheiros e amigos.

Vivia praticamente em função da minha profissão. Por isso, muitas atividades em paralelo aos trabalhos que realizava, assumi há 29 anos passados a Assessoria de Comunicação Social da Superintendência Regional do Instituto

Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), onde sou jornalista concursado. Estou na contagem regressiva rumo à aposentadoria.

Exerci ainda, de forma paralela, por seis anos, a Assessoria de Comunicação Social da Secretaria da Fazenda, a convite do seu titular, o saudoso amigo Ozias Monteiro, e fui editor por muito tempo de um extinto jornal mensal da Associação Comercial do Amazonas, intitulado “Jornal da ACA”.

Assumi também as correspondências, no Amazonas, do jornal A Província do Pará, e da nova versão da revista “O Cruzeiro”, além de várias e importantes matérias jornalísticas publicadas a nível nacional, através dos veículos dos Diários Associados.

Mostrando esses aspectos da minha vida profissional, escrevo agora um pouco mais de mim mesmo. Sou um homem feliz, livre e de bons costumes, apesar do mundo cão em que estamos expostos e da grande competição pela vida.

Casado há 29 anos com Maria de Fátima Lacouth de Araújo, tenho dois maravilhosos filhos, Fabrício Frank Lacouth de Araújo, pós-graduado em Turismo, e Wagner Rodrigo Lacouth de Araújo, graduado em Fisioterapia. Ambos, solteiros.

Sou o mais velho de cinco irmãos: Suely (da qual não me recordo, morreu quase ao nascer; logo depois de mim, Delcy - também no Oriente Eterno - Nelcy e Gelcy).

Democrata nato, respeitador das leis, da hierarquia, da igualdade e do livre pensamento, condeno todo tipo de opressão, autoritarismo, fanatismo e discriminação.

Católico praticante e temente a Deus, tenho forte devoção por Nossa Senhora da Conceição, pelos meus laços salesianos, e São José, padroeiro da cidade onde nasci.

Considero-me bom filho, bom irmão e amigo dos meus amigos, dos quais procuro não observar os defeitos.

Brincalhão e extrovertido, sou um apreciador de um bom uísque, uma cerveja bem gelada e um vinho de qualidade. Beber vez por outra com os amigos num bar, sempre é uma boa pedida, onde o bom papo serve como o melhor tira-gosto.

Admirador dos esportes, tendo praticado tênis de mesa nos tempos de colégio, por isso, me considero um bom jogador de dominó. No futebol, meu esporte preferido, apresento-me como um autêntico “perna-de-pau” e torcedor ferrenho do Nacional, em Manaus, e do Vasco da Gama, no Rio. Vibro muito vendo as seleções de Vôlei do Brasil jogar.

Amante da boa música, fã da MPB, com destaque para a Bossa Nova, em minha opinião um dos maiores movimentos musicais do Brasil, sem desprezar a Jovem Guarda, e uma boa música romântica internacional, especialmente dos famosos anos 70.

Na nossa sublime instituição, a Maçonaria, ingressei literalmente no escuro, pois sequer havia participado de alguma festa branca. Além disso, na minha família não existia nenhuma tradição maçônica.

Após rechaçar uns três convites, curvei-me a um, feito na redação do Jornal do Comércio, pelo então Venerável Mestre da Esperança e Porvir, Antonio Carlos Simões, que era diretor da Radio Baré, e trabalhávamos no mesmo prédio, na Avenida Eduardo Ribeiro.

Ainda recém-casado iniciei na Ordem Maçônica, no dia 8 de setembro de 1988, no grau 1, como aprendiz. Em 6 de dezembro do mesmo ano, fui elevado ao grau 2, de Companheiro e em 19 de março de 1979, exaltado ao grau 3, Mestre Maçom. No dia 3 de maio de 1986 fui investido no grau 33, por ocasião da inauguração do prédio próprio da Grande Inspeção Litúrgica do Estado do Amazonas, situado à Avenida Epaminondas.

No simbolismo, onde no meu entendimento se pratica a verdadeira Maçonaria, realizei alguns trabalhos na minha Loja-Mãe, onde fui orador por vários anos seguidos. Na Grande Loja, exerci por quatro anos o cargo do Grande Secretário de Imprensas, nas administrações dos IIR.: Manoel Ribeiro (no Oriente Eterno) e Afonso Lins, oportunidade em que, com a participação dos meus afilhados maçônicos Heron Rizzato e Casemiro Sena, criamos jornal O GLEAM, com circulação mensal. Hoje, infelizmente extinto.

É verdade que no mundo maçônico, até por ser a Maçonaria uma instituição formada por humanos, nem tudo é como eu pensava, e tive algumas decepções, nada, porém, que me arrependesse de ter nascido para a Luz. Por isso, carrego comigo um profundo orgulho de ser um construtor social, um obreiro da Arte Real e ter nascido na Grande e Benemérita Loja Simbólica Esperança e Porvir, Nº 1, da Grande Loja.

Certamente, esta não é uma histórica rica, que chegue a empolgar, mas, é a síntese da minha vida contada com sinceridade e emoção. Afinal, isto é um pouco da MINHA HISTÓRIA.

OCUPANTE Nº 02 - LUIZ FILIPI B. CARDOZO

Luiz Filipi Batista Cardozo

Fonte: Acervo AAML



Luiz Filipi Batista Cardozo ingressou na Academia Amazonense Maçônica de Letras no dia sete de maio do ano de 2022, indicado e apoiado pelos Acadêmicos Francisco José de Vasconcellos e João Bosco Pinto Rocha. Na mesma data, Luiz Filipi foi eleito por aclamação para o exercício do cargo de Secretário do Silogeu até o final da Gestão a encerrar-se no dia 31 de dezembro do ano de 2024.

Nascido aos dezesseis dias do mês de setembro do ano de 1987, na cidade de Nobres, Estado de Mato Grosso, filho de Aluizio da Silva Cardozo e de Rozenir Batista Gama Cardozo, o currículo de Luiz Filipe registra que ele é Economista e Consultor Financeiro, cursando especialização em Política e Estratégia, e pós-graduando em Elaboração e Gerenciamento de Projetos.¹⁸⁹

1. CURRÍCULO¹⁹⁰

Suas atividades e experiências profissionais o colocaram na condição de Sócio Consultor da empresa ATUAL – ALL IN Consultoria, exercendo a Consultoria Financeira - Controladoria/ Projeto Executivo Financeiro/ Projeto de Incentivos Fiscais/ Projeto de Financiamento/ Pesquisa Econômica de Mercado; Gestão e Processos – Gestão de Projetos de estruturação e reestruturação de

¹⁸⁹ Fonte: Documentos Pessoais e Informações Cadastrais arquivadas no Dossiê do Acadêmico.

¹⁹⁰ Fonte: Currículo do então candidato a uma Cadeira Vaga da AAML

empresas/estudo e adequação de processos administrativos/Consultoria para certificação ISO/Consultoria em Compliance/ Implantação de Conselhos Administrativos; Recursos Humanos – Desenvolvimento Empresarial/ Pesquisas de Clima e Satisfação/Terceirização de Departamento/ Avaliação de Desempenho/ Planos de Carreira/Cargos e Salários.

Na MN Projetos de Financiamento Ltda. Porto Velho/RO — 2020, foi responsável pelo desenvolvimento de projetos de financiamento junto ao Banco da Amazônia;

Na LFC Consultoria Financeira — 2019, foi Consultor Financeiro, responsável pela elaboração de projetos econômicos; realização de diagnósticos econômico-financeiros; elaboração de planejamentos orçamentários; cálculo dos custos e despesas; Composição do markup e markdown de produtos e serviços; análise do fluxo de caixa; cálculo e projeção do tempo de retorno do investimento; elaboração e acompanhamento de indicadores de desempenho.

Na AG Consultoria Empresarial — 2017-2018, Consultor Financeiros para: elaboração de indicadores de desempenho; análise de desempenho financeiro; acompanhamento do resultado; estruturação de processos e gerenciamento de projetos.

Na Secretaria Municipal de Infraestrutura — 2014-2017, na função de Assessor da Superintendência, foi responsável pelo Gerenciamento de projetos de infraestrutura; elaboração e análise de viabilidade econômica dos projetos; Assessoria à Comissão Municipal de Licitação.

Na Comissão Executiva de Planejamento e Gestão de Projetos - Manaus Sede da Copa do Mundo de 2014 — 2011-2013, foi Assessor Técnico para elaboração e gerenciamento de projetos voltados à Copa do Mundo Fifa 2014; captação de recursos destinados aos projetos municipais para a Copa do Mundo FIFA; prestação de contas

junto à Comissão de Meio Ambiente, Defesa do Consumidor, Fiscalização e Controle do Senado Federal e ao Ministério dos Esportes; apresentação dos projetos municipais e divulgação da cidade de Manaus no "FIFA Preliminar Draw for the 2014 Fifa World Cup"; promoção de intercâmbio junto à diversas prefeituras alemãs visando a troca de experiências sobre a organização de grandes eventos.

Na Secretaria Municipal de Infraestrutura — 2010-2012, foi Assessor da Superintendência para atividades administrativas; implantação do Sistema SIG (Sistema de Informações Georreferenciadas); prestação de contas junto ao TCE-AM, Controladoria Geral da União e Ministério das Cidades; elaboração de relatórios sobre as atividades da Secretaria; intercâmbio junto ao IPPUC (Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba).

No Banco HSBC S/A - Banco Múltiplo — 2007-2009, foi Técnico de Agência GCX, Operação de caixa; análises financeiras; realização de balanços e da contabilidade da agência.

1.1 - Educação

Universidade Federal do Amazonas — MBA Executivo em Elaboração e Gerenciamento de Projetos, Conclusão em 2020 (Pendente entrega de TCC);

Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra — Especialização em Política e Estratégia, (Pendente entrega de TCC); Universidade Federal Do Amazonas, — Ciências Econômicas, 2010.

1.2 - Aptidões

Inglês avançado, Wizard Idiomas - 2004; Alemão Avançado, Centro Suíço de Ensino - 2006; Matemática Financeira e Operação de Calculadora HP12C, Universidade Federal do Amazonas, 2010.

2. VIDA MAÇÔNICA¹⁹¹

- Iniciado em 18 de maio de 2013 na A :: R :: L :: S :: Liberdade e Progresso Nº 43, jurisdicionada à Grande Loja Maçônica do Amazonas - GLOMAM;
- Elevado em 01 de novembro de 2013;
- Exaltado em 19 de fevereiro de 2014;
- Iniciado nos Grau 4 do Rito Escocês Antigo e Aceito em 20 de setembro de 2014;
- Instalado como Venerável Mestre da A :: R :: L :: S :: Liberdade e Progresso Nº 43 em 20 de agosto de 2016;
- Fundador da A :: R :: L :: S :: Pátria Amada Nº 47, jurisdicionada à Grande Loja Maçônica do Amazonas – GLOMAM;
- Editor da Revista Maçônica “Ordo ab Chao”.

2.1 Cargos Ocupados

- Mestre de Harmonia da A :: R :: L :: S :: Liberdade e Progresso Nº 43;
- Tesoureiro da A :: R :: L :: S :: Liberdade e Progresso Nº 43;
- 1º Vigilante na A :: R :: L :: S :: Liberdade e Progresso Nº 43 nos períodos 2014/15 e 2015/16;
- Venerável Mestre da A :: R :: L :: S :: Liberdade e Progresso Nº 43 no período 2016/17;
- Representante da A :: R :: L :: S :: Justiça e Verdade Nº 47 junto à Assembleia Legislativa Maçônica no período 2018/19;

¹⁹¹ Fonte: Currículo apresentado pelo então Candidato a uma Cadeira Vaga da AAML.

- Grande Bibliotecário da Grande Loja Maçônica do Amazonas - GLOMAM no período 2018/19;
- Membro do Conselho Consultivo do Priorado Guardiões da Amazônia N° 141 da Ordem Demolay, nos períodos 2020/21 e 2021/22;
- Grande Orador Adjunto da Assembleia Legislativa Maçônica da Grande Loja Maçônica do Amazonas no Período 2020/21;
- Representante da G :: B :: L :: S :: Sentinela do Solimões N° 38 junto à Assembleia Legislativa Maçônica no período 2021/22;
- Grande Secretário Adjunto de Relações Exteriores da Grande Loja Maçônica do Amazonas – GLOMAM desde 2021;
- Representante da Grande Loja Maçônica do Amazonas na 25ª Assembleia Geral da Confederação Maçônica Interamericana. Peru, 2021;
- Representante da Grande Loja Maçônica do Amazonas nas Plenárias de Grandes Secretários de Relações Exteriores da CMSB. 50ª Assembleia Ordinária da CMSB, Aracaju 2021;

2.2 Prêmios e Honrarias

- Troféu Pena de Ouro (2º lugar) no Concurso Literário Construção com Instrução 2016 (6ª Edição);
- Honra ao Mérito da A :: R :: L :: S :: Liberdade e Progresso N° 43 no período 2016/17;
- Malhete de Ouro da Grande Loja Maçônica do Amazonas – GLOMAM no período 2016/17;
- Honra ao Mérito por relevantes serviços prestados à A :: R :: L :: S :: Liberdade e Progresso N° 43, no período 2018/19;
- Benemérito da A :: R :: L :: S :: Liberdade e Progresso N° 43;

- Certificado de Agradecimento da G :: B :: L :: S :: Fraternidade Amazonense Nº 10, por palestra ministrada em 27 de setembro de 2019 sob o título “A Abóbada Celeste: História e Simbologia”.
- Diploma de Agradecimento da G :: B :: L :: S :: Manaus Nº 28 por palestras ministradas em 2019.

2.3 Peças e Obras

- A Maçonaria e a Independência do Brasil, 2013;
- Aspectos Pouco Conhecidos da Independência do Brasil, 2014;
- Uma Breve Análise dos Graus Simbólicos Sob a Ótica do Ciclo da Vida, 2016 (Publicada na 2ª edição do Folhetim “O Balaústre);
- A Democracia Moderna, 2017;
- A Evasão dos Obreiros em Lojas Maçônicas, 2017;
- Autoconhecimento e Maçonaria, 2017;
- A Câmara das Reflexões, 2018;
- Os Metais, 2019;
- A Maçonaria e o Movimento Independentista, 2019;
- As Obrigações do Venerável Mestre; 2019;
- Freemason’s Hall - O Coração da Maçonaria Simbólica, 2019;
- Projeto Quarto de Hora Ritualístico, 2019;
- Revista Ordo Ab Chao, 2020;
- *Dos Salões de Pedra ao Vale Verde: História e Horizontes da Maçonaria na Amazônia Ocidental*. Maçonaria: Perspectivas Para o Futuro. p.61-73. Brasília – DF: Editora CMSB. 2020.
- Livro: Síntese Maçônica (Em revisão);

- Livro: R :: E :: A :: A :: - Construção, Heranças e Reminiscências (ênfase de escrita);
- Livro: Grande Loja Maçônica do Amazonas: Capítulos da Maçonaria Amazonense (Em fase de pesquisa).

CADEIRA Nº 29

PATRONO: MITHRÍDATES A. DE L. CORRÊA¹⁹²

Mithrídates Álvaro de Lima Corrêa nasceu em Manaus, a 13 de julho de 1904, filho de Antônio Coriolano Corrêa, maranhense, e de Maria Deruchete de Lima Corrêa, cearense.

Estudou no Ginásio Amazonense Pedro II e formou-se em Direito pela faculdade do Amazonas, na turma de 1933, tendo entre seus colegas Gualter Marques Batista, Manoel Severiano Nunes e Neusa Alves Ferreira.

Casou-se com Beatriz Ventilari Corrêa, em 1926, com quem teve sete filhos.

Exerceu numerosas funções públicas: Diretor da Imprensa Oficial, Professor de Direito, Procurador Fiscal do Estado, Professor da

¹⁹² Fonte: Compilado do Memorial de 2008, p. 186

Escola de Comércio Sólon de Lucena, Promotor Público, Juiz Municipal em Urucurituba e Itapiranga.

Foi membro da Academia Amazonense de Letras, e muitos de seus trabalhos estão nas revistas daquela veneranda instituição como: Se os Retratos Falassem, Atualidade do Pensamento de Péricles de Moraes, Contradições e Irreverências de Ruy Barbosa, O Destino de um Livro, e O Livro de um Destino. Foi poeta e orador de grande erudição.

Faleceu a 1º de janeiro de 1968.

OCUPANTE Nº 01 - ROSSELBERTO HIMENES¹⁹³

Rosselberto Himenes
Fonte: Acervo da AAML



O Acadêmico Rosselberto Himenes foi admitido na Academia Amazonense Maçônica de Letras no dia onze de dezembro de 2003. No dia vinte e sete de setembro do ano de 2008, Himenes foi agraciado com o Diploma de Benfeitor da Academia Amazonense Maçônica de Letras.

Rosselberto é filho de Pedro Rita Himenes e Dulce Maria Himenes, nascido aos 21(vinte e um) de julho de 1956 em Cornélio Procópio, Estado do Paraná, de família humilde e trabalhadora, o pai ferroviário e a mãe

¹⁹³ Fonte: Dossiê do Acadêmico.

doméstica, com três filhos, sendo ele o filho do meio.

Ainda, muito jovem, aos 06 (seis) anos de idade vieram residir em Ponta Grossa/PR, onde iniciou seus estudos no Colégio Estadual Meneleude Almeida Torres, e cursou o primário. Posteriormente, no Colégio Estadual Regente Feijó e Colégio Diocesano São Luiz, completou o ensino médio.

Sempre ajudou a família, vendendo frutas e verduras em uma banca de feira, ou fazendo ponto em estações de ônibus, pois à época não existiam rodoviárias. Aos 13 (treze) anos de idade, já procurou seu primeiro emprego (Auxiliar de Mecânico) por pouco tempo, até conseguir um emprego de Auxiliar Gráfico-Linotipista, estes sem carteira assinada, e de Auxiliar de Serviços Gerais em um curtume, já com carteira assinada, e posteriormente, chegou a ser Auxiliar de Escritório.

Aos 17 (dezesete) anos, estudava no Colégio Estadual Regente Feito, no curso de Redação e Expressão - hoje Jornalismo, quando, no 2º ano, foi convocado para prestar Serviço Militar na Polícia do Exército, em BRASÍLIA/DF, escolhido por ser de elevada estatura e porte físico, para a idade.

Serviu ao Exército Brasileiro, durante um ano, como soldado, mas em virtude do Grau de Estudo, fez curso de Cabo, Sargento e, ainda, concurso para o Banco do Brasil, cursando em Brasília/DF, para não perder mais tempo, o Supletivo 2º Grau.

Retornando para Ponta Grossa/PR enquanto aguardava a chamada para o Banco do Brasil, estudou no Colégio Agrícola Manoel Ribas, de Ponta Grossa, no curso de Análise de Terras/Agronomia, e posteriormente, retornando para Brasília, acabou concluindo seu curso em Técnico em Eletrônica, face a transformação das diretrizes básica da Educação.

Já funcionário do Banco do Brasil, desde 1973, exerceu diversos cargos desde Agente de Segurança (trabalhando na Equipe de Segurança pessoal dos Ex-presidentes do BB e Ministros da Fazenda Mario Simonsen, Carlos Rischebit etc.), Caixa Executivo, Tesoureiro e outros cargos administrativos.

Em 1980, concluiu o curso de Direito, no Centro de Ensino Unificado de Brasília – CEUB, e já em 1982 ingressou no quadro técnico-científico do Banco do Brasil, como Advogado.

Transferido, a pedido, em 1^o de maio de 1983, desembarcou em Manaus/AM, ficando hospedado em um hotel (Flamboyan), na Av. Eduardo Ribeiro, em frente ao Ideal Clube. Já no primeiro dia, sentiu o impacto do calor amazonense, ao desembarcar no Aeroporto Eduardo Gomes, e assistiu manifestações de Trabalhadores, na Praça S. Sebastião. Poucos dias em Manaus, foi transferido para Humaitá/AM, onde fez adaptação por 2 a 3 meses, e transferido para Lábrea/AM, onde residiu de 1983/1986, posteriormente removido para Manaus/AM, onde fixou base residencial, mas prestando assistência jurídica a diversos municípios do Estado, principalmente, Maués, Borba, Manicoré, S. Gabriel da Cachoeira, Tefé etc.

Cumprir ressaltar, que em virtude do divórcio do primeiro casamento, teve 02 (dois) filhos, Geovane Ferreira Himenes e Gisele Ferreira Himenes, ele, finalista do curso de Direito e ela, formada em Biologia, ainda residem em Brasília e Goiânia, mas por alguns meses, residiram no Estado do Amazonas, em Lábrea e Manaus.

De 1985 a 1988, tentou retomar a suas origens, mas após ter sido aprovado em diversos concursos (Procurador do INCRA, Procurador do INSS, Promotor de Justiça, Juiz do Trabalho), optou pelo Ministério Público Estadual, pedindo exoneração do Banco do Brasil, com muita restrição de seus pais, após aproximadamente 14 (quatorze) anos de serviço, o que lhe deu muita experiência e conhecimento, por ser uma escola de ética, moral e trabalho.

No Ministério Público, assumiu a Comarca de Maués (1088/1990), sendo posteriormente transferido para Borba (1990/1993), tendo trabalhado ainda, em diversas Comarcas do Interior (Novo Aripuanã, Apuí, Nova Olinda, Autazes, Itacoatiara e outros municípios).

Em 1992, prestou concurso público para Juiz de Direito e logrou aprovação, assumindo a nova função em maio/2003, na Comarca de Novo Aripuanã, posteriormente, Borba, onde fixou residência, inobstante ter trabalhado em Itacoatiara, até ser promovido para Manaus, em 1996.

Trabalhou em 1996 como Juiz de Direito da Capital, na instalação do SAI - Serviço de Atendimento Imediato, hoje Juizado Especial de Trânsito, e removido como titular da 7ª Vara Civil da Capital, onde permanece até a presente data.

Na Justiça Eleitoral, atuou como Promotor de Justiça em todas as Comarcas, bem como, atualmente, respondeu pela 31ª Zona Eleitoral de Manaus, e Juiz Coordenador da Propaganda Eleitoral, para o pleito de 2006.

Em 1996, publicou a obra “Sentenças”, editado pela Imprensa Oficial do Estado do Amazonas.

DADOS MAÇÔNICOS

Ainda em 1989, conheceu a luz da Maçonaria Universal.

Membro da Augusta, Respeitável e Benfeitora Loja Simbólica Gloria Sobre as Trevas - Nº 2389 e Filiado a Augusta, Respeitável e Benfeitora Loja Simbólica Amazônia Brasileira - Nº 1721, foi Iniciado aos 15.04.1989, recebendo o CIM 157.877, do rito de York (Emulação), passou a Companheiro aos 23.11.89 e elevado a Mestre em 25.10.90, tendo sido eleito Venerável Mestre da ARBLS Gloria Sobre as Trevas, 2389, e Instalado aos 24.06.2001, e eleito Grão

Mestre do Estado do Amazonas - GOEAM, assumindo aos 16.06.2003, para o período 2003/2007.

Na Loja exerceu os cargos de 2º Vigilante, 1º Vigilante, Venerável Mestre, Past Máster, e, no Grão Mestrado-GOEAM/GOB, Grande Procurador do GOEAM - 2002, Garante Amizade-Brasil/Colômbia - 2006.

Nos Graus Filosóficos - Rito Escocês Antigo e Aceito IME 063.628, ascendeu ao Grau 4 em 20.05.00, Grau 7 em 25.11.00, Grau 9 em 04.06.01, Grau 10 em 05.12.01, Grau 14 em 01.10.03, Grau 15 em 16.12.2004, Grau 16 em 22.09.2005, Grau 17 em março de 2006.

Nos Graus Filosóficos - Rito York (Inglês), ascendeu ao Grau de Maçom do Real Arco - 2000, Grau de Cavaleiro da Ordem São João de Jerusalém, Palestina, Rhodes e Malta - 22.11.2001, Grau de Cavaleiro Templário - 22.11.2001.

Nos Graus Filosóficos Rito York (Americano), ascendeu ao Grau de Mestre de Marca - 2001, Grau de Past Máster - 2001, Grau de Mui Excelente Mestre - 2001, Grau de Maçom do Arco Real - 2001, tendo exercido*** diversos cargos como Sumo Sacerdote - 2001/2003, Grande Escriba - 2003/2004, Grande Rei, 2004-2006.

Possui o título maçônico de Benemérito da Ordem - 2002, tendo participado de diversos Seminários e Congressos Maçônicos, tais como, 1º, 3º, 4º e 5º Seminários de Formação Maçônica (Loja Acácia do Amazonas) - AM, Congresso Maçônico Do Rito York - RJ, Curso de Mestre Maçom - AM, Maçonaria Contra as Drogas - AM, Maçonaria em Defesa do Amazonas - AM Supremas Congregações do GOB/DF, etc.

CADEIRA Nº 30

PATRONO: MOACYR DE SOUZA ALVES

Moacyr de Souza Alves
Fonte: Acervo do seu contemporâneo Acadêmico José Maria de Souza Martins.



Moacyr Alves, o Patrono da Cadeira Nº 30 da Academia Amazonense Maçônica de Letras, um baiano que, como tantos outros brasileiros de outras plagas, elegeu o Amazonas para ser a terra em que realizaria seus sonhos, nas memórias deste sodalício está sendo retratado sob duas perspectivas. De um ângulo, o observador registra sua caminhada com um linguajar técnico, próprio daqueles que usam os meios de comunicação para levar informações sobre algum acontecimento, alguma coisa, ou alguém. De outro ângulo, o poeta que, observando o mesmo caminhante, na mesma estrada, escreve em prosa sua

visão lírica daquela mesma caminhada.

No primeiro caso, da linguagem jornalística, o “Memorial” da Academia Amazonense Maçônica de Letras, Edição de 2008, registrou sobre o Patrono da Cadeira Nº 30 uma pesquisa feita pelo Acadêmico José Barbosa de Souza Filho, nos meses de abril e maio do ano de 2002, quando do soerguimento da Academia. Diz, parte do artigo, que

“Moacyr Souza Alves, natural de Jequié, Bahia nasceu no dia 07 de outubro de 1928, filho de Mário J. Alves e Marielita Souza Alves. Formado em 1954, bacharel em Direito, pela Faculdade de Direito da Universidade da Bahia, onde exerceu a profissão em algumas comarcas daquele Estado.

Foi batizado na Igreja Batista Sião, em Salvador, Bahia, o qual desenvolveu trabalhos eclesiástico, vindo depois se filiar na Igreja Batista de Manaus, onde exerceu vários cargos, inclusive o de vice moderador, atuando por vários anos. Na Convenção Batista Estadual do Amazonas foi presidente seguidas vezes.

Em 1956 veio para o Estado do Amazonas ficando em Manaus, a fim de exercer o cargo de Procurador Jurídico da Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas, logo depois se efetivou no mesmo.

Em 1957 se casou com D. Eunice Carneiro Alves, cujo matrimônio teve três filhos: Adelaide Elita, Ana Eunice e Moacyr Alves Filho, cujo falecimento ocorreu em 07 de novembro de 1972.

Desde sua juventude, dedicou-se ao jornalismo. Fundou em Manaus e fez circular durante vários anos, uma revista cultural, denominada LUMINAR, através da qual difundiu seu pensamento, advindo dessa atividade literária, e muitas amizades. Dentre elas fez questão de ressaltar Mavignier de Castro, o qual o estimulou a pleitear uma das vagas da Academia Amazonense de Letras, onde ocupou a cadeira de nº 34.

Moacyr Alves manifestou pelas letras uma dedicação extraordinária, escrevendo assim várias crônicas e compondo diversas poesias, sendo a maioria delas oferecidas a sua esposa.

Por seu valor literário foi eleito membro efetivo da Academia Amazonense de Letras e membro correspondente da Academia Evangélica de Letras do Brasil.

Publicou, sobre diversos assuntos, mais de 150 artigos em vários jornais e revistas, e também publicou dois livros: um de tema religioso, intitulado "Respostas de Jesus" em 1971, edição já esgotada, e, o outro, "Cinco Falas da Amazônia", de assuntos seculares.

Homem simples e modesto, em momento algum modificou a sua maneira de ser e agir. Bastante conhecido em Manaus, Moacyr Alves deu sua colaboração decisiva para a divulgação das letras no extremo norte do país.

Faleceu no dia 08 de agosto de 1976, quando ainda atuava ativamente nas lides religiosas e na vida pública.

ATIVIDADES EXERCIDAS NO CAMPO RELIGIOSO

Batizado na Igreja Batista Sião, em Salvador, pelo Pastor Valdívio Coelho. Em Manaus se filiou na 2ª Igreja Batista de Manaus, exercendo alternadamente o cargo de Moderador e Vice Moderador;

Ocupou a 1ª Secretaria da Convenção Estadual em 1960, a 2ª Vice-Presidência em 1963, 1ª Vice-Presidência em 1964; foi eleito presidente nos anos de 1965, 1968, 1969, 1973 e 1975; ocupou também a presidência da Junta Executiva Estadual, Junta Administrativa do Instituto Batista Ida Nelson, e Junta Administrativa do Seminário Batista Equatorial. Era pregador leigo, mas mui apreciado, pregando em Igrejas e reuniões especiais. Coordenador de Diaconia, no Amazonas, no Programa Alimentos para Paz.

ATIVIDADES EXERCIDAS NO CAMPO CULTURAL

Membro efetivo da Academia Amazonense de Letras; Membro do Instituto Histórico Geográfico do Amazonas; Membro Correspondente da Academia Evangélica de Letras; Diretor e proprietário da Revista LUMINAR; Diretor da Associação Amazonense de Imprensa.

ATIVIDADES EXERCIDAS NO PODER PÚBLICO

Primeiro Secretário de Segurança do Estado do Amazonas; Secretário de Estado do Interior e Justiça, em exercício; Chefe do Departamento Estadual de Segurança Pública; Procurador Geral da Justiça.

ATIVIDADES PROFISSIONAIS

Advogado no foro de Salvador, Ipiauí, Itagibá, Boa Nova, Estado da Bahia; Advogado no foro do Estado do Amazonas; Secretário e Tesoureiro da Ordem dos Advogados - Seção do Amazonas; Chefe de Censura no Estado da Bahia.

ATIVIDADES NO CAMPO EDUCACIONAL

Profissional de Geografia, História, Português e Inglês em diversos colégios em Salvador – Bahia; Professor substituto de Literatura Brasileira na Faculdade de Filosofia da Universidade do Amazonas

OUTRAS ATIVIDADES EXERCIDAS

Delegado do Grão Mestrado do Grande Oriente do Brasil, no Amazonas; Interventor da Loja Maçônica Oriente Unido; Presidente do Lions Clube - Vitória Régia; Vice-Governador da Região L-I-C, do Lions Internacional; Assessor CARE do Lions Internacional; Conselheiro da Santa Casa de Misericórdia de Manaus.

CURSOS E TÍTULOS (ENTRE OUTROS)

Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade da Bahia; Certificado de 1º colocado em concurso de

oratória da Faculdade de Direito da Bahia; Certificado de 2º melhor Orador Universitário, conferido pela Universidade da Bahia; Curso de Orientador do Programa, Alimentos para a Paz, feito em Washington, Nova York, Charleston, Morgantown e Berea - Estados Unidos; Secretário do 2º Concurso Internacional da Bíblia, realizado em Manaus; Orador Oficial da Solenidade da Formatura da Escola de Enfermagem de Manaus; Orador Oficial da solenidade de encerramento do Curso de Polícia Civil da Bahia; Designado pelo Magnífico Reitor Edgar Santos, da Universidade da Bahia, para saudar o Ministro da Educação, em nome dos Estudantes do Nível Superior; Presidente da Comissão de Inquérito para apurar corrupção entre funcionários da Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas.

...

A mesma paisagem que serviu de fundo para a caminhada de Moacyr Alves, descrita no Memorial, é a seguir cantada pelo Acadêmico Moisés Rodrigues da Silva, homem que tem o fôlego da sua vida alimentado pela poesia e pelo lirismo.

RESUMO¹⁹⁴

“O presente artigo tem por objetivo pontuar, em cima do que foi e é a obra de Moacyr de Souza Alves, suas características mais intrínsecas, tentando desenhar um contorno do homem, cuja idiossincrasia foi determinante para colocar seu nome em lugar de destaque por onde passasse, seja no mundo da literatura, no serviço público ou no âmbito religioso.

Livre de qualquer ufanismo, o que se busca é reconhecer para além das obras: busca-se um reconhecimento da figura

¹⁹⁴ Fonte: Trabalho apresentado pelo Maestro Moisés Rodrigues da Silva, pianista, cantor lírico, escritor, graduado em Artes/Música pela UFAM especialista em Voz Profissional e especialista em Arranjo Musical, um dos fundadores da Academia Amazonense de Música, como condição para admissão à Cadeira Nº 30 da AAML, que tem como Patrono Moacyr de Souza Alves.

humana. Consiste ainda este artigo a apresentação do autor para a Cadeira de N° 30 da Academia Amazonense Maçônica de Letras, cujo patrono é Moacyr.

INTRODUÇÃO

O que dizer de um homem, cuja história os próprios frutos contam, de forma perene, tanto nas lembranças de seus conhecidos quanto nas obras ainda ecoantes? Como resumir a pessoa à uma enumeração de feitos e menções de datas e lugares, quando outros tantos já o fizeram de forma eficiente?

Talvez uma inédita homenagem seja tentar penetra-lhe a mente através dos rastros de seus feitos, denunciando de seus pensamentos e arautos inequívocos de seus valores mais internos. As obras de um homem, sem sombra de dúvida, são reflexos de seu universo mental. Como teria dito a figura mítica de Hermes Trismegisto, na Lei do Mentalismo: “O Todo é mente; o Universo é mental”. Em continuidade, igualmente é verdadeira a segunda Lei, a da Correspondência: “O que está em cima é como o que está em baixo; o que está dentro é como o que está fora”. Falar de Moacyr de Souza Alves, mesmo não o tendo conhecido pessoalmente, é uma viagem muito instrutiva, inspiradora a todos os que queiram fazer o bem, sem alardes, sem holofotes, como só a verdadeira caridade e nobreza assim compele.

CARACTERÍSTICAS E ANÁLISE

É mister que, primeiramente, munidos de suas atividades, tracemos o perfil do homem que veio a ser conhecido, admirado e respeitado entre os manauaras.

Olhando para o seu aspecto religioso, firmemente documentado na Convenção Batista do Amazonas, vemos o perfil do estudioso, visionário, inquieto pensador e homem prático. Seu envolvimento não somente com a administração dos rumos dos batistas convencionais no Amazonas, bem

como seu dedicado trabalho em uma escola confessional, assumindo vaga em seu Conselho, demonstram a grande preocupação com a formação, tanto religiosa quanto secular, dos cidadãos do Amazonas, especialmente de Manaus.

Não se contentou em simplesmente “lustrar os bancos de sua igreja”, como se diz no meio batista dos membros que apenas assistem os cultos sem participar efetivamente das atividades acessórias à liturgia. Muito ao contrário, Moacyr, por seu eminente caráter de gente direita, assume na 2ª Igreja Batista de Manaus o cargo de Moderador, uma espécie de autoridade da igreja, abaixo do pastor. Para tal cargo, por indicação, necessariamente a pessoa deve ter conduta ilibada e ser reconhecida na comunidade da igreja como uma pessoa equilibrada, pacífica e conciliadora. Não bastando a prova local de sua efetiva competência e integridade, assumiu a presidência da Convenção Batista no Amazonas sucessivas vezes, prova inegável de sua inteligência e controle administrativo.

Orador profícuo, suas pregações eram apreciadas de forma muito especial, dada a combinação de seu conhecimento de conteúdo bíblico, sua inteligência acadêmica e sua riqueza vernacular. Proclamador enérgico de sua preferência pela Bíblia, Livro Sagrado, fonte de sabedoria, Moacyr Alves assim o fez em sua obra sobre o livro. Eis um dos aspectos analisados deste homem: sua preocupação não estática com a formação da espiritualidade dentro de seu campo teológico de atuação; um homem de espiritualidade elevada.

Continuando esta viagem de análise do homem Moacyr Alves, vejamos sua formação acadêmica. Elegeu as leis, através da operação do Direito, como seu campo de atuação em vida. Afeito do que é justo e direito, mesmo ainda jovem galgou cargos de extrema responsabilidade e confiança, junto à Segurança Pública, Justiça e atuação na Procuradoria Geral.

Não bastava, portanto, o amor pela justiça; suas sucessivas nomeações para atuações no campo jurídico e executiva dentro de nosso Estado é prova de sua firmeza na aplicação do direito, no cumprimento das leis. Para tanto, exige-se do agente público um não transvergir, firmeza de caráter, resguardado pela idoneidade e lisura de seus atos. Tais características o fizeram, inclusive, presidente de uma comissão de inquérito para apurar desvios de funcionários públicos na Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas.

Como parte do ser jurídico, organizado e de confiança, sua atuação como secretário e tesoureiro na OAB-AM não deixa dúvidas de sua capacidade de pôr ordem por onde passasse. Conclui-se desta atuação: um homem firme, com reputação e caráter que faziam a diferença, suficientes para captar a confiança e admiração de seus pares.

Pensador e grande produtor de relativamente densa literatura, Moacyr não somente era membro da Academia Amazonense de Letras, como também de outros silogeu. Versado em diversas matérias, como História e Geografia, e ávido leitor, apreciador de nossa Literatura Brasileira, não mediu esforços para ter seu próprio periódico, plataforma de seus preciosos pensamentos.

Nesses textos, entre outros, como que um profeta a alertar o povo rebelde, conclama a juventude a um despertar pela preservação dos valores, da valorização da mulher, bem como da família, deixando as quebras sem sentido das tradições e costumes, antes, fazendo delas pontos de apoio para melhora e progresso. Não esqueceu ele de dedicar suas poesias à esposa, mostrando aí mais um traço de sua personalidade e temperamento. Neste trecho, vemos então um Moacyr criativo, sensível e, por que não dizer, romântico.

Como maçom, sua atuação não poderia ser diferente do homem que já existia antes de sua iniciação. Tanto atuou na proclamação dos valores que vivia no Templo da Loja e fora

dele, que mereceu adornar com seu nome uma Loja, em merecida homenagem póstuma de seus irmãos de avental. Emprresta ainda seu nome a um abrigo onde, bem dentro de sua mensagem de valorização e resgate do ser humano, se guarda e resguarda a integridade física e psíquica dos pequenos que ali chegam, oriundos da violência ou abandono dos seus. Eis o homem Moacyr, inspirador dos que o sucedem na prática e dedicação ao bem.

CONCLUSÃO

Esticar esta descrição de ser humano tão excepcional seria incorrer no risco de sermos repetitivos e superlativarmos suas qualidades. Também pretender que nestas poucas linhas se descrevesse com exatidão este homem seria igualmente pretensão demais, além do que, nas qualidades mencionadas, o balanço e presença de cada uma delas poderia variar, de ambiente a ambiente, de pessoa à pessoa, conforme a percepção de cada um. É bem certo que ele mesmo, direito como era, admitisse sem constrangimento os defeitos a ele inerentes, consistindo esses muitas vezes em não saber ver, por sua modéstia, quão grandes eram as qualidades com as quais o Grande Arquiteto do Universo o esculpira.

Em rápida análise, eis o homem Moacyr: espiritual, firme, de bom caráter, respeitador e respeitado, enérgico, organizado, competente, um idealista, digno de confiança, sensível, criativo, em certa dose romântico e, por tudo isso, um dos mais excelentes Pedreiros Livres a palmilhar as terras manauaras.

Eis o homem Moacyr!

BIBLIOGRAFIA

O CAIBALION: estudo da filosofia hermética do antigo Egito e da Grécia, 1978 Editora Pensamento

SITE DO ABRIGO MOACYR ALVES. Disponível em <https://abrigomoacyralves.wordpress.com/biografia/> Acesso em 03/05/2022

SITE DO INSTITUTO BATISTA IDA NELSON. Disponível em <https://idanelson.com.br/institucional/> Acesso em 01/05/2022

MEMORIAL DA ACADEMIA AMAZONENSE MAÇÔNICA DE LETRAS - 2008

OCUPANTE Nº 01 - JOSÉ MARIA DE SOUZA MARTINS

José Maria de Souza Martins
Fonte: Acervo do Acadêmico



O primeiro ocupante da Poltrona de Nº 30, da Academia Amazonense Maçônica de Letras, que tem como Patrono Moacyr Alves, foi o Acadêmico José Maria de Souza Martins¹⁹⁵. Um dos fundadores do Sodalício, José Maria foi eleito membro do Conselho Fiscal da Diretoria Provisória, naquela data, 01 de fevereiro de 1980.

Iniciado na Maçonaria no dia dezoito de dezembro do ano de 1965, na da Loja Lauro Sodré, de obediência do Grande Oriente do Brasil, José Maria chegou ao último grau do rito Adonhiramita, e hoje é filiado da Loja

¹⁹⁵ Ata de Fundação da Academia Amazonense Maçônica de Letras.

Rei David, em Castanhal, no Estado do Pará. José Maria é detentor do Título Honorífico de Comendador da Ordem D. Pedro I, o mais relevante do Grande Oriente do Brasil, além de uma extensa relação de outros títulos e diplomas recebidos durante sua caminhada de quase sessenta anos a serviço da Sublime Ordem.

Durante sua caminhada maçônica, Jose Maria ocupou todos os cargos litúrgicos do simbolismo maçônico, assim como os cargos administrativos de Loja. Pela sua convivência com a liturgia do Rito Adonhiramita, apresentou trabalhos e palestras sobre simbolismo, em várias ocasiões.

José Maria de Souza Martins é filho de José dos Santos Martins e Maria Alice de Souza Martins, nascido no dia quatorze se outubro do ano de 1942, na cidade de Belém, Estado do Pará.

Sua escolaridade começou com o Curso Primário Elementar, no Grupo Escolar Paulino de Brito, ano de 1955, e se estendeu até a Terceira Série do Colégio Comercial Ciências e Letras, no ano de 1962. Depois, vieram várias especializações em cursos e treinamentos promovidos pelas empresas onde trabalhou, ou por elas custeados.

Sua vida profissional ascendeu de “entregador”, “etiquetador” e “serviços gerais”, na empresa Lundgren Tecidos S/A, desde o ano de 1957, a Gerente da Akzo Ltda., em Belém, onde se aposentou no ano de 2003, por limite de idade, em obediência ao regulamento dessa empresa.

OCUPANTE Nº 02 - JOSÉ BARBOSA DE S. FILHO

José Barbosa de Souza Filho foi outro Acadêmico Soerguedor da Academia Amazonense Maçônica de Letras¹⁹⁶. Os registros de atos dos Acadêmicos dão conta de que ele estava presente na reunião do dia dezessete do mês de maio daquele mesmo ano, para entrega da biografia do seu Patrono, e silencia quanto a participação de, ou presença, na vida da Academia então renascida.

Seus dados cadastrais informam, apenas, que ele é filho da Loja Vitória Régia, de obediência do Grande Oriente do Brasil.

OCUPANTE Nº 03 - WALDEMIR M. DE SIQUEIRA JR.

(04/01/1962 – 05/08/2020)

Fonte:
Acervo da AAML



No dia vinte e cinco de agosto do ano de 2012, Waldemir Machado de Siqueira Júnior foi empossado na Cadeira Nº 30 da Academia Amazonense Maçônica de Letras. No dia seis de dezembro de 2013 foi empossado 2º Vice-Presidente da Academia, para o período de 2013 a 2015.

Filho de Waldemir Machado de Siqueira e Elza Rego de Siqueira, nascido em quatro de janeiro de 1962, Waldemir Júnior detinha bacharelato em Administração (2002) pela

¹⁹⁶ Fonte: Ata Nº 01/2002 – Soerguimento da Academia.

Universidade Federal de Rondônia, e bacharelato em Direito, pela Universidade Federal do Amazonas. Além disso, tinha pós-graduação em Direito Processual do Trabalho (2009) pela Universidade Gama Filho.

Waldemir Júnior foi Suboficial do Comando da Aeronáutica por mais de trinta anos, na área de proteção ao voo. Fundamentado na sua vivência profissional, escreveu o artigo “O Controle do Espaço Aéreo no Brasil – Segurança de Voo (Maio de 2012),

Foi iniciado maçom na Loja Unificação Maçônica, da constelação do Grande Oriente do Brasil, em treze de novembro de 1993, chegando ao grau de Mestre a vinte e dois de setembro de 1995. Na sua caminhada maçônica, Waldemir Filho exerceu o cargo de Juiz do Tribunal Eleitoral Maçônico (2009-2011), e de Deputado Federal à Assembleia do Grande Oriente do Brasil (2011-2015).

Waldemir Machado de Siqueira Júnior faleceu no dia cinco de agosto do ano de 2020, em consequência da Covid-19 que acometeu a humanidade no início daquela década.

OCUPANTE Nº 04 - MOISÉS RODRIGUES DA SILVA

O Maestro Moisés Rodrigues da Silva foi empossado na Cadeira Nº 30 da Academia Amazonense de Letras, no dia sete de maio do ano de 2022.

Em sua autobiografia, o Maestro Moisés diz que nasceu em Manaus, em 14 de abril de 1977, sendo seus pais Pedro Alves da Silva e Miriam Rodrigues da Silva. Filho caçula, tendo quatro irmãos,

cresceu no bairro de Petrópolis na capital manauara, tendo estudado na Escola Estadual Tiradentes todo o seu ensino fundamental.

Moisés Rodrigues da Silva

Fonte: Acervo da AAML



Ainda criança manifesta tendências para as matérias de exatas, fez o mini vestibular da antiga Escola Técnica Federal do Amazonas, tendo sido aprovado para o curso de Edificações no ano de 1992 e concluído em 1995. Nesse período, em paralelo com seus estágios na construção civil, dava aulas particulares de música. Entrou para uma escola de música e para o antigo conservatório da Universidade Federal do Amazonas, tendo aulas com os mentores Davi Mendes e Yara Reis, respectivamente.

Com a crise na construção civil na década de 90, e com a constatação de que já vivia de música, desiste de prestar vestibular para engenharia, direcionando os esforços para fazer o curso de Educação Artística, com habilitação em música, pela UFAM, destacando-se por seu conhecimento prévio em música, muitas vezes substituiu o professor informalmente, para o ensino dos colegas. Concluiu o curso com êxito em 2004.

A partir de 1996, é nomeado Diretor de Música da Igreja Batista Regular da Fé, cargo que ocupou até final de 2000. Nesse período, igualmente assumiu uma cadeira de docência no Instituto Bíblico Hebron, para formação de pastores e missionários.

No ano 2000, passa fazer parte do Coral do Amazonas, coro lírico do Teatro Amazonas, no qual permanece até a presente data.

Em dezembro de 2001, nascem seus filhos gêmeos, Carlos Eduardo e Carlos Henrique.

Passou por diversos corais, ora como maestro titular, ou pianista, ou assistente, sendo eles: Coral Eklésia, Coral Hemoam, Coral Jovem Cláudio Santoro, Coral Uni Nilton Lins, Coral Rede Amazônica, construindo uma consolidação no ramo do canto coral, dentro e fora da capital.

Sua atuação no mundo da ópera se dá principalmente nos festivais, onde foi maestro preparador de diversas edições do Festival Amazonas de Ópera, tendo regido inclusive uma das óperas. Na voz de barítono, também atua como solista em diversas obras ao longo de sua carreira de mais de duas décadas.

Em 2006, passa a praticar Aikido, uma arte marcial japonesa que, com sua filosofia e prática, passa a influenciar diretamente na sua forma de encarar os desafios da vida, não mais com choque, mas, seguindo o seu fluxo natural.

Em 2001 nasce-lhe o filho Kallel Augusto.

E 26 de novembro de 2014 é iniciado na Maçonaria, nascendo na ARDMLS Unificação Maçônica 1125, loja primaz do Grande Oriente do Brasil no estado do Amazonas. Foi elevado a 16 de dezembro de 2015 e exaltado a 22 de junho de 2016. Atuando em Loja, foi mestre de harmonia, 1º Vigilante e Secretário. Atualmente é Secretário Adjunto na pasta de Educação e Cultura do GOBAM.

Novamente volta aos necessários estudos, concluindo especialização em Voz Profissional e posteriormente tornando-se também especialista em Arranjo Musical.

Como escritor, além de publicar periodicamente as reflexões de cunho existencial espiritualista e filosófico, lançou em final de 2020 livro “O Escritor e o Pianista”, em coautoria com o escritor e advogado Júlio Lopes, não parando mais desde então, com mais de centena de artigos publicados.

CADEIRA Nº 31

PATRONO: OCTAVIANO SORIANO DE MELLO¹⁹⁷

Octaviano Soriano de Mello

Fonte:

<https://www.geni.com/people/Octaviano-Soriano-de-Mello/6000000...>



Nasceu no município de Maratáuã, Estado do Piauí, em 24 de dezembro de 1889 ou 1890, filho de Anísio Ferreira de Mello e Palmyra Soriano de Mello, vindo para o Amazonas com dez anos, com destino ao seringal Caxinauá, no Juruá. Casou-se com Palmyra Thaumaturgo, filha do comerciante do Juruá Coronel Rufino Thaumaturgo, sendo pai do literato, pintor e membro da Academia Amazonense de Letra Anísio de Mello.

Formado em Direito, foi juiz em diversas comarcas do interior, como Barcelos e Tefé, onde soergueu

¹⁹⁷ Fonte: Memorial da Academia Amazonense Maçônica de Letras, Edição 2008.

a Loja do Interior, como Barcelos e Tefé, onde soergueu a Loja Maçônica local. Criou, em Tefé, o sistema de “presídio aberto”, resolvendo os problemas das famílias de presidiários, dando um local de trabalho para eles em uma pequena colônia agrícola, suficiente para evitar o desamparo delas, o que só foi adotado agora, no País.

Foi um homem modesto, de têmpera, desprezioso e amigo dos livros, ávido de saber e de ilustração, e de hábitos simples, evidenciando um espírito circunspecto e elevado. Por onde passava na sua faina judiciária, instalava escolas teatros, tendo dirigido a Academia dos Novos de Tefé, até sua morte.

Quando jovem foi professor da Universidade de Manaus, na Faculdade de Odontologia, lecionando Prótese Dentária, Ortodontia e Metalurgia, entre 1918 e 1925, mas ao formar-se em Direito, em 1920, optou pela Magistratura.

Dedicou-se ao estudo da Amazônia tendo publicado: “Dicionário Tupi-Português, Português-Tupi”, 1957; “Topônimos Amazonenses” – Manaus – 1967, com segunda edição em 1986; “Marupiara”, poema inserido do livro Longe do Tédio, São Paulo, 1959; “Nheengatu Umbueçaraíma (O Nheengatu sem Mestre)”, Editora Expressão – SP. Deixou inéditos: “Acroamas Amazônicos” (poesias); “Autobiografia”; “Despachos e Sentenças”; “Discursos e Palestras”; “Terra Cunchã” (crônicas regionais), e “Alelis” (Poesias)

Faleceu em Tefé, no dia 28 de junho de 1947.

OCUPANTE Nº 01 - FERNANDO C. GUIMARÃES¹⁹⁸

Fernando Cardoso Guimarães
Fonte: Acervo da AAML



Fernando Cardoso Guimarães, nascido em 01/08/47, natural do Amazonas, filho de Maria Natividade Cardoso Guimarães e de Alípio Brito Guimarães, o fundador e construtor da Loja Maçônica Amazônia Brasileira, à avenida Djalma Batista, jurisdicionada pelo Grande Oriente do Estado do Amazonas, da qual foi membro.

É professor universitário com mestrado em Teologia, no Rio de Janeiro, e em Língua e Literatura Francesa, em Toulouse, França. Lecionou nas universidades ULBRA, CIESA e UNINORTE, as disciplinas de Português, Literatura, Francês, Espanhol, Filosofia, Sociologia, Metodologia e Monografia. É autor de diversos estudos sobre obras teológicas e filosóficas, sendo o seu mais recente trabalho a apresentação do livro *O Primeiro Olhar – A Filosofia em Contos Amazônicos*, de Luís Carlos Lemos, 1906.

Entre os cargos que ocupou na Maçonaria, foi Secretário da Loja Amazônia Brasileira, Presidente da Loja de Perfeição Ajuricaba, Deputado Estadual por aquela Loja, e Vice-Presidente do Conselho Estadual da Ordem. Galgou todos os graus da Maçonaria Simbólica e Filosófica e recebeu medalhas de Benemérito, Grande Benemérito e Estrela da Distinção Maçônica do GOB.

É um magnífico orador de palavras candentes e precisas.

Em 11/09/2023 a Secretaria Administrativa do Grande Oriente do Brasil - AM informou que o Acadêmico Fernando Cardoso Guimarães

¹⁹⁸ Fonte: Memorial da Academia Amazonense Maçônica de Letras, Edição 2008

teve seus direitos maçônicos suspensos no ano 2012. Em consequência, e considerando que o Acadêmico não mais compareceu à Academia depois de sua posse no dia 14 de julho do ano de 2007, nem apresentou justificativa para reiterada ausência, a Diretoria da AAML deliberou sobre seu afastamento do Quadro de Acadêmicos, e pela vacância da Cadeira N° 31, que tem como Patrono Octaviano Soriano de Mello.

CADEIRA Nº 32

PATRONO: MÁRIO S. C. VERÇOSA¹⁹⁹⁻²⁰⁰

Mário Silvio Cordeiro Verçosa
Fonte: Acervo da AAML



Mário Silvio Cordeiro Verçosa foi estabelecido Patrono da Cadeira Nº 32 a partir de 2008, por força do Ato Nº 001, de 06/12/2007, amparado na decisão da Assembleia Geral de 06/12/2007.

Segundo o Memorial da Academia Amazonense Maçônica de Letras, Edição de 2008, *“o desembargador Mário Verçosa, como foi conhecido no meio acadêmico, nasceu em*

¹⁹⁹ Fonte: Memorial da Academia Amazonense Maçônica de Letras, Edição de 2008.

²⁰⁰ Mário Silvio Cordeiro Verçosa foi estabelecido Patrono da Cadeira Nº 32 a partir de 2008, por força do Ato Nº 001, de 06/12/2007, amparado na decisão da Assembleia Geral de 06/12/2007, substituindo Plácido Serrano Pinto de Andrade, que passou a ser Patrono da Cadeira Nº 8, que era de Antonio Augusto dos Santos Porto até aquela data.

Manaus, no dia vinte de julho do ano de 1921, sendo filho de João Batista de Verçosa e de dona Edmée Cordeiro de Verçosa.

Formou-se advogado e seguiu a carreira da magistratura, onde foi juiz de 1ª e 2ª entrância, juiz eleitoral, corregedor eleitoral, presidente das Câmaras Cível e Criminal, Desembargador e Presidente do Tribunal de Justiça de 1969 a 1979.

Membro do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, também foi professor de Direito Comercial da UFAM, de Economia, Comércio Internacional de Câmbio, Moeda e Crédito, Noções fundamentais de direito, entre outras matérias.

Portador das medalhas Tiradentes e do Mérito Judiciário Brasileiro.

Publicou “Mosaicos do Judiciário Amazonense” (1891-1982), “Trinta Capítulos de Direito Comercial”, e “Registros Maçônicos”, um livro que apresenta numerosos subsídios para a história da maçonaria amazonense.

Como maçom, teve carreira ilustre. Iniciou-se a 13 de maio de 1947 e foi sucessivamente elevado a 21 de julho, e exaltado a 12 de agosto de 1947.

Foi Grão-Mestre da Grande Loja Maçônica do Amazonas entre 24 de julho de 1962 a 24 de junho de 1977, que então se denominava Grande Loja do Amazonas e Territórios Limítrofes, sendo membro honorário de sete Grandes Lojas brasileiras, Benemérito e Benfeitor de diversas Lojas, Honorário de muitas outras e portador da Comenda de Mérito Pedro I, do Grande Oriente do Brasil.

Como Grão-Mestre ajudou a estabelecer a Grande Loja do Acre, que se destacou da do Amazonas, em 1973.

Nos graus filosóficos alcançou o grau máximo.

(Biografia baseada na estabelecida por Manoel Ribeiro, ex-Grão-Mestre da GLOAM)”

OCUPANTE Nº 01 - PEDRO LUCAS LINDOSO

Pedro Lucas Lindoso
Fonte: Acervo AAML



Pedro Lucas Lindoso, filho de José Bernardino Lindoso e Amine Daou Lindoso, nasceu em Manaus, Estado do Amazonas, a 13 de maio de 1957. É casado com a senhora Vera Araújo Pereira Lindoso.

Foi diplomado Acadêmico da Academia Amazonense Maçônica de Letras, em vinte e nove de agosto do ano de 2015.

Advogado, professor, Pedro Lucas fez o curso primário no Grupo Escolar Saldanha Marinho, em Manaus, e na Escola Classe 106, e Escola Parque nº 01, em Brasília – Distrito Federal, onde também fez o curso ginásial, no Colégio da CASEB, em 1972. O primeiro ano do ensino médio foi feito na Greenon High School – Ohio, EUA, em 1973, e concluído no Colégio Pré-Universitário, de Brasília. O curso superior, em Direito e Letras, foi todo feito em Brasília, entre os anos de 1981 e 1987. Com pós-graduação em Educação, e Direito Contratual Americano e arbitragem, e especialização em Direito Ambiental e Desenvolvimento, Pedro Lucas obteve diplomas em várias disciplinas relacionadas com suas profissões e especialidades desde ao ano de 1972 até o ano de 2020.

Suas atividades profissionais o fizeram passar pelo exercício de diversos cargos em diversos escritórios de advocacia, empresas, entidades públicas e escolas, terminando por aposentar-se pela PETROBRAS, em 18 de fevereiro de 2021.

LIVROS PUBLICADOS

1. O Princípio da Informação Ambiental e a Segurança da Informação Empresarial”. – Paco Editorial. São Paulo.
2. Romance: Oremos pela guerra – Manaus de Chopin e Mussolini. All Print Editora. São Paulo.
3. Literatura Infantil:
 - a. O boto cor-de-rosa e o jacaré do rabo cotó. – 2008. Manaus.
 - b. Aconteceu em Cucuí. – 2020 Editora Palavra da Terra. Manaus.
4. A vista dos botos vermelhos às Anavilhanas. Editora Sejam Luz. Manaus.
5. Uma amazonense em Copacabana - Editora All Print. Crônicas. São Paulo.

Pedro Lucas Lindoso é cronista semanal do Jornal do Comércio, em Manaus.

NA MAÇONARIA

Nascido para a Maçonaria Simbólica na Loja Aurora Lusitana, da constelação da Grande Loja Maçônica do Amazonas, no dia vinte e quatro de novembro de 2012, chegou ao grau de Mestre Maçom a onze de agosto do ano de 2014. Nos graus filosóficos, detém o Grau 32 desde 30/08/2019.

Na sua loja de nascimento, exerceu (até 14/12/2023) os cargos litúrgicos de Diácono, Orador e Chanceler.

CADEIRA Nº 33

PATRONO: VICENTE TELLES DE SOUZA²⁰¹

O Memorial da Academia Amazonense Maçônica de Letras, de 2008, informa que *“o professor Vicente Telles nasceu no Ceará, a 11 de agosto de 1879, filho do honrado marceneiro Vicente Telles de Souza, veio com a sua família para o Amazonas, como retirante, como tantas outras.*

Aqui fez o curso primário, o secundário, na Escola Normal, e se formou em Direito, pela nossa Faculdade, e, em Farmácia, pela Faculdade da Bahia.

Foi professor catedrático de Química Geral, Orgânica e Inorgânica da Escola de Agronomia de Manaus, sócio do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas e da Ordem dos Advogados do Brasil, diretor do Instituto de Educação e da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Manaus.

Casou-se com Izabel de Freitas Pinto, com quem teve dois filhos: Comte e Cavour, ambos médicos e professores. O primeiro muito devotado aos mais carentes.

²⁰¹ Fonte: Memorial da Academia Amazonense Maçônica de Letras, Edição 2008.

Era totalmente devotado ao ensino, sendo um dos homens mais cultos do Amazonas, no entender de Agnello Bittencourt. Foi professor de Português do Instituto de Educação. Vivia do ensino e para o ensino.

Foi um livre pensador tendo ajudado a fundar, a 15 de novembro de 1934, a Loja Unificação Maçônica, da qual foi o primeiro Venerável, com o nome simbólico de Domingos Freire. Essa foi a Loja que fez ressurgir o Grande Oriente do Brasil, no Amazonas, após a Cisão de 1927. Junto com ele estiveram nessa fundação Themístocles Pinheiro Gadelha (Hamlet), Obed Barreto (Guatimozin), Benício Leão (Tiradentes), João Francisco Soares (Ubirajara), Aluizio Hugo Silva (Gregório de Matos), Francisco Pereira de Moraes (Amazonas), e Arlindo Ferreira do Rosário (Almirante Barroso).

Faleceu em Manaus, a 30 de abril de 1943, aos sessenta e quatro anos de idade.

(Biografia baseada em outra de Agnello Bittencourt). ”

A Inteligência Artificial (Google) acrescenta informações conflitantes às do Memorial de 2008²⁰². Entre elas, que o Professor Vicente Telles nasceu em Barbalha, estado do Ceará, Filho de Antonio Teodoro de Souza e Luiza Silveira de Souza; que foi graduado em Direito pela Faculdade de Direito do Recife, em 1905; que após sua graduação, transferiu-se para Manaus, Amazonas, onde tornou-se catedrático do Ginásio Amazonense, atual Colégio Dom Pedro II, em 1908; que lecionou as disciplinas de Filosofia, Literatura e Francês; que foi membro do Conselho Deliberativo da Educação e da Instrução Pública do Amazonas; que era conhecido como "O Patriarca das Letras Amazonenses"; e que faleceu em Manaus, Amazonas, em 29 de junho de 1949.

²⁰² Esclarecer esses conflitos de informação será tarefa de futuros acadêmicos deste Silogeu.

OCUPANTE Nº 01 - PAULO DANTAS DA SILVA²⁰³

(17/08/1944 – 09/10/2020)

Paulo Dantas da Silva, natural de Manaus, nascido no dia 17 de agosto de 1944, é filho de Francisco Cruz e Silva e de Adalgiza Dantas e Silva.

Cursou o ensino primário no Grupo Escolar Euclides da Cunha, e o ginásial no colégio Ajuricaba, ambos em Manaus. Estudou no Seminário Agostiniano Santa Rita, em Ribeirão Preto. Tem curso superior pela Universidade de São Paulo – USP, e vários cursos de Extensão Universitária. Foi professor desde 1973, no magistério amazônense.

Iniciado maçom no dia 23 de julho de 1994, pela Loja Rei Salomão, do Grande Oriente do Brasil, sendo elevado em maio, e exaltado em julho de 1995. Foi membro ativo do Consistório de Príncipes do Real Segredo, desde 2005.

Foi secretário da Loja Rei Salomão, orador da Loja de Perfeição Coronel Francisco de Menezes, Grande Secretário da Guarda dos Selos do Grande Oriente do Estado do Amazonas, e membro das Comissões de Educação, e de Justiça, do Conselho Estadual da Ordem.

Faleceu no dia 09 de outubro do ano de 2020, acometido que foi pela COVID-19, uma doença infecciosa causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave.

²⁰³ Fonte: Registros do Memoria da Academia Amazonense Maçônica de Letras, Edição de 2008.

Os arquivos da Academia guardam poucas informações sobre Paulo Dantas. Seus contemporâneos, no entanto, são testemunhas vivas do grande ser humano que foi.

Paulo Dantas falava pouco da sua vida. O que se sabe dele, deve-se a conversas despreziosas de um pequeno grupo de Maçons idosos, entre eles Paulo Dantas, que se reuniam nas noites de sexta-feira, e ainda se reúnem hoje, para um jantar de confraternização, de lembranças das peraltices da mocidade, de fuga da solidão que chega junto com a velhice, e, principalmente, para uns instantes de “terapia” com o objetivo de encontrar um pouco de prazer, e alegria incontida, na companhia daqueles Irmãos Maçons.

Foi assim que o Confrade Edson Gomes da Silva, filho do bairro da Cachoeirinha, em Manaus, Estado do Amazonas, compilou, de memória, algumas informações sobre o também filho do mesmo bairro, Paulo Dantas.

Numa das noitadas de sexta-feira entre os encanecidos Confrades, Paulo Dantas foi convidado para uma visita à terra natal de um dos convivas daquele grupo que se autodenomina “Confraria Waldemir Siqueira”, no interior do Amazonas. Durante a estada no beiradão do Amazonas, aconteceu de Paulo Dantas fazer amigos, trata-los gentilmente, e acompanha-los em aventuras dos homens simples do interior, como por exemplo, passar a noite em uma praia no meio do rio, colhendo ovos de gaivotas para saboreá-los cozidos, acompanhados de cerveja ou cachaça. O relato seguinte conta uma dessas aventuras:

“O dia amanheceu lindo! Ensolarado! Convidativo para um passeio pela imensidão desse grande rio. De pé à beira do barranco da Costa da Conceição, eu pensava em meu pai que ali nascera, e que se estivesse vivo estaria completando cem anos.

Resolvi visitar a sepultura da minha mãe, lá no cemitério de São José do Amatari, um ajuntamento de ribeirinhos à margem esquerda do maior rio do mundo. Para isso,

convidei meu confrade, Irmão e amigo Paulo Dantas da Silva, filósofo, teólogo, ex-seminarista, agostiniano do roxo, que de pronto aceitou o convite. Embarcamos numa lancha razoavelmente veloz (Hiram Habiff), sob o comando do Taquito, meu sobrinho querido, e lá fomos nós margeando aquele beiradão a uma velocidade de aproximadamente quarenta milhas por hora, tal como fiz muitas vezes há décadas passadas, só que em canoa movida à remo.

Fiz minha visita, me recolhi por um momento nas entranhas da minha alma, buscando lembranças daquela que me deu à luz - interiorana com sangue português, traços finos, trato caboclo, a maior “psicóloga” do mundo, responsável pela formação do meu caráter mediante a utilização dos instrumentos de trabalho da psicologia que usava com maestria para esse mister: o galho de cuieira, a palmatória, o cinto do meu pai, ou qualquer instrumento que pudesse ser arremessado sobre nós, seus filhos, quando de nossas peraltices de criança.

Concluída a visita, fomos conhecer um viveiro de pirarucu na propriedade de um amigo do Taquito, enquanto Paulo Dantas e eu conversávamos sobre aquele lugar que outrora, segundo o historiador Francisco Gomes, foi uma

colônia agrícola que no final do Século 19 recebeu grande contingente de cearenses fugidos da seca do nordeste. E disso ainda hoje restam vestígios em forma de traçado de ruas e de loteamento de espaços. Como ainda era cedo, resolvi estender a visita à minha prima Maria Aleluia, na Ilha Grande do Soriano, em frente ao Amatari. Atravessamos a imensidão daquelas águas barrentas que mataram a sede da minha infância e juventude, superamos a ilha Beija-Flor, fizemos uma rápida parada no lago Taboca, Costa do Itapará (pedra torta, em Tupi-Guarani), onde por momentos me vi menino pescando nos igapós existentes à época. Passamos em frente ao lugar onde morei com meus pais desde os três anos de idade até minha saída definitiva dali, em busca do



Casa da Aleluia.

Da esquerda para a direita: Tupinambá, Taquito, Paulo Dantas, Aleluia, Maria (Esposa do Taquito).

meu destino, já aos vinte e poucos anos de idade.

Mais uma vez, ao passar onde um dia foi a casa que meu pai construiu com suas próprias mãos, minhas lembranças

me traíram e fizeram jorrar lágrimas dos meus olhos enquanto minha garganta era violentamente agredida por alguma coisa provinda da emoção.

Sol quase a pino, chegamos à residência da minha prima, uma casa flutuante fundeada à margem do Amazonas, em frente à desembocadura do paraná de Autazes. Ali trocamos

presentes e amabilidades, falamos dos velhos tempos, abrimos o expediente das cervejas e dos uísques, e, depois do sol “dobrar” no zênite em sua caminhada para o entardecer, nos despedimos com as mais calorosas manifestações de carinho e apreço.



Almoço do Paulo Dantas, a caminho da praia da Ilha da Benta

Sáimos com destino à Ilha da Benta, metade do caminho entre a Costa da Conceição e Itacoatiara, onde eu pretendia oferecer ao meu amigo Paulo Dantas uma noite diferente: colher ovos de gaivotas, cozinhá-los, comê-los, e dormir ali mesmo, na praia, ao relento, deitado

na areia, ouvindo o canto dos pássaros noturnos e vendo, no dia seguinte, o sol despontar no horizonte. Paramos próximo à Boca do Padre (local de grande interesse para a arqueologia, nas proximidades do que restou da aldeia dos índios que habitaram aquele lugar (Miracãoéra) – ainda vou me inteirar do assunto com meu amigo historiador Frank Chaves - para o embarque de uma senhorinha de cerca de

sessenta anos, parenta da esposa do Taquito. Chegamos à praia da Ilha da Benta com o sol já morrendo para as bandas do ocidente, enquanto do oriente nuvens negras prenunciavam temporal.”

Que prazer desembarcar pisando aquela areia que há mais de sessenta anos não era calcada pelos meus pés. Que prazer ouvir os estridentes grasnidos das gaivotas dando voos rasantes sobre nossas cabeças, tentando afastar os in-



Na praia da Ilha da Benta

Da esquerda para a direita: Romário, Paulo Dantas, Tupinambá e Taquito

trusos, em proteção dos seus ninhos. Que prazer sentir aquela aragem refrescante trazendo grãos de areia para colidirem com nossos rostos. Eu feliz, Paulo Dantas tenso por duas razões. Primeiro, ele achava que estávamos invadindo o território sagrado (tabuleiro) das gaivotas; segundo aquelas nuvens negras estavam mais negras ainda, mostrando a fúria da natureza observável nos relâmpagos, e já estavam materializando lufadas de ventos muito fortes. Logo, logo,

cairia um temporal daqueles que trazem perigo para qualquer navegante do grande rio, tudo isso recomendando que saíssemos dali às pressas em busca de abrigo. Foi o que fizemos.

Todos, inclusive familiares da senhorinha que já estavam na praia antes de nós ali chegarmos, embarcaram na lancha e nos afastamos da praia em busca de um porto seguro. Mas não houve tempo de encontrá-lo.

A noite chegou de vez, a chuva caiu forte, o banzeiro ficou violento, as sanefas foram baixadas para proteger da chuva os passageiros, e nós à deriva na escuridão, ao sabor do vento forte que nos jogou de encontro a um banco de areia abarrancado, totalmente desorientados. A lancha batendo contra a areia obrigou a todos desembarcarem para tentar protegê-la, empurrando-a para o rio, enquanto Paulo Dantas segurava o cabo de apoitar puxando-a para a beira; eu, travado pelas minhas limitações cardiológicas, desembarquei por último e caminhei pela praia com o vento fustigante arremessando sobre minhas costas grãos de areia, como petardos penetrantes, nessa guerra ente o homem e os elementos da natureza, enquanto a chuva caía torrencial molhando-nos até os ossos.

Quando aqueles bravos homens e mulheres conseguiram afastar a lancha daquele ponto crítico, olhei para os lados e vi Paulo Dantas absolutamente ensopado, ajoelhado sobre a areia, de mãos elevadas aos céus, em sincera oração ao Altíssimo, e à sua santa de devoção. Foi quando pude comprovar sua fé inabalável no Criador.

Passado o perigo, restaram muitas risadas e o comentário de Paulo Dantas, esse homem cheio de saberes e fé: “Isso tudo foi vingança das gaivotas”.

OCUPANTE Nº 02 - EDSON A. P. JÚNIOR²⁰⁴

Edson Salves Pereira Jr.
Fonte: Acervo da AAML



Edson Júnior, como é conhecido no meio maçônico, foi diplomado Acadêmico da Academia Amazonense Maçônica de Letras no dia sete de maio do ano de dois mil e vinte e dois, substituindo o recém falecido Acadêmico Paulo Dantas da Silva, de quem era amigo, na Cadeira de Nº 33 do Sodalício.

Natural de Manaus, Estado do Amazonas, nascido no dia 11 de maio de 1973, Edson Alves Pereira Júnior é filho de Edson Alves Pereira e de Helena Vieira Pereira.

Cursou o ensino primário no colégio salesiano Domingos Sávio, indo depois para Escola Técnica Federal do Amazonas, onde concluiu o curso de Técnico em Química.

Graduou-se em Medicina na antiga Universidade do Amazonas, atual Universidade Federal do Amazonas, no ano de 1999.

Serviu às forças armadas, na Marinha, no ano de 2000, e 2001 foi aprovado para Residência de Ortopedia, no Hospital Getúlio Vargas, onde, no término, retornou para as forças armadas. Casou-se com Elidianne Cruz, e como fruto desse estado civil, teve duas filhas: Ayla e Eduarda. Em 2005 fez sua especialização em Medicina Esportiva, em Curitiba.

Em 2007 retornou a Manaus, onde passou a trabalhar na UNIMED e ITO-Am. É um dos ortopedistas pioneiros em Medicina

²⁰⁴ Autobiografia do Acadêmico.

Esportiva, ajudando a recuperar atletas renomados, e pessoas do cotidiano, a terem qualidade de vida, tão necessária.

Foi eleito como 1º Conselheiro Suplente da Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia Regional, do Amazonas (2016-2017), e, no biênio seguinte, Vice-Presidente da Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia, Regional Amazonas (2018-2020). Posteriormente, no ano de 2020, foi aclamado Presidente da Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia, Regional Amazonas.

Atualmente, também é Coordenador Chefe da Ortopedia no ICAM. – Instituto da Criança do Amazonas, cuidando e zelando pelos traumas ortopédicos das nossas crianças no Estado do Amazonas. Além de também trabalhar no Abrigo Moacir Alves, em prol da comunidade do bairro Alvorada e adjacências, crianças carentes residentes no abrigo, pessoas com transtornos, com síndromes de alta complexidade, e pacientes com autismo.

Aos 13 anos iniciou na Ordem DeMolay, e no dia 25 de novembro de 2000 foi iniciado na Maçonaria, pela Loja Unificação Maçônica, da Obediência do Grande Oriente do Brasil. Foi elevado e exaltado, respectivamente, nos dias 24 de novembro de 2001 e 17 de agosto de 2002. Iniciou os graus filosóficos, chegando ao Grau 33 do REAA no dia 25 de novembro de 2011.

CADEIRA Nº 34

PATRONO: RODOLPHO G. VALLE²⁰⁵

Rodolpho Guimarães Valle
Fonte: Google



Rodolpho Guimarães Valle, filho do segundo matrimônio de Enéas Valle Junior com Dolores Guimarães Valle, nasceu em Manaus, em 11/03/1923. Casou-se com Consuelo Campello de Medeiros sendo seus filhos: Enéas, Maria de Fátima, Maria Izabel, Maria Auxiliadora, Maria Minerva e Benjamin. Faleceu aos 54 anos, no dia 04/11/1977.

O respeito de Rodolpho Valle ao culto religioso caminhava lado a lado com sua aversão ao culto da vaidade. Era de uma simplicidade exemplar, embora firme em seus desideratos. Jamais fez uso de sua inteligência como arma de objetivos escusos. Era um apóstolo forjado de sentimentos,

²⁰⁵ Texto compilado do Memorial da Academia Amazonense Maçônica de Letras, Edição 2008. Não existe indicação da autoria.

convicções e procederem maçônicos. Incentivava os mais jovens, não excluía os opositores. Ouvia a todos com remansosa atenção, acautando suas opiniões e enaltecendo suas virtudes, quando convencido de que convergiam para o melhor. Entretanto, firme e aguerrido na defesa de seus princípios, quando necessário. Gostava da noite sem ser boêmio, talvez porque a inquietude de espírito, própria dos que procuram incessantemente a luz, se debatesse contra o entorpecimento do longo dormir dos humanos. Queria viver na plenitude máxima possível do tempo que lhe era disponível.

Iniciou na Maçonaria, na Grande e Benemérita Loja Simbólica Rio Negro em 02 de junho de 1956, e foi elevado em 20 de julho, do mesmo ano. Em 27 de setembro, ao ser exaltado Mestre Maçom, adotou o nome simbólico de Sinimbú. Filiou-se, em 20 de abril de 1963, à Grande e Benemérita Loja Simbólica Amazonas. Sua luminar liderança, vibrando o malhete, no aspergir de emoções muitas e de ensinamentos sobre o ser humano com suas nuanças entre o mundo físico e o mundo espiritual, no borbotão que flui a vida, é memorável.

Tribuno de verbo inflamado logo despertava a atenção e o respeito de todos pela amplitude de seus conhecimentos e pela clareza e equilíbrio de seus pronunciamentos, quer fossem em sua Loja Mãe ou na Loja Amazonas, da qual foi Venerável Mestre eleito nos períodos de 1963 – 1969, 1970 – 1971 e 1974 – 1977; quer na GLOMAM – Grande Loja Maçônica do Amazonas, da qual foi Grão Mestre eleito, infelizmente, por um breve período, de pouco mais de três meses (agosto–novembro de 1977), dado a sua passagem para o Oriente Eterno, quer na CMSB – Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil. De sua Loja Mãe recebeu a homenagem de ter o seu nome em uma de suas expressões máximas de materialização da fraternidade maçônica, a “Escola Rodolpho Valle”, numa evocação a sua total dedicação e memorável contribuição como professor de História do Brasil, que fora do Colégio Estadual do Amazonas. Na Grande e Benemérita Loja Simbólica Amazonas, onde foram realizadas suas Pompas Fúnebres, tem seu nome eternizado pela denominação da sala onde funciona a Secretaria da Loja, “Sala Rodolpho Valle”. Na GLOMAM – Grande Loja Maçônica do Amazonas, em reconhecimento de seus

relevantes serviços prestados a Maçonaria Amazonense, conferiu o seu nome a uma das suas Lojas jurisdicionadas, a Benemérita Loja Simbólica Rodolpho Valle, no Oriente de Borba. Na CMSB – Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil, onde seus vibrantes pronunciamentos, longe de prender a atenção por rebuscados vernáculos, contagiava pela naturalidade com que emergiam as forças de seu encaadeamento lógico de ecos fulgurantes, recebeu o Título de “Eterno Secretário”.

Nas sociedades profanas também teve seus méritos exaltados Bacharelou-se em Direito pela Faculdade de Direito do Amazonas, em 1948, tendo sido escolhido o orador da turma. Como advogado foi Consultor Jurídico da Comissão de Abastecimentos de Preços (COAP) no Amazonas, Procurador Jurídico do Município de Manaus, Advogado da União Beneficente dos Motoristas de Manaus e Conselheiros da Ordem dos Advogados (OAB), Seção do Amazonas. Além do festejado Professor de História do Brasil, dado ao seu imenso caudal de conhecimentos e privilegiada capacidade de comunicação.

Quando estudante ingressou na política, tendo sido membro ativo do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), Partido Social Democrático (PSD) e Aliança Renovadora Nacional (ARENA). Ocupou os cargos de Conselheiro e Presidente do Instituto Municipal de Previdência Social do Amazonas (IMPAS). Foi eleito Deputado Estadual e, por diversas vezes vereador. Na Câmara Municipal de Manaus, em 1962, assumiu a Presidência e o comando interino do Executivo nos impedimentos do Prefeito. Neste mister concentrou seus esforços nas atividades sociais e humanitárias, como a capacitação intelectual dos funcionários da Câmara, isenção de impostos para feirantes dos mercados e vendedores ambulantes, a contagem em dobro para efeito de aposentadoria do tempo de serviço dos funcionários colocados à disposição do Asilo Dr. Thomas. Teve seus méritos reconhecidos com a reverência prestada por seus pósteros através da instituição da “Medalha Cultural Rodolpho Valle”, destinada a distinguir os cidadãos que se notabilizam por suas contribuições para o engrandecimento da cultura na cidade de Manaus.

Eleito para a Academia Amazonense de Letras, tomou posse em 11 de março de 1973, na Cadeira que tem como Patrono o poeta Raimundo Monteiro. Na Casa de Bernardo Ramos, o IGHA – Instituto Geográfico Histórico do Amazonas, onde foi Orador e Presidente eleito para o ano de 1977, ocupou a Poltrona de Nº 45, que tem como patrono Rodolpho Garcia.

Entre suas obras publicadas relacionamos “Conscientização Maçônica” – Tese apresentada pela Grande Loja do Amazonas, Acre, Rondônia e Roraima à VII Assembleia Geral da Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil, realizada em Teresina, Piauí (15 a 22/07/1973), onde aborda as apreensões do mundo moderno e a função social da Maçonaria; “Efemérides Maçônicas” – Principais registros históricos da Grande Benemerita Loja Simbólica Amazonas nº 2, lançado, em 1975, como parte dos festejos de seu centenário. Neste trabalho revela-se o pesquisador, o historiador. Em “Templo da Sabedoria”, capítulo do opúsculo organizado por Cleomenes do Carmo Chaves em comemoração ao centenário do Colégio Estadual do Amazonas (1960), temos o Professor. E em “Aspectos Jurídicos e Sociais da Adoção”, editado na Escola Técnica Federal de Manaus (1948), impõe-se o jovem defensor dos humildes, o Advogado.

Finalizo esta sinopse sobre a vida de tão fidalgo e ilustre cidadão-maçom com o coração marejado de tristeza por sua ausência e com uma decepção introspectiva de meu relato, embora consolado por minha despreensão de querer ser completo ou perfeito, vez que, em meu desiderato, não ultrapasso os limites de alguns contornos da vida do saudoso irmão.

OCUPANTE Nº 01 - SYLA GUIMARÃES VALLE

Syla Guimarães Valle foi um dos fundadores da Academia Amazonense Maçônica de Letras, sendo eleito, na oportunidade, membro do Conselho Fiscal da recém fundada casa. Afora estes registros, consignados na Ata de Fundação, os arquivos da Academia não registram nenhuma outra informação sobre o Acadêmico. A Inteligência Artificial (Google) também é silente quanto a qualquer dado biográfico do ex-acadêmico.

OCUPANTE Nº 02 – A. F. IMBIRIBA DA ROCHA²⁰⁶

(10/09/1934 – 18/11/2011)

Arnaldo Felisberto Imbiriba da Rocha foi Soerguedor da Academia Amazonense Maçônica de Letras. Exerceu o cargo de Vice-Presidente da Diretoria Provisória, desde o soerguimento a dezenove de abril de 2002 até o ano de 2003.

Nasceu em Prainha (PA), no dia 10/09/1934, filho de José Cardoso da Rocha e Argemira Imbiriba da Rocha. Casou-se com Ely Albuquerque, sendo seus filhos José Francisco (iniciado na Loja Amazonas). Elynaldo e Arnaldo (Lowtons da Loja Amazonas). Elynaldo e Arnaldo (Lowtons da Loja Amazonas). Veio para Manaus, a convite de Djalma Batista, para trabalhar no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia- INPA, logo após concluir o Curso de Químico Industrial, em 1962, na Escola Superior de Química do Pará, em Belém.

Foi iniciado na Grande e Benemerita Loja Amazonas, em 07/12/1967, sendo elevado e exaltado em 15/02 e 27/04/1968,

²⁰⁶ Texto compilado do Memorial da Academia Amazonense Maçônica de Letras, Edição 2008. Não existe indicação da autoria.

respectivamente. Recebeu a Patente de Grande Inspetor Geral, Grau 33 (abril/1984) e a posição de Mestre Instalado (agosto/1984). Exerceu diversos cargos em Loja e foi eleito Venerável Mestre para o período administrativo 1984/1986. Sua administração foi definida no convite dos iniciados da Turma Arnaldo Felisberto Imbiriba da Rocha, de 11/08/90: Instituiu a figura do “Maçom Símbolo da Loja Amazonas”, caracterizada pela tolerância e pela humildade, elementos que marcaram a sua Administração na busca da verdadeira fraternidade. A “Galeria dos Veneráveis”, fincada na Sala dos Passos Perdidos, é a marca indelével de seu Veneralato”.

Foi homenageado com Diploma de Maçom Emérito. Recebeu os Títulos de Remido e de Benemérito, Placas de Reconhecimento pelos Serviços Prestados à Loja das Administrações Renan C. Peixoto e Paulo Gustavo d’Almeida Porto e a Miniatura em madeira da nossa “Acácia”, pelo muito que dignificou a Ordem da Administração Felismino Francisco Soares Filho. Da Grande Benemérita Loja Simbólica Fraternidade Amazonense recebeu o Título de Honra ao Mérito.

Na Soberana Assembleia foi Representante das Lojas Sá Peixoto (1974/1976). Esperança, Harmonia e Trabalho (1980/82), Amazonas (1984/86), Triângulo de Maraã (1986/88) e Fraternidade Coariense (2003/05). E exerceu o cargo de Grande 2º Experto.

No Grão-Mestrado exerceu os cargos de Grande Secretário de Relações Exteriores, nas Administrações dos Irmãos Francisco Oswaldino Castelo Branco, Renan Corrêa Peixoto e Ronaldo de Brito Leite, quando renunciou, passando a Grande Secretário de Relações Exteriores Adjunto; Membro do Conselho Deliberativo do Centro Maçônico Desportivo e Recreativo da GLEAM (1985); Secretário Executivo da Coordenadoria Executiva da XXXIII Assembleia Geral Ordinária da Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil – CMSB; Grande Representante da Grande Loja do Pará e da Grande Loja de New Brunswick – Canadá. Participou das CMSB em João Pessoa (1993), Fortaleza (1988), Cuiabá (1990) e Manaus (2004).

Recebeu Medalha do Tratado Fraternal de Mútua Amizade GLOMAM/GOEAM, Administração Ronaldo de Brito Leite e os

Títulos de Grande Benemérito da GLOMAM – Dec. 010-2004/2007 e de remido – PR 005-2004/2005, na Administração René Levy Aguiar.

Imbiriba foi membro do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas – Poltrona nº 05, que tem como Patrono Alexander Von Humboldt. Escreveu vários artigos sobre temas maçônicos no Boletim Informativo da GLOMAM – BIG, entre os quais “A Ética e a Maçonaria” (BIG nº 31), “Idealismo, Materialismo e Maçonaria” (BIG nº 33), “Livres Arbitrio ou Determinismo” (BIG nº 35), “Reflexões Sobre a Liderança Maçônica” (BIG nº 39) e “Apresentação Sinóptica da História da GLOMAM” (Guia do participante da XXXIII Reunião da CMSB, Manaus (AM)).

Mestre em Ciências pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Doutor em Química Orgânica pela Universidade de São Paulo, com Pós-Doutoramento na University of San Diego – Califórnia, EE. UU, trabalhou como Pesquisador do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia – INPA e Professor da Fundação Universidade do Amazonas – FUA, da qual foi fundador e onde se aposentou como Professor Titular. Proferiu conferências e ministrou cursos em diversas universidades. Idealizou e coordenou a implantação do Curso de Mestrado em Química de Produtos Naturais da Universidade do Amazonas. Estudou dezenas de espécies botânicas da Amazônia e publicou seus trabalhos em revistas nacionais e internacionais. Exerceu as atividades de Consultor Científico do CNPq, de Membro do Corpo Editorial da revista Química Nova, publicada pela Sociedade Brasileira de Química, de árbitro da Revista Acta Amazônica, publicada pelo INPA, e da Revista de Saúde e Ambiente, publicada pela Universidade Federal do Mato Grosso.

É fundador do Sindicato dos Profissionais da Química e do Conselho Regional de Química – XIV Região, que compreendem os Estados do Amazonas, Acre, Roraima e Rondônia, exercendo vários cargos em suas Diretorias. Representava a categoria dos Químicos Industriais no Conselho Federal de Química.

Foi homenageado como Patrono das 1ª e 2ª Turmas de Licenciatura em Matemática, Química e Ciências, da Universidade do Amazonas, com o Título de Honra ao Mérito pelo Conselho Regional de Química – XIV Região, em reconhecimento a distinguida participação em prol da Química na Amazônia Ocidental; Diploma de Relevantes Serviços Prestados à Nação, pelo Conselho Federal de Química; Título de Cidadão do Amazonas, pela Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas, e Título de Professor Emérito da Universidade do Amazonas.

Faleceu no dia dezoito de novembro de 2011.

OCUPANTE Nº 03 - ELOY G. C. BERMÚDEZ

Eloy G. Castellon Bermúdez
Fonte: Acervo da AAML



Eloy Guillermo Castellon Bermudez é brasileiro naturalizado, nascido a 10/12/1946 em Cartagena, Colômbia, filho de Humberto Castellon Calderon e de Elsa Bermudez Aguirre. Foi diplomado Acadêmico da Academia Amazonense Maçônica de Letras no dia 07/05/2022, ocupando a Cadeira de Nº 34, que tem como Patrono Rodolpho Guimarães Valle.

Foi iniciado na Maçonaria 16/08/2012, pela Loja Esperança e Harmonia, de obediências da 483

Grande Loja Maçônica do Amazonas. Elevado ao Segundo Grau aos três dias do mês de junho do ano seguinte, chegou ao grau de Mestre Maçom 16 dias do mês de março do ano de 2014. Na sua caminhada pelos graus superiores do REAA, está cumprindo interstício de tempo para o mais alto grau filosófico do Rito.

Na sua Loja, Eloy exerceu o cargo litúrgico de Chanceler no período entre 2014 e 2018. No âmbito da Grande Loja, foi Vice-Presidente da Fundação GLOMAM entre os anos de 2015 e 2021.

Entre os livros produzidos por Ely, e publicados pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia – INPA, estão “Entomologia Médica – Doenças Transmitidas por Insetos” (2012); “Desvendando as Fronteiras do Conhecimento” (2012); “Entomologia na Amazônia I” (2010); “Lutzomyiasandflies in the Brasília Amazon” (2009); “Homem, Ambiente e Ecologia em Roraima” (1997); “Manual de Lavoeatório de Zoologia de Invertebrados” (Sem informação do ano); “Maruins – Diptera Cerantopogonidae” (2013). Além dos livros, Eloy publicou mais de cinquenta Artigos, Resenhas e Crônicas em periódicos nacionais e internacionais, ou meios digitais.

CADEIRA Nº 35

PATRONO: RAUL DE AZEVEDO²⁰⁷

Raul de Azevedo
Fonte: Google



Raul de Azevedo nasceu em São Luís do Maranhão, 3 de fevereiro de 1875, e faleceu, no Rio de Janeiro, a 27 de abril de 1957. *“Foram seus pais Belmiro Paes de Azevedo e Francisca Rosa de Brito. Fez seus estudos na cidade natal, não chegando a realizar curso superior. Sua aguda inteligência e contínua leitura, baseada em ótima inclinação filosófica, lhe deram uma cultura bem larga e profunda, nos objetivos de sua vida burocrática e literária. Viu,*

no Amazonas, a estrela polar do seu destino de homem de Sociedade.

²⁰⁷ Biografia baseada na elaborada por Agnello Bittencourt – Dicionário Amazonense de Biografias, p. 421/424, Ed. Academia Amazonense de Letras.

Para lá se dirigiu, na qualidade de jornalista, procurando um lugar ao sol. sendo convidado pelo governador Fileto Pires, para a função de Secretário Geral. Foi festivamente recebido e, logo, é convidado pelo governo do Capitão Fileto Pires Ferreira para exercer a alta função de Secretário Geral do Estado, cargo esse que lhe permitiu ficar em contato com o mundo oficial e com a elite da população. Foi o seu ponto de partida numa estrada que teria que perلustrar por mais de 65 anos, ora transitando por cima de flores, ora de espinhos.”

Durante o tempo que por aqui morou teve como característica a lealdade, demonstrada quando aconteceu, com Fileto Pires, o episódio da sua renúncia ao governo do Estado.

“... sabedor do que se passava em Manaus, (Fileto Pires) freta um navio para imediatamente regressar. No meio da viagem é cientificado de que Manaus estava em pé de guerra e ali não desembarcaria. O cabo telegráfico fluvial estava interrompido, no momento. Sabe-se que o navio em que viajava S. Excia. partira para aportar em dia certo, pela manhã. Com receio da aventura, volta a Belém, enquanto na outra capital, de nada se informa. Raul Azevedo, Redator-Chefe do “Rio Negro”, órgão do seu Partido e do governo alijado, prepara um número especial para a recepção em “hora-certa”. Nesse número, havia um noticiário bombástico em que se avisava haver S. Excia. chegado e que girândolas de foguetes estrugiram nos ares, o povo se apinhava no litoral dando vivas a S. Excia. e que o Sr. Dr. F. proferiu um empolgante e comovido discurso de agradecimento, bem assim que o Coronel Ramalho Junior ainda no Poder, fugiu com seus amigos. O “Rio Negro” já havia sido distribuído pela madrugada e pela manhã do “dia certo”. Corre o dia e nada de S. Excia. Somente à noite é que realmente Manaus foi informada, pela chegada de outra embarcação, do que acontecera. A antecipaçaõ do noticiário do órgão oficioso

foi um grande “tableau”; gargalhadas se davam na cidade. E Raul de Azevedo, vexadíssimo, teria de conjecturar uma explicação. E achou-a, dizendo, no dia seguinte, em outro jornal, que tudo resultou de um erro dos revisores (como esses auxiliares da imprensa tem as costas largas...); que todos os verbos do noticiário estavam no futuro e que eles, por um descuido, passaram-no para o pretérito perfeito... Esse “dia certo” foi fatídico por ser o último para aquele jornal e para o Partido de Raul. Foi o “canto do cisne” de uma situação “consumatum est”, da qual Campos Sales, então Presidente da República não quis tomar conhecimento. Esta explicação de um fato escandaloso parece uma pertinência pueril, no meio de uma biografia. Passou para a História e, da geração atual, pouca gente a conhece.”

Raul de Azevedo foi eleito deputado estadual por diversos mandatos, e Chefe de Gabinete dos governadores Silvério Nery e Antonio Bittencourt. Fundou vários jornais, exerceu o consulado do Chile e participou das Academias Amazonense de Letras e do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas. Sua função permanente foi a de Diretor dos Correios e Telégrafos, cargo que exerceu também no Rio e em Juiz de Fora.

Escreveu mais de trinta obras, folhetos e artigos de jornais, entre os seus livros citamos: Doutor Renato, Tríplice Aliança, Amores de Gente Nova, Onde Está a Felicidade, Roseiral, Aquela Mulher, Amigos e Amigas, Senhores e Senhoritas, Homens e Livros, Alma Inquieta das Mulheres, Aspectos e Sensações, Louras do Sul e Morenas do Norte, Meu Livro de Saudades.

Casou-se por duas vezes, com Julieta Lessa e Camélia Cruz, com quatro filhos, nos dois matrimônios, sendo que seu filho Herbert Lessa de Azevedo foi assassinado em Coari.

Segundo Agnello Bitencourt, Raul de Azevedo foi honesto, culto, trabalhador, mas morreu pobre, sem ter casa própria e sem ser perdulário. Amou as jovens louras e morenas, as flores, o teatro, a música e os perfumes. Partiu para o Oriente Eterno como se ainda fosse um jovem.

OCUPANTE Nº 01 - ALUÍSIO C. A. CALDAS

Aluísio Celso Affonso Caldas foi empossado Acadêmico da Academia Amazonense Maçônica de Letras na Cadeira Nº 09, que tem como patrono Aristóphano Antony, no dia 25 de agosto de 2012. Posteriormente foi realocado para a Cadeira Nº 35, que tem como Patrono Raul de Azevedo. Os arquivos do Silogeu não guardam documentos comprobatórios da participação de Aluísio Affonso Caldas nas atividades acadêmicas, sequer registram sua presença em quaisquer das reuniões administrativas ou de assembleia geral. Mesmo assim, em atenção ao chamamento da Secretaria Executiva, de 01 de abril de 2022, para fazer-se presente ao Sodalício, Aluísio Celso Affonso Caldas, que por razões não esclarecidas, ou documentadas, estava registrado como ocupante da Cadeira de Nº 35, respondeu:

“Desde 2015 que me encontro afastado das atividades maçônicas, inclusive as relativas à Academia Amazonense Maçônica de Letras. Cedo, como já havia cedido de fato, o meu lugar nessa Academia a quem dele melhor possa fazer uso”.

Amparada por essa resposta, a Diretoria da Academia, em 04 de abril de 2022, declarou vaga a Cadeira Nº 35, possivelmente considerando que a Cadeira Nº 09 já estava ocupada por outro Acadêmico.

OCUPANTE Nº 02 - MIGUEL MARTINS DE SOUZA

Fonte:
Acervo da AAML



Miguel Martins de Souza, filho de José Batista de Souza e de Gerolina Martins de Souza, nasceu em Caén, na Bahia, no dia 17 de abril de 1944. Geólogo de profissão, fez seu Curso Primário em escola pública, na cidade de Senhor do Bonfim-BA, no período de 1950 a 1956. Seu Curso Ginasial foi feito no Colégio Marista de Apipucos, em Recife-PE, no período de 1957 a 1960. Fez o Curso Científico no Colégio Estadual da Bahia (Colégio Central), no período de 1957 a 1961. Obteve graduação em Geologia a 19 de dezembro de 1969, pela Universidade Federal da Bahia, na cidade de Salvador, Bahia.

É pós-graduado em Gemologia, Metalogenia de Ouro, Gold Deposit Modeling Course, com várias especializações na área da Geologia.

VIDA CIVIL

No campo de suas atividades profissionais, apresentou várias obras, entre elas “Contribuição ao Estudo Sedimentológico da Região de Manaus, (Sedimentologia)”, “Perfil Geológico da Br-174 no Trecho Manaus-Serra do Abonari”, “Molibdênio da Serra Guariba, Território Federal De Roraima”, etc.

Em sua experiência profissional, Miguel foi Geólogo, participante da equipe executora do Projeto Argila, da Secretaria de Minas do Estado da Bahia, de 01/04/70 a 30/11/70 (Prospecção de Argila); Geólogo Participante como Chefe de Equipe Executora do Projeto Argila Manaus, da Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (CPRM-DNPM), 01/12/70 a 01/09/72 (Prospecção de Argila e Materiais de Construção); Geólogo Participante como Chefe de Equipe, e, Interinamente, como Chefe do Projeto Norte da Amazônia (Domínio Baixo Rio Negro) CPRM/DNPM, de 01/02/72 a 01/06/74 (Mapeamento Geológico de Reconhecimento); Geólogo Participante como Chefe de Equipe, posteriormente como Chefe do Projeto Jamanxim (CPRM/DNPM), de 01/06/74 a 01/02/75 (Mapeamento Geológico de Detalhe); Geólogo Chefe do Projeto Carvão, no Alto Solimões (CPRM/DNPM), de 01/02/75 a 01/03/76 (Sondagem Rot. Para Pesq. De Linhito); responsável pelos setores de Pesquisa Própria e Financiamento, da Superintendência Regional de Manaus (CPRM), de 01/03/76 a 01/02/78; Chefe do Projeto Surumu (CPRM), de 01/05/76 a 01/02/78 (Sondagem Rotativa para Pesquisa de Molibdênio, em RR); Chefe da Divisão de Pesquisa Própria e Prospecção, da SUREG-Manaus, de 01/02/78 a 15/10/84, com Supervisão de diversos Projetos. Ainda mais, foi ocupante interino da Superintendência Regional da CPRM de Manaus, nos Anos de 1984 a 2001; Supervisor de Projetos, das Áreas de Pesquisas Próprias, e de Sondagens, de 15/10/84 a 04/04/96; Supervisor dos Projetos Especiais da CPRM, a SUREG-Manaus (Projeto Nacional de Prospecção de Ouro, Projeto Nacional de Prospecção de Platina, Projeto de Pesquisa de Insumos Minerais para Agricultura / RR), de 1994 a 31/07/96; Gerente de Recursos Minerais da Superintendência Regional de Manaus, de 01/08/96 até 2008; participante da Comissão de Reimplantação dos

Levantamentos Geológicos Básicos, no Âmbito da Superintendência Regional de Manaus (1986); participante da Comissão Brasil/Colômbia Para Mapeamento da Região da Serra Traíras; Levantamentos Planialtimétricos diversos, efetuados na Região do Recôncavo Bahiano (1970); Requerimento de Pesquisa Mineral para Manganês, no Município de Santa Luz-Bahia (1970); Requerimento de Pesquisa Mineral para Argila, no Município de Itapicuru - Bahia (1970); Requerimento de Pesquisa para Calcário no Município de Rio Real - Bahia (1970).

Na CPRM (Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais), do Ministério das Minas e Energia, em Manaus, Miguel permaneceu até 04 de setembro de 2007, quando foi aposentado por tempo de serviço. Nessa empresa do Governo Federal, exerceu os cargos de Geólogo Junior (Dez/70 a Dez/71); Geólogo Chefe de Equipe (Dez/71 a Jun/74); Geólogo Chefe de Projeto (Jun/74 a Mar/76); Geólogo Chefe da Divisão de Pesquisas Próprias (03/76 a 10/84); Geólogo Supervisor de Projetos (Out/84 a Ago/96); Geólogo Gerente de Geologia e Recursos Minerais, (Ago/96 a Abr/2002)).

Além do exercício da profissão de geólogo, Miguel foi Professor Auxiliar de Ensino Do Instituto De Geociências da Universidade Federal da Bahia (Geologia Geral); Professor Titular da Cadeira de Topografia da Escola Técnica Federal da Bahia, de 01/06/70 a 30/11/70; Professor Substituto; Prospecção Aluvionar - Instituto De Geociências da Fundação Universidade do Amazonas, em Julho de 1981; Professor Temporário (Curso Optativo) de Gemologia, na Fundação Universidade do Amazonas, (1989/1990); Professor Temporário (Curso Optativo) de Gemologia na Escola Técnica de Mineração do Amazonas (1990); Professor Temporário (Curso Optativo) de Perfuração de Poços Artesianos na Escola Técnica de Mineração do Amazonas (1992).

Miguel Martins de Souza, fala, escreve e compreende francês, inglês e espanhol. É sócio da Sociedade Brasileira de Geologia – SBG; sócio da Associação Brasileira de Águas Subterrâneas – ABAS; sócio da Associação Profissional de Geólogos do Amazonas.

VIDA MAÇÔNICA

Obreiro da Loja Unificação Maçônica, de obediência do Grande Oriente do Brasil, Amazonas, onde foi iniciado no dia 11 de dezembro de 1982, chegando a Mestre Maçom a 06 de julho de 1984. Atualmente Miguel é Deputado à Assembleia Legislativa do Grande Oriente do Brasil. Na sua caminhada pelo simbolismo, apresentou vários trabalhos de cunho maçônico e, também, relacionados com suas atividades profissionais.

NA AAML

Miguel Martins de Souza foi solenemente diplomado Acadêmico da Academia Amazonense Maçônica de letras na noite do dia 07 de maio de 2022. Atualmente ocupa o cargo de Chanceler da AAML, e é membro da Comissão Permanente de Admissão.

CADEIRA Nº 36

PATRONO 01: RAIMUNDO DA S. PERDIGÃO²⁰⁸⁻²⁰⁹

O Desembargador Raimundo da Silva Perdigão era natural do Estado do Maranhão, onde nasceu a 14 de outubro de 1866.

As necessidades mundiais de borracha ocorridas com a descoberta de numerosas invenções, que melhoraram a qualidade de vida do ser humano, como a eletricidade, o telefone, o cabo submarino, a bicicleta e o automóvel, entre outras, ensejaram um admirável surto de progresso, em toda a Amazônia, tornando-a uma das regiões mais ricas e futuras da terra a partir da segunda metade do século XIX.

Por essa razão, ela foi rapidamente povoada. Numerosas pessoas de bom nível cultural e econômico migraram para a Amazônia. Entre eles veio Raimundo da Silva Perdigão, onde iniciou sua vida

²⁰⁸ Antonio Magvinier de Castro foi Patrono da Cadeira Nº 6 até ao final do ano de 2007, quando, por força do Ato Nº 001, de 06/12/2007, foi estabelecido Patrono da Cadeira Nº 36 em substituição ao Desembargador Raimundo da Silva Perdigão, Patrono de Fundação dessa Cadeira.

²⁰⁹ Sem identificação do autor da biografia.

pública. Na Maçonaria, foi Iniciado na Loja “Esperança e Porvir”, a 24 de agosto de 1895, elevado em 14 de novembro de 1895, e Exaltado em 18 de janeiro de 1896. Foi Orador da Loja nos anos de 1896 a 1897, e 2º Vigilante, de 1897 a 1898.

O Desembargador Raimundo da Silva Perdigão foi o primeiro Grão-Mestre do Grande Oriente Estadual do Amazonas, período 1904 a 1908. Promulgou o primeiro Regulamento Particular, prestou relevantes serviços à Justiça e à Maçonaria do Amazonas. e conviveu com os mais influentes Maçons do Brasil.

(BIBLIOGRAFIA CONSULTADA: REGISTROS MAÇÔNICOS, do Ir.: Des. Mario Cordeiro de Verçosa, e DADOS PARA UMA HISTÓRIA DO GOEAM, do Ir.: Antonio Jose Souto Loureiro e Colaboradores)

OCUPANTE Nº 01 – MANUEL WILSON DE S. FARIAS²¹⁰

Manuel Wilson de Souza Farias nasceu no seringal São Bento, município de Lábrea, no dia 6 de junho de 1951, filho de Verginaud Freire de Farias e de Justina Freire de Farias.

Teve sua infância, como qualquer menino do interior das barrancas do Purus, cheia de felicidade, pelos igarapés e praias do seringal de seus pais, pescando, caçando, brincando e nadando nas águas

²¹⁰ Biografia extraída do Memorial da AAML, Edição 2008. Autoria não identificada.

barrentas do velho rio Purus. Também ajudava seu pai, na lida das plantações da várzea.

Em 1960, seus pais vieram para Manaus, buscando uma melhor educação aos seus filhos. Manoel Wilson estudou no Grupo Escolar Antonio Bittencourt, no bairro da Glória.

Em 1966, começou a praticar a luta livre, ficando conhecido como Buda, fazendo diversas lutas nos ringues do Amazonas e diversos estados do Brasil.

Em 1970 serviu o Exército Brasileiro, em Porto Velho, fazendo o curso de enfermagem, passando a residir, em 1972, em Rio Branco, onde concluiu o segundo grau.

Casou-se com Maria Aldeci Dourado de Farias, em Rio Branco, com quem teve dois filhos e mais cinco netos.

Em 1978 voltou para Manaus e, a seguir foi regatão no Purus, até 1984.

Exerceu a profissão de representante comercial, e foi presidente do Partido da República (PR), em Lábrea.

Publicou apostilas sobre Ritualística e Simbologia dos três graus simbólicos.

Foi iniciado, em 1991, na Maçonaria Glória do Ocidente, a 9 de novembro de 1991, na Loja Rio Juruá, da Glória do Ocidente, em Manaus, elevado, em 1992, e exaltado, em 1993. Nos graus filosóficos foi elevado ao grau 7. Pertence ao Capítulo do Arco Real.

Manoel Wilson foi admitido na AAML, e apresentou-se pela primeira vez no dia 27 de setembro de 2002, quando escolheu para ser sua a Cadeira de Nº 36, ainda sob patronato de Raimundo da Silva Perdigão. Seu trabalho sobre o Patrono da Cadeira 36 foi apresentado no dia 25 de outubro de 2002.

PATRONO 02: A. MAVIGNIER DE CASTRO

Antonio Mavignier De Castro, um homem singular, observador incansável e apaixonado da fisiografia. Estudou humanidades em Paris e viveu a juventude na Europa. Voltou para o Amazonas e aqui se fixou. Jornalista militante, foi secretário do Jornal do Comércio e redator de numerosos diários já desaparecidos. Viveu mais de vinte anos no interior, como promotor em Tefé e outras Comarcas, e prefeito de Moura. Quando se radicou novamente em Manaus, fez concurso para a cadeira de francês da Escola de Comércio Sólon de Lucena, cargo que desempenhou com proficiência e em que veio, afinal, a se aposentar. Naquela altura já publicara algumas páginas de notável valor artístico, inclusive versos descritivos extraordinariamente bem feitos.

A vida hinterlândia marcou indelevelmente o destino do homem de letras, em cuja inteligência, de porte helênico, ficaram gravadas as imagens dos grandes quadros de que fora espectador atento. Com essas observações, construiu, Mavignier de Castro, ensaios admiráveis, justificando-se agora a verdadeira odisséia do escritor. Por trás da beleza das páginas do seu livro, estão sofrimentos sem contas, peregrinações exaustivas, decepções e tristeza, além de impressionantes aventuras que dão à sua história de tons heroicos e trágicos.

Em suas andanças, atingiu Mavignier o Roraima – “atalaia de três povos” – e depois a cachoeira dos Dardanelos, seguiu o roteiro sentimental do Rio Negro e penetrou na psicologia das ribanceiras.

Na verdade, o homem pouco impressionou o puro enamorado da natureza; só um capítulo lhe é dedicado e mesmo assim posto em confronto com a selva – “Homem – heroísmo”. “Selva inumana”, de que falou Euclides. Se quisermos, na literatura regional, encontrar um termo de comparação para que escreve o autor, só um nome pode ser invocado, o de Alfredo Ladislau no livro-poema que é Terra Imatura.

Amazônia Panteísta, que é também um livro-poema, coroa uma vida, glorifica uma terra e encerra uma época, a época dos apaixonados platônicos da grande planície. Tudo faz crer que chegou à hora dos homens de ciências e dos artífices da técnica. Mavignier de Castro entre cujos imortais da Academia Amazonense de Letras ocupa lugar dos mais merecidos.

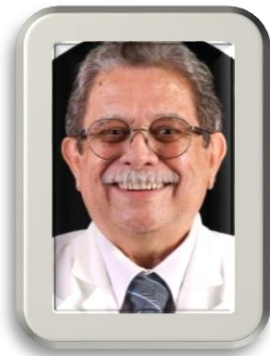
(Biografia pesquisada pelo Acadêmico Evandro Carreira)

OCUPANTE Nº 02 - RICARDO TORRES SANTANA

(11/01/1956-02/03/2021)

Ricardo Torres Santana

Fonte: Facebook



Ricardo Torres Santana foi empossado Acadêmico da Academia Amazonense Maçônica de Letras aos 25 dias do mês de agosto do ano de 2012, e empossado Presidente do Silogeu em 28 de agosto de 2017, para o biênio 2017-2019.

Doutor em ciências médicas, mestre em gestão empresarial, Ricardo Santana possuía várias especializações, com vários títulos, entre eles o de Avaliação clínica e morfológica do efeito do tiopental e da clorpromazina na isquemia cerebral focal temporária em ratos; A Cultura Organizacional e a Liderança nos Hospitais

Particulares de Manaus para a Implantação do Modelo de Gestão pela

Qualidade Total. Em sua formação complementar, destacam-se Técnicas de Mínima Invasiónen Columna; CadaverLab_Rizotomia Facetaria-Tratamento Intradiscal; Vias de Acesso e Tratamento de Lesões de N Perif MMII, e outras.

Com mais de quarenta anos dedicados à medicina, o Dr. Ricardo Santana era neurocirurgião e fazia parte do quadro de médicos do Hospital Beneficente Português do Amazonas, e atuou no Hospital Universitário Getúlio Vargas (HUGV), onde foi um dos responsáveis pela criação da Residência Médica em Neurocirurgia, e professor de Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Participou da gestão do HUGV como Vice-Diretor (1994 a 1997); diretor do Hospital (2001 a 2004); e como Diretor de Hospital Universitário Francisca Mendes (2003 a 2004). Participou das atividades associativas da SBN como representante estadual do Amazonas nas gestões: 204 a 2006 e 2006 a 2008, e do Departamento de Nervo Periférico da SBN nas gestões: 2006 a 2008 e 2010 a 2012.

São destacados seu comprometimento, responsabilidade e envolvimento nas ações que desenvolvia, além de sua excelente atuação profissional como médico e docente. Deixou um grande legado na área da neurocirurgia.

Era um homem que se apresentava com um sorriso largo, espírito de alegria, empatia, humildade, humanidade e lealdade. Por esses predicados, registrou seu nome na história.

Ricardo Torres Santana faleceu no dia 02 de março de 2021, acometido pela Covid-19, doença que gerou uma pandemia desde 30 de janeiro de 2020, e perdurou por quarenta longos meses, decorrente do Coronavírus, possivelmente originário de morcegos.

OCUPANTE Nº 03 - JURIMAR COLLARES IPIRANGA

Jurimar Collares Ipiranga foi empossado Acadêmico da Academia Amazonense Maçônica de Letras no dia 07 de maio de 2022. Atualmente é Presidente do Silogeu.

Jurimar Collares Ipiranga
Fonte: Acervo da AAML



Amazonense, Jurimar é filho de Yolanda Collares Ipiranga e Jandir Ipiranga, irmão de Lucília Collares Ipiranga. Jandir Ipiranga Junior e Lenise Collares Ipiranga. Casado com Rosana Carvalho Ipiranga, pai de Bárbara Carvalho Ipiranga e de Susana Carvalho Ipiranga. Trabalhou na Amazonas Energia (concurado em 2005), formado em Engenharia Florestal pela Universidade Federal do Amazonas, Mestre em Ciências Ambientais e Florestais pela UFAM/Faculdade de Ciências Agrárias.

VIDA PROFISSIONAL

Gestor ambiental, Perito e Avaliador em Engenharia Florestal, Auditor Líder da ISO 14.001 (Sistema de Gestão Ambiental) pelo Bureau Veritas. É Professor de Pós-graduação em Gestão, Auditoria e Perícia Ambiental. Atuou como Conselheiro Suplente da Associação dos Profissionais de Engenharia Florestal do Estado do Amazonas-APEFEA, no Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Amazonas (CREA-AM); Assessor da Diretoria do Sindicato dos Engenheiros do Estado do Amazonas – SENGE-AM; Diretor Institucional do Instituto Brasileiro de Avaliações e Perícias de Engenharia do Amazonas – IBAPE-AM; Membro do Fórum Amazonense de Mudanças Climáticas e Serviços Ambientais, pelo CREA-AM.

VIDA MAÇÔNICA

Iniciou na Maçonaria do Grande Oriente do Brasil Amazonas em 1998, passado ao grau de Companheiro em 1999, Elevado ao Sublime Grau de Mestre Maçom em 2000, **Instalado Venerável Mestre** em 2007 na Loja Fraternidade e União, de obediência do Grande Oriente do Brasil. Exerceu os cargos de Deputado Estadual à Assembleia Legislativa Maçônica do GOB, Estado do Amazonas; Secretário de Educação e Cultura daquele mesmo Grande Oriente; Primeiro Principal do Capítulo do Santo Arco Real; Past Venerável de Maçons Mestre de Marca; Past Venerável de Maçons da Nauta da Arca Real; Past Prior de Malta e Past Preceptor Templário do Preceptório Castelo de TOMAR; Fundador do Preceptório Templário e Priorado de Malta Monte Horeb – Distrito Federal; Fundador do Capítulo Monte Horeb – Distrito Federal; Fundador do Capítulo Monte Horeb de Maçons do Sagrado Arco Real; Fundador da Loja de Mestres Maçons da Marca Monte Horeb – Distrito Federal; Fundador da Loja de Nautas da Arca Real Monte Horeb – Distrito Federal; Grão-Mestre Estadual Adjunto do Grande Oriente do Brasil Amazonas; Grão-Mestre Estadual do Grande Oriente do Brasil Amazonas. Atualmente: Frater da Antiga Mística Ordem Rosa Cruz – AMORC – Manaus; Fundador e Secretário da Antiga Ordem Árabe de Nobres do Santuário Místico – HIKMAT MANAUS SHRINE CLUB; Grão-Mestre Honorário do Grande Oriente Amazonense e Past Grão-Mestre de Honra do Grande Oriente do Brasil Amazonas – GOB-AM.

CADEIRA Nº 37

PATRONO: THEODORETO C. DE F. SOUTO²¹¹

Theodoreto Carlos de F. Souto

Fonte:

<https://www.bing.com/images>



O doutor Theodoreto Carlos de Faria Souto foi nomeado para presidir a Província do Amazonas, no dia nove de fevereiro de 1884, pelo 1º Ministro Lafayette Rodrigues Pereira, presidente do 31º Gabinete, de base liberal, tendo tomado posse a 11 de março, ao receber o cargo das mãos do 1º Vice-Presidente Coronel Guilherme José Moreira, barão do Juruá, pois o titular dispensado José Lustosa da Cunha Paranaguá, filho do Marquês de Paranaguá, resolvera retirar-se para o Rio de Janeiro, desde 16 de fevereiro, após quase dois anos de

²¹¹ Biografia elaborada pelo historiador Antonio José Souto Loureiro

profícua administração.

A 25 de março de 1884, a apenas doze dias da sua posse, Theodoreto apresentou à Assembleia Legislativa Provincial um belo plano de governo, onde traçava as diretrizes de sua administração, dando especial destaque à agricultura, ao comércio, à imigração, ao extrativismo, às indústrias, à pecuária, à navegação externa e interna, às exposições agrícolas, industriais e científicas, às melhorias urbanas, inclusive *tramways*, energia elétrica, calçamento, águas e esgotos, à exploração de madeiras e das pescarias, sem destruir as espécies. Nessa exposição estabelecia a ideia e a possibilidade da libertação progressiva, mediante indenizações através de cotas pré-estabelecidas, de todos os escravos da Província, garantida pela quantia de 972.024\$810, existente nos cofres do Tesouro Provincial, a 22 de março, valor quase que suficiente para libertar todos os pouco mais de 1.000 escravos aqui existentes.

Em menos de doze dias de governo estava lançada a ideia básica da libertação, no Amazonas, mediante indenização, pela Província, embora o presidente desejasse uma ação complementar de toda a sociedade, contribuindo com a sua parcela de manumissões individuais ou coletivas.

Theodoreto chegava próximo ao ápice de sua vida, o que ocorreria em mais alguns meses, antes de completar os quarenta e três anos de idade.

Filho de José Francisco Souto, o Barateiro, nascera na Província do Ceará, a quatro de novembro de 1841. Foi deputado às Cortes e também Presidente da Província de Santa Catarina, onde entregou o cargo ao doutor Francisco Luiz da Gama, a 19 de agosto de 1882, conforme seu Relatório, impresso em Desterro, em 1883.

Já publicara “Algumas Reflexões Sobre a Eleição Direta, por um Liberal” (Cantagalo, 1874, 72 pg.) e “Discurso Proferido na Sessão de nove de março de 1879, na Câmara de Deputados” (Fortaleza, 1879). E, mais tarde, “Quarto Distrito do Ceará. Contra-Contestação e Documentos Apresentados à Primeira Comissão de Inquérito” (R.J.

1885, 94 pg.), versando sobre processo eleitoral. Também se destacara como colaborador de diversos jornais políticos e fora redator da "A Reforma", órgão do Partido Liberal. Chegara a ser diretor do Banco do Brasil.

Mas não foram esses predicados que lhe deram o merecido destaque, a que tem direito, na História do Amazonas e do Brasil.

Theodoreto dirigiu a Província do Amazonas exatamente por cento e vinte e três dias, um período muito curto, mas pleno de grandes obras materiais e sociais.

A cidade de Manaus crescia com a produção da borracha, em que novos inventos exigiam sempre maior quantidade da matéria prima, extraída de maneira penosa e precária, nos seringais de rios recém explorados e repovoados, o coração da floresta equatorial úmida e insalubre, sem confortos e alimentação adequados. Daí os preços, seguindo os ditames da velha lei da oferta e da procura, atingirem valores sempre crescentes, proporcionais às dificuldades de extração e de transporte e às pequenas quantidades extraídas.

A cidade passara a centralizar todo o fluxo de mercadorias para o interior e a receber grande parte da borracha produzida nos seringais, controlando a economia regional e se tornando hegemônica, em detrimento das demais, que passaram a ser meros centros administrativos. Nesse momento, em que a unidade produtora da Amazônia deixava de ser o sítio, passando para o seringal, a cidade crescera para 10.000 habitantes, aí por volta de 1882, exigindo melhoramentos urbanos, para atender o seu novo posicionamento, alguns iniciados no governo anterior de José Paranaguá, outros, no de Theodoreto e muitos passando pelos dois, terminados somente anos mais tarde.

Assim, Paranaguá iniciaria e terminaria o Mercado Novo da rua dos Barés e iniciaria o serviço de águas, composto por uma represa, na Cachoeira Grande, bombas hidráulicas de recalque, os reservatórios da Castelhana e tanques de menor porte, e alguns quilômetros de canalizações e chafarizes, que levou mais de cinco anos para ser inaugurado, em dezembro de 1888. Também muitas ruas foram calçadas,

construídas escadarias de desembarque e continuou sendo feito o aterro da praça Paissandu, o imenso chavascal existente, no quadrilátero formado pelas atuais ruas 7 de Setembro, Eduardo Ribeiro, Saldanha Marinho e Joaquim Sarmiento.

Theodoreto deu continuidade a muitas dessas obras, como a das águas, com o término da represa, a da muralha da rua da Conceição, a do calçamento da Governador Vitório, a da igreja de Parintins, a do Passeio Público e a do novo prédio do Instituto Amazonense; iniciou o trapiche, entre o forte e a rua Governador Vitório, a 22 de abril, os alicerces do Teatro, a dois de junho, e o Liceu, a 26 de maio; e terminou a muralha da rua Municipal, a rampa de Itacoatiara, o bueiro do igarapé do Espírito Santo, o aterro da Praça Paissandu, o calçamento do Cais de Tamandaré, em frente ao Tesouro e a alvenaria da rampa dos Remédios. Tudo isto no campo das obras públicas.

Sob o ponto de vista político, iniciara-se o alistamento eleitoral previsto pela Lei nº 3029, de nove de janeiro de 1881, que estabeleceu o voto direto. O eleitorado da Província crescera de 138, para 1.209 eleitores, conforme os resultados publicados, em 1883. Havia uma concentração nos municípios tradicionais, enquanto todo o Purus, com vinte e quatro das trinta subdelegacias do Município de Manaus, que o englobava, só registrara dez eleitores, em Nossa Senhora de Nazareth do Ituxi (Lábrea), não existindo inscritos em Manacapuru, São João do Arimã, Nossa Senhora de Nazareth da Nova Colônia de Bela Vista (Canutama) e Santo Antonio do Quiciã, sendo o médio e alto Purus totalmente alijados. Embora no Purus imperasse a lei da Winchester, era a região de maior produção de borracha e de maior arrecadação de impostos, para a Província, além de ser uma das mais povoadas, porém com maioria de emigrantes nordestinos, ficando fora do controle do caricato político regional, que achou por bem não a incluir, no alistamento...

Sob o ponto de vista sanitário a Província foi atingida, mais uma vez, por uma epidemia de varíola; em 1884, com doentes no Manquiri, Solimões, Juruá, Parintins e Barreirinha. Em Manaus, organizou-se um isolamento à margem esquerda do igarapé da Cachoeira

Grande (São Raimundo), onde foram internados 149 enfermos, com 42 óbitos, além de 150 doentes espalhados pela cidade, com mais 50 mortes, demonstrando a sua alta virulência.

A catequese, apesar dos relatórios das autoridades eclesiásticas, estava em crise, no alto rio Negro, após o episódio do padre Iluminato Coppi, que expusera a máscara do Jurupari, em uma igreja da região, com a expulsão da maior parte dos missionários franciscanos.

No campo social Theodoro criou pela Lei nº 643, de dois de junho de 1884, o asilo orfanológico Elisa Souto, o nome de sua esposa, inaugurado a 10 de julho, para receber meninas órfãs.

A ele ainda devemos a compra do prédio e da chácara de 126 por 324 metros do Barão de São Leonardo, à rua Ramos Ferreira, para a instalação definitiva do Museu Botânico, que fora inaugurado, a 16 de fevereiro de 1884, na chácara Caxangá, por José Paranaguá, criado pela Lei nº 629, de 18 de junho do ano anterior, anos mais tarde extinto por medida de economia, em 1891, banindo o pensamento científico das plagas amazonenses e deixando os estudos da biodiversidade amazônica, em mãos estranhas.

Apesar das perseguições, uma espetacular obra foi ali realizada, em pouco mais de seis anos, produzindo a primeira revista científica da Amazônia, dezenas de trabalhos científicos de Barbosa Rodrigues, seu incansável diretor, a descoberta de fósseis e a classificação de novas espécies animais e vegetais, além de um grandioso acervo etnográfico.

Tudo isto realizado em apenas cento e vinte e três dias de governo, auxiliado por sólidas arrecadações, tendo o Tesouro Imperial remetido, em junho de 1884, cerca de 350 contos de réis, para a Corte, e o Tesouro Estadual ter, a oito de julho de 1884, mesmo depois das libertações, 817.285\$793 de saldos.

Agora vamos falar do momento sublime, do topo, da vida do meu patrono. Ele começa a 25 de março de 1884, quando da apresentação do Relatório daquela data, e vai até 12 de julho do mesmo ano, quando após a queda do Primeiro-Ministro Lafayette Pereira, a seis

de junho, assumiu um novo ministério, ainda liberal, sob a direção do conselheiro Souza Dantas, que demitiu Theodoro. Este foi o período em que se definiu a Liberação no Amazonas, secundando o Ceará e se antecipando, quase quatro anos, ao restante do Brasil.

Entremos no âmago dessa questão e observemos as suas evolução e definição, em rápidos traços.

A liberação progressiva dos escravos, no Amazonas, começara muito cedo, em 1864, quando foi reconhecida a cidadania brasileira aos africanos livres aqui residentes, os últimos escravos a entrarem no Brasil, após as proibições definitivas, e que foram aprisionados como contrabando, sendo mandados para o Amazonas, a fim de trabalharem como assalariados, até completarem o tempo para as suas naturalizações, pois não podiam ser leiloados ou lhes dar uma cidadania imediata. Aqui foram empregados das obras públicas e da Colônia de Itacoatiara, do barão de Mauá.

Mais tarde, em 1869, o presidente João Wilkens de Matos sancionaria a Lei de 19 de maio, que consignaria 10 contos de réis anuais, para a Liberação de menores e criaria uma taxa de 500\$000, sobre cada escravo entrado, na Província, visando abolir o tráfico interprovincial. Ainda por sua influência, foi fundada a seis de março de 1870 a Sociedade Emancipadora Amazonense, a primeira voltada para a compra, seguida da alforria de escravos, que obteve sucesso, novas verbas e o imposto de entrada de escravos aumentado para um conto de réis, por escravo.

Somente anos depois, a 17 de julho de 1881, por influência da forte colônia cearense, foi fundada, no teatro da Sociedade Portuguesa Beneficente, a primeira sociedade libertadora do Amazonas: a Libertadora Cearense, que procurava a liberação sem indenizações, sendo a segunda deste tipo, que se estabelecia, no País, precedida apenas pela Cearense Libertadora, de Fortaleza.

Com José Paranaguá, o movimento abolicionista cresceu, sendo libertadas dezenas de escravos, ora por indenização, com fundos provinciais, ora pelos desejos de seus senhores. Essas as diretrizes dos

liberais: apoiar a libertação, sem retrocessos, gradualmente, mediante a indenização dos proprietários recalcitrantes, ou pela livre vontade dos sensíveis.

Ao expor as suas ideias, no brilhante discurso de 23 de março, Theodoreto lembrara aos deputados provinciais o dever moral de se resolver o problema do trabalho, no Brasil, bastando que se constituísse o Fundo de Emancipação dos Escravos do Amazonas, o que seria fácil, pois aqui existiam poucos e havia um grande saldo financeiro de mais de novecentos e setenta e dois contos de réis, no Tesouro Provincial. A Província e a Assembleia não podiam libertar escravos ou abolir a escravidão, mas tinham poderes de estabelecer cotas e incentivar os particulares *“dentro da órbita da Lei, com perfeita segurança e calma, respeito à propriedade, às leis do País, à Ordem Pública, ao direito adquirido e, com isso, a vontade individual resolverá o problema radicalmente na sua existência econômica e social”*.

Desde o dia anterior o Presidente colocara-se a favor da abolição, quando tomou parte da reunião de sete horas da noite, realizada em frente ao Paço da Assembleia, onde foram criadas a Comissão Central Abolicionista e a Comissão de Senhoras, presidida por Elisa Souto, iniciando-se o curto caminho da Libertação dos Escravos Amazonenses.

Daí para frente proliferaram as sociedades abolicionistas, destacando-se as seguintes: “10 de Janeiro”, “Cinco de Setembro”, “Caiçara”, “Amazonenses Libertadoras”, “Libertadoras 25 de Março”, “Cruzada Libertadora da Escola Normal”, e “Club Escolar Abolicionista”.

A 27 de março, o deputado João Meireles apresentou um anteprojeto de Lei, criando o Fundo de Emancipação, transformado na chamada Lei Áurea de 24 de abril, sancionada no mesmo dia, com o Regulamento nº 50, de 10 de maio de 1884.

O dia 24 de maio foi escolhido para o da Declaração de Igualdade Absoluta, em Manaus, equivalente à libertação total dos escravos da capital, com as festas começando na tarde de 23, quando

Theodoreto distribui 186 cartas de alforria, e continuando até 25. No dia 24 foi declarada a inexistência de homens escravos e de senhores, em Manaus. Por esses atos Theodoreto receberia o título de Benemérito do Amazonas, a dois de junho.

Logo o interior foi atingido pelo movimento. O Purus ficou livre a nove de junho; Manicoré, a 18. Até 20 de junho já não existiam mais escravos no Amazonas, podendo a Província ser declarada livre, mas os festejos finais estavam marcados para 5 de setembro, a data da sua tardia separação do Grão-Pará.

Algo, porém, viria antecipar o acontecimento. A seis de junho caíra o gabinete de Lafayette Pereira, com a demissão de Theodoreto, publicada no Diário Oficial de 14 de junho, fato ainda desconhecido, em Manaus, pela distância.

Em seu ofício de 12 de julho ao 2º Vice Presidente, o tenente coronel Joaquim José Paes da Silva Sarmiento, ao lhe passar o governo, Theodoreto relatou somente ter tomado conhecimento de sua demissão a 11 de julho, com a chegada do navio Ceará, que trazia um exemplar do Diário Oficial.

Nada mais podia ser feito, quanto à Libertação, no Amazonas, pois as Declarações da Inexistência de Escravos e da Igualdade de Direitos dos Habitantes do Amazonas já haviam sido realizados às 12 horas do dia 10 de julho de 1884, em reunião cívica feita na praça 28 de Setembro, quando foi lavrado um Auto, encaminhado ao Ministério da Agricultura.

O Auto, emitido na presença do Presidente, dos chefes dos serviços públicos, dos membros da Assembleia Legislativa e da Câmara Municipal, das autoridades civis, militares e eclesiásticas, dos veteranos da província, de representantes de corporações e associações de funcionários, comerciantes, industriais e artistas, de todas as classes sociais, registraria as palavras finais de Theodoreto: *“em homenagem à Civilização e à Pátria, em nome do Povo Amazonense, pela vontade soberana do mesmo Povo e em virtude de suas Leis, não existirem mais escravos, do Norte ao Sul, de Leste a Oeste, ficando assim e de*

hoje para sempre abolida a escravidão e proclamada a igualdade de direitos de todos os seus habitantes”.

Existem relatos de que o navio Ceará teria sido retido, por um dia, em Parintins, enquanto um barco veloz fora a Manaus, levar a notícia da demissão, antecipando os festejos marcados para setembro.

O fato é que a Província libertara todos os seus escravos, pela indenização através dos cofres públicos, pela adesão espontânea dos senhores e pela subscrição popular, sem traumas ou convulsões sociais, como era do desejo de todos.

A Libertação do Amazonas só foi aceita pelo Império a 30 de março de 1887, quando foi encerrado o Livro de Matrículas de Escravos, realizado na Alfândega de Manaus.

Os liberais, embora continuassem no poder, não haviam conseguido a permanência de Theodoro na presidência, pois serviria de exemplo para a proliferação de atos semelhantes em outras províncias, com maior número de escravos, o que daria sérios problemas. Por isso ele ficou esquecido, por algum tempo, cuidando de seus negócios particulares.

Com o movimento republicano, foi senador pelo Ceará e diretor do Banco da República.

Faleceu a 11 de agosto de 1893, de síncope cardíaca, quando viajava de trem. Consta que motivada pela notícia de um desfalque de alto valor, feito por um seu empregado.

BIBLIOGRAFIA

Agnello Bittencourt - Dicionário Amazonense de Biografias - Vultos do Passado - Conquista - Rio de Janeiro - 1973.

Theodoro Carlos de Faria Souto - Exposição apresentada a Assembleia Legislativa da Província do Amazonas, na abertura da 17ª Legislatura, a 25 de março de 1884, publicada pela Tipografia do Amazonas, de José Carneiro dos Santos.

Theodoreto Carlos de Faria Souto - Exposição com que o Exmo. Sr. Presidente da Província do Amazonas, o doutor Theodoreto Carlos de Faria Souto entregou a administração da mesma ao Tenente-Coronel Joaquim José Paes da Silva Sarmento, em 12 de julho de 1884, publicada na Typographia do Amazonas, de J. C. dos Santos, à Praça 28 de Setembro, em Manáos.

Biografia completada no dia 1º de junho de 2002.

(Autor: Historiador Antônio José Souto Loureiro)

OCUPANTE Nº 01 - ANTONIO J. S. LOUREIRO²¹²

Antonio José Souto Loureiro
Fonte: Acervo da AAML



Em dezenove de abril do ano de dois mil e dois, Antonio José Souto Loureiro, enquanto Grão Mestre do Grande Oriente do Brasil – Amazonas (GOBAM), soergueu a Academia Amazonense Maçônica de Letras de uma inatividade de mais de vinte anos. Desde aquela data, Loureiro, como é conhecido no mundo maçônico, tornou-se membro do sodalício, ocupando a Cadeira de Nº 37, que tem como Patrono Theodoreto Carlos de Faria Souto. En-

quanto esteve à frente do governo do Grande Oriente do Brasil, no

²¹²Biografia compilada do Memorial da Academia Amazonense Maçônica de Letras, Edição 2008, p. 234-234.

Amazonas, Loureiro fez de tudo para o fortalecimento da Academia Amazonense Maçônica de Letras, inclusive cedendo espaço físico na sede do GOBAM para instalação da sede provisória do silogeu.

Nascido em Manaus, no dia 6 de junho de 1940, Antonio José Souto Loureiro é filho de Thales de Menezes Loureiro e Chloé Souto Loureiro. Fez seus estudos primários nos Grupos Euclides da Cunha e Princesa Isabel; o secundário, no Instituto de Educação do Amazonas, e o científico no colégio Pedro II, do Rio de Janeiro, bacharelando-se em Ciências e Letras.

Formou-se em Medicina, pela Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, em 1964, sendo membro correspondente da Academia Nacional de Medicina, um dos cinco amazonenses ali admitidos, nos quase dois séculos da sua existência, e da Academia Amazonense de Medicina, cadeira Djalma Batista. Foi Chefe do Serviço de Lepra do Amazonas, Presidente do IPASEA, Secretário dos Serviços Médicos do INSS e Secretário de Saúde Interino.

Dedica-se aos estudos da História do Amazonas, Geografia Etnografia, Antropologia, Filosofia e Maçonaria, foi agraciado com as medalhas do Mérito Tamandaré da Marinha, Benemérito, Grande Benemérito e Distinção Maçônica do Grande Oriente do Brasil.

Pertence ao Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas (Cadeira Candido Rondon), à Academia Amazonense de Letras (Cadeira Conde Ermano Stradelli) e à Academia Amazonense de Medicina (Cadeira Djalma Batista), sendo sócio emérito.

Entre suas obras publicadas citamos: Síntese da História do Amazonas (1968); Amazônia 10.000 Anos (1972); A Gazeta do Purus (1981), com mais duas edições, no Acre; A Grande Crise (1986), considerada um clássico; O Amazonas na Época Imperial (1989) com mais uma segunda edição, também um clássico; Tempos de Esperança (1994); Dados para uma História do GOEAM (1999); História da Medicina e das Doenças no Amazonas (2004); O Brasil Acreano (2004); O Toque do Shofar (2003), o primeiro livro de assuntos Maçônicos gerais publicado no Amazonas, e História da Navegação no

Amazonas (2007). Estão prontos para edição: O Toque do Shofar II, A Parúsia, A Sinarquia, A Regeneração, Os Quatro Costados, Um Passeio pelas Praças Antigas de Manaus, e O Farol Universal.

Dedicou-se à Medicina por trinta anos deixando grandes exemplos em todos os locais onde trabalhou, pela sua honradez e desprendimento no exercício de suas atividades. Foi por isso agraciado com a distinção de Sócio Benemérito da Sociedade Beneficente Portuguesa do Amazonas, em cujo Hospital existe uma enfermaria com seu nome.

Maçom atuante, iniciou-se a 4 de setembro de 1973. Foi, por dois biênios, venerável da Augusta, Respeitável e Grande Benfeitora Loja Maçônica Oriente Unido, por dois mandatos, Presidente do Conselho de Kadosch e do Consistório de Príncipes do Real Segredo, nos graus filosóficos do Rito Escocês Antigo e Aceito, Presidente dos Capítulos do Real Arco, no Amazonas, membro efetivo da Loja James Anderson, vinculada à Grande Loja Unida da Inglaterra e Grão-Mestre do Grande Oriente do Estado do Amazonas, eleito por três vezes.

Loureiro restabeleceu as relações maçônicas entre o Grande Oriente do Brasil e a Grande Loja Maçônica do Amazonas, mediante assinatura, em cinco de agosto do ano de dois mil e dois, do Tratado de Mútuo Reconhecimento e Fraternal Amizade, entre essas duas organizações maçônicas.

CADEIRA Nº 38

PATRONO: VENÂNCIO IGREJA LOPES

Venâncio Igrejas Lopes foi Grão-Mestre da Grande Loja Maçônica do Amazonas – GLOMAM, nos anos de 1952 a 1961. Equilibrado e profundo conhecedor da maçonaria, sua gestão foi austera²¹³. Ele substituiu o sereníssimo Grão-Mestre à época Agnello Bittencourt, quando este se encontrou impedido. Foi iniciado na maçonaria na loja simbólica Esperança e porvir em 1 de maio de 1920.

Era filiado, também, à Loja Simbólica Rio Negro e à Loja Conciliação Amazonense, onde foi Venerável Mestre. Também foi Venerável Mestre na loja Amazonas e membro honorário da Loja Aurora Lusitana.

Em 1961 foi presidente de honra da IX Mesa Redonda da Maçonaria Simbólica Regular do Brasil, em evento nacional realizado em Manaus. Seu Grão-Mestre adjunto foi Felismino Francisco Soares.

Afora os registros encontrados na Revista da GLOMAM, edição de setembro do ano de 2014, nenhuma outra informação sobre

²¹³ Revista GLOMAM – Setembro 2014, p. 50

Venâncio Igreja Lopes, Patrono da Cadeira Nº 38, foi encontrado nos arquivos da Academia, nem em sítios da internet.

OCUPANTE Nº 01 – P. BITTENCOURT CARDOSO

Não existe registrada em quaisquer das Atas de Assembleia Geral, ou de Reunião da Diretoria, da Academia, da presença de Paulino Bittencourt Cardoso. Todavia, seu nome consta de uma relação sem data e sem vinculação a qualquer Assembleia Geral do sodalício, intitulada “Cadeira de Fundação e Ocupantes - A Partir de 2003”, como ocupante da Cadeira Nº 38, que tem Venâncio Igreja Lopes como patrono, inclusa no arquivo de pasta de Atas, de 2003. Essa relação não guarda conformidade com o registro das presenças de acadêmicos nas Atas Nº 01 e 02, respectivamente de 19 de abril, e de 17 de maio, do ano de 2002, que tratam do soerguimento da Academia. Possivelmente, em decorrência da inclusão indevida do nome de Paulino Bittencourt Cardoso nessa relação, ele foi equivocadamente relacionado no Memorial de 2008 como Acadêmico assentado na Cadeira Nº 35, cujo Patrono é Raul de Azevedo.

OCUPANTE Nº 02 - ILDER GUIMARÃES DE OLIVEIRA

(27/05/2005)

O Acadêmico foi indicado na Ata de Soerguimento, Nº 01, de 19 de abril de 2002, para ser um dos (re)instaladores da AAML. Entretanto a Ata seguinte, Nº 02, de 17 de maio daquele mesmo ano, não registra sua presença na reinstalação. Sobre ele, o Ato Administrativo Nº 02, de 09 de julho de 2005, registra a entrega do seu Diploma de Acadêmico, sem revelar a data de sua admissão no silogeu.

Os arquivos da Academia não registram quaisquer informações sobre a biografia do Acadêmico, salvo o de sua morte, ocorrida no dia 27 de maio do ano de 2005²¹⁴.

OCUPANTE Nº 03 - EULER E. RIBEIRO

Nos arquivos da Academia o único registro sobre o Acadêmico Euler Esteves Ribeiro é o Ato Administrativo Nº 07, de 13 de dezembro de 2008, referente à diplomação de novos acadêmicos, onde menciona sua posse na Cadeira de Nº 38, que tem como patrono Venâncio Igrejas Lopes.

A Inteligência Artificial, no buscador de conteúdo Google, informa que Euler Ribeiro foi Deputado à Câmara Alta do País para os

²¹⁴ Fonte: Diário da Justiça Eletrônico, Ed. 07/02/2011, Fls. 47

mandatos de 1991-1995, 1995-1999 e 2000-2002, com profícua atividade parlamentar; que foi Secretário Regional de Anestesiologia em Manaus, AM, 1970-1972; Professor Universitário, UA, Manaus, AM,

Euler Esteves Ribeiro

Fonte: Google



1971-1989; Médico Especialista, IPASEA, AM, 1972; Presidente, Clínica de Anestesia de Manaus, AM, 1972; Relator de casos clínicos na área pulmonar, Fac. de Medicina, UA, Manaus, AM, 1972-1973; Médico, Secretaria de Saúde do Estado do Amazonas, 1974; Diretor, Dispensário Cardoso Fontes, Manaus, AM, 1974-1980; Diretor-Presidente, Clínica Prontoasma, Manaus, AM, 1975; Coordenador Regional, Programa Nacional de Tuberculose no Estado do Amazonas, 1975-1979; Médico, TCE, Amazonas, 1980; Assessor de Saúde, Governo do Estado do

Amazonas, 1982; Secretário de Saúde do Estado do Amazonas, 1984-1988; Conselheiro, Tribunal de Contas dos Municípios do Estado do Amazonas, 1987; Superintendente, INAMPS, AM, 1987-1988; Presidente, interino, TCE do Amazonas, 1988; Secretário de Projetos Especiais do Estado do Amazonas, 1999-2000; Presidente, IPEAM, 1999-2000. Também exerceu Atividades Sindicais Representativas de Classe Associativas e Conselhos, sendo Presidente do Conselho de Secretários de Estados do Brasil na Região Norte, 1985; Presidente, Conselho Regional de Pneumologia, Região Norte, 198. Ainda segundo essa fonte, Euler Esteves Ribeiro fez Estudos e Cursos Diversos, entre eles Medicina, na UFPA, Belém, 1962-1967; Pós-Graduação em Pneumologia Sanitária, Esc. Nacional de Saúde, Rio de Janeiro, RJ, 1969; Pós-Graduação, MBA, USP. Cursos de atualização e extensão em anestesiologia, cirurgia de urgência, inaloterapia e

ventilação pulmonar, 1966-1974; Estágios em problemas médicos rurais na Zona Bragantina, PA, 1967, em pneumologia, 1969, anestesiologia, 1972, e broncoesofagologia, 1980. Tem como obras publicadas o título “Epidemiologia da tuberculose no Estado do Amazonas”, Manaus, Imprensa Oficial do Estado, 1985. 70.

CADEIRA Nº 39

PATRONO: WALDEMAR PEDROSA²¹⁵

Waldemar Pedrosa nasceu em Manaus, 29 de março de 1888, e faleceu a 14 de junho de 1967. Foram seus pais o médico Jonathas de Freitas Pedrosa, que foi governador e senador, e Ermelinda Maria Pedrosa.

Fez seus estudos primários no Colégio Pedrosa, pertencente a seu genitor; o secundário, no Colégio Carneiro Ribeiro, na Bahia, e Direito, no Rio de Janeiro.

Foi professor de Direito da Faculdade de Direito de Manaus e exerceu importantes cargos públicos como os de Procurador Fiscal do Município de Manaus e do Tesouro Estadual, Deputado Estadual, Secretário Geral do Estado, Presidente do Conselho dos Advogados, Seção do Amazonas, Procurador Regional da República, Senador, quando representou o Brasil no caso das Tutelas de Países, junto à ONU, e Ministro do Superior Tribunal do Trabalho. Foi Interventor Federal do Amazonas entre 14 de junho e 10 de outubro de 1933, e foi maçom ativo, tendo atingido altos graus.

²¹⁵ Biografia compilada do Memorial da Academia Amazonense Maçônica de Letras, Edição 2008, P. 235, sem indicação do autor.

Segundo Agnello Bittencourt “*foi um orador suave, sintético e sempre atraente. Jamais foi cansativo e sempre começava seus discursos com uma alegoria*”. Dentre as suas obras citamos: A Socialização do Direito, A Anterioridade da Lei, a Extinção dos Mandatos Legislativos em Face da Constituição, O Brasil na Comissão de Tutela da ONU, além de numerosos artigos em locais diversos.

Foi membro da Academia Amazonense de Letras, ocupante da cadeira de Raimundo Corrêa.

(Resumo da Biografia elaborada por Agnello Bittencourt)

OCUPANTE Nº 01 - ROBÉRIO DOS SANTOS P. BRAGA²¹⁶

Robério dos S. Pereira Braga
Fonte: Acervo AAML



Fundador da Academia Amazonense Maçônica de Letras, e seu primeiro Presidente, Robério dos Santos Pereira Braga nasceu em Manaus, a 14 de agosto de 1951, sendo filho de Lourenço da Silva Braga e de Sebastiana dos Santos Pereira Braga. Sua Linha do Tempo registra²¹⁷ que no período entre 1958-1960 fez o Curso Primário (1.º a 3.º ano) no Grupo Escolar “Antônio Bittencourt”, Bairro da Glória; entre 1961-

²¹⁶ Compilação do Memorial da Academia Amazonense Maçônica de Letras, Ed. 2008, Fls 236/237.

²¹⁷ Fonte: [Linha do Tempo – Robério Braga \(roberiobraga.com.br\)](http://roberiobraga.com.br)

1962 fez Curso Primário (4.º e 5.º ano) no Grupo Escolar Marechal Hermes, Avenida Sete de Setembro, antiga sede da Câmara Municipal de Manaus; Em 1962 prestou Exame de Admissão ao Instituto de Educação do Amazonas, Praça Antônio Bittencourt, onde fez o Curso Ginásial nos anos de 1963 a 1965; no ano de 1966 fez o Curso de Humanidades, no Centro Educacional Christus do Amazonas, Avenida Joaquim Nabuco; de 1967 a 1969, fez o Curso Pedagógico, Instituto de Educação do Amazonas, Praça Antônio Bittencourt; no ano de 1969 fez Concurso Vestibular para a Faculdade de Direito do Amazonas, da Universidade Federal do Amazonas, onde cursou direito entre os anos dez 1970 a 1974.

Robério Braga foi servidor público estadual entre os anos de 1972-2020, com exercício de diversos cargos de assessoramento e direção superior, inclusive de Secretário do Município de Manaus e Secretário de Estado em diversas áreas, enquanto fazia Curso de Direito Público, de curta duração. Universidade Federal do Amazonas (1976); Curso de Direito Agrário, de curta duração, na Universidade Federal do Amazonas/Instituto Nacional de Reforma Agrária/Secretaria de Estado de Produção Rural (1976), e em 1978 fez o III Curso de Administração Cultural, Política e Gerência, em nível de especialização na OEA – Organização dos Estados Americanos, Ministério da Educação, Universidade de Brasília/Centro Nacional de Referência Cultural; Mestrado em Direito Ambiental. Universidade do Estado do Amazonas, e posteriormente, Mestrado em Tecnologia Educativa, na Universidade Illes Balears, Espanha (créditos concluídos).

Na política, Robério Braga foi fundador do PFL, do qual foi Secretário e Presidente do diretório de Manaus, e foi Vereador à Câmara Municipal de Manaus entre os anos de 1989 e 1996.

Professor de Direito Eleitoral, Direito Ambiental Internacional e Introdução à História da Amazônia da UEA, além de ter lecionado as matérias Estudos de Problemas Brasileiros, Comunicação e Expressão e Organização Social e Política.

É membro efetivo da Academia Amazonense de Letras, desde 1981, da qual foi presidente por dois mandatos, entre 1996 a 1999, presidente e fundador da Academia Amazonense Maçônica de Letras (1980), presidente por vários anos do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, do qual é titular desde 1973, e de diversas outras academias e institutos de outros Estados.

Possui diversas medalhas e condecorações entre as quais destacamos as Medalhas Tamandaré, Cândido Mariano, Plácido de Castro, Ana Nery e Duque de Caxias, e das ordens do Mérito do Estado do Amazonas e do Legislativo Amazonense.

Articulista de diversos jornais e conferencista de numerosas reuniões, principalmente de temas amazônicos e de política cultural, foi prefaciador de numerosos livros de autores locais.

Autor de mais de trinta títulos entre os quais se destacam os seus últimos trabalhos: Coleção História do Amazonas, 1997, em trina fascículos, Dicionário de Turismo (1998) Ruy Barbosa e o Amazonas (2000), Euclides da Cunha e o Amazonas (2003) e Dicionário de Turismo (2003), além de dezenas de artigos pela Imprensa.

É uma das inteligências da nossa terra, sendo dotado de uma oratória brilhante. Maçom do Grande Oriente do Estado do Amazonas, do Rito Brasileiro, tendo sido Grão Mestre Adjunto do Grande Oriente do Estado do Amazonas e pertencente ao Rito Brasileiro. Tem sempre ajudado à causa maçônica em nosso Estado.

(Adaptação da biografia publicada no livro Presidentes da Academia Amazonense de Letras).

CADEIRA Nº 40

PATRONO²¹⁸: JOÃO BARBOSA RODRIGUES

João Barbosa Rodrigues
Fonte: Wikipédia



Na bibliografia de Barbosa Rodrigues²¹⁹ incluem-se seus relatórios como diretor do Jardim Botânico do Amazonas e do Rio de Janeiro, e se destacam estudos sobre orquídeas e palmeiras brasileiras. Além dessas obras é lembrado “O muiraquitã e os ídolos simbólicos” (1889). No campo da etnologia publicou Rio Jauaperi, pacificação dos crichanás (1885). Nos anais da Biblioteca Nacional encontram-se “Poranduba

²¹⁸ O Patrono de Fundação da Cadeira Nº 40, da AAML, foi Virgílio de Barros. Dele, Virgílio de Barros, o que se conhece vem do Instituto Durango Duarte (IDD), uma associação civil sem fins lucrativos, que afirma ter ele sido Tenente-Coronel e Advogado, e membro da Intendência Municipal de Coari, Amazonas. João Barbosa Rodrigues foi estabelecido Patrono da Cadeira Nº 40, pelo Ato Nº 001, de 06/12/2007, amparado na deliberação da Assembleia Geral de 04/12/2007.

²¹⁹ Excertos da Biografia de João Barbosa Rodrigues elaborada por Antonio Tupinambá como condição para sua admissão à Academia Amazonense Maçônica de Letras.

amazonense” (1890), “Vocabulário indígena comparado” (1892) e “Vocabulário indígena” (1893). É autor também de uma das primeiras contribuições acerca do curare: *L’Uiaerery ou curare, extraits et complements des notes d’un naturaliste brésilien* (1903); *O uiraeri ou curare, extratos e complementos das notas de um naturalista brasileiro*, publicado em Bruxelas após comunicado à Academia Nacional de Medicina. O relatório intitulado *Notícia sobre alguns jardins botânicos da Europa* (1904) resultou da única viagem que Barbosa Rodrigues fez ao exterior nesse mesmo ano. Expôs *Diminution des eaux au Brésil* (1905 – A diminuição das águas no Brasil) ao Congresso Científico Latino-Americano no Rio de Janeiro.

João Barbosa Rodrigues foi caracterizado como um cientista polêmico, ambicioso e astuto. Artigo de Magali Romero Sá²²⁰ (2001) diz que Barbosa Rodrigues era autodidata, envolveu-se com temas tão diversificados como a etnografia, a linguística, a arqueologia, o indigenismo, a botânica e a farmácia. Magali pontua a trajetória científica de Barbosa Rodrigues a partir de publicações técnicas e artigos em jornais da época, e de escassa documentação primária depositada principalmente no Museu Nacional do Rio de Janeiro e no Museu Imperial em Petrópolis. A articulista valeu-se também de outras fontes primárias ainda inéditas, como correspondências e diários de viagens de naturalistas contemporâneos. Nesse trabalho Magali pretendeu compreender a especificidade de sua trajetória de amador a cientista e o apoio do barão de Capanema a *um dos maiores botânicos do Brasil*.

À época, Guilherme Schüch de Capanema, o barão de Capanema, lamentava que o Brasil não tivesse cuidado de preparar os elementos para uma exploração científica, e propunha uma nova ordem em relação ao apoio governamental aos estudiosos nacionais enquanto condenava os privilégios concedidos pelo governo a naturalistas estrangeiros que visitavam o país, *grande parte deles em busca de mera promoção pessoal*.

²²⁰ MAGALI ROMERO SÁ. O Botânico e o mecenas: João Barbosa Rodrigues e a Ciência no Brasil na segunda metade do século XIX. – <http://www.scielo.br>

Na década de 1850 fez amizade com Guilherme Schüch de Capanema, que veio se tornar seu mentor para assuntos botânicos e químicos. Por intermédio de Capanema, trabalhou como secretário e professor de desenho no Colégio Pedro II, tendo atuado como tenente da Guarda Nacional. Entretanto, seus dons artísticos de desenhista conjugados com seu entusiasmo pela botânica e amparado pelo mecenato do barão de Capanema, acabaram por encaminhá-lo a atividade de botânico.

“Em 1870 João Barbosa Rodrigues surpreendeu a comunidade científica com a apresentação de uma obra sobre orquídeas brasileira. Essa obra fez com que os profissionais de ciência desconfiassem de sua competência na área e não lhe dessem o devido crédito, ao ponto de o qualificarem como ignorante, mas astuto, invejoso, hipócrita.”

Desprestigiado e desmerecido pelos cientistas brasileiros, Barbosa Rodrigues solicitou permissão ao Imperador para dedicar a ele sua obra sobre orquídeas, afirmando ter sido incentivado pelos botânicos Francisco Freire Alemão e frei Custódio Alves Serrão, fato que veio aumentar a antipatia de Ladislau Netto, o então diretor da seção de botânica do Museu Nacional. Essa antipatia foi fruto das restrições que Netto fazia a Barbosa Rodrigues, inclusive quanto ao seu caráter, por entender que o trabalho sobre orquídeas era

“mais uma tentativa de Barbosa projetar-se mesmo sem condições científicas para realizar tão ambiciosa obra.”

Apesar disso, Barbosa apresentou sua obra à sociedade científica brasileira e ao corpo legislativo do Império, na tentativa de receber deste uma verba de cinquenta contos de réis para publicação da obra. As duas casas legislativas *“não se reconhecendo competentes para julgar o assunto, decidiram nomear uma comissão especializada para fazê-lo”*, cabendo o poder de decisão sobre a matéria, ao final, a Ladislau Netto. Inconformado, por considerar Netto seu inimigo, Barbosa Rodrigues propôs que fosse formada uma nova comissão, no que foi atendido. Ocorre que Ladislau Netto novamente integrava essa comissão. *“Depois de tantas contramarchas e apesar de*

ter tido parecer favorável, a obra de Rodrigues acabou por não obter liberação de fundos pelo Senado. Sentindo-se prejudicado no processo de formação da comissão e julgamento do seu pedido, principalmente por Ladislau Netto, que julgava seu inimigo, Barbosa Rodrigues torna pública a análise do processo, fazendo com que figuras influentes e inimigos de membros da comissão lhe dessem irrestrito apoio”, entre eles o barão de Capanema.

Essa foi a gota d'água que bastou para derramar o copo de uma iminente disputa entre Barbosa Rodrigues com Ladislau Netto, aquele com o mecenato de Capanema. A disputa foi muito bem explorada pela imprensa, com acusações mútuas tornadas públicas em vários jornais e periódicos da época.

Disso resultou que Barbosa Rodrigues, “*sob o patrocínio do barão de Capanema foi comissionado pelo governo brasileiro para explorar o vale do rio Amazonas*” com o objetivo de completar, corrigir e aumentar o gênero *Palmarum* catalogado por Carl Friedrich Von Martius, subsidiado para editar sua obra *Flora Brasiliensis*.

Durante a missão Barbosa foi procurado por cientistas britânicos *que participavam de exploração na região amazônica a serviço da companhia de navegação Amazon Stean Navigation Company*. Na troca de gentilezas, Barbosa mostrou seus desenhos sobre orquídeas e os ingleses lhe mostraram um trabalho sobre palmeiras, o que muito o interessou. *Após alguns dias de convivência harmoniosa, contudo, o sentimento de desconfiança surgiu no brasileiro, que passou a achar suspeito o excessivo interesse do botânico europeu pelas mesmas palmeiras que vinha coletando”, iniciando um processo de competição entre eles*. Ao regressar ao Rio de Janeiro, Barbosa Rodrigues (1875) publicou imediatamente a diagnose das palmeiras que havia coletado durante três anos e meio que passou na região amazônica, tendo enviado prontamente uma cópia do trabalho para o Jardim Botânico de Kew, em Londres. Esse fato pegou de surpresa a missão inglesa, especialmente o botânico que dela fazia parte, ao ponto de atribuir a pressa de Barbosa Rodrigues em publicar a diagnose ao medo de que pudesse ser antecipado por eles, ingleses. O botânico

européu registrou que deu a Barbosa Rodrigues quatro espécies com nomes e diagnoses. *Se ele clama essas espécies como dele, ele mostra que é inescrupuloso e procura anexar seu nome às espécies a qualquer meio.*

Mais uma polêmica da qual Barbosa Rodrigues saiu vencedor. Rejeitado pelos botânicos brasileiros, plagiado por um cientista europeu (James William Helenus Trail, o inglês com quem Barbosa Rodrigues trocara mimos e desconfianças na Amazônia), e outras pendengas com naturalistas alemães, João Barbosa Rodrigues aceitou escrever a parte sobre orquídeas da *Flora Brasiliensis*, não antes de muitas recusas sob as mais diversas alegações.

As disputas que envolveram Barbosa na década de 1870 sobre prioridades científicas culminaram com uma grande polêmica, que atingiu até mesmo membros da Academia de Medicina. Trata-se de uma discussão com João Batista Lacerda, sobre o preparo do curare. Entretanto anos mais tarde ficou comprovado que os dois cientistas tinham razão.

Barbosa Rodrigues é tido como um excelente observador dos costumes indígenas, principalmente em relação ao conhecimento e uso da natureza por eles. Publicou vários trabalhos de etnografia e aprendeu com os índios *pariquis* o uso de uma planta herbácea da família das nictagináceas, empregada no tratamento hepático. Patentou a fórmula com o nome de ‘pariquina’ em homenagem à tribo indígena, (e) o uso de tal medicamento teve ampla aceitação popular.

Tenório Telles, da Academia Amazonense de Letras, ao apresentar o livro de Leyla Leong, intitulado “João Barbosa Rodrigues e o Museu de Botânica do Amazonas”, pontua que Barbosa Rodrigues viveu uma relação de fascínio e envolvimento científico com a Amazônia²²¹. É isso que a autora anota na pequena biografia que faz de Barbosa Rodrigues, com o propósito de ser quase um pedido de desculpa pelo esquecimento a que um dos principais botânicos do Brasil

²²¹ LEONG, Leyla – João Barbosa Rodrigues e o Museu de Botânica do Amazonas – Editora Valer, 2010.

do Século XIX, quiçá de todos os tempos, foi relegado pelos amazenses.

Barbosa Rodrigues tinha estado no Amazonas entre 1871 e 1875 com o objetivo de explorar alguns rios para completar os estudos então existentes sobre palmeiras. Regressando ao Rio de Janeiro, Barbosa Rodrigues entregou pessoalmente seus relatórios ao Imperador D Pedro II, a quem fez um pedido: voltar ao Amazonas pra completar suas pesquisas sobre a região.

O pedido não só foi negado pelo Imperador como também anunciado por ele que o botânico estava dispensado de fazer qualquer serviço para a Corte. Logo depois Barbosa Rodrigues recebeu a notícia de que tinha sido demitido do Colégio Pedro II, onde lecionava desenho, começando aí um período de grandes dificuldades financeiras para sustentar-se e à família.

Sem saber o que fazer, recorreu ao barão de Capanema, seu amigo e amigo de infância de D. Pedro II, daquele recebendo oferta de trabalho como administrador de uma de suas fábricas, o que lhe permitiu levar adiante sua vida e seus estudos científicos registrando palmeiras e orquídeas ao seu redor, até quando foi convidado pela princesa Isabel para *criar e dirigir um museu de botânica em Manaus*, o que de pronto foi aceito.

O projeto de criação do Museu Botânico do Amazonas, apresentado à Assembleia Nacional para votação, foi rejeitado, mas voltou à pauta no dia 24 de outubro de 1882. Aprovado, *em junho de 1833 o Presidente da Província do Amazonas, Dr. José Lustosa da Cunha Paranaguá, incluiu o projeto de Barbosa Rodrigues no relatório anual apresentado à Assembleia Provincial. Depois de discutido, o projeto foi transformado na Lei 629, de 18 de junho daquele ano, pela qual o governo provincial estava autorizado a adquirir um prédio para o Museu, e nomear o seu diretor.* Nas palavras de Leyla Leong, *começava ali uma longa história de lutas e uma sucessão de problemas e frustrações para Barbosa Rodrigues.*

As barreiras da burocracia e do desinteresse do Governo da Província só permitiram que o Museu fosse ocupar sede própria três anos depois de sua criação. Nesse lapso, foram muitos problemas e frustrações vividas por Barbosa Rodrigues e sua numerosa família, entre eles atraso no pagamento de seus salários e as péssimas condições de moradia que o Governo Provincial lhe concedera, tudo amenizado por uma missão que lhe fora imposta fora dos propósitos a que viera ao Amazonas: a pacificação dos índios crichanãs.

Ouçamos Leyla Leong sobre a morte do Museu:

“Com a queda da monarquia e as consequentes mudanças políticas, o Museu de Botânica do Amazonas, que vinha sendo mantido pelo esforço pessoal de Barbosa Rodrigues, entrou em plena decadência.

Depois de sete anos de luta para mantê-lo, o botânico recebeu um chamado do governo provisório da República para que assumisse a direção do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, fundado por D. João VI.

O seu nome havia sido indicado pelo fiel amigo barão de Capanema.

...

Queixando-se da indiferença e má vontade que aparece quando surge em qualquer parte uma ideia nova, e apesar de todas as dificuldades encontrada à frente do Museu, Barbosa Rodrigues conseguiu cumprir todas as metas a que se propôs. Uma delas a publicação de uma revista científica, onde apresentasse ao mundo o resultado de suas pesquisas.

Estava impaciente para fazer esse registro porque, segundo escreve no prólogo do 2º volume, não só os trabalhos executados com tantos sacrifícios não apareciam, como a ciência perdia, vendo retiradas das publicidades as novidades que haviam sido alcançadas.

A reimpressão de 300 páginas foi aprovada pelo Governador Provisório, Capitão Augusto Ximenes Villeroy, o mesmo que decretou a morte do Museu ao fechar definitivamente as suas portas logo após a saída de Barbosa Rodrigues, “ato condenável” na apreciação do historiador Arthur César Ferreira Reis.”

Conclui Leyla Leong dizendo que, *“de portas fechadas, o Museu de Botânica do Amazonas, cuja importância nunca chegou a ser reconhecida pelos amazonenses, caiu no esquecimento”*.

Sobre Barbosa Rodrigues, Agnello Bittencourt apresenta sua biografia no “Dicionário Amazonense de Biografias – Vultos do Passado, editado pela Academia de Letras do Amazonas:

“O Dr. João Barbosa Rodrigues²²², natural do Rio de Janeiro, nasceu a 22 de junho de 1842, falecendo, na mesma cidade, a 6 de março de 1909. Seu pai era português, negociante no interior da antiga Província de Minas Gerais, e sua mãe, brasileira.

(John) Milton havia dito que “assim como a amanhã mostra o dia, a criança prognostica o homem”. Barbosa Rodrigues foi um menino prodígio. Estudante ainda, em uma Escola de Comércio da Côrte, ao terminar o curso brilhantemente, fizeram-no secretário do Estabelecimento. Passando para o Colégio Pedro II, realizou as “humanidades”, com distinção em todas as matérias. Ótimo em desenho, foi nomeado professor dessa disciplina e, mais tarde, Secretário do Colégio. Desejou ser médico apenas galgando o 2º ano da Escola do Rio de Janeiro; mudou de ideia, que se voltara para o Amazonas, sendo um notável conhecedor de Botânica, aprendia nos livros e nos campos, nas quantas vezes esteve trabalhando nas Zonas Rurais do então Município Neutro e da Província do Rio de Janeiro.

²²² Compilação do “Dicionário Amazonense de Biografias – Vultos do Passado – Agnello Bittencourt. P. 127-130 – Edição Academia Amazonense de Letras.

D. Pedro II, sabendo dos propósitos e da capacidade do rapaz, mandou designá-lo para fazer estudos científicos, nos domínios da História Natural, abrangendo especificações geográficas, antropológicas, etnográficas, geológicas e botânicas. Barbosa Rodrigues viaja para o Grande Vale, a 16 de janeiro de 1872, rumo a Manaus, e a expectativa do Governo Imperial é preenchida exuberantemente, nos 18 anos em que o naturalista presenteou o Brasil e a Ciência, com o melhor de sua vida de patriota e de sábio.

Sem demora, começou a perlustrar as terras amazonenses, recolhendo uma grande quantidade de objetos indígenas, raros e curiosos, como ídolos e trabalhos artísticos, de argila, de pedra, de fibras, dentre eles destacando-se os “muiraquitãs”, tidos como talismãs das supostas “amazonas” do rio Nhamundá.

Regressando do Rio de Janeiro, Barbosa Rodrigues, após haver planejado vantagens para sua finalidade, empreende a construção, em Manaus, da sede de um Museu Botânico para a qual já obtivera, do orçamento da Província, a quantia de trinta contos de réis. Do orçamento do Império e por intermédio dos Drs. Passos de Miranda e Adriano Pimentel, Deputados Gerais pelo Amazonas, outros trinta contos de réis, para aquisição de imobiliário, vitrinas, prateleiras, material de exposição etc.

Barbosa Rodrigues não podia ficar inativo, aguardando que fossem concluídas as obras do Museu e sua instalação. Então, oferece-se ao Presidente José Paranaguá, a fim de ir pessoalmente pacificar os terríveis índios jauaperis, localizados não muito longe de Manaus, no rio de igual nome. O Governo aceita a oferta e dá ao catequista destemido mantimentos e “brindes” para os selvagens. Para seu companheiro da missão, convida o explorador e tupinógrafo Conde Ermano Stradelli, italiano sabedor de lidar com os índios do Alto Rio Negro. Ambos, seguidos de uma pequena equipe de

mateiros e remadores, subiram o rio Jauaperi e tiveram contato com a tribo. Os “brindes”, os cigarros, os “agradados” venceram o ódio daquela gente primitiva. Lá estiveram duas vezes. A pacificação abriu uma grande brecha nas relações do índio excuso e da civilização desconfiada, sendo realmente um grande serviço. Barbosa Rodrigues, no seu livro “Pacificação dos Crichanãs” descobriu que o nome da tribo pelo qual ela própria se conhece, era e é crichanã e nunca o nome de jauaperi, que os “brancos” insistem em chamá-la.

O edifício do Museu Botânico do Amazonas só pode ser instalado a 16 de dezembro de 1872, tendo uma vida efêmera, é certo, de 7 anos apenas.

A montagem do certame científico, na sua completa organização e rotulagens de milhares de vidros e outros recipientes, custou ainda mais de dois anos, rematada por um catálogo que foi estampado na “Velosia”, a grande revista de insigne naturalista.

Para desenvolver o Museu, foi o seu diretor autorizado, pelo Governo da Província, a contratar e mandar buscar na França um químico especialista em reações e sublimações de essências vegetais. Veio o profissional, sendo que, em breve tempo, surgiu, entre eles, uma forte desinteligência, de que o Presidente da Província fora informado, tomando este a opinião do químico. Isto, no apagar das luzes do regime monárquico.

Ao alvorecer de 15 de novembro de 1889, é nomeado, pelo Governo Provisório da República, para Governador do Amazonas, o Capitão Augusto Ximenes de Villeroy. Um dos seus primeiros atos foi a demissão do Dr. Barbosa Rodrigues, do cargo de diretor do Museu Botânico, e outro, da extinção deste.

Logo que chegou ao Rio de Janeiro, a notícia da exoneração, é o autor do “Sertum Palmerum” nomeado diretor do

Jardim Botânico. Maior reparação e prêmio não podiam ser outorgados ao homem, ao erudito, que tinha consumido quase duas décadas em prol da cultura e renome do seu país, principalmente do Amazonas, em cujo revestimento florístico, palmilhando a mesma estrada dos naturalistas que o precederam, ainda encontrou muitas espécies desconhecidas. A sua obra, no domínio da Botânica é admirável e estu-penda! Como Geógrafo publicou: “Exploração e Estudo do Vale do Amazonas. Rio Capim”. Relatório – Rio de Janeiro, 1875; “Rio Tapajós”, Relatório – 1875; idem do Rio Trombetas, Relatório – 1875; “Exploração do Rio Jamundá”, Relatório – 1875; idem dos rios Urubu e Jatapu, Relatório – 1875. Nos domínios da Arqueologia, da Etnografia e da Zoologia, entre outros trabalhos, os seguintes, sobre o Amazonas: “Ídolo Amazônico Achado no Rio Amazonas” - Rio de Janeiro – 1875; “Antiguidades do Amazonas”, em Ensaios de Ciências – Rio de Janeiro – 1876-1878; “O Muiraquitã”, precioso coevo do homem antecolombiano – Rio de Janeiro – 1882; “O Canto e a Dança Silvícola”, na Revista Brasileira, tomo 9 – Rio de Janeiro – 1881, págs. 32/60; “Lendas, Crenças e Superstições”, Revista Brasileira, tomo 10 – 1881, págs. 24/27; “Catálogo dos Objetos Expostos na Exposição Antropológica do Rio de Janeiro” – 1882; “A Língua Geral do Amazonas e o Guarani” – na Revista do Inst. Hist. e Geográfico – Rio de Janeiro – volume LI, supl. 1888, págs. 73/109; “O Rio Jauaperi. Pacificação dos Crichanãs” – Rio – 1885; “O Muiraquitã”, estudo da origem asiática da civilização do Amazonas – Manaus – 1889; “O Muiraquitã e os Ídolos Simbólicos” – Rio – 2 volumes – 1889; “Poranduba Amazonense”, nos Anais da Biblioteca Nacional, volume XIV – 1890 – fasc. 2 págs. 1/334; “Les Reptiles fossiles de la Vallée da l’ Amazone” – in “Velosia”, vol. II – 1890, 2ª edição – págs. 41/60; “Vocabulário Indígena com Ortografia Correta – 1894 - págs. 1/64; “L’Urari ou Curari” – Bru-xelas – 1903; “Diminuição das Águas no Brasil” - Relatório

Geral da III Reunião do Congresso Científico Latino-Americano – Rio de Janeiro – 1909, tomo III, livro 2, págs. 153/315 (Veja-se Nunes Pereira, “Um Naturalista Brasileiro na Amazônia”, página 79 – Manaus – 1942).

“Sertum Palmarum Brasiliensium” foi sua obra excelsa, em dois grandes volumes, como não há igual no Brasil, cheia de finíssimas gravuras coloridas, mandada imprimir na Bélgica, pelo nosso governo. Foi a obra-prima do século. Abrihantamos e honramos o nosso Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, com um exemplar, contendo 174 estampas. O sábio viajou para a Europa, em 2 de julho de 1902, a fim de assistir a impressão do seu livro.

A escritora brasileira, D. Dilke de Barbosa Rodrigues Salgado, neta do ínclito naturalista, assim termina o capítulo de seu livro, no qual se refere àquela obra: “O estudo das palmeiras honra o seu amor de sábio à planta-nobre, e o “Sertum Palmarum”, no pergaminho dos séculos, o seu diploma de naturalista, do maior naturalista brasileiro (Barbosa Rodrigues, uma glória do Brasil”, pág. 240 – Editora do Norte – Rio de Janeiro – 1945).

O Dr. Barbosa Rodrigues, embora em constantes viagens pela hinterlândia amazonense, relacionou-se espiritualmente com o povo de Manaus, máxime com as suas mais altas autoridades e gente do comércio. Não podia, desse modo, alhear-se aos seus grandes acontecimentos sociais e políticos.

Decorria do ano de 1884, término de um período em que ia ter lugar a extinção da escravatura da Província do Amazonas. Quase não se tratava de outra reivindicação democrática. Organiza-se a Comissão Libertadora de que fazia parte o Dr. Barbosa Rodrigues. Aproximava-se o dia 10 de julho daquele ano (1884). Faz-se o programa das solenidades, no qual constava um desfile de carros alegóricos representando as Províncias do Império. Segundo sugestão de

Barbosa Rodrigues, o veículo do Amazonas, dando início ao cortejo, conduziria uma grande tartaruga, sobre a qual, de pé, munida de arco e flecha, figuraria uma índia. Debate-se o assunto, dando em resultado a substituição do símbolo. Barbosa Rodrigues consternado, retira-se da Comissão de Festejos, após ter prestado grandes serviços à causa da libertação.

Ao dia seguinte – 10 de julho – o Presidente da Província do Amazonas, Dr. Carlos Theodureto de Faria Souto entregava, em ato solene, as últimas cartas de alforria aos libertos da terra engrandecida com a colaboração de Barbosa Rodrigues.

O nosso ilustre compatriota foi casado por três vezes, de cujos enlaces resultou uma prole de uma dezena de herdeiros, sendo apenas um do sexo masculino: O Dr. João Barbosa Rodrigues Júnior, médico, gentleman que honra a frondosa árvore genealógica dos seus maiores.

Eis aí quem foi, em tacs muito ligeiros, Barbosa Rodrigues, uma glória do Brasil.

(Outras fontes de informação: Sacramento Black, “Dic. Bibliográfico Brasileiro).”

OCUPANTE Nº 01²²³ - A. TUPINAMBÁ DE M. NOGUEIRA

Antonio Tupinambá de Melo Nogueira foi empossado Acadêmico da Academia Amazonense Maçônica de Letras no dia 13 de dezembro de 2008. Sua autobiografia diz:

QUEM SOU

Antonio Tupinambá M Nogueira

Fonte: Acervo da AAML



A minha história de vida profana começou no dia três de outubro do ano de mil novecentos e quarenta e cinco, quando vi a luz pela primeira vez, trazido das entranhas de minha mãe pelas mãos da parteira Honorina. Tudo bem, se esse fato tivesse acontecido na maternidade de uma cidade qualquer deste mundo de meu Deus. Mas, não! Foi lá no beiradão desse rio Amazonas, cobiça das nações estrangeiras! Ou melhor, foi no meio desse rio, na Ilha Grande do Soriano, uma terra de aluvião depositada por séculos pe-

las “terras caídas” desse que é o maior rio do mundo, quase em frente à desembocadura do Rio Madeira, no município de Itacoatiara.

²²³ Rubens Vergílio de Paula está registrado como Acadêmico na Ata Nº 02, da Reunião do dia 17/05/2005, ocupante da Cadeira que tinha como patrono Vergílio de Barros, a Cadeira de Nº 40. Não existe registro de sua presença em reuniões anteriores. Rubens Virgílio de Paula teve sua última presença registrada na Ata Nº 03, da reunião de 14/06/2002. O patronato da Cadeira Nº 40 passou a ser de João Barbosa Rodrigues a Partir de 05/12/2007, sendo Antonio Tupinambá de Melo Nogueira o primeiro ocupante neste novo patronato.

Naquele lugar, meus ancestrais portugueses cultivavam uma “fazenda de cacau”, nos áureos tempos da presença dos jesuítas por aquela região. Há pouco mais de cinquenta anos, meu mundo estava circunscrito àquela ilha no meio do rio, e tinha como limite a costa do Itapará pela margem direita, e a costa da Conceição pela margem esquerda.

Sobre o meu pai, Dunga Nogueira, minha mais remota lembrança remete-me a duas crianças de idade muito tenra, minha prima Marion e eu, no colo dele, todos numa rede armada no canto da sala da casa que fora do meu avô materno, na Ilha Grande do Soriano, interior do Estado. Ele cantando para nós dois dormir enquanto mamãe, minha avó e outras mulheres, que imagino hoje terem sido minhas tias, preparavam o jantar. Outra lembrança está relacionada com minhas primeiras tentativas de pescar. No período de cheia do rio, pelas gretas do soalho daquele casarão de madeira eu via peixinhos passarem nas águas e tentava pescá-los com anzol e linha que ele preparava para mim. Essas duas lembranças traduzem a imagem de um homem cheio de amor e carinho pelas crianças, muito especialmente pelos seus filhos. É claro que alguém pode dizer que isso é muito natural nas pessoas. E realmente é. Só que tem um ingrediente fundamental: ainda não estávamos na metade do século passado, e ele era apenas um rústico homem do beiradão, analfabeto, sem qualquer influência que o rádio e a televisão (inexistentes na época) impõem ao interiorano de hoje.

Razão disso, seus sentimentos não eram manifestos, mas traduzidos em ações, desde as mais simples às mais grandiosas. Por exemplo, nunca o ouvi dizer “te amo” para ninguém, nem para mim nem para qualquer dos filhos, mesmo para a mulher amada, minha mãe. Entretanto, para esconder meu estrabismo hereditário, numa das raras oportunidades em que foi à cidade tratou de comprar óculos escuros e fazia questão que eu o usasse aos domingos, quando ele nos levava, a mim e ao meu irmão, ao jogo de futebol que sempre acontecia na outra margem do rio.

Muito antes, quando dos seus oito anos, ele e o pai dele, meu avô Bertholdo, retornavam de uma pescaria no Lago do Castanha, na Costa da Conceição, onde moravam, quando uma rajada de vento derrubou uma árvore que caiu sobre este último, deixando-o desmaiado, ao sabor da ainda hoje forte correnteza do igarapé Cainamãzinho, naquela época um lugar absolutamente desabitado. A luta daquele garoto para retirar o pai da água e colocá-lo no porão da canoa foi algo inexplicável em face de pouca idade e pouca força física que detinha. Mais ainda inexplicável foi conseguir remar contra a correnteza desde onde aconteceu o acidente, lá pelas duas horas da tarde, e vir chegar à sua casa lá para oito horas da noite, com o porão da canoa cheio de sangue e o pai desacordado. Ele nunca explicou como conseguiu aquele feito; as poucas coisas de que lembro foram contadas pela minha mãe, minha avó Maroca e minha tia Celina, já que meus tios também não comentavam esse assunto, inclusive porque, ou ainda não haviam nascido ou eram muito pequenos.

O caráter desse homem foi forjado na dureza da vida interiorana do primeiro quartel do século passado. Aos treze anos começou lutar pela sobrevivência dele, do pai (ainda com graves sequelas do acidente acima mencionado), da mãe e irmãos menores. Como era muito novo para enfrentar as aventuras do ciclo da borracha, muito bem reportadas por Álvaro Maia, restou-lhe a extração da balata, da sorva, da castanha, e outros produtos abundantes no rio Urubu. E foi pra lá que ele se dirigiu, sob o financiamento de Pedro Rubim (ou Rubinho), deixando todos seus familiares com a garantia de viveres até sua volta em data indefinida. Cada “fábrico” (período de coleta dos produtos) não demandava menos de seis meses, o tempo que ele passava longe da família, muitas vezes sozinho naquela imensidão de floresta, tendo que explorá-la para localizar cada árvore produtora do látex que buscava. Naquele período, entre os treze e os vinte e cinco anos de idade, foram muitas noites insones sob o fogo e o frio de malárias infundas; foram muitas dificuldades vencidas com igarapés transbordantes em rios quando de uma chuva mais forte, a levar-lhe o “rancho” do tapiri improvisado em casa; foram longos dias de absoluta solidão e incertezas em razão da perda da sua canoa num

dos temporais que de ordinário caíam sobre aquela região, e aquela canoa era o único meio de transporte a garantir-lhe o retorno para o lar; foram muitos, muitos sofrimentos.

Foi pensando nisso, talvez, que ele nunca mediu esforços para que seus filhos estudassem; para que “fossem alguém na vida”; para que ele tivesse o prazer de exibir “um filho educado”. Esse era o Dunga Nogueira, meu pai, minha referência na vida.

Minha mãe, Esther de Melo Nogueira, conhecida como Dona Lita (1914-1996) e meu pai Antonio Nazaré Nogueira, conhecido como Dunga Nogueira (1918-2017), juntos tiveram oito filhos, sendo eu o mais velho. Meu pai, quando se casou com minha mãe, já tinha uma filha.

As primeiras letras, as conheci através da minha mãe, que as conheceu através do meu avô, português nato que, pelos idos do começo do Século XX, se apaixonou por uma índia que já arrastava pelas mãos um curumim de cerca de dez anos de idade quando se conheceram, possivelmente à sombra dos cacauais.

Minha mãe, senhora de finos traços que as intempéries da vida transformaram numa rústica e honrada interiorana, mais da lavoura do que das coisas do lar, hoje é residente na mansão etérea do Grande Arquiteto do Universo. Mulher de quase nenhum saber das letras e dos livros, era Mestra na arte de fabricar a argamassa da personalidade impoluta dos seus filhos, mesmo algumas vezes utilizando os instrumentos da psicologia interiorana à sua mão: o falatório causticante no meu entender de menino, a palmatória, o galho de cuieira, o cipó fino, a corda de rede, ou qualquer outro que lhe estivesse próximo e pudesse ser vibrado ou atirado contra nossos corpos, de formas a nos conduzir para o caminho do homem de “vergonha na cara”.

No beiradão desse Amazonas então insondável, onde o progresso passava ao largo, seu dia, que começava quando os galos amudavam o canto na amplidão da madrugada, era ativo e produtivo, indo desde o preparar do cafezinho para “acordar o estômago”

enquanto sua voz de soprano expulsava-nos (a mim e meus irmãos) da rede para o labor diário, passando pelo quebra-jejum, pelo aguar de suas plantas, pelo dar de comer às suas aves; nossa mestra das primeiras letras conseguia somar o bê-a-bá do ABC com o destro manipular da enxada, do terçado, do machado, tanto no preparo da terra quanto na colheita da sua plantação de milho, feijão, melancia, macaxeira, tudo para que no período da entressafra não faltasse alimentos para os seus filhos, a única forma que conhecia de manifestar seu grande amor maternal. Mas, ai daquele atrevido que lhe faltasse com o respeito; que ousasse entremeter-se em suas conversas com os mais velhos; levantar a voz para lhe responder “de atravessado”; de mentir... Falar palavrão, então, que Deus se apiedasse do infeliz.

Essa era a MÃE ARTESÃ, forjadora dos princípios éticos que norteiam minha vida até os dias de hoje. Por trás dela, estava a MÃE AMOR, frágil nos momentos de aflição decorrentes de moléstias que se nos acometiam, de perigos que são próprios da vida interiorana, sejam de acidentes com animais peçonhentos, com instrumentos de trabalho, com a fúria dos ventos e temporais a fazer banzeiros trágicos para as nossas pequenas montarias. Nessas ocasiões só lhe restava rezar, clamar a Deus para proteger e trazer seus filhos sãos e salvos para o seu convívio. É a essa MÃE ARTESÃ que agradeço pelo que hoje sou; é do colo dessa MÃE AMOR que sinto saudades, a entalar-me com a emoção, a fazerem rolar lágrimas pelo meu rosto enquanto escrevo estas lembranças.

Menino pobre, com treze anos de idade, saído do interior com o objetivo de crescer na vida, angariar recursos para proteger meus pais e irmãos no futuro, fui acolhido por uma professora que me encaminhava por uma jornada escolar regular, até então desconhecida, e que me levou ao “Paredão”, a Escola de Iniciação Agrícola do Amazonas, que existiu até a sexta década do século passado, na condição de estudante interno da primeira parte do curso ginasial, nos anos de 1960-1962, e à Escola Agrícola Manoel Barata, em Belém do Pará, para conclusão do curso ginasial. O nome popularizado “Paredão” era, possivelmente, decorrente de um grande deslizamento de terras há muitas décadas, deixando como rastro uma grande parede

de terra, muito íngreme, que na época em que lá estive, os curumins internos daquela instituição utilizavam no trajeto de brincadeiras que consistiam em subidas e descidas pelo barranco (na localidade, hoje, se encontra instalada a sede da Marinha do Brasil na Amazônia Ocidental). Para mim, provindo do beiradão desse rio Amazonas de muitas histórias, àquelas brincadeiras se traduziam em momentos de grande alegria. Eram como uma colônia de férias, quando comparados com o labor diário do menino do interior que, em vez de brinquedos tinha nas mãos um terçado (facão), uma enxada, um machado e outros instrumentos que utilizava para ajudar o pai nos trabalhos da agricultura de subsistência, lá naquelas paragens inóspitas que eram; ao invés de guloseimas em faturas nos supermercados, tinha à sua disposição caniços, espínheis e outros instrumentos de pesca.

Nos anos de 1967 a 1969, fiz o curso Técnico em Contabilidade, em Manaus, na Escola Comercial Solon de Lucena, impedido que fui de continuar os estudos na área de agronomia, pela falta de recursos para enfrentar as despesas necessárias. Concluí o curso de bacharelado em Contabilidade no ano de 1980, e pós-graduação em Contabilidade Gerencial em 1982, na Universidade do Amazonas.

Em 1973 casei com Raimunda Furtado Nogueira, e do enlace tivemos um casal de filhos, que me presentearam com duas netas e um neto. Me considero um avô “Coruja”. Conseguí aproveitar a melhor fase de meus netos, a primeira infância (seis primeiros anos de vida). Nesse ínterim, me joguei no mundo deles, brinquei como nunca havia brincado na vida enquanto criança e adolescente.

MINHA VIDA FUNCIONAL

Iniciei minhas atividades laborais no ano de 1966, como auxiliar de escritório de uma empresa pertencente a um grupo familiar, liderada pela Indústria e Comercio Abdul Razac S/A., à época uma potência econômica, integrada, entre outras, pela Sociedade de Televisão Ajuricaba Ltda., que detinha a concessão da Rede Globo de Televisão. Nesse grupo permaneci como auxiliar de escritório, e depois como Contador, até meu ingresso no serviço público. Enquanto funcionário público, admitido na Secretaria Estadual de Controle

Interno mediante concurso, exerci o cargo de Técnico de Controle Interno. Disponibilizado para o então Conselho de Contas dos Municípios do estado do Amazonas, lá exerci o cargo de Técnico de Controle Externo, e, por fim, Auditor do Tribunal de Contas dos Municípios do Amazonas, até o dia 24 de fevereiro de 1994, quando fui aposentado. Posteriormente à aposentadoria, estive a serviço da Prefeitura Municipal de Manaus, da Prefeitura Municipal de Itacoatiara (como Secretário Municipal de Finanças na gestão de 2009 a 2012, e Secretário Municipal de Governo, período de janeiro de 2017 a maio de 2018). Em paralelo, atuei em vários Municípios como Consultor e Assessor Técnico Especializado nas áreas de Contabilidade Pública e Orçamento, com ênfase para elaboração e controle dos orçamentos públicos – PPA, LDO e LOA.

MINHA VIDA MAÇÔNICA

Fui iniciado Aprendiz de Maçom no dia 4 de outubro de 1975, e exaltado a Metre Maçom no dia 2 de maio de 1977, tudo na então Maçonaria Glória do Ocidente, uma Ordem Maçônica tida no mundo maçônico como “espúria” pelas Ordens Maçônicas autodenominadas “regulares”. Nela, Maçonaria Glória do Ocidente, exerci todos os cargos litúrgico e administrativos, com exceção do cargo de Grão-Mestre. Em 19 de abril de 1990 fui “regularizado” e filiado à Loja Glória Sobre as Trevas, já obediente ao Grande Oriente do Brasil (a Loja Glória Sobre as Trevas foi uma das sete Lojas com que se constituiu a acima mencionada Maçonaria Glória do Ocidente).

No Grande Oriente do Brasil, fui designado Secretário e eleito Mestre da Loja por dois mandatos; eleito Deputado à Assembleia Legislativa e à Assembleia Federal Legislativa. No âmbito Grande Oriente do Brasil – Amazonas, exerci os cargos de Secretário de Finanças, Secretário de Relações Exteriores, e, por fim, nomeado para compor o Conselho Estadual da Ordem.

Mesmo sem ser poeta, contista, romancista, ou possuidor de quaisquer outras vocações relacionados com as letras e as artes, convidado a ingressar na Academia Amazonense Maçônica de Letras fui empossado no dia 13 de dezembro de 2008, e, talvez em razão das

minhas atividades laborais, fui eleito Tesoureiro por vários mandatos das Diretorias da entidade.
